

A dona do *Café Mühle*

HELENA MARTEN

ROMANCE
HISTÓRICO





DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



A Dona do Café Mühle

Helena Marten

Romance

Sobre este livro

O café e os segredos do seu preparo são o delicioso fio condutor pelo qual a autora Helena Marten reproduz a atmosfera de Frankfurt na primeira metade do século 18, época em que as cafeterias começam a se espalhar pela Europa. Esses estabelecimentos ainda se confundiam com tavernas e, não raro, com antros de prostituição e jogos de azar. É esse tipo de preconceito que Joanna, a protagonista, enfrenta ao herdar o Café Mühle após a morte do marido. Além disso, precisa mostrar força e coragem para lutar contra rivais inescrupulosos que querem arruinar o seu negócio.

Para construir a trama, a autora Helena Marten lança mão de personagens multifacetados e mergulha nos becos do bairro judeu de Frankfurt para retratar as difíceis condições de vida daquela comunidade. E leva a protagonista a uma viagem incrível pelo mundo do café, que inclui uma passagem por Veneza e o famoso Caffè Florian e até por Constantinopla, a capital do Império Otomano, onde Joanna aprende os segredos da ‘mestre cafeeira’ do sultão.

Em suas andanças, Joanna nunca perde de vista a lembrança de seu Café Mühle e o amor proibido que sente por Gabriel, um violinista judeu. Uma história sem precedentes, repleta de sedução, desejo e superação.

Título original em alemão: DIE KAFFEEMEISTERIN by Helena Marten
Copyright © 2011 by Diana Verlag, München a division of Verlagsgruppe
Random House GmbH, München, Germany

TODOS OS DIREITOS NO BRASIL
RESERVADOS PARA

Editora Europa

Rua MMDC, 121

São Paulo, SP

<http://www.europamet.com.br>

ISBN 978-85-7960-173-6

Editor e Publisher Aydano Roriz

Diretor Executivo Luiz Siqueira

Diretor Editorial Mário Fittipaldi

Tradução do original em alemão Marc Bröcker

Revisão Patrícia Zagni

Capa Jeff Silva

Imagens da capa *Marquise de Pompadour à sa Toilet* (François Boucher) e iStockphoto

Edição de Arte Jeff Silva

Sumário

[Prólogo](#)

[Primeira Parte](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Segunda Parte](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Terceira Parte](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Ficção e verdade](#)

Prólogo



Frankfurt, 1729

Joanna logo voltou a fechar as janelas para que não entrasse ainda mais frio no quarto. Lá fora, tudo estava branco. A luz da lua, que pairava baixa sobre a cidade, era refletida pela grossa manta de neve, de modo que, apesar de bem cedo, a Praça do Mercado¹ à sua frente já estava surpreendentemente iluminada. Através dos cristais de gelo no vidro, ela reconheceu seu vizinho, o cartógrafo Ludwig Haldersleben, munido de uma grande pá e removendo a neve da calçada à frente da sua loja. No lugar da habitual peruca antiquada, vestia na cabeça uma boina de granadeiro amassada.

Joanna sentiu arrepios de frio. Era exatamente esse o trabalho que a esperava. Scott, seu sobrinho de catorze anos, ainda dormia. Havia concedido o dia livre às suas duas empregadas, Anne e Sybilla, já que ambas ultimamente haviam trabalhado mais do que nunca desde que lhe ficara impossível empregar uma terceira. Adam não a ajudaria. Ele havia passado a noite toda tossindo, acordando-a várias vezes com sua respiração ofegante, inclusive a fazendo levantar-se uma vez para preparar-lhe uma infusão de folhas secas de sálvia e flores de camomila, que normalmente aliviava os acessos — mesmo que Adam não quisesse admiti-lo.

— Não aguento mais essa porcaria, Jô. Em vez disso, faça-me um café! — disse ele, com olhar desdenhoso para a xícara de chá.

Contudo, ela não lhe deu ouvidos, refazendo-lhe também a botija quente, com brasas frescas do forno, e recolocando-a na cama, envolta em um pano.

Agora ele dormia. A vela na lanterna se apagara, mas ela podia ver seu marido nitidamente à luz da lua. Ele estava deitado de costas, com a boca entreaberta. Pérolas de suor brilhavam sobre sua testa pálida e os cabelos já ralos nas têmporas estavam molhados. Com suas faces macilentas e o nariz pontudo, seu aspecto não era bom. Mesmo seus ombros, que apontavam por baixo da coberta de penas, pareciam menos largos e vigorosos do que antes, quando haviam se casado.

Quanto tempo fazia? Pelas suas contas, já seriam oito anos no Natal. Como o tempo tinha passado... Tinha vívido na lembrança o seu primeiro encontro com Adam Berger, o orgulhoso proprietário do Café Mühle², na Praça do Mercado de Frankfurt, já na segunda geração. Com suas duas filhas — Margareth devia ter dois ou três anos na época, mas Lili ainda era um bebê, com menos de doze meses — aparecera de repente na sala de estar da casa dos seus pais, em Bornheim³. Seu pai acabara de voltar da colheita de maçãs e sua mãe havia preparado um enorme caldeirão de sopa de batatas para a família inteira.

— Onde comem seis pessoas, mata-se a fome de mais duas — disse alegremente. — A pequena ainda não come de verdade, come?

Seu pai apresentara o estranho como parente distante, cuja querida esposa, Luise, falecera no último verão, em decorrência da sepse materna. Adam, o gigante loiro, parecia meio desajeitado, em pé ali com a pequena Lili chorando no seu colo. Margareth escondeu-se atrás das suas pernas, enquanto os três irmãos de Joanna olhavam os visitantes com assombro. Finalmente, ela tirou-lhe a criança que esperneava agitada e andou com ela pela sala, embalando-a e ninando-a até que a pequena adormeceu tranquila em seus braços. Assim fez sempre com seus irmãos menores, os gêmeos Leopold e Kaspar, para

ajudar sua mãe. Naquela noite, Adam Berger passou o jantar inteiro admirando-a e, alguns dias depois, pediu sua mão ao seu pai.

Os sinos da catedral começaram seu concerto matinal de domingo. Eram quase seis horas. Tremendo de frio, Joanna ajustou seu xale de lã sobre a camisola de linho. Ela faltaria novamente à missa na Nikolaikirche⁴, por causa dessa maldita neve que seria obrigada a limpar da calçada. E ainda era novembro — muito cedo para uma invasão tão rigorosa do inverno! Mais tardar às sete e meia teria de abrir a loja para os muitos frequentadores da igreja que estariam na frente da porta, ávidos por uma xícara de café. De modo algum poderia deixar os clientes esperando na neve profunda e muito menos arriscar-se a que alguém escorregasse e quebrasse os ossos justamente na frente do Café Mühle. Não, por essa vergonha não passaria! Teria de fazer da necessidade virtude e, como Ludwig Haldersleben, pegar a pá e livrar-se da neve de uma vez. Mas, antes, daria uma olhada nas crianças.

E faria umas compressas nas panturrilhas do marido. Ou prepararia uma segunda infusão de ervas. Ah, se soubesse como o livrar das dores! E ele sentia dores, não havia dúvida, e não somente no peito. Isso era novo; essa tosse ruidosa e ofegante começara agora, no outono, com os dias de frio úmido. As cólicas na barriga ele tinha havia mais tempo. Não admirava que houvesse emagrecido tanto. Desde a primavera já lhe faltava apetite.

— Jô? Eu...

O restante da frase foi engolido por um acesso de tosse. Enquanto Adam Berger mantinha a mão pressionada contra o peito, para, em uma tentativa desesperada, calar os latidos roucos, fazia-lhe sinal com a outra mão, chamando-a para perto da cama.

— Joanna, minha querida Jô, como eu adoraria ter tido um filho com você. Sabe disso? — cochichou ele. Seus olhos brilhavam, febris. — Mas agora creio ser tarde demais...

— Como assim *tarde demais*? — indignou-se Joanna.

Ela mesma percebeu que não havia convicção na sua réplica.

— Jô, você sabe que vou morrer, não sabe?

Sua garganta, de repente, secou. Ela sentou-se ao seu lado, no canto da cama. Sim, ela sabia, por Deus, mas não seria agora! Era cedo demais. Adam tinha quarenta anos, não era hora de morrer! Ela obrigou-se a confirmar com um movimento da cabeça.

— Não vai demorar, entende? Posso sentir a morte aproximar-se. À noite, quando não consigo dormir, escuto seus passos. Esta noite, ouvi-a bem perto, como se viesse atravessando a praça em direção à nossa casa.

— Não pode ser, Adam! — Joanna pigarreou. — Esta noite nevou. Olhe pela janela! Está tudo branco, a neve tem pelo menos uma vara de altura e abafaria qualquer ruído.

— Jô, foi isso que sempre amei mais em você: sua confiança. Você sempre acredita que, no final, tudo vai ficar bem!

Ele riu baixinho, provocando um chiado excessivo no peito. Ao recuperar o fôlego, seguiu:

— Dessa fé você não pode abrir mão, está ouvindo? Você precisa ser forte e corajosa, pois logo terá de tocar o café sozinha, e será bem logo. O Café Mühle é seu futuro e o das crianças. Não poderei deixar-lhes dinheiro como herança, pois tudo o que tive investi no negócio. Você deve tornar o Café Mühle a casa mais cobiçada da praça, entendeu? É a sua única chance!

Mais uma vez, um acesso de tosse sacudiu seu corpo débil. Ele havia levantado para respirar melhor, mas já estava nos estertores. Joanna bateu nas suas costas com força. O lenço com o qual Adam cobria a boca tingiu-se rapidamente de vermelho.

— Desde quando você está cuspiendo sangue? — perguntou ela, assustada.

— Já faz algum tempo. Eu não disse nada para não a preocupar — arfou ele. — Não é tão grave quanto

parece, vai passar...

Joanna sentiu as lágrimas jorrando de seus olhos.

O que Adam havia dito? Ela sempre acreditava em um final feliz... Desta vez, não estava tão segura. “Oh, Adam, você não pode me deixar!”, suplicou, calada. “Como vou viver sem você? As crianças, o Café Mühle — tudo isso é demais para mim...”

Como se ele houvesse lido seus pensamentos, sorriu e apertou a sua mão. Seu olhar era suave e carinhoso.

— Você consegue, minha menina! — pareceu dizer-lhe — Mesmo que eu logo esteja morto, a vida para você continua. E tudo ficará bem, acredite!

Joanna afastou o véu de lágrimas dos olhos com uma piscada. Ela fungava, baixinho.

Adam apertou novamente a sua mão.

— Jô, minha querida, amada Jô... — disse.

Então, sua voz tornou-se sóbria e negocial.

— Prometa-me que vai prestar muita atenção agora, sim? Não nos resta muito tempo, em pouco mais de uma hora, os clientes estarão diante da porta. Nem mesmo aos domingos estamos livres deles. E você ainda precisa...

— Eu sei — interrompeu ela, quase zangada —, eu ainda preciso tirar a neve da entrada!

Quando Adam finalmente terminou seu discurso, a lua se escondeu atrás de uma nuvem. De súbito, o quarto tornara-se tão escuro que mal podia reconhecer seu rosto. Ela via apenas o contorno de seu corpo inclinado para frente, que se contorcia em fortes espasmos. O esforço que o falar excessivo lhe causara fazia-o tossir tanto que ela temeu que ele se asfixiasse. Finalmente, ele afundou, exausto, nos travesseiros.

— Não se preocupe, Jô! — sussurrou ele, enquanto ela vestia suas roupas frias na escuridão. — Você é forte, mesmo que não tenha percebido até agora. Eu nunca vi ninguém que tivesse a sua força. Já no nosso primeiro encontro, eu soube. Essa Jô, na verdade, nem precisa de um homem, pensei.

Sua voz começou a falhar, quando, depois de uma breve interrupção, voltou a falar.

— Era eu quem precisava de você, Jô! E as meninas também. Ainda precisam, sobretudo quando eu não estiver mais aqui. Cuide bem delas, entendeu, Jô? Você é tudo o que elas têm. Você e o Café.

Joanna fechou o último botão do vestido e aproximou-se da cama. Ajoelhou-se ao lado de Adam e as lágrimas agora escorriam livremente pelo seu rosto. Com as duas mãos, agarrou a mão direita dele, sentindo-a fria e estreita sob seus dedos.

— Você tem mãos tão quentes e agradáveis — murmurou ele, exausto. — Sempre teve. E até mesmo os seus pés são quentes, não importa quanto frio faça lá fora.

— Tenho que ir, amado — soluçou ela, levantando-se.

— Sim, vá — respondeu Adam. — Os negócios chamam.

Ela inclinou-se sobre ele para beijar sua testa úmida, mais sentindo seu sorriso do que o vendo na escuridão.

— Ah, Jô! — chamou Adam, quando ela já saía pela porta — Há mais uma coisa que queria lhe dizer: se algum dia não souber mais como continuar, contate meu amigo Floriano Francesconi, de Veneza. Ele é dono da melhor cafeteria da cidade. O velho malandro ainda me deve um favor. Além disso, ele ajudaria uma mulher bonita como você de qualquer forma, por princípio!

Adam pareceu quase alegre, divertido, de fato. Mas Joanna não tinha mais tempo para perguntar-lhe sobre esse estranho amigo. Tinha que descer com urgência para o café.

— Sim, sim, meu querido! — ela acenou-lhe mais uma vez. — Mas agora me prometa que vai dormir. Mais tarde certamente vai se sentir melhor!

Perguntava-se se Adam acreditou em seu desfastio fingido, enquanto tenteava lenta e cuidadosamente a escadaria escura até o térreo. Decidiu que voltaria mais tarde para vê-lo. Mais tarde? De repente, seu coração pareceu parar. Adam estaria vivo da próxima vez que entrasse na alcova? Ou estaria apenas o cadáver frio esperando-a? Sentiu uma brusca repulsão de si mesma. Que pensamentos horríveis cultivava? Seu marido morto? Mas de que adiantava enganar-se? Tinha de encarar os fatos: podia mesmo ser que Adam morresse em breve. Ela teria de considerar que cada conversa com ele poderia ser a última.

As palavras do marido voltaram-lhe à mente. “Você é forte”, dissera ele. De onde ele tirara essa ideia? Ela era somente uma simples filha de camponeses de Bornheim, libertada da servidão e transformada em cidadã da cidade imperial livre apenas em virtude do casamento com o dono de uma casa de café de Frankfurt. Mas essa cidadã livre existia meramente no papel. No fundo da sua alma, era ainda a garotinha tímida que sempre contara com o grande e forte Adam, com sua natureza serena e confiável, seus ombros largos e sua voz profunda, com a qual formulava suas vontades de maneira gentil, mas assertiva. Nunca alguém ousara levantar-se contra Adam Berger. Sempre todos fizeram o que ele demandava. Com ela certamente não seria assim, disso sabia desde já. Começando por Scott, que sempre obedecera somente ao seu tio, mesmo quando ela lhe tinha pedido o mesmo favor momentos antes. E o que dizer dos fornecedores, com os quais agora ela devia negociar? E teria que cuidar das finanças, pelear-se com os fiscais do tesouro e da contadoria pública por sabe-se lá que disposições e exigências que ela certamente desconhecia. E não podia esquecer-se dos invejosos e concorrentes, a cuja mercê estaria. E os piores de todos: os clientes! Por todos esses anos, havia tentado evitar que percebessem o quanto essas pessoas a intimidavam. Eram todos gente astuta da cidade, nunca satisfeitos com a agilidade do serviço. Imaginava que caçoavam dela, a “camponesa desajeitada”, pelas suas costas. Para Adam, sempre foi fácil trocar algumas palavras amigáveis com seus clientes; até mesmo com os estrangeiros, que vinham para as feiras⁵, ele conseguia comunicar-se de alguma forma. Ela, por sua vez, sentia-se tesa e inibida na presença de desconhecidos. Não era mesmo, nem de longe, uma taverneira nata.

Mais uma vez, tinha os olhos molhados e a garganta seca.

Era impossível. Ela não podia tocar o Café Mühle sozinha! Simplesmente não estava à altura dessa enorme tarefa. E como poderia estar?

O chão de pedras irregulares embaixo dos seus pés indicou-lhe que havia chegado ao vestíbulo. Ali à frente devia estar a porta que dava para o Café. Ela fungou e empinou o nariz. De que adiantava desanimar agora? De repente, reconheceu, com uma clareza surpreendente, que devia encarar o seu destino. De maneira alguma podia deixar que o medo por Adam ou sua própria covardia a impedissem de trabalhar. Ela, sozinha, tinha agora a plena responsabilidade pelo Café Mühle, pelas crianças, pelos funcionários. Não lhe restava dúvida do que tinha de fazer.

Ela sentiu a maçaneta grossa e redonda embaixo de seus dedos e aprumou os ombros. Tinha que conseguir, não havia alternativa. Afinal, queria que Adam se orgulhasse dela. Mesmo que ele só pudesse assistir do céu, ela faria da casa de café da sua família a maior e mais bela do país inteiro.

¹ A Praça do Mercado de Frankfurt (hoje: Markt) também é chamada tradicionalmente de Alter Markt (Mercado Antigo). (N.T.)

² O nome original da cafeteria, *Coffeemühle*, é composto da junção da palavra inglesa *coffee* (café) com a palavra alemã *Mühle* (moinho), ou seja, “Moinho de Café”. O uso da palavra inglesa no lugar da alemã *Kaffee* provavelmente se deve ao fato de as primeiras cafeterias da Alemanha terem sido fundadas no norte do país por ingleses e holandeses, que dominavam o comércio de café na Europa, nos anos de 1670. Como Adam Berger é descrito como proprietário do *Coffeemühle* em segunda geração, sua família certamente foi pioneira no ramo, e a cafeteria pode muito bem ter sido a primeira da região. (N.T.)

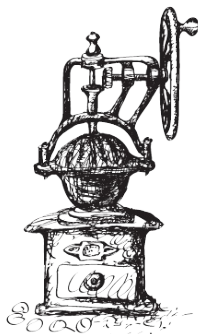
³ Bornheim: bairro da zona leste de Frankfurt, próximo ao centro. Na época, tinha cerca de mil habitantes e a distância relativa entre bairro e centro era maior, caracterizando-o ainda como zona rural. Hoje, tem quase 28 mil habitantes. (N.T.)

⁴ Nikolaikirche: refere-se à hoje chamada *Alte Nikolaikirche* (igreja antiga de São Nicolau), no centro histórico da cidade. Construída no

século XII, seu aspecto atual — e do tempo da narrativa — remonta ao século XV. (N.T.)

5. Em razão da posição geográfica favorável, na confluência dos rios Meno e Reno, ambos vias importantes de tráfego de mercadorias, Frankfurt desenvolveu-se como um dos principais pontos de comércio já na Idade Média e mantém esse destaque até hoje. Em uma era sem tecnologia, as feiras tinham um papel fundamental para a troca de mercadorias entre áreas geograficamente distantes entre si, devido à sua periodicidade com datas e locais definidos. A “feira de outono” (*Herbstmesse*) de Frankfurt já era célebre no século XII. (N.T.)

O salão das senhoras



Capítulo 1



Primavera de 1732

Joanna abriu a porta do café e espantou-se com o silêncio tenso que havia no ambiente. Ninguém percebeu quando ela cruzou a soleira da porta, apesar do bater dos copos de estanho na sua bandeja, acompanhado do tilintar ritmado do molho de chaves em seu cinto.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou ela, em voz alta.

Havia dez pessoas naquele final de tarde, e ninguém reagiu. Era um dia tempestuoso de março e o vento fez a porta atrás dela bater.

Somente quando chegou ao meio da sala viu o que todos olhavam. Até mesmo Scott, seu ajudante, um jovem bonito e sempre mal-humorado, que se interessava pouco pelo mundo à sua volta, tinha o olhar fixo na mulher estranha, sentada ao lado da lareira.

Suas roupas eram feitas de tecidos e mantos de cores vivas, que envolviam seu corpo em várias camadas. Na cabeça, usava um chapéu em forma de torre, colorida como uma arara, com um pequeno véu. No mínimo, três cachecóis davam voltas justas em seu pescoço. Com olhar místico e braço bem esticado, balançou três vezes uma pequena cumbuca de café, muito vagarosamente, para lá e para cá, na frente do seu corpo. Não movia somente o braço, mas todo o seu corpo acompanhava aquele oscilar, como um sacerdote espalhando o incenso. Dramática, ela parou e, de olhos fechados, soprou a cumbuca algumas vezes, como se quisesse trazer o líquido ali contido à vida. Voltou a abrir os olhos e fitou intensamente o rapaz à sua frente, o filho do dono de um moinho de pólvora do Eifel¹.

— *Beberr copa inteirraa!* — disse ela, cheia de solenidade, e com um sotaque estrangeiro tão obviamente falso que Joanna quase soltou uma gargalhada.

Ao pegar a pequena tigela das mãos dela, os dedos do menino tremiam. Apressadamente, ele engoliu o líquido negro. Com um gesto tranquilizante, a vidente recomendou que bebesse mais devagar. Ninguém falava; todos olhavam fascinados. Somente dois indiferentes jogadores de bilhar voltaram à sua mesa na salinha dos fundos.

— De onde você tirou essa aí, Joanna? — perguntou um deles, o filho do ferreiro da Fahrgasse², ao passar por ela.

Quando as primeiras bolas de bilhar começaram a bater ruidosamente umas contra as outras, a vidente contorceu o rosto em uma careta tensa, como se o esforço para manter a conexão com o outro mundo fosse enorme. O rapaz agora mostrava certa indiferença. Quando ele depositou a xícara vazia de volta ao pires, a mulher pegou-a e segurou-a com os braços estendidos para cima, como se fosse um sacrifício.

— *Turuus, tandurum dot schamis teleta tarbus manadoridum. Turuus* — murmurou.

As palavras exóticas soavam para Joanna como um idioma inventado.

— *Demorra uma momenta. Prrecisa esperrar!*

A mulher verteu a cumbuca sobre o pires e deixou o olhar pensativo vagar à distância.

Nem mesmo Ludwig Haldersleben, o cartógrafo do outro lado da rua que até então havia estado compenetrado em seu jornal, aguentou mais ficar no seu lugar, na mesinha ao lado da entrada, normalmente reservada a amigos e gente da família. Com uma piscadela divertida em direção a Joanna,

aproximou-se sorratamente, para não incomodar a vidente, do agrupamento em torno da mesa da mulher. O ranger de uma tábua do assoalho fez a estranha levantar a cabeça. Ela olhou para o cartógrafo com gravidade, como que para uma criança levada.

Desde o momento em que percebeu o que essa mulher estava fazendo em suas instalações, Joanna perguntou-se como se livraria dela. Se se espalhasse o boato de que em sua cafeteria lia-se a borra do café, ela poderia rapidamente se ver em dificuldades. Outros haviam perdido licenças por coisas como essa, e até mesmo sido levados ao tribunal.

No momento, ela não podia sequer se dar ao luxo de levar uma multa. A mulher estava praticamente pedindo para ser chamada de bruxa, mesmo que, naqueles dias, muitos já não levassem aquelas coisas muito a sério.

É verdade que sempre havia quem comprasse aquela farsa. Isso Joanna sabia desde criança. Bastava que seus amiguinhos se zangassem com ela, que logo diziam: “Esqueceram-se de você quando queimaram as bruxas?”. Somente porque tinha cabelos vermelhos e um nariz um pouquinho maior e mais pontudo.

Joanna franziu a testa e semicerrou os olhos. Que tremenda charlatã! Essa mulher era descarada demais. Por que corria o risco de ir parar na cadeia e levar Joanna consigo? E que falta de respeito era esse de simplesmente se sentar em seu café e fazer suas demonstrações sem lhe pedir permissão! Scott deveria ter intervindo logo, mas, ao que parecia, deveria ter estado ocupado consigo mesmo, como de hábito.

Ela olhou para o seu sobrinho e ajudante. Ele costumava camuflar sua insegurança com uma atitude de extrema serenidade. Agora estava boquiaberto. Havia esquecido tudo e todos à sua volta, e a expressão do seu rosto era infantil e embasbacada.

Joanna depositou sua bandeja ruidosamente na mesa da cozinha.

— Você quer que eu perca a minha licença? Como você permite uma coisa dessas? — disse, trazendo o rapaz de volta à realidade.

Ele apenas a olhou, assustado, balançou a cabeça brevemente e voltou a olhar fixamente para a vidente. Ele pareceu nem notar que o café fervia na panela.

— Será que não posso sair para o pátio por um instante, sem que algo aqui dentro dê errado? — rugiu ela, zangada, em direção a Scott.

Mas este pareceu nem escutar as palavras, de tão fascinado que estava. “Por que ele tinha dado a essa mulher uma xícara com pires, que era exatamente do que ela precisava para o seu negócio?” — irritou-se Joanna. Todos os outros bebiam em copos. Ela devia tê-la pedido especialmente, e Scott, inexperiente como era, não se atentara ao perigo.

Rapidamente, Joanna agarrou dois grossos pegadores de panelas e tirou o pote de latão do fogo. Com o gancho de ferro, empurrou dois dos queimadores em forma de anel sobre as chamas, para reduzir o calor. Orgulhava-se do seu novo fogão de alvenaria com chapa de ferro. A chapa oferecia bastante espaço para aquecer quantas panelas de café quisesse e os anéis permitiam a regulação perfeita do calor. Tal era seu entusiasmo pela nova tecnologia que às vezes empurrava os anéis de diferentes tamanhos para lá e para cá, como se fosse um jogo. Ninguém além dela possuía um fogão tão moderno! Sem falar na coifa de exaustão! Evitava que a sala ficasse cheia de fumaça, o que era o caso de seus concorrentes. É claro que a coisa toda lhe havia custado uma fortuna, consumindo toda a pequena reserva que havia juntado após a morte de Adam com trabalho duro e economia ferrenha.

Ela pendurou os pegadores de volta ao gancho e dirigiu a atenção para os acontecimentos no salão. Desistiu de chamar a atenção de Scott novamente. Olhar o novo fogão sempre melhorava seu humor.

A vidente acabara de levantar a xícara entornada e inclinara-se sobre o pires para poder estudar melhor a borra deixada nele. As bolas de bilhar e o crepitar do fogo eram os únicos ruídos que quebravam o silêncio na sala. Vez por outra a lenha estalava no fogo e ouvia-se o vento assobiando ao redor da casa.

Nada se via no pires além de uma minúscula mancha escura no meio e algumas gotas de café em volta. “Claro”, pensava Joanna, “o café que ela servia não tinha muita borra!”.

Quando ela e seus empregados passavam o café da panela para os bules, prestavam toda a atenção para não derramar o resíduo. O pouco que restava no bule não passava para a xícara. Pequenos borrões escuros no pires eram resultado tão somente do desdém de Scott, o menos atencioso dos seus ajudantes. Como era parecido com seu pai, Simon, o irmão mais velho de Joanna! A mesma indiferença, a mesma frivolidade ao lidar com as coisas. Mas ela ainda o educaria!

— *Eu vérr muita sucesso. Um posiçón imporrtante.*

Cheia de reverência fingida, a vidente olhava para o jovem à sua frente, cuja cara cheia de espinhas enrubescera em um vermelho tão intenso que se destacou na penumbra invernal da cafeteria. Nessa época do ano, o sol não subia o suficiente para iluminar o salão principal do Café Mühle, muito menos na parte da tarde. O menino virou-se, como quem busca aprovação de seu pai, que permanecia encostado em uma coluna, observando divertido o que se passava.

— *Muitas filhos* — continuou a mulher. Com seus dedos pequenos, indicava para o borrão, como se houvesse mais algo para ver ali. — *Isso querr dizer: muita dinherro.*

Joanna havia visto o bastante. Preferia evitar brigas e discussões. No passado, Adam teria cuidado do assunto. Depois da sua morte, ela havia sido demasiadamente tolerante por medo de se meter em confusão. Contudo, acabara por perceber que uma taverneira não podia ser tímida.

— *Bravo! Você terá uma vida feliz!* — disse ela, batendo palmas ruidosamente para o rapaz.

As palmas quebraram o transe do grupo.

Com passos rápidos, aproximou-se da vidente e cochichou-lhe no ouvido:

— Vamos primeiramente tratar dos negócios, Madame, antes de continuar!

Ela apontou com a mão esquerda a porta da despensa, de onde se ouvia o som alto dos pilões. Pousou a mão direita sobre o ombro da mulher.

— Eu ainda não terminei — respondeu, petulante. Qualquer traço de sotaque havia desaparecido da sua fala.

Ela tentou livrar-se da mão de Joanna e não deu sinais de pretender levantar-se. Em vez disso, acenou para Scott, como se ele fosse o anfitrião e como se a cidade inteira não soubesse que era Joanna a dona do Café Mühle, para que ele lhe servisse outra cumbuca. Mas Scott não reagiu ao seu sinal.

O rapaz do Eifel, após um novo olhar inseguro para o pai, manuseou desajeitadamente seu porta-moedas, tirando dele algumas moedas de prata que colocou sobre a mesa.

Antes que a vidente pudesse agarrá-las, Joanna já as tinha na mão.

— Esta é a minha parte — sussurrou no ouvido da estranha. — Se quiser a sua, é melhor que venha comigo!

Indignada, a vidente olhou à volta. Mas, como ninguém se dispôs a ajudá-la, resolveu então seguir Joanna à salinha ao lado. Um de seus longos cachecóis de franjas enganchou-se em uma farpa de madeira, deixando a mulher pendurada na cadeira, da qual se libertou com mesuras.

Enquanto isso, o pequeno agrupamento se dissolvia aos poucos. O cartógrafo voltou ao seu jornal, os jogadores de dados voltaram ao seu lugar cativo ao final da longa mesa, o mais frio da sala, na frente da porta do pátio — escolha, aliás, que sempre espantou Joanna. Somente o dono do moinho de pólvora e seu filho permaneceram olhando cativados atrás da vidente, quando Joanna abriu a porta da despensa e apressadamente empurrou a mulher para dentro. Esta imediatamente tapou os ouvidos de forma teatral, ao mesmo tempo que aspirava avidamente o perfume do café fresco pelas narinas.

Anne e Sybilla seguravam grandes tuchos nas mãos, com os quais esmagavam alternadamente os grãos de café recém-torrados em um grande pilão de pedra no chão.

Todas as noites queixavam-se de dores nas costas, ombros e braços, mas rejeitavam veementemente a aquisição de um moedor de café moderno. O café moído no moedor não era a mesma coisa, afirmavam as empregadas. Ao menos havia conseguido que aceitassem o novo fogão, felicitou-se Joanna. Suas serventes eram irremediavelmente antiquadas, não havia dúvida disso.

As duas mulheres interromperam o trabalho e Anne começou imediatamente a massagear seu braço, para que a patroa não deixasse de perceber a fadiga à qual se submetia. Era uma mulher pequena e extremamente ágil, que se dava extrema importância e, às vezes, levava Joanna à loucura com suas ideias e comentários. Acerca de tudo tinha uma opinião, e nunca a guardava para si. Custava grandes esforços a Joanna impor-se perante sua própria servente. Apesar de Anne parecer muito mais fervorosa e rápida que a mais idosa e pachorrenta Sybilla, era essa última quem acabava fazendo a maior parte do trabalho, sem nunca resmungar. Também agora seu rosto largo, levemente coberto pelo suor, permanecia completamente inexpressivo. O mundo não reservava surpresa alguma para ela. A mulher disfarçada de bruxa não continha, para a camponesa Sybilla, segredo algum, nada que pudesse despertar sua curiosidade. Ao menos, era o que parecia. Ela havia agarrado o pau-de-pilão com as duas mãos e encostado-o sobre o canto do pilão de pedra.

— Como você se atreve a ler a borra do café na minha casa, sem pedir permissão?

Joanna esforçou-se para imprimir rigor à sua voz. Tinha os braços cruzados no peito e fitava a vidente com raiva no olhar.

Contudo, a mulher apenas sorriu petulantemente.

— Ah, esta taverna é sua? Eu não sabia — retrucou ela, entediada, e deixou o olhar vagar pela despensa escura.

Isso era típico! Por que as pessoas nunca acreditavam que ela era a dona? Emanava tão pouca autoridade? Joanna procurou suprimir a raiva. Ela sabia que sua voz ficava estridente quando esbravejava.

— Quem é você afinal? — perguntou, objetiva.

— Você adoraria saber, não é? A falsa vidente riu de forma desprezível. Com um passo rápido em direção à saída, tentou reabrir a porta para o salão. Imediatamente, Joanna cravou-lhe as duas mãos no braço. O rosto da mulher contorceu-se de dor.

— Devolva o meu dinheiro! — bufou ela.

— Agora pare com os seus joguinhos e diga-nos quem é e o que quer!

A paciência de Joanna estava por um fio. Ela reforçou a pressão das mãos em volta do braço flácido da mulher.

— O que houve? — perguntou Anne, intrometendo-se, curiosa.

A vidente respondeu condescendentemente:

— Eu vejo o futuro na borra do café, queridinha.

Outra vez tentou livrar-se do apertão de Joanna e alcançar a saída, em vão.

— Se você quiser, eu lhe direi como será a sua vida! — continuou, inabalada.

Nesse momento, Sybilla levantou ameaçadoramente o pau-de-pilão, aproximando-se da mulher como se fosse golpeá-la na cabeça. A vidente abaixou-se, amedrontada, enquanto Joanna sinalizava a Sybilla que se contivesse.

Raciocinava febrilmente sobre o que fazer. Parecia que não conseguiria tirar informação alguma da mulher, mas não podiam ficar ali por muito tempo, as quatro naquele espaço apertado, tanto mais porque sua presença certamente era necessária no salão.

O tilintar do sino da porta na sala ao lado arrancou-a de seus pensamentos. Pouco depois, ouviu-se uma voz alta e prepotente.

— Fomos informados de que haveria uma vidente praticando seu ofício aqui. Onde está ela?

Um calafrio gelado desceu as costas de Joanna. Anne tapara a boca com as mãos, de susto; apenas Sybilla permaneceu com a mesma cara de sempre. Todos sabiam o que aquela voz significava: o preboste havia enviado seus *piketts*, que é como o povo de Frankfurt chamava seus policiais. Alguém havia dado queixa.

Somente a culpada não se abalou. Aproveitando a oportunidade, livrou-se da surpreendida Joanna e dirigiu-se à porta. Quando já esticava a mão para a maçaneta, Anne rapidamente deu-lhe uma rasteira, fazendo-a tropeçar. Com impressionante presença de espírito, Joanna agarrou a mulher em meio à queda, logo lhe tapando a boca com a mão.

— Mmhmm... Mhmmmm — tentou fazer-se notar. Ela batia e chutava em todas as direções, mas, em meio a todos aqueles panos, mal podia mover-se. Finalmente, Sybilla decidiu que bastava. A servente deixou seu pilão cair e virou o braço da mulher com tanta força nas suas costas que esta se calou prontamente.

— Aqui não há vidente alguma — instruiu a voz de Scott, vinda do Café.

“Finalmente ele resolveu assumir algo parecido com responsabilidade”, pensou Joanna, aliviada. Esperava que somente ela, que o conhecia bem, houvesse notado os traços de insegurança no seu timbre.

— Onde está o responsável? — disse o policial.

— Eu preciso ir — sussurrou Joanna às duas empregadas. — Vocês têm de mantê-la quieta.

Anne concordou diligentemente, enquanto Sybilla, por precaução, deu um pontapé na canela da mulher para que ela nem pensasse em soltar um pio, quando Joanna tirasse a mão da sua boca.

— Não a machuquem! — cochichou no ouvido de Anne, sem que a mulher pudesse ouvi-la. Sybilla às vezes lhe causava um teimor respeitoso. Além de abater animais e torcer o pescoço de galinhas, ela era capaz de afogar gatinhos e capturar ratos. No último verão, nem mesmo uma cobra venenosa foi capaz de meter-lhe medo. O bicho havia se instalado numa brecha do muro do pátio; uma pedra, com a qual Sybilla esmagara-lhe a cabeça, evitou que seu jardim virasse um ninho de serpentes. Nunca seu rosto largo mostrou qualquer envolvimento emocional. Joanna não queria encontrar a leitora de borra com o pescoço quebrado.

— Minha touca está bem? — perguntou ela a Anne.

Com o olhar concentrado, a servente alisou a touca branca de linho da sua patroa, depois seu avental, enquanto Joanna refazia o laço atrás das suas costas.

— Tudo em ordem, senhora Joanna. Não se vê sinal da luta.

Nesse ínterim, Sybilla havia jogado a vidente com o tronco sobre a mesa, como se a preparasse para o abate. Com uma mão ainda lhe tapava a boca, com a outra procurava evitar que esperneasse.

— Rápido, a toalha! — ordenou à Anne com a voz rouca, que entendeu prontamente e rasgou em tiras o pano de prato com bordado azul.

“As duas se virariam sem ela”, pensou Joanna, com uma mistura de alívio e ansiedade, e respirou fundo mais uma vez. Então, abriu a porta para o salão, fechando-a imediatamente atrás de si.

— Ah, os senhores da justiça! — disse, saudando os homens com alegria fingida. — Boa tarde! Que bom poder recebê-los em nossa casa. O que podemos lhes oferecer?

— Recebemos uma denúncia contra a senhora — disse o mais gordo dos dois, indo direto ao assunto. — Em sua taverna, haveria uma vidente exercendo seu ofício.

Seu tom de voz brusco fazia um estranho contraste com sua aparência e seus modos. Ele tinha tirado o chapéu da cabeça, de modo que seu cabelo escasso e penugento apontava para todas as direções, e estendia as mãos sobre o fogão, a fim de aquecê-las. Suas botas haviam deixado longos rastros de sujeira nas tábuas do assoalho. Ele não a encarava, mas lançava olhares desconfiados na direção dos jogadores

de dados, como se suspeitasse que ali houvesse mais um foco de distúrbios.

“Ele deve ser novo”, pensou Joanna, pois ela nunca o havia visto antes.

— Meu senhor, deve ser um engano! Aqui não há ninguém que se encaixe nessa descrição. — disse ela, sorrindo inocentemente.

— Isso não pode ser verdade! — soou, nesse momento, uma voz vinda da mesa dos jogadores. — Ninguém tem tamanha sorte!

“Oh Deus, o sobrinho do preboste”, reconheceu Joanna, que sentiu o sorriso congelando-lhe nos lábios.

Justus von Zimmer era um notório vagabundo, mas de ótima família. Ele tinha um rosto mediano e pouco marcante, com um nariz grande e polpudo. Seus olhos apenas emanavam audácia, ou talvez a promessa de audácia, pois Joanna nunca havia visto o jovem patrício fazer outra coisa a não ser jogar conversa fora, beber vinho e café e jogar cartas. Apesar de ser um dos clientes habituais do Café Mühle, era difícil saber em que tipo de humor se encontrava, ainda mais quando havia bebido, o que, a essa hora do dia, era bem provável. Com efeito, destacava-se por parecer ao menos ser livre de qualquer esnobismo de classe.

Quando nenhum de seus companheiros reagiu à sua exclamação, por estarem todos olhando fascinados para Joanna e o policial penugento, ele levantou-se do seu lugar.

Deu uma piscada conspiradora para Joanna e bradou:

— Vocês estão vendo que ninguém aqui corresponde à descrição! Ninguém assim esteve aqui. Vocês deveriam tomar conta dos ladrões desta cidade em vez de espionar gente decente!

Com um gesto dramático, jogou os dados que tinha na mão sobre a mesa.

O policial com a penugem na cabeça não demonstrou reação às palavras do jovem rapaz. Nada indicava que tivesse reconhecido o jogador de dados, com sua peruca da última moda e o terno pomposo.

O segundo *pikett*, um homem de cara opaca e bigode pendente, permaneceu parado atrás do cartógrafo, como se nada daquilo lhe dissesse respeito. Para enfado de Ludwig Haldersleben, para quem a leitura do seu jornal era um ato sagrado que praticava diariamente com extrema devoção, o oficial da polícia tentara o tempo todo participar da leitura do diário por sobre seu ombro.

O penugento dirigiu-se então ao dono do moinho de pólvora e a seu filho, como se intuísse que dos dois conseguiria alguma informação. O garoto prontamente começou a tremer, mas o velho negociante não era tão fácil de intimidar.

— Nós também não vimos ninguém a quem essa descrição se encaixe — disse, com frieza na voz. Ele pegou o pires da mesa e soprou requintadamente o café que havia derramado ali para que esfriasse e, com o mindinho estirado, tomou um grande gole.

— Será que não seria um equívoco? — interveio Joanna novamente, empenhando-se em uma voz solícita e diligente.

Na realidade, sentia-se desolada. Sua vontade era de ir-se e deixar que os outros cuidassem do assunto. Não gostava nada de situações como essa. Sempre havia odiado meter-se em confusão, ainda mais quando tinha de fingir que tudo estava em perfeita ordem. Por que sempre era obrigada a defender seus pertences? Não podiam deixá-la em paz? Já era difícil o bastante criar as meninas e manter a cafeteria. Quantas vezes havia pensado em largar tudo por se achar incapaz da tarefa e acreditar que levaria o negócio à ruína? Seja porque havia poucos clientes, ou demasiados de uma vez, seja porque o café encomendado não chegava, ou era de má qualidade, ou, ainda, porque nem mesmo seus serviços a levavam a sério e, mal ela relaxava por um momento e não os vigiava, faziam o que bem entendiam? “Oh, Adam, por que me deixou tão cedo?” — pensou ela pela milésima vez desde a sua morte. Às vezes, sentia-se possessa pela raiva, quando se dava conta da enorme responsabilidade em seus ombros — e Deus sabia que não era por escolha própria — e tinha vontade de esconder-se na cama, chorando, com a

coberta por cima da cabeça, para nunca mais ter de pisar no salão do Café Mühle.

Joanna sentiu o olhar penetrante do penugento sobre si. Também todos os outros presentes pareciam olhá-la, à parte do outro policial, que seguia letárgico, lendo o jornal de Haldersleben. Como se viesse de muito longe, o único ruído era o bater das bolas de bilhar da sala ao lado. Da despensa não se ouvia um pio. As serviçais tinham a vidente sob controle. Joanna obrigou-se a tomar uma posição. Não tinha jeito mesmo, pois a situação não se resolveria sozinha.

— Eu tenho certeza de que se trata de um equívoco — repetiu ela, resoluta, e forçou-se a um sorriso desarmador.

O *pikett* lançou um olhar duvidoso ao seu colega, que agora observava insistentemente uma medalha na jaqueta de uniforme do cartógrafo. Haldersleben adorava uniformes, apesar de nunca haver prestado serviço militar. Hoje, vestia a jaqueta azul-marinho dos artilheiros suecos.

Finalmente, o segundo policial levantou o olhar e balançou a cabeça.

— Por certo não há equívoco! Disseram-nos que aqui haveria uma vidente lendo nos resíduos do café. Fomos enviados para cá. Precisamente à sua cafeteria. O Café Mühle no Mercado Antigo. A senhora sabe que a leitura da borra do café é proibida, não sabe?

— Naturalmente! Contudo, como podem ver, não é o caso.

Bum! Da despensa ouviu-se um estrondo, seguido do som de algo caindo e se rompendo. Então, veio novamente o silêncio.

— O que há atrás dessa porta?

O policial com pouco cabelo levou a mão à espada. Sua voz soou excepcionalmente aguda, registrou Joanna mecanicamente, pois o susto lhe havia gelado as entranhas. A sala toda parecia prender a respiração. Até os jogadores de dados olhavam tensos para a porta da despensa. Mesmo Ludwig Haldersleben tirou os olhos, por um momento, do seu jornal. Ele trouxe a vela um pouco mais para perto do papel, lançou um olhar rabugento para o policial que lia por cima do seu ombro e virou a página ruidosamente.

— É apenas a despensa. Nós moemos o café ali. Minhas serviçais entram e saem o tempo todo. Entra, sai, entra, sai, entendeu? O que ouviram foi a porta do pátio batendo.

Quando tinha de ser, Joanna sabia mentir. Era um dos seus pontos fortes — se bem que não havia muito tempo. Antigamente, ficava vermelha somente de pensar em dizer algo que não correspondesse à verdade. Adam caçara dela muitas vezes, afirmando que seu rosto era um livro aberto. Secretamente, Joanna até se orgulhava de não saber mentir. Quando criança, havia sido flagrada ao deixar uma boneca de pano, que pertencia à sua prima, desaparecer no bolso da sua saia, para levá-la para casa. Sua tia, uma mulher de língua afiada, acusou-a do furto, e, desde então, nunca mais caiu na tentação de fazer algo desonroso. Demasiada havia sido a vergonha, sobretudo por seus pais terem sido testemunhas da reprimenda da tia. Eles mesmos não haviam ralhado com ela — mas seus olhares severos foram um castigo muito pior. A partir desse dia, Joanna havia sempre se esforçado por probidade, estratégia que havia funcionado muito bem até a morte de Adam.

Contudo, agora que estava só, percebera logo que seus próximos não levavam a verdade tão a sério como ela e que faziam de tudo para tirar vantagens para si. Não que Joanna agora tentasse passar seus parceiros de negócios para trás, mas tampouco acreditava em tudo que lhe dissessem. E, quando não havia outro jeito, lutava com as mesmas armas, deixando ressalvas morais de lado. Mas nunca ficava com uma sensação boa quando não era sincera. Temia que, um dia, tivesse de arcar com terríveis consequências. Também agora lançou um olhar furtivo para o céu, certificando-se de que não atraía nenhuma nuvem negra. Tolo, ela sabia, mas ainda assim se atinha a esse ritual supersticioso.

— Isso não foi uma porta!

O *pikett* de bigode comprido abandonou o jornal e a medalha de Halderleben e cruzou o salão.

“Lá se foi a presunção de que sabia mentir”, pensou Joanna, resignada. Antes que pudesse bloquear-lhe o caminho, o homem já estava com a mão na maçaneta, que chiou alto ao ser girada.

“Acabou-se tudo”, pensou. Que apenas não lhe tirassem a licença!

Com os joelhos frouxos, seguiu até a despensa o homem que havia a empurrado para fora do caminho, querendo jogar-se na frente de Anne e Sybilla, protegendo-as.

Contudo, a despensa estava vazia. Os pilões haviam sido deixados em seus devidos lugares, sobre a bancada. O café moído fora despejado em uma bacia grande, que não estava coberta.

O bigodudo sorveu o perfume dos grãos recém-moídos com deleite, como fizera a vidente antes dele. Com as duas mãos, levantou a bacia para perto do nariz.

— Hum! — suspirou ele, encantado.

— Como o senhor pode ver, não há ninguém aqui que se encaixe na sua descrição.

Joanna havia recuperado a postura. Seu medo do policial desaparecera. De fato, ele lhe parecia ser o mais simpático dos dois. Achava que já o havia visto alguma vez, em uma das paradas diárias na Guarda Principal³.

— Vejamos no pátio! — grasnou o policial penugento atrás dela, com sua voz aguda.

Ele era novo e excessivamente zeloso, presumiu Joanna. Mesmo seu uniforme parecia estar sendo usado pela primeira vez.

O outro deixou, contrariado, a bacia com o pó de café de lado, abriu a porta enguiçada com um tranco e pôs a cabeça para fora.

— Aqui não há nada — disse, fechando com força a porta renitente.

Seu colega tinha a decepção estampada no rosto quando voltaram para o salão.

— Prepare uma xícara de café para os senhores! — ordenou Joanna, pressurosa, ao espantado Scott. Quando este finalmente acordou do seu torpor, pegou um pano grosso e tirou o grande bule de latão do fogo.

— Ou podemos oferecer-lhes algo diferente? — perguntou, olhando para os homens alegremente. — Chocolate, chá ou um vinho quente? Temos de tudo!

Joanna esperava que não lhe notassem o alívio tão obviamente. Ela sabia que não tinha mais nada a perder. Aonde quer que a tenham levado, suas duas serventes tinham a vidente sob controle. Provavelmente, haviam-na recolhido à alcova no sótão. Os policiais certamente não iriam procurá-la pela casa toda.

Os dois homens pareceram não ter escutado sua pergunta, pois lançaram-se avidamente sobre os copos cheios de café que Scott lhes servira.

— Ai, está quente!

O penugento por pouco não derrubou seu copo. Suas sobrancelhas eram tão finas que quase não se destacavam da pele do seu rosto.

— Em seu lugar, eu pensaria sobre quem são meus inimigos — disse o bigodudo, calmamente, depois de um tempo.

— Há uma denúncia contra a senhora.

Como um peixe, movia sem parar os lábios para frente e para trás, para esfriar o café quente na sua boca.

— E quem foi que me denunciou? — perguntou Joanna, interessada.

— Infelizmente, não podemos dizer-lhe.

O bigodudo parecia realmente se sentir desconfortável com a situação.

— Mas como poderei defender-me contra tais acusações se ninguém me disser de onde vêm?

Joanna teve de controlar-se para não levantar a voz, de tanta indignação. Se havia algo que odiava era a sensação de impotência. Por que os *piketts* simplesmente não lhe diziam quem a odiava tanto e estava disposto a pôr em risco sua existência? Ou será que havia mais por trás daquilo tudo? Talvez alguém poderoso quisesse estragar seu negócio e buscava por meios oficiais fechar sua cafeteria? Mas por quê? O que o Conselho da cidade de Frankfurt teria contra o Café Mühle? Ela sempre havia pago todos os impostos e taxas, e sempre havia se portado corretamente, ou quase sempre...

Uma onda de desânimo ameaçou engoli-la. De repente, deu-se conta de que, se não descobrisse quem estava por trás do caso da vidente, a vitória momentânea não lhe valeria de nada.

Decidiu, afinal, fazer uma tentativa:

— Não me surpreenderia se tivesse sido aquela ali — disse, indicando com o queixo em direção à Römerberg⁴, onde, no início do ano, haviam aberto uma barraca de café. O negócio, pertencente a uma ex-cliente habitual do Café Mühle, era abrigado por uma pequena cabana de tábuas e não representava uma ameaça real para o seu estabelecimento. Contudo, muitos dos clientes de Joanna haviam provado o café da concorrente pelo menos uma vez.

— Não, não, isso podemos assegurar! A Ilse Laubenmacher, da Römerberg, não tem nada a ver com a história. Pode até ser uma concorrente do seu Café Mühle, mas, como se sabe, a concorrência é benéfica ao negócio. A queixa foi dada por alguém completamente diferente.

O penugento esforçava-se por manter um tom negocial, mas se via que, ao contrário do seu colega, estava gostando do seu papel. “Finalmente ele podia fazer uso de todo o seu poder”, pensou Joanna, “finalmente não era mais o pobre coitado do qual todos faziam chacota!”. Ela já quase se sentia forte novamente, ao olhar a figura obesa parada à sua frente, com o peito estufado, as mãos na cintura e todo o peso jogado na perna de apoio. Fazia tempo que não via alguém tão ridículo. Contudo, não podia deixar a arrogância transparecer, advertiu a si mesma. De que lhe serviria se dissesse ao policial que apenas quatro cafeterias na cidade tinham licença para operar e que a Laubenmacher trabalhava ilegalmente, assim como muitas outras?

— O senhor está certíssimo, senhor capitão! — repetiu ela, com um sorriso humilde nos lábios, a fim de ganhar tempo. — Sem a concorrência, que graça teria o negócio?

Pensava a quem o policial se referira em seu comentário. “Talvez a vizinha preconceituosa do outro lado da rua, que participava com entusiasmo de qualquer campanha de difamação? Mas denunciá-la à polícia não seria do feitio da comerciante de temperos”, pensou Joanna. “Então seria um dos colegas das outras cafeterias da cidade, que intrigava contra ela? Não, também não”, corrigiu-se imediatamente. Ela conhecia todos — e nenhum era mesquinho a esse ponto. Quem mais poderia ser considerado seu concorrente?

Subitamente, tudo ficou claro. Como não havia pensado nisso antes?

— Por certo, poderia contar as tavernas de vinho de maçã⁵, os alambiques e as cervejarias, que, de certo modo, também são concorrentes — tentou a sorte mais uma vez, sorrindo candidamente para o policial. — Não é mesmo, senhor capitão? Esse pessoal também quer vender o seu peixe, ou melhor, suas bebidas. Então, procuram maneiras de aumentar seus lucros. Se não podem simplesmente ser melhores que os outros, buscam meios de prejudicar a concorrência, não é assim?

— É claro, é claro, o ramo do vinho de maçã também passa por dificuldades — gaguejou o penugento, um tanto pego de surpresa.

Havia acertado em cheio! Joanna teve dificuldade de suprimir um sorriso triunfante. Por outro lado, tinha mais era vontade de chorar. Ela tivera a intuição certa: por trás de toda essa história estava seu velho inimigo Gottfried Hoffmann, produtor de vinho de maçãs de Sachsenhausen⁶ — e marido da sua melhor amiga de outrora, Elisabeth. Ele havia pago a falsa vidente para que viesse ao Café Mühle e, ao

mesmo tempo, denunciado Joanna ao preboste. Não se passava um mês sem que Gottfried Hoffmann pensasse em algo novo para atazaná-la. A vidente fora apenas mais uma tentativa de prejudicar o seu negócio, assustar seus clientes e chamar a atenção da justiça para ela. Gottfried devia pensar que bastaria jogar bastante sujeira para que, em alguma hora, algo grudasse. Joanna havia pensado mais de uma vez se deveria ela mesma ir ao preboste para dar queixa das armações do taverneiro.

Entretanto, não o tinha feito por Elisabeth. Quando crianças, foram inseparáveis. Haviam roçado os campos lado a lado, subido em árvores frutíferas como moleques e pastoreado as ovelhas. Haviam confidenciado seus maiores segredos uma à outra e rido muito juntas. Somente quando Elisabeth conheceu Gottfried Hoffmann e casou-se com ele, apesar dos conselhos contrários de Joanna, a amizade terminou.

Joanna deixou o olhar vagar pela cafeteria, onde tudo parecia ter voltado ao normal: Ludwig Haldersleben lia seu jornal com a máxima concentração, os jogadores de dados apostavam alegremente aos gritos, o fabricante de pólvora do Eifel conversava baixinho com seu filho, Scott manuseava os potes no fogão, sem muito entusiasmo, e os dois *piketts* preparavam-se para partir. Tudo estava em perfeita ordem — e devia permanecer assim! Ninguém tinha o direito de destruir o seu modo de vida, nem o das filhas de Adam. Nem mesmo Gottfried Hoffmann, nem que fosse casado duas vezes com Elisabeth. Joanna iria acabar com isso definitivamente!

[1.](#) Eifel: região de colinas no oeste da Alemanha, que abrange também uma pequena parte do leste da Bélgica. Ocupa parte do sudoeste da Renânia do Norte-Vestfália e do noroeste da Renânia-Palatinado.

[2.](#) Fahrgasse: uma das ruas principais do centro histórico de Frankfurt.

[3.](#) A *Hauptwache* (Guarda Principal) é um edifício barroco, que hoje dá nome à praça e à estação de trens no mesmo local, um dos pontos centrais da cidade. O prédio anterior foi demolido em 1728 e o atual, construído entre 1729 e 1730, ou seja, devia estar recém-terminado no tempo da narrativa. (N.T.)

[4.](#) A Römerberg é a praça da prefeitura de Frankfurt, por muitos considerada a mais bela do centro histórico.

[5.](#) *Apfelwein* (vinho de maçã) é uma bebida muito difundida no estado alemão de Hesse, principalmente na região de Frankfurt. Difere um pouco da cidra que conhecemos, principalmente pelos tipos de maçãs empregadas na fabricação e também pelo baixo teor de gás carbônico. (N.T.)

[6.](#) Sachsenhausen: distrito da cidade de Frankfurt, localizado na costa sul do rio Meno.

Capítulo 2



— O que há de tão perigoso na senhora Berger? — perguntou o mestre cervejeiro Hildebrand Praetorius, descrente.

A vontade de Martin Münch era de concordar imediatamente e acrescentar— “Sim, deixemo-la em paz!” —, mas não teve coragem. Em vez disso, virou o rosto em direção aos primeiros raios de sol do ano que adentravam pela minúscula janela da cabana.

Uma grande teia de aranha que havia sobrado do último verão balançava num canto. Havia pouco, o barracão rude de tábuas de madeira abrigara alguns pedreiros que haviam trabalhado na construção da nova sede da Ordem Teutônica¹. Um buraco no muro entre o terreno da Ordem e o pátio da taverna A Maçã Vermelha permitia a Gottfried Hoffmann e seus fiéis manterem ali os seus encontros secretos. Ainda fazia demasiado frio para que os homens pudessem beber seu vinho de maçã no pátio exterior. Abriam mão de acender fogo dentro da cabana, para não chamar a atenção.

O resfriado molestava Martin Münch. Sua cabeça zumbia, e ficar sentado no frio não melhoraria a situação. Na noite anterior, havia voltado a gear — era todo ano a mesma coisa: sempre que se acreditava que o inverno finalmente chegara ao fim, uma última onda de frio acabava com a alegria. O banco no qual estava sentado era úmido e podre, corroído pelo tempo. Ele sentia o frio subindo pelos quadris e a dor naquele ponto sensível acima do cóccix, que aumentava.

Gottfried Hoffmann tomou seu tempo para responder à pergunta de Hildebrand Praetorius, como se fosse o bastante encarar o inimigo longamente para calá-lo. Contudo, Gottfried havia encontrado no massudo cervejeiro — também chamado de “o flagelo de Sachsenhausen” — um adversário à altura. Praetorius não era de se deixar intimidar. Ele simplesmente retribuía o olhar sem piscar e suportava o silêncio.

O próprio Gottfried Hoffmann havia convidado o cervejeiro para os encontros, por ouvir que Praetorius iniciara uma campanha contra a bebida negra dos turcos. Sua própria luta contra a viúva Berger havia perdido o fôlego ultimamente e, sem dúvida, esperava ganhar novas forças aliando-se a um dos homens mais poderosos da cidade. Agora, porém, pareceu sentir dificuldades em entregar o poder a outro e perdia-se, como de costume, em seus joguinhos usuais.

Martin Münch não conhecia nada mais tedioso do que homens que passavam o tempo todo esclarecendo quem ocupava qual posição no grupo — principalmente porque costumava levar a pior em disputas dessa natureza. Essa era a única razão para estar ali. Ele mesmo não tinha nada contra Joanna Berger, que nem mesmo conhecia, mas se via obrigado a participar por ser vizinho de Gottfried Hoffmann e temer as represálias contra si e sua esposa, Annete. Havia anos que se empenhava em tentar acalmar Hoffmann — por enquanto, sem sucesso. Ele tremia por dentro e pressionava os maxilares um contra o outro. Como odiava esse homem. Profundamente! Com seu feitio atarracado, o tronco musculoso, as pernas curtas, o pescoço massudo e o queixo proeminente, Hoffmann assemelhava-se em muito aos seus buldogues², uma raça de cães criados especialmente para a briga contra touros e ursos, e que o taverneiro havia passado a criar havia algum tempo. Por vezes, devia ter uns dez desses bichos em seu canil, presumia Martin Münch, que muitas vezes não podia dormir à noite por causa dos latidos. Mas isso não era nada

comparado ao urso que Hoffmann havia arranjado havia alguns dias! O animal, que supostamente ainda não era adulto, já era bem maior que o seu dono quando ficava em pé. E o fazia com frequência, mostrando os dentes assustadoramente, o que Hoffmann, como lhe havia contado ontem com orgulho, interpretava como um sorriso de boas-vindas. O fedor que emanava da jaula forrada de feno de Lúçifer — esse era o nome do monstro — era duro de aguentar. E do jeito que conhecia Gottfried Hoffmann, ele certamente não era do tipo de criadores de animais que limpava a jaula assiduamente. Ele esperava sinceramente que o taverneiro não delegasse essa tarefa à sua mulher, Elisabeth. Não queria nem pensar no que aconteceria se o impetuoso Lúçifer resolvesse querer “brincar” com ela!

— Uma vez que tenhamos Berger sob controle, tomaremos conta também dos outros — meteu-se na conversa Jockel Lauer, o quarto homem na cabana, com seu tom de voz sempre fanático.

Jockel Lauer não era muito inteligente e fazia tudo o que Hoffmann mandava. Ele produzia *schnaps*³ ilegalmente e mantinha uma minúscula taverna de beira de estrada. A vida para ele era uma única e interminável guerra. Se houvesse mortos e feridos, Jockel Lauer aceitava sem questionar.

— Eu não o vejo bem assim. Contudo, deixe-nos continuar para não perdermos nosso tempo com detalhes — disse Hildebrand Pretorius com prepotência, sem olhar para Hoffmann.

Martin Münch não podia acreditar que um homem tão importante houvesse se aliado a eles. Pretorius era visto como o cervejeiro mais bem-sucedido da cidade. Seu cunhado era membro do Conselho. Ele tinha uma casa grande na Zeil⁴ e outra no campo. Como alguém assim podia meter-se com o maluco e perigoso Gottfried Hoffmann e o ignóbil criminoso Jockel Lauer?

Algumas pedras pareceram desmoronar do muro. Ouviram-se passos vindo em direção à cabana. Jockel levantou-se de um salto, como se fosse preciso defender o barracão contra os descrentes. Havia levado a mão à faca presa em seu cinto. A porta apodrecida rangeu ao ser aberta.

Elisabeth Hoffmann continuava sendo uma beldade — e sem o grande hematoma em torno do olho esquerdo, seria ainda mais bela. Na mão direita, segurava uma bandeja apoiada na cintura, com um cântaro fumegante e alguns copos. O outro braço estava envolto em curativos e preso ao seu corpo.

— Trago algo para beber.

A afirmação soou como uma pergunta, de tão hesitante.

— Obrigado.

Martin Münch foi o primeiro a pegar um dos copos, sorrindo encorajadoramente para Elisabeth. Sentiu a raiva despontando dentro de si. O que Hoffmann fazia à sua mulher era insuportável!

Gottfried Hoffmann ignorou Elisabeth. Ela o olhava, insegura.

— Deixe-nos em paz. Vá! — soltou ele, rabugento.

Com um sorriso tímido, ela saiu. Os outros sorriram desajeitados e murmuraram agradecimentos.

Finalmente, tinham algo para aquecer os dedos rijos! Martin Münch apertou as mãos em torno do copo quente de vinho de maçã. O aspecto lesado de Elisabeth lembrava-o de sua própria situação precária. A vizinhança toda sabia que Gottfried Hoffmann era bruto e violento — os gritos de Elisabeth eram claramente audíveis. Contudo, quando questionada sobre os hematomas, dizia ter caído da escada e outros absurdos.

Entretanto, recentemente havia tido uma crise, pela primeira vez, nos braços de Annete, que a encontrara na rua e perguntara sobre seu braço quebrado. Aos prantos, dissera que sofrera um aborto por ter sido espancada por Gottfried havia poucos dias. E ambos desejavam tanto uma criança! Annete não entendera muito bem, mas parecia que a briga tivera algo a ver com Joanna Berger. Gottfried Hoffmann parecia culpá-la por Elisabeth não o amar tanto quanto ele queria. Depois de todos esses anos! Obviamente, a amiga a havia advertido contra o “homem de nariz quebrado” e tentado dissuadi-la do casamento. “Ah, se eu tivesse ouvido o seu conselho!” — havia sussurrado Elisabeth, nos braços de

Annete, antes de soltar-se repentinamente e sumir, sem mais palavras. Naquele mesmo dia, durante o jantar, Annete havia falado do dito encontro a ele, Martin Münch, e lhe pedido para ter uma conversa “de homem para homem” com Gottfried, para que este parasse com as brutalidades contra a sua pobre esposa. Contudo, não o havia feito até o momento não por falta de oportunidade, como dissera à Annete. Na verdade, fora por medo.

— Sobre o que está pensando, Martin Münch?

Gottfried Hoffmann parecia observá-lo minuciosamente. Tinha os olhos vermelhos e os cabelos engordurados, como se não os lavasse havia semanas. Não se dava mais ao trabalho de prendê-los em uma trança, nem cuidava da sua aparência de qualquer outro modo.

Martin Münch fingiu-se aturdido.

— Sobre o que eu pensaria, Gottfried?

Hoffmann não respondeu, mas o olhou com desconfiança.

— Você parece estar pensando na minha mulher — disse ele, depois de um tempo de silêncio, e riu maliciosamente.

— O que o faz pensar uma coisa dessas? Por que eu pensaria na sua mulher?

Martin Münch tentou manter a voz firme. Não podia imaginar nada mais desagradável do que Gottfried Hoffmann enciumado. Nem por um momento pensava estar apaixonado por Elisabeth! Mas era perfeitamente possível que o outro imaginasse tal idiotice. Provavelmente deixaria que seus cachorros o caçassem por Sachsenhausen, antes de jogá-lo para ser devorado pelo urso.

— Vamos ao assunto! — interveio o cervejeiro, impaciente. — Está frio demais para ficar aqui parado.

Hildebrand Praetorius era um homem baixo, de corpo rijo, que estava sempre com pressa. Se a cabana não fosse tão pequena, ele certamente estaria andando de um lado ao outro. Nunca ficava parado. Emanava uma aura desagradável.

— Concordamos que é preciso conter a disseminação do café, por ser nociva aos nossos negócios — leu ele numa folha de papel.

A cara vermelha de Gottfried Hoffmann, típica de um beerrão, já havia se fechado quando Praetorius interrompeu sua conversa com Martin Münch. Agora, seu semblante era perigoso. Ele sempre havia sido o líder do grupo. Que um outro assumisse esse papel, ele permitia somente porque precisava do cervejeiro. Entretanto, não conseguia esconder seu desgosto. Praetorius, contudo, não se deixou desconcertar.

— O café tem de ser combatido com todos os meios que tivermos à disposição — continuou a leitura.

— Não deveríamos falar sobre o que deu errado com nosso último plano antes de fazer um novo? — interrompeu Martin Münch.

Sentiu-se bastante corajoso por oferecer resistência, mesmo sabendo que poderia apenas retardar os planos de Hoffmann.

Os olhos deste estavam fixos no alambiqueiro Jockel Lauer, como se o responsabilizasse pelo desastre com a vidente.

— A falha foi de Jockel. Ele não manteve o marido daquela mulher sob controle como deveria. Aquele morto de fome, que ainda me deve o pagamento de três cubas do meu melhor vinho de maçã. E este, por sua vez, não tinha o controle sobre a sua mulher, aquela vagabunda leitora de café! Belo espetáculo ela deu, como se escuta por aí! — ele sorriu com desprezo, mostrando os tocos dos dentes amarelados. — De qualquer maneira, a abordagem suave não funcionou — prosseguiu ele — e, por isso, o faremos diferente da próxima vez, não é mesmo, Jockel?

Nenhuma reação se mostrou no rosto do produtor de aguardente.

— Da próxima vez, terá que deixar as pessoas com medo de verdade, entendeu? É preciso que fique

bem claro o que acontece com quem não obedece!

— Mas o que devo fazer na sua opinião? Mostrei a faca à velha, encostei-a no pescoço do seu marido. Deveria tê-los matado?

Martin Münch não duvidava, nem por um segundo, que a pergunta do alambiqueiro era séria.

— Não, não, pelo amor de Deus! Era o que faltava! — exclamou Praetorius, horrorizado. — Não nos ateremos mais a mesquinhas, como essa tentativa de intimidar a senhora Berger — acrescentou ele, como se fizesse parte da cruzada contra a dona do Café Mühle desde o começo. — Desta vez, armaremos nossa resistência de forma monumental.

Ele parecia zangado por ter sido interrompido e abismado com a pergunta de Jockel. Isso havia ido longe demais.

— Afinal, não é pelos nossos negócios, mas pela saúde da população!

O produtor de aguardente havia decorado essa frase a duras penas e agora a repetia sempre que encontrava oportunidade. Gottfried Hoffmann lhe havia repetido inúmeras vezes que sua missão mais importante era salvar os outros dessa bebida maldita e viciante. Até então, sua única inimiga havia sido Joanna Berger, mas agora que se aliaram a Hildebrand Praetorius, tinham um objetivo sublime: a preservação da saúde da população de Frankfurt. Afinal, todos eles haviam ouvido falar de pessoas acometidas por delírios febris devidos ao consumo desmedido do café.

Martin Münch não acreditava no que ouvia. Era inconcebível que um dono de alambique clandestino quisesse proibir outras pessoas de beber café por preocupar-se com a saúde delas! Um homem, que não via problema algum em ameaçar seu próximo com a morte, agora queria proteger este de uma bebida nociva! Estúpido como era, Jockel Lauer parecia começar a acreditar em suas próprias palavras. Entretanto, Martin Münch fazia sinal afirmativo com a cabeça, com a mesma solenidade de Hoffmann e Praetorius.

O cervejeiro tirou mais uma folha cheia de escritos da sua pasta.

— Tomaremos duas providências para manter Frankfurt livre de costumes estrangeiros que não combinam conosco e deixam nosso povo nervoso e, ao mesmo tempo, preguiçoso. O estômago mouro pode até suportar uma bebida como essa, mas o corpo do cristão é diferente. Cerveja, vinho e *schnaps* — estas são bebidas alemãs. Isto é o que conhecemos e com isso ficaremos.

Como se esperasse aplausos, olhou para o grupo.

Jockel Lauer e Gottfried Hoffmann batiam os punhos na mesa, em aprovação, como se o cervejeiro acabasse de fazer um discurso para a nação.

Martin Münch não tinha outra opção a não ser bater na mesa também. Raramente havia ouvido tanta besteira. Afinal, cada um deles, em sua profissão, lidava com gente que não era apenas nervosa e preguiçosa, mas bêbados inveterados em sua maioria. Todos eles conheciam famílias destruídas porque o pai ou a mãe gastavam tudo em bebida. Entretanto, seu aplauso veio tarde demais e os outros perceberam seu vacilo.

— O que foi, Martin? — perguntou Gottfried Hoffmann. — Por acaso você não compartilha da mesma opinião?

— De jeito nenhum, essa é e... e... exatamente a minha opinião.

“Por quanto tempo teria de aguentar?”, perguntava-se Martin Münch, exausto. Seria mesmo tarde demais para cair fora? Ele conhecia os métodos de Jockel Lauer. O alambiqueiro ameaçaria a sua família também?

— Primeiro passo: precisamos conseguir o apoio dos farmacêuticos. Não deverá ser difícil. Afinal, até agora, eles não ganham nada com o café. Mas quando ficar claro que a bebida é uma droga e que deve ser vendida somente na farmácia, eles lucrarão — continuou Praetorius.

— Segundo passo: minha esposa, que está tão preocupada quanto nós, levou o tema para a sua reunião de senhoras. Elas estão preocupadas com a saúde das crianças. Parece haver famílias nas quais até os menores já bebem café. E do que muitos homens fazem nas cafeterias, nem se fala. Mesmo assim, as esposas, preocupadas, levantam essa questão. As casas de café são antros de luxúria. Com grandes esforços, conseguimos livrar-nos das casas de banho e agora a indecência migrou para as cafeterias. Isso tem que acabar! O grupo já compôs uma carta de esclarecimento, que será lida durante a missa. Depois, levará uma petição ao Conselho.

— Mas assim não incitaremos as pessoas contra toda espécie de tavernas e hospedarias?

Martin Münch bebeu o último gole, já frio, do seu copo. O vinho de maçã dos Hoffmann era mais insosso que o seu, constatou.

— Você sempre tem de achar defeito em tudo? — rugiu Gottfried Hoffmann.

— A ressalva é justa! — contradisse o cervejeiro. Ele sacou um relógio do bolso da casaca. — Devemos apressar-nos. Eu não tenho muito tempo. Com respeito à sua pergunta, Münch, eu penso a mesma coisa. Temos que agir com cautela. É imprescindível que fique claro que a licenciosidade acontece somente nas casas de café. Já conversamos com algumas meninas e lhes demos a entender quanto dinheiro poderiam ganhar ali.

Ele deu uma piscadela maliciosa para os outros.

— Isso tudo é muito complicado — interrompeu Jockel Lauer, resmungando. — E demorado. Mandemos simplesmente as meninas à casa de Joanna Berger!

— Em todo caso, não podemos perder Joanna Berger de vista — concordou Gottfried Hoffmann imediatamente.

— E não perderemos. Apesar de que eu ainda não entenda o cuidado especial com Joanna Berger e a sua cafeteria. Ela é, por acaso, alguma espécie de líder? — perguntou Praetorius.

— Ela é — afirmou Hoffmann, com firmeza na voz.

— Então esse é o motivo — Praetorius levou a mão à testa, como se houvesse entendido finalmente. — Se ela é a líder, é óbvio que teremos que cuidar dela com prioridade.

— E ela é uma meretriz — arrematou Hoffmann, sombrio. — Uma intrigueira, que incita as esposas contra os maridos.

— Nesse caso, será fácil. Arruinaremos a sua reputação. Espalharemos boatos de que ela é uma prostituta que seduz os homens e incita as mulheres contra eles. Cuidaremos para que nenhuma mulher queira que seu marido pise na sua cafeteria. Colheremos os depoimentos de algumas meninas e iremos até o Conselho requerer o fechamento do estabelecimento.

Gottfried Hoffmann e Jockel Lauer concordaram com movimentos da cabeça.

— Ao mesmo tempo, daremos início às outras providências. E precisamos encontrar aliados! Sei que encontraremos, pois não somos os únicos que se preocupam com isso.

— Devemos tentar convencer seus serviçais a virarem-se contra ela. Devemos falar com eles para descobrir se há alguém disposto a aceitar uma oferta de nossa parte. Não podemos arriscar outro fiasco como o da vidente.

Ávido por aplausos, Jockel Lauer olhou à volta. Seu orgulho era evidente por haver, ao menos uma vez, contribuído com uma ideia.

— Jockel tem razão — concordou Gottfried Hoffmann, com um sorriso. — Precisamos de um testemunho contra Joanna Berger. Alguém que tenha visto a prostituição com os próprios olhos. Infelizmente, você não seria indicado, meu querido Jockel, para frequentar o café — ele deixou o olhar vagar pelo grupo, até pousá-lo sobre Martin Münch. Seus olhos faiscavam quando, enfim, exclamou: — Mas você é a pessoa certa, Martin!

Os outros olharam espantados para o homem alto e loiro, com o nariz protuberante como o bico de uma águia, cuja aparência não tinha nada de discreto.

O coração de Martin Münch pareceu cair nas suas calças. Gottfried Hoffmann não podia estar falando sério!

— Por que eu? — perguntou ele.

— Por que não? — arrematou Gottfried com a voz perigosamente serena e fitando-o com seus olhos vermelhos.

— Mas, Martin! — intrometeu-se Jockel, solícito, depois de um momento de indecisão. — Não temos outra alternativa! A puta da Berger conhece bem o Gottfried. O senhor Praetorius é uma personalidade conhecida na cidade inteira, e eu, bem — riu ele por entre os dentes —, eu realmente não sou indicado.

“A cara de bandido de Jockel realmente não inspirava confiança a ninguém”, pensou Martin Münch. Mesmo quando, excepcionalmente, não pensava em maldade alguma, as pessoas olhavam-no com desconfiança, seguravam seus moedeiros e buscavam um representante da lei. Jockel Lauer correspondia exatamente à imagem que o cidadão de bem tinha de um malfeitor.

— Mas eu chamo muita atenção — protestou ele.

— Você está querendo é tirar o corpo fora! — atacou-o Gottfried Hoffmann, zangado, e chutou a canela do seu vizinho por debaixo da mesa, fazendo os copos baterem.

— Acalmem-se, senhores — tentou apaziguar o cervejeiro.

— Você não conseguirá se safar! Ou você não concorda com nossa causa?

— Sim, sim, naturalmente — gaguejou Martin Münch, tocando a canela dolorida.

“Ele teria de dar-lhes algo para manter sua credibilidade”, pensou. Quanto mais ouvia sobre a dona do Café Mühle, mais interessante ela lhe parecia. Ele a havia visto somente uma vez, havia algumas semanas, parada em frente ao seu café, quando coincidentemente passara por ali. E como ele até então não havia estado na linha de frente na guerra contra as cafeterias, era bem possível que ela nunca houvesse tomado notícia dele. Se fosse sincero, teria que admitir que admirava Joanna Berger de todo o coração por resistir tão corajosamente às investidas de Gottfried Hoffmann e Jockel Lauer, seguindo adiante, ao que tudo indicava, sem se impressionar. Além disso, havia lhe parecido extremamente atraente, com sua aparência graciosa e os cabelos vermelhos aparecendo por baixo da touca. A pele muito pálida e os olhos castanhos faziam um belo contraste. Ela possuía a aura de uma pessoa que um dia faria algo grande, mesmo se ela mesma ainda não soubesse. E parecia ser alguém que ia ao fundo das coisas, que não fazia nada pela metade e que lutava até o final.

De repente, sentiu uma espécie de alegria antecipada por finalmente poder conhecer pessoalmente a mulher da qual se falava tanto. Mesmo que as circunstâncias não fossem do seu agrado, talvez pudesse tirar algo de proveitoso da situação. Pelo menos teria a oportunidade de conversar pessoalmente com essa mulher forte e fascinante.

1. A Ordem dos Cavaleiros Teutônicos de Santa Maria de Jerusalém, ou Ordem Teutônica (*Deutscher Orden*), foi uma ordem militar cruzada, vinculada à Igreja Católica. Quando Napoleão Bonaparte determinou sua extinção em [1809](#), a Ordem perdeu as suas últimas propriedades seculares, mas existe até hoje. O decreto papal emitido por Pio XI, em 1929, transformou os cavaleiros teutônicos numa ordem clerical composta de sacerdotes, padres e freiras. Atualmente, tem sua sede em Viena, Áustria, e trabalha primordialmente com objetivos assistenciais. (N.T.)

2. *Bullenbeißer* (“mordedor de touros”): na época, as brigas de cães e outros animais eram bastante populares, e altas somas em dinheiro eram apostadas nesses eventos. A raça inglesa Buldogue, a alemã Boxer e a catalã Ca de Bou foram originalmente criadas com essa finalidade.

3. *Schnaps*: aguardente.

[4.](#) Zeil: hoje uma das principais ruas de comércio da Alemanha, na época se destacava por suas tavernas, hospedagens e restaurantes e pelo esplendor arquitetônico.

Capítulo 3



O vozerio alto e um cheiro penetrante de comida saudaram Joanna ao entrar no salão do Café Mühle.

Havia saído para fazer umas compras urgentes e, naquele ínterim, o café havia enchido. Hannes, seu cozinheiro alsaciano, descansava, como todos os dias depois de cozinhar, com um copo de café fumegante, e observava Scott trabalhar. Após ter cumprimentado alguns clientes e apertado várias mãos, sentou-se à mesa da família junto ao cozinheiro.

— Você conseguiu tudo? — ele a saudou.

Hannes havia se sentado de tal forma que podia observar as panelas no fogo, mesmo durante a sua pausa.

— Não encontrei o leite.

Joanna sentou-se no banco à sua frente. Um momento apenas, um instantinho, queria estar sentada e dar as costas aos acontecimentos. Em pouco tempo voltaria a cuidar de tudo.

— Veja! Alguém me deu isto hoje pela manhã, no caminho para cá.

Hannes entregou-lhe um papel amassado. Ele era um homem forte, com cachos loiros escuros. Suas faces eram vermelhas, pois consumia *schnaps* com frequência.

O que seria isso agora? Joanna havia aprendido a ler e escrever depois de adulta. Adam lhe havia ensinado. Ela era apenas uma simples camponesa e ninguém acreditara que essas capacidades lhe seriam úteis um dia. Todas as noites, quando as crianças dormiam e o café estava fechado, Adam praticava com ela. Ainda agora, tinha certa dificuldade para ler: podia reconhecer rapidamente as palavras mais curtas, mas para as longas precisava ler cada letra separadamente, em voz alta, para depois juntar as sílabas uma a uma. Na maioria das vezes, o resultado fazia algum sentido. Quando não sabia mais o que fazer com sua correspondência, corria para a loja de Ludwig Haldersleben, que, apesar de desperdiçar seu tempo dando-lhe um discurso completo sobre cada palavra, estava sempre disposto a ajudá-la.

— Cidadãos — leu ela então —, mantenham-se afastados das indecentes casas de café! Fiquem com suas famílias! Não se deixem seduzir por mulheres fáceis e bebidas com drogas! Venham à nossa reunião contra a indecência das cafeterias no primeiro dia da feira, ao meio-dia...

Joanna sacudiu a cabeça, enojada. Uma mecha de seu cabelo vermelho soltou-se da touca. Com o tanto que corraera hoje, não admirava que seu penteado não aguentara. Meteu apressadamente a mecha de volta para debaixo da touca.

— São todos malucos! Ninguém vai acreditar nisso!

Hannes bebeu o último gole do seu café.

— Não diz quem convocou a reunião. Será um novo ataque de Hoffmann?

Por causa do calor na sala, seu rosto largo estava ainda mais vermelho que de costume.

Joanna deu de ombros. Não, isso ela não podia imaginar. Gottfried a odiava porque a considerava responsável pelas dificuldades que tinha com Elisabeth. Um ataque abrangente contra todas as cafeterias de Frankfurt era atípico para ele. Suas investidas eram sempre voltadas diretamente contra ela.

— Não, eu acho que isso não vem do nosso inimigo favorito. Isso deve ser coisa de algumas mulheres histéricas, amarguradas por seus maridos passarem seu tempo e deixarem seu dinheiro na cafeteria.

— Ou invejosas, por não poderem vir aqui também!

Com uma piscada significativa, o sapateiro Denzel, vizinho de Joanna, sentou-se no banco junto ao cozinheiro.

— Então, na sua opinião, as mulheres simplesmente estão desgostosas por terem de ficar em casa, enquanto seus maridos estão se divertindo? — perguntou Joanna.

— Naturalmente! Está claro, não está? Você não acreditaria nas coisas que minhas clientes me contam! A maioria delas sofre por não ter um espaço fora das suas quatro paredes onde possam se encontrar. Onde possam conhecer outras mulheres ou mesmo ver um pouco do que os senhores da criação costumam fazer.

O sapateiro riu baixinho, tirando laboriosamente a casaca. Em sua sapataria faziam-se as pantufinhas mais chiques da cidade. As clientes vinham de longe, de Hanau, Höchst e Homburg. As pantufas, o hábito frequente de piscar e tudo o mais nele faziam um contraste esquisito com a sua acentuada religiosidade. A família Denzel fazia parte da Igreja Moraviana¹. Haviam passado muitos anos na comunidade do conde de Zinzendorf, o fundador da irmandade, vivendo estritamente de acordo com a Bíblia. Somente após a morte do pai de Gregor Denzel, que o obrigou a assumir as rédeas do negócio, a família voltou para a sua cidade natal. Em pouquíssimo tempo, Denzel havia construído uma reputação excelente. Mal conseguia atender aos pedidos de todas as senhoras da alta burguesia da cidade. Mas Joanna desconfiava que não eram somente as pantufinhas que traziam as cidadãs à sua loja. Apesar da sua pálpebra direita pender um pouco para baixo em decorrência de um antigo acidente de carruagem, o sapateiro era um homem atraente — e entendia as mulheres, como a própria Joanna já havia percebido. Ele sabia dar-lhes atenção, colocar-se no seu lugar, fazer-lhes elogios. Falava dos seus pezinhos delicados ou da graciosidade elegante das suas panturrilhas... Havia boatos acerca dele com o universo feminino, Joanna sabia — mas não acreditava que houvesse algo de verdadeiro neles, pois Denzel era ortodoxo demais em sua crença.

— Acredite em mim: eu conheço as mulheres! — orgulhou-se o sapateiro. — Eu sei o que sentem no fundo das suas almas, querida Joanna. Sei do que as damas gostam e do que não lhes agrada. Principalmente aquelas das quais se pensaria que estão tão bem com seus muitos serviços e suas roupas finas — essas sofrem de um tédio terrível. Por que você acha que essas senhoras vão tanto à minha oficina? Uma prova aqui, um adiantamento ali, uma alteração de pedido ou um adicional. Tudo isso se poderia resolver em um único encontro ou até mesmo mandando uma serviçal. Mas não, elas querem mudar de ares! E as poucas mulheres ricas, que passam o dia todo nas lojas de seus maridos vigiando os empregados, também merecem um pouco de distração. Elas também precisam de uma pausa. Afinal, por que elas seriam diferentes de nós, homens?

Joanna concordou, circunspecta. Quanta razão tinha! Ela lembrava-se bem de como a vida lhe parecia sem graça quando ainda morava no campo, em Bornheim.

É certo que em uma granja sempre havia muito o que fazer, mas não havia comparação. Lembrava-se do quanto cada visitante a alegrava simplesmente por quebrar a rotina com sua presença. Desde o dia em que se casou com Adam e passou a trabalhar diariamente no Café Mühle, ela mesma não podia queixar-se de falta de diversidade e contato com outras pessoas. Pelo contrário. Muitas vezes havia desejado mais calma e solidão. Mas quem dirige uma cafeteria precisa estar presente quando os clientes vêm.

A ideia veio como um relâmpago. Como seria se ela simplesmente convidasse as mulheres invejosas de seus maridos bebedores de café à sua casa? Sem os homens, é claro. Sim, era isso o que faltava nesta cidade: uma casa de café somente para mulheres! E a sua seria a primeira! Ou melhor: a primeira a ter um salão de senhoras, um espaço separado dentro do Café Mühle, onde as clientes pudessem estar entre si, quase como em casa. Uma espécie de sala de estar, com café, bolo e música.

— Joanna, que sorriso misterioso é esse? Até parece que eu lhe dei uma ideia. É isso?

Mais uma vez, o sapateiro Denzel piscou o olho sã para ela. Joanna balançou a cabeça levemente. Era realmente difícil esconder algo desse homem! Mas ela manteria sua ideia em segredo por enquanto. Antes de falar, teria que pensar bem em tudo.

— Bem, eu vou olhar a comida. Teremos ensopado de couve-lombarda com toucinho — disse Hannes com um gemido.

Havia passado o tempo todo escutando, com cara de desinteressado, como que para frisar que estava em sua pausa e não tinha nada a ver com a história. Ele pegou a colher de pau na mesa à sua frente, cumprimentou Denzel com um movimento de cabeça e levantou-se, desajeitado. Deixou a xícara de café vazia sobre a mesa.

— O que posso lhe oferecer, prezado senhor Denzel? — perguntou Joanna educadamente ao sapateiro, sem dar atenção ao seu comentário.

Antes que Denzel pudesse responder, Anne chegou voando, ágil como uma doninha. Com uma touca fresca e avental engomado, chegava para o turno da noite.

— O de sempre? — perguntou ao sapateiro.

— O de sempre — respondeu ele.

— Você acha, então, que o que falta às mulheres é distração? E que elas invejam seus maridos simplesmente porque eles podem divertir-se fora de casa? — perguntou Joanna, depois que Anne desapareceu na cozinha. Procurou manter um tom casual para que o sapateiro não pensasse que ela queria extrair mais informações dele.

A ideia de um salão somente para mulheres não lhe saía mais da cabeça. Era *a* ideia de negócio! Aquilo que ela sempre havia buscado! Daria uma ducha de água fria na concorrência, regozijou-se internamente.

— Tenho certeza disso! Minha esposa se queixa todas as noites por não poder acompanhar-me quando saio para uma xícara de café no Café Mühle. Obviamente, ela nunca o admitiria. Afinal, dizem que apenas mulheres de vida fácil frequentariam uma casa de café — ele hesitou por um momento e, então, continuou: — À parte da anfitriã e das serviçais, é claro!

Ele sorriu para Anne, que lhe serviu um copo de café e contorceu suas feições em fingida indignação por suas palavras.

Joanna tinha grande consideração pelo vizinho, que não caiu na tentação, em momento algum, de provar o café da barraca ilegal da Römerberg.

— Eu me sinto muito à vontade aqui. Seu café é o melhor, não preciso provar nenhum outro — disse ele, quando ela mencionou a concorrente.

O cheiro de comida que vinha do fogão ficou tão forte que ela de repente deu-se conta do quanto estava faminta. Havia pouco, sentiu-se terrivelmente cansada, mas sua nova ideia de negócio devolveu-lhe o entusiasmo. Sua vontade era de levantar-se e anunciá-la a todos no salão. Mas não, a concorrência não devia saber de nada ainda. Por outro lado, não conseguiria guardá-la somente para si.

— Eu vou fazê-lo! — explodiu ela em direção ao sapateiro.

— O quê?

— Eu abrirei um salão para senhoras. Imagine... — ela virou-se em direção ao salão, indicando a sala dos fundos. — Mudarei a mesa de bilhar para cá e ajeitarei a sala separada para que as senhoras sintam-se bem à vontade. É uma ideia nova e sensacional! Todas elas virão — disse ela, triunfante.

— Então é isso que você tanto pensava enquanto conversávamos aqui sentados! — Denzel riu, divertindo-se.

— Mas você tem toda razão. Parece mesmo uma ótima ideia.

Bebeu um gole de café e ficou em silêncio por um momento.

— Você poderia deixar panfletos na minha loja — disse então. — É claro que eu recomendaria às

minhas clientes. Que cada qual não cuide apenas do seu, mas também do que serve ao seu próximo! — declamou com expressão solene.

Joanna suspeitou que o sapateiro estivesse pensando em ganhar uma comissão pelas suas indicações, porém não sentia vontade alguma de negociar com ele agora. Denzel estava sempre com a palavra de Deus nos lábios, mas seria incapaz de levar a vida de um monge.

— Talvez não venham as mais nobres das nobres. Contudo, uma xícara de café depois de uma compra de sapatos certamente seria do agrado das minhas clientes...

Sem que Joanna a houvesse escutado, Anne apareceu de repente ao seu lado, soltando apressada as duas tigelas fumegantes de ensopado de couve sobre a mesa. Ela já havia se virado para ir, quando Joanna a chamou:

— Onde estão Margareth e Lili?

Depois da morte de Adam, suas enteadas de 10 e 13 anos tinham somente a ela. Tinha de ir logo vê-las.

— Estão comendo com Sybilla. Ela as levará para a cama.

Anne estava apressada demais para falar em sentenças completas. Já estava outra vez a caminho do fogão, onde Hannes, com uma grande concha, enchia uma tigela atrás da outra.

Pontualmente para o jantar, o cartógrafo entrou pela porta da rua. Educadamente, pediu licença e, com as medalhas tilintando, sentou-se em seu lugar habitual, ao lado do sapateiro, colocando um papel bem enrolado ao seu lado.

— Vou vendê-lo ao Eisenzink — respondeu ao olhar inquisidor de Joanna, o dono do moinho de pólvora. — Trata-se de um mapa da Itália superior, para onde estão de viagem.

— A senhora Berger tem uma nova ideia de negócio. Ela pensa em abrir um salão para senhoras — disse Gregor Denzel, voltando ao tema sem rodeios, enquanto degustava seu ensopado.

— Esplêndido! — concordou o cartógrafo, balançando vigorosamente a cabeça. Um pouco de poeira caiu da sua peruca sobre a mesa. — Com certeza, seria algo para a minha irmã.

Cornélia Haldersleben cuidava da casa para o seu irmão desde que havia ficado viúvo. Havia deixado seu marido sozinho em Darmstadt. Os filhos haviam saído de casa fazia tempo. Ela era uma senhora já de idade, resoluta, que usava o cabelo fino em um coque, com dignidade. Todas as manhãs, dava aulas a Margareth e Lili, ensinando-as a ler, escrever e calcular. Na parte da tarde, as meninas podiam assistir a Ludwig Haldersleben produzindo seus mapas. Lili tinha toda a certeza de que seria cartógrafa quando crescesse. Para Margareth, a mais velha e mais sensata das duas, o único futuro que via era o de herdar o Café Mühle.

— Sua irmã poderia ser uma espécie de anfitriã — seguiu desenvolvendo a ideia o sapateiro Denzel. — Ela seria a pessoa perfeita para isso. Se a sua irmã vier, provavelmente até a minha esposa virá, pois então saberia que se trata de uma coisa honrosa.

Ele olhou de canto de olho para Joanna, como se ela pudesse ter ficado ofendida com o comentário. Mas Joanna apenas se surpreendeu mais uma vez por ninguém nunca falar uma palavra sobre o fato de Cornélia Haldersleben ter abandonado o seu marido. Parecia que todos preferiam fazer de conta que ela era viúva — embora esse fosse o papel de Joanna.

— Vou deixá-los a sós, meus senhores! Preciso dar uma olhada nas minhas meninas.

Agilmente, pegou seu prato vazio, a xícara de Hannes e levantou-se, deixando o sapateiro e o cartógrafo à vontade para arquitetarem seus planos. Considerava-se sortuda por ter vizinhos tão solícitos. Em princípio, eram mesmo amigos. Em todo caso, eram pessoas nas quais podia confiar — o que ficara confirmado mais de uma vez nas horas difíceis após a morte de Adam. Os Haldersleben, o sapateiro Denzel e alguns outros estiveram sempre presentes ao seu lado, seja com conselhos, seja com atitudes. A única coisa que realmente lhe faltava era uma boa amiga, como Elisabeth havia sido. Uma amiga à qual

pudesse confiar seus medos, suas fraquezas e seus desejos mais profundos. Seus vizinhos todos deviam pensar que ela tinha a vida sob controle — alguma dificuldade financeira aqui, o aborrecimento com o Hoffmann ali, mas, afinal, ela dava conta de tudo. Ah, se fosse assim! Nunca havia contado nada a ninguém sobre as muitas noites nas quais não pregava um olho por causa das preocupações e da exaustão, ou chorava de solidão e de tristeza, até, finalmente, o sono chegar. Algumas vezes havia pensado se devia confidenciar-se com Cornélia Haldersleben. Contudo, por ser muito mais velha e pelo olhar sério de madre superiora, a outra a intimidava. Em sua presença, Joanna sentia-se como uma noviça no convento. Não, ela precisava de uma amiga de verdade, da sua idade, com quem pudesse trocar ideias. Ou de um homem, que ficasse ao seu lado e a protegesse, como Adam fizera.

Ela espremeu-se para passar por alguns clientes, que comiam em pé e discutiam seus negócios acaloradamente, para chegar até o fogão.

— Ah, a anfitriã! — tentou puxar conversa o mestre tanoeiro, enquanto batia com os dedos contra sua tabaqueira de rapé para tomar sua dose digestiva.

— Prazer em vê-lo, mestre Volckhardt! — saudou-o Joanna, já passando por ele. — Desculpe-me! Preciso ir ver as minhas meninas.

De jeito nenhum queria ouvir de novo a história da sua mudança. O tanoeiro havia se mudado da Bendergasse² para a

Garküchenplatz³ e contava todos os dias como estava feliz com a sua nova morada. Totalmente diferente da Bendergasse, onde lhe davam nos nervos — marteladas o dia inteiro. E tudo do que falam são barris, tinas, cubas, barricadas e baldes. É um outro mundo lá na Garküchenplatz. Moramos entre a casa de ferragens e a do operador do guindaste⁴ da Leonhardstor⁵. É muito mais tranquilo — costumava dizer.

O ensopado continuava cozinhando sobre o fogão. Sybilla tirou o caldeirão grande do gancho e derramou a água fumegante em uma tina de madeira, na qual já estavam os pratos e talheres sujos. Um pouco da água transbordou sobre as tábuas do assoalho. Anne e Sybilla pegaram a tina, uma em cada lado, e carregaram-na para a lavanderia.

— As meninas já estão na cama — informou-lhe Sybilla, enquanto andava.

— Obrigada, Sybilla!

Joanna subiu apressadamente a escadaria para o segundo andar, onde sua família morava. O primeiro andar era reservado a hóspedes. As meninas dormiam profundamente. Ela abafou sua consciência pesada por ter sido mais uma vez Sybilla, e não ela, que levava as duas para a cama, e correu para o escritório. Abriu a velha escrivaninha de Adam, colocou o candelabro sobre a mesa e pegou da pequena prateleira dos livros contábeis um grosso caderno de notas. Desajeitadamente, pegou uma pena e abriu o pote de tinta. Ela mergulhou a pena na tinta ferrogálica e, em sua caligrafia infantil, listou o que teria de comprar para o salão de senhoras.

Quando terminou de somar todas as parcelas — calculava melhor que escrevia —, chegou a um valor de mais de duzentos florins. Uma soma considerável. De onde poderia tirá-la? O salão de senhoras era realmente uma ideia grandiosa que pedia para ser realizada. E, na realidade, era mais que isso: era sua última chance. Com o salão de senhoras deixaria a concorrência para trás de uma vez por todas e estabeleceria definitivamente o Café Mühle na cidade.

Ninguém mais tinha algo assim. E não havia mesmo chegado a hora de oferecer um pouco de diversão às mulheres?

Ela ficou ali, analisando os números, cortando daqui e dali, mas o valor não se alterava. Duzentos florins! Joanna fitava a luz dançante das velas. Havia passado dois anos desde a morte de Adam. Mais por sorte que por juízo, havia conseguido manter o negócio até agora. A pergunta era: por quanto tempo mais? O faturamento havia baixado bastante nos últimos meses, sabia-se lá por quê. E agora, com essa

campanha contra as cafeterias, certamente diminuiria ainda mais. Então, se não quisesse fechar as portas, restava-lhe somente o progresso. Sim, o salão de senhoras era realmente a sua última esperança! Tinha de arranjar o dinheiro de alguma forma, mesmo que fosse endividando-se!

Joanna levantou-se e empurrou a cadeira para trás. Lá fora estava escuro como breu. Nem mesmo a lua brilhava. Os últimos clientes já deviam ter ido para casa havia tempo e para ela também era hora de ir para a cama. O dia seguinte seria cansativo e precisaria de toda a sua força para dar início ao salão de senhoras e salvar o Café Mühle. Devia isso a Adam e às meninas.

1. A Igreja Moraviana, ou *Herrnhuter Brüdergemeinde*, originou-se por iniciativa do conde Nikolaus Ludwig von Zinzendorf, que, em 1722, passou a abrigar fugitivos protestantes das Guerras Hussitas em sua propriedade na Boêmia. Após a sua morte, a comunidade assumiu a propriedade e o castelo.
2. Bendergasse: rua no centro histórico de Frankfurt. Em português, significa Beco dos Tanoeiros. (N.T.)
3. Garküchenplatz: praça no centro histórico de Frankfurt.
4. Os guindastes para carregar e descarregar navios surgiram na Idade Média. Frankfurt tinha dois deles no porto do Rio Meno.
5. Leonhardstor: um dos portões históricos da cidade.

Capítulo 4



O movimento no Judengasse¹ era intenso. Quando Joanna atravessou o portão, que permanecia fechado à noite e aos domingos e feriados para manter separados os moradores do beco dos cristãos, viu uma multidão à sua frente. Decidiu que passaria simplesmente, sem se deter. Era tarde demais quando percebeu que o beco todo estava entupido de gente. Quando deu por si, estava em meio à massa, mal conseguindo respirar, e quando, sentindo já o pânico, resolveu voltar em direção ao portão, já não havia como. Todos os caminhos de fuga estavam fechados e ela estava presa. De todos os lados havia alguém que a empurrava. Gritos e injúrias ecoavam pelo beco. Um jovem grosseiro com *peiot*² curtos, que vinha da direção contrária, empurrou-a desabusadamente contra o flanco de um boi.

— Cuidado, olhe por onde anda! — gritou atrás do moço, que nem ao menos se virou.

O boi puxava um carro carregado de madeira e parecia estar sozinho. Se o deixavam andar por aí, sem o vigiar, pensou

Joanna, não devia ser perigoso. Sua situação tornava-se cada vez mais desagradável. Sentiu frio no pé e olhou para baixo — frio e molhado. Era o que lhe faltava! Havia metido uma perna na calha de esgoto pela qual a água gelada escorria pelo meio do beco. Cuidadosamente, mudou o pé um pouquinho para a direita, até onde o pouco espaço permitia. Por precaução, deixou uma mão sobre o moedeiro que trazia preso por uma cinta na barriga. Aqui certamente estaria cheio de punquistas, aproveitando-se do rebuliço. Nos dois lados do beco, os lojistas tiravam rapidamente suas mercadorias do caminho. Algumas vendedoras ambulantes tentavam, sob protestos, levar suas barraquinhas a um lugar seguro. Logo o carrinho de uma delas foi derrubado, esparramando dúzias de pequenas maçãs murchas pelo chão.

Que confusão! Da última vez que estivera ali a coisa não havia estado tão ruim. O que estava havendo aqui hoje? Um empurra-empurra desses não dava para aguentar! Involuntariamente, veio-lhe à memória a lembrança dos dois grandes incêndios, que, havia não muito tempo, puseram o beco todo em chamas. No segundo, o dano nem fora tão grande, dissera-lhe Adam, mas as casas ainda não haviam sido todas reconstruídas. O Conselho da cidade obrigara os judeus a deixar suas moradas provisórias nas casas de famílias cristãs e voltar para o beco em ruínas. Não admirava que a população daqui sempre contava com a tragédia — que casas ruíssem, que pessoas fossem acertadas por tijolos caindo, que surgissem novos focos de incêndio! Não era cheiro de fogo que sentia agora mesmo? Não era uma nuvem de fumaça subindo ali, sobre os telhados? E ela aqui presa, entre todos esses corpos!

O estalo de um chicote a fez estremecer. Pensou ter sentido o vento do açoite no seu rosto. Diretamente à sua frente, um cavalo empinou-se, lançando subitamente os cascos dianteiros para o ar. Seu cavaleiro, um jovem que, a julgar pela roupa, não era judeu, parecia ter pressa e queria abrir caminho pela multidão. O cavalo, porém, obviamente não concordava. Joanna viu a dificuldade do jovem em manter-se na sela sobre o lombo quase vertical do animal.

— Quietos! — gritou ele para o cavalo, agitando novamente o relho, ao mesmo tempo que puxava as rédeas e metia as esporas no ventre do animal.

Contudo, o morzelo amotinou-se ainda mais, passando a dançar em círculos sobre as pernas traseiras.

Em um piscar de olhos, uma área livre surgiu em torno dele; todos ficaram com medo de serem acertados por um casco. Os da primeira fileira pressionavam-se cada vez mais contra os de trás. Joanna ouviu o grito de uma criança que era empurrada para debaixo do boi ao seu lado.

— Não! — soluçava o menino.

— O que aconteceu, garoto?

O pai do menino tentava, com a ajuda de Joanna, tirar o pequeno debaixo do boi — o único ali a não sentir pânico, ruminando sossegadamente —, quando um barulho, que parecia o de ossos quebrando, chegou aos seus ouvidos, seguido de um grito aterrador.

Por entre os ombros dos homens à sua frente, pôde ver uma mulher velha, de longo sobretudo negro, cair no chão. O morzelo, cujos cascos obviamente haviam quebrado as costelas dela, empinou-se uma última vez antes de sair em disparada, incentivado pelo ginete, abrindo uma brecha imediata na multidão.

— Um médico, chamem um médico! — gritou uma voz rouca de homem.

Alguns rapazes quiseram perseguir o cavaleiro, mas logo tiveram de reconhecer que nunca alcançariam o bicho saído a galope em razão da massa de gente que logo se fechou diante deles.

Joanna ficou paralisada. Com o terrível acidente que acabara de acontecer bem à sua frente, havia deixado de defender-se contra os empurrões dos que a circundavam e via-se agora de barriga para o flanco do boi, como se quisesse abraçar o animal por trás. Graças a Deus estava de costas para a mulher ferida, e não era obrigada a ver sangue e ossos estilhaçados! O grito que a velha soltara quando os cascos a acertaram ainda ecoava em seus ouvidos. Agora, a mulher nem mais gemia.

Finalmente, o pai havia logrado retirar seu filho renitente de debaixo da barriga do boi e sentá-lo sobre seus ombros. Enérgico e sem a mínima consideração, ameaçou espremer-se pelo lado de uma serviçal, que carregava uma cesta de ovos na cabeça. Os ovos pareciam ser a única preocupação da menina, que conseguiu realmente dar um minúsculo passo para o lado, abrindo passagem para o homem.

Joanna aproveitou a oportunidade: rapidamente se soltou do boi e agarrou o homem por trás, que abria caminho vigorosamente pela ruidosa multidão. Algumas das pessoas empurradas para o lado gritaram-lhes injúrias grosseiras. Dessa maneira, iam cada vez mais para o fundo do beco. Joanna tentava não pensar na velha, em cujo peito haviam pousado os cascos do cavalo. Os ferimentos lhe custariam a vida — se é que já não estivesse morta.

Pouco depois da sinagoga, passaram por uma obra, diante da qual havia uma carroça carregada de pedras. Dali para diante, enfim, a turba dispersava-se. Ela soltou-se do homem, que nem percebera que havia alguém agarrado a ele, e respirou fundo. Um cheiro desagradável vinha do canal, e ela tentou respirar somente pela boca. Percebeu, então, que seu corpo todo tremia. A sorte havia estado ao seu lado: apenas uma alça do seu vestido havia arreventado na confusão. E, como sempre, sua jarreteira esquerda se havia soltado; sentia sua meia já abaixo do joelho, mas aqui, no meio da rua, não dava para fazer nada a respeito. Seu sapato direito estava encharcado. Ela tateou o moedeiro: ao menos aqui, tudo parecia em ordem. Amanhã estaria cheia de marcas roxas pelo corpo. Com as pernas bambas, seguiu seu caminho.

Quando veio ao Judengasse pela primeira vez, um ano atrás, para comprar café de um merceeiro judeu que lhe haviam recomendado como bom e barato, achou tudo estranho e assustador. A partir de então, havia se acostumado ao aperto, à penumbra, ao cheiro de esgoto, às multidões de mendigos e vendedores ambulantes e às vestimentas exóticas dos moradores. Entretanto, situações como a que acabara de presenciar faziam-na pensar se fora realmente uma boa ideia ter vindo sozinha a essa parte da cidade.

Sua relação de negócios com Jehuda ben Abraham teve início quando dois de seus fornecedores, de uma hora para a outra, haviam parado de lhe vender café.

Não encontrou provas de que Gottfried Hoffmann estivesse por trás da coisa — embora fosse estranho que dois dos seus parceiros de negócios ficassem sem mercadoria ao mesmo tempo.

Naquela ocasião, Jehuda, por sua vez um cliente habitual do cartógrafo Ludwig Haldersleben, a havia ajudado. Mostrara-lhe nos mapas feitos por Haldersleben onde crescia o café que lhe vendia. A essa altura, já eram quase amigos; mesmo assim, mantinha-se sempre atenta para não ser passada para trás. Sua experiência com Jehuda contrariava a opinião vigente de que os judeus eram, em sua maioria, gananciosos e sorrateiros. Provavelmente, encontrara uma exceção. Ou, então, o pior estava por vir. Quem podia prever? De qualquer modo, manteria os olhos bem abertos e evitaria ficar em dívida com ele, mesmo tendo de admitir que conhecia mais gente que devia a cristãos que a judeus.

Apenas em uma coisa tinha de concordar com o padre: que os judeus houvessem pregado Jesus na cruz, isso não se podia perdoar. Se bem que Jehuda pessoalmente não tinha nada a ver com essa história antiga.

Sua mercearia na casa O Camelo de Ouro ficava entre uma gráfica e um bricabraque. Cerca de metade das mercadorias ficava exposta em grandes cestos, na rua. Joanna esquivou-se por entre uvas-passas, cebolas, velas, retalhos de tecido e carvão. Por cima da porta, bem abaixo da placa com o camelo, pendiam meias e luvas de lã que a filha de Jehuda, Deborah, tricotava. Em meio a tudo isso havia livros com misteriosas letras hebraicas nas capas. Embaixo do alpendre havia uma grande pilha de lenha que alguém parecia já ter revirado.

Quando entrou na loja, com o coração ainda acelerado, a meia de lã esquerda de Joanna havia descido até o tornozelo. O recinto tinha, no máximo, dez pés de largura e era iluminado por um único lampião, dando a mesma impressão dos corredores longos e escuros que levavam ao interior dos castelos. Havia mercadorias empilhadas por toda parte, de toda sorte e proveniência, e o cheiro da pequena mercearia era realmente único: primeiro, sentia-se o mofo, que era logo suplantado pelos perfumes exóticos de noz-moscada, canela e cravo.

Encontrou o merceeiro selecionando agulhas e alfinetes em duas pequenas tigelas. Como sempre, Jehuda vestia uma casaca de seda no último modelo da moda. Embaixo da casaca, usava uma longa túnica negra, com o grande e obrigatório colarinho de renda. Na cabeça, usava apenas o solidéu; seu chapéu estava pendurado em um gancho.

Joanna teve de sorrir. Que figura era esse merceeiro! Certa vez, ele lhe explicara que esse estilo de vestimenta deixava-o assegurado por todos os lados. A casaca de seda verde mostrava que andava na moda, mesmo que a peça luxuosa não fosse do agrado do presidente da comunidade, o Roschakol. Ainda se via claramente o lugar onde, até pouco tempo, havia estado costurando o anel amarelo³. Com a túnica, procurava cativar a simpatia do rabino, estratégia que, até o momento, não havia funcionado. E não haviam seus antepassados em *Sefarad*⁴, ou, como diziam os árabes, *Al-Andaluz*, usado roupas longas e largas, quando sentados nos pátios de seus palácios, ao som do murmurar das fontes?

Jehuda colocou a tigelinha de barro com os alfinetes no seu lugar na estante e dirigiu-se a ela com os braços abertos.

— Ah, senhora Joanna, como vai? E a família? Os negócios? — ele olhou-a com um ar preocupado quando ela não respondeu de imediato. — A senhora parece um pouco pálida. Está tudo bem?

Rapidamente, ele moveu algumas caixas, fazendo-lhe um lugar para sentar-se.

— Sente-se por um momento!

— Boa tarde, Jehuda. Havia tanta gente lá fora. Uma coisa dessas, eu nunca vi. As pessoas estão sendo pisoteadas! Uma mulher de idade foi ferida, sabe-se lá quanto! Eu acho que ela foi literalmente morta a patadas.

— Que horror, isso parece terrível! É que mais tarde começará o *Shabat*. Então, todos ainda querem resolver seus afazeres o quanto antes.

Joanna respirou fundo e percebeu como, aos poucos, suas forças voltavam. Depois da confusão na Judengasse, a calma e a reclusão na loja de Jehuda faziam-lhe bem.

— Tenho algo especial para a senhora. Um momento!

O comerciante sumiu apressado pelo corredor longo e escuro.

Joanna sabia que levaria um tempo para que voltasse do labirinto de porões e despensas por baixo da sua casa e aproveitou para reajustar a sua meia.

Quando Jehuda voltou, segurava uma lata grande sob o braço.

— Meu primo Baruch enviou-me isto de Salônica⁵.

Joanna havia ouvido falar do primo Baruch. Ele era imensuravelmente rico. Suas caravanas chegavam a Moca, no Mar Vermelho, até Bagdá e além do Golfo Pérsico. Ele trabalhava somente com mercadorias de qualidade excelente. Ela comprava café de diversas fontes, mas o de Jehuda era, sem dúvida, o melhor e o mais em conta.

A pequena mercearia era apenas um pretexto sob o qual Jehuda ben Abraham mantinha um próspero comércio por atacado. Seus clientes eram escolhidos a dedo, pois ele não tinha a mínima vontade de pelear-se com os comerciantes cristãos sobre se era permitido ou não aos judeus negociar café e em que quantidades. Para ele, tudo o que não era expressamente proibido era permitido. Essa era a opinião de todos os judeus, enquanto a postura dos comerciantes cristãos da cidade era exatamente oposta: tudo o que não era expressamente permitido aos judeus era-lhes proibido. Nesse ponto, os luteranos, reformados e católicos excepcionalmente concordavam entre si. No caso de qualquer novidade — e o café ainda era uma —, os envolvidos processavam uns aos outros extensivamente.

— Sinta o cheiro!

Cuidadosamente, Jehuda tirou a tampa e estendeu-lhe a lata.

Joanna mergulhou o nariz no recipiente e respirou fundo. Os grãos ainda verdes exalavam o perfume de um jardim com pessegueiros em flor. O que um perfumista não daria pela capacidade de criar algo tão suave!

— Se pudesse, me banharia nele — suspirou ela.

— É a colheita mais recente da Etiópia. Grãos selvagens. Veja só como são bonitos! — Jehuda pegou um dos pequenos grãos, de um verde-acinzentado. — Uma qualidade realmente excepcional!

Ele segurou o grão entre o polegar e o indicador e examinou-o com o olhar crítico de conhecedor.

— Acabaram de chegar de Veneza — continuou ele. — Embalados em tonéis hermeticamente fechados. Transportados em lombo de mula por sobre os Alpes, embora a maioria dos passos nas montanhas ainda esteja intransitável!

Carinhosamente, examinou o pequeno grão e então fechou rapidamente a tampa da lata, para que nada do precioso aroma se perdesse.

Do corredor escuro, surgiu o ajudante massudo e pálido de Jehuda, que passava grande parte do seu tempo nas arcadas subterrâneas, entre barris de vinho e cerveja, rolos de tecido e sacos de pimenta. Em uma das mãos trazia uma pequena panela árabe, com um longo cabo de latão, que exalava um cheiro maravilhoso de café. Na outra mão, segurava dois copos coloridos. Com um movimento da cabeça, cumprimentou Joanna.

— Ah, Samuel já preparou os grãos para nós.

Com expressão solene e gestos cerimoniais, Samuel serviu o café ao seu mestre e a Joanna e desapareceu novamente na escuridão.

Depois que o resíduo havia decantado para o fundo do copo, Joanna provou cuidadosamente a bebida fumegante.

— Realmente excelente!

Jehuda, de olhos fechados, também sorveu um gole do copo colorido e, em seguida, sentou-se atrás do balcão da loja. Ele empurrou a grande balança para o lado para que Joanna e ele pudessem ver-se

melhor.

Mergulhados em um silêncio quase religioso, bebiam a sorvos cautelosos o café, um pouco amargo, mas muito mais saboroso.

— Com esta qualidade, nem é preciso açúcar — constatou Jehuda, com entusiasmo. — Recebemos quinze barris — acrescentou, depois de mais um gole. — Eu tive que alugar mais um porão de um ferreiro na Fahrgasse para poder armazenar tudo.

— Na realidade, eu vim para pagar o que lhe devo...

Joanna depositou seu copo e bateu no moedeiro. Ela o havia prendido com tanta força por cima do umbigo que lhe apertava o estômago.

Ao ouvir suas palavras, Jehuda de imediato levantou os braços defensivamente, como se dinheiro fosse a última coisa em que pensasse. Como se estivesse fora de cogitação que Joanna pagasse a sua conta, na qual alguns itens figuravam havia meses.

— Contudo, naturalmente também precisamos reabastecer o estoque. E, com essa qualidade, é impossível resistir — afirmou ela, sorrindo.

— A senhora *precisa* levar algo deste lote! O pagamento tem tempo.

— Sabe, Jehuda, tenho que saber exatamente como estão minhas finanças, pois estou planejando uma reforma — explicou Joanna.

Apesar de não haver ninguém além deles na loja, ela baixou a voz a um sussurro.

— Mudarei a mesa de bilhar para a sala da frente e farei uma cafeteria para senhoras na dos fundos. Já encomendei um orçamento ao carpinteiro. Paredes cor-de-rosa, mesinhas de madeira de pereira, poltronas confortáveis, é nisso que estou pensando. E, naturalmente, café da melhor qualidade!

— Uma ideia fantástica!

Atrás da testa alta de Jehuda, as engrenagens começaram a trabalhar imediatamente. Ele depositou o copo de café sobre uma pilha de sabonetes e esticou seu corpo delgado para cima, para pegar um rolo grande de tecido da prateleira atrás do balcão.

— Isto é seda damascena original. Eu lhe faço um desconto. Baruch enviou-a de Damasco. Desde que o nosso Conselho Municipal passou a editar ofícios diariamente sobre o quão discreta deve ser a vestimenta da mulher judia, tornou-se difícil vendê-la por aqui. No beco, todas elas se vestem de preto. Somente em casa, onde ninguém vê, elas se arrumam.

Ele estendeu-lhe o rolo para que sentisse o tecido frio.

Jehuda lutava contra o seu destino, que o obrigara a viver em uma casa apertada em um beco estreito, escravizado pelos altos impostos e as mil regras que a cidade, o imperador, o Conselho e os rabinos lhe impunham. Sua família havia sido uma das fornecedoras oficiais do emir de Córdoba antes de ser obrigada a deixar a Espanha em 1492. Justamente o seu ramo da grande família não havia ido parar em Londres, tão melhor para os negócios, ou na ensolarada Alexandria, mas sim em Frankfurt, onde se tinha que trabalhar duro para conseguir pouco. E mesmo quem tinha sucesso era obrigado a viver no beco, o único lugar permitido aos judeus. E os cristãos, que armazenavam suas mercadorias porque no beco simplesmente não havia espaço, cobravam-lhe aluguéis exorbitantes. Desde que Joanna o conhecia, Jehuda sempre pensou em emigrar. Fechar tudo e ir morar com Baruch em Salônica, onde seu filho, Manasse, já se instalara como aprendiz.

Os dedos de Joanna ainda acariciavam o fino tecido verde com bordas prateadas. Ela imaginava um homem com olhos brilhantes e um grande turbante, sentado em um pátio azulejado, operando um tear.

Jehuda pareceu ter mudado de opinião e decidido aceitar o seu dinheiro. Ele havia tirado um grosso caderno de notas de baixo de uma lousa, aberto o pote de tinta e pegado uma pena na mão. Diligentemente, escreveu alguns números em hebraico, uns abaixo dos outros.

Joanna havia pensado em tudo. Sybilla e Anne renunciariam ao seu salário até que o novo negócio estivesse andando. Em troca, receberiam uma parte dos lucros do salão de senhoras. Um dia depois, havia conseguido convencer também Scott. Já no caso de Hannes, a coisa era diferente: ele tinha família, e, já que bebia, tinha dívidas em todas as tavernas imagináveis, inclusive com ela. Os Haldersleben investiriam oitenta florins no novo salão, isso já estava confirmado. Também o sapateiro Denzel prometera dinheiro — quanto exatamente ainda havia de negociar.

Mesmo assim, teria de mexer na pequena herança das meninas. Não havia outro jeito. Por outro lado, as meninas um dia não herdariam a cafeteria? Joanna tinha vinte e oito anos, estava na meia-idade. Claro, ainda tinha uma aparência bastante passável, mas não contava mais com que tivesse filhos um dia. Não havia sido com Adam, e agora não tinha mais marido. Margareth e Lili ficariam com tudo.

Subitamente, um ruído incomum chegou aos seus ouvidos. O que era aquilo? Joanna levantou a cabeça, concentrada em reconhecer o que soava lá ao longe: os sons de um violino!

De início, foi somente um ponteio tímido, depois, uma suave melodia que lentamente pedia permissão para tornar-se algo maior.

Por fim, a música cresceu, acelerou-se e emocionou-se, em um sobe e desce selvagem dos tons, que pareciam perseguir uns aos outros, passando de raivosos e fervorosos a alegres e brincalhões.

Joanna imediatamente teve certeza de que nunca mais esqueceria aquela melodia. Cativada, entregava-se à música, e também Jehuda havia interrompido o seu cálculo. A tinta gotejava da pena suspensa sobre o papel. Com um gesto da cabeça em direção ao teto, explicou:

— O filho do doutor Stern voltou da Itália. Ele devia ter estudado medicina, como seu pai. O doutor dirige o nosso hospital. Contudo, o rapaz não fez o que o pai queria, e, em vez disso, decidiu estudar música... Com o grande Antonio Vivaldi em pessoa. Agora ele compõe e dá aulas de violino e espineta para as nossas filhas mais abastadas.

Joanna desejou que ele parasse de falar para que pudesse escutar a música, que agora soava triunfante e ao mesmo tempo festiva. “Como um riacho de montanha na primavera seguindo seu fluxo alegremente”, pensou ela.

Jehuda voltou a mergulhar a pena na tinta e seguiu adiante, sem se comover:

— Ele também ensina italiano às meninas. Você nem imagina o alvoroço: “Por que nossas filhas deveriam aprender italiano? Hebraico, isso, sim, estaria de acordo com a vontade do Senhor, mas italiano?”. Assim fala o Roschakol, sem parar! E eu lhe digo: “Alguns querem que sigamos vivendo como na Idade Média. E por quê? Para perpetuar o seu poder; afinal, são sempre as mesmas famílias que mandam aqui no beco”. E a senhora pode imaginar quais são... As ricas, assim como em toda parte.

A última frase ele havia dito murmurando, mais para si mesmo.

A música do violino havia parado e a mesma melodia soava agora da espineta.

— Por que nossas crianças não deveriam ter aulas de música e de italiano, eu me pergunto. De fato, aqui temos mais religião do que precisamos. Como se não bastasse que a cidade de Frankfurt e o imperador nos ditem as regras! Mas não, o Conselho também quer impor as suas. Tudo para o nosso bem, é o que dizem.

Jehuda balançou a cabeça com desgosto. Por fim, levantou-se, arrancou a página cheia de números do seu caderno e entregou-a a Joanna.

— Eu acho que isso é tudo.

Dezoito florins e quatro *kreuzer*⁶ era o que lhe devia. Uma parte considerável da conta era devida ao *kajal*, que vinha do Oriente, e usava para delinear suas sobrancelhas claras e contornar seus olhos. Comprava também de Jehuda a tinta para os cílios.

Ela abriu seu moedeiro e sacou dele um florim após o outro, contando-os na frente de Jehuda. Havia

dias cobrara o que os clientes do Café Mühle lhe deviam. Alguns não haviam podido pagar e pediram mais prazo.

— Obviamente, o doutor Stern não está lá muito entusiasmado pela escolha profissional do filho — acrescentou Jehuda. — Todos na sua família são médicos. Ele desejava que seu filho um dia fosse seu sucessor no hospital. E qual é a família que quer chamar tanta atenção para si? Um músico? Um compositor? Isso gera muita fofoca e confusão. Como judeu, é melhor não aparecer.

Circunspecto, balançou a cabeça. Joanna suprimiu uma risada, pois o próprio Jehuda parecia não ter escrúpulos em chamar a atenção ou causar controvérsia. De fato, parecia que ser do contra lhe causava uma satisfação maliciosa.

Um aroma oriental pesado emanava da folha de papel em seu colo. A tinta perfumada que o primo Baruch trazia da Pérsia.

— O que a senhora acha? — perguntou Jehuda, mudando de assunto. — Seria possível animar as damas que frequentarão o seu salão a comprar um pouco de seda? Eu poderia oferecê-la a bons preços, melhores que em outros lugares.

Ele virou-se e apontou para a estante, à qual havia devolvido o rolo de seda damascena.

— Veja estes tecidos maravilhosos! Perfeitos para encapar os estofados. O que colocará nas paredes?

Jehuda soltou um suspiro e, inconscientemente, alisou sua casaca de seda.

— Minha família era das maiores comerciantes de seda de toda *Al-Andaluz*. Que tempos eram aqueles! Mas agora, cada dia é uma luta.

O merceeiro falava como se ontem mesmo houvesse estado sentado perante o califa, apresentando-lhe tecidos reluzentes para o seu harém.

A espineta parou de repente. Pouco depois, ouviram-se passos cautelosos na escada, como se alguém a descesse no escuro. Então, a porta que dava da escadaria para a loja abriu-se com tanto impulso que bateu com força contra um barril.

Joanna virou-se, curiosa.

Um homem jovem, de cachos escuros, com uma caixa de violino debaixo do braço, olhava-a com os olhos semicerrados, como se tivesse que se acostumar à iluminação da loja. Parecia alguém de um mundo diferente, vindo de uma estrela distante que, de repente, fora deixado entre quatro paredes apertadas. Joanna estimou que não tivesse mais de vinte anos. Suas roupas não eram as de alguém da Judengasse, onde todos vestiam sobretudos escuros, colarinhos brancos engomados e chapéu, mas usava uma casaca bordô com bordas levemente desfiadas nas mangas e na lapela, calças escuras de couro até os joelhos e sapatos brilhantes de fivela. Seus cachos caíam-lhe no rosto, apesar da tentativa de amarrá-los na nuca. Era de altura média, magro e tinha o rosto estreito e comprido, com um nariz levemente arqueado e lábios carnudos.

Joanna mal conseguiu desviar o olhar daqueles olhos escuros e expressivos, com longos cílios. Havia tempos não via um homem tão atraente. O mundo pareceu parar de repente.

A voz de Jehuda trouxe-a de volta do seu aturdimento:

— Ah, o senhor maestro em pessoa! Estivemos escutando com admiração. *Shalom Aleichem* — cumprimentou ele o rapaz.

O jovem repousou cuidadosamente a caixa do violino sobre o barril atrás da porta e dirigiu-se a eles com a mão estendida.

— Meu nome é Gabriel Stern. E quem é a senhora?

Seu sorriso brilhava tanto que Joanna foi acometida de um acanhamento repentino. Com esforço, obrigou-se a sorrir também e a saudá-lo.

— Joanna Berger... O senhor... Tocou muito bem — balbuciou, soltando-se rapidamente do aperto de

mão caloroso do estranho.

— Obrigado.

Ele sorriu para ela.

“Socorro!”, pensou ela. “O que está acontecendo comigo?” Ela tentou encontrar uma resposta à sua saudação, algo que fizesse ao menos um pouco de sentido, mas constatou que não era capaz de formular nem meia frase decente. Como era possível que esse homem a desconcertasse tanto, somente com sua presença? “Recomponha-se!”, disse a si mesma. Esperava que sua agitação interna não fosse perceptível a ele.

— Que peça foi essa que acabamos de ouvir? — perguntou, acentuadamente despreocupada.

— Uma sonata que compus na Itália.

— Foi muito bonito — repetiu ela. Quanta criatividade! “Não podia ter pensado em algo mais original?” Joanna fitou a lapela do rapaz, de cujo bordado despontavam alguns fios.

— O sol brilhava e eu olhava para o mar enquanto compunha. Os sons apareceram quase que sozinhos.

Ele continuava sorrindo e olhando-a com seus olhos escuros.

“Socorro!”, pensou ela mais uma vez. Já não se lembrava quando fora a última vez que um homem sorrisse para ela assim, a ponto de deixá-la com as pernas bambas.

— A senhora Berger é a dona do Café Mühle, na Praça do Mercado — interveio Jehuda.

Joanna não conseguia pensar claramente. Subitamente, sentiu-se velha e feia. Justo hoje, tinha uma pequena ferida no canto da boca. Por que havia saído de casa sem se arrumar? E a confusão pela qual havia passado no beco, e a alça do seu vestido, que havia rasgado.

— Muito prazer em conhecê-la, senhora Berger. Infelizmente, preciso ir. Eu dou aulas às filhas de Mosche Bär.

Ele tirou a mão direita do bolso da casaca e despediu-se.

— Igualmente — respondeu Joanna, ouvindo a própria voz como que vinda de muito longe.

Gabriel Stern agarrou a caixa do violino com a mão esquerda, levantou mais uma vez a direita em saudação e empurrou a porta da loja com o pé. Não havia nada que ela pudesse fazer para detê-lo. Será que o veria novamente?

— Onde havíamos parado? — soou a voz de Jehuda atrás dela.

Joanna obrigou-se a tirar os olhos da porta que se fechava e virou-se para o merceeiro.

— Enviarei Scott com a carriola para buscar o café — disse, mecanicamente. O som fraco da sua voz trouxe-a de volta à razão. — Ficarei com um barril a mais que o habitual — apressou-se em concluir. — Para o salão de senhoras.

Finalmente havia recuperado a compostura. O calor diminuía e não mais se sentia como uma flor balançando ao vento.

Jehuda saiu de trás do seu balcão e abriu-lhe a porta.

— Que lindo dia! — disse ele, respirando o ar fresco.

Com o olhar desconfiado, o merceeiro fitou uma mulher vestida em trapos que, com uma vela na mão, abaixou-se sobre o grande cesto de velas na frente da sua loja, como se analisasse o cheiro da cera.

— Até a vista, Jehuda, e obrigada! — despediu-se Joanna.

— Até a vista, senhora Joanna! E *mazal tov*²!

Jehuda não tirava os olhos da mendiga.

Os pássaros cantavam quando Joanna saiu para o beco. Apesar do frio, a primavera já se anunciava e os dias já iam ficando mais longos. A pior parte do inverno havia passado.

O alvoroço no gueto havia terminado. Umas meninas jogavam amarelinha. Havia pintado os números em hebraico no pavimento, com giz.

— Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez! — gritavam as crianças, saltando em uma perna só, com as saias levantadas, de um quadrado ao outro.

De uma casa cuja pedra angular por cima da porta mostrava a imagem de um urso⁸ soavam notas tortas de violino, provavelmente das alunas do jovem Stern. Joanna queria tapar os ouvidos. As filhas de Mosche Bär teriam um longo caminho pela frente até tirarem sons agradáveis do instrumento.

Vagarosamente, passou em frente à casa e cruzou a pequena Ponte dos Judeus.

Ao entrar na Schnurgasse pouco depois, deparou-se com um pôr do sol fulguroso. Era como se o céu estivesse em chamas. A última ponta ainda visível do astro ofuscava tanto que teve de fechar quase totalmente os olhos. Pequenas nuvens rosadas pairavam sobre as casas, vindas do oeste. Passando pela Hasengasse, viu a lua nascendo do outro lado da cidade, flutuando gorda e cheia sobre o rio Meno.

A imagem do violinista judeu subitamente surgiu perante os seus olhos, tão vívida como se ele realmente estivesse ali. Joanna perguntou-se o que ele tinha que a impressionara tanto. Havia sido a música que tocara, tão doce e tentadora? Ou os grãos de café de Jehuda lhe teriam enevoado os sentidos? Ainda sentia nos dedos o toque dos tecidos coloridos que o merceeiro havia desenrolado à sua frente, a textura aveludada do brocado, a seda fria, as rendas delicadas. Como seria o toque da pele do jovem?

De repente, seu pé topou em algo. Por pouco, conseguiu manter o equilíbrio, ou teria tropeçado sobre um cachorrinho gorducho que surgira do nada. O bichinho fitou-a com seus olhos tristes, como se ela fosse a culpada de toda a sua agonia, soltou um ganido e correu.

Absorta em pensamentos, Joanna seguiu o cão sem dono com o olhar.

Que pensamentos eram esses que apareciam de repente? Todos os dias tinha contato com dúzias de homens e nunca havia gastado um segundo pensando na textura das suas peles.

Ela sacudiu a cabeça. Que loucura! Ainda por cima, esse violinista era muito mais jovem que ela. E, como se não bastasse, era judeu.

¹. Judengasse: beco dos judeus (N.T.)

². *Peiot*: plural da palavra hebraica *pe'ah*, designa os cachos de cabelos laterais característicos dos judeus ortodoxos. (N.T.)

³. Desde a Idade Média até o século XVII (e depois novamente no 3º Reich), em praticamente todas as partes da Europa e de diversas formas diferentes, os judeus eram obrigados a usar algum sinal de reconhecimento. O contexto indica que o uso obrigatório de um anel amarelo afixado à roupa havia chegado ao fim por volta de 1730 em Frankfurt.

⁴. Sefarad: refere-se à Península Ibérica.

⁵. Salônica: também Tessalônica, principal cidade da região da Macedônia, hoje pertence à Grécia. No tempo da narrativa, fazia parte do Império Otomano, e distinguia-se pela sua população majoritariamente judaica de origem sefardita, em consequência da migração dos judeus expulsos da Espanha depois de 1492.

⁶. *Kreuzer*: moeda austro-húngara de cobre, cunhada pela primeira vez em 1271. Correspondia a um centavo de florim.

⁷. *Mazal tov*, ou *masel tov*: boa sorte, em hebraico (N.T.)

⁸. Urso é *Bär*, em alemão; a casa de Mosche Bär.

Capítulo 5



A veneziana da janela bateu ruidosamente contra o muro.

Joanna afixou o gancho na parede e esfregou as mãos geladas.

— Bom dia, viúva Berger! — saudou-a o guarda-noturno, que, com o lampião na mão, apressava-se em ir para casa.

Ainda estava escuro, mas a cidade aos poucos despertava. Mostravam-se os primeiros sinais do alvorecer e a escuridão ia passando do negro profundo para um tom azulado, menos denso. A semana que passou desde a sua visita à loja de Jehuda ben Abraham havia sido boa.

Joanna resolveu que abriria as outras venezianas mais tarde, no decorrer do dia, quando a temperatura subisse.

Ontem havia aberto quase todas. Somente as duas janelas grandes que davam para o Mercado tinham vidros — um luxo que Adam havia se permitido, em um ano excepcionalmente bom. As aberturas que iam até o chão e davam para a Langschirne eram protegidas apenas por venezianas. “Estavam precisando de uma pintura”, pensou Joanna, com um suspiro. Talvez hoje esquentasse o suficiente para abri-las também.

Voltando à sala de estar, começou a retirar as cinzas da noite anterior do fogão e jogou dentro dele alguns gravetos, acendendo-os com lascas de madeira resinada. Esperou um pouco até que o fogo estivesse do seu agrado e adicionou um pedaço de lenha às chamas que surgiam. Por fim, verteu água em uma panela e colocou-a sobre o fogão.

Lá fora, alguém rolava um barril pela rua. Um homem, que vinha empurrando um carro bem carregado pela barra de engate, parou diante da venda de especiarias, do outro lado da rua. Ela escutou passos no andar de cima e esperou que tivesse mais um momento da manhã para si própria. Para ela, o primeiro café era como um ritual sagrado. Preferia apreciá-lo sozinha, antes que o rebuliço começasse. E agora, em meio à feira da primavera, a casa estava sempre abarrotada de hóspedes. Anne e Sybilla certamente já estariam em atividade nos andares superiores, acordando as meninas e arrumando as camas. Scott gostava de dormir até tarde, mas, pelo horário em que se deitava, merecia um sono mais prolongado. Daqui a pouco chegariam as lavadeiras que contratara para cuidar das roupas que se acumularam.

Enquanto a água aquecia no fogão, correu para a despensa e abriu a tampa de um dos grandes barris que Scott fora buscar na mercearia de Jehuda. Imediatamente, o perfume fresco de pêssegos doces que exalava dos grãos verdes subiu-lhe às narinas. Ela mergulhou uma das mãos no barril. “Hum, que sensação agradável, tão liso, tão suave!”, pensou. Deixou os pequenos grãos escorrerem repetidas vezes por entre os dedos. Se pudesse, banhava-se neles. Alguma vez havia tido um produto dessa qualidade? Naturalmente, sempre encomendava mercadoria excelente, mas essa última colheita das montanhas da Etiópia era muito superior ao que se encontrava normalmente.

Sem querer, voltou a pensar na última visita a Jehuda e no seu encontro com o violinista Gabriel Stern. Por que ele lhe havia causado uma impressão tão duradoura? “Deve ter sido a música”, disse a si mesma, a música havia lhe proporcionado tanto deleite. Envergonhava-se secretamente ao pensar como se havia deixado cativar pelo jovem. Como uma menininha ingênua, apaixonada pela primeira vez. Tomara que Jehuda não tivesse percebido nada!

Já na noite anterior havia torrado os grãos para o dia, pois era melhor deixá-los esfriar bem antes de moê-los. Ela pegou uma mão cheia de grãos do recipiente de pedra e colocou-os no moedor de café. Por mais que Anne e Sybilla preferissem a maneira tradicional, ela achava o novo moedor muito superior ao pilão. Segurando-o nos braços, girou a manivela algumas vezes enquanto andava da despensa de volta para o fogão, onde a água começava a ferver. Ela abriu a gavetinha do moedor, cheirou o pó recém-moído e jogou-o na panela. Deixou que fervesse por um momento, aspirando avidamente o aroma que se espalhava no ambiente. Então, serviu-se do seu primeiro copo do dia. O perfume do café sobrepujava todos os outros odores que haviam ficado da noite anterior: de tabaco, fogo, comida e pessoas. Deixou a panela entre os anéis do fogão para que a bebida permanecesse quente, pois logo os primeiros hóspedes desceriam para o café da manhã.

Com o copo fumegante na mão, atravessou o salão principal da cafeteria. O quarto dos fundos ainda estava completamente escuro. Ela depositou o copo em uma mesinha que mal se via na escuridão, mas que sabia que estava lá, pois a havia posto ali. Assim como as cadeiras do salão de senhoras, a mesa provinha da casa de um banqueiro falido. Ela havia comprado a mobília em um leilão. Um quarentão gordo, com um timbre vulgar na voz, havia disputado com ela por um bom tempo, até que ela finalmente conseguisse arrematar a requintada peça de madeira de cerejeira com as cadeiras correspondentes.

Vindo do pátio, ouviu-se um estrondo, como de algo batendo contra o chão. Joanna abriu as venezianas. Uma das lavadeiras, uma jovem macilenta com um olho cego, gritou-lhe uma saudação, enquanto arrastava, entre gemidos, uma tina grande para fora do galpão.

Sybilla, com os braços cheios de lençóis de cama e saudando-a com um aceno de cabeça, passou por Joanna a passos largos em direção ao fogão e largou os lençóis em cima de uma velha mesa. Da escadaria, ouviam-se os passos agitados de Anne.

Joanna pegou seu copo e deixou-se cair contente no sofá macio que fora encapado com a seda damascena cor de musgo, de bordas prateadas, que comprara de Jehuda. Felizmente, o estofador lhe havia dado prioridade, de modo que, a cabo de três dias, o sofá já exibia seu novo esplendor. Em troca, prometeu ao mestre Gerhardt meio ano de bebidas grátis no Café Mühle — além da soma considerável que pagou pelo serviço. Cuidadosamente, sorveu a bebida negra e quente. Excelente! Jehuda realmente lhe havia vendido mercadorias da melhor qualidade, em todos os sentidos. Cheia de admiração, passou a mão pelo tecido requintado do estofado.

Doze cadeiras acolchoadas, quatro pequenas mesas e o sofá ficavam um pouco apertados na antiga sala de bilhar. Acabara de notar que a mesinha de apoio, em cuja superfície levemente riscada deixara seu copo, era alta demais. Sentada assim, confortavelmente no sofá, era como se pegasse o copo de café das costas de uma pequena girafa. Contudo, esses pequenos defeitos seriam aceitáveis. Afinal, o salão havia ficado bastante bonito.

Na parede oposta havia pendurado algumas gravuras e pequenas pinturas a óleo — provenientes da mesma casa que as cadeiras e a mesinha. Mostravam a Praça de São Marcos e o Palácio Ducal, em Veneza. Homens em pé em suas gôndolas, um remo longo em ambas as mãos e homens e mulheres em vestimentas reluzentes e rostos mascarados. Havia arrematado ainda outras quinquilharias que faziam parte do lote. Conseguira até fazer um pequeno lucro revendendo o jogo de xadrez com peças de marfim a Ludwig Haldersleben. Na parede do salão principal afixou os quatro candelabros simples de parede, feitos de latão. Do teto, pendia o lustre de oito braços com os golfinhos. Para o grande barômetro-termômetro, ainda encontraria uma finalidade.

A inauguração do salão de senhoras estava marcada para logo depois da semana de pagamento, quando os visitantes da feira tivessem partido. Seria uma festa! Frankfurt nunca vira algo assim! E não só Frankfurt — nem mesmo Viena, Hamburgo ou Leipzig. Talvez Veneza já tivesse experimentado algo

semelhante. Mas aqui, no norte, ela certamente era a primeira a ter a ideia de um salão exclusivo para o mundo feminino. E era tão óbvio! Que grande favor o bom Denzel lhe havia feito com seu casual comentário! Joanna sentiu uma forte alegria. Seguramente, ele deveria pedir uma comissão vitalícia por isso.

Havia chegado ao seu último gole de café. Com todas as suas papilas, sentiu o sabor desabrochar na boca. Ainda se lembrava bem do seu primeiro copo de café! Havia sido pouco depois que conhecera Adam. Ele a havia buscado em Bornheim para um passeio a Frankfurt em sua velha carroça. Seu irmão Simon e as duas meninas também haviam ido. Adam e ela mal tiveram a oportunidade de trocar uma palavra a sós, de tão ocupados que estiveram com as crianças, além dos cavalos manhosos. Simon não tomara a iniciativa de ajudar Adam no controle dos animais — o que era típico para ele. Quando finalmente chegaram a Frankfurt, já era quase hora de voltar, tanto tempo haviam gasto no caminho. Mas Adam insistiu que fossem conhecer sua cafeteria antes que os levasse de volta. Do porão até o sótão, havia lhe mostrado o Café Mühle inteiro. No final da visita, que a deixara profundamente impressionada, preparou-lhe pessoalmente um café. Os grãos já estavam torrados, mas ele os moera com as próprias mãos, especialmente para ela, no grande pilão de pedra, enquanto a água, que logo receberia o pó, esquentava no fogão. Gole por gole, ela desfrutara a bebida quente, deixando-a desfazer-se na língua e deslizar pela garganta. Adam observou-a com olhos vivos enquanto ela bebia esse primeiro café da sua vida, como se quisesse testá-la — da mesma maneira que a observou da primeira vez que ela encontrou as suas filhas. Depois de ter esvaziado a sua xícara, e olhado-o com entusiasmo, seu rosto brilhara. — Jô — foi tudo o que disse e fez um movimento, como se quisesse abraçá-la. Nesse momento, ela soube que tanto esse homem como também essa bebida viriam a ter um papel fundamental em sua vida.

Joanna sacudiu a cabeça. Quanto tempo já fazia!

E, ainda assim, a lembrança desse dia era tão viva, estava tão perto. O começo de uma grande paixão, poderia se dizer. Com efeito, mais pelo café que pelo homem, sendo realmente sincera. Ela havia amado Adam, mas não sentira por ele uma paixão ardente. Era mais amizade e confiança profunda.

Paixão era ser consumida por alguém, como lhe havia explicado Ludwig Haldersleben certa vez, quando lhe contou sobre um romance que havia lido — cujo título ela esquecera. Talvez nem houvesse sido um livro de que ele falara, mas uma experiência da sua vida. As orelhas do cartógrafo haviam ficado tão vermelhas por baixo da peruca despenteada que ela tendia a acreditar que ele mesmo, na juventude, vivera aquela paixão que lhe descrevera tão eloquentemente. Também Elisabeth lhe dera a entender algo nesse sentido, logo depois do casamento com Gottfried Hoffmann. Ela falara de “derreter-se” e “entregar-se”, e seus olhos haviam brilhado de um jeito diferente. Até mesmo ela, Joanna, que ainda não havia se casado na época, perguntava-se o que, em nome de Deus, o taverneiro de vinho de maçã havia feito com a sua amiga para que estivesse tão fascinada por ele. Naquele tempo, ele certamente era muito mais bonito que hoje, antes que suas feições se tornassem rudes pelo álcool e seu nariz fosse quebrado várias vezes. Joanna, entretanto, deu-se conta, à primeira vista, de que ele era um bruto que gostava de desprezar os outros. Depois, quando chegou a hora de ela dividir a cama com Adam pela primeira vez, ficou muito ansiosa pelo que estaria por vir. Mas, segundo as vagas descrições de Haldersleben e Elisabeth, paixão não podia ser o que sentira naquela primeira noite de amor, e também mais adiante, na vida conjunta, como sabia agora. Ele nunca a fizera derreter-se ou sentir um desejo incontrollável. Seu luto foi grande e sincero quando ele morreu. As primeiras semanas foram cheias de momentos nos quais pensou que não aguentaria viver sem ele. Contudo, depois percebeu, que, apesar de sentir muita falta do marido, sua vida continuava. Adam certamente não era substituível, mas ela não era dependente dele. Como um fruto maduro, esse reconhecimento lhe caiu no colo certa noite, quando, sentada sozinha na cafeteria, com o último café depois de um dia de trabalho, pensava sobre a vida. Sim, provavelmente

havia sido depois da sua primeira visita a Jehuda, no beco, quando fechou o seu primeiro negócio com o judeu.

Por outro lado, não aguentaria um só dia sem café. “Como as pessoas de séculos passados haviam sobrevivido sem essa bebida fantástica?”, perguntava-se sempre. “O que faziam para alcançar esse estado de conforto supremo? Com o que passavam suas pausas? Como despertavam para o dia?”

O café só conquistara o mundo recentemente. Incontáveis lendas giravam em torno da descoberta dos seus efeitos estimulantes. A de que Joanna mais gostava era a história do pastor etíope e suas cabras, que, depois de terem provado dos frutos do cafeeiro, envigoraram-se visivelmente. Do seu país de origem, a planta havia chegado à Arábia, e, de lá, espalhado-se por todos os países do Islã. Por não conter álcool, a bebida podia ser apreciada pelos muçulmanos sem ofender as leis do profeta. Joanna, por sinal, estava de pleno acordo, mesmo que não pudesse dizê-lo em público, pois, evidentemente, no Café Mühle, serviam-se também vinho e cerveja. Afinal, o cliente era rei.

Joanna sabia que a palavra “café” vinha do árabe “*qahwa*” e originalmente significava “álcool”. A bebida proibida fora simplesmente substituída por outra e recebera o mesmo nome. Adam havia-lhe contado a história do café e das cafeterias tantas vezes que ela as decorou. Era essencial, disse-lhe ele uma vez, que um dono de cafeteria conhecesse a tradição do seu ofício. Caso contrário, faltariam a ele os requisitos para dirigir seu negócio com o entusiasmo necessário. “A primeira casa de café havia aberto suas portas por volta de 1500 em Meca”, lembrou-se Joanna. Pouco depois, surgiram outras em Medina, Cairo, Bagdá e Damasco. Peregrinos e comerciantes acabaram por levar o café até Constantinopla e, de lá, ele chegou à Europa. Os primeiros amantes europeus do café haviam sido comerciantes e marinheiros venezianos nas tavernas do porto de Marselha. Na Europa ocidental, a primeira cafeteria foi fundada em 1647, na Praça de São Marcos, em Veneza. Seis anos depois, nascia a Virginia Coffee-House, em Londres. Em 1665, o sultão Mehmet IV enviou o seu embaixador, Kara Mehmed Pasha, a uma viagem diplomática a Viena e a capital do império sucumbiu à sedução do café: a primeira casa de café vienense nasceu em 1685. Depois que o enviado otomano Soliman Aga não somente introduziu o café na corte de Luís XIV, mas desencadeou uma verdadeira moda orientalista, foi o armênio Pascal o primeiro a servir café publicamente em Paris, em 1672. Enquanto as cidades portuárias alemãs Bremen e Hamburgo receberam suas primeiras cafeterias já em 1673 e 1677, demoraram outros dez anos para chegar ao sul do país, com a primeira em Regensburg. Frankfurt, cidade do comércio e das feiras, seguiu-se em 1689. Os muitos mercadores estrangeiros que vinham para a feira simplesmente exigiam que lhes servissem sua bebida predileta — assim como os seus clientes. Por sorte, não eram mais apenas estrangeiros, mas sobretudo os nativos, que pediam pela “bebida dos turcos”.

Joanna sorriu, contente. Via seu ofício como um dos mais belos do mundo, mesmo não o tendo escolhido por vontade, mas entrado nele pelo casamento. Como mestre cafeeira, sentia-se irmã dos barbudos donos das plantações em Moca, no Mar Vermelho, como também das varinas nas espeluncas do porto de Marselha; dos corretores da bolsa de Amsterdã, e dos mercadores da Companhia das Índias Orientais de Londres; de sultões, doges e nobres da corte francesa. Os pequenos grãos traziam o mundo à sua casa e todos os que tinham a ver com o café eram a sua família — ao menos, quando os negócios iam bem e ela tinha a sensação de que todos, fossem serviçais ou clientes, fornecedores ou concorrentes, lutavam pela mesma causa e entregavam-se à magia dessa bebida maravilhosa. Contudo, sendo sincera, tinha de admitir que esses momentos não eram mais tão frequentes. Quando fora a última vez que um cliente elogiou a sua arte em preparar o café, como acontecera muitas vezes nos tempos de Adam? As pessoas estavam mimadas demais para reconhecer verdadeiramente o que lhes era oferecido. Suas papilas gustativas pareciam ter-se acostumado à mercadoria de segunda categoria, oferecida nas barraquinhas clandestinas da rua.

— Mãe, a Anne não me deixa colocar um pouco de café no meu leite! — chegou reclamando a pequena Lili, de dez anos.

— Bom-dia, meu amor! Diga a Anne que pode dar-lhe um golinho. Mas um pouquinho apenas. — Joanna abraçou a sua enteada.

Sybilla e a lavadeira de cara macilenta carregavam uma panela enorme pelo pátio, onde a segunda lavadeira também havia chegado. Da cafeteria, ouviu-se o tossir de um senhor que havia vindo para a feira da primavera, um oftalmologista de Nurenberg. Joanna levantou-se do seu novo sofá com um suspiro. O homem esperava o seu café da manhã. O dia havia começado.

— Bom dia, doutor Erlanger — cumprimentou ela o médico, enquanto Anne educadamente lhe servia um copo fumegante.

— Isso é o que eu chamo de serviço rápido — espantou-se o homem.

— Sim, o café já estava à sua espera. Acabei de fazê-lo.

Joanna observou, pelo canto do olho, que a comerciante de rendas de Bruxelas havia entrado no salão. Era uma flamenga de cabelos da cor do trigo que costumava ser a primeira pela manhã. Estava esmeradamente maquiada, mas a sua roupa mais parecia um saco, como se tivesse sido interrompida enquanto se arrumava e agora era obrigada a sair à rua em vestimenta caseira. Joanna havia combinado com ela que ficaria com as rendas que sobrassem em comissão. Jehuda encontraria compradores para elas, isso era certo.

Pouco depois, entraram, ruidosamente, os comerciantes de Lübeck, que faziam compras para a casa real dinamarquesa, e também um grupo de mercadores de tecidos, vindos da região do Hesse superior.

Joanna ficou nervosa. Hannes ainda não havia chegado para o trabalho. No meio da feira, ele acabava deixando-a na mão. Como odiava isso! Sempre tinha que cuidar de tudo sozinha. O dia não podia, ao menos uma vez, começar sem esses atritos?

Resignada, agarrou a cesta ao lado do fogão e correu para o pátio, para, no lugar do cozinheiro alsaciano, tirar os ovos das galinhas. Por sorte, a maioria delas não era esperta o suficiente para esconder os ovos recém-postos. Somente a preferida de Hannes, a marrom, sempre buscava um cantinho mais protegido. Porém, não tinha tempo para procurá-los agora. Provavelmente, logo teria uns pintinhos novos andando pelo pátio, o que não era de todo ruim.

Ao entrar no salão, já bem cheio, com a cesta embaixo do braço, viu pela janela da frente uma espécie de liteira parar em frente à sua casa. Era puxada por um homem excepcionalmente pequeno, atrelado a ela como um cavalo. Ao lado da liteira trotava um cão, grande como um pônei, que levava uma trouxa enorme presa às costas. Aparentemente, o estranho chegara ao seu destino. Joanna deixou a cesta nas mãos de Sybilla, que já segurava a frigideira, pronta para preparar os ovos mexidos, e saiu à porta. Cordialmente, saudou seu novo hóspede, ao mesmo tempo que tentava defender-se dos cumprimentos impetuosos do monstrengo negro que abanava a cauda alegremente.

— Pluto! — o anão advertiu o seu cão, que imediatamente meteu o rabo entre as pernas e sentou-se ao seu lado.

Joanna libertou o homem dos seus dois embrulhos e de uma gaiola e guiou-o para dentro. Com um olhar investigador para os presentes, levou-o até uma mesa junto a três corretores de valores já idosos, que não conversavam entre si, mas pareciam aproveitar o café da manhã antes do trabalho. A mesa estava coberta por papéis. Cada qual segurava uma pena na mão e revezavam-se no uso de uma régua de cálculo.

Ludwig Haldersleben e Justus von Zimmer estavam sentados no final da longa mesa que dava para a praça, de modo que o cartógrafo pudesse ficar de olho na sua própria loja. Com um gesto solene, abriu o seu novo jogo de xadrez. Também o gigante loiro com o nariz de águia que visitava sua taverna pela terceira vez em poucos dias havia chegado cedo, constatou Joanna. Parecia ser um conhecido de Ludwig

Halderleben. Ainda não havia tido a oportunidade de perguntar ao cartógrafo sobre ele ou de iniciar uma conversa com o estranho. De qualquer maneira, parecia ser gente decente. “Sério e cordial”, achou ela.

Aliviada, constatou que ao menos Scott havia chegado e, de mangas arregaçadas junto ao fogão, servia café em vários copos.

Enquanto isso, o homenzinho havia desatrelado a trouxa das costas do cachorro, o qual, com duas voltas em torno de si mesmo, desapareceu embaixo da mesa, ao lado da gaiola que abrigava um pássaro branco.

— Meu nome é Marcello Ranieri — disse, com sotaque carregado. — *E questo è Pluto* — acrescentou, apontando para o cachorro que lhe estendia a pata de debaixo da mesa e depois para a ave: — *E quella è la mia cara Esmeralda*. Viemos diretamente de Veneza, *Signora*, e precisamos de alojamento.

Com um gesto dramático, o anão jogou seu capuz para trás. O rosto que se expôs era ossudo e cheio de incontáveis rugas. Usava o cabelo grisalho bem curto e devia ser mais jovem que sua aparência indicava. Em todo o caso, tinha bem mais de quarenta, estimou Joanna.

— Pretendemos ficar um tempo com a senhora — sussurrou ele, como se fosse um segredo de Estado. Joanna ficou pensativa. Não sabia bem o que achar da figura estranha à sua frente.

— No momento, todos os quartos estão ocupados — começou ela, reticente.

— *Sì, sì, Signora*, eu sei disso. Na realidade, queríamos ter chegado muito antes. *Vero, Pluto?* Ele acariciou a cabeça do cão, que se levantou prontamente e lambeu-lhe a mão.

— Os Alpes nos atrasaram — cochichou o italiano, olhando para todos os lados. — Primeiro, os caminhos nas montanhas estavam intransitáveis. Depois, Pluto adoeceu. *Un disastro!* Cólicas no intestino. *Povero Pluto*, pobrezinho! Uma série de circunstâncias adversas — É assim que se diz, não é? De início, ficamos presos em Lugano, depois, em Schwyz. *Ma eccoci qua, finalmente!* Chegamos! Queremos fazer bonito aqui na feira.

Joanna pensou. Se ela se mudasse para o quarto das meninas, poderia alugar o seu próprio para o homem. Quanto mais o estranho falava, mais despertava o seu interesse. Ainda mais porque vinha de Veneza. Simplesmente não podia negar nada a um veneziano. Desde que Adam lhe contara de seu amigo e colega Floriano Francesconi, a cidade e seus habitantes tinham para ela um encanto especial. Afinal, Veneza era a cidade do café. Como gostaria de visitá-la! Era o seu sonho!

— Bem, eu penso que poderemos dar um jeito para arranjar-lhe um quarto — disse ela, cordialmente.

— *Oh, grazie, Signora* — agradeceu o baixinho, com sua voz rouca. — *Mille grazie*, é muito bondoso de sua parte!

Sem perguntar, Scott serviu um copo de café e um prato de ovos mexidos ao homem. Imediatamente, o cachorro levantou-se e colocou a cabeça sobre a mesa.

— *Pazienza, Pluto!* Daqui a pouco, você também receberá o seu — disse o italiano.

Ele pediu a Scott que desse uma tigela de água ao cão.

— Com o que o senhor trabalha? — perguntou Joanna, quando retornou à mesa.

As trouxas, desordenadamente espalhadas ao redor do homem, não deixavam transparecer o seu conteúdo.

O homem arqueou as duas sobrancelhas e lançou um olhar desconfiado aos três corretores no final da mesa.

— Eu sou mágico — disse com o peito estufado de orgulho.

Joanna fitou-o com espanto.

— É mesmo?

— Eu decapito o Pluto e depois o trago de volta à vida. E Esmeralda, faço-a desaparecer e aparecer

novamente.

— Esmeralda é a pomba? — perguntou Joanna.

— *Colomba?* — relinchou o homem. — Ouviu isso, Esmeralda? — perguntou ele, dirigindo-se ao pássaro branco, sentado em sua gaiola com as asas penduradas.

Ele abaixou-se por sobre a mesa, em direção a Joanna, e sussurrou no seu ouvido:

— Esmeralda é uma gaivota!

— Uma gaivota?

Joanna fez um esforço para não soltar uma gargalhada. Nunca havia recebido um grupo tão esquisito em sua cafeteria! Ela notou que os outros clientes também observavam os recém-chegados com interesse.

— Sou conhecido no mundo todo — continuou o mágico, com um tom insistente. — Marcello Ranieri — guarde este nome! Pluto e eu trabalhamos juntos há anos. Esmeralda juntou-se a nós há seis meses apenas. *È di Napoli*, como eu. Encontrei Pluto no Corno de Ouro¹, no porto, onde foi abandonado pela tripulação de um navio veneziano. *Poverino!* Ele ficou ali, com as orelhas baixas, olhando o navio que partia. Eu suponho que seja veneziano de nascença. É uma pena que tenhamos de ter deixado Salomé em Marrakesh. Ela ficou com um encantador de serpentes — ele deu de ombros.

— Salomé podia devorar Pluto e Esmeralda e cuspi-los de volta. *Una cosa straordinaria!* — o italiano voltou a se entusiasmar. — Imagine só: o corpo comprido da cobra, com dois montinhos no meio! O maior seria Pluto e o menor, Esmeralda! Mas Salomé não gosta de viajar e nós, os outros três, não queríamos ficar em Marrakesh para sempre.

Joanna mal podia acreditar em seus ouvidos. A história melhorava a cada momento! Se apenas a metade do que dizia fosse verdade... Mais uma vez, seus pensamentos começavam a dar voltas.

O italiano bebeu um gole do café.

— *Ma che buono! Anzi, buonissimo!* É muito bom o seu café. Quase tão bom quanto o do meu amigo Floriano, em Veneza.

Ele sorriu, contente.

— Floriano? — exclamou Joanna, admirada. — O senhor não estará se referindo a Floriano Francesconi?

O mágico tomou mais um trago do café e virou os olhos, encantado. Em vez de responder, confirmou com a cabeça.

— Mas este é o amigo do meu finado marido! — disse Joanna, fervorosa. — Adam me disse: “Se algum dia não souber mais por onde seguir, dirija-se a Floriano Francesconi”. E o senhor o conhece? Isso não pode ser!

— *Sì, sì*, pode ser sim, *come no?* Floriano tem uma cafeteria sob as arcadas, na *Piazza San Marco*. E ele serve o melhor café *di tutta l'Italia*. Mas o que estou dizendo — interrompeu-se — não somente de toda a Itália, mas do mundo todo! Eu conheço apenas uma pessoa mais versada nessa arte do que ele. Ela é a melhor.

— Ela? Está falando de uma mulher? — Joanna aguçou os ouvidos.

— *Sì, sì, una donna!* Uma armênia, a velha Aglaia, de Constantinopla. *Un vero miracolo!*

O nome Floriano Francesconi era tão mítico para Joanna que ela não podia imaginar que alguém pudesse preparar um café melhor que o dele.

— Aglaia é a suprema mestre cafeeira do sultão otomano — seguiu adiante o mágico, com ar misterioso, quando percebeu a desconfiança de Joanna. — Naturalmente, Pluto e eu nos apresentamos ao sultão e à sua corte. E naturalmente também às mulheres *del suo harem*. Por certo, as damas do harém podiam ver-nos, mas nós não a elas. E havia eunucos por toda parte, protegendo-as. *Terribile!* Mas eu lhe digo: no fim das contas, vê-las ou não, pouco importou. O cheiro do seu perfume, que preenchia o

ambiente, o suave farfalhar dos seus vestidos de seda e os seus risos! O tilintar das pulseiras e dos brincos! Isso tira qualquer homem do sério, acredite! É melhor assim, que elas fiquem atrás de um véu, por mais transparente que seja. *Vero, Pluto?* A ti também, tivemos que segurar, para que não corresses para trás do véu para ser acariciado por aquelas damas perfumadas. Não podia nem se concentrar naquele dia...

Ele soltou um riso rouco e cutucou o cachorrão levemente com o pé.

— E digo-lhe mais, *Signora* — continuou ele. — O café de lá vicia! Quem o bebeu uma vez, quer bebê-lo de novo — disse e presenteou-a com um sorriso amassado. — Mas o seu também é muito bom. *Davvero*, pode me levar a sério!

Ele meteu uma garfada de ovos mexidos na boca e seguiu falando enquanto mastigava. Desde que ela mencionou que Floriano Francesconi foi amigo de seu marido, ele literalmente descongelou, mostrando-se até um pouco tagarela demais.

— Uma aluna da velha Aglaia abriu uma cafeteria, a Xícara de Ouro. *E lei si chiama Fátima*. Fátima é quase tão boa quanto a própria Aglaia — um brilho estranho tomou conta do seu olhar por um momento, como se estivesse perdido em suas lembranças. Contudo, recompôs-se logo. — Em todas as minhas andanças pelo mundo afora, não vi nenhuma casa de café que ficasse lotada do amanhecer ao anoitecer, como a Xícara de Ouro. *Sì, sì*, eu juro, eh? É uma honra conseguir um lugar, tanta é a procura. A casa é procurada até mesmo nas horas de oração, que é quando a rapidez do serviço é maior.

— Mas o que o café da velha Aglaia tem de tão especial? — perguntou Joanna, curiosa. A mestre cafeeira do sultão... O Xícara de Ouro... Isso soava cada vez mais tentador. Agora estava realmente curiosa.

— O segredo é guardado a sete chaves, *capisce?* Contudo, depois que a senhora houver provado desse café, nunca mais quererá outro!

Joanna sentiu uma leve pontada, como se o italiano a houvesse criticado. Será que ele diria o mesmo do seu café quando voltasse à sua terra e contasse das suas viagens? Provavelmente não, tinha que reconhecer, mesmo sabendo que o seu café era bom. Era bom, mas, por sinal, não era extraordinário. Ninguém vinha de longe especialmente para prová-lo. Seus clientes sentiam-se à vontade, desfrutavam a atmosfera aprazível, amavam os bolos e bombons finos — mas não eram particularmente loucos pelo seu café, por mais que se esforçasse na seleção dos grãos, na torra, na moagem e no preparo. Algo ainda faltava para dar ao seu café aquele toque especial, mas infelizmente ela não fazia a mínima ideia do que pudesse ser.

— E qual exatamente é a sua mágica, *Signore?* — perguntou a ele, para mudar de assunto.

— Veja...

Antes que se desse conta, o italiano segurava uma esfera negra à frente do seu nariz. Ele empurrou um prato para o lado e colocou-a sobre a mesa. Em seguida, virou a xícara vazia sobre a esfera e deixou-a deslizar um pouco para lá e para cá, até levantá-la subitamente. Da esfera, nem sinal.

— Como o senhor fez isso? — perguntou um dos corretores, que havia observado com interesse.

— Bem, *cari Signori*, isto é arte... Mas esperem até me verem decapitar Pluto ou soltar-me de amarras! Ou transformar uma luva em um limão!

— Mas isso é maravilhoso! Fantástico!

Joanna bateu palmas.

Alguns curiosos haviam chegado até a mesa, incluindo o gigante loiro. Contudo, o italiano fez um gesto breve com as mãos, indicando que a apresentação havia terminado.

— O senhor gostaria de se apresentar na minha casa? — perguntou Joanna ao mágico, quando a multidão de curiosos se desfez.

Alguém assim seria perfeito para a inauguração do salão de senhoras. Pensar na grande festa que seria alegrava Joanna. Seria algo especial, de acordo com a ocasião. Ninguém esqueceria o excêntrico italiano e seus bichos tão cedo, e isso certamente os faria lembrar do motivo da sua apresentação: o novo salão de senhoras.

[1.](#) Corno de Ouro: estuário que desemboca no Mar de Mármara, formando um profundo porto natural. Divide a cidade de Istambul (Constantinopla, no tempo da narrativa) em uma parte europeia e outra asiática.

Capítulo 6



Por hoje, era o suficiente. Gabriel Stern decidiu parar de tentar compor. Não podia trabalhar agora. Havia dias que desperdiçava o seu tempo e não fazia mais que sonhar acordado, em vez de concentrar-se nas notas. Decidido, pegou seu chapéu e saiu da minúscula sala de estar. No corredor, dois pacientes de seu pai esperavam para ser atendidos. Aparentemente, ele mais uma vez se atrasara no hospital.

Lá embaixo, na mercearia, o pálido Samuel limpava o pó das prateleiras. Jehuda conversava à frente da porta com a esposa do gráfico, que morava ao lado.

A passos largos, Gabriel pôs-se em direção ao portão de Bornheim. Ao chegar à Fahrgasse, três moleques sujos e uma garota de repente lhe fecharam o caminho. Um dos meninos gritou:

— Porco judeu! — e deu-lhe uma cusparada.

Às gargalhadas, as crianças correram. A reação de Gabriel não foi rápida o suficiente, pois conseguiu agarrar apenas a menina, que, imediatamente, começou a gritar.

— O que é isso? — ralhou uma jovem mulher. — São apenas crianças tolas!

A garota berrava como louca, mas a tolerância de Gabriel havia acabado. Agarrou a menina com ainda mais firmeza, abaixou-se de encontro a ela e ameaçou:

— Diga aos seus amigos que, da próxima vez, eu irei dar-lhes uma boa lição!

Com a mão livre, limpou o cuspe da sua manga.

Em todos os anos que vivera na Itália, nunca algo assim lhe havia acontecido.

— Não fui eu — chorava a pequena e esperneava tão forte que Gabriel teve de soltá-la. Rapidamente, ela se meteu na multidão de curiosos que havia se formado ao redor. Antes de desaparecer totalmente, virou-se mais uma vez, apenas para mostrar-lhe a língua.

— Brigar com menininhas, isso é covardia! — ladrou uma moça, com escárnio.

Gabriel empurrou-a para o lado e seguiu andando.

— Mas que audácia, judeu! — agrediu-o um velho desdentado, vestido em trapos. — Todos sabemos, o que vocês fazem com as crianças cristãs. Abatem-nas e as comem! — ele levantou o punho ao ar e gritou em direção ao posto da guarda. — Guaaaardas, para cá!

Gabriel apertou o passo. Um mendigo que, a julgar pela sua casaca bem talhada havia visto dias melhores, levantou-se, apoiando-se em suas muletas, e mancou em sua direção com a mão estendida.

“Era o que faltava”, pensou Gabriel, que procurou um *kreuzer* no bolso da casaca e jogou-o para o homem.

— Isto é tudo? — gritou-lhe o outro na cara.

Aturdido, Gabriel seguiu correndo para a cidade. Somente quando parou em frente à cafeteria, que logo reconheceu como o Café Mühle, é que voltou a si. Não fora conscientemente que direcionara seus passos para o Mercado Antigo, mas agora se dava conta do motivo que, no fundo, o levava até ali: o desejo de rever a mulher de cabelos vermelhos que encontrara na loja de Jehuda. Muitas vezes havia pensado nela, que era tão diferente das mulheres que encontrara até então. Apesar de ser uma mulher de negócios, de vida feita, havia deixado uma impressão suave, frágil e carente de proteção, quase como se ela

precisasse da sua ajuda. E ela não se parecia com Betsabá, cuja beleza seduzira o rei Davi? Na sala da sua anfitriã, em Veneza, havia visto uma cópia de *O Banho de Betsabá*, de Artemisia Gentileschi. Será que a ruiva de Frankfurt teria as mesmas curvas sinuosas da beldade judia?

Todas as venezianas da cafeteria estavam abertas e os lugares mais disputados, ao lado da rua, todos ocupados. Uma serviçal sobre uma escada encerava a placa da taverna. Gabriel admirou a bela fachada. A casa, com seus três andares regulares e o telhado de dois níveis, era uma das mais belas da cidade. O primeiro andar era amparado por colunas fabulosamente entalhadas. Sobre o portal de entrada destacava-se, no alto, um gablete anguloso. “Que diferença para as casas da Judengasse”, notou o violinista, em um acesso de melancolia. Pensava em Veneza, onde havia morado em um antigo *palazzo*, não muito longe da Praça de São Marcos, em aposentos sublocados de uma viúva rica. Tivera dois quartos grandes à disposição. Nunca fora tão produtivo quanto naqueles meses. A vista da sua janela era para o canal; o velho palácio e as fachadas das outras casas haviam bastado para inspirá-lo a escrever lindas melodias.

“Contudo, a casa da senhora Berger também havia visto dias melhores”, observou ele, enquanto estudava os ricos entalhes. Em alguns lugares, a pintura vermelha do enxaimel carecia de renovação. Mas o que importava? A casa continuava sendo especial. “Assim como a sua dona”, pensou ele — quando subitamente recebeu um golpe tão forte contra o seu corpo que por pouco não caiu.

— Tome mais cuidado! Eu quase...

Gabriel interrompeu sua fala. Um largo sorriso tomou conta do seu rosto ao ver quem havia se chocado contra ele tão impetuosamente. Ele reforçou o apoio nos braços da mulher, que tentava também recuperar o equilíbrio; obviamente, assim como ele, não o havia visto.

Cheia de raiva de Hannes, que ainda não comparecera ao serviço, Joanna saiu correndo da cafeteria com o intuito de confrontá-lo. Provavelmente estaria em sua casa curando a ressaca da bebedeira, como presumira Sybilla. Se Hannes não fosse capaz de controlar esse seu vício, muito em breve teria de procurar outro cozinheiro, decidira Joanna. Na pressa, pegou um xale do cabide e saiu correndo contra o vento frio que fazia fora para dar o ultimato ao alsaciano. O que mais a enfurecia era que o cozinheiro arruinava seu bom humor com sua falta de compromisso. O dia havia começado tão bem por seu encontro com o mágico. Era exatamente do que ela precisava para dar à inauguração do salão de senhoras um brilho todo especial.

Irritada, Joanna procurava livrar-se do homem que a segurava. Mais essa, agora! Quem era esse, que lhe obstruía o caminho, justo quando tinha pressa? Mas aquelas duas mãos masculinas não pareciam querer soltá-la. Vários instantes se passaram e a opção de tratar a trombada como um acidente sem importância e desculparem-se cordialmente já estava perdida.

Sem precisar levantar o olhar, Joanna reconheceu de repente quem era o homem que a segurava tão firmemente. Essa voz, esse cheiro, o contexto todo emanava sensualidade e já a cativara anteriormente, na casa O Camelo de Ouro, a mercearia de Jehuda, perturbando-a profundamente.

Gabriel Stern, o jovem violinista judeu, possuía realmente a petulância de segurá-la em seus braços tão insistentemente diante da sua própria porta, tão colada ao seu corpo musculoso, com a ponta do nariz tão próxima da sua, que poderia ter beijado aquela boca com dentes reluzentes. Desde o seu primeiro encontro, era uma luta para mantê-lo fora de seus pensamentos. Mal podia acreditar que seu desejo secreto se concretizava: o acaso os juntara novamente.

Joanna fechou os olhos para entregar-se por um momento às suas emoções conflitantes. Acaso ou não, pouco importava que houvesse desejado o reencontro com Gabriel Stern. Ela podia fazer negócios com os judeus, mas tudo o mais era proibido. Por que, então, o reencontro a deixaria contente?

Quando voltou a abrir os olhos, encontrou o rosto de Sybilla, que a fitava surpresa de cima da escada e esquecera completamente a sua tarefa.

— O que o senhor está pensando? Solte-me imediatamente! — ralhou ela com o violinista, alto o suficiente para que as serviçais pudessem ouvi-la.

Por cima do ombro de Gabriel Stern viu de relance o gigante loiro com o nariz arqueado que, justo naquele momento vinha subindo a Langschirne, vindo diretamente em direção a eles. Já de longe, vinha agitando afavelmente o seu boné.

Sem dar mais atenção ao violinista, que por fim a havia soltado, Joanna saiu de lado para não bloquear a entrada da cafeteria. Ela acenou brevemente para o recém-chegado e ajustou seu xale em volta do peito.

— A senhora está saindo? — perguntou o homem, decepcionado, quando percebeu que ela se preparava para partir. — Ah, perdoe-me, eu ainda não me apresentei — apressou-se em acrescentar. — Meu nome é Martin Münch. Eu caminhei de Sachsenhausen até aqui apenas para saborear o seu café. É o melhor de toda a Frankfurt!

Acanhado, brincava com seu boné. Seus cabelos loiros, que usava excepcionalmente curtos, despontavam-lhe da cabeça. “Por que ele tem que puxar conversa logo agora?”, perguntou-se Joanna, irritada. “Ele já não esteve aqui pela manhã?” Pelo canto do olho, viu que Cornélia Halderleben, com um espanador na mão, observava os acontecimentos da janela do primeiro andar da sua casa.

— Eu espero que sim! — respondeu ela, esforçando-se por um tom de voz ao mesmo tempo diligente e jovial — Infelizmente, preciso sair para resolver um assunto urgente. Mas entre, por favor. Meu ajudante servirá um excelente café turco.

Gabriel Stern havia ficado parado ao seu lado o tempo todo, em completo silêncio. Ela sentiu a sua presença quase fisicamente, como um leve toque, suave e constante. Contudo, somente depois que a porta da casa se fechou atrás de Martin Münch ela ousou encará-lo.

— Eu... devo desculpar-me — balbuciou ela. — Eu estava com pressa e...

Nos olhos escuros e amendoados do violinista, viu divertimento. Sua voz, entretanto, soou séria quando pousou a mão sobre o seu braço com intenção de acalmá-la.

— Sra. Joanna, a senhora não precisa se desculpar. Eu também deveria ter tomado mais cuidado. Mas... — riu ele, baixinho —, também não foi tão ruim, não é mesmo?

Ele abaixou-se para pegar a caixa do seu violino. Seu tom voltou à normalidade quando, segurando-a agora pelo cotovelo, dirigiu-a suavemente para longe da cafeteria.

— Venha, gostaria de acompanhá-la um pouco. Está com pressa, não é?

Ao deixar-se guiar pelo músico em meio ao turbilhão dos becos cheios de gente, toda a sua tensão dissolveu-se. Subitamente, sentiu-se leve e solta. Até mesmo a raiva que sentira de Hannes havia se dissipado. No fundo, deveria voltar logo para seguir torrando grãos. Revezando-se com Anne, já havia passado várias horas hoje no tambor de torrefação. Henriette Schley, a comerciante de temperos do outro lado da rua, havia se queixado uma centena de vezes do cheiro, que a incomodava. Segundo ela, o odor penetrante da torrefação sobrepunha-se às finas fragrâncias orientais da sua loja, dissuadindo os seus clientes de comprar. Por isso, havia mudado o tambor para o pátio. Anne poderia continuar sozinha, decidiu Joanna espontaneamente. Ao menos uma vez, as coisas teriam que funcionar sem ela.

O violinista abria-lhes caminho energicamente pela Fahrgasse, como sempre lotada. Joanna não sabia para onde ele a levava, mas tampouco se importava. Ele dava a impressão de saber exatamente o que fazia. Como em sonho, voava ao seu lado.

O entardecer já vinha chegando por trás das casas. Não tardaria e o pálido sol de início de primavera teria se posto totalmente. A alta torre da ponte erguia-se majestosa à sua frente, emoldurada pela muralha da fortaleza. Atrás dela, estendia-se o Rio Meno, lento e liso, uma longa fita prateada. Alguns barcos pesqueiros saíam para uma pescaria noturna.

Gabriel ia diretamente para o próximo portão da muralha de pedra, rio acima. Seu andar era leve e

ligeiro, com a caixa do violino na mão. Repetidas vezes estendeu-lhe sua mão livre para ajudá-la a transpor algum obstáculo ou, parecia-lhe, não deixar que a conexão entre eles se rompesse. Custava-lhe acompanhá-lo, seus pulmões já doíam pelo ritmo acelerado. Ele começou a descer a ribanceira à margem do rio. “Como um cabrito montês”, pensou Joanna, “sem tropeços, sem ao menos apoiar-se com a mão.”

Chegando lá embaixo, ele colocou a caixa do violino no chão e virou-se para ela. O que pretendia? Apenas uns vinte passos separavam-no da água. Atrás dele, ela podia ver a longa fileira de arcos de pedra da ponte, coroados pelos dois moinhos no centro. O primeiro arco em cada um dos lados do rio erguia-se ainda sobre solo lodoso e coberto de capim. Muitas vezes, Joanna havia visto as crianças brincarem sob os arcos. Ou observado os vagabundos que armavam suas barracas sob a ponte enquanto não eram expulsos, sob injúrias, pelos *piketts*. Mas por que Gabriel apontava o tempo todo para lá? O que queria dizer-lhe com seus gestos?

Somente quando levou as mãos em funil à boca ela foi capaz de ouvir suas palavras:

— Venha, senhora Joanna, desça para cá!

“Mas como?”, Joanna riu. Ela não usava calças como ele, mas uma saia comprida e meias que caíam toda hora. Sem contar os tamancos de madeira, que lhe caíam dos pés se não cuidasse. Ela levantou as mãos, num gesto defensivo.

— Não, eu não consigo! Impossível, de jeito nenhum!

Mas ele apenas balançou a cabeça, com seus cachos desgrenhados e, com uns poucos saltos, voltou a subir. Sem comentário, pegou no seu braço, colocou-o em volta dos seus ombros, segurou na sua mão e, com a outra, abraçou firmemente sua cintura. Cautelosamente, começou a descer. Joanna flutuava, sem que seus pés tocassem o chão escorregadio, de tão firme que ele a apoiava.

Assim que voltou a sentir o chão sob os seus pés, libertou-se rapidamente do seu abraço. Não deveriam se aproximar assim. Não de novo! Ainda tinha vívidas na lembrança as emoções que sentira havia pouco, na frente da cafeteria, ao perceber o seu corpo tão próximo ao dela. O seu cheiro. A sua força. A sensualidade que a confundia tanto. Um homem tão mais jovem do que ela. Um judeu.

Tinha de dar um fim a essa tolice imediatamente, tentou convencer-se. Isso não podia continuar! Uma única vez na sua vida havia se sentido assim, aos quinze anos. Peter, o irmão de Elisabeth, a havia cortejado. Contudo, havia optado por aceitar a proposta de Adam. Ele era um homem abonado. Ele lhe havia comprado a alforria, pois os habitantes de Bornheim eram súditos dos de Frankfurt, e havia a tornado uma cidadã livre da cidade imperial. Por isso, seria grata a ele até o fim dos seus dias. E ela o havia amado. Talvez mais como a um pai ou um irmão que a um amante ao qual se sucumbiria — como suspeitava vagamente. O que começou a sentir por Gabriel Stern não tinha nada a ver com isso. Não era mais que uma loucura. Algo proibido. Sentia-se como Eva, prestes a morder a maçã.

Receosa, virou em sua direção. Sua expressão era fechada, como se o seu recuo o tivesse deixado ressentido. De perfil, sua aparência era totalmente clássica, com a testa alta e o nariz longo levemente arqueado. Seus lábios carnudos se haviam contraído a um simples traço. Ele olhava para o rio, ou para além dele.

Por fim, ele pegou seu violino do chão.

— Venha! — disse ele, mas sem a olhar dessa vez e sem o mesmo entusiasmo de antes.

Joanna seguiu-o vagarosamente até que ele parasse embaixo da cabeceira da ponte, deixando a caixa do violino sobre uma pedra grande e plana, diretamente ao lado da água. Ele abriu a caixa e retirou o instrumento cuidadosamente. Com um gesto hábil, prendeu o violino embaixo do queixo e começou a afiná-lo. Com a testa enrugada, escutava os sons que se espalhavam pela abóbada, dedilhava e friccionava as cordas, girava as cravelhas, até satisfazer-se com o resultado.

Então, finalmente sorriu e apontou com o queixo para a pedra onde repousava a caixa do violino.

— Por favor, sente-se, madame! Esta é a minha sala de concertos.

Descreveu um amplo círculo no ar com o arco, abrangendo todo o espaço embaixo da arcada da ponte.

— Aqui é onde costume apresentar a minha arte ao público. Às vezes são crianças brincando, outras, gitanos ou pescadores que atracam na beirada quando me ouvem tocar. Há ocasiões em que estou sozinho e, então, minha música dissipa-se, sem ninguém para ouvi-la. Eu não me incomodo, pelo contrário, toco para mim mesmo e para o vento — ele ri, divertido. — Quando ele não encobre a música com seus uivos. Em dias de ventania, sopra alto, quase como em um concerto para órgão.

Joanna havia-se acomodado sobre a pedra, ao lado da caixa do violino, com as pernas apoiadas, e envolvia os joelhos com os braços.

— Em primeiro lugar, a senhora ouvirá uma gavota do meu venerado mestre Antonio Vivaldi, que me influenciou mais do que meus pais foram capazes. Trata-se de uma peça relativamente insignificante, ao menos na opinião do próprio *Prete Rosso*¹. Eu, do meu lado, gosto muitíssimo dessa singela dança. Ela é tão diferente das outras, entende? — novamente, ele lançou-lhe um olhar rápido, verificando a sua reação. — Depois, seguirei com uma sonata de Salomone Rossi, um violinista e compositor judeu que viveu há cem anos na corte do duque de Mântua e, por fim, fecharei com uma surpresa. A senhora verá.

Antes que pudesse replicar, ele já havia posicionado o arco sobre o instrumento. Muito suavemente, os tons começaram a desenvolver-se num sussurro, como se uma brisa leve roçasse a superfície da água e os galhos das árvores para, então, em um súbito crescendo, tornarem-se mais amplos, mais impetuosos, até que Joanna tivesse a sensação de estar dançando loucamente, girando em círculos com o criador dessa música maravilhosa.

Quando a última nota da gavota esvaneceu-se e Gabriel parou por um momento, ela se viu quase tão sem fôlego quanto ele. Contudo, ele apenas lhe acenou com a cabeça, ajeitou o instrumento sob o queixo e aplicou novamente o arco às cordas.

Joanna não sabia quanto tempo ele havia tocado quando finalmente deixou o arco descer, esboçando uma reverência em sua direção. Seu rosto estava enrubescido, a alta concentração havia-lhe levado o sangue às faces. Pequenas pérolas de suor brilhavam na sua testa.

Em silêncio, ela retribuiu o olhar. Falar, não podia. Pressentia que sua voz lhe falharia se tentasse dizer uma palavra que fosse; se tentasse expressar o que sentira enquanto ele tocava; se se aventurasse a descrever as imensuráveis paisagens de emoções pelas quais passara durante o concerto: montanhas, vales, rios torrenciais e singelos riachos. Prados, com flores brilhantes, rochedos bruscos, campos agitados pelo vento — e, por cima de tudo, o céu, por vezes azul radiante, por outras carregado de nuvens escuras.

Discretamente, secou uma lágrima do canto do olho.

Gabriel aproximou-se. Carinhosamente, repôs o violino na caixa ao lado dela, cobriu-o com um tecido de seda colorida e ajustou o arco no suporte próprio.

— A senhora gostou? — perguntou ele, de maneira acentuadamente casual.

Joanna disse que sim. Ela pigarreou e chegou um pouco para o lado quando ele fechou a caixa, colocou-a no chão coberto pela relva e sentou-se na pedra. Ela soltou os joelhos do abraço, deixou as pernas penderem para baixo e apoiou-se com as duas mãos atrás das costas. Tarde demais percebeu que Gabriel também havia posto a sua mão ali. Seus dedos tocaram-se levemente.

— A surpresa no final... — começou ela, hesitante. — Foi uma composição sua, não é?

Não ousava olhá-lo. Atrás dela, as ondas batiam mansas na margem. Ao longe, diversos sinos de igrejas soaram em uma harmonia estranha, chamando os fiéis para a oração do fim da tarde.

— Sim, foi uma composição minha — respondeu ele, com leveza. — A senhora quer saber o nome da peça?

Outra vez, ela aquiesceu silenciosamente, balançando a cabeça. Tentou mudar de posição para tirar a mão daquela proximidade perigosa, mas ele adiantou-se.

— Boa ideia — disse ele. — Olhemos para o rio em vez de dar-lhe as costas!

Com um movimento fluido, ele já havia descido da pedra e agarrado as suas pernas pelas curvas dos joelhos para simplesmente a girar em torno do seu próprio eixo, até que olhasse para o outro lado, o do rio.

— Ei, o que o senhor está fazendo?

Joanna teve que rir. Queria ter colocado mais seriedade em sua voz, mostrar repúdio por tanta ousadia, mas não foi capaz de esconder a súbita alegria que lhe subiu das entranhas.

O vento que vinha do Meno soprava-lhe diretamente no rosto e tentava arrancar-lhe a touca. Ela amarrou mais firme as tiras debaixo do queixo. Antes que pudesse reagir, uma rajada entrou por debaixo das suas saias, levantando-as e desnudando as suas pernas.

Oh, Deus, a jarreteira! Outra vez! Não teve outro remédio a não ser rir ainda mais. Em vão lutava contra as massas de tecidos revoltos que o vento cada vez mais forte deixava impossíveis de amansar. Já quase não via mais nada, pois toda hora um pedaço da saia tapava-lhe a visão. Ao menos o vento livraria as suas roupas do cheiro da torrefação! Ela mesma já parecia um grão de café.

— Parece que vem aí uma tempestade. Devemos ir — disse ele, sem soar minimamente preocupado. Pelo contrário, soava extremamente satisfeito e divertido.

— Por favor, Gabriel, ajude-me logo a descer daqui — tentou queixar-se Joanna, mas, enquanto o dizia, ele já a levantava em seus braços. Mais uma vez, não a soltou de imediato.

Ela sentia seu coração batendo contra a barriga dele. A brisa fresca da tarde envolvia sua perna nua. A meia se soltara definitivamente. Ela olhou o seu rosto. “Que belo”, pensou sem querer. A testa alta e estreita. Os olhos grandes, de pálpebras pesadas, cujas pupilas, à meia-luz do crepúsculo, mal se distinguiam da íris escura. O nariz aristocrático e os lábios entreabertos, detrás dos quais os dentes brancos reluziam.

Sentia seus braços firmes e fortes abraçando seu ventre. Os dela pendiam soltos pelos lados.

— Gabriel, eu...

Um relâmpago cruzou o céu de repente, seguido de perto pelo estrondo do trovão. Logo em seguida, a chuva começou a descer.

— O violino! — exclamou Joanna, aflita.

Mas Gabriel já a havia soltado e agarrado a caixa do instrumento. Rapidamente, saltou para a parede posterior do arco da ponte e deixou a caixa no ponto mais protegido, no meio do muro, de modo que a chuva e os respingos do rio não o alcançassem.

Tremendo de frio, Joanna olhava a espuma branca das ondas que haviam se formado sobre o Meno. Bem ao seu lado, a chuva caía forte, como uma cortina de incontáveis fios de cristal. Mais e mais relâmpagos cortavam o céu negro. De ambos os lados da ponte, a água descia em torrentes pela ribanceira. “Daqui a pouco teriam os pés molhados”, pensou ela. Mas, no momento seguinte, pareceu-lhe que o ápice da tempestade já passara. Os intervalos entre trovão e raio aumentavam. A chuva diminuía.

Joanna respirou profundamente, alisou as saias, puxou a meia de volta para cima e amarrou novamente o xale em torno do peito.

“Essa foi por pouco”, pensou. “Por muito pouco!”

1. *Prete Rosso*: padre vermelho, em italiano — alcunha de Antonio Vivaldi, por ser um sacerdote de cabelos ruivos. (N.T.)

Capítulo 7



Gabriel Stern levantou o olhar da sua partitura e esfregou os olhos cansados. Apesar de já ter a maior parte da sua ópera *Os Filhos de Abraão* pronta na cabeça, havia posto apenas um compasso no papel, nada mais. Para o ansiosamente esperado nascimento de Isaac, empregaria tímpanos e trompas. Faria soar logo quatro delas. A pena de corvo pendia solta na sua mão, a tinta secara. Ele olhava pela janela, para a muralha medieval que separava a Judengasse do restante da cidade. A ordem era de que as janelas estivessem pregadas para que os judeus não pudessem ver os cristãos. Ele havia arrancado as tábuas de imediato ao chegar da Itália, o que resultou em uma briga com os seus pais. Cedo ou tarde, alguém o denunciaria e teria que pagar uma multa. Somente Jehuda o havia apoiado:

— É impossível respeitar todas as regras. Ninguém consegue. Apenas cuide para que não o peguem! — comentou o merceeiro.

Ele levantou-se da cadeira, abriu a espineta e tocou alguns compassos. Imediatamente, voltou a sonhar acordado. Não podia deixar de pensar em Joanna Berger naquela tarde ao lado do rio, na magia daquela hora que haviam passado juntos e que encontrara um final tão abrupto. Joanna simplesmente partira, deixando-o parado na chuva. Literalmente.

Havia murmurado um formal “até logo” e, sem ao menos olhar para ele, corra pela beirada do Meno, em direção ao Leonhardstor. Um comportamento estranho, depois da intimidade que havia pairado entre eles. Era como se estivesse com medo.

Seus dedos moviam-se mecanicamente pelas teclas da espineta. Aborrecido consigo mesmo, Gabriel finalmente afastou do caminho o candelabro do *shabat* que estava bem no meio da sala, tirou seu violino da caixa e pegou uma partitura de uma sonata de Giuseppe Tartini. Deixou o primeiro movimento de lado, passando diretamente para o largo¹, que esperava ser capaz de acalmar os seus nervos.

Não esperara que a volta a Frankfurt trouxesse-lhe tantas dificuldades. As estritas limitações do gueto eram duras de aguentar. Tinha sentido tanta saudade, especialmente nas primeiras semanas em Veneza. Como havia desejado ver a sua mãe acendendo as velas do *shabat* e ouvir os cânticos na voz bonita de David Gans, o *chazan*²! E em nenhum outro lugar, o *lokschen kugel*³ era melhor que o da sua mãe, que não competia nem mesmo com a melhor massa italiana.

Fazia pouco que voltara a Frankfurt, no início da primavera, pouco antes do *pessach*, mas agora já previa que aqui não encontraria o sucesso profissional. Ao menos não como compositor. No melhor dos casos, como professor de música ou músico itinerante. As aulas que dava a Eva e Babette Bär de fato lhe davam algum dinheiro. Contudo, infelizmente as filhas do abastado cambista Mosche Bär não tinham o menor talento musical. Além disso, o interesse das alegres e aventureiras meninas estava mais voltado aos jogos de cartas e aos jovens rapazes do beco, que costumavam observar aos sorrisinhos da sua janela. No que dizia respeito à ocupação como intérprete itinerante, era certo que, logo após a sua chegada, havia sido convidado a tocar em festas de noivado, casamentos, *brit milah*⁴ e *b’nai mitzvah*⁵. Entretanto, o Conselho da cidade havia concedido aos judeus apenas doze casamentos ao ano! E as outras ocasiões tampouco eram tão frequentes para que pudesse ganhar com elas o seu sustento, sobretudo

porque não era o único membro da comunidade de posse de um instrumento musical. A destreza com a qual se tocava acabava por ser secundária. Além disso, para os seus pais, aos músicos eram reservados os degraus mais baixos da escala social; classificavam-nos mais ou menos no mesmo nível de Tova, a serviçal da família.

Inconscientemente, suas mãos entoaram os primeiros compassos do primeiro violino de *Os Filhos de Abraão* em vez do largo de Tartini. Sim, exatamente assim teria de ser, aqui era o lugar do acorde dominante! Como não havia pensado nisso antes? Assim poderia dissolver novamente o segundo violino depois de alguns compassos e a sinfonia ficaria completamente diferente.

Prontamente, deixou o instrumento em uma banqueta e mergulhou a pena de corvo na tinta, a fim de anotar a sua ideia. Mas, tão rapidamente quanto viera, seu entusiasmo se foi. Mesmo que terminasse a ópera aqui em Frankfurt — quem a encenaria? Não havia nenhuma casa de ópera na cidade nem nenhuma corte nobre que patrocinasse músicos. E, ainda que houvesse, sendo judeu, qualquer oportunidade lhe estaria mesmo vetada, consolou-se ele, com um riso de resignação. Um emprego como músico de igreja também estava fora de alcance, e ele tampouco o teria desejado. Londres, sim, cedo ou tarde teria de ir para lá. Havia tempos que considerava essa opção. A metrópole britânica era o lugar certo para judeus e compositores. Eles não eram obrigados a morar num beco estreito e os londrinos amavam a música e os compositores alemães. Isso comprovava tanto Händel, como também o seu opositor, Pepusch. Naturalmente, Veneza seguiria sendo a capital europeia da música, mas mesmo lá havia limitações para os judeus. E, afinal, ele era judeu e queria permanecer sendo. De jeito nenhum se converteria ao cristianismo, como faziam alguns por mero oportunismo.

Gabriel deixou a pena de lado e murmurou o credo judaico para si:

— *Schma Jisrael, Adonai Elohenu, Adonai Echod, Adonai Hu Elohim, Adonai Hu Elohim* — Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor.

Mais uma vez, seu olhar encontrou a muralha. Um galho atrofiado despontava por entre as pedras carcomidas pelo tempo, escaldado e ressequido, como se houvesse tentado criar raízes e desistido. Gabriel contorceu os cantos da boca. Não somente era obrigado a viver preso num beco com todos os judeus de Frankfurt, mas também seus pais o aprisionavam. Quando criança, sempre tivera uma relação boa com eles, e também quando adolescente. Após o seu retorno da Itália, entretanto, as coisas mudaram; haviam se reencontrado como estranhos. E depois que souberam da história da bailarina de Mântua, com a qual havia vivido por um ano em Veneza, tudo o que ouvia deles eram repreensões. Miri era judia. Da cantora de ópera, uma verdadeira veneziana e cristã, havia preferido não lhes contar nada. O doutor Stern sempre fora da opinião de que o melhor era evitar os cristãos de todo, pois não traziam mais que encrencas. Havia mandado embora seus poucos pacientes cristãos depois que um médico cristão o havia processado, com sucesso, por ele supostamente roubar-lhe os pacientes. Uma briga intensa havia-se criado então entre pai e filho, porque Gabriel não podia entender que seu pai aceitasse o desaforo, ainda por cima homologado pelo Conselho da cidade. “Sua mãe também não mais o entendia”, pensou Gabriel, ao lembrar-se da cena, quando ela tomara claramente o partido do pai. Antigamente, sempre apoiara o seu filho, não importava o que fosse. Mas isso, infelizmente, havia mudado.

A própria Esther Stern, quando ainda era uma menina, havia sonhado em tornar-se médica. Esse era, provavelmente, o principal motivo pela sua reação de total incompreensão quando seu filho desistira dos estudos de medicina em Pádua. Como antes, ela continuava lendo toda e qualquer nova obra médica que aparecia no mercado e discutia-a fervorosamente com o seu marido. Sempre que faltava pessoal qualificado no hospital, ela ajudava e engajava-se com a sua vizinha Míriam ben Abraham, esposa de Jehuda, na organização beneficente Chevra Kaddisha. Havia alguns anos, tentara inclusive estabelecer um comércio com medicamentos em conjunto com o merceeiro, mas a ideia acabara por fracassar devido à

falta de dinheiro das pessoas naqueles tempos difíceis. Agora ela alugava a sua sala de estar a hóspedes durante as feiras e, com os primeiros lucros, havia comprado-lhe a espineta, em uma tentativa de reconciliação.

O que dava a Gabriel um pouco de conforto, em meio à sua miséria, eram seus novos amigos músicos, com os quais trocava ideias de vez em quando: Hans, o flautista, e Hetti, com seu violão. Ele os havia conhecido logo após a sua chegada da Itália, quando, de repente, encontrara a sala de concerto embaixo da ponte cheia de gente. Os dois músicos de rua ganharam a sua amizade rapidamente, já que se haviam lançado com muito talento e cheios de entusiasmo sobre as suas composições, por mais exóticas que lhes parecessem. Tanto que não lhe incomodava que Hetti fosse um tanto maluca, fato que até mesmo Hans, seu marido, era obrigado a reconhecer. O pobre já lhe causara pena mais de uma vez, quando Hetti, tendo bebido demais e perdido a vergonha, envolvera-se com outros homens.

Alguém bateu à porta.

— Gabriel? — ouviu a voz da sua mãe. — Há visita para você.

“Quem poderia ser?”, perguntou-se, enquanto sua mãe abria a porta. Ninguém costumava perder-se nestes lados! Talvez um cliente ou alguém que quisesse tomar aulas?

Para seu espanto, era Joanna Berger que, de repente, estava em seu quarto. Por pouco a surpresa não o fizera derrubar a banqueta com o violino.

A dona da cafeteria vestia um vestido simples, de linho azul, e havia se esquecido de tirar o avental. Por cima dele usava um casaco de lã cinza. Os cabelos vermelhos despontavam, como sempre, um pouco desordenados por baixo da touca. Suas faces estavam vermelhas por caminhar ao ar fresco.

— Vocês podem ficar na sala de estar.

A expressão de Esther Stern comunicava extrema desaprovação ao guiar Joanna e seu filho pelo corredor estreito até a sala.

— Por favor!

Gabriel indicou a Joanna que se sentasse no sofá verde-escuro. Sua vontade era de abraçá-la e beijar sua linda boca, quando viu a expressão aflita do seu rosto. Ela não procurava esconder que a situação toda lhe era desagradável. O que queria ela com ele? Devia ser algo sério, caso contrário não haveria se arriscado a procurar a ele, o judeu, na casa de seus pais. Uma jovem viúva que se preocupasse com a sua reputação não faria isso nem com um cristão solteiro.

— Você precisa me ajudar! — ela foi direto ao assunto.

Nem um raio de luz passava pela janela encoberta por uma cortina de brocado escuro. Joanna permanecia sentada apenas no cantinho do antigo sofá, enquanto Gabriel se havia sentado à sua frente em uma cadeira desconfortável, de encosto alto. O violinista arqueou as sobrancelhas. Ele esperava que sua mãe não estivesse escutando do outro lado da porta. Como explicaria essa visita aos seus pais e aos vizinhos? Nesse beco, todos sabiam da vida de todo mundo. Já deveriam estar mexericando. Ele tinha de sair dali o quanto antes.

— Amanhã será a inauguração do meu salão de senhoras e eu darei uma grande festa para que todos os outros convidados possam festejar também. Minha atração principal deveria ser um mágico italiano. Até mesmo a esposa do escrivão do vice-prefeito deu a entender que virá. Certamente, a metade das damas confirmou presença somente por causa do mágico. Eu divulguei isso em toda parte.

Ela parou por um momento e engoliu. Seus dedos brincavam, nervosos, com o bordado de renda do seu avental.

Gabriel, que havia cruzado uma perna sobre a outra, apoiou o queixo na mão e olhou-a com expectativa.

— O mágico partiu hoje pela manhã. Ele simplesmente sumiu da cidade, deixando-me somente uma

carta.

Ela tirou o papel do seu avental e pareceu perturbada com a própria aparência. Gabriel mordeu os lábios para não rir. Somente agora Joanna percebera que a sua vestimenta não era nem um pouco apropriada para uma visita tão delicada. Provavelmente, a sua mãe estaria pensando que ela era uma serviçal de cozinha que se deixara engravidar por ele. Não admirava que ela houvesse reagido de forma tão reservada! “Contudo, a situação não era realmente engraçada”, pensou ele, controlando-se. Joanna devia estar realmente preocupada para ter vindo até ele.

Com as mãos trêmulas, a mestre cafeeira estendeu-lhe o papel amassado por cima da estreita mesinha de centro.

— *Gentile Signora* — leu ele —, infelizmente não poderei apresentar-me em seu salão. Negócios importantes exigem que eu parta imediatamente. Por favor, cuide bem de Esmeralda, pois, devido à pressa, não poderei levá-la. E, por favor, perdoe-me! *Con tutta stima*, Marcello Ranieri.

Sem comentário, Gabriel devolveu o bilhete a Joanna e olhou para ela. O que tinha ele a ver com esse mágico e sua fuga repentina?

— Você tem que me ajudar! — disse Joanna, com insistência.

Como ele não reagia, o rubor das suas faces intensificou-se ainda mais.

— Mas como? — perguntou ele, afinal, pouco convencido.

— Eu preciso de um artista para a minha inauguração ou ela será um fracasso. E você é um artista!

— Mas não sou mágico, sou apenas um simples músico. E, além disso, sou judeu! Não posso nem mesmo pisar em uma casa de café cristã, quanto mais me apresentar como artista. A senhora sabe disso!

Joanna permaneceu calada. Ela apenas o olhava.

“Parecia que estava prestes a chorar”, pensou Gabriel.

— Durante a feira, quando tudo é permitido, talvez houvesse sido possível — acrescentou ele rapidamente. — Mas a semana de pagamento já passou. Agora voltam a ficar de olho para que tudo permaneça dentro da ordem — ele balançou a cabeça, pesaroso. — É realmente incrível que durante as feiras ninguém dê muita importância às leis, a fim de não atrapalhar os negócios. Vivemos em uma cidade gananciosa.

— Nesse caso, é preciso deixar as leis um pouco de lado! — disse Joanna de súbito, com a voz resoluta.

— O que a senhora quer dizer com isso? — perguntou o violinista, entre surpreso e divertido.

— Bem, eu preciso de um artista que entretenha as pessoas. E você toca tão bem! — ela esforçou-se em manter o tom vigoroso. — E eu lhe pagaria bem. Diga-me quanto quer e eu pagarei. Pode tocar o que quiser. O que importa é que as pessoas se divirtam!

— Eu realmente gostaria muito de ajudá-la, mas sabe que é proibido. Nós dois estaremos em apuros se quebrarmos a lei.

Gabriel novamente sacudiu a cabeça. Como ela imaginava que isso pudesse funcionar? Era impressionante tanta ingenuidade. Ou seria ousadia?

— Eu preciso de você de qualquer maneira — tentou Joanna novamente. — Caso contrário, estarei arruinada. Eu investi muito dinheiro neste salão. Se o negócio não der certo, não saberei mais o que fazer. Se o artista anunciado não se apresentar, ficarei coberta de vergonha — ela jogou sua última carta: — Na Itália, onde viveu tanto tempo, as leis nem sempre são cumpridas, é o que ouvi dizer. Não é?

— Isso é outra coisa. Não estamos na Itália — revidou Gabriel, entristecido. — O que houve com o mágico? Por que ele partiu assim, de repente?

— Eu suspeito que alguém o tenha subornado ou ameaçado. — a voz de Joanna soou triste. — Algo assim deve ter acontecido. E eu posso bem imaginar quem está por trás disso. Querem evitar que meu

salão seja um sucesso. Ranieri literalmente fugiu da minha casa. Deixou para trás a maior parte da sua bagagem e até a sua gaivota. E ele depende dessas coisas para ganhar o seu sustento! Se ele não tivesse deixado o bilhete e não faltassem duas de suas trouxas, acharia que estava morto!

— Sra. Joanna, eu realmente gostaria muito de socorrê-la, mas não vejo como. Se um judeu se apresentar em uma cafeteria cristã, será um prato cheio para qualquer um que queira me prejudicar ou à senhora. Seremos denunciados à polícia. O que a senhora pretende é loucura!

— Ninguém precisa saber que você é judeu!

— Bem, mas o meu nome é Gabriel Stern, eu sou judeu e pareço judeu. As pessoas não são tolas e alguns já me conhecem.

A cidade não é tão grande assim. Fiquei fora apenas alguns anos.

— Eu o anunciaria ao público como um artista italiano! De Veneza! Em vez de um mágico italiano, será um músico italiano. Com tantos italianos que há por aqui, ninguém se dará conta...

Gabriel, sem querer, teve de sorrir. A insistência dela era incrível! A água parecia estar-lhe até o pescoço. Ou, então, por que não queria aceitar as circunstâncias tais como eram? Pelo visto, havia planejado tudo, colocando vantagens e desvantagens na balança. De fato, a ideia era simples, mas genial. De certa forma, não tinha como dar errado. Havia esquecido apenas uma coisa: de colocar-se no seu lugar. Parecia que não havia contado com a sua resistência. Ela precisava dele, era simples assim. E ela sabia que ele sabia disso.

Provavelmente, ela também havia adivinhado o quão suscetível ele era a esse tipo de jogos. Gabriel sorria por dentro. A verdade era que tinha prática em fazer-se passar por cristão. Afinal, o fizera por três anos em Veneza, pois de outra forma teria de ter usado o chapéu amarelo e morado no gueto. Perguntava-se se o maestro lhe haveria dado aulas se soubesse da sua religião — preferia não levar esse pensamento até o final. Esconder o fato de ser judeu havia sido fácil; entretanto, tinha jurado a si mesmo não mais sucumbir a esse tipo de dissimulação e trapaça. Acabava-se por enredar-se mais e mais nas próprias mentiras, sempre temendo ser desmascarado. Sem falar que era preciso negar a própria fé, os costumes e a si mesmo. Havia ficado tão contente ao voltar a Frankfurt, de estar entre seus iguais! Não queria mais sujeitar a si mesmo e a seus pais ao perigo de ser descoberto.

Joanna respirou fundo mais uma vez.

— Nunca na minha vida eu pedi a alguém. Isso sempre foi inconcebível para mim. Mas, agora, não tenho alternativa.

Ela o olhava, com seus grandes olhos castanhos. Uma de suas pálpebras tremia, quase imperceptivelmente.

— Por favor! — disse ela, baixinho. — Faça-o por mim.

1. Largo: na música, um grau de andamento lento, entre 40 e 60 batimentos por minuto..
2. *Chazan*: cantor litúrgico no judaísmo, que guia as recitações na sinagoga.
3. *Lokschen Kugel*: comida típica judaica, à base de macarrão, servida em ocasiões festivas, em diversas variações.
4. *Brit milá*: cerimônia religiosa do judaísmo, na qual o prepúcio dos recém-nascidos é cortado, ao oitavo dia, como símbolo da aliança entre Deus e o povo de Israel.
5. *Bar Mitzvah* (plural *B’nai Mitzvah*, filhos do mandamento) é o nome dado à cerimônia que insere o jovem judeu como um membro maduro na comunidade judaica.

Capítulo 8



Os dois arbustos de lilases começaram a florescer exatamente no dia da abertura do salão, como se houvessem esperado para brindarem a festa com o seu perfume.

Ansiosa, Cornélia Haldersleben estava sentada com Margareth e Lili em um banco, embaixo das gravuras venezianas.

As meninas, em suas roupas de domingo, batiam com os pés contra o baú do banco. Fascinadas, olhavam para o mapa de Amsterdã. Margareth apontou com o dedo para o Keizersgracht¹ e perguntou:

— Por que há tantos rios ali?

— São canais! Os holandeses os fizeram. São práticos e muito bonitos.

Cornélia Haldersleben nunca havia estado em Amsterdã, mas conhecia todas as cidades pelos mapas de seu irmão e teria facilmente encontrado seu caminho em qualquer uma delas.

— Por que eles mesmos fazem os seus rios? — perguntou Lili, que mastigava a própria trança.

— Não faça isso, Lili!

Joanna entrou no salão de senhoras com uma bandeja na mão e deixou um bule de chocolate quente com três xícaras sobre a banquetta baixa, à frente das meninas. Reticente, Lili tirou a trança da boca. A irmã do cartógrafo agradeceu com um meneio da cabeça e começou a servir a bebida.

Joanna tentava dissimular sua animação. Finalmente, o grande dia havia chegado! Tanta coisa dependia das próximas horas e esperava que tudo desse certo!

Depois de alguma indecisão, havia optado por uma saia cinzenta e uma jaqueta na mesma cor. No lugar da habitual touca, havia envolto os cabelos com um lenço de seda estampada, cuja ponta balançava em torno da sua cabeça como um pequeno véu. Um colar de âmbar combinando com a cor dos seus cabelos cintilava vez por outra por baixo do *fichu* de renda que cobria o seu decote.

— As primeiras damas já estão chegando! — exclamou Margareth, quando Madeleine van den Velden, esposa do comerciante de metais, e a gorda Else Niederhof apareceram na porta, escurecendo o salão. A última era casada com o cambista do Liebfrauenberg², que, durante a feira, dirigia os seus negócios no Café Mühle. Nessas ocasiões, passava dias sentado perante pilhas de *louis d'ors*, ducados, carolinas e diferentes tipos de táleres³, e atendia os seus clientes.

— Não, não, não se incomode, querida — disse Else Niederhof a Anne, que viera correndo para livrá-la do casaco de pele de raposa. — Está um pouco fresco aqui dentro, especialmente quando a porta se abre. Prefiro ficar com o casaco.

A mulher gorda sentou-se desajeitadamente no meio do sofá, que se envergou com o seu peso.

— Que lugar bonito! — observou Madeleine van den Velden, que ficara em pé, inspecionando a sala com curiosidade.

Nesse momento, a porta abriu-se novamente. Gabriel, que esperava a hora da sua apresentação sentado num canto, embaixo de uma enorme peruca longa, reconheceu imediatamente as recém-chegadas. Ainda no dia anterior, Joanna havia-lhe descrito todas as convidadas detalhadamente para prevenir quaisquer eventualidades. A mulher de preto devia ser Christine Haberkorn. Seu pai fora um capitão de navio da

África ocidental que havia seduzido a filha de um armador de Hamburgo, antes de sumir para nunca mais voltar. Essa fofoca Joanna havia ouvido da mercadora de temperos quando as duas ainda se falavam e passado-a adiante a Gabriel, levemente envergonhada. Christine era casada com um joalheiro e trouxera sua cunhada, Charlotte — uma loira de cara rabugenta que, em gratidão pelo convite, entregou um grande buquê de flores a Joanna. Seu marido era o escrivão do vice-prefeito e, por ser esposa de um funcionário público, parecia achar-se melhor que as outras damas, pois era a única das presentes que não precisava esperar de pé em uma loja.

Quando cerca de 15 damas estavam reunidas e haviam sido servidas finas xícaras de porcelana do perfumado café, Joanna anunciou em voz alta:

— Bem-vindas à minha singela sala, prezadas senhoras, queridas vizinhas! Hoje, por fim, poderemos divertir-nos como normalmente é permitido somente aos senhores da criação. Contudo, todas nós também trabalhamos duro o dia todo, então também merecemos o descanso, em ambiente agradável e entre nós. É claro que nada impede as senhoras de cuidarem de seus negócios neste salão, assim como os senhores também costumam fazer... — ela virou o rosto brevemente em direção ao salão principal. — Contudo, não quero fazer longos discursos. Meu músico, Gabriele Stella, que as senhoras veem aqui com seu violino, veio especialmente de Veneza para deleitar-nos com a sua arte. Ele estudou com o grande Antonio Vivaldi e tocará para nós algumas peças do mestre, assim como algumas de suas próprias composições. Não foi fácil contratá-lo, acreditem — acrescentou ela, com um sorriso maroto. — Prendemos a respiração até o último minuto, sem sabermos se ele realmente poderia estar aqui conosco hoje. Por um tempo, pensei que teríamos de contentar-nos com um mágico comum. Mas agora o maestro está aqui e nos brindará com entretenimento dos mais refinados, isso eu garanto, minhas senhoras. Deixem-nos aplaudir o artista!

Depois que os aplausos gentis das damas haviam terminado, Joanna seguiu com as faces em brasas:

— Contudo, o papel principal neste nosso salão será sempre o do café. Hoje lhes será servido um excelente café à moda turca. Uma colheita bem fresca, transportada em lombo de camelo pelos desertos da Arábia e chegada até nós em um navio sob a bandeira da *Serenissima*⁴ — ela ergueu ao alto uma pequena xícara de porcelana de Meissen⁵. — Quero fazer um brinde à bebida mais maravilhosa do mundo!

Cuidadosamente, ela levou a xícara aos lábios e sorveu um primeiro gole do líquido negro. Algumas das senhoras brindaram ruidosamente com as suas, assopraram o café fumegante e imitaram Joanna.

— E Úrsula Volckhardt...

A essas palavras de Joanna, a mulher ossuda ao lado da porta, com os cabelos castanhos e os óculos de uma haste só, repôs cerimoniosamente a sua xícara no pires e levantou o braço direito. Gabriel sabia que ela era natural de Erfurt e a esposa do tanoeiro, que acabara de mudar-se para a Garküchenplatz. A menina calada ao seu lado, de traços um tanto obtusos e que fazia renda em um lenço devia ser a sua filha, Marianne.

— ... dará a todas as interessadas uma iniciação ao mundo do jogo de gamão. A senhora Volckhardt é uma jogadora extremamente habilidosa.

— E sagaz também. Por favor, experimentem ganhar de mim, minhas senhoras! — desafiou a mulher do tanoeiro. Com destreza, abriu um tabuleiro de gamão que mal cabia na mesinha de Joanna, de tão grande. De todos os lados, as outras ajudavam, removendo as xícaras do caminho.

Gabriel aproveitou a deixa para entonar uma sonata de Vivaldi no violino, sob os aplausos das mulheres.

— O que o senhor está tocando?

“Essa morena com sotaque da Francônia deve ser Hedwig Erlenbach”, deduziu Gabriel. Com seu

marido, ela possuía um dos maiores comércios de madeira da cidade. Sem esperar pela sua resposta, ela deixou a xícara de lado, aproximou-se dele e, com a mão vestida em uma luva branca, bateu levemente no seu instrumento.

— Que madeira é essa?

Gabriel deu de ombros e, pedindo desculpas com a expressão do rosto, deu-lhe a entender que não entendera. A mercadora de madeira fez outra tentativa, ao que ele balbuciou algo, indicando-lhe que não falava alemão, até que ela o deixou em paz.

Joanna pareceu-lhe ser a anfitriã perfeita. Sentava-se hora aqui, hora ali, e apresentava as senhoras que ainda não se conheciam.

Sybilla entrou, carregando um prato com bombons coloridos trazidos pela esposa do confeitiro, Justine Maurer. Na outra mão, trazia um bolo numa travessa grande.

— Às favas o Conselho com seu decreto de roupas de luxo! — ouviu Gabriel, vindo da gorda no sofá. Ela dava-lhe a impressão de ter escolhido cada peça de sua roupa especialmente para ferir a lei, que prescrevia aos membros das diferentes classes sociais o que podiam ou não vestir. Devia ser difícil para ela mover os dedos, tantos e tão grandes eram os anéis. Ainda assim, conseguiu puxar para si o prato de Meissen com os *petits fours*. Um doce cor-de-rosa de massa folhada achou seu caminho para dentro da boca pintada de vermelho-escuro da mulher, que parecia uma joaninha.

Gabriel iniciou uma sonata de Albinoni. Sentia-se estranho em meio a tantas mulheres. Mas elas mal o notavam, de modo que se viu livre para deixar os pensamentos e o olhar vagarem. Seus dedos se moviam sozinhos e ele podia tranquilamente concentrar-se em outras coisas. Por exemplo, em Joanna Berger. “Como era bela!”, pensou ele. O penteado com o pequeno véu acentuava o seu pescoço gracioso e a nuca fina. A decisão de tocar para ela certamente não havia sido fácil, mas agora via, contente, que havia feito a coisa certa. Joanna, sentada no sofá ao lado da gorda com a pele de raposa, olhava-o sorrindo. Se pudesse, ele manteria esse olhar para sempre.

Ele tinha a impressão de estar tocando havia horas. Uma ou outra vez, teve de fazer reverências porque os aplausos não queriam calar. Em um ponto, mudou para a espineta, que Joanna havia alugado especialmente para a inauguração do salão de senhoras, e tocou um concerto solo para cravo de Johann Sebastian Bach.

— Bravo! — exclamou a gorda no sofá, quando ele finalizou a sua apresentação com um Allegretto de composição própria.

O ajudante com olhar sonolento que aparentemente havia estado parado na porta o tempo todo, aproximou-se de Joanna e cochichou algo em seu ouvido. Ela virou-se para Gabriel e certificou-se de que este havia terminado o seu concerto.

— Prezadas senhoras — disse ela, interrompendo o mexerico que se formava —, estou feliz por termos nos divertido tanto. Certamente teremos mais oportunidades de repetir encontros tão aconchegantes entre nós, mulheres. Isso eu desejo de todo o coração! E, seguramente, voltaremos a ter o prazer de ouvir outro concerto de Gabriele Stella. Eu me engajarei pessoalmente para que ele prolongue sua estada em nossa cidade ou volte a visitar-nos em breve.

Ela havia dado um passo em direção a Gabriel e estendido a mão em sua direção para encorajá-lo a cumprimentar o seu público. Mas, em vez disso, o músico agarrou a sua mão estendida e beijou-a, sob os aplausos estrondosos das damas.

— Encantador o seu músico, minha querida! Fazia tempo que eu não me divertia tanto — bradou a gorda com a pele de raposa, enquanto ia com as outras mulheres para o pátio, onde os dois assadores acabavam de montar um grande espeto para o leitão.

De repente, o salão de senhoras ficou vazio. Somente Joanna e o violinista permaneceram na sala.

— Que tremendo sucesso! — suspirou ela, cansada. — Todas elas voltarão...

Com o rosto em bramas, deu dois passos afoitos em direção a Gabriel, que acabava de guardar o instrumento em sua caixa, e agarrou as suas mãos.

— Conseguimos, Gabriel! Juntos, nós conseguimos. Eu lhe sou tão grata! E ninguém percebeu nada. Foi tão fácil, não foi?

Ela quis soltar as suas mãos das dele, mas Gabriel continuou segurando-as. Ele sentiu o ar estalando à sua volta. Sua vontade era de abraçá-la.

— Joanna — sussurrou ele, dando um passo em sua direção, ficando tão perto que somente um palmo separava os seus corpos.

Nesse momento, a voz grave e sonora de Justus von Zimmer soou pela sala. Imediatamente, Joanna soltou suas mãos das de Gabriel e cruzou os braços diante do peito.

— Muito bem, meus parabéns! Parece que foi realmente um sucesso! Que triunfo! Tataratá!

Ele lançou um olhar surpreso a Gabriel, que estava parado ao lado de Joanna com os braços abanando.

— Precisamos da senhora aqui ao lado! — bradou ele, puxando Joanna, que ria nervosa, para o salão principal.

Em todos esses anos, ela nunca havia visto o Café Mühle tão cheio, quanto mais nesse horário — afinal, faltava pouco para o pôr do sol. Todos, realmente todos, haviam vindo!

Ludwig Haldersleben ajeitou uma cadeira na frente da mesa longa e, galantemente, ajudou Joanna a subir. Em homenagem à ocasião, o cartógrafo vestiu um uniforme imperial de gala completo, com todas as medalhas que conseguira encontrar, além da sua melhor peruca. Normalmente, reservava-a para ir à igreja, portanto era pouco usada.

Com suas saias bamboleantes, Joanna encontrava-se agora em pé no meio da mesa enquanto Gabriel entonava uma fanfarra na espineta, ao sinal de Justus von Zimmer.

— Senhoras e senhores — disse ela, afinal —, estou muito feliz em recebê-los no Café Mühle para esta ocasião festiva! Algumas de vocês já estiveram festejando comigo antes — ela acenou para as senhoras que haviam formado um grupinho entre a porta do salão de senhoras e a sala grande para escutar seu discurso — e, para os demais: acaba de ser inaugurado o primeiro salão de café para senhoras da cidade. Finalmente, as cidadãs de Frankfurt poderão desfrutar uma boa xícara de café, ficando totalmente à vontade e entre si. Quero festejar este evento com todos vocês. Agradeço especialmente aos meus fiéis fregueses, meus queridos vizinhos e, é claro, à minha maravilhosa família, que fizeram tudo isso possível. Sem a ajuda de Anne, Sybilla, Scott, do nosso cozinheiro, Hannes, das minhas duas meninas, Margareth e Lili, e não menos do seu bom pai e meu amado marido, Adam, que Deus o tenha, não aconteceria esta festa aqui hoje, e o Café Mühle não existiria.

Ela levantou um copo de Riesling que o cartógrafo pegara para ela de uma das bandejas, com as quais as serviçais e Scott faziam a volta, e lhe alcançara para o púlpito improvisado.

— Brindemos, então, senhoras e senhores! — continuou Joanna, em tom festivo. — A vocês, a nós, ao novo salão de senhoras e ao Café Mühle!

Os primeiros convidados já queriam aplaudir a oradora e a sua equipe quando, de súbito, um único som de violino, agradável e infinitamente alongado, os deteve. Nem um pio se ouvia no salão, enquanto da nota única, que crescia em volume, nasciam outras, tornando-se muitas, aumentando em velocidade, saltitando aqui, deslizando ali, como se patinassem sobre gelo, galantes, suaves, repentinamente montando algazarra em incontáveis piruetas, até esvanecerem-se em um *finale* tão doce e cremoso quanto os bombons coloridos do confeitiro. Silencioso como um gato, Gabriel Stern havia entrado despercebido no salão para então, enquanto tocava, dançar em volta da mesa sobre a qual Joanna permanecia parada, como se houvesse criado raízes. Por fim, inclinou-se em uma reverência perfeita

perante ela, a rainha da noite, e estendeu-lhe a mão para ajudá-la a descer do trono.

Os aplausos cresciam e cresciam.

— Bravo! Toque mais uma! — soaram os primeiros gritos. Então, os outros dois músicos, Hans e Hetti Lenz, os amigos de Gabriel que naquele meio-tempo haviam chegado, sacaram seus instrumentos, passando a tocar uma dança alegre.

Logo algumas mãos fortes haviam tirado as mesas e cadeiras para os lados, fazendo espaço para os que queriam dançar e que já se encontravam aos pares.

Hans Lenz, com sua flauta, era uma figura discreta, em contraste à sua mulher, a excêntrica guitarrista. Sua saia era curta demais, achava Joanna; ela terminava em algum lugar entre joelho e panturrilha, deixando as pernas torneadas à mostra. Tinha pequenos guizos amarrados aos tornozelos, com os quais marcava o tempo. Sua jaqueta era tão justa que as tiras sobre o seu busto ameaçavam arrebentar quando movia os braços e sua maquiagem era evidentemente exagerada. Usava os cabelos escuros soltos e agitava-os frequentemente — um tanto demais, para o gosto de Joanna. Gabriel lhe havia avisado que Hetti era um pouco incomum, mas, ainda assim, estava surpresa. Por outro lado, a julgar pelos olhares de Justus von Zimmer e dos outros homens, que não desgrudavam da guitarrista, sua aparição chamativa era ideal para a ocasião.

Joanna olhou à volta. Uma leve vertigem havia se apoderado dela. “Mas talvez fosse apenas pela alegria”, pensou e sorriu. Estava tão feliz por o dia estar indo tão bem! E que ela houvesse feito um discurso na frente de tantas pessoas, sem gaguejar ou ficar vermelha! Sua intenção com a inauguração havia sido apenas promover o salão, mas agora a coisa havia se tornado uma verdadeira festa popular, prestigiada com entusiasmo pelas mais diferentes pessoas. Melhor que isso não podia ser! Todo o peso que sentira nas costas desde a morte de Adam parecia ter caído dela. Seu olhar oscilava entre Gabriel, cujo sorriso brilhante por cima do violino fez seu coração parar por um minúsculo instante, passando por seus igualmente incansáveis amigos músicos, o cartógrafo e sua irmã, Cornélia, que lhe acenavam alegremente de seu lugar cativo, até as suas enteadas, Lili e Margareth. As bochechas das meninas irradiavam um vermelho intenso, de tanta animação, enquanto brincavam passando por debaixo das guirlandas armadas por todo o salão. Os únicos que não pareciam totalmente contentes eram os jogadores de bilhar, que, nesse dia, tiveram que renunciar ao seu passatempo favorito, pois a mesa verde havia sido movida para o pátio para que nela se arrumasse o bufê.

— Deixe-nos acender os lampiões! — gritou ela a Scott, espremendo-se por entre as pessoas para chegar até o quintal.

O cheiro do leitão era delicioso! Havia sido a decisão certa arcar com mais esse custo, registrou ela, com satisfação.

Os dois assadores, contratados especialmente para esse dia, suavam e giravam o grande espeto por cima do fogo aberto.

As pessoas juntavam-se em um cacho ao redor da mesa de bilhar, com a intenção de encher os seus pratos. Carne assada de coelho, galinha, pato e codorna, embutidos, chucrute e beterraba, lúcio⁶ grelhado, um ragu de pombo, castanhas no creme de leite — Hannes havia passado vários dias na frente do fogão.

Joanna apoiou-se na porta que dava para o quintal e observou como Scott acendia os lampiões de papel colorido. Ela não sabia quanto tempo havia estado parada ali, descansando um pouco, com as mãos apoiadas na cintura, quando alguém chegou por trás e acariciou-lhe suavemente as costas. Uma carícia leve, talvez até um toque despropositado. Não precisou virar-se para saber quem era que estava ali tão perto dela.

— Que dia lindo, Joanna! — disse-lhe Gabriel baixinho, no ouvido.

Ele devia ter tirado a casaca de veludo, pois ela podia sentir o calor da sua pele através da camisa. Ela virou a cabeça levemente e estremeceu quando os lábios dele tocaram sua orelha. Instintivamente, ela fechou os olhos.

— Joanna...

Agora o toque certamente não era mais sem querer. Ela sentia ele se apertando contra ela por trás, sua boca buscando o seu pescoço e o calor espalhando-se no seu interior como um rio de lava. O que ele fazia? Joanna prendeu a respiração. Ele havia enlouquecido? Ela quis dizer alguma coisa, mas era incapaz de mover-se. Uma sensação totalmente nova, desconhecida, mantinha-a prisioneira.

— Sra. Joanna, finalmente a encontrei!

Ludwig Haldersleben havia tirado a casaca do uniforme e a peruca e parecia muito mais jovem. Seu rosto estava suado como se houvesse dançado até cansar, mas seu olhar era sério e um pouco surpreso de vê-la ali tão íntima com o músico italiano.

— O que foi? — perguntou ela, alarmada, dando um passo para a frente.

— Senhora Joanna, precisa vir comigo!

Somente agora ela percebera a mulher um tanto amargurada, de touca amarelada, parada ao lado de Ludwig Haldersleben e olhando-a com uma mistura de medo e obstinação.

— O que foi? — repetiu Joanna, confusa. — Quem é a senhora?

— Eu sou Annete Münch, a vizinha de Elisabeth Hoffmann. Por favor, venha comigo! Algo... não vai bem — balbuciou a estranha. — Há algo de errado na casa dos Hoffmann. A senhora precisa ajudar Elisabeth. A senhora é a única que pode fazer isso!

Joanna olhou de Ludwig Haldersleben para Gabriel, que acompanhou a cena em silêncio. Os dois homens pareciam não duvidar, nem por um segundo, que a mulher estivesse falando sério, mesmo que pudessem apenas suspeitar dos verdadeiros motivos da sua vinda.

— Joanna, eu a acompanharei! — disse o violinista imediatamente, que esquecera completamente do seu papel de italiano que não fala alemão. — Não a deixarei sair sozinha à rua. Já é quase noite!

Joanna permaneceu calada. Ela olhou de Annete Münch, que se esforçava por não chorar, a Ludwig Haldersleben, cuja expressão ficara ainda mais grave, e mais uma vez a Gabriel. Ele estava parado de costas para o pátio que os lampiões amarelos e vermelhos envolviam em uma luz de tons quentes. Ele a olhava fixamente com seus olhos escuros. Até agora, nenhum dos convidados parecia ter percebido a visita inesperada e a inquietação que ela causara.

— Não. É melhor que eu vá sozinha — respondeu ela, em tom neutro. — O senhor apenas poria a si mesmo em perigo, Gabriel. É melhor que fique e cuide para que a atmosfera continue boa. Toque, faça música, divirta os convidados! E você, Ludwig, por favor, cuide das meninas. Eu voltarei assim que possível.

1. Keizersgracht (Canal do Imperador, em holandês): um dos três principais canais do centro de Amsterdã, que, por seus muitos canais, ilhas e pontes, recebeu o nome de “Veneza do norte”. (N.T.)
2. Liebfrauenberg: praça no centro histórico da cidade, considerada uma das mais belas de Frankfurt. (N. T.)
3. *Louis d’or*, *ducado carolina*, *táler*: moedas vigentes na Europa naquela época.
4. *Serenissima*: refere-se à República de Veneza.
5. Porcelana de Meissen: primeira manufatura de porcelana europeia.
6. Lúcio: peixe predador de água doce da família *Esocidae*, carnívoro, nativo da América do Norte, Europa e Sibéria, muito apreciado na culinária.

Capítulo 9



Na penumbra, a propriedade dos Hoffmann parecia totalmente deserta. Para surpresa de Joanna, o grande portão verde não estava fechado e rangeu baixinho quando ela entrou com Annete Münch no pátio. Os bancos compridos estavam inclinados contra as mesas, indicando que a taverna estava fechada. Não havia luz acesa na casa e do canil e dos currais adjacentes não se ouvia um ruído. Segundo Annete Münch, Gottfried Hoffmann partira havia dois dias, levando os dois cães e o urso em sua velha carroça. Enquanto regava seus gerânios, ela o vira açoitando os animais para que subissem no carro. Como sempre, sentira alívio quando vira as costas largas com a nuca grossa de Hoffmann indo embora, mas se perguntou onde estaria Elisabeth. Contara isso a Joanna quando chegaram à ponte, bem a tempo de cruzá-la antes que as grades levadiças do portão se fechassem.

— Mas depois, não pensei mais nela — havia dito Annete Münch com os olhos cheios de lágrimas enquanto alcançavam o outro lado do Meno. — A senhora sabe, eu tenho tanta coisa para fazer com a taverna e as três crianças... Não sobra muito tempo para pensar.

Joanna apenas tocara brevemente no braço da mulher amargurada enquanto andava, murmurando:

— A culpa não é sua — afinal, ela sabia bem como era cuidar de uma taverna.

Do interior da casa não se ouvia ruído algum. Ninguém abriu quando bateram à porta com a aldrava. Nenhum movimento na casa.

Mais uma vez, Joanna deixou a pesada argola de metal com a cabeça de urso bater contra a porta verde de madeira. Nada. Onde estaria Elisabeth? Até onde Joanna sabia, havia muito tempo que a amiga não ia à casa da sua família, em Bornheim. Seria improvável, então, que ela houvesse aproveitado a ausência do marido para visitar seus pais.

Joanna tentou espiar pela janela da cozinha, mas as cortinas de renda tapavam-lhe a visão. Quando será que Elisabeth havia limpado as janelas pela última vez? Não era do seu feitio deixar a casa em um estado deplorável como esse! O vidro pelo qual ela olhava estava trincado. Com um pressentimento ruim, ela forçou a maçaneta da porta. Trancada.

— Eu a mato se fizer isso de novo! — era o que havia dito Gottfried Hoffmann à sua mulher, quando, pouco depois da morte de Adam, Elisabeth a havia alertado sobre os planos do marido de levar o Café Mühle à ruína. Em algum momento, o taverneiro havia descoberto que a sua esposa contara tudo à sua velha amiga e a havia espancado loucamente. Depois disso, soubera que as bravatas de Gottfried não eram apenas ameaças vazias. O medo por Elisabeth havia levado Joanna a aturar as perseguições do produtor de vinho de maçã. Por último, ele havia tentado intimidá-la, mandando uma vidente à sua cafeteria. Será que ele realmente não desistiria até ver a ruína dela e do seu negócio?

Desnorteada, Joanna olhou à volta. Por que a porta da cozinha estava trancada? Ninguém trancava as portas durante o dia, a não ser que saísse de viagem levando os serviçais junto. Mas Elisabeth não tinha ninguém em Frankfurt onde pudesse ter ido. Tinha de estar em casa! Por que não abria a porta? Algo terrível devia ter acontecido.

Seu olhar caiu sobre a sua acompanhante. Annete Münch não seria de grande ajuda, isso estava claro. A

mulher ao seu lado, encolhida num canto, estava assustada demais. Joanna nunca havia pensado que existissem pessoas menos corajosas que ela mesma.

Um morcego passou voando baixo sobre elas. Annete soltou um grito. Joanna também começou a entrar em pânico.

Tudo aquilo era tão assustador!

Sem dizer uma palavra, Annete correu para fora do quintal. Joanna viu-a cruzar a rua em direção ao portão da sua própria casa e atravessá-lo. “Bem, agora estou sozinha na missão de salvar Elisabeth”, pensou, resignada, e abaixou-se sob um novo ataque de morcego. Ela sabia que esses bichos, no fundo, eram inofensivos. Mas, que tinham algo de aterrorizante quando passavam voando tão perto, dando a impressão de que a tocariam com a ponta da asa, isso tinham!

Ela surpreendeu-se bastante quando, pouco depois, escutou novamente o portão dos Münch e Annete apareceu ao seu lado, com dois lampiões acesos nas mãos. Ainda calada, a vizinha de Elisabeth meteu uma chave enorme na fechadura e abriu cuidadosamente a porta da cozinha.

— Ei! Elisabeth, você está aí? Sou eu, Annete! Eu só queria ver se está tudo bem!

Joanna admirou-se ainda mais pela valentia inesperada da pequena mulher. Havia subestimado Annete Münch, e muito.

Ninguém respondeu. A vizinha ficou parada, hesitante, na porta de entrada.

— Alguma coisa aconteceu — sussurrou ela para Joanna. — Veja só o estado da cozinha!

Joanna ficou nas pontas dos pés para olhar sobre o ombro de Annete. Realmente, a cozinha parecia um campo de batalha. Uma prateleira havia sido arrancada da parede e caíra sobre a mesa. Em uma grande desordem, os mantimentos estavam espalhados por todo o recinto. No chão de pedra estavam os cacos de uma travessa de porcelana que Joanna havia dado a Elisabeth como presente de casamento e da qual sabia que a amiga cuidava como a um filho.

— Por que colocaram o baú em cima da entrada do porão? — perguntou Annete receosa após ter ficado observando a bagunça por um tempo. — Ali não é o lugar!

Seguindo um impulso, Joanna empurrou a mulher para o lado e entrou na cozinha. Um camundongo que estava petiscando os grãos de espelta¹ esparramados pelo chão passou ligeiro por ela de volta à sua toca, logo ao lado da porta. Joanna atravessou a cozinha e as salas adjacentes a passos largos. Em contraste à cozinha, os outros cômodos do térreo estavam em perfeita ordem, dando a impressão de que ninguém estivera ali havia muito tempo. Voltando à cozinha, percebeu que tinha deixado rastros de farinha pelo chão.

Annete não se moveu do lugar. Como se esperasse ter que fugir a qualquer momento, ficou parada no batente da porta, com o olhar fixo no baú reforçado com ferragens.

— Aqui embaixo não há ninguém. Vou olhar nos quartos de cima. Avise-me imediatamente se chegar alguém! — disse Joanna à mulher, tirando-lhe o lampião da mão.

— Ela não está lá em cima. Está ali — disse Annete, com a voz trêmula e apontando para o baú.

— Dentro do baú?

Joanna levantou a tampa pesada. À parte de alguns pilões, panelas e outros utensílios de cozinha, o monstrengo de madeira não continha nada.

— Não, no porão! O alçapão embaixo do baú dá para o porão. É onde os Hoffmann mantêm seu estoque de vinho de maçã. Há porões embaixo da casa inteira.

Annete começou a tremer no corpo todo.

— Deus queira que ela esteja bem!

Joanna jogou o corpo contra o baú.

— Você terá que me ajudar. Não conseguirei movê-lo sozinha. Eu teria de esvaziá-lo primeiro. Mas

creio que juntas conseguiremos.

Hesitante, Annete entrou na espaçosa cozinha, virou-se mais uma vez, tirou a chave da fechadura e enfiou-a no bolso do avental, deixando a porta aberta. Ela abriu uma gaveta e tirou dela uma faca grande, que deixou no chão, ao alcance da mão.

— Quem sabe o que encontraremos... — sussurrou ela, agourenta.

Juntas, empurraram o baú, movendo-o ruidosamente pouco a pouco, até que finalmente o alçapão ficou livre. As duas mulheres entreolharam-se. Nas tábuas do assoalho, exatamente onde o baú havia estado, havia uma mancha escura. Sangue!

Pálida como giz, Annete correu para fora. Pouco depois, estava de volta, arrastando uma escada enorme atrás de si.

— Precisamos dela para descer ao porão — arfou ela.

Com esforço, Joanna puxou a porta do alçapão para cima pela argola de ferro, ajoelhou-se e olhou pela escotilha para o porão. O ar frio misturado a um leve cheiro de mofo veio ao seu encontro. Somente o espaço diretamente embaixo da abertura era iluminado pela luz do lampião que Annete segurava por cima dela. Mais para baixo, não havia nada além de escuridão total.

Nenhum ruído se ouvia.

— Vá na frente! Eu não posso entrar aí. Tenho medo de fantasmas — a vizinha deu de ombros, pesarosa. — Eu iluminarei o caminho para a senhora descer.

Num esforço conjunto, foram baixando a escada na escuridão, até que ela encontrou o chão. Annete ajoelhou-se para segurar a ponta da escada. Cautelosamente, Joanna colocou o pé no terceiro degrau para testar a firmeza. Annete estava cuidando para que não balançasse. Ela pendurou um dos lampiões no gancho ao lado do alçapão e deu o outro a Joanna.

Enquanto Joanna descia cuidadosamente, degrau por degrau, Annete disse:

— É melhor que leve isto também — e passou-lhe a faca de cozinha.

A escada levou-a a uma pequena antessala, cheia de barris empilhados até o teto. Um corredor estreito levava às profundezas do porão.

— E então? — perguntou Annete lá de cima, com medo na voz.

Joanna levantou o lampião para ver melhor, mas, até onde a vista alcançava, via somente barris, caixas e sacos em várias fileiras ao longo do corredor.

— Vou ver o que há no final do corredor — cochichou ela, como se houvesse mais alguém ouvindo. Um ruído estranho, como de arranhões, que vinha da escuridão profunda do porão, chamou sua atenção. Quase derrubou o lampião de susto.

— Meu Deus — gritou Annete, que também havia escutado o barulho. — O que foi isso?

Joanna voltou correndo os poucos passos que havia dado por entre os barris para dentro da sala comprida e estava de volta ao pé da escada. Em que situação havia se metido! Por que havia sido tão tola a ponto de rejeitar a companhia de Gabriel? Deveria correr para a outra margem do rio e buscar ajuda. Mas teria que pagar o pedágio para voltar fora do horário de abertura da ponte e havia deixado o moedeiro em casa. Além disso, Elisabeth ainda estaria viva quando voltasse da cidade?

Joanna olhou para a cara amedrontada de Annete, que aparecera na abertura acima dela. Não, ela tinha que agir agora! Se tinha que ser sozinha, então seria.

— Elisabeth? — chamou ela, angustiada. — Você está aí?

O ruído soou novamente. Agora parecia alguém dando repetidos pontapés contra um barril.

Joanna forçou-se a manter a compostura e moveu-se na direção do ruído assustador. Seus joelhos tremiam.

Ao contrário da vizinha de Elisabeth, nunca havia acreditado em fantasmas — mas dava para ter

certeza? Se o barulho viesse de Elisabeth, ao menos significava que ela não estava morta.

— Por favor, tomara que ela esteja viva — murmurou, erguendo o rosto em direção ao céu.

De repente, deparou-se com um amontoado de tralhas bloqueando-lhe o caminho. À luz fraca do lampião, pensou reconhecer um arado, uma carriola com uma roda só, vários bancos empilhados, uma prensa de vinho e a roda traseira de uma carroça.

Ela levantou o lampião por sobre os barris a fim de procurar uma passagem. Se encolhesse a barriga talvez passasse por entre os barris, pois tirar as tralhas do caminho levaria demasiado tempo e somente se conseguisse levantar aqueles objetos pesados.

— Como está indo? — gritou Annete lá de cima.

Joanna ficou aliviada por ouvir a sua voz. Ela girou o rosto em direção à mancha de claridade que vinha da saída e chamou:

— Há um monte de coisas bloqueando o caminho. Eu não consigo passar. Terei de me espremer por entre as fileiras de barris.

Entre os barris, sentiu-se ainda mais angustiada. Algo guinchou entre os seus pés e ela puxou a perna, aterrorizada. Apenas um rato, acalmou-se. Sobre os barris havia uma camada de poeira, como se não houvessem sido movidos havia séculos.

Um muro surgiu à sua frente. Devia ser a parede externa da casa, ou seja, havia alcançado o final do porão. Um morcego pendia do teto, de cabeça para baixo. Joanna sentiu-se como em um labirinto. Virar-se não podia no espaço estreito entre os barris. Outra vez, teve a sensação de um bicho movendo-se entre as suas pernas.

Ela deu alguns passos para trás e virou-se na direção paralela ao lugar no corredor que estava bloqueado pelas tralhas. Tinha de dar a volta ao monte de entulho, pois suspeitava que havia sido posto ali de propósito para cortar o acesso ao local onde Elisabeth se encontrava. Ou à saída.

— Está tudo bem aí embaixo? — soou a voz trepidante de Annete ao longe.

— Sim, tudo bem. Eu só preciso achar a passagem!

De repente, Joanna viu-se de volta ao corredor mais largo e voltou a escutar o som de arranhões. Ela levantou o lampião para conseguir uma vista geral da situação. Diante dela, havia um baú enorme, com entalhes valiosos, uma cópia exata do baú da cozinha. O ruído parecia vir de dentro dele.

— Elisabeth — sussurrou ela, abismada. — É você?

A amiga tinha de estar dentro do baú, sem dúvida! Gottfried havia trancado sua esposa viva em um caixão!

Com a voz falha, comunicou seu achado a Annete, que a encorajou, solícita:

— A senhora tem que abrir a tampa!

— Isso é fácil dizer, estando aí em cima, em segurança! — retrucou ela.

Joanna estendeu o braço e tentou levantar a tampa cautelosamente. Trancada. “E se o baú estivesse cheio de ratos que saltariam no seu rosto assim que se vissem livres?”, perguntou-se ela involuntariamente.

Entretanto, o barulho ficara mais forte depois da sua tentativa de levantar a tampa. Tinha de ser Elisabeth! Sua amiga a havia escutado e tentava agora, provavelmente com as últimas forças, chamar a sua atenção.

Joanna iluminou em volta do baú com seu lampião, procurando a fechadura. E realmente: a chave estava lá. Enferrujada e com quase uma vara de comprimento. Teve de deixar o lampião de lado para movê-la com as duas mãos, tão dura era de girar. Assim que soou o estalo da fechadura se destrancando, a tampa do baú começou a levantar-se sozinha. Joanna deu um salto com o susto e, por pouco, não derrubou o lampião. Era o que faltava: ficar no escuro nesse porão fantasmagórico!

O som de uma respiração ofegante soou pela fresta entre o baú e a tampa, que se moveu para cima e para baixo algumas vezes antes de fechar com um estrondo. Elisabeth, ou o fantasma que se encontrava lá, não conseguia abrir a tampa por dentro sem ajuda! Decidida, Joanna aproximou-se, juntou todas as suas forças e levantou, com grande esforço, a pesada tampa.

Ali estava Elisabeth, encolhida, com os joelhos encostados no peito, a boca amordaçada, de pulsos e tornozelos amarrados, deitada nesse mortuário de madeira, lutando para respirar.

— Meu Deus, Elisabeth! O que aquele porco fez com você?

Joanna tapou o rosto com as mãos, aterrorizada. Lágrimas de raiva e pavor saltavam-lhe dos olhos. Quantos medo Elisabeth devia ter passado! Quantos tormentos. Maltratada dessa maneira por seu próprio marido!

A súplica no olhar de Elisabeth trouxe-a de volta à realidade. Às pressas, começou a cortar a mordança da boca da amiga.

— Fique quieta — ordenou, quando Elisabeth tentou sair da sua posição incômoda. Quando finalmente conseguiu remover o pano do rosto da amiga, Elisabeth cuspiu a mordança, arfando, e em seguida respirou fundo algumas vezes. Uma tosse seca saiu do seu peito, culminando em um gaguejar indistinto.

— Psiu! — Joanna procurou acalmar a amiga. — Está tudo bem. Você está salva.

— O que está acontecendo? — clamou Annete, com uma mistura de pânico e curiosidade.

— É Elisabeth. Ela está viva! — respondeu Joanna, entre exausta e triunfante. — Vou levá-la para cima!

Vencendo a dificuldade, ajudou Elisabeth a levantar-se. A amiga gemeu de dor. Demorou uma eternidade até que Joanna conseguisse cortar as cordas que amarravam os pulsos da prisioneira. Tinha apenas uma mão livre, já que na outra segurava o lampião para poder enxergar.

Assim que suas mãos ficaram livres, tentou tirar o lampião de Joanna, mas os seus dedos estavam tão rígidos que não os podia mover, e, mais uma vez, gemeu de dor.

— Segure o braço para cima!

Joanna pendurou o lampião no braço dobrado e passou a cortar as amarras dos pés. Quando terminou, pegou-o de volta e colocou-o sobre um dos barris.

— Ele quis me matar — foram as primeiras palavras de Elisabeth, que passaram a um choro gemido.

— Falaremos disso mais tarde. Agora temos que sair daqui. — respondeu Joanna, breve. — Consegue se levantar?

Elisabeth apoiou as mãos no canto do baú e tentou levantar-se. Mas estava fraca demais para aguentar todo o peso do seu corpo.

Mesmo à luz fraca, Joanna pôde ver que sua amiga tinha marcas sangrentas de arranhões no rosto e que as pequenas veias dos seus olhos haviam estourado.

— Sente-se no baú por um momento e sacuda as mãos e os pés para que o sangue volte a circular!

Elisabeth obedeceu, muda, respirando profundamente mais algumas vezes, finalmente voltando a preencher seus pulmões com ar fresco. Ela fechava e abria as mãos e movia cautelosamente as pernas. Sua respiração ainda roncava.

— Vem alguém aí, eu ouço passos! — gritou Annete. — Vou ver quem é. Rezemos para que não seja o Hoffmann!

Joanna e Elisabeth entreolharam-se.

— Só pode ser o Gottfried — balbuciou Elisabeth, tentando erguer-se novamente. Dessa vez, com a ajuda de Joanna, conseguiu ficar de joelhos.

— Detenha-o, Annete! — gritou Joanna.

Mas a vizinha não respondeu. Parecia ter deixado seu posto lá em cima, na abertura do alcapão.

Ela não as deixaria na mão, deixaria? Joana perguntou-se, apavorada. Bem, em todo caso, tinham que sair de lá o quanto antes! Resoluta, pegou Elisabeth com força por baixo dos braços e começou a puxá-la para cima. Com grande esforço, sua amiga passou uma, depois a outra perna por cima do canto do baú.

— Por favor, tire-nos daqui o mais rápido possível! — sussurrou Elisabeth, com os olhos cheios de pânico.

Cambaleante, moveu-se em direção à saída. Por diversas vezes, suas pernas ameaçaram dobrar-se como palha.

— O corredor está bloqueado! — alertou Joanna. — Venha por aqui, por entre os barris!

Ela segurou a taverneira pelos ombros e empurrou-a pela passagem estreita entre os tonéis. “Por sorte, Elisabeth não estava mais tão opulenta como antigamente”, pensou ela, em um acesso de humor negro. Como será que Gottfried, com seu corpo massudo, havia passado por entre os barris? Mas talvez nem precisasse, raciocinou, provavelmente o caminho ainda estivesse livre quando levou Elisabeth para a sua prisão e, somente depois, empilhou as tralhas no corredor para bloquear a passagem. Para que sua mulher não pudesse escapar de seu túmulo.

Elisabeth havia parado diante dela, com dificuldades para respirar.

— O que foi?

— Preciso descansar um pouco.

Ela apoiou-se em um barril de cada lado. Joanna colocou uma mão por sob a axila da amiga para apoiá-la.

De súbito, ouviram-se murmúrios da cozinha. Joanna distraiu-se por um momento — tarde demais percebeu que Elisabeth cambaleava. Como um saco molhado, ela caiu silenciosamente entre os barris.

— Meu Deus! — gemeu Joanna. — Não é hora de desmaiar, Elisabeth!

Joanna abaixou-se e agarrou-a pelos ombros com as duas mãos. Com muito custo, puxou a amiga por trás, primeiro deixando-a de joelhos, depois de pé. Com um braço em volta do peito da amiga, pescou com a outra o lampião que havia deixado sobre um barril.

— Aqui, segure a lanterna para que eu possa apoiá-la. Mas não caia, ouviu?

Joanna falou com voz firme e enérgica, mas, na verdade, sentia-se bem diferente. Não queria deixar que Elisabeth percebesse que suas forças chegavam ao fim. Tinha que sair dali o mais rápido possível.

As vozes da cozinha se aproximavam. Soava como uma conversa. Entre uma mulher — Annete — e um homem. Gottfried!

“Detenha-o o quanto puder!”, implorava Joanna em pensamento. Ela não sabia do que Annete Münch era capaz. Contava com que, a qualquer momento, o alçapão se fechasse e ela e Elisabeth ficassem presas no porão escuro. Annete alertaria a polícia? Chamaria o seu marido? A mulher tinha deixado uma impressão honesta. Um tanto ansiosa, mas decente, e sinceramente preocupada com Elisabeth. Com efeito, havia feito todo o longo caminho de Sachsenhausen até o Café Mühle para buscar ajuda — a ajuda dela, de Joanna. Contudo, Gottfried tinha métodos com os quais podia colocar até mesmo gente decente sob pressão...

— Elas estão lá embaixo — ouviu Annete dizer.

Por que estava contando isso a ele? Seria ela uma traidora covarde, afinal, que entregaria a sua vizinha e a amiga dela à morte?

Então a voz de homem, que lhe era conhecida e certamente não era a voz de Gottfried Hoffmann, falou:

— Dê-me o lampião! Eu vou descer.

— É o marido de Annete — soluçou Elisabeth, aliviada. Com as pernas bambas, deu mais um passo adiante pelo labirinto de barris.

— Por aqui! — dirigiu-a Joanna, em direção à luz.

— Onde estão vocês? — chamou o marido de Annete do pé da escada.

— Estamos aqui, Martin!

Sustentada por Joanna, Elisabeth espremeia-se por entre os barris em direção ao corredor mais amplo.

Joanna ficou atônita por um momento quando, à luz fraca que entrava pela abertura para o porão, reconheceu o gigante loiro, que, havia algum tempo, vinha tomar café regularmente na sua cafeteria. “Ele havia estado na festa”, lembrou-se. Haveria ele percebido que a sua esposa a procurara no Café Mühle? Por que não havia dito nada ou as acompanhado logo de uma vez?

— O que o senhor faz aqui? — balbuciou ela.

— Vocês se conhecem? — perguntou Elisabeth.

Sem responder, Martin Münch deu seu lampião a Joanna, agarrou Elisabeth e jogou-a por cima do seu ombro.

— Sim, nós nos conhecemos — murmurou ele, enquanto começava a subir a escada lentamente.

Lá em cima, Annete pegou Elisabeth pela cintura e puxou-a para cima. Quando finalmente todos estavam de volta à cozinha, Joanna viu que as roupas de Elisabeth estavam aos farrapos. Seu rosto estava todo cheio de crostas. Ainda respirando com dificuldade, sua amiga encostou-se na mesa da cozinha. Somente agora Joanna notou que seu braço direito estava virado de uma forma estranha.

— Pelo amor de Deus! — exclamou Martin Münch. — O que esse desgraçado fez com você?

— Vamos rápido à nossa casa, antes que ele volte — sugeriu Annete.

Elisabeth abaixou-se sobre uma tigela com água e bebeu avidamente, em grandes goles.

— Ele nos matará se nos encontrar aqui — disse Martin Münch, pensativo.

— Você vem comigo! — anunciou Joanna, resoluta.

Elisabeth fez que sim com a cabeça, contorcendo o rosto de dor.

— Será o melhor — concordou Martin, aliviado. — Mas antes, devemos colocar o baú de volta sobre o alçapão, para que Gottfried não perceba imediatamente que sua esposa foi libertada da sua prisão.

Com três passos, ele chegou ao alçapão e fechou-o com um baque surdo. Joanna foi atrás e jogou seu corpo contra o baú. Martin Münch imitou-a e, pouco depois, o pesado móvel estava de novo sobre a tampa.

Annete ainda colocou dentro dele alguns pesos de ferro que encontrara em um canto da cozinha, ao lado de uma balança.

— Assim fica mais pesado — disse, satisfeita, quando os outros a olharam duvidosos.

— Mas, e a ponte? — lembrou-se Joanna subitamente. — Como faremos para chegar ao outro lado do rio sem alarmar os guardas? Não podemos arriscar que nos delatem a Gottfried. Não podemos levar Elisabeth à minha casa!

Um grande desânimo tomou conta dela. Além de terem de levar Elisabeth para longe dali o mais rápido possível, sua presença era necessária no Café Mühle! Certamente os convidados haviam percebido a sua ausência, perguntando-se por que justamente a anfitriã saíra da festa antes de todo mundo. E ainda havia Gabriel... Se alguém os tivesse visto juntos na porta do quintal, ou tivessem descoberto a sua real identidade — não queria nem pensar nas consequências! Será que havia dado muitas pistas quando, na sua imprevista partida, lhe dissera que poria a si mesmo em perigo caso a acompanhasse? As palavras lhe haviam saído sem pensar, apesar da presença de Ludwig Haldersleben e Annete Münch, que haviam escutado tudo. Os dois haveriam suspeitado de algo? E agora ela não estava lá para interferir caso Gabriel precisasse de apoio... Por outro lado, se não quisesse que os guardas informassem meia cidade da libertação de Elisabeth, teria de passar a noite ali, em Sachsenhausen, com uma mulher gravemente ferida, cujo marido irresponsável certamente a mataria a pancadas se descobrisse que ela havia fugido de seu cativeiro. E ela, sua velha inimiga Joanna Berger, iria junto.

— Eu as levarei de barco — disse Martin Münch, solícito, como se houvesse adivinhado os seus pensamentos. — Eu conheço um lugar na margem onde nos deixarão passar. E o Fahr²tor, do outro lado, ainda deve estar aberto. Mas vamos logo. Cada minuto que perdermos será um minuto para Gottfried Hoffmann.

Joanna suprimiu a observação de que ela morria de medo de água. Quando possível, evitava cruzar o Meno de barco. Contudo, havia situações sem outra possibilidade e essa certamente era uma delas.

Rapidamente haviam colocado Elisabeth, cujo rosto e cujas roupas Annete ainda limpou provisoriamente com um pano, deitada em uma carreta, coberta com sacos vazios. Assim, ao menos não ficava tão evidente que estavam transportando clandestinamente uma pessoa para fora de Sachsenhausen. Joanna andava em silêncio atrás de Martin Münch, que puxava a carreta com Elisabeth até a margem do rio. A despedida de Annete foi breve, mas calorosa. Mesmo Elisabeth, já deitada na carreta, havia segurado a mão da sua vizinha longamente, murmurando repetidos e afáveis agradecimentos. Martin Münch saíra puxando o carro, deixando a sua esposa coberta de lágrimas para trás.

A lua iluminava o caminho. Finalmente alcançaram o cais, não muito longe da ponte. Juntos, Martin e Joanna colocaram Elisabeth, que não pesava mais que um saco de maçãs, no barco, que balançava suavemente nas águas brandas da margem. Elisabeth estava demasiado fraca para sentar-se ereta no banquinho estreito no centro da embarcação. Martin Münch retirou a tábua de apoio transversal e ela foi acomodada no chão. Calado, mergulhou os remos na água. Joanna, que havia dado o impulso para soltar o barco da margem, saltou para dentro.

O taverneiro remava forte. Em poucos minutos, alcançaram o porto de Frankfurt. Alguns pescadores em suas canoas saudavam-nos, levantando seus remos. O grande guindaste do porto erguia-se escuro por cima da barra. Enquanto Joanna amarrava o barco no cais, Martin Münch puxou a quase inconsciente Elisabeth para fora e jogou-a desajeitadamente nas costas.

Joanna percorreu na frente os poucos passos até o Fahr²tor. Como Martin Münch previra, os guardas os deixaram passar sem cerimônia. Logo haviam chegado à Langschirne. Já de longe, ouvia-se a algazarra que vinha da direção do Café Mühle. Mas somente ao chegarem ao fim do beco é que Joanna se deu conta do significado terrível da barulheira.

¹. Espelta ou trigo vermelho é uma espécie de trigo muito cultivado na Europa entre a Idade do Bronze e a Idade Média. Hoje é pouco plantado devido à produção muito mais alta do trigo comum, embora tenha encontrado um novo mercado na área de alimentos orgânicos e naturais. (N.T.)

². Fahr²tor: uma das portas na muralha da cidade, a mais importante do lado do rio. Ligava o centro histórico ao porto, que ficava do lado de fora das muralhas. (N.T.)

Capítulo 10



Uma multidão enorme havia se formado na esquina da Langschirne com a Praça do Mercado. Os curiosos aglomeravam-se para descobrir o que era aquele barulho ensurdecedor que vinha de uma das casas. A dolorosa premonição de Joanna confirmou-se ao seguir os olhares indiscretos dos espectadores, que se penduravam das janelas para ver melhor. Todos estavam direcionados para o Café Mühle.

Joanna fez uso dos cotovelos para abrir passagem pela massa para si e Martin Münch, que a seguia com Elisabeth nas costas.

— Mais rápido — disse ela para o taverneiro, dando um pontapé furioso no calcanhar de um homem que não lhe dava passagem.

— Ai! — gritou o homem, indignado, e virou-se à procura do malfeitor que o atacara tão brutaemente.

Mas Joanna já seguia adiante, de modo que o homem deparou-se com o gigantesco Martin Münch, suprimindo imediatamente sua sede de vingança.

O grito havia arrancado Elisabeth de seu torpor.

— O que aconteceu, Jô? — perguntou, com um fio de voz, por baixo do saco de maçãs com o qual sua amiga a havia coberto para que não fosse prontamente reconhecida.

— Uma briga — respondeu Joanna irritada.

— Deve ser o Gottfried!

Elisabeth pôs o saco de lado, de modo que pudesse enxergar a cena. Seu rosto estava pálido e desfigurado pela dor.

— Logo chamaremos um médico para cuidar do seu ombro — disse Joanna, procurando acalmá-la. — Essa multidão aqui não há de ser nada grave. Provavelmente apenas uma briga entre os convidados e alguns curiosos — ponderou.

Contudo, antes de chegarem à casa de esquina na qual se encontrava o Café Mühle, já estava claro que os ruídos de madeira estilhaçada, vidro rompido e os gritos de raiva e dor que advinham do edifício iam muito além de uma briga de taverna comum.

— Elisabeth tem razão. Certamente Gottfried deve estar por trás disso — disse Martin Münch, que também tinha o medo estampado no rosto. — Será melhor voltarmos. Se ele me vir ou a Elisabeth, ficará enfurecido.

— Não, esperem aqui! Eu trarei ajuda — oedonou Joanna, com um tom de voz que não admitia contradição.

A viúva mercadora de temperos da casa ao lado da dos Haldersleben havia colocado uma almofada na janela e apoiado nela os cotovelos pontudos. Desde o seu mirante, foi a primeira a avistar Joanna e a gritar pela rua:

— Ali está ela! A Berger voltou!

Desde que Henriette Schley descobrira que Joanna fazia negócios com Jehuda ben Abraham, as duas mulheres não mais se falavam.

— A senhora sabe bem que é proibido aos judeus comercializar especiarias! — dissera ela, agredindo

Joanna que, por sua vez, deu de ombros, provocando uma saraivada de injúrias contra a concorrência judaica.

Agora ela estava ali, parada na janela, magra como um caniço, e apontava o dedo triunfantemente para a dona do Café Mühle. Nada dava tanto prazer àquela mulher quanto a desgraça alheia.

— Eu sempre soube que você um dia terminaria assim,

Joanna Berger! — grasnou a voz estridente lá de cima. — Todos nós sabemos como é a gente de Bornheim, não consegue ficar sem depravação e pancadaria! Assim que consegue sair da sua aldeia degenerada para a cidade, passa a espalhar seus costumes depravados entre nós, pessoas de bem!

Joanna mal ouvia as suas palavras, nem dava atenção aos muitos curiosos parados na frente do Café Mühle. Estarrecida, olhava para a sua casa.

— Eles nos atacaram — disse Úrsula Volckhardt, a esposa do tanoeiro, que havia se abrigado com sua filha na loja de Haldersleben e que agora ousava sair à rua para junto dela. — É uma vergonha!

Com as saias levantadas, Joanna correu em direção à entrada da cafeteria. Abaixou-se bem a tempo, quando uma das cadeiras do salão de senhoras atravessou a janela da frente, já quebrada, voou por cima dela e estatelou-se no pavimento, aos pés de Úrsula, que saltou para o lado.

— Haldersleben foi chamar a polícia! — gritou ela, mas Joanna já havia desaparecido para dentro do café.

— Bom Deus, faça com que Lili e Gretel¹ estejam em segurança! — rezou ela em voz alta enquanto saltava por cima dos destroços na entrada do salão principal.

Uma nuvem de fumaça veio de encontro a ela. O fogão havia virado uma fogueira. As chamas ardiam luminosas, saindo pelas aberturas do fogão, engolindo a chapa inteira. As argolas das quais tinha tanto orgulho, faltavam. Um homem, que ela nunca vira antes, esvaziava, entusiasmado, uma grande lata de grãos de café sobre as chamas.

Um outro estranho imitou o primeiro, jogando aos berros uma perna de cadeira e algumas colheres de pau no fogo. Na outra mão, segurava o jogo de xadrez com peças de marfim de Ludwig Haldersleben, que obviamente pretendia também entregar às labaredas.

O primeiro impulso de Joanna foi o de trazer o homem à razão com uma saraivada de xingamentos, mas sua atenção foi chamada por um corpo que estremecia no chão em uma poça de sangue.

Ó Deus!

Joanna apressou-se para socorrer o ferido, por sorte alguém que também desconhecia, quando viu que aquele não era o único que precisava de ajuda. Em meio à sua mobília destruída, havia vários homens gemendo e sangrando pelo chão. Alguns pareciam não mais se mexer. O sapateiro Denzel estava de quatro embaixo do último banco que sobrara de pé, vomitando a alma para fora do corpo. Sobre a única mesa que sobrara inteira, um gigante com cara de buldogue usava uma vassoura para derrubar as jarras de latão e cerâmica de cima das vigas sobre as janelas, estatelando-as no chão. Elas haviam sido do pai de Adam e, apesar do trabalho que dava para tirar o pó — era necessário subir e descer da escada pelo menos cinco vezes —, Joanna as havia mantido ali.

Os invasores estavam em maior número, constatou ela; a maioria dos convidados parecia ter fugido a tempo.

Joanna andava pelo campo de batalha no qual se havia transformado o seu café, com destroços até os joelhos: cacos de porcelana, restos de comida, peças de roupa rasgadas e amassadas, utensílios de cozinha, perucas e chapéus. Repetidas vezes pisou em poças de bebidas entornadas ou outros líquidos pouco apetitosos.

Alguém havia achado divertido espalhar os pedaços de lenha do fogão por toda parte, salpicando os gravetos menores que usava para acender o fogo por cima de tudo.

Ao lado do armário derrubado da cozinha, cujo conteúdo todo quebrado jazia no chão, estavam Anne e Sybilla, guardando a porta que dava para a escadaria. Sybilla empunhava uma faca grande de açougueiro nas duas mãos como se fosse uma espada. Com a expressão facial de um guerreiro sem mais nada a perder, defendia-se habilmente, com golpes para a esquerda e a direita, dos pontapés e socos de um gordo de olhos pequenos e nariz arrebitado. Anne proferia principalmente xingamentos furiosos no confronto com um jovem mal saído das fraldas que tentava arrancar-lhe o pau-de-pilão das mãos. Apesar de tudo, conseguiu fazer sinais a Joanna, indicando com movimentos do queixo para o teto, dando-lhe a entender que as meninas estavam em seus quartos, no andar de cima, em segurança.

Aliviada, Joanna retomou sua ronda macabra pelo Café Mühle. Ao menos de uma preocupação se havia livrado! Mas onde, por Deus, estava Gabriel? De todas as pessoas, ele provavelmente era o que mais estava em perigo. Se Gottfried Hoffmann descobrisse que era judeu, certamente não pensaria muito antes de acabar com ele.

Com um rompante, tentou abrir a porta do salão de senhoras, sentindo a resistência provocada por um ferido deitado no chão. Com um gemido, o homem rolou para o canto atrás da porta. Também ele Joanna nunca havia visto antes. Nesse momento, Justus von Zimmer, que não havia ainda notado a sua presença, aproximou-se do ferido. Segurava nas mãos um candelabro de três braços com o qual ameaçava o homem indefeso. O sobrinho do chefe de polícia também não havia saído ileso: com a mão livre, pressionava um pano de cozinha sangrento contra o nariz, e sua camisa de babados pendia do seu corpo em farrapos. Suando por todos os poros, com os cabelos desordenados e faíscas de raiva nos olhos, não parecia o cavalheiro elegante que Joanna conhecia.

Subitamente, viu a faca cintilando por trás do lutador.

— Cuidado! Ataque por trás! — gritou, aterrorizada.

Como se apresentasse uma série de passos de dança bem ensaiados, Justus von Zimmer girou com embalo em torno do próprio eixo, atingiu seu oponente no rosto com o candelabro e meteu-lhe o pé direito com força entre as pernas. Urrando de dor, Jockel Lauer caiu de joelhos.

— Obrigado, senhora Joanna! Acaba de salvar a minha vida — saudou-a o sobrinho do preboste alegremente. — Que confusão, hein?

Ele riu ao ver a expressão de Joanna e deu mais um pontapé de botas lustrosas no alambiqueiro.

Todas as almofadas do sofá e das poltronas haviam sido abertas a faca. Das gravuras venezianas escorriam restos melados de torta. A tampa da espineta havia sido arrancada e as cordas, cortadas. Uma única cortina ainda pendia das suas argolas. Os olhos de Joanna encheram-se de lágrimas: seu salão de senhoras! Quanto esforço havia investido na sua realização! Endividara-se! E agora, isso! Nem mesmo a mesinha de cerejeira os vândalos haviam poupado. Ela seguia de pé, mas pendendo para um lado, com duas pernas quebradas.

De repente, um grito estridente. Dos cantos dos olhos, Joanna viu como uma figura grande e massuda jogava uma outra, bem menor, sobre o pequeno e esfarrapado sofá. Christine Haberkorn, a esposa do joalheiro. Antes que pudesse reagir, o gigante já havia se jogado sobre a mulher desesperada e rasgado-lhe o corpete. Com a outra mão, abria a própria calça.

Em pânico, Joanna olhou à volta. Pelo amor de Deus, o que fazer? Não podia assistir a uma mulher sendo violentada em seus aposentos! Mas como poderia enfrentar o gigante, que agora se jogava com todo o seu peso sobre a mulher, tentando livrá-la das massas de tecido de suas saias largas?

Em um ímpeto decisivo, agarrou a mesinha de centro e levantou-a alto sobre a cabeça, na intenção de jogá-la com força sobre as costas do atacante. Subitamente, o móvel lhe foi arrancado brutalmente das mãos pelas suas costas.

— Querendo estragar a diversão do meu amigo, Joanna Berger?

Com a mesinha em uma mão e uma foice enorme na outra, ali estava Gottfried Hoffmann, bem à sua frente. Um dos seus supercílios estava aberto, de modo que o sangue lhe escorria pela cara. Sua língua carnuda lambia as gotas que escorriam do seu nariz. Os cabelos desgrehados pendiam-lhe sobre a testa e os olhos vermelhos não eram mais que duas pequenas fendas.

Joanna teve dificuldade em vencer a náusea provocada pela imagem de seu oponente. Mas um novo grito da mulher do joalheiro foi o bastante para manter seu enjoo sob controle. Precisava fazer algo para ajudá-la. Uma raiva cega dominou-a.

— Gottfried Hoffmann, você é o maior porco que conheci na minha vida. Primeiro, mata a própria mulher e depois permite que outra seja violentada na sua frente.

Ainda enquanto se virava para ajudar a mulher, que chorava, viu a palidez espalhando-se no rosto do taverneiro. Se era por raiva, ou, talvez, por reconhecer finalmente o que havia feito a Elisabeth, Joanna não sabia. Ela percebeu apenas que ele dera um passo à frente para lançar-se sobre ela. Em uma tentativa vã de defender-se, levantou os braços, quando, de repente, Gabriel Stern surgiu entre eles.

— Anda, Justus, ajude a mulher no sofá. Eu cuidarei disso aqui!

Ele deu um sorriso tranquilizante a Joanna, indicando-lhe com um gesto rápido que se pusesse em segurança. Enquanto isso, não parava de mover-se. Saltando permanentemente de uma perna à outra, as mãos à frente do rosto, movendo cada dedo em um ritmo frenético, enfrentou o taverneiro, que era muito maior e mais massudo que ele.

— Gabriel!

Joanna soltou um gemido; não sabia se por medo ou alívio. Tão fascinada quanto Gottfried Hoffmann, seguia os movimentos do violinista, que confundia o adversário com sua técnica de luta incomum. Logo Hoffmann havia levado um pontapé na barriga, seguido de um soco no nariz. Sempre que tentava contra-atacar, golpeava o vazio e ameaçava perder o equilíbrio.

— Essa foi a última vez que esse desgraçado botou as mãos em uma mulher! — A frase chegou aos ouvidos de Joanna depois de uma eternidade observando o estranho confronto entre o ágil violinista e o pesado colosso Gottfried. As palavras de Justus von Zimmer eram carregadas de satisfação. Um baque surdo seguiu-se às palavras do sobrinho do preboste e Joanna viu o gigante que atacara a mulher do joalheiro voar pela janela.

Gabriel também pareceu distrair-se por alguns segundos. Mal Joanna olhou de volta na sua direção, viu de relance um cintilar metálico — e depois a expressão de surpresa no rosto de Gabriel, que aos poucos se transformava em uma careta de dor. Calado, o violinista foi ao chão, com as duas mãos em torno da foice metida em seu peito. O sangue escuro escorria do ferimento, pouco abaixo do coração.

Sem dar atenção a Gottfried Hoffmann, Joanna jogou-se sobre o ferido.

— Gabriel, pelo amor de Deus! O que esse desgraçado fez com você?

— Joanna — murmurou o músico, olhando-a com seus olhos escuros. — Tire essa coisa do meu peito, rápido, por favor!

— Mas... Como eu...? — balbuciou ela. — Eu não posso, Gabriel! Eu nunca fiz algo assim. Tudo vai piorar se eu...

Joanna nunca se sentira tão desamparada na vida. Desesperada, olhou à volta. Onde estavam os outros? Por que não havia ninguém para ajudar? Ela não fazia ideia de como cuidar de alguém em perigo de vida! Se arrancasse a foice do peito de Gabriel, a ferida não sangraria ainda mais?

— O ferimento não é tão profundo, acredite! — tranquilizou-a o violinista. Sua voz não era mais que um sussurro, mas ainda assim soava confortante. — Eu não estudei um ano de medicina à toa, sei o que estou dizendo. Rasgue um pedaço de tecido da sua saia e use-o para envolver meu peito com força. Isso estancará o sangramento.

Joanna não vacilou mais e fez o que ele dizia. Cuidadosamente, ajudou Gabriel a livrar-se da sua camisa. Uma onda de desejo nunca sentido inundou-a quando passou os dedos pela pele lisa do violinista. “Como pode pensar nisso agora?”, censurou-se imediatamente, contendo-se. Cuidadosamente, tirou a ferramenta pontuda do peito de Gabriel. O sangue jorrou do ferimento. Ela pressionou o trapo que havia sido a camisa de Gabriel sobre a ferida.

— Coloque sua mão em cima, Gabriel! Vou fazer o curativo.

Suavemente, ajudou o músico a levantar-se, até que estivesse com as costas apoiadas em uma mesa tombada. Então, envolveu seu peito em várias voltas com uma longa tira de tecido rasgada de suas anáguas, amarrando-a diligentemente.

Exausta, olhou à sua volta. O violinista olhava-a com um sorriso fraco. Seu nariz erguia-se pálido e pontudo do seu rosto.

— Joanna — murmurou ele, tocando a sua face com a mão. — Você é incrível, sabia? Diz nunca ter feito isto na vida, mas é a melhor enfermeira do mundo.

Joanna não percebeu mais o que se passava à sua volta. Não viu como seu flegmático sobrinho Scott superou a si mesmo e saltou sobre Gottfried Hoffmann, golpeando-o com a cabeça na boca do estômago, fazendo-o dobrar-se como um canivete. Tampouco percebeu que Justus von Zimmer e o tanoeiro, sob gritos de guerra e o uso de pesadas panelas, venceram outros três comparsas do produtor de vinho de maçã. Ela não ouviu os disparos que soaram no quintal e perfuraram os barris de vinho, de modo que o líquido vermelho escorresse em pequenas cachoeiras pelo pavimento. Seu nariz não registrou o cheiro da fumaça vindo da mesa de bilhar que queimava, ou do leitão que virara carvão havia tempo. Sentia somente a mão de Gabriel que descia pela sua face, pelos seus cabelos soltos, aninhando-se em sua nuca. Com suave pressão, levou o seu corpo mais perto ao dele. Bem devagar, suas bocas aproximaram-se e fundiram-se em um longo beijo.

Um apito estridente arrancou-a de sua embriaguez.

— Parem! Parem imediatamente! — gritou uma voz aguda de homem que parecia estranhamente familiar a Joanna.

Ela soltou-se prontamente de Gabriel e levantou-se de um salto. Viu Hetti, a violonista, que chegou correndo ao lado do seu amigo ferido no chão, enquanto Hans, seu marido flautista, segurava o corpo destroçado do violino de Gabriel na mão e olhava Joanna com muita tristeza no olhar. Viu Ludwig Haldersleben, que meteu a cabeça pela porta e gritou-lhe algo que ela não entendeu. E também Gottfried Hoffmann, que, com um grunhido alto, levantou-se, primeiro de quatro e logo de todo, cambaleando em direção a ela.

— Isto foi só o começo, Joanna Berger! — rugiu ele ameaçadoramente. A baba escorria-lhe pelo queixo sangrento. — Da próxima vez, será sério. Da próxima vez, não será só o seu violinista que vai sangrar — ele levantou o braço, apontando para Gabriel com o polegar. — Quem sangrará será você!

Ele fitava-a através das fendas que eram seus olhos, como se ainda tivesse mais para dizer. Joanna literalmente via o movimento atrás da sua testa. Sua boca já ia se abrindo, quando Jockel Lauer entrou no seu campo de visão. Apoiando-se na parede, o alambiqueiro arrastava-se em direção a ele. Sua orelha esquerda parecia estranhamente solta ao lado da cabeça, como que parcialmente arrancada, e um dos seus olhos estava completamente fechado pelo inchaço.

— Vamos dar o fora, Gottfried. A polícia chegou! — disse ele, com um gemido.

Sem dizer nada, Gottfried Hoffmann colocou seu companheiro de pé e jogou-o como um saco de batatas por sobre o ombro. Já meio fora da porta, virou-se mais uma vez e mediu Joanna com um olhar, como se ansiasse por estrangulá-la. Ele abriu a boca e cuspiu dois dentes ensanguentados em sua direção, que caíram aos seus pés. Então, tocou sua testa com o dedo e disse:

— Nos veremos, viúva Berger!

Joanna mal havia se recuperado do choque quando Ludwig Haldersleben finalmente conseguiu chegar até ela, totalmente fora de fôlego.

— Elisabeth está em segurança. Cornélia está cuidando dela. Acomodamo-la provisoriamente na minha casa — informou ele, ofegante. — Mas a polícia já está no salão. Seu amigo italiano precisa sair logo daqui, Joanna! Eu imagino que, se a polícia o encontrar aqui no Café Mühle, ele terá problemas, não?

O cartógrafo olhou-a momentoso. “Ele sabe”, pensou Joanna. Contudo, estava demasiadamente aturdida para responder.

— Vamos, rápido, vamos levá-lo! — segredou Hans, que havia escutado as palavras de Haldersleben à sua mulher.

Apressado, aproximou-se de Gabriel e pegou-o por baixo dos braços.

— Pegue as pernas, Hetti!

— Ele precisa de um médico urgentemente! Alguém deve examinar o seu ferimento!

Joanna quis impedi-los, falar mais uma vez com Gabriel, segurar a sua mão, olhar nos seus olhos — mas o violinista havia fechado os olhos e gemia baixinho, e sua cabeça balançava solta de um lado para o outro.

— Nós cuidaremos dele, senhora Berger. É para isso que servem os amigos!

A guitarrista havia amarrado o seu instrumento nas costas e seguiu o seu marido pelos fundos, segurando os pés de Gabriel.

— Eu lhes darei uma carriola para que possam transportá-lo melhor! — disse Ludwig Haldersleben aos músicos. — Vão logo na direção da Prefeitura!

Assim que o cartógrafo sumiu do campo de visão de Joanna, ela sentiu alguém lhe tocando o ombro por trás.

— A senhora é a dona aqui? — perguntou a mesma voz irritante que ouvira havia pouco. — Senhora Joanna Berger, nascida Schütz, de Bornheim?

Demorou um momento até que Joanna reconhecesse que o policial com o imenso penacho em cima do tricórnio era o mesmo *pikett* de cabelo penugento que tinha estado ali havia algumas semanas por causa da vidente. Por cima dos seus ombros adornados com enormes dragonas, pôde ver como dois dos seus homens separavam à força os últimos briguentos que ainda se mantinham em pé. Um outro policial tentava arrancar a faca de açougueiro das mãos de Sybilla enquanto resistia estoicamente à tirada de xingamentos de Anne.

— Senhora Berger, é meu dever informar que a senhora acaba de perder a licença para manter a cafeteria Café Mühle na Praça do Mercado de Frankfurt do Meno².

— O que disse? — balbuciou Joanna, que ouviu as palavras do assistente de polícia como se viessem através de uma densa névoa.

— Eu disse que a sua licença foi cancelada, senhora Berger! — o homem sorriu contente, como se houvesse realizado um grande feito com o seu discurso. — A senhora pode tentar recuperá-la depois do recesso de verão.

“Bom Deus, faça com que seja um sonho ruim!” — pensou Joanna. Havia pouco, a vida lhe parecia tão maravilhosa, havia feito uma festa e tanto com seus amigos e convidados, havia se apaixonado... Ela estacou e passou as mãos sobre os olhos. Não, esse pensamento ela não queria terminar. Seus problemas já eram suficientes. O que acabara de acontecer, a destruição da subsistência de suas crianças, não era apenas um sonho ruim.

Ela levantou a cabeça e olhou para o homem como se somente agora o visse de verdade.

— Depois do recesso de verão, foi o que o senhor disse? — perguntou, com a voz atônita.

O policial confirmou com a cabeça.

— Se tiver sorte! E bons defensores — acrescentou ele, antes de bater continência e retirar-se.

— E dinheiro — concluiu Joanna a meia-voz, quando o penacho dançante havia virado a esquina.

Ela apertou bem os olhos e tentou engolir o enorme bolo que havia se formado na sua garganta. O jogo acabara. Estava arruinada. Não poderia pagar suas dívidas. As visitantes do salão nunca voltariam a um lugar onde corressem o risco de serem violentadas. Ainda não estava claro se houvera mortes. Em todo o caso, inúmeros feridos, e um deles era Gabriel Stern. Gabriel, que a havia beijado, e que ela talvez nunca mais voltasse a ver...

— Deus irá protegê-la, Joanna Berger!— escutou ao seu lado a voz do sapateiro Denzel.

Joanna virou-se. O sapateiro havia aberto os braços, como se quisesse abençoá-la. Ela simplesmente se deixou cair contra o seu peito, que tinha um cheiro azedo. Desajeitadamente, Gregor Denzel afagou seus ombros trêmulos, até seus soluços, aos poucos, se acalmarem.

— Lembre-se, Joanna — disse ele em tom cerimonioso —, olho por olho, dente por dente! É o que diz a Bíblia. A senhora não se deixará vencer!

[1.](#) Gretel: apelido carinhoso para Margareth. (N.T.)

[2.](#) O nome completo da cidade é Frankfurt am Main (Frankfurt do Meno), em distinção a outra cidade homônima à beira do Rio Oder (Frankfurt an der Oder).

SEGUNDA PARTE

Veneza e Constantinopla



Capítulo 11



Venezia, la bella Venezia! Com os antebraços apoiados nas pequenas janelas da gôndola negra, Joanna esticava-se para fora da cabine. Queria desfrutar plenamente a paisagem deslumbrante que se apresentava perante os seus olhos, iluminada pelo sol de maio. Pela primeira vez desde a sua partida de Frankfurt, sentia-se feliz. Ou, ao menos, aliviada. O alívio de saber que a longa viagem iniciada em Frankfurt, passando por Munique, Alpes e Tirol, estava agora quase chegando ao final. Uma nova vida a esperava, longe de todas as coisas que a motivaram a fugir e dar as costas à sua cidade.

Se não fosse o medo que tinha da água! A gôndola podia virar a qualquer momento, temia isso. Como nunca havia aprendido a nadar, seria morte certa. Se houvesse uma alternativa para chegar à cidade insulana, ela certamente a teria preferido. Durante todo o trajeto de navio, partindo de Fusine, pelos canais de Brenta, com seus frondosos jardins ribeirinhos e casas de veraneio, até a entrada da laguna, uma forte ansiedade havia tomado conta dela.

— Recomponha-se — disse a si mesma. — Outros também conseguem e falta pouco. Aproveite a paisagem!

Seu medo maior havia sido a travessia de gôndola até Veneza, com cinco milhas por águas abertas. Contudo, agora já havia alcançado a Isola di Santa Chiara e, a partir de lá, o Canal Grande seguia em serpentinas até a Piazza San Marco.

A Praça de São Marcos era o seu destino. Ali ficava o Caffè Florian, que pertencia a Floriano Francesconi. Ele era a sua última salvação — agora que se deparava com o vazio absoluto. Ainda tinha nos ouvidos a voz do policial penugento, com seu vistoso tricórnio novo: “É meu dever informar-lhe que a senhora acaba de perder a licença para manter a cafeteria Café Mühle na Praça do Mercado de Frankfurt do Meno”.

Como podia alguém ser tão presunçoso? Como se fosse uma satisfação pessoal poder finalmente acabar com seus negócios devassos, simplesmente fechando o antro da luxúria e da insurreição. O rosto de Joanna contorceu-se em uma mistura de desprezo e desespero. Contudo, mesmo que tivesse mantido a licença, ela não tinha mais lugar onde pudesse exercer o seu ofício. A casa na Praça do Mercado continuava em pé, no seu lugar — Gottfried Hoffmann não havia chegado ao extremo de incendiá-la, por enquanto! —, mas todo o inventário do Café Mühle havia sido destruído. Mal sobrara uma peça de mobília que houvesse sido poupada pelos capangas do taverneiro, sem falar da sua preciosa porcelana e de todos os utensílios de cozinha despudoradamente destruídos. Depois que a polícia tinha expulsado os vândalos e os últimos dos seus fregueses habituais tinham deixado o campo de batalha, sua outrora linda cafeteria ficara num estado deplorável, do qual ela nunca mais esqueceria. Apenas fora capaz de subir cambaleando ao seu quarto e chorar até dormir. Na manhã seguinte, sua decisão estava tomada: mandaria as meninas aos cuidados da sua família, em Bornheim — Elisabeth, que sempre se dera bem com os seus, iria junto — e sairia de Frankfurt o mais rápido possível. Não tinha mais nada a fazer nessa cidade — ao menos por enquanto. Além disso, precisava urgentemente de dinheiro se pretendesse algum dia construir uma nova existência como dona de uma cafeteria, fosse em Frankfurt ou em outro lugar. Então, somente

restara a viagem para Veneza., como seu marido Adam lhe havia aconselhado: “Se algum dia não souber mais como continuar, contate meu amigo Floriano Francesconi, dono da melhor casa de café de Veneza”.

Quanto mais se aproximava da cidade, com suas fachadas suntuosas, as torres esguias e as cúpulas brilhantes dos telhados, mais leve sentia o seu coração. Segurando-se com firmeza, havia subido cautelosamente até a parte frontal da gôndola, onde, aliviada, acomodara-se em um banquinho de madeira. O *gondoliere* havia começado a cantar uma melodia curiosamente carregada em uma língua que não era o italiano, talvez um dialeto veneziano.

Ela respirou fundo. O ar estava salgado e um pouco bolorento. Marcello Ranieri, o mágico que havia desaparecido como em um passe de mágica, havia-lhe explicado que Veneza era constituída de mais de cem ilhas e a laguna era uma espécie de pântano. Os construtores venezianos haviam erguido praticamente a cidade toda sobre estacas de madeira, encravadas profundamente no solo lodoso da laguna, e cobertas com várias camadas de pedras no topo. Pequenas pontes ligavam as ilhas umas às outras, dissera Marcello, e o principal meio de transporte eram as gôndolas, pois em vez de ruas, havia canais; as vielas laterais não davam espaço suficiente para carruagens.

“Pobre Elisabeth!”. Mais uma vez, os pensamentos de Joanna foram levados para os acontecimentos em Frankfurt. Em que estado aquele crápula do Gottfried havia deixado a sua amiga! Quase matar a própria esposa e trancá-la viva em um porão, que seria sua sepultura. No fundo, teria que ter ido diretamente à polícia e denunciá-lo. Mas Elisabeth não quis.

— Não, Joanna, não faça isso! — havia suplicado. — Gottfried tem amigos poderosos na cidade. Sua vingança será terrível se tentar levá-lo à prisão. Você bem sabe do que ele é capaz; da próxima vez, ele realmente matará uma de nós.

Nos três dias antes da sua viagem à Itália, quando Elisabeth, as meninas e ela haviam ficado juntas na casa dos Haldersleben, a recuperação da sua amiga havia sido surpreendente. O cartógrafo e sua irmã haviam realmente cuidado dela com afinco. Também Lili e Margareth, que por sorte haviam visto apenas o começo da confusão, mas que, ao verem o estado do Café Mühle no dia seguinte, compreenderam logo que Joanna não receberia freguês algum ali nos próximos meses, rapidamente voltaram a ficar tão vívidas e alegres como sempre. Eram cheias de admiração pela coragem de Elisabeth e por seus lindos cabelos loiros! Joanna ficou imensamente feliz ao reconhecer que as três “graças”, como secretamente as chamava, se dariam estupendamente e, assim esperava, não sentiriam demasiadamente a sua falta. A consciência ainda pesava por deixar as filhas de Adam sozinhas em Frankfurt, mas ao menos parecia que Elisabeth não voltaria mais para Gottfried. E Margareth faria catorze anos este mês, ou seja, era quase adulta.

Mas, e Gabriel? Havia quebrado a cabeça com essa pergunta várias vezes. Dele não tinha notícia alguma; nem mesmo Jehuda, que ela visitara na manhã do dia da sua partida, pôde dar-lhe resposta. Não havia contado a verdade ao merceeiro sobre a transformação de Gabriel em um músico de salão italiano e tampouco havia mencionado os graves ferimentos que sofrera, mas apenas dissera que ainda devia dinheiro ao violinista e, por isso, estava à sua procura.

— Ele faz isso às vezes, retirar-se do mundo por alguns dias — Jehuda havia dito, sem dar muita importância ao fato. — Dê-lhe o dinheiro mais tarde, sra. Joanna. Ele não liga mesmo muito para isso — acrescentou ele, rindo.

Ela se deu conta, nesse momento, do quão pouco conhecia Gabriel Stern. Ele havia despertado algo nela que não conhecia antes. Seu olhar, seu toque suave e, principalmente, o seu beijo lhe haviam trazido um sentimento que ela não podia explicar. Uma atração incrível, um anseio que se espalhara no seu íntimo e que ainda estava lá. Mas o que podia fazer? Joanna sacudiu a cabeça. Somente podia esperar que Gabriel tivesse encontrado refúgio com seus amigos músicos, Hans e Hetti, e se recuperasse logo do

seu ferimento. Não acreditava que os *piketts* se pusessem à sua procura por suspeitar que um judeu houvesse se apresentado ilegalmente em uma taverna cristã. Mas certeza não tinha.

Ludwig Haldersleben dera-lhe a entender que sabia e ela achava que podia confiar nele. Annete, por sua vez, pareceu não haver notado nada, ao menos era o que Joanna esperava.

E se Gottfried Hoffmann atacasse novamente?

Uma onda de pânico surgiu em seu interior. Se Gottfried Hoffmann fizesse algum mal a Gabriel, ela nunca iria se perdoar. Por sua causa o violinista se colocara em perigo; por sua causa fora gravemente ferido e corria risco de morte. Não, não podia mais pensar nisso. Nem na gravidade do ferimento de Gabriel, nem no perigo que Hoffmann ou a polícia poderiam significar para ele.

E mais: tinha de tirar esse homem da cabeça de uma vez por todas! Ele a havia tocado profundamente, em todos os sentidos, mas agora, além do fato de ele ser judeu e ela, uma honorável mulher de negócios, viúva e madrasta de duas enteadas, havia mil milhas de distância entre eles. “Mil milhas”, pensou ela, “e quanto mais longe, melhor”. O que os olhos não veem, o coração não sente, é o que dizem. Talvez conseguisse esquecê-lo dessa maneira...

— *Siamo quasi arrivati, Signora* — o *gondoliere* arrancou-a dos seus pensamentos. — Em que ponto do Canal Grande quer ficar?

— *Piazza San Marco, per favore* — respondeu Joanna.

Ela não tinha certeza de se o jovem havia mesmo perguntado pelo seu destino, mas errada a sua resposta não estava. Por sorte, havia aprendido algumas palavras desse lindo idioma com seus clientes italianos, de modo que podia, ao menos de forma rudimentar, comunicar-se.

Sentia-se como em um sonho. Somente os ruídos incomuns já bastavam para transportá-la a um outro mundo: o marulhar da água, o chapinhar suave dos remos, a batida macia das ondas nos fundamentos de mármore dos antigos palácios. E a voz rouca do *gondoliere*, que retomara seu canto, mesclando-o com o dos colegas que passavam por eles com seus barcos.

Joanna mal conseguia fechar a boca de tanto espanto. Nunca vira tanto esplendor. Como pérolas em um colar, um *palazzo* seguia o outro ao longo do canal, que lhe pareceu imensamente largo. As fachadas dos edifícios eram como as rendas brancas que Elisabeth fazia. Por sobre as estreitas pontes sem balaustradas, corriam pessoas que aparentemente não pensavam que o menor tropeço as levaria inevitavelmente à água. Somente durante as feiras havia visto tanto movimento em Frankfurt. O Canal Grande era como a Fahrgasse nas horas mais movimentadas do dia.

Com a gôndola deslizando suavemente pela água calma do canal, Joanna sentiu que iria gostar de Veneza. Ela notou os olhares curiosos dos homens nos barcos cargueiros que passavam por eles, mas decidiu não se incomodar. Em vez disso, deixava o seu próprio olhar vagar à sua volta, subir pelas sacadas e adentrar os pequenos canais vicinais que surgiam dos dois lados. A maioria das casas, principalmente as mais suntuosas, contava com pontões próprios para embarcações, com pequenos barcos ancorados e mesmo alguns veleiros maiores. Quando, entre duas ondas, a água se retraía da margem, ela via escadas descendo para o canal por toda parte, o que a fez deduzir que o nível normalmente era mais baixo.

Subitamente, uma ponte alta surgiu diretamente à sua frente, cruzando o canal em um enorme arco de pedras brancas. Sobre ela, havia várias casinhas. Como em quase todas as fachadas das casas de Veneza, aqui também dominavam as janelas, se bem que menos alongadas e com poucos adornos apenas.

— *Il ponte di Rialto* — explicou seu simpático guia — e, ali à frente, está o *Fondaco dei Tedeschi*¹ — acrescentou ele, apontando com o queixo em direção a um edifício enorme, diante do qual inúmeros barcos cargueiros eram carregados e descarregados.

— É ali que os seus contrerrâneos fazem comércio.

— *Siamo arrivati, ecco Piazza San Marco!* — disse ele depois de um tempo, arrancando-a de seus devaneios. Agora remava em direção ao cais por entre um veleiro de três mastros e uma gôndola imensa, que devia pertencer ao próprio doge. Galantemente, ajudou-a a descer da embarcação e apontou para a frente com a mão:

— Simplesmente atravessa a *piazzetta* em direção ao campanário e vire à esquerda na *piazza*. A cafeteria de Floriano fica abaixo das arcadas da Nova Procuradoria. Não há como errar.

Enorme foi o alívio ao voltar a sentir terra firme sob os pés! E orgulhosa estava, por ter feito uma viagem tão longa sozinha, ela que era uma simples camponesa da aldeia de Bornheim! Ah, se pudessem vê-la agora! A princípio, havia sentido um medo terrível do desconhecido; mas, afinal, nenhuma desgraça lhe havia passado. E talvez não houvesse mesmo nada a temer.

Enquanto Joanna deixava-se penetrar pela beleza do lugar, um menino já carregava seu baú de viagem em uma carriola e perguntava pelo seu destino. Não estava bem certa se ainda tinha dinheiro o bastante para pagar-lhe, mas não queria deixar-se preocupar. Floriano certamente a ajudaria.

— Ao Caffè Florian — disse ela ao menino, apressando-se em segui-lo.

Ao dobrar a esquina da *piazzetta* para a Praça de São Marcos, Joanna parou. Deu uma volta em torno de si mesma e não parava mais de admirar-se. Extraordinária era a paisagem que a rodeava! Maravilhada, inclinou a cabeça para trás, deixando o olhar encontrar a ponta do campanário iluminada pelo sol e, atrás dele, a Basílica de São Marcos.

Depois, voltou-se novamente para a *piazza*. Um enorme cachorro preto, grande como um pônei, caçava as centenas de pombos que havia por lá. Cada vez que eles esvoaçavam, o cão ficava aparvalhado, como se não entendesse o porquê de os pássaros não quererem brincar com ele. Então, avistou Joanna, abanou a cauda entusiasmado e correu em sua direção. Sem frear, saltou nela, colocando as patas nos seus braços, e lambeu seu rosto com sua língua enorme. Quase o monstro a derrubara.

— Pluto — disse ela, rindo. — Se não é meu velho amigo Pluto!

Ela abraçou o cachorro, que latiu alto, não querendo acalmar-se de tanto entusiasmo.

— *Pluto, vieni qua!* — chamou uma voz conhecida, e um homenzinho surgiu por baixo das arcadas. — Que história é essa de atacar gente estranha!?

— *Signor Ranieri!*

Joanna acenou para ele, enquanto tentava livrar-se do abraço cada vez mais selvagem de Pluto.

A surpresa fez o queixo do mágico cair quando a reconheceu. Após um curto momento de estupefação, ele recuperou a postura e correu o mais rápido que suas pernas curtas permitiam em direção a ela.

— *Signora Giovanna*, que alegria!

Ele apertou-a fortemente contra o seu peito estufado para, então, segurá-la com ambos os braços à sua frente e olhá-la da cabeça aos pés, como se não pudesse acreditar que era mesmo ela, Joanna Berger, de Frankfurt, que estava ali à sua frente. Ainda balançando a cabeça, virou-se afinal e gritou, gesticulando loucamente em direção à cafeteria:

— *Floriano, Giuseppina! Venite, venite!* Vocês não vão acreditar quem está aqui: Joanna Berger, a esposa do seu amigo Adam, de Frankfurt!

Ele voltou-se novamente para Joanna e cochichou em alemão:

— Como está, Giovanna? *Tutto a posto?* Eu lhe explicarei mais tarde porque saí de Frankfurt com tanta pressa. Não havia outra maneira. Eu tive de fazer isso.

Joanna concordou com a cabeça enquanto olhava curiosa para o homem pequeno e gordo e a mulher ainda menor e mais gorda, que vinham correndo com os braços abertos.

Apesar de gordinho e dos seus cabelos escassos, Floriano era um homem garboso. Sua esposa era demasiado loira e sua roupa tinha o corte tão justo que marcava dobrinhas de gordura por toda parte.

Ambos cumprimentaram Joanna muito calorosamente, em italiano.

— *Non è vero!* A esposa de Adamo, meu querido amigo de *Francoforte!* *Benvenuta, tesoro*, bem-vinda a Veneza!

Após Floriano tê-la beijado quatro vezes nas bochechas, expressando exaltadamente e por repetidas vezes sua emoção e seu entusiasmo, chegara a vez da sua esposa, que igualmente não se continha em alegria por poder receber a linda e jovem mulher de *Francoforte* em sua casa.

Enfim, passou o braço pelos ombros de Joanna e levou-a em direção às arcadas.

— Você deveria descansar um pouco, *amore*, pois deve estar morrendo de sono, não é? Mas antes, tomaremos um belo café!

Um jovem que, apesar do seu porte de galgo, apresentava grande semelhança com Floriano havia entrado em uma briga ruidosa com o carregador de Joanna. Antes que ela entendesse o motivo da disputa, Giuseppina já se havia metido na negociação. O carregador olhou para Joanna, como se pedisse a sua ajuda, mas Floriano, com uma piscadela, empurrou-a rapidamente para dentro da cafeteria.

— Deixe que Tullio e Giuseppina resolvam isso! Essa gente sempre procura levar a melhor, *capisce?* Mas, desta vez, encontrou a pessoa errada.

Ele riu, satisfeito.

— *Basta, basta!* Pare com essa besteira! — vociferava Giuseppina, quando a porta se fechou.

— Sente-se ali, no banco, Giovanna, para ver melhor o que acontece por aqui!

Com um gesto convidativo, Floriano ofereceu-lhe um lugar sobre as almofadas vermelhas, sob um espelho de parede dourado. Ele e Marcello sentaram-se nas duas cadeiras em frente a ela.

— Como é bom ter a esposa do meu querido amigo Adamo aqui conosco! — repetiu Floriano, em seu sonoro idioma materno, sorrindo de uma orelha à outra e olhando desavergonhadamente para o seu decote.

Ele emanava uma certa ambiguidade, considerou Joanna, mas de uma forma simpática. Ela surpreendeu-se por entender tão bem o veneziano e sua esposa. A maior parte havia adivinhado pelo contexto, mas a língua italiana não lhe parecia ser difícil a ponto de impedi-la de aprendê-la rapidamente.

Finalmente, o jovem magricela conseguiu livrar-se do carregador e juntou-se a eles. Logo em seguida, Giuseppina deixou uma bandeja com cinco xícaras de *espresso* sobre a mesa. Desajeitada, sentou-se no banco estreito, ao lado de Joanna. Vencendo a timidez, o jovem Tullio — esse era o nome do “*signorino*”, como sua mãe explicara — achegou-se também à mesinha.

— È *un po' timido*, um pouco tímido, sabe? — cochichou Giuseppina no seu ouvido, alto o suficiente para que seu filho entendesse cada palavra. — Quando vê uma mulher jovem e bonita que ainda não conhece, fica com um pouco de medo. *Non è vero, figlio mio?*

Ela riu, bonachona, e acariciou a mão do filho, que parecia acostumado a esse tipo de atrevimento e não levou a indiscrição da mãe a mal.

— Eu lhe devo uma explicação, Giovanna — começou por fim o mágico, com o rosto sério, enquanto despejava quatro colheres de açúcar em seu *espresso*. — Seus inimigos conseguiram meter-me medo. Por certo, não por mim... Eles me emboscaram! Eram três. Eu havia deixado Pluto no Café Mühle naquele dia; do contrário, ele teria me protegido. Eles me puseram uma faca no pescoço e ameaçaram matar as suas filhas, Giovanna... Sim, Lili e Margareth! — confirmou ele com um aceno de cabeça, ao ver sua expressão perplexa — se eu não desaparecesse de Frankfurt imediatamente...

Ele sorriu envergonhado, colocando a colher de lado e sorvendo um grande gole da pequena xícara.

Joanna não havia dito nenhuma palavra, apenas o fitou, incrédula.

— Depois entendi que havia sido um erro ceder a esses canalhas — seguiu o mágico —, mas eles me

deram um susto tão grande que parti de imediato. E depois, não podia voltar.

Ele olhou Joanna com ar culpado.

— Mais tarde, pensei que deveria havê-la alertado. Não deveria ter fugido assim, mas tentado ajudar de alguma forma. Espero que não lhe tenha acontecido nada de mal.

Apesar de Marcello haver dado a sua explicação em alemão, Joanna não tinha certeza de haver entendido bem.

— Por favor, Marcello, repita novamente o que disse! — pediu-lhe. Não podia acreditar no que acabara de ouvir.

Marcello contou a sua história mais uma vez, para, então, dar uma versão resumida em italiano aos Francesconi, a cada minuto mais curiosos. Ele descreveu em detalhes os homens que o atacaram.

— Jockel Lauer — sussurrou Joanna, com a voz rouca. — Gottfried Hoffmann.

Quando Marcello descreveu-lhe o terceiro homem como um gigante loiro com nariz arqueado, ela mais uma vez não quis acreditar em seus ouvidos. Sentiu enjoo. Algo assim tão vil e repugnante nunca havia visto!

— Esse traidor desgraçado! — soltou ela. — O dia inteiro à minha volta como um cachorrinho! Fazendo-se de salvador de Elisabeth! Para entregar-me, em seguida, ao meu pior inimigo...

Perplexa, sacudiu a cabeça. Ela via Elisabeth à sua frente, sendo carregada nas costas por Martin Münch, ora quase perdendo a consciência de tão exausta, ora apavorada. Sim, ela havia estranhado que Martin Münch aparecera tão subitamente no porão dos Hoffmann depois que a sua mulher, aparentemente sem que ele soubesse, havia invadido a festa no Café Mühle a fim de conseguir a sua ajuda. E mais ainda surpreendeu-a que Martin, após ter deixado Elisabeth aos cuidados dos Haldersleben, não havia voltado ao café, mas sumido sem deixar pistas. Qualquer outro teria oferecido ajuda à dona da sua cafeteria predileta sabendo do perigo que havia ali!

Também os Francesconi expressaram a sua indignação, com fortes injúrias e gritaria exaltada pelo comportamento dos colegas alemães. Giuseppina agitava de um lado ao outro a juba loira coroada por uma larga franja negra.

— *Mà* — soltou ela em um chiado, cheia de desprezo pelos inimigos de Joanna. — *Non è possibile!* Canalhas! Como alguém pode fazer algo assim?

Subitamente, Joanna levantou-se de um salto.

— Tenho de voltar imediatamente! Não posso deixar as meninas sozinhas nesse ninho de serpentes. Ó Deus, eu nunca deveria ter partido! — soluçou ela, esfregando as mãos em desespero. — E agora, o que vou fazer? Sem dinheiro! Não posso nem mesmo voltar, quanto mais fazer qualquer coisa em Frankfurt! Tudo está perdido: minha licença, cancelada; minha reputação, arruinada...

Giuseppina pôs sua mão sobre as costas trêmulas de Joanna e puxou-a de volta para o banco. Suavemente, procurou acalmar a dissoluta mulher como se fosse uma criança precisando de consolo.

— Faremos tudo para ajudá-la — disse Floriano, estufando o peito. — Adamo foi um grande amigo. Por sua família, eu faria qualquer coisa. *Sì, ti giuro: tutto!*

Joanna sentiu que Giuseppina contraiu-se ao escutar essas palavras. Todo o seu corpo expressava desaprovação, como se quisesse sinalizar ao marido que não fizesse promessas que não pudesse cumprir.

— *Tutto!* — repetiu Floriano espalhafatoso, abrindo os braços.

Giuseppina balançou a cabeça, resignada. Tarde demais, dizia seu olhar levemente irritado. Ele não lhe dava ouvidos mesmo.

Voltada para Joanna, disse baixinho:

— *Tutto, Giovanna, veramente*, faremos tudo por você, contanto que não envolva dinheiro. Prometa-

me que não falará sobre dinheiro com ele.

— O que há para cochichar? — reprimiu-a Floriano.

Mas Giuseppina já se havia levantado, e, sem olhar para o marido, puxou Joanna atrás de si.

— Eu ordenei à serviçal que preparasse um quarto para você. *Vieni, tesoro*, eu lhe mostrarei! Você deve descansar. *Poi vediamo...*

[1.](#) *Fondaco dei Tedeschi*: prédio histórico que originalmente foi base comercial e armazém dos comerciantes alemães em Veneza. A primeira menção ao edifício data de 1228. Após ser destruído por um incêndio, foi reconstruído em 1505, a partir de um projeto do Frei Giovanni Giocondo. Recentemente, é objeto de controvérsias: de 1870 a 2011 abrigou a agência central dos correios, mas foi vendido ao Benneton Group em 2008, que tem planos de transformá-lo em um centro comercial e de exposições. (N.T.)

Capítulo 12



— *Un macchiato, per favore!*

— *Due carajilli per noi, signorina!*

— *Mi porti anche un gran bicchiere di acqua minerale, Giovanna?*

A cabeça de Joanna girava. O dia inteiro era assim, um pedido depois do outro. Recebeu um olhar encorajador de Giuseppina, que também suava enquanto distribuía cuidadosamente o conteúdo do pequeno e brilhante bule de café em seis minúsculas xícaras sobre uma bandeja que Joanna levaria em seguida para fora, para o terraço da cafeteria mais popular de toda a Veneza. Que ainda fizesse tanto calor nessa época do ano, com isso ninguém havia contado. Normalmente já teriam recolhido os móveis do terraço, guardando-os, pois seriam inúteis durante os dias frios do inverno. Entretanto, poucos dias antes da festa de Todos os Santos, o sol resolvera sair detrás das densas nuvens de neblina que cobriam a laguna havia alguns dias. Agora já havia uma semana que brilhava no céu azul, como se quisesse dar início à primavera.

Joanna olhou saudosamente pela praça em direção à basílica. Onde andariam Floriano e Tullio? Deveriam estar de volta a essa hora para substituí-la e a Giuseppina também. Ou, ao menos, para ajudá-las.

Provavelmente estavam no Ridotto¹ e esqueceram-se da hora.

Que Floriano era viciado em jogo Joanna notara logo após a sua chegada à casa dos Francesconi, havia pouco mais de meio ano. Não precisou de explicação para o comportamento estranho de Giuseppina no seu primeiro dia, quando lhe pedira que não falasse de dinheiro com Floriano. Marcello fora o único ao qual havia mencionado sua esperança de que Floriano a ajudasse financeiramente para que pudesse embarcar logo na sua viagem de volta. O mágico respondera desalentado: — Floriano e Giuseppina estão afundados em dívidas!

Depois disso, não havia conseguido pensar em nada que pudesse fazer, a não ser servir café e juntar dinheiro para um dia poder voltar.

Floriano não era uma exceção entre os venezianos com seu vício. Muitos de seus fregueses eram jogadores fervorosos de *Faro*, *Bassetta* ou *Biribiss*.

Nas ocasiões em que Giuseppina visitava sua mãe em Mira e apenas alguns fregueses habituais frequentavam o café, Floriano às vezes simplesmente fechava as venezianas após a hora de encerramento e transformava o Florian em um cassino. Ele sabia bem do risco que corria — manter uma casa de jogos privada era algo castigado com penas draconianas e os inquisidores tinham seus informantes por toda parte. Contudo, ele não conseguia resistir à tentação, tão grande era o prazer que encontrava nesse seu “único vício”, como costumava dizer, quando Joanna, que era dona de uma cafeteria sem licença, confrontava-o sobre sua leviandade. Era verdade que o bondoso e gordinho Floriano realmente não tinha outros vícios que não o do jogo — desconsiderando a sua evidente fraqueza pelo sexo oposto. E ele a havia recebido literalmente de braços abertos naquele dia de maio e integrado-a imediatamente à sua casa e ao seu negócio, como se estivesse esperando por ela. Depois de apenas dois dias, já a chamava

“*figlia mia*”, beliscava carinhosamente suas bochechas sempre que cruzava o seu caminho e, no mais, tratava-a como ao seu filho, Tullio, de dezoito anos. Com Giuseppina não era diferente; a cada oportunidade ela abraçava Joanna, apertando-a contra seus grandes seios, e tentava engordá-la a qualquer custo com sua culinária sensacional — o que já havia começado a surtir efeito. Depois de dez dias, Joanna havia tido a sensação de estar prestes a estourar as costuras das roupas e que logo teria um decote tão farto quanto o dela. E, a bem da verdade, não se incomodava. Também as muitas sardas que o sol veneziano havia produzido em seu rosto lhe pareciam mais bonitas que em Frankfurt. Usava o cabelo de forma diferente, amontoado ao alto e adornado com fitas coloridas, contas e presilhas, como era usual entre as venezianas. Mesmo assim, era sempre reconhecida como estrangeira, pois ainda não falava bem italiano.

Joanna apressava-se em cruzar o salão e chegar ao terraço, levando uma bandeja com seis xícaras de *espresso* em uma mão e um prato de torta de *cappuccino* na outra, quando seu olhar caiu sobre um dos grandes espelhos levemente embaçados, com suas molduras ornamentadas em ouro, que enfeitavam as paredes do Florian. O que viu foi a bela mulher ruiva, de faces coradas e vestido azul-claro por baixo do avental branco em que ela havia se tornado. “Sim, havia mudado para melhor”, pensou consigo, satisfeita. Até mesmo as ruguinhas em torno dos olhos haviam desaparecido, e nem seu nariz, que ela sempre achara um pouco grande e pontudo, nem aquele dente torto a incomodavam mais. Ela estava bem — ainda mais agora, que havia recebido notícias de casa; a carta de Elisabeth, que ficara meses a caminho pelo correio, dissolvera todas as suas preocupações. As meninas estavam bem, assim como ela, Elisabeth, havia ditado a Ludwig Haldersleben, pois ela mesma não sabia escrever. Estavam morando com o irmão mais velho de Joanna, Simon, a família os ajudava como podia, assim como os velhos amigos, como os Haldersleben e o sapateiro Denzel também. Quanto a Gottfried Hoffmann, ao contrário do que se temia, não voltara a aparecer. Margareth e Lili ajudavam bastante e já se portavam como adultas, principalmente Margareth, que mandava em todo mundo. Joanna poderia ficar tranquila. Estariam bem sem ela por mais um tempo.

Para Joanna, não foi preciso dizer isso duas vezes. Por um lado, porque ainda tardaria para economizar dinheiro suficiente para pagar a viagem de volta a Frankfurt — sem falar da reforma do Café Mühle, da recuperação da licença e do pagamento da montanha de dívidas. E, por outro, porque sentia que cada dia que passava na linda Veneza, com sua “*famiglia nuova*”, como Giuseppina gostava de dizer, afastava-se um pouco mais de Gabriel Stern. Sim, o violinista tomara conta de seus pensamentos muito mais do que teria imaginado.

No começo, depois de uma fase de adaptação para assimilar tanta novidade, ainda pensava nele em cada minuto livre, ainda via seu rosto em um de cada dois jovens italianos, revivia seu último encontro na festa de inauguração do salão de senhoras inúmeras vezes. Mas, pouco a pouco, a lembrança ficava para trás.

Era bom ter a cabeça livre novamente. “Sobretudo porque havia homens interessantes em Veneza”, pensou, com um sorriso interno, ao passar voando por uma das mesas do café e avistar um escuro e anguloso rosto de homem que a olhava com uma expressão entre divertida e interessada.

O freguês estava sentado à janela que dava para a Praça de São Marcos, como todos os dias por volta da hora do almoço. À parte de alguns senhores de idade do outro lado do corredor, ele era o único no interior da cafeteria. Os outros clientes preferiam o sol lá fora, no terraço. Do homem elegante e não mais tão jovem, Joanna sabia apenas que era uma personalidade importante no *Maggior Consiglio*² e, com isso, tinha de ter ascendência nobre, fato confirmado por sua vestimenta, com o manto, o tricórnio e a espada. À exceção dos seus pedidos — geralmente uma taça de *bianco di Custoza* e um prato de peixe, seguidos de um *caffè doppio* no lugar da sobremesa —, nunca havia falado com ele, como costumava

fazer com os outros fregueses. Em contrapartida, os seus olhares, que seguiam cada um dos passos de Joanna quando não estava aprofundado em seus papéis, eram bastante eloquentes. Seus olhos escuros e fogosos por vezes pareciam querer devorá-la, mas, ainda assim, Joanna sentia medo dele.

“O que será que ele tinha?”, perguntava-se ela às vezes, pois parecia tão perdido, apesar de certamente ser poderoso e rico. Giuseppina tampouco lhe havia podido dar resposta sobre o peculiar estranho. Somente Marcello havia murmurado uma observação obscura para dentro da própria barba quando, em uma de suas visitas, encontrara o estranho em seu lugar habitual. Joanna perguntou:

— O que disse, Marcello? — mas o mágico apenas fez um gesto enérgico com a mão, e ela não ousara insistir.

Ao chegar ao terraço, foi imediatamente saudada com um alegre ‘*Ciao, bellissima!*’ vindo da única mesa que havia estado livre até então.

Joanna enrubesceu levemente. Ainda não havia se acostumado a ser chamada *bella*, *carina* ou *dolce* pelos venezianos, às vezes nas formas superlativas. E não fazia diferença se era um homem ou uma mulher que a intitulava de “a mais bela” ou “mais doce de todas”, como agora fizera a famosa cantora Faustina Bordoni ao aparecer acompanhada de um senhor que, a julgar pela cor clara da pele, deveria ser seu marido, o compositor alemão Adolf Hasse³. Toda a Veneza venerava-os, e Joanna sentiu orgulho de poder atendê-los.

Rapidamente, levou dois pedidos para as respectivas mesas e voltou-se, então, para a cantora. — *Signora* Bordoni, que bom vê-la! Há tempos que não a víamos em nossa casa. Já estava ficando preocupada.

— Muito gentil da sua parte, *carissima*. Estive em Nápoles por alguns dias, onde me apresentei no Teatro San Carlo, e visitei meu marido.

Ela acariciou a mão do marido, que não tirava os olhos do seu rosto largo, com um nariz um pouco proeminente demais.

— Na próxima semana teremos a estreia de *Demetrio*⁴ — você tem que vir, Giovanna! E traga o seu amigo, o mágico!

Ela riu, um pouco estridente demais.

— Se ele ainda estiver aqui... — concordou Joanna, aflita.

Marcello anunciara, havia poucos dias, que estava farto dessa cidade fedorenta e decadente, cujas pessoas preferiam ir ao bordel ou ao Ridotto em vez de prestigiarem a sua arte, e que tinha a intenção de sair novamente em viagem. Joanna olhou-o perplexa, mas não conseguiu que lhe contasse nada mais.

Seus pensamentos foram interrompidos por Faustina.

— *Maestro, Maestro, Signor Vivaldi, siamo qua, nel caffè!*

Joanna estremeceu. Por pouco não derrubou a bandeja com os copos e xícaras vazias. Vivaldi, aqui? O grande compositor e mestre, professor de Gabriel, andando assim pela Piazza San Marco, passando diretamente à sua frente?

Faustina Bordoni e seu marido haviam se levantado das cadeiras. Joanna viu o garboso senhor de idade parando em seu caminho e virando a cabeça em sua direção. Ele vacilou por um momento quando Faustina passou a acenar agitadamente e, por fim, direcionou seus passos ao Florian.

Quanto mais ele se aproximava, mais Joanna tinha a sensação de estarrecer por dentro. Por que o maestro não estava em Praga, onde estreavam as suas óperas, como havia escutado de um freguês aficionado por música? Por que ele estava aqui?

Por que tinha de entrar em sua vida, como uma aparição, para despedaçar em um instante as semanas e a distância que ela havia posto entre si e o homem que não podia amar? Não havia se parabenizado há pouco por finalmente ter olhos para outros homens novamente? Agora tudo parecia voltar ao começo. O

compositor, que aproximava-se deles passo após passo, havia influenciado Gabriel tanto quanto o seu próprio pai. Ele havia feito dele o que era quando ela o conheceu. Esse homem era o destino de Gabriel, havia-lhe dito o próprio, porque despertara o músico nele, o artista que ele estava destinado a tornar-se, e que sua origem queria impedir. E ali estava Antonio Vivaldi à sua frente, com seus lábios sinuosos em um rosto juvenil apesar da idade, o corpo massudo, levemente curvado e um rolo de partituras nas mãos de dedos longos — mãos que Gabriel haveria visto e sentido muitas vezes quando o maestro corrigia sua postura ao tocar, indicava um compasso na partitura a ser repetido ou afagava o seu ombro em reconhecimento.

Mas o maestro não lhe deu atenção. Ele sorriu contido, como se não soubesse exatamente o que achar desse encontro com seu colega e concorrente Adolf Hasse e sua excêntrica esposa, deu uma olhada tímida nos outros fregueses, para então dar a volta nos vasos de plantas e sentar-se à mesa com os dois. Somente depois virou-se para ela, Joanna, que havia ficado parada o tempo todo como se houvesse criado raízes, e pediu, com voz baixa, um *caffè lungo*.

Quando, horas mais tarde e morta de sono, Joanna deitou-se em sua cama, com os membros pesados como chumbo, ainda não sabia como havia passado pela segunda metade do dia. E menos ainda sabia como suportaria a noite que estava por vir. Pois uma coisa era certa: sonharia com Gabriel hoje, como sonhara em todas aquelas noites que se seguiram ao seu último e fatal encontro em Frankfurt e estenderam-se pelas primeiras semanas na Itália. Sonhos que ela finalmente banira de seus pensamentos, que, de tanto trabalhar e conhecer coisas novas, já havia quase esquecido — até o maestro aparecer de repente e fazê-la reconhecer que todos os seus esforços haviam sido em vão.

“O que devo fazer”, pensou, com as faces molhadas de lágrimas, “para tirar do meu coração esse homem que não é destinado para mim? Não posso passar o restante da vida chorando por ele!”.

Muito tempo depois que a vela no criado-mudo em seu pequeno quarto no sótão havia se acabado, ela finalmente adormeceu. E realmente voltou àquele sonho que a perseguira por tanto tempo, que em sua doçura amarga já quase lhe parecera um pesadelo: Gabriel e ela à beira do Meno, envoltos em música e no murmúrio da chuva de primavera.

[1.](#) *Il Ridotto* é uma ala do Palácio de San Moisè, que, em 1638 foi convertida em uma casa de jogos. Com isso, foi o primeiro cassino legalizado do mundo ocidental.

[2.](#) *Maggior Consiglio*: o órgão político mais importante da República de Veneza. (N.T.)

[3.](#) Faustina Bordoni, *mezzo-soprano* veneziana, e Johann Adolf Hasse, cantor, compositor e professor de música alemão do período barroco, eram considerados o casal mais influente da ópera de seu tempo. (N.T.)

[4.](#) *Demetrio*: ópera de Hasse, estreada em Veneza, em 1732. (N.T.)

Capítulo 13



— *Sorellina*, que cara é essa? Está como se tivesse morrido! *Dimmi, cara*, qual é o bicho que a incomoda? Eu o esmagarei com as duas mãos. Assim, veja!

Contra a vontade, Joanna teve de rir quando Tullio começou a maltratar um pano de cozinha azul quadriculado, como se segurasse o bicho que lhe roubava a paz para livrar-se dele. Ela tirou as mechas dos cabelos do rosto com o antebraço para seguir girando a manivela do velho tambor de torrefação. O suor brilhava em sua testa, a roupa grudava-lhe no corpo e tinha a sensação de que o esforço fazia seu rosto ferver. Apesar de os Francesconi e seus colegas venezianos estarem anos à frente dos alemães no que dizia respeito aos apetrechos para a moagem e apresto do café — sem falar nas inúmeras maneiras de preparação da bebida —, também não haviam ainda encontrado um jeito de se livrar do cansativo processo de torrefação.

— Vamos, diga, quem foi que estragou seu humor de maneira tão duradoura? — insistiu Tullio, quase que agressivamente.

Joanna sabia que não adiantava seguir negando. Nas semanas e meses que passara com os Francesconi, ela e o jovem Tullio haviam se conhecido bastante, o que, afinal, não havia sido difícil, considerou ela em pensamento, pois Tullio era muito aberto e sempre dizia diretamente o que pensava. Com seus ombros largos e pernas compridas, geralmente vestidas em calças justas cor de terra à moda dos *gondolieri*, e a cara comprida de galgo meio encoberta pelos cabelos, ele parecia um homem. Mas, em geral, comportava-se como um menino. Desde o primeiro dia, vira nele algo como um irmão menor e, apesar dos protestos veementes, chamando-o de seu *fratellino*, enquanto ele ainda tentava impressioná-la com suas vitórias no Ridotto. Em algum momento ele compreendeu que ela não se interessava por ele como homem e, a partir de então, haviam se tornado os melhores amigos — para regozijo da *mamma* de Tullio, que havia se preocupado em princípio.

— Bem, se você quer mesmo saber...

Como nessa tarde chuvosa havia pouco movimento no Caffè Florian, ela contou-lhe que estava fugindo de um amor impossível.

— Impossível em que sentido? — questionou Tullio.

— Não posso dizer — sussurrou Joanna misteriosamente, com um olhar significativo. — Mas é de todo impossível. Vai contra todas as regras.

Tullio ficou pensativo, mas ela sabia que ele não fazia ideia do que se tratava.

— Ele é casado? — perguntou então.

Ela negou, abanando a cabeça.

— Um nobre?

Mais uma vez, ela negou

— *Cara mia*, para tirar um amor impossível da cabeça, existe somente um caminho!

Tullio havia desistido de adivinhar. Com um sorriso no rosto, olhava-a, triunfante.

— Eu sei do que estou falando, acredite!

— Ahã ...

Divertida, Joanna tirou os olhos da chapa onde despejara os grãos recém-torrados para que esfriassem. Subitamente, seu olhar parou na porta de entrada.

Um guarda-chuva negro apareceu na fresta e antes ainda que seu dono pudesse fechá-lo, deixar a água escorrer na frente da porta, virar-se e entrar na cafeteria, Joanna já sabia quem se escondia atrás dele. Por um momento seu coração parou e sentiu o estômago pesar. Então, como se nada houvesse acontecido, voltou aos grãos, espalhando-os na chapa com uma grande colher de pau.

Mas Tullio havia percebido a mudança de expressão no seu rosto e também olhou, logo saudando respeitosamente aquele que chegava. O freguês retribuiu a saudação, olhando por um momento em sua direção, como se esperasse que Joanna o saudasse também. Contudo, ela manteve a atenção fixa nos grãos. Apenas o vermelho de suas faces ficara um pouco mais intenso.

— *Sorellina*, você precisa de um homem!

Joanna levantou as sobrancelhas para demonstrar sua indignação, mas Tullio, de tanto entusiasmo, levantou ainda mais a voz, dando seguimento às suas considerações:

— O melhor remédio contra a dor de um amor é um novo amor. Isso é mais que apenas um ditado, acredite! Você sabe, não sabe? E não importa realmente se o novo amor é grande ou não. O importante é que distraia do velho. Seus pensamentos precisam estar ocupados, *capisce*? E o restante de você também, é claro — ele riu, um tanto atrevido. — Eu posso lhe apresentar alguns candidatos, se quiser. Um homem com dinheiro e estilo, um de nossos *nobili*, talvez? Eu saberia de alguém...

Sua voz baixou a um sussurro. Com uma piscadela significativa, olhou para o recém-chegado.

Sem querer, Joanna também olhou para o homem, que levantou a cabeça dos seus papéis e correspondeu o olhar. Então, levantou vagarosamente a mão, demonstrando que queria fazer um pedido.

— Vai lá!

Tullio quase empurrou Joanna na direção do freguês, de modo que não lhe restara outra alternativa a não ser pegar uma bandeja e descer o corredor até a mesinha na janela. Ela sabia que o homem acompanhava cada um dos seus passos com os olhos até ela parar à sua frente, com as faces fervendo.

— *Buongiorno*, Conte! Como posso servi-lo?

O homem olhou-a com seus olhos escuros. Tricórnio e espada estavam na cadeira ao seu lado, mas ele ainda vestia o manto.

— O mesmo de sempre, Giovanna — respondeu ele, baixinho. — Mas...

Ela já se havia virado quando sentiu a mão dele no seu antebraço, impedindo-a de seguir.

— Mas hoje eu gostaria de uma jarra de vinho com a comida. E dois copos...

Quando Joanna voltou pouco depois com o pedido, deixando a jarra e os copos diante dele na mesa, ele segurou o seu pulso novamente.

— O segundo copo é para você — disse ele num tom que não tolerava contradição. — Vejo que não há quase nada a fazer aqui hoje, o que não me admira, com esse tempo ruim! Quero aproveitar a oportunidade para conversar um pouco. Ouvi dizer que veio de Frankfurt. O que a trouxe até aqui? Conte-me um pouco de sua vida!

Joanna prendeu a respiração. O que esse homem queria com ela? Por que ele, que provavelmente vinha de uma grande família nobre veneziana, se interessaria por uma reles serviçal que lhe trazia o café? Aos olhos dele, ela não poderia ser mais que isso. Ele não sabia que ela, na realidade, era dona de uma cafeteria — ou melhor: havia sido. Ela engoliu amargo ao pensar na sua licença perdida. Mesmo que ele soubesse, não mudaria nada a situação: a diferença de classe social permanecia. Além disso, já em Frankfurt ela havia tomado como princípio nunca se envolver emocionalmente com seus fregueses — à parte de algumas exceções, como os Haldersleben ou o sapateiro Denzel.

Ela puxou seu braço com veemência. O homem encarou-a. Surpresa e desgosto misturaram-se no seu olhar.

— Sinto muito, *Eccellenza*, eu não tenho tempo; eu preciso...

Joanna interrompeu-se. Ela mesma percebeu que seu discurso era ridículo. O café estava vazio. Somente Tullio estava de pé atrás do balcão, fingindo moer café no grande pilão de mármore. Ela sabia que ele estava emocionado por dentro, tentando escutar cada palavra que diziam.

— Do que você tem medo, Giovanna? — perguntou o homem suavemente. Sem olhá-la, serviu vinho nos dois copos e empurrou um para ela. — Por favor, sente-se!

Joanna vacilou por um momento. Por fim, tirou vagarosamente o avental. “Por sorte, Floriano havia ido com Giuseppina à casa da sua sogra”, pensou ela involuntariamente. Não aguentaria mais dois observadores atentos ao lado de Tullio, já que sabia que os Francesconi compartilhavam do seu princípio de nunca se envolver em demasia com os fregueses, principalmente quando eram de classes sociais mais altas.

— *Auf Ihr Wohl!* À sua saúde!

O homem riu, como se estivesse aliviado por ela ter mudado de opinião, e levantou seu copo para brindar.

“Do que afinal, tinha medo?”, perguntou-se Joanna enquanto deixava seu copo tilintar contra o dele. O *conte* não era mais jovem, mas também não tinha jeito de quem enganava as mulheres para levá-las à desgraça. Pareceu um pouco desajeitado ao pedir-lhe mais uma vez que lhe contasse a sua história.

Somente quando se despediu do *conte*, depois de mais de uma hora de conversa sobre Deus e o mundo, pensou no que Tullio lhe havia dito: que procurasse um novo homem que a distraísse de seu amor infeliz. Um homem com dinheiro e estilo.

“O *conte* tinha estilo, sem dúvida”, pensou consigo. Enquanto arrumava lentamente a mesa, tirando os copos e a jarra que havia esvaziado com seu cliente, seu olhar perdeu-se lá fora, na *piazza*. Atrás dos vidros molhados de chuva, viam-se alguns poucos pedestres vestidos com longas capas negras. O *conte* era bonito, inteligente e tinha experiência de vida. E tinha dinheiro também, reconheceu afinal, quase contra a sua vontade. E, aparentemente, tinha tanto que poderia ceder-lhe um pouco.

Capítulo 14



Maravilhada, Joanna olhou à volta. Tudo era ouro e púrpura. Nunca havia visto tanta suntuosidade. E os vestidos das damas! Cores e mais cores — até mesmo os cidadãos notáveis haviam trocado seus *tabarri* negros por mantos coloridos. Também Giuseppina, que estava ao seu lado e nunca visitara uma apresentação de ópera, estava maravilhada com o espetáculo. Todos eles estavam aqui a convite do *conte*.

— O que deu no homem? — perguntou Giuseppina, perplexa, quando soube do convite. Mas é claro que aproveitou a oportunidade, assim como Marcello. Tullio riu atrevidamente e Floriano disse que não queria ver essas “coisas de mulher”.

Dos seus lugares, bem à esquerda na galeria, Joanna podia ver tanto o palco de perto como também quase todo o salão. Nos lugares em pé, lá embaixo, havia um movimento intenso. Vários *gondolieri* haviam vindo para ver a estreia da nova obra de Adolf Hasse, a ópera *Demetrio*. Joanna tinha a sensação de estar olhando através do teto de uma taverna de porto, de tão à vontade que estavam as pessoas nos lugares baratos. Ali não somente se tomava café, mas se andava de um lado para o outro e conversava-se animadamente, como se a rica cortina de veludo vermelho não fosse levantar-se a qualquer momento, dando início à apresentação. O jovem *gondoliere*, que a trouxera a Veneza em sua primeira viagem de gôndola e que depois viera repetidas vezes ao Florian para tomar um *espresso*, acenava-lhe lá de baixo, tirando o chapéu em um gesto de respeito. Em seguida, alguns dos seus colegas a notaram também e expressaram-lhe, aos risos e acenos, admiração.

Marcello, que estava sentado à sua esquerda, sussurrou-lhe:

— Suas chances com os *gondolieri* parecem não ser as piores, *cara mia*. Com efeito, você está linda hoje!

O elogio do mágico deixou-a feliz. Não era frequente que ele expressasse afeto ou mesmo admiração por ela. Especialmente nos últimos tempos, ela sentiu que ele se retraía um pouco em relação a ela. Das poucas vezes em que viera ao Florian, sua expressão estivera sombria e não fizera graças como de costume, nem com ela, nem com outros.

— Obrigada, Marcello, me alegra que goste da minha aparência! O vestido, na verdade, é de Giuseppina. Apenas fiz algumas modificações para ficar mais ao meu gosto.

— E ajustou-o, *figlia mia*, isso você pode dizer também! — acrescentou a veneziana rindo. — Eu não fui magra como você nem mesmo nos meus melhores dias, ou seja, há cem anos!

Sorrindo, Joanna deixou seu olhar vagar pelo salão, dos lugares nas últimas fileiras até a parte dianteira da pista, onde os músicos haviam começado a afinar seus instrumentos; e dali até o teto, de onde pendiam os candelabros suntuosos, e seguindo até os outros camarotes, que ficavam em três fileiras, uns acima dos outros. No exato momento em que seu olhar encontrou o camarote de gala, diretamente em frente ao seu, a pequena porta que dava para o corredor abriu-se e um senhor de idade, de manto vermelho adornado com pele de arminho¹ e um gorro dourado sobre a longa peruca branca, adentrou o camarote. Ele carregava um cajado dourado de punho largo e era apoiado de ambos os lados por homens, que igualmente vestiam

mantos vermelhos. Por um momento, o velho ficou parado no meio do camarote, como se quisesse dar ao público a oportunidade de notar a sua presença. Então, sentou-se desajeitadamente em sua poltrona, que mais parecia um trono no centro do camarote.

— O doge! — cochichou Marcello.

Até mesmo ele parecia impressionado pela figura do ancião, que agora dobrava o manto para trás e apoiava o cajado no parapeito à sua frente. A maioria dos presentes parecia ter igualmente percebido a presença do chefe de Estado; por um momento, manteve-se no recinto um silêncio peculiar, apenas quebrado pelos sons que vinham da parte de baixo do palco, onde os músicos continuavam afinando seus instrumentos.

Logo todo o camarote do doge estava abarrotado de figuras com mantos vermelhos. Um deles era o *conte*, sabia Joanna.

— Esses são os conselheiros da *Signoria*² — complementou Marcello, em voz baixa. — Lembre-se de que lhe expliquei uma vez: os seis *consiglieri* e os três da *Quarantina*.

Ela queria dizer algo, mas o aplauso já começava a crescer e Adolf Hasse, que dirigiria a ópera, entrou embalado em direção ao seu cravo. Durante o prelúdio da orquestra, a cortina abriu-se lentamente, deixando à mostra um cenário aventureiro, representando uma montanha de um lado e um castelo de conto de fadas do outro. Pouco a pouco, os cantores chegaram e o enredo tomou seu rumo. Joanna estava fascinada pelos acontecimentos no palco; especialmente as cenas de Faustina Bordoni, que, com todo o direito, parecia desfrutar sua posição de *primadonna*, impressionaram-na muito. Dos interlúdios de balé também não se fartava — nunca vira tanta graça e elegância.

Quando a ópera terminou e a cortina caiu, Giuseppina e Marcello batiam os pés. Gritos altos de “Bravo” soaram por todos os lados. Faustina Bordoni não parava de fazer reverências. Várias vezes a cortina vermelha abriu-se novamente para que o público aplaudisse a solista pela última vez e, por fim, o compositor, que se levantara do seu cravo.

Joanna tirou o olhar da pequena porta do camarote e virou a cabeça em direção ao salão. Lá fora, no corredor, as pessoas fluíam em direção à saída. Ela mal podia esperar que não houvesse mais ninguém na escada. As outras galerias também já se esvaziavam. Apoiado em seus conselheiros, o doge foi um dos últimos a deixar o camarote. Apenas um dos homens vestidos de vermelho permanecia recostado sobre o parapeito dourado, olhando fixamente em sua direção. Joanna acenou com a mão e pensou reconhecer um sorriso passando pelo rosto do *conte*. Com um gesto, indicou que esperasse por ele no camarote.

— Giovanna, o que está esperando? Vamos! — escutou a voz impaciente de Giuseppina, que já estava na escadaria.

— Vão na frente, eu esqueci algo — mentiu ela aos seus amigos.

— Quer que a ajudemos a procurar, *cara mia*? — perguntou Marcello, que havia voltado até a porta do camarote.

— Obrigada, Marcello, eu me viro sozinha. Até mais tarde — respondeu ela rapidamente. Ela sentiu o rubor subindo-lhe às faces ao encontrar o olhar ciente de Marcello. “Ele sabe muito bem o que estou fazendo aqui”, pensou ela com vergonha, inclinando-se sobre os bancos como se estivesse procurando um objeto caído. “E ele não está gostando. Por algum motivo, ele não aprova que eu me encontre com o *conte*.”

Quando emergiu da sua busca fingida, não era mais Marcello que estava na porta do camarote, mas sim o *conte*. Ele havia trocado seu manto vermelho pelo habitual *tabarro* negro e se parecia novamente com o freguês da cafeteria que ela conhecia. Um leve sorriso brincava nos seus lábios.

— Você gostou? — perguntou ele, logo após lhe ter dado um beijo no dorso da mão.

— Foi maravilhoso! Nunca vi coisa igual. Muito, muito obrigada pelo convite!

— Fico muito feliz que tenha gostado. Mas, também, o seu conterrâneo superou-se com essa nova peça. E Bordoni foi, como sempre, extraordinária. Mas agora, querida Giovanna, gostaria de convidá-la para um passeio. Posso? Estou certo de que um pouco de ar fresco irá lhe fazer bem. Você vem?

O *conte* estendeu-lhe o braço, convidativo, de modo que não restou alternativa a Joanna a não ser apoiar sua mão e deixar-se levar.

Em frente ao portal da Ópera já os esperava uma liteira cuja porta laqueada de preto exibia o mesmo brasão que Joanna havia visto no cordão da espada do *conte*. Calado, ele ajudou-a a subir e sentou-se ao lado. Era a primeira vez que ela se encontrava tão perto dele a ponto de sentir seu cheiro, uma mistura de tabaco e colônia acre. Como na maioria de suas visitas ao Florian, ele não usava peruca e tinha os cabelos, que eram grisalhos nas têmporas, bem penteados para trás. Na penumbra da liteira, ela viu seu perfil anguloso. Sentiu uma ansiedade estranha, de forma que não disse palavra alguma até que os dois carregadores parassem.

— Chegamos! — disse o *conte*, abrindo a cortina do seu lado.

Joanna ouviu o murmúrio da água que batia contra a margem rochosa do canal. Mais uma vez, o *conte* estendeu-lhe a mão. Ele havia tirado a luva e ela pôde sentir o calor da sua pele.

Cautelosamente, ela desceu da liteira, sentindo o chão firme debaixo dos pés. Mas ele não soltou a sua mão: levou-a aos lábios e beijou-a, desta vez na palma. Seus olhos estavam quase completamente negros.

— Eu ainda não lhe disse como está bonita esta noite, Giovanna. — ele riu baixinho. — Quero dizer, você é sempre linda. É sempre um grande prazer vê-la no Caffè Florian, sabia? Mesmo que o café e as outras iguarias ali sejam excelentes, você é o motivo por eu estar lá todos os dias.

Joanna não sabia o que dizer. Seu coração batia tão forte que parecia estar prestes a explodir. “O que está acontecendo?”, pensou. “O que este homem quer de mim? Ele quase não me conhece! E nem eu o conheço. Só falamos sobre os pedidos e uma vez um pouco sobre mim. Sequer sei o seu nome”, lembrou-se de repente.

Como se o *conte* tivesse adivinhado seus pensamentos, seguiu:

— Deve perdoar-me, Giovanna, por eu tê-la assaltado de tal maneira. Mas finalmente vi a oportunidade de falar com você a sós. De pessoa para pessoa. Sem que tenhamos que representar papéis.

“Representar um papel? E que papel você representa, homem desconhecido e misterioso?”, perguntou-se ela. Uma rajada de vento causou-lhe um arrepio. Os carregadores da liteira haviam partido fazia tempo e apenas a gôndola negra com o brasão que já conhecia balançava no cais à luz da lua. À sombra da cabine, Joanna viu um vulto. “Deve ser o *gondoliere*”, pensou. “Então não estamos totalmente a sós.”

— Meu nome é Andrea. Andrea Giustinian. Minha família vive em Veneza há gerações, nobreza antiga, muito rica — sua voz soava livre de qualquer emoção quando, depois de uma pausa, continuou: — Eu odeio esta cidade. Podridão por toda parte. E corrupção. Uma superfície lustrosa sem nada por trás. Olhe para isso, Giovanna!

Ele apontou o *palazzo* à sua frente. Joanna notou que a tinta marrom nas venezianas de madeira ficara amarelada com o tempo. A água do canal batera tantas vezes na porta da casa, rodeada de estuque, que formara uma grossa camada de bolor esverdeado que parecia rastejar madeira acima.

— Ou isso! Dois símbolos emblemáticos desta cidade: a morte e o prazer, tão pertos um do outro!

Ele apontou para um pombo morto, flutuando no canal ao lado de uma máscara parcialmente esfarrapada. Uma onda levou ambos na direção deles, fazendo com que Joanna desse um passo involuntário para trás, quase escorregando nas pedras lisas.

— Giovanna!

Imediatamente, o *conte* saltou para trás dela, segurando-a. Seus braços a envolveram e ela virou-se lentamente, até olhá-lo nos olhos.

— *Sei bellissima!* — sussurrou ele apenas, retribuindo o olhar.

“Gabriel! Por que tinha de pensar em Gabriel agora?”

Joanna não tinha certeza de quanto tempo havia estado parada assim, quando finalmente se livrou dos braços do *conte*. Cuidadosamente para não escorregar, deu alguns passos para o lado. Ajustou o manto em torno dos ombros e fitou a água turva aos seus pés. O pombo morto e a máscara haviam ido adiante, flutuando lado a lado, como se pertencessem um ao outro.

Sim, com Gabriel também havia estado ao lado da água, à beira do Meno.

Quanto tempo fazia? Parecia uma eternidade. Mas, ainda assim, a lembrança daquele momento, daqueles poucos instantes íntimos que passara com ele, estava gravada em sua memória para sempre. Ainda mais depois que o curto encontro com seu mestre, o grande Antonio Vivaldi, trouxera os sonhos de volta. “Tinha que liberar a lembrança”, pensou de repente, como um barco desatado do cais deixado ao sabor da correnteza. Somente quando conseguisse soltá-lo poderia dar início a uma nova vida, uma vida sem Gabriel. Pois era isso que havia para ela.

Procurou o pombo e a máscara com o olhar, a tempo de vê-los sendo levados para trás de uma esquina. Os dois símbolos de Veneza, como dissera o *conte*, levados pela correnteza.

Joanna levantou o olhar. O *conte* seguia na mesma posição, imóvel. Como se esperasse por ela, pelo que aconteceria com ela. Dentro dela.

— Para onde vamos? — perguntou afinal, estendendo-lhe a mão para que a ajudasse a subir na gôndola.

— Deixe-se surpreender, Giovanna!

Um calor agradável irradiava do pequeno forno de metal no canto da cabine. Joanna acomodou-se em um dos dois assentos de couro. Ela estava tranquila. Seu medo da água desaparecera.

Quando o *conte* sentou-se a seu lado e o *gondoliere* fechou a cabine por fora, sentiu-se envolvida na escuridão calorosa, clareada suavemente pelo fogo do fogão a carvão. O balanço da gôndola e o chapinhar da água contra o casco lhe diziam que haviam deixado o cais para trás e se encontravam no canal.

O *conte* havia esticado as pernas no banco lateral e incentivou Joanna a fazer o mesmo. Ele abriu, então, a janelinha ao seu lado e puxou por ela um balde com uma garrafa de Champanhe e duas taças de cristal de cabo longo que o atencioso *gondoliere* obviamente havia posicionado lá fora.

Joanna observou como suas mãos ágeis abriam a garrafa e enchiam as duas taças, pensando na primeira conversa que tiveram no Florian, onde também haviam brindado. O *conte* Andrea pareceu-lhe ser um homem honrado que, por algum motivo, interessava-se por ela. E ele havia despertado o seu interesse também. Além disso, como dissera Tullio, “a melhor maneira de curar-se de um velho amor é viver um novo amor”.

O *conte* deitara-se de lado e estava voltado para ela. “Quantas vezes haveria ele estado assim, seduzindo uma mulher?”, passou-lhe pela cabeça. “Por que será que ele não tinha uma esposa? Ou tinha, mas a deixava sempre em casa, sozinha?”. Ela girou o copo na mão e sorveu um grande gole do espumante.

Andrea olhava-a incessantemente. Seu copo vazio jazia sobre uma pequena prateleira acima da sua cabeça. Mais uma vez ela levou a taça aos lábios. Por que ele não dizia nada? Por que não fazia nada? Então, ela também virou-se de lado com a face voltada para ele. Suavemente, ele tirou-lhe a taça da mão, depositando-a sobre a prateleira. Poucas polegadas separavam seus corpos.

— Desde que era um menino, Giovanna — disse finalmente o *conte*, baixinho —, ansiava por fazer um passeio noturno de gôndola com uma linda mulher. Como agora.

Ele estendeu a mão e tocou suavemente o vão entre os seus seios. Joanna prendeu a respiração. Ela sentia seu olhar sobre a sua pele, o fogo de seus olhos azulados, quase negros. Explorando a linha central

do seu corpo, sua mão descia cada vez mais. Lentamente, seus dedos começaram a puxar seu vestido para cima, até que suas pernas, vestidas em meias cor-de-rosa afixadas com ligas laterais ao corpete, ficaram totalmente expostas. Sua coxa brilhava branca sob a mão forte e morena que agora se aninhava ali.

Repentinamente, o conte inclinou-se sobre ela e beijou-a arduamente. Ela surpreendeu-se com o desejo que se incendiou em seu interior, enquanto os dedos dele afundavam-se em sua carne. Seu maior desejo naquele momento era entregar-se a esse homem. Com as mãos trêmulas, ajudou-o a livrá-la das roupas.

Por um momento ele a olhou, calado, quando a viu sentada à sua frente, completamente nua, com os cabelos soltos, resistindo ao seu olhar.

— *La mia Venere* — murmurou ele, rouco.

Então ela sentiu o peso do corpo dele sobre o seu e deixou-se cair na incerteza do amor.

¹. Arminho: a pele desses animais, principalmente a pelagem branca de inverno, é considerada bastante valiosa e era vista como símbolo de realeza e de pureza.

². *Signoria*: termo que designava as autoridades governantes nas cidades-estados italianas.

Capítulo 15



Joanna olhava pela janela do seu quartinho no sótão. Havia semanas via-se o mesmo cenário: nuvens escuras e baixas, poucos raios de sol capazes de vencer a densa neblina; isso quando não chovia aos cântaros. Não se via nenhuma vela colorida na laguna por trás dos telhados molhados da cidade, nenhuma *petone*, nenhuma *bissone* de velas postas no bacino di San Marco. Até mesmo os pescadores, com suas pequenas naus, relutavam em sair para além de La Giudecca. Numa tediosa mescla de cores mortas, o mar encontrava-se com o céu cinzento na linha do horizonte.

Um suspiro escapou por entre os seus lábios. Ela sabia o que veria quando descesse ao Florian e olhasse pela grande janela frontal, ao lado da qual o *conte* Andrea costumava sentar-se. A Praça de São Marcos transformara-se em uma gigantesca poça turva. Somente as estreitas pranchas de madeira, que os venezianos haviam construído ali por sábia precaução dias antes da tempestade, permitiam a passagem. Ninguém a não ser ela parecia incomodar-se com o cheiro podre que viera com a enchente e que lhe dava náuseas logo pela manhã. O nível da água na *Piazza* agora chegava aos joelhos. Até mesmo no saguão da Basílica de São Marcos ainda se molhavam os pés. E não parecia que ia baixar. Ao contrário.

Ela mergulhou o pano na água da pia e lavou o rosto e o pescoço. O espelho embaçado na parede mostrou-lhe um rosto sonolento, mas bonito, com muitas sardas, emoldurado por mechas de cabelos ruivos cor de cobre. O pescoço fino desembocava no decote largo de uma peça íntima de estampa suave amarrada por baixo dos seus seios, deixando-os bem salientes.

Joanna fez uma careta para o seu reflexo. Estava bonita, isso ela sabia, apesar do trabalho extenuante que pesava sobre ela.

Que a sua magreza houvesse desaparecido por completo devia a Giuseppina e à sua arte culinária. As faces rosadas e o busto farto davam-lhe uma aura completamente diferente. Parecia mais feminina que outrora, mais mulher. Contudo, tinha de admitir que o *conte*, com seus cuidados amorosos e sua explícita paixão por ela, também fazia a sua parte.

Mais uma vez, ela suspirou. O *conte*... Não conseguia pensar nele como “Andrea”. Para ela, ele seguia sendo “o *conte*”. Apesar das muitas noites de intimidade e desejo que haviam passado juntos. E mais: ele havia mostrado-lhe a cidade, colocado Veneza aos seus pés, a Veneza das igrejas e dos museus, a Veneza das óperas, teatros e salas de concerto, dos salões literários e das festas. Ele havia mandado fazer vestidos para ela, verdadeiros robes, para que sua beleza resplandecesse ao seu lado. A alta sociedade havia se esforçado para ser amável com ela — e a alguns nem mesmo se notava o esforço. A maioria, entretanto, tratava-a de cima para baixo, deixando-a sentir que era uma estranha, rústica e plebeia. E todas aquelas roupas finas não mudariam essa diferença. Somente o fato de Andrea Giustinian encontrar-se ao seu lado impedia as pessoas de insultá-la ou expulsá-la de suas casas. Uma vez, ela havia percebido como a *Contessa* di Marzio e a esposa de um escritor caçoavam do seu sotaque teutônico pelas suas costas, sem notarem que ela estava ao lado. Ou talvez até soubessem que ela estava escutando.

Joanna riu, mas sem alegria. Sim, era isso que ela havia se tornado: a meretriz de um nobre veneziano que, aos olhos de todos, fazia tudo por ela.

Mas, afinal, esse novo papel combinava com ela?

Depois que ficou claro, tanto para o *conte* como para ela, que aquela noite na gôndola não seria a única, ele lhe pediu que deixasse o seu trabalho com os Francesconi.

— A sociedade a receberá de outra forma se você não trabalhar e for simplesmente a mulher ao meu lado — ele havia argumentado. — Eu lhe darei o dinheiro para a viagem de volta, se esse for o motivo pelo qual trabalha.

Em princípio, Joanna vacilou, declinando a oferta em seguida. Aceitou apenas frequentar aulas de italiano quando encontrava tempo, para melhorar a pronúncia. Até quando conseguiria manter esse ato de equilíbrio: durante o dia, a serviçal prestativa e amável com todos; à noite, a amante que sabe entreter seu homem com o corpo, mas também com inteligência e espírito? Ela sabia que o *conte* não somente a desejava, mas também valorizava a troca de ideias sobre os eventos culturais que visitavam juntos. Contudo, sentia que pouco a pouco suas forças esvaneciam, a cada dia via-se mais exausta. Percebia também que a insatisfação dele crescia por ter de dividi-la com os Francesconi.

Finalmente, terminou de vestir-se e desceu apressada pela estreita escada para o andar térreo, a fim de fazer os últimos preparativos para que o Florian pudesse abrir as portas. Ela não tinha certeza se tinham sobrado bastantes grãos de café do dia anterior ou se teria de ativar o tambor de torrefação. Por certo era tarde, como o grande relógio de pêndulo lhe mostrava. Ao menos ainda restariam bolinhos e pastéis, tanto doces como salgados, como Giuseppina havia-lhe assegurado ontem, pouco antes de Joanna sair correndo pelas tábuas sobre o brejo que se tornara a Praça de São Marcos. E o cheiro delicioso de pão recém-assado dizia-lhe que logo apareceria Ernesto, com suas assadeiras de *cornetti* e *pan-dolce* vindas da confeitaria ao lado.

Uma batida ruidosa na porta da frente pareceu confirmar sua suposição. Rapidamente, Joanna ajeitou mais uma vez os cabelos, amarrou o avental sobre o vestido escuro e simples e correu para o salão da cafeteria para abrir a porta. Contudo, a silhueta que viu pela cortina de renda na janela da porta não era a do magricela Ernesto, sempre equilibrando suas assadeiras sobrecarregadas de bolo. A figura elegante, de *tabarro* negro e tricórnio na cabeça, era-lhe, por certo, igualmente conhecida.

— Andrea, tão cedo? — surpreendeu-se ela.

Somente após se certificar de que ninguém os observava, o homem deu-lhe um beijo nos lábios.

— Quer um café antes de ir para o palácio do doge?

Joanna ainda não sabia a que tipo de tarefas o *conte* se dedicava. Ele sempre reagia de maneira estranhamente fechada às suas perguntas acerca da sua atividade, murmurando algo sobre burocracia para logo mudar de assunto.

— Estamos a sós? — perguntou o *conte* em vez de responder e deixou o olhar rapidamente percorrer o salão.

— Sim, acabei de abrir — respondeu Joanna.

Ela irritou-se ao perceber que se sentia culpada por estar ali na cafeteria e não se espreguiçando entre os lençóis de seda da cama com baldaquino de Andrea. Apesar de tê-la deixado havia poucas horas apenas, sentiu a sua desaprovação.

— Preciso conversar com você.

Ele levou-a até o seu lugar habitual ao lado da janela e intimou-a a sentar-se ao seu lado. Suas feições pareciam tensas e olheiras escuras emolduravam seus olhos. Parecia que não tinha dormido desde que ela o deixara, por volta da meia-noite.

Joanna interrogava-o com o olhar. Constatou, surpresa, o tremor leve dos seus dedos, que brincavam nervosamente com uma colher. A outra mão mexia-se nervosa no bolso do *tabarro*. Sem a olhar, disse com voz rouca:

— Preciso ausentar-me daqui, Giovanna. Uma questão urgente, que não pode ser adiada. Não sei exatamente quando voltarei. Mas quero que me espere.

Ele tirou a mão do bolso e colocou uma caixinha preta na mesa à sua frente.

Joanna sentiu um aperto na garganta, pressentindo o que estava por vir. Esperava que não acontecesse, mas o *conte* continuou falando.

— Isto é para você, Giovanna. Abra!

Relutante, ela abriu a caixinha. Sua respiração parou ao levantar a tampa: nunca havia visto uma joia tão linda, um largo bracelete de ouro adornado com guirlandas graciosas, engastado por brilhantes e coroado por um diamante.

— Uma joia de família. Era da minha avó. A única pessoa da família que um dia significou algo para mim. Agora, quero que você a use.

Durante toda a conversa, o *conte* ainda não a havia olhado nos olhos. Somente com o persistir do seu silêncio ele virou o rosto para ela. Seus dedos gelados agarraram a sua mão.

— Giovanna, quero que seja inteiramente minha. Basta resolver algumas formalidades. Assim que eu voltar, poderemos casar-nos.

O que ele estava dizendo? Joanna sentiu as lágrimas subirem-lhe aos olhos. O *conte* — Andrea, corrigiu-se ela mecanicamente — queria que ela se tornasse sua esposa. Era isso mesmo que ele estava tentando dizer-lhe?

— Giovanna!

Seu silêncio despertou-lhe raiva, mas também o medo vibrava em sua voz. Sua mão apertou mais forte o seu braço.

O que deveria dizer-lhe? Que não queria ser sua esposa? Que não podia por amar outro? Por ainda amar Gabriel? Por que amaria Gabriel pelo restante da vida?

Com uma clareza quase fantasmagórica, a imagem do músico surgiu subitamente em sua memória. Gabriel com os cabelos desgrehados pelo vento, salvando seu violino da chuva, embaixo da ponte do Meno; Gabriel no salão de senhoras do Café Mühle, maravilhando as presentes com sua música; Gabriel parado atrás dela, tão próximo que podia sentir o calor da sua pele através das roupas; Gabriel gravemente ferido e pálido como um defunto, puxando o seu rosto para si e beijando-a... Não, esse sentimento avassalador, essa infinita confiança, essa conexão íntima — nunca sentira nada assim com Andrea. Desejo, sim, e muito afeto. E sim, talvez pudesse tornar-se amor, se o seu coração já não pertencesse irrefutavelmente a outro.

Cautelosamente, ela fechou a caixinha preta e pousou-a na mão do *conte*, dobrando os dedos dele em torno dela.

Mas era mesmo a decisão certa? Subitamente, como se fosse outra pessoa em sua situação, Joanna observava-se de muito longe, com o olhar frio e objetivo de uma testemunha. Podia ela dar-se ao luxo de recusar uma oferta como essa? O *conte* era tão rico que certamente poderia dar-lhe todo o dinheiro de que precisasse, bastando que ela lhe pedisse. Sim, ela poderia mandar Tullio para Frankfurt com o dinheiro, pedir a Elisabeth que cuidasse de tudo para que a cafeteria voltasse a abrir suas portas e, ao mesmo tempo, seguisse fazendo o papel de mãe para as meninas, enquanto ela, ao lado de Andrea Giustinian, levaria a vida de uma grande dama em Veneza. Quando fosse sua legítima esposa, e com isso uma verdadeira *contessa*, as arrogantes damas da alta sociedade veneziana não mais a tratariam como se não existisse nem mais fariam pelas suas costas. E um título como esse certamente impressionaria também o Conselho da cidade de Frankfurt, de modo que ninguém mais ousaria pôr pedras em seu caminho. Até mesmo Gottfried Hoffmann deixaria de fazer intrigas contra ela.

— Andrea, querido Andrea... — sussurrou ela com a voz afogada em lágrimas, apoiando a testa nas

mãos, fixando o olhar na mesa. Tullio não havia somente esquecido a colher, ele também não havia limpado a mesa, registrou ela. — Andrea, perdoe-me, por favor. Eu sei que estou cometendo um erro. Talvez o maior erro da minha vida. Mas eu não posso. Eu simplesmente não posso...

Quando ela levantou o olhar, o *conte* já havia saído pela porta. Ela viu apenas as suas costas curvadas atravessando a chuva torrencial pela prancha estreita, em direção ao palácio do doge, e levando a caixinha preta consigo.

Capítulo 16



Já fazia um bom tempo que Gabriel olhava fixamente para o pequeno retrato a óleo. Apesar de ser início da tarde, ele teve de acender uma vela, de tão escuro que estava o seu quarto. O extenso alpendre da casa em frente impedia a pouca luz que o dia de inverno oferecia de adentrar no lar dos Stern.

— Em que está pensando? — perguntou-lhe sua mãe, levantando os olhos do seu bordado.

Ela estava sentada na poltrona ao lado da janela, trabalhando as abotoaduras de uma blusa escura com uma costura cinza-clara.

— Assim vai estragar os olhos, mãe — disse Gabriel, pela centésima vez.

— Que nada!

Impaciente, Esther Stern deixou a blusa cair no colo, esticou o braço e tirou o retrato das mãos de Gabriel, que estava sentado à mesa. No intuito de enxergá-lo melhor, levantou-se, segurando o quadro com sua moldura simples de madeira mais perto da vela de cera de abelhas.

— Ela é bonita — era tudo o que ele podia dizer.

Ele nunca havia visto pessoalmente Rachel Lazarus, que morava com sua família em Worms, nem mesmo ouvido falar dela antes. Por que motivo seus pais tiveram a ideia de que ele devia casar-se e por que haviam contratado esse maldito *shadchan*¹ como intermediário?

— Seus avôs eram amigos. Ela seria a mulher perfeita para você. Ela tem a sua idade, toca flauta e recebeu uma boa educação escolar. Dizem que ela é muito inteligente. Sua árvore genealógica pode ser seguida até o rei Davi.

— Hum — retrucou Gabriel.

A mulher do retrato tinha olhos escuros e lábios finos, que expressavam um caráter decidido. O rosto era alongado, com traços bem definidos. Denotava seriedade e inteligência e parecia bastante reservada. Vestia um vestido escuro, adornado por um camafeu de marfim. Entretanto, não dava a impressão de haver-se arrumado especialmente para o retrato. Não havia nada para objetar nela — a não ser que ele não a conhecia nem sabia se realmente se parecia com o retrato, ou se talvez o pintor a houvesse embelezado.

— Precisamos dar uma resposta — insistiu Esther Stern, colocando o retrato de lado.

— Ora, terei o direito de pensar, não terei? — indignou-se Gabriel.

— Mas não demore, menino! Uma garota como Rachel não ficará disponível por muito tempo.

Ela voltou a sentar-se em sua poltrona e retomou o bordado.

— Está bem. Amanhã lhes comunicarei minha decisão.

— Não nos decepcione novamente, Gabriel! Ao menos na escolha da sua noiva, dê ouvidos aos seus pais. Será melhor para você se estiver casado. Mosche Bär pode ser liberal a ponto de permitir que um professor de música solteiro permaneça a sós com Eva e Babette, mas outros não serão. Você seria muito mais respeitado se tivesse família.

Gabriel levantou-se abruptamente. Se fosse por ele, já haveria deixado de dar aulas de espineta e violino para as filhas de Bär havia muito tempo. Elas ainda não sabiam ler partituras e sua postura era

uma verdadeira catástrofe. Mas não podia dar-se ao luxo de recusar alunos. Precisava de cada centavo, ainda mais agora, que tinha de pagar as prestações do seu novo violino. Infelizmente não era um Stradivarius, como o velho, mas ainda assim era de Cremona².

— Para onde vai?

— Sair, preciso de ar fresco.

— Do jeito que o dia está escuro, logo voltará a nevar.

Esther Stern olhou para fora.

Gabriel pegou a vela e deixou-a no peitoril da janela, ao lado da sua mãe.

— Obrigada, meu filho!

Ele tirou o sobretudo de inverno do gancho e pôs o grande chapéu negro que todos os judeus usavam. Havia chegado à conclusão de que era melhor não chamar demasiada atenção no beco. Sua antiga rebelião contra a vestimenta tradicional agora quase lhe causava vergonha. Levou as galochas na mão para calcá-las no último degrau da escada.

Gabriel torceu o nariz ao sentir o cheiro de comida na escadaria. Ninguém queria arejar direito suas casas no inverno, de modo que os odores das cozinhas dos moradores acumulavam-se no corredor estreito. Ele apagou a vela que lhe havia iluminado o caminho pela escada escura, deixando-a no último degrau. Para o caminho de volta para cima, pediria fogo a Jehuda.

O merceeiro atendia a cozinheira dos Bär em sua loja. Gabriel cumprimentou-o com um movimento da cabeça e saiu à rua deserta.

Dos telhados e alpendres gotejava a água do degelo. A neve enlameada na rua chegava-lhe até os joelhos. Era obrigado a desviar de diversas e enormes poças. Quem, por livre e espontânea vontade, sairia de casa com um tempo desses? Até mesmo as crianças haviam ficado dentro de suas casas, e não havia nem sinal dos mendigos e vendedores ambulantes que normalmente povoavam o beco a essa hora.

Ele perguntou-se aonde deveria ir. Lá dentro, na sala com sua mãe na poltrona e Rachel no retrato pintado a óleo, ele não aguentava ficar. A casa toda lhe parecia preenchida por uma acusação não falada. Mas o que sua mãe esperava dele? Que reagisse com pulos de alegria à sua tentativa de alcovitá-lo com uma garota desconhecida? Ela o havia olhado de forma tão estranha, como se suspeitasse que por trás da sua relutância existisse mais que apenas a resistência habitual contra qualquer tentativa de tratá-lo com condescendência. E é certo que ela tinha razão, havia mais. Em termos claros: havia outra mulher. Uma mulher que ele simplesmente não podia banir de seus pensamentos, apesar de todos os esforços.

Joanna Berger — que ele não via havia três quartos de ano. Tampouco soubera notícia alguma dela. Mas de nada adiantava! Por meio de Jehuda, soubera que a dona do Café Mühle havia partido precipitadamente em direção à Itália, poucos dias após os terríveis acontecimentos, e que sua amiga Elisabeth fora viver com as duas meninas em Bornheim, com a família de Joanna. Isso era tudo o que ele sabia. De fato, não tinha procurado saber mais. Em princípio, estava enfraquecido pelo ferimento que Gottfried Hoffmann lhe havia causado e pela perda de sangue. Depois, em algum momento havia chegado à conclusão de que provavelmente seria melhor não saber o que se passava com Joanna Berger. Somente assim conseguiria esquecê-la algum dia. Ela era, no fim das contas, inalcançável para ele. Contudo, antes que concordasse em se casar com essa menina de Worms, queria saber o que Joanna andava fazendo. Ao menos queria saber onde ela estava, sem intenção de tirar disso quaisquer conclusões. Talvez ela já tivesse voltado? Não, isso ele saberia. Ela mesma haveria feito contato com ele, por meio de Jehuda. Ou não?

Gabriel Stern parou no meio da rua. Havia tantos motivos para que ela não o procurasse. Não por último, seus sentimentos. Quem lhe garantiria que ela sentia o mesmo que ele? Para ele, o mundo havia parado quando Joanna Berger debruçara-se sobre ele em meio à selvageria no Café Mühle para fazer-lhe

o curativo; havia esquecido tudo ao seu redor, a dor, a sujeira, o barulho, até mesmo o perigo de ser descoberto — tudo! Vira apenas o rosto dela à sua frente, seu lindo rosto e seus olhos, nos quais todo o seu medo por eles se espelhava. Naquele momento não teve como não a beijar! E ela havia correspondido o beijo, indubitavelmente!

Subitamente, sentiu novamente o suave toque dos lábios dela nos seus, seu coração batendo junto ao próprio, rápido e forte. Gabriel cambaleou e teve de dar um passo para o lado para não cair na neve enlameada. Maldição! O que estava acontecendo?

Havia meses que não pensava nela deste modo, com a impressão tão nítida de sentir a sua presença. No começo havia sido assim, quando se deitava na cama à noite, incapaz de dormir. Como um fantasma, ela lhe aparecia, mas como um espírito bom, belo e incrivelmente sedutor, em uma longa camisola branca da qual, em seu sonho, ele logo a libertava! Talvez o seu anseio fosse tão forte justamente pelo fato de nada haver acontecido entre eles. Esse pensamento já lhe viera antes. Tivesse ela sido uma das mulheres que não lhe custaram esforços para conquistar — e houvera algumas em sua vida, especialmente na *bella Italia* — certamente teria sido mais fácil esquecê-la. Ainda mais porque a probabilidade de sucesso era tão absurdamente remota... Será que o casamento com a garota de Worms, de olhar tão sério, mudaria seus sentimentos em relação a Joanna?

Gabriel passou a mão pelo rosto. Não havia ninguém para quem pudesse esvaziar o seu coração. Tinha de tomar sozinho essa difícil decisão sobre o seu futuro.

Um estalo ruidoso soou acima da sua cabeça. Em um rápido reflexo, levantou o olhar. Do telhado diretamente acima da sua cabeça pendiam algumas enormes e pesadas estalactites de gelo. Uma gota gorda soltou-se da maior delas e pousou bem no seu nariz. No último instante, ele saltou para o lado, arrastando o homem que caminhava ao seu lado para o meio da rua.

— Mas o que é isso? Solte-me! — gritou o homem, indignado.

Segundos depois, a estrutura toda despençou, cravando suas pontas afiadas na neve suja. Os enormes cristais de gelo fincaram-se como adagas na massa acinzentada. Os maiores logo caíram de lado, deixando apenas os menores espetados na neve.

O homem cuja vida ele acabara de salvar era um dos carregadores de água da Judengasse. Vinha levando quatro baldes cheios pendurados em uma vara de madeira apoiada sobre os ombros e que, agora, afundavam igualmente na sujeira. A água buscava seu caminho em direção à calha no meio do beco. O carregador de água havia levantado de um salto e fechado os punhos, pronto para o ataque, quando se deu conta do que acabara de acontecer.

— Obrigado — balbuciou, abaixando os braços.

— Foi por pouco! Vocês tiveram muita sorte — comentou uma serviçal que passava com um fardo de lenha nas costas.

Com as pernas bambas, o violinista seguiu adiante. Agora sabia o que fazer. O choque de quase ser esmagado por um pingente de gelo arrancara-o de seu estardalhaço mental. Cada vez mais rápido, movia-se a passos largos para fora da Judengasse, em direção à Praça do Mercado.

Alguém havia removido a neve asseadamente da frente do Café Mühle. Contudo, as venezianas estavam fechadas e, ao lado da porta de entrada, havia um monte de entulho coberto de neve. A outrora esplêndida casa deixava agora uma impressão de abandono. Obviamente, ali não morava mais ninguém. A veneziana do meio que, na briga com Gottfried Hoffmann e seus capangas havia sido arrancada, ainda pendia torta para baixo. O vidro atrás dela também não havia sido substituído, mas apenas fechado provisoriamente com tábuas e pregos. A placa da cafeteria de Joanna, que antes pendia de uma corrente e balançava ao vento, havia desaparecido.

— É uma vergonha! — disse um homem com um longo casaco de pele à sua mulher, que, carrancuda,

tentava arrastá-lo para longe da pilha de entulho.

“Quem haveria amontoado a neve?” — perguntou-se Gabriel, que ficara parado em frente à casa, olhando tristemente para a fachada descuidada. Que Joanna houvesse voltado era impossível — ela certamente teria tomado providências para que o Café Mühle fosse ao menos parcialmente restaurado. Devia ter sido alguém da vizinhança, provavelmente o cartógrafo, lembrou-se ele. Ludwig Haldersleben sempre havia cuidado de Joanna e de seus assuntos. Até mesmo dele, Gabriel, ele havia cuidado; havia emprestado sua carreta a Hans e Hetti naquele dia infeliz para que pudessem levá-lo para longe da zona de perigo.

Em uma decisão espontânea, cruzou o pequeno beco e abriu a porta da loja do cartógrafo. Ali certamente descobriria algo sobre o paradeiro de Joanna. O tilintar do sininho da porta foi abafado pelos ruídos que vinham da oficina localizada na parte posterior da loja.

Através do corredor, Gabriel viu dois gravadores em suas bancadas de trabalho, dispostas ao longo da larga frente de janelas, meticulosamente traçando linhas com suas ferramentas longas e pontudas.

Ele limpou as galochas no capacho e girou a cabeça para a esquerda. Na pequena sala adjacente, reconheceu uma prensa de tipos móveis na qual trabalhavam outros dois homens. Um deles se parecia com Scott, o ajudante de Joanna. Várias cordas haviam sido estendidas logo abaixo do teto, sobre as quais os grandes papéis haviam sido postos para secar.

Ludwig Haldersleben estava parado atrás do balcão escuro, do lado direito da porta, e conversava com uma mulher vestida em cores chamativas. Por trás dele, erguia-se uma prateleira alta com diferentes lunetas de vários comprimentos e outros aparelhos de medição. Gabriel pensou reconhecer uma balestilha, aparelho usado para medir ângulos e distâncias, além de um quadrante geométrico³. Das outras três paredes pendiam mapas do mundo coloridos de verde, amarelo e rosa, além de gravuras de panoramas ao estilo de Merian⁴, das cidades de Basel, Heidelberg e Frankfurt, todas emolduradas em *passepapouts*. No meio da sala campeava um grande globo em um pedestal e sobre a mesinha ao lado da janela havia um atlas aberto, no qual o violinista viu de relance o continente americano. As bordas das páginas eram adornadas com serpentes aquáticas e monstros marinhos. Havia também algumas placas de cobre apoiadas contra a mesa.

— Boa tarde — saudou-o o cartógrafo —, como posso ajudá-lo? — ele apontou o queixo para a mulher de vestido colorido. — Estávamos apenas conversando. A dama é uma amiga minha.

Gabriel abriu a boca para explicar o motivo da sua presença, mas o vizinho de Joanna antecipou-se.

— Mas... o senhor é o violinista! — exclamou ele. — Elisabeth, este é o violinista de Joanna!

— O italiano...? — complementou a mulher.

Assustada, ela levou um dedo aos lábios, como se temesse haver dito demais.

— Esta é Elisabeth Hoffmann, amiga de Joanna — explicou o cartógrafo, dirigindo-se a Gabriel. — Ela está morando com as meninas em Bornheim, na casa do irmão de Joanna, até que a dona da nossa cafeteria volte.

— Ah... sim, eu gostaria de saber como vai a senhora Berger — balbuciou Gabriel.

— Como vai o senhor? — retrucou Ludwig Haldersleben gentilmente, sem dar atenção à pergunta. — Da última vez em que o vi, haviam acabado de meter uma foice no seu peito.

— Isso sarou — respondeu Gabriel rapidamente.

Ele não ousava repetir sua pergunta acerca de Joanna, preferindo esperar o que o cartógrafo contaria espontaneamente.

— Bem, quanto ao estado do Café Mühle, o senhor pode ver por si mesmo — Ludwig Haldersleben mostrou com a cabeça a casa vizinha. — Uma desgraça! Eu vou lá de vez em quando ver se está tudo em ordem para que nenhum vagabundo tenha a ideia de instalar-se. Barricamos os quartos superiores, que

continuam intactos. Mais que isso não pudemos fazer. Joanna terá que cuidar disso quando voltar. No entanto, ainda há o problema da licença...

O violinista notou que o cartógrafo não usava jaqueta de uniforme, mas apenas um jaleco de trabalho. Sua peruca também era menos pomposa que o habitual. De certa maneira, parecia muito menos excêntrico que quando o conheceu.

— E ainda há o Gottfried, que continua por aqui! — intrometeu-se Elisabeth Hoffmann na conversa. — Ele ameaçou Joanna de morte — disse, abanado a cabeça, repugnada.

— Prendeu a própria esposa viva em um baú no porão e cravou uma foice no seu peito, *Maestro Stella*. São coisas que não podemos esquecer! — enfatizou Ludwig Haldersleben. — E como se não bastasse, está se preparando para atacar novamente! — ele mostrou a folha de papel à sua frente. — Estamos justamente escrevendo uma carta a Joanna...

— Se é que ela já não partiu! — murmurou Elisabeth, em tom de desespero.

— Mas o que aconteceu? — perguntou Gabriel, assustado.

— Ela precisa voltar urgentemente! O mais rápido possível! Gottfried simplesmente não dá sossego. É a sua vingança por Joanna ter me salvado. Agora estão dizendo que Joanna não é a verdadeira mãe das meninas e querem tirar Lili e Margareth de mim. Imagine só! Eu as amo como se fossem minhas próprias filhas. Provavelmente serão mandadas para um orfanato, apesar de terem um lar maravilhoso comigo e estarem plenamente felizes. Pobres crianças! É claro que eu protestei imediatamente, mas temo que não vá adiantar. É necessário que Joanna esteja aqui!

— O marido dela, Gottfried Hoffmann, alarmou o tutor oficial das meninas — disse Ludwig Haldersleben, interrompendo a torrente de palavras de Elisabeth.

Ele pareceu ter notado pela expressão de Gabriel que este não estava entendendo de que falavam.

— Sim, e Gottfried é o pior adversário que se possa imaginar! — seguiu Elisabeth em sua agitação, como se o violinista não o tivesse sentido na própria pele. — Ele insinuou a Philipp Ingen, que é o padrinho das meninas, que em Bornheim elas estariam sendo malcuidadas. Que lá se fazem coisas imorais e outras mentiras. E isso apesar de Philipp Ingen ter sido amigo de Adam Berger! — choramingou ela. — Ele até foi padrinho de seu casamento! Agora ele ameaça prender as duas meninas em um orfanato — desesperada, ela agitava as mãos diante do rosto — Ó Deus, tomara que ela ainda não tenha partido! Não sei até quando poderei detê-lo. Espero que ela não tenha ido! Ela disse que talvez seguiria viagem para Constantinopla. Queria pegar um navio com Marcello Ranieri, o mágico. Ai, é tudo tão horrível! E a culpa é toda minha! Se não fosse por mim, minha querida Jô estaria bem...

Parecia que ela iria chorar a qualquer momento. Manchas vermelhas haviam se formado no seu pescoço.

Ludwig Haldersleben saltou agitado de trás do seu balcão e colocou o braço sobre o seu ombro, tentando consolá-la. Cuidadosamente, ele a levou até o banquinho ao lado da grande estufa.

Depois que Elisabeth Hoffmann havia se acalmado um pouco e ajeitado as saias, ela seguiu com seu relato:

— Meu marido queria de qualquer forma que eu voltasse para ele. Por isso permaneceu quieto por todo esse tempo. Livrou-se até mesmo daqueles cães terríveis e do urso por saber que eu não suportaria esses animais à minha volta. Deixou de beber também. Contudo, permaneci firme. Não dá mais, ele foi longe demais. Foi horrível o que eu passei naquele baú escuro no porão...

Sua voz falhou. Ludwig Haldersleben colocou a mão enorme sobre o seu braço e murmurou algumas palavras que Gabriel não entendeu. Elisabeth olhou agradecida para o cartógrafo. Ela soluçou mais duas vezes e continuou:

— Agora ele entendeu que eu me fui para sempre e o aborrecimento começou novamente. Não sei como

dizer isso às meninas. Elas ainda não sabem de nada. E mesmo se Joanna ainda estiver em Veneza, levará várias semanas até que ela chegue e possa fazer algo — ela fitou Gabriel candidamente com seus grandes olhos azuis.

— E ela está tão bem lá! Recebeu até um pedido de casamento. De um conde de verdade. Imagine só!

“Um pedido de casamento? Joanna?”. Gabriel estarreceu. Subitamente, um arrepio tomou conta de seu corpo todo.

— Mas o que estou dizendo? — seguiu Elisabeth, ao ver a cara congelada do violinista.

Ludwig Haldersleben também parecia aflito, como se o fato de Joanna Berger ter novos relacionamentos num país distante o incomodasse. Seus dedos brincavam nervosos com seu avental amarelado.

O pensamento de que ele também estaria apaixonado por ela passou pela cabeça de Gabriel. Fitou o cartógrafo com um olhar gélido. Não, isso não podia ser! Joanna e esse velho... Por outro lado, ele nem parecia tão velho assim. E o marido falecido de Joanna, afinal, também não era bem mais velho do que ela?

Da sala ao lado veio um dos homens que trabalhavam na imprensa. Era mesmo Scott, o ajudante de Joanna! Ele havia crescido desde que Gabriel o vira pela última vez: o menino desajeitado tornara-se um jovem ranzinza. Havia prendido os cabelos longos com uma presilha na parte de trás da cabeça para que não lhe caíssem no rosto. “Um penteado que melhor serviria a uma menina”, pensou Gabriel. Do seu queixo despontavam os primeiros pelos escuros da barba. Ele usava uma espécie de avental de trabalho por cima de vários pulôveres, além de botas com polainas. Em uma grande bandeja de madeira trouxe um mapa recém-impresso, tendo depositado cuidadosamente na mesinha alta com o atlas.

— Aqui está — disse, apontando com o dedo sujo de tinta para um ponto no mapa.

O cheiro forte da tinta que brilhava ainda úmida subiu ao nariz de Gabriel. Ele ainda não sabia o que pensar dos relatos de Elisabeth Hoffmann.

O cartógrafo sacou do bolso uma lupa enorme e segurou-a na frente dos olhos para examinar a folha impressa.

— Assim não dá! — disse finalmente a Scott. — A placa precisa ser gravada novamente antes de seguir com a impressão.

Enquanto Scott, de cara amarrada e sem olhar para Gabriel, voltava à oficina dos gravadores, o cartógrafo explicou tratar-se de um teste com um mapa da Cocanha⁵. O projeto é do meu velho mestre Johann Baptist Homann⁶, de Nuremberg. Foi com ele que eu aprendi o meu ofício.

Gabriel notou, um tanto perplexo, uma nota de vaidade soar em sua voz. Como se fosse algo especial ter estudado com esse tal Johann Baptist Homann e copiar os seus mapas. Quem era ele, afinal? E mesmo que Homann fosse uma autoridade no assunto: ele mesmo também não saía por aí contando a todo mundo que o grande Antonio Vivaldi havia sido seu professor de composição. Por certo, Jehuda encarregava-se de contar a todos, apesar de que seria melhor se ninguém soubesse. Afinal, havia escondido a verdadeira identidade judaica do grande compositor.

Elisabeth Hoffmann sorvia cada palavra dos lábios do cartógrafo como se nunca houvesse ouvido nada mais inteligente. Parecia ter esquecido completamente do que ainda agora dissera sobre seu imprevisível marido e a desgraça que pairava sobre as enteadas de Joanna.

— Não percamos mais tempo! — lembrou Ludwig Haldersleben.

Ele correu de volta para o seu balcão e mergulhou uma pena no pote de tinta feito de porcelana à sua frente.

— Cara Joanna... — começou a preencher em letras sinuosas a folha de papel vazia.

1. *Shadchan*: espécie de casamenteiro na comunidade judaica. (N.T.)
2. Cremona: comuna italiana da região da Lombardia, famosa por ser a terra natal do célebre luthier Antonio Giacomo Stradivari, construtor dos célebres violinos Stradivarius, e por seus violinos e instrumentos de cordas. (N.T.)
3. Quadrante geométrico: instrumento de medida usado para medir distâncias, surgido no século XVI. (N.T.)
4. Mathäus Merian (1593-1650) foi um gravador e editor suíço-alemão, famoso pela publicação de inúmeros mapas, vistas panorâmicas e crônicas. Sua obra principal é a *Topographia Germaniae*, uma compilação de mais de 2 mil panoramas ricamente detalhados de cidades, mosteiros e castelos notáveis, até hoje considerada uma das obras mais importantes da ilustração geográfica. (N.T.)
5. Cocanha: país mitológico, mencionado em contos de fadas e alegorias desde a Idade Média. Nessa terra lendária, o prazer era o máximo mandamento, o alimento era abundante, os rios eram de leite e vinho e o trabalho era pecado. (N.T.)
6. Johann Baptist Homan (1664-1724) foi um cartógrafo, editor e gravador alemão. Publicou cerca de 200 mapas e globos, entre eles um Grande Atlas Mundial, de 126 folhas. É conhecido por seu mapa fictício da Cocanha, intitulado *accurata tabulae utopiae*. (N.T.)

Capítulo 17



O capitão era um núbio de Assuã¹ que havia aprendido a navegar no rio Nilo. Ficava a maior parte do tempo parado no convés posterior, de pé, com as pernas afastadas. Com a barriga protuberante e as mãos apoiadas na cintura, gritava comandos para a tripulação. Um nariz pequeno semelhante ao bico de uma ave de rapina ornava seu rosto escuro de traços faraônicos. Diferentemente dos dias anteriores, nesse dia sua cara expressava intensa insatisfação. Sua *galabia*² branca não dançava ao sabor do vento, mas pendia tão frouxa de seu corpo como a vela do mastro do *Lâle*. A calmaria durava horas. Nem sinal de vento. Em princípio, haviam conseguido locomover-se navegando em ziguezague. Entretanto, as frequentes manobras haviam cansado os marujos e finalmente a última brisa havia cessado.

Joanna estava sentada com Marcello sobre um tapete embaixo do deque superior, ambos observando o movimento a bordo envoltos em cobertores. Pluto latia para as gaivotas que os circundavam no alto.

Ahmet Pasha, comandante do *Nilüfer*, a maior das três galeras que os acompanhavam desde Corfu, ordenou a seus remadores que aproximassem o navio o máximo possível do *Lâle*. Aparentemente pretendia convencer o capitão núbio Ismail Ibn Abdelrahman a deixar-se rebocar. Havia horas que a costa aparecera a bombordo. Não podiam estar longe.

O *Nilüfer* era uma galera de vinte e cinco bancos com um enorme rostro na proa, enquanto o *Müge* e o *Sümbül* contavam com apenas 18 bancos de remadores. Além das três galeras, eram acompanhados por dois grandes trimastros — um brigue e uma fragata — ambos com duas baterias de canhões. Em torno deles, velejavam três ágeis *dhow*s³ árabes — barcos de dois mastros com velas latinas que haviam se juntado a eles pouco antes da travessia do estreito de Dardanelos.

Os escravos de estibordo da galera recolheram os remos quando o *Nilüfer* emparelhou-se com o *Lâle*, para que Ahmed Pasha, que estava pronto para saltar, pudesse aconselhar-se com o capitão Ismail.

De repente, o semblante do núbio abriu-se. Ele molhou o dedo médio da mão direita e estendeu-o para cima. Em seguida, virou-se para Joanna e Marcello e gritou triunfante:

— Lá vem o vento. *Alhamdullilah*⁴! — Com as mãos, fez um funil diante da boca e gritou para o seu contramestre — Içar vela grande e gávea!

O contramestre, um levantino de Tiro⁵ de cabelos tão vermelhos quanto os de Joanna, deixou imediatamente o seu jogo de xadrez e saiu repetindo aos berros a ordem do capitão.

Um homem grande de Esmirna⁶ com um *fez*⁷ vermelho na cabeça estava pintando a escada que dava para a cabine do capitão. Uma parte dos marujos dormia em redes espalhadas por todo o navio. O albanês responsável pelas velas e seu ajudante estavam sentados na sombra a sotavento e costuravam a vela de capa. O temperamento forte dos dois homens fazia o que provavelmente era apenas uma conversa entusiasmada parecer uma briga.

A tripulação do *Lâle*, vinda de todas as partes do Império Otomano, corria agora pelo convés em um frenético vai e vem e começou a subir pelo mastro principal. Joanna observava o espetáculo boquiaberta. Como artistas de circo, os marinheiros moviam-se pelo aparelho⁸ do navio enquanto libertavam a vela grande dos cabos e ganchos. Como artistas na corda bamba, balanceavam-se nos cabos finos abaixo das

vergas, lá fora, bem além do canto do navio — ao menos era o que parecia para Joanna, que rezava para que ninguém caísse.

Enquanto isso, os escravos remadores de bombordo do *Nilüfer* conseguiram afastar a galera do *Lâle*, de modo que os remos de estibordo puderam voltar à água.

Joanna voltou a olhar os marinheiros no alto do mastro. Ela admirava a sua coragem por se moverem tão alto acima do chão. Esses homens pareciam não conhecer a sensação de vertigem.

Ambas as velas estavam postas e os marujos desciam elegantemente de volta ao convés.

— Curso norte — comandou Ismail Ibn Abdelrahman.

Um esguicho de espuma das marolas chegou até eles quando o *Lâle* retomou o movimento. O brigue e a fragata também haviam posto as velas e os remadores das galeras botaram força nos remos sob o tilintar das correntes. No mastro principal, a bandeira otomana balançava ao vento. Meia-lua e estrela, ambas brancas, sobre fundo vermelho.

Joanna espreguiçou-se nas almofadas. Agora que o deslumbrante espetáculo havia acabado e o trabalho dos marujos para manter o curso resumia-se a pequenos ajustes aqui e ali, podia voltar tranquilamente aos seus devaneios. Desfrutava a calma de poder finalmente parar. Somente no navio havia percebido como estava exausta, o que não a surpreendia diante das atribulações pelas quais passara nas últimas semanas: de dia, serviçal, de noite, grande dama. Mas isso havia acabado agora, definitivamente. Desde o dia em que o *conte* lhe fizera a proposta de casamento, ficou sem notícias dele. No começo, não dera muita importância ao fato; ele dissera que ia viajar. Contudo, quando não voltou depois de dez dias, nem lhe mandou recado algum, ficou claro para ela que seu relacionamento havia chegado ao fim. O *conte* não renovaria o pedido — obviamente, ela o havia machucado profundamente. Sim, havia sido precipitado e estúpido de sua parte decepcioná-lo dessa forma. Devia ter ao menos pedido tempo para pensar e não o rejeitar imediatamente. Talvez sua decisão houvesse sido diferente. Amargurou por dias, com raiva de si mesma, sempre na esperança de que Andrea qualquer dia aparecesse no seu canto favorito do Florian e tudo voltasse a ser como antes. Mas nada ficou como antes em Veneza, a não ser as chuvas torrenciais e a enchente que persistiam.

Assim, a oferta de Marcello Ranieri de acompanhá-lo a Constantinopla surgiu bem a tempo. Zehra Sultan, a irmã do soberano, havia escrito ao mágico sobre como as suas filhas sentiam falta da sua arte e que todos estavam ansiosos por recebê-lo novamente na capital do Império Otomano. Ela estava farta das constantes apresentações de Karagöz⁹ e queria ver algo diferente do eterno jogo de sombras com as mesmas personagens.

— O que ainda quer aqui, Giovanna? — perguntou-lhe o mágico quando se encontraram por acaso na Piazza San Marco. Chivia, então Marcello a levou para debaixo do arco de um portão para conversar, enquanto o ensopado Pluto esperava deitado aos seus pés. — Floriano não tem dinheiro. Você está sendo usada, não percebe? Ninguém aqui trabalha tanto quanto você. Economize suas forças para reerguer o Café Mühle! E as intenções desse *conte* não são realmente sérias... De verdade, *cara*, você acredita mesmo que um nobre veneziano se casaria com uma taverneira de Frankfurt? Além disso, ele é um charlatão e um vil criminoso.

— Andrea, charlatão e criminoso? Tem certeza do que está dizendo, Marcello?

Joanna ficou sinceramente indignada com o mágico e pronta para defender o *conte* com unhas e dentes. Não tinha certeza se amava esse homem, mas de qualquer maneira o admirava profundamente e sentia-se extremamente bem em sua companhia. Como Marcello ousava caluniá-lo dessa forma?

O napolitano a havia olhado em silêncio. Seus traços endureceram quando, meio a contragosto, voltou a falar.

— O seu *conte* é um charlatão por pedir sua mão em casamento, pois é casado! E já o é há vinte anos.

Com uma certa *marchesa* Carlotta Contarini. Talvez você já tenha ouvido o nome Contarini antes. Gerações de doges surgiram dessa família. Como pensa que o seu Andrea conseguiu a sua posição no governo? — Marcello riu com escárnio e, sem dar atenção à sua perplexidade, seguiu com seu discurso.

— A *marchesa* era uma mulher bonita quando se casou com o *conte*. Talvez um pouco simplória e não mais tão jovem, mas na época não pareceu incomodá-lo. Ela era rica e vinha de uma família poderosa, e isso era o que contava. Mas quando deu à luz um natimorto, enlouqueceu. A partir de então, vive reclusa em uma ala lateral do *palazzo* onde o *conte* também reside até hoje; o qual, até onde eu sei, você frequentou assiduamente durante semanas — o mágico inclinou-se em sua direção, tocando-a com o dedo num ponto abaixo da clavícula. — E eu lhe digo: nunca na vida o *conte* se divorciaria dessa mulher. Seria impossível, por muitos motivos. Então, o que acha que ele faria para ficar livre para você?

Joanna fitava-o com os olhos arregalados. Ela quis dizer algo, mas o som ficou preso na sua garganta.

— Eu sei do que esse homem é capaz, *cara mia*! Acredite, eu o senti na própria pele. Tente passar quatro semanas em prisão solitária nos *pozzi*¹⁰, a masmorra mais famosa de Veneza! Dos homens da *quarantina criminal*, que me espremeram lá embaixo por acharem que eu era um espião a serviço dos otomanos, o seu *conte* foi, de longe, o mais cruel. *Un vero sadista*! Olhe, veja isto!

Ele levantou a camisa, mostrando-lhe uma longa cicatriz serreada que se estendia por todo o flanco do seu tronco.

Joanna virara o olhar e, sem dizer qualquer palavra, correu pela chuva.

— Em Constantinopla, você poderia aprender com minha amiga Fátima, ou talvez até mesmo com a velha Aglaia. Ninguém faz café como a mestre cafeeira do sultão! — gritou Marcello atrás dela, acompanhado dos ganidos baixos de Pluto, que aparentemente entendeu a situação tensa.

Joanna não sabia quanto tempo perambulara pelos becos molhados de Veneza lutando contra o mal-estar, mas no final havia tomado uma decisão: não ficaria um dia além do necessário nessa cidade. Marcello estava certo; não tinha mais nada a ganhar com os Francesconi e nunca mais na vida queria ver Andrea Giustinian. Mesmo que somente a metade do que o napolitano dissera sobre o *conte* fosse verdade — não era esse o homem pelo qual queria ser amada. “Como pude ser tão ingênua?”, perguntou-se, olhando fixamente o brejo sob a Ponte Rialto. — *La mia Venere* — o *conte* a havia chamado assim, de Vênus, a primeira vez que ela se entregou a ele. E realmente, havia se sentido como uma deusa em seus braços. Finalmente compreendeu do que falavam Elisabeth e Ludwig Haldersleben, finalmente conheceu a paixão. No entanto, seus sentimentos pelo *conte* eram distintos do que sentira por Gabriel. Mas o que sabia ela do amor? Nada, como mais uma vez era obrigada a reconhecer. O amor era uma quimera! O próprio Andrea não havia dito que tudo em Veneza era mentira e ilusão? Será que falava de si mesmo?

Cheia de raiva, cuspiu no Canal Grande, lembrando-se das últimas frases do mágico, do som que as palavras “mestre cafeeira do sultão” deixaram em seus ouvidos. Ela havia estado arrasada demais para entender o seu real significado, mas agora que se acalmara um pouco, não mais queriam sair-lhe da cabeça. Se estava fadada a não ter sorte no amor, ao menos restava-lhe sua profissão. Afinal, fora por isso que viera a Veneza: para aprender com Floriano Francesconi e aprofundar-se na arte da preparação do café. E também para ganhar dinheiro, é certo. No entanto, nesse quesito não obtivera sucesso, mas não por culpa sua, e sim por causa do vício de Floriano nos jogos de azar. Por certo, as técnicas de preparação do Florian, a melhor cafeteria da cidade, isso sim ela havia aprendido. E não havia mais nada que Floriano pudesse ensinar-lhe — ela absorvera todos os seus conhecimentos. Mas essa Fátima, e mais ainda a mestre cafeeira do sultão — como era mesmo o nome, o que havia dito Marcello: “a velha Aglaia”? — com essas duas certamente poderia aprender algo novo.

Ao chegar totalmente ensopada ao Caffè Florian, Marcello estava sentado à mesinha na janela onde o

conte costumava ficar. Ele perguntou-lhe com o olhar e ela confirmou com a cabeça, igualmente calada. Em seguida, foi ver Floriano e Giuseppina para anunciar-lhes sua decisão de deixá-los e viajar com o mágico para Constantinopla.

— Marcello quer apresentar-me à mestre cafeeira do sultão — havia explicado aos seus amigos. — Espero que entendam que não posso perder esta oportunidade...

Bam! Bam! Bam!

Joanna tapou os ouvidos quando a fragata disparou uma série de tiros sinalizadores, correspondidos com igual estrondo pela fortificação branca na margem oposta. E então, por trás dos muros do forte, surgiu a silhueta da cidade. A maior cidade do mundo, como dissera Marcello. Vinte vezes maior que Frankfurt!

Joanna passou a observar o balé de quando as velas foram içadas se reiniciar sobre os mastros e, logo depois, a âncora ser jogada. Logo, viram-se rodeados por centenas de pequenos barcos que ofereciam mercadorias ou serviços de transporte.

Joanna não parava de assombrar-se. Que panorama maravilhoso! Os incontáveis navios no porto, as muitas carruagens e liteiras, os berros dos burros e camelos recebendo e descarregando mercadorias, um fervedouro de gente exótica. Por trás, a imensa cidade da qual despontavam finos minaretes por toda parte. Ainda no cais, uma multidão de comerciantes rodeou-a, soltando torrentes de palavras indecifráveis.

Após resolvidas as formalidades de entrada, Marcello alugou uma carreta para levar as bagagens à Xícara de Ouro, no distrito de Eminönü. Tiveram de esperar repetidas vezes por Pluto, que cumprimentava os cães que encontrava pelo caminho.

A Xícara de Ouro ficava entre um fumegante *hamam*¹¹ e uma barbearia. Fátima, a anfitriã, era uma sérvia convertida ao islã.

A irmã do sultão a havia libertado da escravidão depois de mais de trinta anos de serviço. Era uma mulher de meia-idade, pequena e gordinha, que já andava um pouco curvada. Sua roupa era toda negra e deixava à mostra somente o rosto e as mãos. À parte dos olhos negros e brilhantes, Joanna não viu nela nada digno de nota. Contudo, a julgar pelo sorriso transfigurado que dividiu o rosto enrugado de Marcello em duas metades desiguais, ela devia ter um papel importante na sua vida.

Merhaba, bem-vindos a Istambul! — repetiu Fátima várias vezes, ao mostrar sua cafeteria a Joanna e apresentá-la ao seu ajudante Rifat e ao contador de histórias Fuad, contratado para aquela noite.

Ao longo das quatro paredes do local havia bancos forrados com tapetes. O chão era de tijolos. No meio da sala havia um fogareiro a carvão sobre um tripé. De uma das paredes pendia uma grande prateleira com louças e vários narguilés. As outras três paredes eram azulejadas e adornadas com versos do alcorão. Do teto pendia uma lâmpada vistosa e, em um dos cantos, havia uma estufa, também azulejada. No outro canto da sala, dois homens de turbante e longas túnicas liam jornais — um fabricante de iogurte e o professor do madraçal¹² do outro lado da rua, como explicou Fátima. Uma pequena porta levava ao pátio do prédio, onde o suave murmúrio de uma fonte levava o visitante a um outro mundo.

— Ainda mal posso acreditar que estejam aqui — disse Fátima, visivelmente agitada. — Deus os enviou! A casa ficará muito cheia esta noite, quando Fuad contará suas histórias. Ele é famoso para muito além das fronteiras do Império Otomano.

Marcello mal conseguia traduzir para Joanna, tão depressa falava a mulher, que entrementes beliscava carinhosamente as bochechas do mágico. “Ele também parecia bem contente”, pensou Joanna; todo o mau humor que sentira nele em Veneza desaparecera como num passe de mágica.

Por fim, Fátima agarrou-a pela manga.

— Você nos ajudará esta noite, não, Joanna? — certificou-se ela, insinuante. — Toda mão experiente é

bem-vinda à Xícara de Ouro.

Sem esperar pela resposta, voltou-se novamente ao seu velho amigo: — E a você, meu caro Marcello, anunciaremos para amanhã mesmo como “a sensação de Veneza”! As pessoas irão ao delírio com os seus truques de mágica.

Um sorriso maroto aclarou seu semblante quando ela se voltou mais uma vez para Joanna.

— A propósito, Aglaia, a mestre cafeeira do sultão, também virá hoje à noite. Imagino que queira conhecê-la...

1. Assuã: cidade egípcia na margem oeste do rio Nilo, perto da fronteira sudanesa. Sua história é muito rica e antiga, com os primeiros indícios de povoamento anteriores à primeira dinastia faraônica, cerca de 3500 a.C. (N.T)

2. *Galabia*: espécie de túnica, roupa típica egípcia. (N.T)

3. *Dhow*: um tipo de veleiro de origem árabe. O aspecto mais revolucionário dessas embarcações é a vela triangular, que lhe permite navegar sem remos independentemente da direção do vento, ao contrário dos veleiros anteriores, de velas retangulares, que somente com vento de popa velejavam sem o auxílio de remadores. (N.T)

4. *Alhamdullilah*: expressão árabe, que pode ser traduzida como “graças a Deus”. (N.T)

5. Tiro: antiga cidade fenícia no Líbano, na costa do Mar Mediterrâneo. Hoje é a quarta maior cidade do Líbano. (N.T.)

6. Esmirna: cidade turca, localizada na região do Mar Egeu. Uma das cidades mais antigas da região do Mediterrâneo, com 5000 anos de história. (N.T.)

7. *Fez*: chapéu típico turco feito de feltro. (N.T.)

8. Aparelho: na linguagem náutica, o termo designa o conjunto do equipamento necessário à propulsão de um veleiro: mastro(s), massame, moitões e poleame. (N.T.)

9. Karagöz é, com Hacivat, personagem principal do tradicional teatro de sombras turco, popularizado no período otomano. São figuras antagônicas: Hacivat representa a elite culta e Karagöz, o homem do povo, rude e iletrado, mas viajado, experiente e cheio de humor e sagacidade. Até antes do advento do rádio e do filme essa forma de teatro de bonecos foi um dos espetáculos de entretenimento mais populares na Turquia. (N.T.)

10. *Pozzi* (poços, em italiano): prisões subterrâneas do Palácio Ducal, de celas escuras e estreitas localizadas abaixo do nível da água e, por esse motivo, extremamente úmidas e insalubres, destinadas aos prisioneiros de condição inferior. (N.T.)

11. *Hamam*: banho turco, semelhante a uma sauna a vapor. (N.T.)

12. Madraçal: palavra de origem árabe, que identifica qualquer tipo de escola, secular ou religiosa, pública ou privada. No Ocidente é comum ver o vocábulo associado a escolas religiosas islâmicas, também denominadas escolas corânicas. (N.T.)

Capítulo 18



Fátima havia preparado uma pequena alcova para Joanna, diretamente atrás do salão da cafeteria. Apenas uma cortina a separava do corredor que levava para o pátio, e a toda hora passavam pessoas para buscar ou levar algo. Além disso, a cozinha ficava ao lado, de modo que os aromas de carne e peixes assados pairavam sobre a sua cama. A única coisa bela do seu dormitório era o murmúrio da pequena fonte no quintal. Mas nunca ficava ali por muito tempo; agora mesmo, Fátima já contava com ela na cafeteria. Logo chegariam inúmeros fregueses e os contos começariam.

Joanna trocou a touca — embora não a usasse em Veneza, voltou a usá-la na travessia de navio — por um lenço escuro que Fátima lhe dera. Sua pele clara chamaria atenção suficiente, então queria ao menos vestir-se como os outros para não atrair tantos olhares sobre si. Marcello lhe havia explicado que os homens turcos não ficavam nada atrás dos italianos no que dizia respeito à suscetibilidade aos encantos femininos.

“Ele estava certo”, pensou ela ao entrar no salão já cheio da Xícara de Ouro e as cabeças dos presentes, exclusivamente homens, voltarem-se todas em sua direção. Mas não havia tempo para pensar nisso, pois Fátima a avistara e lhe jogara uma bandeja carregada nas mãos, indicando uma mesa no fundo do salão.

Joanna saudou os fregueses com um aceno da cabeça e agilmente depositou as xícaras diante deles. Um dos homens tentou puxar conversa, mas ela apenas levantou os ombros e sorriu encabulada.

— *Non capisco niente. Parlo solo italiano.*

Com a vaga esperança de que o italiano fosse mais bem compreendido em Constantinopla que o alemão, optara inconscientemente pela língua estrangeira. Contudo, a testa franzida de Fátima, que chegara junto a ela à mesa e tentava acalmar a discussão agitada dos homens, dizia-lhe que a língua dos venezianos não era particularmente apreciada ali.

Marcello havia observado a cena da mesa ao lado. Após uma rápida troca de palavras com Fátima, acenou à Joanna que se aproximasse.

— Você precisa aprender turco urgentemente, *cara mia* — disse ele, divertido —, pois, de outra forma, não irá longe. Fátima disse que é melhor você não servir as mesas. Deixaria os clientes loucos com sua beleza e sua língua estrangeira. Ela acha melhor que fique na cozinha ou ajude a preparar o café — ele levantou a mão em um gesto acalentador, quando ela quis interrompê-lo. — Mas primeiro você deve aprender a fazer café como os turcos o fazem — prosseguiu ele com um pequeno sorriso — para não causar ainda mais confusão. E aprenderá com a mestre cafeeira do sultão, a velha Aglaia. Ela concordou em lhe mostrar pessoalmente os detalhes mais importantes para que você faça uma *bella figura*. Venha comigo! Eu a apresentarei!

Marcello levou-a a uma pequena mesa na janela onde se encontrava uma mulher muito pequena e muito velha, que mal levantou a cabeça quando o mágico a cumprimentou. Somente à segunda vista Joanna notou que ela tinha uma corcunda que restringia bastante os seus movimentos. Contudo, os olhos brilhantes da armênia que viera da Antioquia ainda adolescente para o harém do sultão, como sabia por

Marcello, eram despertos e vivazes.

— *Iyi aksaşmlar* — disse a Joanna, com um sorriso sem dentes. — Já ouvi falar de você. Fátima contou-me que é uma famosa mestre cafeeira de Frankfurt e que também já encantou os venezianos com sua arte.

— Acho que nunca poderei comparar-me à senhora — defendeu-se Joanna humildemente. — Dizem que meu café é especial, mas meus conterrâneos não dispõem de muita referência. Eu mesma acabei por descobrir as muitas possibilidades na preparação do café quando estive em Veneza. Muitas mais do que eu havia imaginado. Mas para alguém como a senhora, que prepara o café para o próprio sultão, isso provavelmente ainda não é nada!

Depois que Marcello terminou de traduzir a fala de Joanna, a velha colocou a mão deformada pela artrite no braço dela e balançou amavelmente a cabeça, falando ao mesmo tempo com o mágico em uma velocidade impressionante.

Joanna entendeu somente *saray*, *kahve* e *padişah*, que, como já havia descoberto, significavam “palácio”, “café” e “sultão”.

— O que ela disse, Marcello? — perguntou ela ao napolitano, que obviamente não estava à altura da sua tarefa como intérprete.

— *Uffa* — suspirou Marcello, limpando o suor da testa. — Vocês mulheres são extenuantes. Cada uma à sua maneira, não importa se velha ou jovem. Está na hora de aprender turco, Giovanna!

Ele fez-se de rogado por mais um tempo mas, quando Fátima explicou-lhe mais uma vez que necessitava urgentemente da ajuda de Joanna na preparação do café, ele acompanhou as duas mulheres à cozinha, onde a dona da Xícara de Ouro deixara todos os utensílios preparados.

Os movimentos de Aglaia podiam ser lentos, mas eram altamente concentrados. Em primeiro lugar, acendeu um pouco de incenso em uma tigela de pedra. Respondeu ao olhar interrogativo de Joanna levantando as mãos juntas ao céu e logo à testa, em uma espécie de reverência. “Ao mesmo tempo murmurava palavras em uma língua estranha, que deveria ser armênio — se não fosse uma fórmula mágica”, pensou Joanna. Marcello, que parecia estar entendendo tanto quanto ela, deu de ombros.

Calados, observaram como a velha torrou lentamente uma mão cheia de grãos até ficarem marrons, deixou-os esfriar, separou os queimados um por um para, então, moer cerimoniosamente os restantes em um pequeno pilão.

Em algum momento Joanna percebeu que Marcello não conseguia ficar parado. Ele saltava o tempo todo de uma perna à outra, mexia na tigelinha de incenso ou recolhia os grãos de café queimados que Aglaia deixara cair ao chão.

— *Che c’è*, Marcello? — sussurrou ela. — O que foi?

— Acho que vou ver o que Fátima está fazendo — respondeu o napolitano prontamente. — Vocês não precisam de mim no momento, não é mesmo?

Sem olhá-lo, Joanna fez um sinal afirmativo com a cabeça. Realmente não precisava dele para saber o que a velha Aglaia fazia diferente dela mesma. Acompanhava fascinada cada movimento da armênia.

— Você quer saber o segredo, não é, minha pombinha? — disse uma voz atrás dela que lhe pareceu estranhamente familiar. Contudo, a voz havia falado em alemão, um alemão esquisito, que parecia vir de um outro tempo. Confusa, Joanna virou-se. Mas à parte dela e da velha Aglaia, não havia ninguém na cozinha.

— Minha mãe falava alemão — disse a mestre cafeeira do sultão, rindo ao perceber a perplexidade de Joanna. — Tinha cabelos vermelhos como os seus e a mesma pele branca. Seus cabelos sob esse *hijab* são vermelhos, não são?

Sem dar tempo a Joanna reagir, Aglaia puxou uma mecha para fora do lenço preto.

— Tanto tempo sem ouvir a língua de mamãe, muitos, muitos anos. E de repente aparece você...

Joanna olhava chocada para a velha, que agora misturava calmamente um pouco de pó de canela no café recém-moído.

— Mas, mas... Eu não entendo... Por que a senhora não...

— Ah, minha filha, é uma longa história. De guerra e de amor, como sempre na vida.

Ela sorriu um tanto melancólica enquanto misturava o pó minuciosamente e, com seu sotaque cantado, começou a contar a sua história.

— Na minha família havia um nobre cavaleiro, Albert von Falkenstein, um jovem durão da região de Regensburg. Ele não tinha dinheiro nem terras por ser o irmão mais jovem. Assim sendo, seguiu o imperador para longe a fim de converter os pagãos. Mas o Sélef engoliu Barbarossa¹ em suas correntezas e Albert seguiu sozinho para Jerusalém.

Joanna tinha dificuldade para entender a anciã. Não somente a melodia estranha da sua fala a confundia, mas Aglaia também seguia trocando vogais e engolindo letras o tempo todo. Entretanto, seu relato era interessante e ela tinha de saber o final.

— E o que aconteceu então? — perguntou ela, curiosa.

— Bem, o sultão Saladin fez as pazes com seu inimigo, Ricardo Coração de Leão². O rei desistiu de Jerusalém e Albert foi para casa. Mas ele não chegou até Regensburg...

— O que houve com ele?

Joanna sentiu-se como quando era criança, quando passava horas com seus irmãos ouvindo as histórias do seu pai, que conhecia muitos contos populares e gostava de contá-los após o jantar, com sua voz calma e pausada. “E então?”, era o que diziam em coro, sempre que seu pai fazia uma pausa para aumentar o suspense.

— Ele chegou somente até Antioquia, pois lá estava Sabel, com seus cabelos vermelhos, para quem entregou seu coração! O casamento foi uma grande festa. E o cavaleiro trocou sua armadura pelo avental do viticultor, pois o pai de Sabel possuía um vinhedo fértil. Quando Albert sentia saudades de Regensburg, fazia vinho à moda bávara³ e dizia: “Vinho bávaro é como o povo bávaro, forte e tenaz!”.

Ela voltou a rir.

— Vinho bávaro é como o povo bávaro, forte e tenaz! — repetiu ela mais algumas vezes, agora mais cantando do que falando.

— E foi assim que a senhora aprendeu a falar alemão, a língua dos seus antepassados?

Mas Aglaia não reagiu à pergunta, pois já estava inteiramente ocupada com o café.

— Se quiser, pode acrescentar cravos — explicou ela —, mas não demais, ouviu? Especialmente não se o café for para o sultão. Ele não gosta dele muito temperado.

Ela meteu os dedos tortos tão subitamente no braço de Joanna que quase a fez gritar.

— E é isso que você quer, não é?

— Que ... quero o quê? — perguntou Joanna intimidada.

Ela havia imaginado de tudo para o seu primeiro dia em Constantinopla, mas não que já encontraria a mestre cafeeira do sultão em pessoa. E que, além de tudo, falava alemão e não parecia ver problema algum em ensinar-lhe os seus segredos. Joanna abanou a cabeça, um tanto desconfiada. Provavelmente estava apenas sonhando. Ou ficara tão exausta com a longa viagem que já começava a ver fantasmas.

Mas o aperto forte da velha no seu braço convenceu-a do contrário. Aglaia tinha mais força do que parecia.

— Se você me prometer — cochichou a armênia com voz rouca — que não contará a ninguém, mas a ninguém mesmo, que eu falo a sua língua, eu a levarei ao Palácio de Topkapi. Lá você aprenderá tudo o que precisa saber...

Um vapor do incenso subiu-lhe pelo nariz, fazendo-a espirrar. De tantas lágrimas nos olhos, viu a velha mestra como através de um véu. Com a corcunda e os cabelos em mechas desgrenhadas, que escapavam sob o lenço que usava na cabeça, parecia uma bruxa.

— Ah... Sim, eu não direi nada, certamente não. Mas, por que ninguém pode saber? — perguntou Joanna, ainda insegura.

— Porque esse harém é um ninho de serpentes — respondeu Aglaia, sombria. — Intrigas, nada além de intrigas... É melhor se fingir de tola. Melhor não ouvir nem ver nada. Se não... — com um movimento rápido, passou a mão pelo pescoço, à guisa de lâmina, e chiou: — Chrrrrht!

Joanna assustou-se. O que significava isso? As pessoas eram decapitadas no palácio do sultão? Ou a velha senhora simplesmente estaria louca? Talvez imaginasse que corria algum risco por ser descendente de cruzados...

Nesse momento, alguém bateu à porta. A cabeça de Marcello apareceu na cozinha. Por cima do seu ombro, Joanna pôde ver que o salão da Xícara de Ouro estava cheio. A voz sonora do contador de histórias chegou aos seus ouvidos:

— *Bir varmış bir yokmuş...* Era uma vez...

— Vocês estão prontas? — perguntou o mágico, impaciente. — Fátima está esperando.

— Já vamos — respondeu Joanna, obediente.

Ela virou-se para o fogão onde Aglaia tentava despejar água fervente em um grande bule de latão. Com seus membros deformados, mal chegava à beira do bule. O esforço criava ainda mais rugas no seu rosto.

Rapidamente, Joanna foi para junto dela para ajudá-la com a panela pesada.

— *Teşekkür ederim* — murmurou a velha. — Obrigada!

Com uma piscadela, deu a entender que agora ela e Joanna compartilhavam um segredo.

— Por nada, grande mestra — respondeu ela, curvando-se reverenciosamente diante dela.

[1.](#) Barbarossa: Imperador Frederico I da Germânia, conhecido como Frederico Barba-roxa, morreu afogado ao cair do cavalo tentando atravessar o Rio Sélef (hoje Goksu), na Anatólia. Devido ao peso da armadura que vestia, não conseguiu salvar-se. (N.T.)

[2.](#) Ricardo Coração de Leão: Ricardo I, rei da Inglaterra, foi um dos líderes da Terceira Cruzada. (N.T.)

[3.](#) Vinho bávaro (*Baierwein*): denominação dada ao vinho produzido nas regiões da antiga Bavária, predominantemente ao longo do rio Danúbio. O vinho é branco e seco, com alto teor de acidez. (N.T.)

Capítulo 19



— *Allahu akbar!*

O vento oeste trouxe o chamado para a oração da Mesquita Süleymaniye até eles.

A irmã do sultão levantou o véu e deu mais um trago no narguilé que borbulhava baixinho.

— *Allahu akbar. Ashhadu an la ilaha illa allah!* — clamava o *muezim*¹.

— Já é hora? — perguntou a sultana em tom de extrema surpresa, arregalando os olhos escuros.

Ela esticou a cabeça para frente, como se quisesse dizer que o *muezin* devia ter se equivocado. Havia puxado o estreito visor do seu véu bem para baixo para que a fumaça pudesse sair desimpedida pelas narinas.

Todos sabiam que a irmã do sultão agendava as aulas de árabe das suas filhas propositadamente à hora da oração do meio-dia. E realmente, como todos os dias, Zehra disse:

— Aglaia, vá você orar por nós! Por favor, estamos tão ocupadas. Não posso deixar as pequenas sozinhas com Süleyman e Yuhannisa. Süleyman veio por causa delas. Não podemos interromper a aula!

Ela olhou para o céu e acrescentou:

— Já fomos hoje. Isso deve bastar, *insha'Allah*.

Sua consciência pesada por mandar a escrava não muçulmana à oração apaziguava sempre com as seguintes palavras:

— Será bom para você, Aglaia. No dia do Juízo Final, Deus a deixará entrar no paraíso por ter orado diligentemente.

Hatice e Selma riram.

Aglaia levantou-se e saiu.

— Rezar é bom para as costas — respondeu a Joanna, que perguntara se ela não se incomodava de substituir a irmã do sultão.

O professor de árabe, um judeu de Alexandria chamado Salomon, suava e movia-se agitado no lugar. Era um homem de pele escura, com olhos enormes e traços como que esculpidos em pedra. Seu nervosismo aumentava tanto a cada soar do chamado para a oração, que ficava tão inquieto quanto as suas pequenas alunas por temer que ele também pudesse ser mandado a rezar. Zehra o havia escolhido dentre os muitos aspirantes ao cargo por sua beleza física. Quando ele aparecia para as aulas, as moradoras do harém amontoavam-se atrás da grande porta ornamentada e observavam-no através dos buracos.

— Sirva-me mais uma vez, Yuhannisa! — disse a irmã do sultão, empurrando a sua xícara de café para Joanna.

— *Çok teşekkür* — agradeceu ela.

— Não há de quê — respondeu Joanna, em seu turco precário.

Elas estavam sentadas sobre um tapete macio na varanda de madeira do harém e olhavam para o Bósforo. Incontáveis barcos moviam-se sobre a água. Cargueiros a plena carga sob várias bandeiras vinham do Mar de Mármara. Joanna ainda se assombrava com a claridade que o sol aqui já espalhava na

primavera. O céu era de um azul suave, mas inequívoco. Em lugar algum viam-se nuvens. Do jardim abaixo delas subia o perfume dos jacintos.

Como em um trono, a sultana estava sentada sobre uma pilha de almofadas bordadas em todas as cores. Livros e rolos de manuscritos valiosos amontoavam-se à sua volta. Três velhos eunucos parados na porta da varanda olhavam desconfiados para o professor.

— *Allahu akbar...* — começou agora o *muezim* da Mesquita Hagia Sophia. A irmã do sultão gostava dele devido a sua bela voz.

Como todos os dias a essa hora, ela fechou os olhos e escutou extasiada antes de dar mais um trago profundo no seu narguilé. Então, deixou a mangueira de lado e tirou as franjas do véu do rosto, colocou os óculos cravejados de diamantes no nariz e pegou os utensílios para escrita. Desde que abandonara o seu marido, o emir de Mossul², e mudara-se com suas duas filhas para o harém do seu meio-irmão — seu filho havia ficado com o pai —, pesquisava sobre a vida de Hatice, que em árabe chamava-se Khadija e fora a primeira esposa de Maomé.

— A literatura sempre menciona Aishe³, mas Hatice é muito mais interessante! — era o que costumava dizer. — Ela era bem mais velha que o profeta quando ele casou-se com ela. Era uma comerciante, tinha seu próprio negócio. Uma mulher independente. Infelizmente, não sabemos muito sobre ela. Nem mesmo sabemos quem foi seu primeiro marido.

Seus dedos tingidos com henna folheavam um livro grosso adornado a ouro com letras árabes.

— Este eu vou levar também — disse, depois de poucos minutos, e colocou-o sobre a pilha de livros à sua esquerda que balançava perigosamente. Seus braceletes não se viam, pois, devido à presença do professor, ela cobrira-se completamente, mas ouvia-se seu tilintar. Na pilha da esquerda colocava tudo que a acompanharia em sua peregrinação a Meca.

— Somente para os livros precisaremos de trinta camelos — Joanna ouviu o eunuco-mor queixar-se.

— E sabe, Yuhannisa — Zehra levantou o olhar de um rolo de papiro escrito com hieróglifos —, para você também será interessante ver como os árabes fazem café. Eu pessoalmente nunca me acostumei totalmente ao cardamomo em Mossul. Prefiro a nossa maneira de preparar o café. Especialmente quando Aglaia o faz. Ela é simplesmente a melhor.

A pequenos goles, esvaziou a sua xícara.

— Hum, este está bom! Foi você quem fez?

Joanna fez que sim com a cabeça. Ela havia observado exatamente como Aglaia fazia. A velha mestra testava os grãos um por um com a mão. Antes e depois da torrefação. Tudo o que não lhe parecia bem era rigorosamente descartado. Ela adicionava uma pitada de gengibre e uma de cardamomo ao café. Uma quantidade cujo gosto não se sentia conscientemente, mas os temperos realçavam o sabor. Depois ela passava o café pronto de um recipiente a outro, até que não restasse mais nenhum traço de resíduo dos grãos moídos. Em suma, era fácil, mas mesmo assim Joanna normalmente não ficava satisfeita com seu próprio resultado. “Algo faltava”, pensou, algo minúsculo que ela não sabia o que era.

Um pedaço do rolo de papiro esfarelou-se quando Zehra o enrolou. Ela parecia não notar a diferença para o café de Aglaia.

— O pior é o café dos beduínos — continuou ela. — Tem um sabor salgado. Não sei como eles o fazem. Muito estranho! Dizem que a gente se acostuma, mas não é o meu caso. E não se pode simplesmente recusar: imagine-se sentada no deserto, em uma tenda com trinta mulheres beduínas, e lhe oferecem esse café esquisito! Como se houvessem posto sal e ácido. E a gente é obrigada a tomar uma xícara atrás da outra, assim manda o costume. Bem, você verá por si mesma.

Ela enrolou o papiro ruidosamente.

A partida para o *hajj*, a peregrinação a Meca, devia ocorrer já na próxima semana, pois a irmã do

sultão queria fazer paradas em Damasco e Jerusalém.

— Oraremos primeiro na Mesquita de Omaiaden e depois na de Al-Aqsa⁴ — ela havia ordenado. Havia também informado diversos comerciantes de livros da sua chegada; além disso, visitaria Alepo, Trípoli, Beirute, Sídon, Tiro e Haifa à procura de livros valiosos.

Todas as mulheres do harém queriam acompanhá-las, até mesmo Emine, a sexagenária mãe de Zehra, uma veneziana de nascença.

— Todo bom muçulmano deve ir a Meca ao menos uma vez na vida, e justamente para nós isso não deve valer? — havia perguntado ela ao sultão, quando este, por preocupação com sua família, questionara a peregrinação toda.

Emine Hanim era uma adorável senhora de idade com um temperamento forte. Sua alta posição na corte se devia ao fato de ser a mãe da irmã preferida de Mahmud I⁵. Passava seu tempo armando intrigas contra a *Valide Sultan*⁶, mãe de Mahmud, que sempre fora sua concorrente no harém e a sobrepujara por ter dado ao velho sultão um filho homem.

— Zehra já esteve em Meca quatro vezes — respondera o sultão, sem olhar para Emine Hanim.

— Mas nunca em Damasco ou Jerusalém! — dissera a sua irmã no lugar da mãe. — E isso não fará Deus amar-nos ainda mais? *Alhamdullilah* por todos os lindos lugares que ele quer nos mostrar. Não nos deu ele, venerado seja o seu nome, olhos para ver as belezas deste mundo?

— E eu nunca estive em Meca. Você quer ser o responsável por eu ir para o inferno? E quem cuidará das minhas netas enquanto Zehra se dedica aos seus estudos? — respaldara Emine a sua intenção.

Joanna estava em dúvida quanto a tais planos. Fazia apenas dois meses que estava no serralho⁷ e gostaria de ficar mais. Além disso, a longa viagem lhe dava um pouco de medo por afastá-la ainda mais das suas enteadas. Mas a razão principal por não querer deixar Constantinopla era que ainda não havia se aproximado em nada do seu desejo secreto de tornar-se a sucessora de Aglaia e, com isso, a nova mestre cafeeira do sultão. Tanto mais desde a aparição de Gül. A sempre amuada escrava loira da *puszta*⁸ húngara, que vivia no Palácio de Topkapi desde os cinco anos de vida, parecia ter as mesmas pretensões. Estava sempre rodeando Aglaia, tentando insinuar-se para ela. A armênia não gostava dela, mas não ousava expressar seu desgosto.

— Gül é a escrava favorita de Emine. E Emine pode ser muito perigosa — confidenciou ela a Joanna.

Entretanto, Zehra procurava apressar a partida. E é claro que a ideia de conhecer mais do mundo era tentadora. Quando teria outra oportunidade de ir a Meca, o local de nascimento da primeira casa de café do mundo? Não que ela pensasse em converter-se à fé muçulmana, mas já havia ouvido tanta coisa sobre o *hajj* que gostaria de ver esse acontecimento tão significativo com os próprios olhos.

E todas as outras cidades que Zehra havia mencionado: Alepo, Trípoli, Haifa — tudo isso soava tão interessante e exótico! Não se lembrava de ter encontrado ninguém na vida que houvesse viajado para tão longe. Nem mesmo Marcello havia chegado até essas regiões distantes.

Joanna soltou um suspiro. Havia mais um motivo que lhe dificultava a decisão: Gabriel. Não adiantava tentar enganar-se, não conseguia esquecê-lo. Se ficasse em Constantinopla, seguiria encontrando diariamente com o professor de árabe, que tão fatalmente a fazia lembrar do violinista. Apesar de Salomon, com seu jeito disperso que tanto contrastava com sua aparência fantástica, não ter semelhança alguma com Gabriel.

Mas ele também era judeu. E quando ousava levantar o olhar — que, por medo de olhar nos olhos de alguma dama do harém, mantinha sempre abaixado —, Joanna tinha a sensação de perder-se naqueles olhos escuros. O Meno, o concerto, a chuva, o cravo no salão de senhoras, a pele macia de Gabriel sob os seus dedos, seu sangue, o beijo — tudo isso voltava imediatamente à sua memória. O professor

parecia sentir que algo nele a desorientava, pois assim que a via ficava ainda mais inseguro que o normal.

Mas provavelmente era apenas a sua imaginação; qualquer homem certamente ficaria intimidado sendo obrigado a lecionar para um monte de mulheres em um harém sob os olhares atentos e hostis dos eunucos e se comportaria de forma estranha. Além disso, a velada e adornada irmã do sultão, com sua voz rouca, soberanamente sentada entre pilhas de livros, certamente era capaz de tirar o sossego de um homem. E sem falar da mãe de Zehra, que parecia tão adorável mas que, como todos sabiam, não vacilava muito antes de meter o punhal nas costas de alguém.

— *Wa kataba al-katib* — ditou o jovem alexandrino às suas alunas e olhou para o chão.

Joanna havia aprendido o significado: “E o escritor escreveu”.

Zehra soltou-se do livro grosso que vinha tomando a sua atenção por um bom tempo. Parecia ainda não ter decidido se o livro iria para a pilha da esquerda ou da direita.

— O *Seyahatnâme*, do grande viajante Evliya Çelebi, já o li tantas vezes. Contudo, não sei se consigo separar-me dele... Você precisa lê-lo, Yuhanissa!

Ela colocou o livro na pilha que iria na viagem e disse, com convicção:

— Irei levá-lo como leitura para Yuhanissa.

Zehra havia integrado Joanna à sua corte naturalmente, desde o primeiro dia, entre anões, papagaios, musicistas e pavões. Gostava de ouvir histórias sobre Frankfurt. Queria saber quem e quando vinha à sua cafeteria, quais feriados eram festejados, do aspecto das igrejas, quem ia às missas e que tipo de roupas as mulheres e os homens usavam. A travessia dos Alpes interessava-a tanto quanto os tipos de café que eram servidos na cafeteria de Floriano, na Piazza San Marco. Também a enchente veneziana Joanna teve de descrever várias vezes. E, naturalmente, a noite na ópera. À noite, quando os olhos de Zehra estavam cansados da leitura, chegava a hora de Joanna. Era hora de fazer café e contar histórias, xícara após xícara, conto após conto. Zehra parecia achar algo exótico nela, presumiu Joanna. Os cabelos vermelhos não podiam ser, já que havia mais ruivas no harém; diziam que até mesmo a mais famosa moradora do palácio, Roxelane, a esposa de Süleyman, o Magnífico⁹, tivera cabelos cor de cobre. Tampouco podia impressionar Zehra com sua cultura, já que seu conhecimento sobre os livros atualmente discutidos em Frankfurt era escasso. Somente o cartógrafo Ludwig Haldersleben era um ponto ao seu favor.

— Eu quero um de cada — dissera Zehra certa vez. Vendo o olhar de incompreensão de Joanna, esclareceu: — Envie-me um exemplar de cada mapa que ele tiver quando voltar para lá. Eu lhe darei uma lista do que preciso. Encontrando algo da lista, mande-me. Eu lhe darei o dinheiro.

Como estariam todos agora em Frankfurt? Certamente estaria frio. Talvez o sol saísse de vez em quando, mas não a ponto de se poder ficar fora de casa. Será que o lilás já florescia? Improvável.

Joanna fitava o cipreste abaixo da varanda, que tapava a sua vista ao Corno de Ouro. Será que as meninas ainda se entendiam bem com Elisabeth, a ponto de não sentirem mais a sua falta? Tomara que seguissem tomando aulas com Cornélia Haldersleben, apesar do longo caminho de Bornheim até lá! Mas o cartógrafo inculcaria em Elisabeth a importância das meninas aprenderem a ler e a escrever. Joanna riu baixinho. Ludwig Haldersleben por certo se entenderia magnificamente com Zehra — ambos tinham essa mania de saber tudo.

O eunuco negro espremeu-se por entre as serviçais para chegar à varanda. Era um *amhara*¹⁰ massudo com finas feições abissínias, que permaneceram elegantes apesar da sua corpulência.

— Se me permitem, vou tirar algumas coisas — interrompeu ele a Zehra. — Do contrário, a varanda acabará caindo.

— Especialmente se você estiver nela, Iskender — retrucou maliciosamente a irmã do sultão, deixando

soar seu riso rouco por trás do véu.

Ofendido, o eunuco encheu os braços com livros da pilha da esquerda. Ficar ofendido era a sua especialidade.

— Por que contratou um egípcio como professor de árabe? — Joanna ouviu-o dizer ao seu inimigo mortal, o negro eunuco-mor. — O árabe que eles falam é horrível. Todos nós aqui falamos com um sotaque melhor que o dele. Escute só!

— E isto levaremos para Iskender — disse Zehra, colocando um livro encapado com couro claro de novilho sobre a pilha.

— É a Bíblia — disse Iskender, após olhar os misteriosos caracteres ornamentados que até Joanna já sabia que eram etíopes.

— Maravilha! Você poderá ler para nós. É ideal para o *hajj*.

Gül, a escrava húngara de quem Aglaia não gostava, pôs um prato carregado de doces diante de Zehra e das meninas Selma e Hatice. “Por sorte não gostava dessa massa folheada gordurosa”, pensou Joanna. Tanto mais gostava da *halva* com pistaches, cortada em pequenos pedaços. Não sabia como viveria daqui por diante sem comê-la diariamente. Já em Veneza havia ganhado curvas graças à arte culinária de Giuseppina, agora havia engordado ainda mais. Por sorte, haviam lhe dado roupas novas. Usava agora umas calças largas, uma camisa longa e por cima um *kaftan* aberto na frente — nunca havia usado roupas tão confortáveis.

A irmã do sultão cuspiu um caroço de tâmara e empurrou o prato de doces para Joanna.

Que o sultão havia chegado à varanda, ela percebeu somente pelo fato de todos os outros presentes terem parado suas atividades e lançado-se ao chão. Ela mesma havia estado de joelhos, de costas para a porta, e não o havia escutado chegar, provavelmente devido às pantufas acolchoadas de veludo que o soberano usava.

— *Selamün aleyküm!* — saudou ele os presentes.

— *Aleyküm selam* — respondeu a sua irmã.

— Tio! — disse a pequena Hatice, recebendo o sultão e beijando a borda do seu manto bordado com tulipas coloridas.

Fazia apenas dois anos que Mahmud estava no poder depois que os janízaros¹¹ haviam expulsado o seu tio Ahmed. Assim como a sua irmã, era gordinho. Somente o seu rosto era fino, com um nariz muito longo e arqueado para baixo. Ostentava uma barba farta e vestia um enorme turbante na cabeça, adornado com um broche de diamante. Na mão, segurava um *tasbih*¹².

— Temos de conversar mais uma vez sobre o *hajj* — disse ele a Zehra, indicando com um gesto displicente que os presentes se levantassem. O penacho do seu turbante balançava para lá e para cá.

Com um movimento da cabeça, Zehra deu a entender a Joanna que fizesse café fresco. Até então, havia somente ajudado Aglaia na preparação do café para o sultão. Agora teria de mostrar o que sabia, pois não havia nem sinal da velha armênia. Provavelmente, Aglaia aproveitara a oportunidade para fazer uma visita a Fátima, suspeitou Joanna. Aglaia havia desenvolvido uma grande afeição pelo molosso Pluto. Quase diariamente ela visitava seu novo queridinho. Por certo parecia não ter mais muita gana para a sua tarefa de mestre cafeeira do sultão.

— Eu estou velha — dissera várias vezes a Joanna. — Gostaria de me aposentar e somente beber café, em vez de fazê-lo para os outros. Eu a recomendarei como minha sucessora ao *padishah*¹³, se você quiser...

Cuidadosamente, Joanna colocou uma mão cheia de grãos verdes na pequena frigideira, torrando-os sobre o fogo de carvão.

Zehra empurrou a pilha de livros para a viagem para o lado. Gül trouxe uma bandeja com pequenas

xícaras de porcelana de Meissen e a latinha de açúcar combinando. Leyla, uma circassiana do Cáucaso, trouxe mais almofadas, sobre as quais o sultão soltou seu corpo pesado.

Ele lançou um olhar ranzinza para o professor de árabe, deixando óbvio que homens estranhos não eram bem-vindos ao harém. Joanna havia presenciado uma discussão entre ele e a irmã por causa disso.

— Quem irá casar-se com as suas filhas? — ele perguntou.

— Encontraremos alguém — disse Zehra, despreocupada.

— Não gosto dos olhares que Hatice dá ao judeu — arrematou o sultão.

— Ah, é tudo imaginação sua! — foi a resposta da irmã, apesar de ser óbvio para todos que a menina de doze anos estava perdidamente apaixonada por seu professor.

Joanna agitou os grãos torrados de um lado ao outro algumas vezes para que esfriassem, despejando-os em seguida no moedor. Ela estava nervosa, pois o poderoso monarca do Império observava o seu trabalho. Colocou o pó moído em uma panelinha com cabo, adicionou água, algumas colheradas de açúcar e uma pitada de gengibre picado e cardamomo. Deixou a mistura cozinhar devagarinho sobre o fogareiro, espalhando seu aroma delicioso pela varanda antes de deitar o café em um bule grande.

Sua mão tremia levemente ao levantar o bule bem acima da xícara do soberano, como havia aprendido com Aglaia, deixando o líquido negro jorrar. Ela parou por um instante para saborear o momento: queria lembrar-se pelo restante da vida como se sentira na sua estreia como “mestre cafeeira do sultão”. Contava com que fosse tratada por esse título daqui em diante.

— O que há então com o *haji*? — perguntou Zehra depois que Joanna a serviu também.

— A viagem é muito cansativa para Emine Hanim.

O sultão jogou mais algumas colheradas de açúcar no café, que Joanna já achava demasiado doce sem haver provado. Como se para ele nada pudesse ser doce demais e soubesse, por experiência, que nunca colocavam açúcar suficiente.

— Acho que ela mesma está apta a tomar essa decisão!

— Se a sua mãe for junto, terão de ir de navio!

— Não de novo! — suspirou Zehra. — Todas as vezes fomos de navio até Alexandria. Eu não aguento mais isso. E como poderei comprar os livros de que preciso estando no mar?

Rapidamente, arrematou:

— E as minhas orações nas mesquitas de Omaiaden e Al-Aqsa?

— Pode fazer tudo isso no caminho de volta. Vá com Emine Hanim de navio até Alexandria. De lá, vocês seguem por terra até Al-Hurghada e tomam outro navio a Jeddah. Já será perigoso o bastante. Os piratas as acompanharão como uma escolta quando souberem quem está a bordo. Eu lhes darei dez navios para proteção, apenas porque não tenho mais disponíveis no momento. Isso deverá mantê-los a distância. Então você volta com Emine Hanim até Alexandria, ela pega o navio com as meninas e você pode continuar por terra — disse ele, mexendo o café. — Assim será feito! Caso contrário, vetarei a viagem toda — concluiu ele, severo.

Finalmente ele levou a xícara aos lábios e provou um gole da bebida escura. Joanna observava-o ansiosa.

O sultão fez uma careta. Parecia que havia mordido um limão azedo. Em um grande arco, cuspiu o líquido pelos vãos da balaustrada varanda abaixo. Deixou cair a xícara no tapete, que imediatamente absorveu o café.

— Socorro — gritou ele, meio engasgado — querem envenenar-me!

Ele colocou as mãos no pescoço, como se alguém quisesse enforcá-lo, e cuspiu repetidas vezes.

Zehra Sultan saltou aflita das suas almofadas. Com estrondo, a pilha de livros ao seu lado foi ao chão.

— Chamem os guardas e o médico! — ordenou, sem olhar para os serviçais que chegavam correndo.

— Ninguém sai daqui!

Ela lançou um olhar aterrador para Joanna e debruçou-se sobre o seu irmão.

— Cuspa tudo, Mahmud! O médico já está chegando. Agente firme!

O sempre mal-humorado eunuco Iskender tinha agora uma pistola na mão e apontava-a alternadamente para Joanna e o professor de árabe, como se suspeitasse que ele fosse cúmplice da traiçoeira mestre cafeeira.

Sem tirar o olhar dos dois suspeitos, inclinou-se também sobre o monarca.

— Que horror! — murmurou ele. — Não posso acreditar que algo assim esteja acontecendo aqui. Como se sente, majestade? O médico já está vindo. O veneno não parece ser forte. Sua majestade está um pouco pálida. Está passando mal? Com vertigem? Com dor de barriga?

O sultão abanou a cabeça. Seu rosto permanecia transfigurado em uma horrível careta de nojo.

— *Iğrenç!* Que sabor horrível. Por sorte, tomei apenas um pequeno gole, do contrário certamente estaria morto.

Dois homens armados até os dentes chegaram correndo. Seus uniformes e, principalmente, os chapéus de feltro vermelhos com proteção na nuca e penachos em forma de leque identificaram-nos como janízaros. Deviam ter ficado esperando diante da porta do harém.

O sultão apontou para Joanna.

— Prendam esta mulher! — ordenou ele à sua guarda pessoal. E, dirigindo-se à sua irmã, perguntou: — Quem é ela, afinal? Nunca a vi antes.

Joanna acompanhou os acontecimentos com crescente terror. Ela não fazia ideia do que acontecera. Havia feito tudo exatamente como a velha Aglaia lhe explicara, sem alterar nenhuma das instruções de como preparar o café para o sultão. E agora queriam prendê-la, porque ela supostamente o havia tentado envenenar! Um “ninho de serpentes”, dissera Aglaia sobre o harém. Sim, esse lugar era um ninho de serpentes. E ela estava bem no meio.

Nesse momento, os dois janízaros jogaram-se sobre ela. Bruscamente, viraram-lhe o braço para trás e jogaram-na ao chão. A articulação do seu pulso estalou quando, ao cair, tentou apoiar-se no tapete. Sentiu o cano de uma espingarda na parte de trás da cabeça. Uma bota vermelha pisava nos seus dedos. De sua posição imobilizada, pôde ver que Emine Hanim, a mãe de Zehra Sultan, chegara à varanda. Majestosamente, a sexagenária movia-se flutuante com seu vestido da cor das papoulas e bordado a ouro. Seus longos cabelos negros eram cheios de mechas grisalhas. Não se importava de escondê-los dos homens presentes.

— Estás vendo, essa é a recompensa por acolheres tais víboras, Zehra! — bradou ela com a voz trêmula. — Essa alemã infiltrou-se aqui para envenenar o nosso querido *padishah*. Um atentado ao nosso soberano. E, em sua imensa estupidez, pensou que se safaria. Mas se enganou! — ela riu estridentemente, fazendo as joias de seu colo baterem umas contra as outras.

E, antes que alguém pudesse dizer algo, continuou:

— Essa mulher merece a morte, Zehra! E a sua protetora também. Sim, Aglaia também deve morrer! Nunca confiei naquela armênia traiçoeira... És demasiado bondosa, Zehra, minha filha. Sempre o foste, desde pequena. Agora vê como abusam do teu coração generoso: por um triz teriam envenenado o teu querido irmão!

O médico da corte, um homem muito magro com um bigode tingido de henna e um gigantesco turbante, espremeu-se por entre os que rodeavam o sultão, ajoelhou-se ao lado do monarca e inspecionou-lhe a boca.

— Hum — disse ele, intrigado, depois de haver cochichado por um tempo com seu paciente.

Por fim, pegou cuidadosamente a xícara da qual Mahmud havia bebido e cheirou o líquido

remanescente.

— Mas... Eu não entendo! Eu fiz tudo exatamente como Aglaia me ensinou! — gritou Joanna, profundamente desesperada.

O maior dos dois janízaros havia posto o joelho nas suas costas para evitar que se levantasse e segurava o seu braço torcido para cima. Joanna mordida os dentes para não gritar de dor. Um pânico intenso tomou conta dela.

— É o que dizem todos os traidores — falou a velha veneziana friamente. — Essas pessoas sempre juram ser inocentes. Nunca vi ninguém dessa corja que confessasse seus crimes.

Voltando-se aos dois janízaros, gritou prepotente:

— Vamos, matem-na! O que estão esperando? Acabem logo com ela! A coisa está clara como água. Mahmud, vossa alteza não quer dar a ordem aos vossos guardas?

— *Hayır!* Não! — gritou nesse instante a pequena Selma, jogando-se diante de Joanna aos soluços.

— Yuhannisa não quis fazer nada de mal! — concordou Hatice com sua irmã.

— Meninas, venham já para cá!

Com uma das mãos, a supervisora do harém, a *kahya kadın*, que era subordinada somente à mãe do sultão, levantou Selma do tapete. Com a outra mão, tentou segurar seu véu improvisado, feito às pressas com o que havia sido a cortina da porta da varanda.

— Matem-na! — grasnou Emine Hanim novamente.

Soltando um ruído metálico, o segundo janízaro sacou sua cimitarra da bainha e segurou-a ameaçadoramente sobre a cabeça — pronto para, a qualquer momento, acertar a nuca da traidora ajoelhada à sua frente.

— Mas eu não fiz nada — sussurrou Joanna com a voz falha. — Eu... Zehra, por favor...

Ela não conseguiu prosseguir. Através do véu de lágrimas, olhou para a irmã do sultão que, atônita, parecia não saber o que fazer. Por que Zehra não intervinha? Por que permitia que a velha maluca da sua mãe matasse sua serviçal Yuhannisa, uma inocente?

— Parem!

Com um salto digno de um gato, o jovem professor de árabe segurou o braço do janízaro com a cimitarra. Imediatamente, outro guarda aproximou-se e jogou-o ao chão.

— Perdoe-me, nobre soberano!

Com os grandes olhos escuros cheios de medo fitando a espada pendente sobre a sua cabeça, o alexandrino tentou levantar-se. De quatro, com uma mão fechada em punho, rastejava em direção ao *padishah*.

— Isto não é açúcar, meu sultão. É sal!

Cautelosamente, abriu a mão. Na sua palma havia, assim como na bandeja, um montinho grudento de pó branco. O alexandrino apontou com o queixo para o potinho de porcelana.

— Sal? — perguntou a irmã do sultão, surpresa.

Como se a vida houvesse voltado ao seu corpo, ela lambeu o dedo indicador e mergulhou-o no pote de açúcar.

— É mesmo — disse então, retorcendo o rosto de asco —, mas como o sal foi parar no pote de açúcar?

— Que bobagem é essa? Foi veneno o que ela deu ao seu irmão, Zehra, veneno! Isso é apenas uma tentativa de dissimulação. Esse homem é um aliado da traidora alemã. Ele está mentindo. O que ele faz aqui, afinal? O harém não é lugar para homens! Eu não creio em uma palavra sua.

Emine Hanim não queria dar-se por vencida.

Zehra Sultan lançou um olhar irritado para sua mãe. Então, olhou para Joanna e disse ao janízaro:

— Soltem-na! Seremos misericordiosos com ela, não é mesmo, Mahmud? Afinal, você continua vivo!

O sultão, confuso, concordou com a cabeça. Seu olhar tinha algo de inseguro, como se ainda esperasse colapsar a qualquer momento, mudar de cor, remoer-se em cólicas e morrer com a boca cheia de espuma.

Zehra começou a tossir como alguém que dissimula um ataque de riso. Quando se acalmou, olhou para os presentes à volta com cara séria até encontrar o olhar da pálida húngara.

— Não foi você quem trouxe a bandeja com as xícaras e o pote de açúcar, Gül?

A escrava olhou para o vazio, desafiadora.

— Eu trouxe apenas o que me deram na cozinha — replicou arrogantemente.

— Ahã... — disse Zehra pausadamente. — Bem, é fácil descobrir o que lhe foi dado. Depois veremos quem devemos castigar, você ou o pessoal da cozinha. Algum de vocês deve ser responsável por esse engano. Iskender se encarregará de interrogar os escravos da cozinha. Olhou de cima a baixo sua mãe, que, por sua vez, levantou as mãos de forma teatral e bradou, em tom acusador:

— Será que ninguém me escuta? Mahmud, meu bom rei, foi feito um atentado contra vós. Vossa majestade o aceitará assim, sem mais nem menos?

Para um homem do seu peso, ele levantou-se com surpreendente agilidade, bateu os pés com raiva e gritou:

— Já basta, Emine Hanim! Não percebe quando perde? Não quero vê-la mais aqui! E se eu souber de outra intriga dessas, cuide-se para que não seja a sua cabeça a rolar no final!

Obviamente satisfeito como se houvesse resolvido algo que já estava pendente havia muito tempo, Mahmud deixou-se cair de volta nas almofadas.

Emine Hanim ficou pálida. Respirando com dificuldade e apoiada no batente da porta, parecia em dúvida se devia responder ao sultão ou se calar.

Ao vê-la em pé dessa maneira, Zehra foi até sua mãe, cochichando algumas palavras de consolo no seu ouvido. De maneira suave, mas decidida, empurrou-a para fora da varanda e voltou em seguida ao seu trono de almofadas.

— Mas que bagunça! — suspirou ela e mordeu com vontade um doce de forma estranha, feito de açúcar caramelizado.

Mal havia terminado o doce, bateu palmas duas vezes, tirando os escravos do seu estardalhaço após o choque.

— Alô? Alguém poderia vir arrumar? Iskender, o tapete precisa de limpeza urgente! — enojada, apontou para as manchas de saliva que o irmão havia deixado. — E arrumem esses livros!

Joanna sentiu-se sendo puxada para cima. Os janízaros continuavam a segurá-la firmemente.

O sultão sinalizou aos seus guardas que saíssem. Com inúmeras reverências, o médico também se retirou. Somente o professor de árabe permaneceu acorado sobre o tapete espesso e colorido, olhando fixamente para o chão.

— É bom que estejamos de acordo quanto à peregrinação, irmão querido!

Como se a conversa nunca houvesse sido interrompida, Zehra pegou mais um dos confeitos cor de laranja.

— Já provou um desses, Mahmud? É bem doce! — disse ela, rindo debochadamente. — E não parece estar envenenado.

Ela voltou-se para Joanna, que tinha as pernas bambas e apoiava-se no parapeito da varanda tentando recompor-se.

— Mamãe é um pouco temperamental, Yuhannisa. Você conhece os italianos: quando não podem ir constantemente às suas óperas, encenam seus próprios dramas. Não é por maldade. De verdade! Não a leve a mal! Afinal, não aconteceu nada. Passamos um susto, nada mais — disse ela enquanto mastigava.

Suas palavras chegavam até Joanna como através de uma grossa cortina. Não sabia o que responder

nem o que fazer. Para a irmã do sultão, o caso parecia estar resolvido, ao menos por enquanto. Ela tentou encontrar o olhar do professor de árabe, mas este seguia olhando para o chão. “Você salvou minha vida, sabe disso, meu bom Salomon?” — era o que queria dizer-lhe. Em vez disso, caiu de joelhos perante o sultão.

— Se me permite, nobre soberano, farei outro café imediatamente — disse, com a voz trêmula.

O sultão fez-lhe um sinal para que se levantasse.

— Não, deixe estar — disse ele então. — Ainda deve haver algum café no bule e deve estar quente o suficiente. Se a escrava Gül trazer o pote certo da cozinha desta vez, ele me agradecerá, tenho certeza disso.

Ele fez um gesto impaciente para a húngara que, com uma rápida reverência, pôs-se imediatamente em direção à cozinha, voltando logo depois com o potinho de porcelana de Meissen. Joanna estendeu-lhe a xícara de café recém-servida na qual Gül, sob o olhar severo de Zehra, colocou três colheradas cheias de açúcar.

— Aqui está, Sua Majestade, o café! Que dessa vez ele lhe seja agradável ao paladar! — disse Joanna, esforçando-se para não derramar nada, pois suas mãos ainda tremiam.

O sultão levou a xícara aos lábios e sorveu cuidadosamente um gole da bebida fumegante, movendo o líquido algumas vezes dentro da boca.

Joanna sentiu-se como se os janízaros a houvessem prendido a uma prancha de tortura. Pareceu-lhe uma eternidade até que o *padishah* finalmente voltasse em sua direção e expressasse seu reconhecimento com um pequeno movimento da cabeça.

— Alguém deve ter dado à Valide Sultan a estúpida ideia de que ela também poderia fazer uma viagem de peregrinação — disse ele então à sua irmã. Nada indicava que ele soubesse o que o seu gesto significara para Joanna. — Mas ela não quer viajar com vocês, e sim com grupo próprio. É claro que está fora de cogitação que a mãe do sultão se meta em uma aventura dessas!

Ele estendeu a pequena xícara a Joanna para que ela o servisse novamente.

— Nada mal, realmente — disse ele por fim, ainda sem olhá-la nos olhos. — Aglaia parece ter-lhe ensinado bem. Como é mesmo o seu nome?

Joanna viu a cor desaparecendo das faces de Gül. Zehra deu-lhe um rápido sorriso.

— Yuhannisa, seu nome é Yuhannisa — respondeu ela no lugar de Joanna, logo seguindo com suas tentativas de convencer o irmão. — A Valide Sultan está entediada e o que seria melhor que uma peregrinação a Meca? Além disso, incentivaremos os seus burocratas a trabalhar se formos lá ver como andam as coisas. Do contrário, eles ficam na boa vida e metem o dinheiro dos impostos no próprio bolso. Você vai ver como a arrecadação de impostos nas províncias pelas quais passarmos dobrará este ano.

Com ávidos pequenos goles, o sultão esvaziou a xícara.

— Poderia colocar um pouco mais de açúcar desde o início — disse um pouco condescendente para Joanna, como se precisasse de um culpado para o seu apetite por doces.

Ele soltou a xícara e levantou-se, um tanto desajeitado.

— Mas sabe, irmão, se ela pusesse mais açúcar desde o começo, ninguém além de você poderia tomar o café!

O corpo todo de Zehra agitava-se com o riso, ameaçando derrubar os óculos do seu nariz.

O monarca sorriu envergonhado, despediu-se dos presentes com um aceno da cabeça e retirou-se.

Imediatamente, a tensão de Joanna dissolveu-se. Uma calma profunda espalhou-se por dentro dela, todo o medo e a humilhação que sentira desapareceram. Ela havia conseguido, pensou com alegria, ela havia convencido o sultão da sua capacidade na arte de preparar café! Mesmo que quase houvesse perdido a vida, havia alcançado o seu objetivo. O que diria a velha Aglaia quando soubesse da história? Mal podia

esperar para contar-lhe.

Seu olhar encontrou Gül. A escrava húngara estava espalhando pequenas estufas pela varanda. Somente agora Joanna notou seus olhos claros, nos quais a íris mal se distinguia do branco. A mulher parecia um fantasma!

— Não é muito aconchegante quando se fica muito tempo aqui fora, especialmente quando não se está acostumada com os ventos frios, como as pessoas da estepe húngara, não é mesmo, minha cara Gül?

Ela deu um sorriso enigmático e ordenou à escrava que trouxesse mantas.

— *Allaha ısmarladık* — despediu-se o professor de árabe, tão baixinho como se esperasse poder sair despercebido. Estava visivelmente aliviado por finalmente poder partir.

Joanna ainda tentou expressar-lhe a sua gratidão, mas ele mais uma vez desviou do seu olhar. Provavelmente não o veria nunca mais. Não podia imaginar que ele voltasse a pôr os pés no serralho depois do que presenciara hoje.

Entretanto, as aulas das filhas de Zehra ainda estavam longe de terminar. A *kahya kadın*, agora novamente sem a cortina sobre a cabeça, trouxe as duas meninas de volta para a varanda. A professora de caligrafia Hülya Hanim havia acabado de chegar. Ela tirou o véu negro e sentou-se no lugar onde havia pouco estivera sentado o alexandrino. Era esposa de um mestre da caligrafia, ao qual ela sempre havia apenas assistido, até que chegara à conclusão de que era tão boa quanto o seu marido, o mestre.

Além dela, outra mulher, uma comerciante de perfumes chamada Firuze, havia esperado para ser recebida pela sultana. Um de seus pés era deformado, por isso usava uma bengala. Duas jovens serviçais carregavam cestos com garrafinhas e pequenas tigelas, sabonetes e ervas aromáticas.

Firuze espalhou cerimoniosamente suas mercadorias diante de Zehra. Ao final do ritual, tirou por último uma carta lacrada de um dos seus cestos e entregou-a a Joanna.

— Para mim?

Joanna sentiu o coração bater mais forte. O que seria agora? Acabara de digerir o susto anterior e já vinha o próximo? Ou por que outro motivo alguém lhe escreveria uma carta? E quem?

Firuze fez sinal afirmativo.

— Chegou ontem com o navio de Veneza e foi entregue hoje pela manhã à Fátima, na Xícara de Ouro. Ela me pediu que a trouxesse.

Joanna não reconheceu a letra.

— Abra-a! — disse Zehra.

Displícientemente, ela aplicava o perfume de flores de tâmara tão louvado por Firuze na parte interna do seu pulso. Um cheiro doce e ao mesmo tempo amadeirado espalhou-se no local.

— Hum, não gostei.

Zehra colocou a garrafinha de volta e pegou um pote de creme que exalava um suave cheiro de amêndoas.

Joanna rompeu o lacre. Do envelope caiu um segundo, que havia sido endereçado a Veneza.

Perplexa, ela olhava as letras latinas. É certo que o *conte* havia insistido que, além da pronúncia e da gramática do italiano, aprendesse também a dominar a escrita, mas a maior parte ela havia esquecido.

— Dê-me a carta!

Zehra Sultan esticou seu braço tilintante.

— *Carissima Giovanna* — leu ela —, esta carta chegou para você anteontem e a encaminharemos o mais rápido possível. O *Madonna* partirá hoje à noite, por isso seremos breves. Esperamos que esteja bem. Sentimos a sua falta e logo escreveremos mais detalhadamente. Floriano e Giuseppina. P. S.: O *conte* esteve aqui e perguntou por você...

— O *conte*...? — A irmã do sultão arqueou as sobrancelhas.

Sem dar atenção à pergunta, Joanna rasgou o segundo envelope. A letra elegante de Ludwig Haldersleben também lhe causou transtornos, mas ao menos estava escrita em alemão. Com dificuldades chegou ao final do pomposo texto.

“Não, isso não podia ser!”, pensou ela aterrorizada ao terminar a leitura. O que o cartógrafo estava dizendo?

Afoita, leu a carta uma segunda vez, para ter certeza de ter entendido tudo.

Ela engoliu em seco. Sim, ela havia entendido tudo certo. Suas mãos tremiam tanto que o papel crepitava entre os seus dedos. Seus olhos umedeceram-se. Ó Deus, tinha de se conter, de maneira alguma queria desabar aos prantos diante da irmã do sultão!

— Bem, o que há de novo na terra natal? — perguntou Zehra.

— Tenho que ir para casa. Imediatamente! — disparou Joanna.

— Mas por quê? O que aconteceu?

— Querem tirar-me minhas enteadas.

Sua voz falhou. Ela engoliu novamente e tentou manter a calma.

As duas meninas deixaram suas penas de lado e olharam chocadas para Joanna. Dos olhos de Selma despontaram lágrimas.

— Como podem fazer isso? — perguntou Zehra, com mais interesse que indignação.

— Eu tenho inimigos em Frankfurt, inimigos poderosos. E eles estão sempre dispostos a tornar minha vida difícil. Sempre inventando novas patifarias contra mim. Agora parece que voltaram o padrinho das minhas enteadas contra mim. E eu não tenho marido que me ajude e me proteja!

— Sim, nós, mulheres sem maridos, temos que ficar unidas — concordou Zehra, zangada. — Se eu não tivesse de ir ao *hajj*, por certo que iria a Frankfurt com você para ajudá-la. Mas nós temos de ir a Meca. Deus assim o deseja e temos de nos curvar à Sua vontade.

Como todos no harém, Joanna sabia que a irmã do sultão ia a Meca todos os anos para encontrar seu amante, um alto funcionário do governo de Edirne¹⁴. O *hajj* era a única possibilidade que tinha de encontrá-lo.

Zehra colocou a mão em seu braço.

— Rezaremos por você em Meca, Yuhaniisa — anunciou ela solenemente. — Você verá! Deus, venerado seja o seu nome, estará ao seu lado!

1. *Muezin*: no islã, o encarregado de anunciar o momento das cinco preces diárias.

2. Mossul: cidade multiétnica e multirreligiosa, hoje localizada no norte do Iraque, foi conquistada pelos otomanos em 1535. Na Antiguidade, era estratégico ponto comercial.

3. Aishe (versão turca) ou Aicha é considerada pelos sunitas a esposa favorita do profeta.

4. Mesquita de Al-Aqsa: localizada na Cidade Antiga de Jerusalém, é a terceira mesquita mais sagrada para os muçulmanos.

5. Mahmud I foi o sultão do Império Otomano de 1730 a 1754.

6. *Valide Sultan*: título tradicionalmente conferido à mãe do sultão, que era a figura mais poderosa dentro do harém.

7. Serralho (turco: *saray*, do persa *sāraj*): palácio dos príncipes muçulmanos; residência do sultão na antiga Turquia.

8. *Puszta*: estepe; forma de paisagem predominante na Hungria.

9. Solimão I (Süleyman, em turco), conhecido no Ocidente como o magnífico, foi sultão do Império Otomano de 1520 a 1566. Sua fama vem da expansão do Império ao ápice do seu poder político, militar e econômico e da reconstrução do sistema jurídico otomano.

10. *Amhara*: povo da região de mesmo nome na Abissínia (Etiópia).

11. Janízaros: (do turco *Yeniçeri*, “nova força”) eram a elite do exército dos sultões otomanos.

- [12.](#) *Tasbih*: colar de contas similar a um rosário, de uso tradicional pelos fiéis islâmicos.
- [13.](#) *Padishah* (ou pachá) é um título real superlativo, adotado por diversos monarcas orientais que reivindicavam a patente máxima, como os xás da Pérsia e os sultões otomanos.
- [14.](#) Edirne: capital da província de mesmo nome, no oeste da Turquia. Cidade muito antiga, cujos primeiros indícios remetem ao século V a.C.. Foi capital do Império Otomano de 1368 a 1453.

Capítulo 20



O *Sirena* era um magnífico galeão de três mastros, com uma sereia dourada de seios grandes, cabelos esvoaçantes e cauda de peixe abaixo do gurupés. A popa era igualmente enfeitada com adornos e figuras douradas. Bem no alto, havia três lampiões também dourados. Somente a bombordo havia vinte canhões — e isso apesar de o *Sirena* ser um navio mercante.

Joanna pôde ver Marcello conversando com um homem no deque anterior, que usava um tricórnio e uma espada.

Ah, se Marcello pudesse acompanhá-la novamente! Mas dessa vez teria de fazer a perigosa viagem sozinha. Apenas Gül iria com ela. Justo ela, que dificilmente a consolaria se tivesse um ataque de pavor por seu medo de água. Ao menos seus amigos haviam feito de tudo para que tivesse uma viagem confortável...

Quatro marujos içavam, sob o olhar atento de Fátima, um baú preso a cordas para o convés. O que seriam todas essas coisas que Zehra Sultan lhe mandara? Ao ver que o próximo baú era ainda maior, Joanna ficou boquiaberta de espanto. Como levaria toda essa bagagem de Gênova para Frankfurt?

— Nunca se esqueça de que você é a mestre cafeeira do sultão — Zehra lhe havia dito solenemente na despedida do Palácio de Topkapi, beijando-a em ambas as faces. — E a minha — acrescentara sorrindo. — Honre-nos! Não se deixe subjugar por seus inimigos! E escreva-me, contando como foi tudo, como estão suas enteadas e como vão os negócios. Passaremos por Frankfurt no próximo ano, quando formos novamente ao *hajj*. A rota não agradará ao sultão, mas daremos um jeito de convencê-lo. O que achas de subirmos o Danúbio, mamãe? — perguntou então, voltando-se a Emine Hanım.

A mãe de Zehra parecia estar satisfeita. Um brilho de entusiasmo emanou dos seus olhos. “O que estaria ela tramando?”, perguntou-se Joanna. Ela não havia esquecido que a velha veneziana incitara Gül contra ela. Que a escrava húngara quisesse melhorar de posição no harém e assumir o posto de Aglaia ela podia entender, mas por que Emine se havia intrometido na questão, havia permanecido um mistério.

“Eu lhe disse que aquilo era um ninho de serpentes”, fora o comentário de Aglaia.

Joanna havia parado de contar os baús que foram carregados no *Sirena*. Mais uma chalupa, afundada na água pela carga, tomava curso ao seu navio.

Sob os olhares fogosos dos marujos, Gül ajustava nervosamente o seu véu, apesar de apenas seus olhos e suas mãos estarem visíveis.

Zehra insistiu para que Joanna não carregasse bagagem alguma.

— Você é a mestre cafeeira do sultão e carregar peso não é tarefa sua. Lembre-se da sua posição! — ordenou ela em tom severo. E as tentativas de Joanna de recusar a companhia da húngara, ela rejeitou com as palavras: — É claro que Gül quer acompanhá-la! Ela deseja reparar o que fez com o sal e quer servi-la! Ah, como eu mesma gostaria de ir! Mas você sabe como é. O dever nos chama a Meca — e com um sorrisinho malicioso, complementou: — No ano que vem, nós a levaremos de volta se houver se portado bem. Se não, bem, temos outros métodos para lidar com intrigantes.

Gül permaneceu parada ao lado, fazendo de conta que não ouvia, o que mostrava mais uma vez a Joanna o quão impenetrável sua nova serviçal era.

A húngara levava uma cesta pendurada no braço com vários potes de plantas. Segurava ainda um instrumento de madeira com um braço longo e corpo em forma de cabaça. E um longo arco.

— É uma *kabak-kemane* — dissera a irmã do sultão —, um alaúde turco. Você contou do seu violinista... Talvez você volte a contratá-lo e ele poderá tocar-lhe algo turco neste instrumento, enquanto bebem café e pensam em nós... E isso — ela apontou para a cesta no braço de Gül — são mudas de café. Se crescerão, veremos. Eles precisam de calor. Mas não custa nada tentar. Foram trazidos para mim da Abissínia. E incluí também algumas tulipas. Veja, a primeira já está florescendo!

— Obrigada por tudo, alteza, *çok teşekkürler* — balbuciou Joanna repetidas vezes.

Por último veio a despedida da velha Aglaia. A armênia havia se escondido na cozinha porque não queria que as outras mulheres vissem suas lágrimas. Os dois eunucos da cozinha haviam se retirado discretamente.

— Yuhanissa — murmurou ela sem parar, acariciando-lhe os cabelos ruivos —, como eu teria gostado de deixar meu legado em suas mãos...

Por fim, recompôs sua postura desfigurada e olhou Joanna severamente com seus olhos de tartaruga.

— Mas sabe, Yuhanissa — havia dito —, sua arte ainda não é tão perfeita!

— Eu sei, Aglaia, mas o que posso fazer? Eu sigo à risca cada conselho seu!

Joanna também sentiu um nó na garganta. Ficou claro para ela que não voltaria a ver sua mestra. Que Zehra e suas filhas realmente viessem visitá-la um dia, era possível. Mas Aglaia estava velha demais; já era um milagre que ainda fosse tão forte com seus mais de setenta anos.

— Você precisa amar, Yuhanissa, amar!

— Amar? — perguntou Joanna, surpresa.

— Sim. Somente quem ama de verdade tem a intuição certa para o pequeno grão negro — ela levantou seu pequeno e torto dedo indicador e agitou-o bem perto do nariz de Joanna.

— Mas amar de verdade, Yuhanissa! Não apenas um pouco de *amore, amore*!

Aglaia surpreendia-a cada vez mais. “O que saberia uma velha escrava armênia do amor?”, perguntou-se Joanna. E o que significava essa observação? Marcello lhe haveria contado sobre o seu relacionamento infeliz com o *conte*?

A mestre cafeeira do sultão soltou uma risada estridente, com uma piscadela de cumplicidade.

— Eu também já fui jovem, Yuhanissa. E muito bonita, sabe? Ao menos assim achava Mehmed, o caçador. Assim chamavam ao antigo sultão, o avô de Mahmud. Ele não caçava apenas animais, Yuhanissa, mas também mulheres. Muitas, muitas mulheres! Mandava trazê-las de todas as partes do mundo — de repente, ela ficou séria e sua voz diminuiu como um sussurro. — Ele me amou, Yuhanissa. E eu o amei. Este é o segredo... E agora vá, minha pombinha! Voe para casa e encontre o seu amor!

Como se quisesse benzê-la, colocou a mão na cabeça de Joanna por um instante. Depois, caminhou com suas pernas curtas pela porta dos fundos da cozinha, sem virar-se mais uma vez.

E agora lá estavam Fátima e Marcello à sua frente, no convés do *Sirena*, para abraçá-la uma última vez.

— Voltaremos a nos ver, Joanna! *Ci vediamo a Francoforte, per la fiera*! — gritou-lhe Marcello, antes de descer pela escada de corda para o pequeno barco que o levaria e também a Joanna para a margem. — Venha, Fátima! O capitão quer levantar âncora.

E realmente, as escotilhas de carga já haviam sido todas fechadas e os marinheiros estavam a postos para puxar a pesada âncora para cima.

— Podemos partir então? Finalmente! *Andiamo*! — disse o capitão genovês ao seu lado, que havia estado a ponto de perder a paciência. Era um homem alto e magro, com olhos vivazes e queixo

pronunciado.

— Aqueles dois barcos ali — explicou ele, apontando para dois barcos a remo que pertenciam ao *Sirena*, cada um ocupado por vinte remadores — nos levarão para o mar aberto, onde esperamos apanhar uma brisa que nos leve em direção à Itália. Assim que tivermos realizado a manobra, eu as chamarei para ver se tudo está conforme os seus desejos. O primeiro-oficial — ele apontou para um magricela de nariz arrebitado e pele ruim — as levará à cabine.

Joanna agradeceu e olhou para a margem uma última vez. As silhuetas de Marcello e Fátima no pequeno bote ficaram cada vez menores. Ela levantou os braços, acenando fortemente quando vários tiros ruidosos foram disparados do Palácio de Topkapi, como se fosse a despedida de um almirante condecorado.

Com os olhos cheios de lágrimas, Joanna e Gül seguiram o primeiro-oficial para baixo. A cabine era muito maior do que Joanna havia imaginado. As paredes eram revestidas de madeira escura e decoradas com instrumentos náuticos. Apesar de espaçosa, Joanna sentia-se um pouco espremida pelos cinco grandes baús que haviam sido colocados lado a lado no meio do quarto. Ela imaginava que normalmente o primeiro-oficial teria seus aposentos aqui e houvesse sido obrigado a ceder temporariamente seu alojamento à “mestre cafeeira do sultão”.

— Muito obrigada por tudo! — disse Joanna ao jovem. Em seguida, deixou-se cair na elegante poltrona de couro escuro.

— Guardamos os outros baús no compartimento de carga. Somente estes a *signorina* Gül fez questão de manter aqui.

Ele fez uma reverência para a escrava, completamente exagerada na opinião de Joanna. Seus modos em geral eram um tanto afetados, do andar gingado ao jeito sussurrado de falar. Mas o que importava? O principal era que cedesse sua cabine e as deixasse em paz!

— Esperamos a senhora em uma hora para o jantar na cabine do capitão — despediu-se o primeiro-oficial, com um gesto gracioso.

— Vamos ver o que há nos baús! — sugeriu Joanna, depois que ele finalmente foi embora.

Gül ainda mantinha a *kabak-kemane* e o arco na mão, como se quisesse segurar-se neles. Continuava soluçando vez ou outra por baixo do seu véu escuro.

Joanna, que usava apenas um lenço em torno da cabeça e sobre o qual jogara um véu de gaze, sentiu-se incomodada e decidiu tirá-lo. Tirou também o manto, deixando à mostra o *entari* de seda de cor turquesa brilhante. O *salvar*, as calças abaloadas e a *gömlek*, uma camisa longa que usava por baixo do *kaftan*¹, eram azuis-turquesa e adornados com suaves bordados. As roupas turcas eram muito confortáveis; ela pretendia usá-las até quando pudesse. Doara as suas próprias porque não lhe cabiam mais. Incrível o quanto se podia engordar sendo paparicada por quase um ano, primeiro por Giuseppina e depois no serralho! Não perderia tempo em Gênova procurando um bom alfaiate; iria se juntar ao primeiro grupo de viagem que fosse cruzar os Alpes — a essa altura, as estradas já deveriam estar livres de neve. Trocaria somente os sapatos turcos pelos seus próprios se os achasse nos baús. Para equilibrar-se nas estreitas escadas do navio, os sapatos soltos de bico com saltos altos não lhe pareciam adequados.

Gül já se ajoelhara diante do maior dos cinco baús, girara a chave na fechadura e estava abrindo a pesada tampa. Tinha posto o véu para trás, de modo que Joanna pôde ver seu rosto pálido. Ela parecia ter se acalmado.

Joanna perguntava-se o que deveria fazer com Gül. A ideia de ter uma escrava não lhe agradava em nada. Ainda por cima, uma em quem não podia confiar. Mas liberá-la também não podia, pois Zehra viria no próximo ano para levá-la de volta a Constantinopla. Além disso, realmente precisava de ajuda para

cuidar de toda essa bagagem. Que tesouros estariam escondidos nesses baús? No primeiro encontraram vários moinhos de café ao estilo de Moca², um *samovar*, dois narguilés e incontáveis bules de cobre. Até mesmo nos copinhos e xícaras combinando com os bules a sultana havia pensado. Um após o outro, a escrava abria os baús de acordo com as instruções de Joanna. E cada coisa que aparecia!

O entusiasmo de Joanna não tinha mais fronteiras: um enorme saco com grãos de café, cardamomo, bulbos de gengibre e um saquinho de gengibre em pó, tapetes coloridos e almofadas, lampiões maravilhosos de vidro colorido, banquinhos adornados com entalhes, azulejos pintados com ornamentos e suras do alcorão, adagas divinamente forjadas, uma cimitarra, vários rolos de tecidos...

No último baú encontravam-se os presentes para a família e os amigos de Joanna, nos quais Zehra havia afixado bilhetes. “Pantufas quentes para Margareth”, leu ela com dificuldade, segurando o par de pantufinhas revestidas de pelo. Um par quase idêntico, mas um pouco menor, destinado a Lili. Um *kaftan* de seda atlas³ era para Elisabeth. Anne receberia um *kaftan* vermelho com pontos dourados, fechado na frente com laços, e Sybilla, um *kaftan* adornado com pele e estampa de tulipas. Para Scott, havia um *fez* vermelho com borla negra e um broche brilhante, além de um punhal. “Para que possa defendê-las de seus inimigos”, escrevera Zehra. Bem embaixo havia um livro encapado em couro. Joanna não podia decifrar os caracteres árabes na capa, então o abriu por trás, que era onde para os turcos e árabes ficava o começo. “Esta é a mais nova edição da famosa obra geográfica do século XII de Al-Idrisi, o *Livro de Rogério*⁴. Por favor, entregue-o ao seu amigo Ludwig Haldersleben”, dizia o bilhete de Zehra.

Por último, Gül levantou um pequeno saco para o alto e entregou-o a Joanna. Cheia de expectativa, ela enfiou a mão e tirou de dentro uma mão cheia de moedas de ouro tilintantes. Entre as moedas, havia outro bilhete no qual Zehra anotara: “Para a sua viagem e que chegue rapidamente até as suas enteadas. Alugue cinco camelos e um grupo armado!”.

Joanna ficou sem voz. Seguidas vezes pesou o saco na mão, brincou com as moedas de ouro, deixou-as tilintarem umas contra as outras. Havia se tornado rica. O ouro de Zehra devia valer incontáveis florins. O montante seria suficiente não apenas para calar o padrinho das suas enteadas, mas também para recuperar sua licença. E os utensílios que Zehra havia mandado empacotar para ela serviriam ao menos como equipamento inicial para reativar o Café Mühle. “Aquele que tem dinheiro sempre vence”, pensou em uma mistura de afrentamento e resignação. Assim era a vida.

— Temos de esconder o ouro imediatamente — disse ela a Gül, afoita.

Precisava cuidar-se para que nada desse errado agora. Precisava levar esse tesouro a Frankfurt! Defenderia seus novos pertences com a própria vida se fosse necessário!

Olhou desconfiada para a escrava húngara enquanto esta vasculhava os baús à procura de um lugar adequado para esconder o ouro. “Poderia confiar nela?”, cogitou Joanna pela enésima vez. Ela mostrara-se intrigante uma vez e teria aceitado indiferentemente a morte de Joanna pela cimitarra. A menina submissa e recatada iria se revelar agora uma ladra ladina, pronta a se juntar com o primeiro marinheiro italiano que a cortejasse? Para então fugir com o amante e o ouro? Talvez, com seu jeito solitário, iniciasse até mesmo um motim. Não, era melhor nem pensar em tais cenários, advertiu-se Joanna, pois isso apenas a deixaria nervosa.

O som do gongo chegou de longe à sua cabine. Pouco depois, bateram à porta. Abriram-na somente depois que Gül se havia coberto apressadamente e Joanna fechara seu *hijab*⁵.

Um criado vestido em *libré* trouxe-lhes saudações e um convite do capitão para jantar com Joanna. Gül receberia sua comida na cabine.

— Guarde tudo e tome conta das coisas enquanto eu estiver fora! — ordenou ela à escrava. — E não diga nada a ninguém, ouviu?

Com destreza, envolveu a cabeça com um lenço de seda de costuras prateadas que encontrara em um

dos caixotes. Amarrou-o na parte de trás, como havia visto Sybilla fazê-lo muitas vezes. Os cabelos permaneciam escondidos, mas pescoço e nuca ficaram à vista.

Gül, horrorizada, deu um estalo de a língua e correu em direção a Joanna com o véu nas mãos. Mas Joanna recusou. Não via necessidade em disfarçar-se como uma otomana em um navio italiano. Se ainda tivesse sua própria touca teria usado, mas em algum momento ela fora parar no baú de fantasias de Hatice e Selma. Em Veneza, acostumara-se a usar o cabelo solto. Contudo, em um navio em que ela e Gül eram as únicas mulheres, isso lhe pareceu realmente inapropriado. “Talvez a vida no harém a houvesse influenciado mais do que gostaria de admitir”, pensou ela, divertida. Era mesmo hora de ir para casa!

1. *Entari*, *salvar*, *gömlek*, *kaftan*: peças da vestimenta turca típica da época.
2. A moda tradicional de preparo do café conhecida em português como “café turco”, em alemão e outras línguas é denominada *Mokka* (ou *mocca*). O nome é derivado da cidade portuária iemenita Moca, no Mar Vermelho, que entre os séculos XV e XVII foi o mais importante mercado de café do mundo.
3. Seda atlas: trata-se de uma técnica de fabricação originária da China que resulta em um tecido de qualidade superior, de superfície extremamente lisa e brilhante.
4. Muhammad Al-Idrisi foi um cartógrafo árabe da Idade Média, famoso pela qualidade de seus mapas, tanto no desenho quanto na precisão. Confeccionou um grande mapa-múndi conhecido como a *Tabula Rogeriana*, acompanhado por um livro, denominado *Geografia*. Em homenagem ao rei Rogério II da Sicília, essas obras receberam o nome conjunto “O Livro de Rogério”.
5. *Hijab*: conjunto de vestimentas preconizado pela doutrina islâmica. O termo é, por vezes, utilizado especificamente em referência às roupas femininas tradicionais do islã, ou ao próprio véu.

Capítulo 21



A cabine do capitão era aquecida e muito aconchegante. Joanna já se sentia em casa ali. Duas semanas haviam passado desde que embarcara no *Sirena* e havia jantado com o capitão quase todas as noites. Ela gostava do seu jeito tranquilo e sensato e das histórias emocionantes que sabia contar.

— Apenas contos de marinheiro — dizia Carlo Barbosa humildemente, quando ela mais uma vez expressava seu espanto por tudo o que ele já vivera.

Mas ela sabia que ao menos uma parte das aventuras que contava lhe acontecera pessoalmente. A vida a bordo era, afinal, rude e perigosa, mesmo que a sua travessia houvesse sido surpreendentemente calma até então.

Joanna aceitou agradecida a taça de Rossese oferecida pelo capitão e olhou à sua volta. Ela adorava esse momento após a comida, quando Barbosa a convidava para um copo de vinho ao lado da lareira. Os painéis de madeira das paredes eram decorados com cordas amarradas nos mais variados nós, boias salva-vidas e velhas rodas de leme. Em uma vitrine, havia uma bela miniatura do *Sirena*.

A mesa coberta por uma toalha de linho branco ainda estava cheia de sobras da ceia farta que desfrutara com o capitão e o primeiro-oficial, além da porcelana, cara demais para estar em um navio, e das taças altas de cristal. “Talvez devesse fazer uma ‘sala do capitão’ no Café Mühle”, pensou Joanna fazendo planos sem querer. Ou talvez fosse melhor um *boudoir*¹ ao estilo oriental, como os aposentos que havia conhecido no palácio do sultão. Talvez pudesse fazer os dois: a sala do capitão para os homens e o *boudoir* oriental para as mulheres, na parte de trás do Café Mühle...

Vozes altas e agitadas arrancaram-na de seus devaneios. Também Barbosa arqueou as sobrancelhas, surpreso, e pousou a garrafa de vinho da qual pretendia servir-se de volta sobre a mesa.

— *Madonna*, o que será agora? — grunhiu ele, irritado. — Aqui não se pode estar em paz! Provavelmente os meninos estão novamente pensando em motim!

Ele riu, querendo sinalizar que não levava a coisa a sério, mas Joanna não se deixou enganar pela cara alegre. Desde que haviam deixado Malta, onde carregaram água fresca e mantimentos, pensou sentir uma certa inquietude entre os marinheiros. O mestre de armas, que antes costumava comer com eles, não mais se movia do seu posto. A qualquer sinal de uma vela branca, todos entravam em alvoroço e as vigílias noturnas haviam sido dobradas.

— Piratas — havia-lhe confidenciado finalmente o capitão, em resposta às suas exaustivas perguntas. — A costa norte-africana é cheia deles. Estamos bem armados, mas cautela nunca é demais.

Sua intenção fora soar reconfortante, mas Joanna não se sentia nada segura. Como se não bastasse o seu medo de água, ainda tinha que vigiar os baús. E agora, piratas! Por segurança, ordenou a Gül que prendesse todas as chaves dos baús em uma tira de couro, que agora carregava como um pesado colar em volta do pescoço.

Com cara solene, o *maître*, um albino do Senegal, entrou na cabine para tirar os pratos. Joanna sempre se impressionava com seu uniforme bonito e as luvas brancas. Desejou essa elegância discreta, com a qual ele servia a comida e posteriormente tirava a mesa, para os seus serviçais. Mas, mesmo com muito

esforço, não conseguia imaginar Scott de uniforme e luvas brancas.

Reprimindo o riso que lhe subia com esse pensamento, voltou sua atenção às explanações do capitão. Ele havia chegado ao seu tema favorito, o cultivo de vinho na Itália em geral e na região da Ligúria em especial.

— Sabe, Giovanna, as uvas da minha terra simplesmente não podem ser comparadas às de outras regiões. E o *terroir*, nem é preciso dizer! Outro fator decisivo, evidentemente, é...

Bum! Um forte rompante, que atravessou todo o corpo do navio, interrompeu a palestra do genovês. Como se não pesasse mais que uma pena, Joanna foi jogada da sua poltrona contra a pesada mesa de salão. Por puro reflexo, apoiou os braços contra a madeira. Seu ventre doeu com o impacto.

Mal havia se recuperado do susto, outro estrondo soou, seguido de perto por mais outro, ainda mais alto. Dessa vez, as paredes da cabine tremeram e os copos e pratos caíram da mesa. O lampião pendurado acima da mesa balançou tanto que se soltou do seu gancho e despencou em cima da jarra de água. Após um curto momento de silêncio, o sino de alarme tocou ensurdecedoramente no convés.

O impacto seguinte, que não demorou a chegar, jogou o albino contra a porta da cabine, onde desmoronou ao chão. A bandeja com as travessas vazias que segurava nas mãos caiu a poucos palmos de Joanna. Ela mesma foi jogada com o corpo em cima dos cacos. O primeiro-oficial também sofreu danos: arrancado de sua poltrona e jogado contra a parede, feriu-se gravemente na testa e pareceu perder a consciência.

— Ou colidimos com uma rocha, ou alguém bateu em nós.

O capitão Barbosa, que também fora derrubado, levantou-se no canto da mesa e pegou a jarra de água do chão. Com o restante do seu conteúdo apagou as chamas no tapete que um pedaço de lenha caído da lareira havia acendido. Com toda a calma do mundo, pegou a madeira incandescente com a tenaz e jogou-a de volta no fogo.

Nesse momento sacudiram a porta por fora.

— Capitão Barbosa? Abra! — gritou uma voz.

Com dificuldade, o capitão rolou o albino ainda inconsciente para o lado. A porta abriu-se imediatamente e um marujo, que gesticulava agitadamente, precipitou-se para dentro da cabine.

— Piratas! — disse o homem, atropelando a própria fala. — Abalroaram-nos com o rosto e estão prestes a abordar-nos. Estamos impossibilitados de manobrar! E é provável que haja um rombo no navio.

— Fique aqui embaixo, Giovanna! — ordenou o capitão. Sua jovialidade havia dado lugar a uma severidade concentrada. — De outra forma, poderia entrar no meio da briga. Caso realmente haja um vazamento, nós a chamaremos. Aí teremos que nos lançar aos botes salva-vidas. Não estamos longe da costa siciliana. Não tenha medo, tudo ficará bem! — disse ele apressadamente antes de seguir o marinheiro, sem mais olhar para os seus homens feridos.

Não houvesse se sentido tão mal, Joanna provavelmente riria se alguém lhe dissesse “não tenha medo!” enquanto seu navio abalroado era assaltado por piratas, com o primeiro-oficial desmaiado no chão, ao lado do *maître* uniformizado que tampouco se mexia. Joanna viu o quarto à sua volta rodar. Haveria sofrido uma comoção cerebral?

Seu dedo mindinho da mão esquerda estava virado de forma estranha.

Do convés, ouvia-se o barulho alto de uma batalha. Passos pesados para lá e para cá. O retinir das armas. Um tiro isolado de canhão, evidentemente disparado pelo *Sirena*. Vozes de homens, bradando comandos em diversas línguas. Gritos de dor e os gemidos dos feridos.

O cheiro de pólvora chegou ao nariz de Joanna, fazendo-a espirrar. “Meus baús!”, lembrou-se, assim que foi capaz de um pensamento claro, fazendo suas entranhas ferverem. Os tesouros que recebera da irmã do sultão eram tudo o que tinha para reabrir o Café Mühle. Por certo, apesar das expectativas

contrárias, Gül havia se mostrado digna de confiança até então, vigiando os baús constantemente; mas contra os piratas, a loira húngara nada poderia fazer. Nem ela mesma, mas certamente não deixaria de tentar.

Uma gota rolou da sua testa para o nariz. Quando limpou-a e olhou para seus dedos, viu que estavam vermelhos de sangue. Não admirava — afinal, havia sido jogada com força em um monte de estilhaços! Pelo tato constatou que a ferida não devia ser funda. Por sorte. Com o restante das forças, ergueu-se. Por que seus pés estavam molhados? Provavelmente havia pisado em uma poça de minestrone, pensou ao ver a travessa de sopa caída ao seu lado. Mas o molhado dos pés aumentava, assim como o barulho de água que chegava aos seus ouvidos.

Com os olhos arregalados em pânico, olhou à volta. Subitamente, identificou a causa: uma torrente constante de água passava por debaixo da porta.

O navio estava afundando! Todos eles morreriam afogados, fosse homem ou rato, com seu ouro e seus tesouros. Não havia dito sempre que a água era perigosa, uma força da natureza tão mais poderosa que o homem? Seu medo de água não havia sido legítimo, afinal, mesmo que outros houvessem zombado dela?

Joanna sacudiu-se. Cuidadosamente, passou os dedos pela roupa, tirando os últimos cacos de vidro. Não, não podia permitir que o pânico a subjugasse! Tinha que manter a cabeça fria para sair desse inferno e salvar os baús. Antes de mais nada, tinha que sair dessa cabine, pois se hesitasse mais, não conseguiria vencer a água que vinha ao seu encontro. Não poderia depender de que o capitão Barbosa se lembrasse da sua promessa de tirá-la dali. Com piratas a bordo, ele devia ter outras preocupações.

Ela ignorou as marteladas de dor na sua cabeça e dirigiu-se ao primeiro-oficial. Abaixando-se sobre ele, viu logo que o homem estava morto. O impacto havia sido forte demais e lhe quebrado o pescoço. Ela sentiu outra vertigem e rastejou de quatro até a porta. O albino, em sua *libré* manchada de sangue, parecia ainda estar vivo. Ela verificou seu pulso. Era fraco, mas presente. Sentiu o medo subir outra vez. Mal poderia salvar a si mesma, sem falar nos baús — mas poderia simplesmente deixar esse homem ali?

Uma disputa desencadeou-se em seu interior. Uma das vozes dizia que a água subia cada vez mais e que ela tinha de chegar ao convés o quanto antes. A outra lhe ordenava que tirasse urgentemente o ferido da cabine, fosse como fosse. De repente, pensou em Adam — Adam, que sempre soube como se comportar em qualquer situação. Nunca Adam perdera a compostura e sempre fizera o que era melhor para todos. Era claro que Adam teria salvo o ferido, sem pensar um segundo. Somente depois cuidaria de si mesmo e de seus pertences...

Também ela reconheceu que nunca se perdoaria se abandonasse um homem cujo destino dela dependia. Então, restava-lhe somente uma alternativa. Apoiando-se no batente da porta, pôs-se de pé. O colar de chaves em volta do seu pescoço pareceu-lhe pesado como um jugo de boi que a puxava para baixo. Com esforço, virou o ferido de costas para que seu nariz não ficasse na água, pegou-o por debaixo dos braços e arrastou-o para fora da cabine. Sentiu o estômago revirar e não pôde conter o vômito. Tudo pareceu girar em torno dela, estrelas dançavam perante os seus olhos, perdeu completamente o senso de orientação. Onde estava a escada para cima, à direita ou à esquerda do corredor?

O barulho da batalha no convés parecia ter diminuído. Ou seria somente sua imaginação? Ela não via quase nada, mas isso se devia ao fato de quase todos os lampiões estarem apagados, ou haverem caído na água. Somente o fogo na cabine do capitão e um lampião longínquo na parede iluminavam o seu caminho. De um dos lados do corredor, o nível da água estava mais alto que do outro; o navio parecia estar inclinado. Quanto tempo lhe restaria até que virasse?

Ela tentou levantar-se novamente, mas as pernas lhe falharam. Por fim, passou a empurrar o homem como podia, rastejando de quatro na direção na qual supunha encontrar a escada. Ao menos a água parecia vir de lá.

No momento em que finalmente encontrou a escada, abriu a boca para gritar por ajuda. Uma onda de água salgada desceu ao seu encontro como uma cachoeira, e ela rapidamente fechou a boca em pânico. “Como levaria aquele corpo pesado para cima?”, pensou em desespero. Manter a si própria em pé já lhe parecia impossível. Por que ninguém vinha ajudá-la? O capitão a tinha esquecido? Seria esse o fim da sua vida?

Sentiu que não teria forças para lutar contra as águas e subir as escadas. Em pouco tempo também perderia a consciência. Era assim então, quando a última hora chegava! Como gostaria de ver mais uma vez Gabriel, as meninas, Elisabeth... Logo sua alma também seria entregue à eternidade, como a do seu marido, a do primeiro-oficial e a de todos os outros, algumas poucas respirações mais e tudo se acabaria... Uma vida bela, sem dúvida, mas curta demais. O que não haveria dado para ver mais uma vez Gabriel...

— *Yâ Gabriel, anqriss as-sayda!*

Imediatamente, seu ânimo voltou. Aquele homem havia mesmo dito: “Gabriel, salve a mulher”?

Graças às aulas diárias de árabe das princesas, que tantas vezes presenciara, foi capaz de entender as palavras do desconhecido. Mas como Gabriel viera parar ali? Como soubera da sua desgraça e como a encontrara?

A última coisa que percebeu foram duas mãos fortes de homem pegando-a pela cintura, levantando-a sem esforço e levando-a para cima. Então, tudo ficou escuro à sua volta.

¹. *Boudoir*: termo francês que tradicionalmente designava os aposentos onde a mulher podia cultivar sua privacidade.

Capítulo 22



— Acho que a vi piscar! Sim, seus olhos se moveram... Ela está viva! Está acordando! Ó meu Deus, você ouviu as minhas preces... *Alhamdullilah! Alhamdullilah!*

A voz aguda chegava aos seus ouvidos como através de uma densa névoa. Apesar de ter acabado de acordar, soube exatamente a quem pertencia aquela voz: Gül, sua escrava húngara. Mas ainda assim, parecia estranhamente aguda. O que havia acontecido? E onde estava Gabriel? Fora ele quem a salvara do navio afundando!

A primeira coisa que viu ao abrir os olhos foi a sua escrava com o rosto coberto pelo véu. Depois notou a presença de três homens que nunca havia visto antes, parados em volta da sua cabeça. Sobre a sua testa havia um pano agradavelmente frio e seu mindinho esquerdo estava enfaixado. Ela jazia sobre um divã macio. O sol brilhava — mas havia sido noite havia pouco, quando bebia vinho com o capitão e o primeiro-oficial do *Sirena*... Ainda sentia na língua o sabor frutado do Rossese cor de rubi.

— Devemos pedir-lhe desculpas, *sayda* Yuhanissa.

O homem jovem de queixo retraído que se dirigiu a ela em italiano fluente vestia um casaco vermelho. Do seu pescoço pendia uma cruz enorme.

— Este é o capitão Saleh.

Ele apontou para um homem vestido como um tuaregue e de cujo rosto via-se tão pouco quanto do de Gül. Somente os grandes olhos, um pouco de pele escura e a raiz do nariz estreito não estavam cobertos pelo tecido branco que envolvia a sua cabeça.

— Ele diz que os teríamos abordado com mais suavidade se soubéssemos que uma enviada do *padischah*, Deus abençoe nosso soberano, encontrava-se a bordo. Pedimos mil desculpas pelos transtornos pelos quais foi obrigada a passar.

Ele dobrava-se em amabilidades.

— Meu nome é Jean de Toulon — prosseguiu ele em seu italiano impecável. — Sou originário de Malta e até pouco tempo atrás fiz parte da Ordem de São João de Jerusalém¹. O capitão Saleh já foi apresentado. E este é nosso mestre de armas, Gabriel Mendoza.

Joanna olhou decepcionada para o homem de cabelos curtos e grisalhos parado ao lado do capitão que, com seu tapa-olho, parecia realmente um pirata de livro de histórias. “Faltavam apenas o papagaio no ombro e a perna de pau”, pensou ela. Este, então, era o Gabriel a quem ela devia a sua vida! Claro, que tolíce a sua! Certamente haveria muitos gabriéis no mundo.

O mestre de armas evidentemente havia notado sua decepção, pois perguntou educadamente:

— A senhora parece ter esperado um outro Gabriel?

— Eu já estava meio inconsciente e não via mais nada quando ouvi o nome que um dia significou muito para mim — balbuciou Joanna.

— A senhora ficou dois dias inteiros inconsciente — murmurou o ex-cavaleiro maltês com os modos impecáveis. — Ficamos muito preocupados com a senhora por passar tanto tempo desmaiada. O capitão Saleh é também o nosso médico de bordo. Ele temeu que a senhora não sobrevivesse.

Ela pensou ver um sorriso nos olhos do tuaregue. Seu Kaftan, de um azul brilhante, parecia recém-lavado e seu esmeroso turbante branco parecia ter sido alvejado pelo sol. Nada indicava que esses homens houvessem recentemente passado por uma batalha.

— *A signorina Gül* — o cruzado deu uma piscadela para a loira húngara — nos fez passar por um sufoco. Tomamos um belo susto ao sabermos que havia enviados da Sublime Porta² a bordo — ele soltou uma risada um tanto forçada. — Pensávamos que havíamos capturado um transporte de ouro genovês... Jamais agiríamos contra o nosso bom soberano, o *padischah*!

— *Wa allah* — por Deus! — exclamou o capitão tuaregue.

— O que houve com o capitão Barbosa?

Joanna apoiou-se sobre os cotovelos a fim de enxergar melhor. Ainda se sentia um pouco fraca, mas considerando o que ela passara, podia estar contente de estar viva.

O cavaleiro cruzado deu de ombros, pesaroso.

— Infelizmente, morreu. Poucos do *Sirena* sobreviveram. Gostaríamos que fosse diferente. Teriam nos pagado um bom resgate pelo capitão e também pelo seu primeiro-oficial, que vinha de uma família muito respeitada.

— Assim que a senhora estiver melhor, desceremos à terra no Cabo de Posillipo³ — disse Gül.

Somente agora Joanna notou que a húngara tinha o braço em uma tipoia.

— Eu caí quando os senhores nos abalroaram — Gül apressou-se em explicar, olhando com admiração para o capitão e o maltês.

“Pela primeira vez desde que a conhecia, Gül realmente fazia jus ao seu nome⁴”, pensou Joanna. Como uma rosa, a escrava desabrochava a bordo do navio pirata. Ela parecia sentir-se muito à vontade ali; nada fazia lembrar a mulher mal-humorada de expressão triste cuja companhia a irmã do sultão lhe havia imposto.

— Onde fica esse cabo?

— Neste momento, estamos cruzando a Bocca Piccola, entre a ilha de Capri e a costa de Sorrento. Visto daqui, Posillipo fica um pouco atrás de Nápoles, onde, por motivos evidentes, não podemos atracar. Tampouco podemos ir além do Golfo de Nápoles para o norte, pois haverá navios italianos por toda parte. Infelizmente, tivemos que mandar nossas duas naus-irmãs com a carga do *Sirena* de volta para Argel. De Nápoles, a senhora poderá simplesmente tomar um navio para Gênova ou viajar por terra a Roma. Uma linda cidade! — explicou-lhe Jean de Toulon, em seu tom cativante.

— Ah, sim, muito interessante — murmurou Joanna. — De fato, eu já estou bem. Penso que posso levantar-me sem problemas.

Joanna sentou-se. Queria deixar o navio pirata o quanto antes — mesmo que os piratas fossem gentis e Gül mal pudesse tirar os olhos deles. A coisa toda não lhe agradava.

Ela estendeu a mão a Gül, sorriu para os homens, desculpando-se, e cochichou no ouvido da húngara:

— E os baús?

— Tudo em ordem — disse Gül, tranquilizando-a. — Ainda estão conosco. Foram todos carregados para este navio. Os senhores não querem confusão com o sultão. E, afinal, os baús são propriedade dele.

O capitão disse algo em árabe que Joanna não entendeu, devido ao dialeto desconhecido e sumiu pela porta.

— Estamos tomando curso ao cabo — explicou Gabriel Mendoza.

Ele fez um sinal com a cabeça para Joanna:

— Deixaremos vocês sozinhas por um momento. A cozinha lhes trará um refresco e algo para comer.

Pouco depois, dois meninos berberes com pequenas toucas de crochê na cabeça trouxeram-lhes duas bandejas carregadas.

Gül ajudou Joanna a levantar-se para que pudesse sentar-se no tapete diante da mesinha baixa em que haviam deixado a comida. Um dos meninos serviu uma espécie de sêmola e mostrou uma grande *tajine*⁵ contendo um ensopado de legumes e carne. Como acompanhamento, havia vários molhos temperados, uvas-passas e um tipo de ervilha que Joanna não conhecia. Ela colocou tudo sobre a sêmola que, como lhe dissera o menino, tinha o nome de cuscuz.

E como estava faminta! Não havia comido desde o jantar de final tão dramático no *Sirena*. Será que já caberia nas suas roupas do tempo anterior a Veneza?

Depois da comida, um dos meninos trouxe-lhe um chá feito de uma infusão de folhas de hortelã e outras folhas negras. Na superfície boiavam pinhões⁶. Ela não sabia bem como deveria tomar o chá, por isso ficou mastigando os pinhões enquanto sorvia cautelosamente o líquido.

De repente, uma forte sacudida assustou-a. Alarmada, colocou seu copo de chá sobre a mesa.

— Foi apenas a âncora — disse um dos meninos em italiano sofrível. Em seguida, serviu-a novamente da bebida.

Pouco depois, o insinuante maltês entrou pela porta.

— Estamos descarregando sua bagagem e logo as levaremos para terra firme, se desejarem. É realmente uma pena que nosso encontro tenha sido tão breve!

Ele deu a Gül, que levantara um pouco o seu véu para comer, um sorriso radiante.

Ao chegar ao convés, Joanna precisou fechar os olhos, tão claro era o sol que abria caminho entre as nuvens. A vista que se apresentava era impressionante. Ao longe, erguia-se uma alta montanha de cume duplo quebrado da qual subia uma nuvem de fumaça⁷. Um pontal rochoso, que em uma das extremidades formava um golfo de curvatura suave, adentrava o mar azul. Em frente a ele havia uma ilha igualmente rochosa, cujos montes pareciam cobertos de floresta pelo outro lado. Essa devia ser Capri, lembrou-se Joanna das explicações do versado maltês.

Pouco depois, os braços fortes de um pirata vestido em um *kaftan* de um branco radiante pegaram-na por baixo e colocaram-na sobre um dos baús no bote, que seguiria rumo à costa. Joanna virou-se mais uma vez. A bandeira negra com a caveira no mastro principal agitava-se ao vento. “Que aventura!”, pensou. Se ela mesma não a houvesse vivido, não acreditaria.

Acenou uma última vez para o capitão e depois se sentou de maneira que pudesse desfrutar a maravilhosa vista do Golfo de Nápoles. Não fazia ideia do que a esperava e como seguiria viagem para Frankfurt, mas de alguma forma ela chegaria lá, ela e a boa Gül. Dinheiro suficiente também tinham. Se somente a deixassem sã e salva em terra com seus pertences... Depois de tudo o que havia passado, nunca mais na vida ela subiria em um barco, jurou a si mesma.

¹. A Ordem Soberana e Militar de Malta, oficialmente Ordem Soberana e Militar Hospitalária de São João de Jerusalém, de Rodes e de Malta, é uma organização internacional católica que começou como ordem beneditina, fundada durante as Cruzadas na “Terra Santa”, no século XI, mas que rapidamente se tornou uma ordem militar cristã encarregada de assistir e proteger os peregrinos àquela terra.

². Sublime Porta, Porta Otomana ou simplesmente Porta era a designação corrente dada entre 1718 e 1922 ao governo do Império Otomano, derivada do monumental portão de entrada do palácio que alojava a corte imperial.

³. Posillipo é hoje um bairro da cidade de Nápoles. O monte de mesmo nome estende-se para dentro do mar, formando o cabo.

⁴. *Gül*: rosa, em turco

⁵. *Tajine*: panela tradicional (e prato típico preparado nela) em diversos países árabes do norte da África, oriunda do Marrocos.

⁶. Pinhões, nesse caso, referem-se às sementes do pinheiro europeu, conhecidos no Brasil pelo nome italiano *pinoli*.

⁷. O vulcão Monte Vesúvio, que se encontrava ativo à época.

Capítulo 23



“Como Nápoles era diferente de Veneza”, espantou-se Joanna, quando avistou as primeiras casas de cor ocre da cidade portuária do sul da Itália. Com Gül, afundou nas almofadas aconchegantes, apesar de um pouco gastas, da grande carruagem aberta que as levava de Posillipo até a cidade. Havia esticado as pernas sobre um dos preciosos baús. Pequenos guarda-sóis foram afixados de cada lado da carruagem, de forma que estavam confortáveis na sombra. De fato eram necessários, pois a pele de ambas havia sido queimada pelo sol forte durante a travessia. As mãos e antebraços de Joanna haviam ficado cobertas de sardas.

Na boleia à sua frente estava o amável andaluz, com seus dois dentes de ouro e incontáveis tatuagens nos braços, que as recebera na pequena aldeia de pescadores a sudoeste de Nápoles, onde os piratas haviam atracado com o bote. Xavier Zaragoza, um amigo de Gabriel Mendoza, navegara os mares por muitos anos. Agora, tinha uma taverna na zona portuária de Nápoles e pareceu a Joanna um genuíno habitante dessa cidade.

— *Le donne* — “as mulheres”, dissera sorrindo quando perguntado por que havia trocado o mar pela terra.

Os habitantes de Posillipo não ficaram nada contentes por serem escalados para descarregar os baús de Joanna e, provavelmente, teriam ficado com as coisas para si se o maltês não os houvesse ameaçado de forma tão educada. Sem mudar a expressão do rosto ou levantar a voz, Jean de Toulon anunciou a morte se qualquer coisa acontecesse a Joanna ou alguém pensasse em roubar qualquer coisa dos baús. Ele fez questão de acompanhá-las à terra pessoalmente.

Joanna ficou aliviada quando os piratas finalmente voltaram ao seu bote e remaram para o navio, que estava ameaçadoramente fundeado diante da costa. Nunca esqueceria os olhares amedrontados dos inocentes moradores de Posillipo. “Não tenho nada a ver com eles”, desejou dizer-lhes, mas então eles provavelmente teriam se apoderado dos seus tesouros.

E isso não podia ser. Preferia ser vista como cúmplice de vis criminosos.

Estava muito feliz de ter terra firme embaixo dos pés. Ainda não se sentia totalmente curada. Cada buraco na estrada pelo qual a carruagem passava produzia ecos em sua cabeça. Ao menos estava livre dos piratas. “Por outro lado, podia bem ser que passara do fogo para a frigideira”, pensava, enquanto olhava novamente para o vão entre as nádegas do cocheiro, cujas calças eram tão baixas que quase todo o seu traseiro ficava à mostra. Gül, recatada como era, havia coberto o rosto com o véu para não ter de aturar aquela visão.

Joanna olhou para o forte que apareceu em uma ilha em frente à costa, mas logo virou a cabeça para o outro lado, pois as ondas que batiam contra os muros da fortificação e a gritaria das gaivotas voltaram a causar-lhe vertigens. Preferiu voltar o olhar para a montanha de cume duplo fumegante que se erguia no horizonte.

Finalmente os solavancos terminaram! A carruagem, que precisava de uma pintura nova, e o carro de bois com forte odor de peixe que carregava sua bagagem pararam diante de uma casa caindo aos pedaços

no centro da zona portuária. Havia venezianas fechadas por toda parte e a região toda não inspirava muita confiança. Gatos magros e cheios de cicatrizes tomavam sol nas escadas frontais das casas. A quase todos faltava alguma parte do corpo; uma pata, uma orelha, um olho. À parte os gatos, a rua estava deserta.

“Bella Napoli” estava escrito em caligrafia turca na velha parede de uma casa. Haviām chegado ao seu destino. Joanna levantou-se com dificuldade do banco estofado da carruagem. Tinha a impressão de sentir cada osso do corpo. Queria esticar-se em uma cama e descansar. Sua maior preocupação era a segurança dos baús. Ela começou a descarregar o pequeno com os versos do alcorão entalhados na tampa, mas Xavier empurrou-a para o lado rapidamente, depois de haver entregado as rédeas a um homem carrancudo e com longas costeletas que surgira do nada.

— Não, não, *signora*, deixe que eu faço isso!

Seu bigode espesso sacudiu-se com o riso. Ele meteu dois dedos na boca e soltou um assobio agudo, ao que vários homens e meninos queimados de sol apareceram de todos os lados. Nas mãos ainda tinham as redes que haviam estado remendando. O mais jovem carregava um balde cheio de peixes, caranguejos e mexilhões. Queria logo negociar sua pesca com Xavier, mas este o mandou para a cozinha.

Pela porta aberta surgiu um homem, evidentemente uma espécie de serviçal, que fez uma reverência para Joanna e Gül antes de ajudar a descarregar. Ele parecia sofrer de algum mal dos nervos — seu corpo era frequentemente sacudido por espasmos.

— Vamos entrar. Lá dentro é mais fresco.

O andaluz colocou cada uma de suas mãos enormes nas respectivas costas de Gül e Joanna e empurrou-as em direção à porta. Gül saltou para o lado, apavorada; não se deixava tocar por nenhum homem, pois aos seus olhos isso era um pecado. E Joanna odiava por princípio quando os homens tentavam tratá-la com condescendência.

Teimosa, resistiu à mão que tentava empurrá-la e parou.

— Eu gostaria de estar presente quando minha bagagem for descarregada. E quero saber para onde a levarão.

O tom da sua voz havia saído mais duro do que tencionara. O constante contar dos baús já havia quase se tornado obstinação. O colar com as chaves havia deixado marcas profundas em seu pescoço, mas ela não se importava.

Xavier abanou a cabeça, incompreensivo. Parecia não estar acostumado a tanta resistência feminina.

— Bem, então venham depois. Os baús serão levados ao porão, pois não há espaço em outro lugar.

Joanna preferiria que os baús não saíssem do seu campo de visão, mas decidiu calar-se por enquanto.

Uma mulher jovem e esbelta com um lenço colorido na cabeça surgiu da entrada escura da casa, espremendo-se por entre os baús. Como se não o houvesse visto havia meses, jogou-se nos braços do ex-pirata. Somente depois a beldade napolitana cumprimentou as recém-chegadas.

— *Benvenute! Io mi chiamo Sofia.*

Ela sacudiu algumas escamas de peixe do seu avental florido e abraçou as duas mulheres como se fossem suas melhores amigas. Seu suor abundante exalava alho.

Pouca luz adentrava pelas venezianas fechadas quando entraram na taverna. Joanna mal distinguia os rostos dos fregueses, que prontamente se viraram em sua direção. Viu apenas que eram todos homens. Todos davam a impressão de estar esperando por algo. Nenhum desperdiçava seu tempo com jogos, alguns não tinham nem mesmo um copo à sua frente. Ninguém dizia uma palavra. Um lugar ideal para encomendar um assassinato, passou pela cabeça de Joanna. Cafetões, receptadores, pequenos criminosos, um ou outro marinheiro, estimou ela. Mas possivelmente também idôneos pais de família, foragidos do sol do meio-dia que desfrutavam o frescor da sala até que fosse hora de voltar ao trabalho.

Em primeiro lugar, Sofia serviu a ela e a Gül um bom almoço. Poucas vezes Joanna havia comido tão bem, apesar de se tratar de uma refeição simples. Uma espécie de pão chato coberto com molho de tomates frescos e pequenos crustáceos.

— *Si chiama pizza* — informou Xavier, orgulhoso, e acariciou o traseiro da sua Sofia, que aparentemente era uma ótima cozinheira.

Até mesmo Gül despertou da sua letargia por um momento, concordando com os elogios entusiasmados de Joanna, enquanto tentava enfiar os pedaços da iguaria na boca por baixo do véu. A sobremesa havia sido uma *macedonia con gelato*, uma salada de frutas com sorvete, além de um café *ristretto* que, ao contrário da refeição, não causou muita impressão em Joanna. No que dizia respeito a café, estava acostumada a coisa melhor.

Joanna virou-se mais uma vez, desconfiada, em direção ao porão. Não podia evitá-lo, pois tinha que vigiar a entrada. Parecia que todos os olhos dos homens desocupados e calados também pairavam sobre o alçapão no chão.

Depois do almoço, Xavier levou-as da taverna escura para o quintal e Joanna imediatamente se reconciliou com seu destino. Uma enorme fonte dominava o quadrado cercado por muros, em torno do qual se agrupavam muitos potes com pequenos arbustos de azevinho. Uma buganvília cor-de-rosa subia pela parede da casa em direção ao sol.

— Por essa a senhora não esperava, não é verdade? — perguntou o antigo pirata sorrindo ao perceber sua admiração genuína. — A maioria dos fregueses reage da mesma forma. Ao verem a casa por fora, todos pensam: “Que birosca mais decadente! Quem gostaria de pernoitar aqui?”. Contudo, uma vez dentro, não cansam de admirar-se. Mas o melhor ainda está por vir. Esperem até ver o pátio interno, nosso *giardino*!

Ele marchou entusiasmado à sua frente, dando a volta na casa, repetidamente puxando as calças para cima.

— *Venga, venga!*

Joanna prendeu a respiração. Muitas mesinhas, cujas tampas eram mosaicos de pedrinhas coloridas, estavam espalhadas entre as palmeiras, agaves e diversas plantas floridas que desconhecia. Um pequeno riacho corria mais atrás por entre rochas que pareciam ter caído do céu. Laranjeiras e limoeiros estendiam seus galhos carregados sobre a cena idílica, como se convidassem à colheita.

— Fantástico — sussurrou ela, impressionada.

O anfitrião ao seu lado tinha o peito estufado de orgulho.

— *Vero, Signora*, eu não prometi demais, não é?

— Não, não prometeu. Eu nunca havia visto um jardim tão lindo — respondeu Joanna. — Sabe, eu conheço um pouco do mundo. E eu também tenho uma taverna em Frankfurt, minha terra natal, uma cafeteria que tem até um pequeno jardim na cobertura. Mas não é, de forma alguma, comparável ao seu pequeno paraíso.

— Eu mesmo faço tudo. Sou um apaixonado por jardinagem — disse Xavier, orgulhoso.

Ele pescou algumas folhas da fontezinha.

— Onde está Gül? — perguntou Joanna, dando-se conta da ausência da escrava.

— A *signorina turca* foi ao salão. Encontrou algumas pessoas.

O anfitrião falou como se fosse a coisa mais normal do mundo que uma escrava húngara, que vivera no harém do sultão turco desde o quinto ano de vida, subitamente encontrasse velhos conhecidos em uma taverna portuária napolitana. O que significaria isso?

Realmente, Joanna encontrou Gül no salão, sentada em uma mesinha com um senhor de idade e uma menina de uma palidez assustadora e cabelos negros, que tinha frequentes ataques de tosse. Cada um tinha

uma xícara de *espresso* à sua frente e um prato com confeitos. Os três conversavam animadamente em uma língua estranha, que somente podia ser húngaro. Gül havia colocado o véu para trás, de modo que seu rosto e as raízes dos seus cabelos loiros estavam visíveis.

Joanna deixou seu olhar examinador percorrer o salão. À parte do enorme candelabro e das almofadas de seda vermelha e violeta sobre poltronas azuis, as pinturas coloridas nas paredes eram a única, porém efetiva, decoração. Xavier tinha bom gosto, precisava admitir. Ela não queria nem saber de onde arranjava o dinheiro para essa decoração. Então, dirigiu-se ao estranho grupinho na pequena mesa. O senhor levantou-se e insinuou uma reverência quando viu que ela vinha em sua direção.

— *Küss die Hand, gnädige Frau*¹ — disse ele, bem à maneira vienense. — Gül já nos falou muito da senhora.

Ele abaixou-se galantemente sobre a mão de Joanna e convidou-a a juntar-se a eles.

— *Un altro caffè, per favore* — o serviçal correu a atendê-lo.

As faces pálidas de Gül brilhavam em um suave tom rosado e seus olhos claros reluziam alegremente enquanto falava sem parar com a menina ao seu lado, que imediatamente começou a rir como se Gül fosse a pessoa mais divertida do mundo.

— Posso imaginar sua surpresa — comentou o senhor húngaro, depois que o garçom trouxe o *espresso* para Joanna.

“Azedo demais”, pensou ela, adicionando mel ao líquido negro para, então, voltar a atenção aos esclarecimentos do estranho.

O conde Attila Kodály e sua filha, Josepha, eram originários de Peste², mas viviam havia muitos anos em Viena devido ao melhor atendimento médico que ali havia. Desde a mais tenra infância, a menina andava somente com o auxílio de muletas, explicou-lhe o conde Kodály em voz baixa, enquanto Gül e Josepha seguiam ignorando a sua presença. Ele decidira, então, fazer uma pequena viagem pela Itália, por Veneza, Bari, Sicília e Sorrento, para distrair a filha da sua desgraça. Estavam em Nápoles havia uma semana; dentro de dois dias seguiriam para Roma e, de lá, voltariam para Viena.

— Sabe, minha filha não tem amigos — disse ele, aflito. — Ela sempre esteve muito só. Sua mãe morreu no seu nascimento e depois veio a paralisia. Seu único confidente sempre fui eu. E aquele professor particular pelo qual ela se apaixonou — acrescentou ele com o semblante fechado. — É claro que isso não podia dar certo. Eu o despedi imediatamente quando descobri. Desde então, ela não falou mais, nem comigo... Esta é a primeira vez em meses que a vejo sorrir.

Ele sorriu melancólico ao ver sua filha e Gül juntando as cabeças e logo depois explodindo em risos.

“O que Gül estaria contando à garota?”, perguntou-se Joanna sem querer. Ela também nunca havia visto sua escrava assim. Claro que havia notado como ela se comportara diferentemente na presença dos piratas, parecendo desabrochar de uma maneira não vista antes. Mas o que acontecia ali era outra coisa. Gül parecia finalmente se sentir entre iguais — devia ser essa a razão da mudança. Talvez ela realmente viesse de uma família fina da Hungria e acabara no harém do sultão por uma terrível coincidência, uma intriga, um sequestro ou coisa similar. Joanna deu-se conta do pouco que sabia sobre a acompanhante com a qual havia passado por tanta coisa. Sempre que tentava descobrir algo sobre o seu passado, Gül se negava a falar sobre o assunto, dizendo que não se lembrava de nada.

— Sim, é surpreendente como as duas parecem se entender! — disse ela, pensativa.

Levemente enojada, tomou o último gole do café que, apesar da grande quantidade de mel, continuava azedo.

Por algum motivo, teve um pressentimento ruim quando o húngaro de repente tocou seu braço em um gesto de cumplicidade. E realmente o incômodo não demorou a chegar:

— Nós gostaríamos muito de levar a senhorita Gül conosco.

O conde a olhava suplicante, com seus olhos indecifráveis.

Joanna não sabia o motivo, mas o comportamento do conde lhe parecia insincero. Seria o sorriso que luzia por baixo do bigode fino um pouco demasiado cândido? Ou, talvez, o gordo anel de sinete no seu dedo médio? Ela lançou um olhar furtivo para Gül, que fingia não perceber nada.

— De onde o senhor tirou essa ideia? — perguntou Joanna.

— Bem, ao que parece, a senhorita Gül foi sequestrada quando criança. Vemos como nossa obrigação levá-la de volta à sua família na Hungria.

Mais uma vez, ele sorriu seu sorriso largo.

Pelo canto dos olhos, Joanna viu que Gül levantara o olhar, mas voltou a abaixá-lo assim que percebeu que estava sendo observada. A menina doente também olhava para baixo.

— De jeito nenhum — Joanna disse.

Ela não queria perder Gül. A húngara havia passado pela prova de fogo no navio pirata. Depois de seu deslize no palácio do sultão, que, afinal, fora tramado por Emine Hanim, ela havia acabado por mostrar-se confiável e fiel. Além do mais, como levaria sua bagagem a Frankfurt sem ajuda? Quatro olhos vigiavam melhor que dois, afinal o caminho ainda era longo. No mais, Gül era uma escrava e pertencia à irmã do sultão! Devido ao seu passado como serva de Bornheim, Joanna tinha certa simpatia pela sede de liberdade, mas não podia simplesmente libertá-la; isso somente a sultana poderia fazer. Não, somente esse motivo já bastaria para rejeitar o pedido do conde. Além disso, uma ajudante a mais viria muito a calhar no Café Mühle. Aumentaria o valor do seu negócio, ainda mais por se tratar de uma antiga escrava de harém. Sybilla e Anne teriam de espremer-se um pouco, mas espaço suficiente havia em seu sótão. Outros patrões tratavam seus serviçais de maneira muito pior. Quando o Café Mühle estivesse totalmente recuperado, toda ajuda seria necessária. “Gül poderia manter os quartos em ordem, assim não precisaria ter contato com homens estranhos”, cogitou Joanna. Isso aliviaria um pouco Sybilla e Anne e nem mesmo lhe acarretaria custos.

Ela olhou diretamente nos olhos do conde e repetiu com firmeza:

— Infelizmente, isso está fora de cogitação, conde Kodály. Eu preciso de Gül.

Ela olhou a escrava acusadoramente.

— E o que você está fazendo aqui, tomando café com o senhorio como uma grã-fina? Vá fazer algo de útil! — chiou ela em turco.

Gül levantou-se prontamente, ajeitou o véu e saiu da sala sem se despedir.

¹. *Küss die Hand, gnädige Frau*: é uma expressão idiomática alemã, hoje antiquada e fora de uso, a não ser na Áustria. Trata-se de um cumprimento ao mesmo tempo respeitoso e galante, literalmente “beijo-lhe a mão, cara senhora”. É típica do austríaco em geral e do vienense em especial. (N.T.)

². Ao longo da maior parte de sua conturbada história, Buda e Peste foram cidades separadas, uma em cada margem do rio Danúbio. Somente no século XIX foram definitivamente unificadas, formando a atual capital húngara Budapeste.

Capítulo 24



Joanna acordou de outro de seus pesadelos medonhos assustada e coberta de suor. Desde que recebera a carta de Ludwig Haldersleben, via-se perseguida por eles. Por mais que se esforçasse, não conseguia mover-se do lugar para salvar Lili e Margareth. As duas meninas vestiam roupas de presidiárias e estavam acorrentadas a uma escrivaninha. Diante delas, a diretora do orfanato ao qual haviam sido levadas levantava a palmatória e ordenava à chorosa Lili que esticasse as mãos.

Ainda bem que não passara de um sonho! Seus lençóis estavam todos embolados e seu travesseiro devia ter caído no chão. Lá fora, um par de gatos acasalava-se ruidosamente. Isso devia tê-la acordado. Era incrível como esses bichos magrelos tinham força para fazer tanto barulho!

Joanna suspirou aliviada. Aqui, com Xavier e Sofia, até mesmo os gatos entregavam-se ao amor desenfreado! Rapidamente tapou a boca com a mão para não acordar Gül com sua risada. Ela piscou os olhos para ter certeza de que não se havia enganado. Mas não havia dúvida: a cama de feno ao lado da porta estava vazia. Onde estaria Gül? O que havia acontecido?

Imediatamente, despertou-se de todo. Ao levantar, sentiu falta do ruído tilintante do seu colar de chaves, que não havia tirado uma única vez desde a viagem de navio. Sem pensar, levou a mão ao pescoço. Nada! O colar com as chaves havia desaparecido — assim como Gül.

Joanna saltou da cama. A lua brilhava forte o bastante para deixar as silhuetas no seu quarto visíveis, mas ao sair ao corredor, a escuridão tornou-se tão densa que teve de tatear o caminho até a saída. Apressadamente, correu de camisola pelo pátio. Pequenas pedras pinicavam as solas dos seus pés.

Ao entrar na taverna escura, colidiu com um vulto que evidentemente estava ali de guarda. Uma torrente de palavras estrangeiras derramou-se sobre ela, assustando-a. O conde, essa era a voz do conde húngaro! Que fazia ele ali, no meio da noite?

Mais uma vez, a voz agrediu-a. O homem devia tê-la confundido com outra pessoa. Rapidamente, escondeu-se em um canto da sala, atrás de uma coluna. Havia algo de muito errado ali.

— O que foi? — ela ouviu alguém chamar em alemão. A voz soou abafada, como se viesse do porão, mas ainda assim o sotaque vienense era claramente perceptível.

— Não consigo mover esses trambolhos. Você tem que me ajudar, Attila! — gritou o vienense novamente quando ninguém lhe respondera.

Joanna estremeceu. Os “trambolhos” deviam ser os seus baús. E o conde húngaro — se é que era mesmo um conde — obviamente planejava retirá-los do porão do hotel, auxiliado por seu cúmplice vienense. Para levá-los consigo a Viena, claro. E o pior, reconheceu ela de súbito, era que Gül havia se aliado a esses gatunos!

Joanna abraçou o próprio corpo. Sentia frio. “Deveria ter vestido algo”, pensou. Por outro lado, isso não mudaria em nada a situação: aqui havia perigo iminente. O “conde” certamente percebera que ele e seus comparsas tinham sido vistos em flagrante. Era apenas questão de tempo até que se pusessem à sua procura. A taverna estava escura, mas não a ponto de não poderem encontrá-la. Além disso, logo o dia começaria a clarear. Pensou febrilmente no que devia fazer. Sim, havia somente um jeito: tinha que

alertar Xavier. O taverneiro do Bella Napoli tinha que a ajudar e rápido!

Entretanto, tudo aconteceu de repente. A porta da taverna foi aberta por fora. À luz da lua, Joanna avistou Gül e a menina doente paradas na soleira da porta, e, entre elas, o pequeno baú com seus pertences mais valiosos. Sem pensar, lançou-se como uma fúria¹ sobre as duas mulheres.

— Ladras! — gritou ela o mais alto que pôde. E depois em italiano, para que todos na casa a entendessem:

— *Ladre! Siete ladre, volete rubarmi le mie cose!*

Ela derrubou Josepha, que se movia muito bem sem muletas, e voltou-se para Gül. Mas esta simplesmente soltou a alça do baú, que caiu com estrondo ao chão, enquanto a escrava corria como uma lebre pela rua deserta, tão calada como sempre.

Joanna quis persegui-la, quando dois braços musculosos a seguraram por trás e uma mão tapou a sua boca.

— Cale a boca, sua *Schafgradn*²! — rugiu uma voz de homem.

“Tinha que ser o vienense do porão”, pensou Joanna. Ela não entendeu o que ele dissera, mas pelo tom de voz, devia ser algo vulgar. Em todo caso, favorável a ela não era. Sentiu um metal frio no seu pescoço. Imediatamente, seus joelhos começaram a tremer.

Nesse exato momento, uma veneziana da casa em frente foi aberta e uma voz sonolenta de homem perguntou:

— *Cos’è successo?* O que está acontecendo?

À luz da vela que o homem segurava na mão, reconheceu o ajudante com as costeletas longas e o bigode de morsa. Com a outra mão, ele esfregou seus olhos sonolentos.

— Xavier? Sofia? São vocês? Que barulho é esse no meio da noite? — grasnou uma voz aguda de mulher da sacada vizinha. — *Siete matti?* Estão loucos?

— Uma palavra e morrerá, *Funzn*³!

Joanna sentiu o bafo de cebola do vienense, que falara com a boca bem perto do seu ouvido. A pressão da faca no seu pescoço aumentou, como se fosse cortar sua pele a qualquer momento. Ela ficou calada e imóvel como uma estátua.

— Tudo em ordem, gente boa! Partiremos amanhã bem cedo e já vamos carregando as bagagens. Queremos aproveitar o frescor da noite.

O falso conde soltou os baús que trouxera do porão e limpou o suor da testa. Sua filha, que se recuperara com surpreendente rapidez do golpe de Joanna, estava parada atrás dele com um pequeno tapete de oração enrolado embaixo do braço.

— Quem partirá amanhã? Onde está Xavier?

Aos poucos, o serviçal parecia dar-se conta de que algo na entrada do Bella Napoli ia mal. Mas, por enquanto, estava tranquilo.

— *Statevene zitti, manaccia la miseria!* Calem-se! O tempo todo temos que aturar o barulho de vocês. Não podem fazer nada em silêncio como as outras pessoas? Tudo que fazem é barulhento!

A vizinha voltou para dentro e bateu a porta da sacada.

Perto dali soou o relincho de um cavalo e logo se ouviu um diálogo agitado. “Aparentemente havia mais um comparsa”, pensou Joanna, enquanto seus joelhos tremiam tanto que mal conseguia manter-se em pé. “Não posso cair”, disse a si mesma, “vai que a esse vienense horrível lhe escapa a lâmina e me fura o pescoço. Por favor, bom Deus, não me deixe desmaiar agora!”, rezou ela.

Não sabia mais quanto tempo havia estado com a faca no pescoço olhando como o húngaro e sua filha,

o segundo homem que se juntara a eles e a completamente velada Gül amontoavam seus preciosos pertences na rua. Em algum momento ouviu o bater de cascos e o rolar de rodas que se aproximavam.

“Era isso, então”, pensou ela, numa mistura de raiva e impotência. “Daqui a pouco carregarão minhas coisas na carroça e irão para o porto, onde subirão a bordo de algum navio. E eu ficarei presa aqui em Nápoles e voltarei a ser tão pobre quanto um rato de igreja.”

Gordas lágrimas de raiva escorriam por sua face. Quando começou a fungar, o vienense fedorento aumentou a pressão da lâmina contra a sua jugular.

— Cale-se! — rosnou em seu ouvido.

De súbito, Joanna viu duas pequenas sombras escuras passarem perto dos seus pés. “Os gatos!”, pensou ela. “Minha salvação!”

Como se ela o tivesse encomendado, iniciou-se um concerto de miados que soavam quase como gritos humanos. Com um salto gigantesco, o maior dos dois animais jogou-se sobre o outro e mordeu-lhe a nuca. Um vai e vem selvagem desenrolou-se entre eles, acompanhado de ruídos ensurdecedores, feitos dos mais estranhos chiados, bufadas e rosnadas.

Imediatamente a porta da sacada reabriu-se e o servente voltou a botar a cabeça para fora. Dessa vez, pareceu entender mais depressa. Joanna viu-o sumindo da janela para dentro do quarto e logo depois sentiu o balde de água fria que era despejado sobre ela e seu guarda.

— *Kruzzitiakn!* — esbravejou o homem, soltando involuntariamente o seu corpo. Joanna livrou-se imediatamente e correu de volta para a entrada do hotel, onde deu de encontro com o servente.

— *Bisogna svegliare Xavier!* Precisa acordar Xavier — gritou ela com o restante das suas forças antes que suas pernas falhassem definitivamente e ela fosse ao chão frio de ladrilhos.

Mas Xavier já estava acordado. Seguido de perto por Sofia, que vestia apenas um curto *negligé*, desceu apressado pela escada do primeiro andar para a rua. O ex-pirata entendeu a situação de imediato, meteu os dedos na boca e soltou o mesmo assobio ensurdecedor que Joanna já conhecera na sua chegada. Em um piscar de olhos, abriram-se as venezianas das casas vizinhas, tão rápido como se as pessoas não estivessem dormindo, mas esperando ansiosamente para serem libertadas do seu tédio. Homens sem camisa saíram à rua, mulheres de cabelos enrolados apareceram nas janelas, crianças choravam ou gritavam.

— *Fermate il ladro!* Pega ladrão! — bradou Xavier pela rua, atrás da carroça que fugia.

Com a ajuda de Sofia, cujo robe mais realçava que escondia o seu belo corpo, Joanna levantou-se e mancou para a rua. Ela viu o vienense saltando sobre a estribeira do carro, no qual já se encontravam o falso conde, sua filha e Gül. Com o rosto insistentemente voltado para frente, a escrava do harém tentava defender seu véu contra os avanços do vento. Ela era a única sentada no alto, como em um trono, enquanto os outros fugitivos agachavam-se no piso da carroça.

Então não haviam levado tudo, reconheceu Joanna, somente Gül tinha um baú para sentar-se, e os outros não. Ao virar-se, viu que os outros caixotes permaneciam à beira da estrada, do jeito que os ladrões os empilharam. E, alguns passos adiante, encontrou a caixa menor entalhada com versos do alcorão que as duas mulheres haviam deixado cair quando Joanna as atacou.

O mais rápido que suas pernas bambas a carregaram, correu para o pequeno baú. A chave estava na fechadura e, quando abriu cuidadosamente a tampa, viu de imediato que os presentes da sultana haviam sido revirados, mas que não faltava nada. O saco com os ducados de ouro também estava lá, envolto no véu cravejado de pedras preciosas no qual ela o havia enrolado. Respirou aliviada. O Café Mühle estava salvo. E as meninas também.

— Olha! Suas chaves! — gritou Sofia, contente, segurando o pesado colar que Gül havia tirado do pescoço de Joanna durante a noite. — Estavam na escada do porão.

— E é para o porão que levaremos agora mesmo os outros baús — disse Xavier. Falta apenas um. Eram doze, *vero*?

Ele parecia haver desistido da perseguição dos ladrões. Também os vizinhos, que anteriormente estavam tão entusiasmados para agir, voltavam aos poucos às suas casas. Somente o ajudante de Xavier começou a carregar os baús em uma carriola e transportá-los da rua para o hotel.

— Mas e o falso conde? Não podemos deixá-lo fugir! É um impostor, um gatuno, que solta seus capangas para cima de mulheres indefesas. Eu fui ameaçada com uma faca!

A voz de Joanna atropelava-se. De tanta indignação, sentiu suas forças voltando.

— Temos que chamar a polícia para que essas pessoas sejam processadas! E eu quero meu baú de volta!

— Ah, a polícia — disse Xavier, desanimado. — Eles nunca resolvem nada aqui em Nápoles. No pior dos casos, são até cúmplices dos ladrões. Não, não, deixemos isso para lá.

— Mas, então, nós mesmos temos que agir! Você tem uma carruagem. Vamos para o porto. Certamente os encontraremos lá!

Contudo, Xavier apenas balançou a cabeça, como se nada disso o interessasse mais. Ele colocou o braço em volta da sua mulher que se esfregou nele como uma gata no cio. Ela também parecia querer voltar para a cama o quanto antes.

Joanna esperava mais de um ex-pirata! Outra vez se decepcionou com as pessoas em que confiava. Primeiro com Gül, que a traíra tão infamemente, e agora Xavier, preguiçoso demais para cuidar do bem de seus clientes. Certamente já havia recebido o dinheiro do húngaro e agora não via razão para esforçar-se por ela.

Joanna olhou para os baús, ordenadamente empilhados à frente da entrada. “Pelo menos o bigodudo fazia a sua parte”, pensou ela com um leve consolo.

— Eu quero que os baús fiquem no meu quarto! — disse ela ao taverneiro.

Xavier parecia já estar em sua alcova em pensamentos, pois havia enterrado a mão no decote de Sofia.

— Faremos isso amanhã cedo — tentou apaziguá-la.

— Eu não irei dormir até que os baús estejam no meu quarto!

Joanna apoiou as mãos na cintura, contendo-se para não bater os pés de raiva.

— Eles não cabem lá.

— Então terão de empilhá-los!

Enquanto Joanna observava Xavier e seu ajudante carregando os baús para cima aos gemidos, decidiu que não ficaria mais uma noite sequer no Bella Napoli. Queria voltar a Frankfurt o mais rápido possível e colocar seus tesouros em segurança. Não sabia ainda como conseguiria fazer uma viagem tão longa e perigosa sozinha, mas encontraria uma maneira. Tinha de encontrar!

[1.](#) As fúrias (erínias para os gregos) são, nas mitologias grega e romana, três deusas da vingança, que perseguem e castigam os mortais por seus delitos.

[2.](#) *Schäßgradn*: palavra chula depreciativa para mulheres, em dialeto austríaco. O leitor poderá perguntar-se, por que Joanna não entende o que o homem diz, já que na Áustria se fala alemão. Isso se deve ao fato de os dialetos regionais do alemão serem realmente bastante diferentes entre si. Dependendo da região, podem ser como uma língua estrangeira para quem vem de fora, às vezes num raio inferior a 100 km.

[3.](#) *Funzn*: palavra chula bastante vulgar e depreciativa para mulheres, em dialeto austríaco.

O novo Café Mühle



Capítulo 25



A jovem mulher olhava para baixo com as mãos entrelaçadas no colo. Os cabelos trançados em torno da cabeça marcavam o lenço escuro. A figura esbelta de blusa cinza e saia negra de pregas emanava uma graciosidade casta, apesar de a única coisa clara na sua vestimenta ser o xale branco de renda sobre os ombros.

— Então você é a senhorita Rachel — disse Gabriel, quando se viu parado diretamente diante dela.

À exceção da sua aparência triste, era mesmo tão bonita quanto no quadro que vira. A única coisa que lhe dava esperança de que haveria mais por trás do que aparentava a fachada daquela mulher eram as pequenas estrelas de Davi balançando dengosamente nas suas orelhas. Suas únicas joias.

Porém, mesmo em Frankfurt, as únicas que passeavam destemidas de saltos pela lama da Judengasse, deixando à vista um ou outro babado cor-de-rosa por baixo dos seus elegantes sobretudos negros, eram as filhas de Bär e suas amigas. As demais moradoras haviam se deixado intimidar pelo Roschakol, que voltara a adverti-las de que não trouxessem a ira de Deus sobre o beco enfeitando-se como cristãs. Parecia ser o mesmo em Worms. Ou talvez Rachel e sua mãe houvessem se vestido dessa maneira para não chamar a atenção em Frankfurt, cuja comunidade por muito tempo fora vista como a mais ortodoxa de todo o reino.

A jovem seguia sem levantar o olhar. Somente depois que sua mãe, uma matrona maciça de nariz arrebitado sentada ao seu lado no sofá dera-lhe um cutucão com o cotovelo, ela levantou-se. Calada, ensaiou uma medida diante de Gabriel e olhou-o por um momento com seus olhos de corça. Em seguida, sentou-se novamente, voltando a direcionar o olhar para as mãos.

— Sim, esta é Rachel — Esther Stern tomou a palavra em seu lugar. — E este é meu filho, Gabriel.

Ela colocou-lhe a mão no ombro e apertou-o. Gabriel, irritado, não soube qual seria o significado desse gesto. “Será que ela quer me encorajar?”, perguntou-se. Outra vez ele sentia aquela vontade irresistível de sair para a rua que aparecia sempre que ficava tempo demais na sala de seus pais.

— Gabriel é professor de música e passou muito tempo na Itália. Não é mesmo, Gabriel? — explicou Esther quando o silêncio na sala começou a tornar-se constrangedor.

Ela e Gabriel acomodaram-se em duas poltronas opostas ao sofá. Na mesinha à sua frente havia uma jarra de vinho de maçã *kosher* com quatro copos, todos não usados.

A vontade de Gabriel era de interromper a fala de sua mãe. Afinal, ele era compositor, não professor de música. Ele dava aulas somente para ganhar o seu sustento. Contudo, sendo sincero, tinha de admitir que as aulas ocupavam cada vez mais do seu tempo. Em vez de dedicar-se à sua ópera, passara a lecionar também alemão e cálculo ao pequeno Mosche Bär, o irmão de suas alunas de violino Eva e Babette. No *chêder*, a escola judaica, os meninos aprendiam apenas a escrita hebraica e a Torá. Isso não havia mudado desde o seu próprio tempo na escola.

— Nada contra — havia-lhe dito Mosche Bär sênior. — Mas um dia o menino deverá assumir os negócios.

Ele olhou furtivamente para Rachel.

“Havia algo de errado com essa menina”, pensou ele. De outra forma, sua família não o haveria escolhido como noivo para ela. Havia muitos partidos melhores, tanto em Worms como também em Frankfurt. Talvez ela fosse muda, cogitou. Ou louca... Ou talvez a família Lazarus de Worms simplesmente precisasse de alguém com cidadania de Frankfurt para poder ampliar seus negócios, seguiu com seu raciocínio. Ele sabia pela sua mãe que o pai de Rachel, Joel Lazarus, fora um judeu pobre do campo antes de casar-se com Brunhilde Kahn. Brunhilde devia ter visto algo nele que ninguém havia notado antes. No seu tempo, o casamento fora visto como uma *mésalliance*¹ em grande estilo, mas, no entretanto, Joel Lazarus havia se tornado um dos maiores comerciantes de cavalos do sul da Alemanha. Até mesmo havia rumores de que estava prestes a ser nomeado feitor da corte por seu patrono, o príncipe-eleitor do Palatinado, e que este lhe havia prometido uma propriedade à beira do Reno. Rachel, assim como suas irmãs menores, Recha e Jeanette, podia contar com um dote considerável.

Como se houvesse adivinhado seus pensamentos, Rachel subitamente o fulminou com o olhar. Sem receio, fitou-o com seus enormes olhos castanhos. Mantinha a cabeça ainda levemente abaixada, de modo que nem sua mãe nem Esther Stern perceberam a troca de olhares.

Gabriel foi o primeiro a desviar o olhar. Ele limpou o suor da testa com um lenço. Decidiu que ela provavelmente era louca. Nunca uma mulher o havia olhado assim. Assim tão avaliadora e tão implacável. Como se quisesse olhar no fundo da sua alma. Mas o que buscaria ela ali? Sabia muito bem que tudo isso havia sido arranjado! Ele não estava ali por livre vontade, mas apenas tentando ser tolerante com a situação. Ela não poderia esperar que ele demonstrasse nenhum sentimento por ela! Era verdade que ela lhe deixara uma impressão bastante esquisita, mas burra ela certamente não parecia ser.

— Escute, Gabriel, o que acha de mostrar seu novo violino a Rachel? — perguntou sua mãe, no tom típico de quem manda uma criança ir brincar.

A situação parecia ser constrangedora para ela também. Ela devia haver suspeitado de que ele estava quase se levantando, saindo da sala e batendo a porta. Certamente temia que, assim como no caso dos seus estudos, ele escolhesse seguir seu próprio caminho.

— Uma esplêndida ideia! — concordou com entusiasmo a mãe da moça. — Rachel tem uma voz tão bonita. Talvez os dois possam fazer música juntos no futuro — complementou ela em seu sotaque cantado do Palatinado.

Gabriel mal conseguia disfarçar seu desconforto com a situação. A jovem parecia não se sentir diferente. Ela olhou friamente para a sua mãe, pegou seu xale e levantou-se.

Gabriel apressou-se em abrir-lhe a porta. A passos leves, ela passou por ele e saiu ao corredor no qual os pacientes do seu pai esperavam, como sempre, que o senhor doutor voltasse do hospital.

Nesse exato momento, o cuco decidiu fazer sua grande apresentação horária: as portas da casinha do relógio com o qual um paciente agradecido havia presenteado Elias Stern abriram-se simultaneamente. O pássaro saiu crepitante da sua casinha, soltou seu sincopado “cu-co!”, bateu as asas exatamente uma vez e meteu-se de volta na sua casa.

— Vou buscar meu violino e iremos para fora. Não aguento mais ficar aqui dentro — disse Gabriel, sem ligar para o espanto evidente de Rachel sobre aquele milagre mecânico na parede.

Lá fora no beco o movimento era intenso. Era um dos primeiros dias mais amenos depois de um inverno que parecia não ter fim, seguido de uma primavera pouco animada e chuvosa. Nos rostos das pessoas via-se a alegria em antecipação dos próximos meses, quando o sol voltaria a brilhar e tudo ficaria mais leve e festivo. Até mesmo na Judengasse a vida se tornaria mais suportável, pareciam dizer seus semblantes.

Ele respirou fundo. Um cheiro de café subiu-lhe pelas narinas. A velha Sara devia ter voltado com sua barraquinha. Ele aspirou o ar novamente. Sem dúvida, ela não podia estar longe. Provavelmente estaria

em seu esconderijo habitual, atrás do velho galpão, ao lado da casa Coroa de Ouro. Todos na Judengasse sabiam que a velha Sara, além de servir café fresco na rua, torrava grãos em grande estilo em sua casa. O fogo que acendia para esse fim era tão grande que seus vizinhos temiam, não sem razão, que cedo ou tarde resultaria em danos consideráveis. As lembranças do grande incêndio no beco ainda estavam frescas na memória dos moradores. Sua própria família havia sido afetada; a casa de seus pais havia queimado, obrigando-os a se mudarem para o Camelo de Ouro. Apenas um oitavo da área útil lhes pertencia, pois somente quem tinha uma habitação também recebia a cidadania. Mas ninguém tinha condições de manter uma casa inteira. Em nenhuma outra parte de Frankfurt pagava-se mais caro para ter um teto sobre a cabeça. Por sorte, ninguém da família saíra ferido do incêndio, no entanto ele mantinha uma enorme cautela com tudo que tivesse a ver com fogo. Tornara-se uma verdadeira mania sua apagar todas as velas ao sair de um cômodo.

Mas por que pensar nisso agora? Gabriel sacudiu-se para livrar a cabeça dos pensamentos. A velha Sara precisava do dinheiro que fazia com a venda de café e a torrefação dos grãos para viver, e ele precisava urgentemente de um café para lidar com a maldita situação em que sua tão preocupada mãe o metera. E talvez a estranha jovem ao seu lado, que seguia sem dizer palavra, também precisasse de um café para finalmente soltar a língua. Se Rachel cantava tão bem como afirmara a sua mãe, ao menos não podia ser de todo muda.

Calado, ele pegou no braço da jovem para conduzi-la nos poucos passos que os separavam da casa Coroa de Ouro. Seu braço parecia ao mesmo tempo macio e firme por baixo do grosso tecido do sobretudo. A moça exalava um suave perfume de lírios-do-vale.

— Aonde vai tão apressado, jovem amigo? — disse uma voz familiar às suas costas.

Tinha de ser Jehuda! Era óbvio que não passaria despercebido! Vagarosamente, Gabriel virou-se. O merceeiro estava parado à frente da sua loja, agitando os braços para espantar os dois mendigos que se haviam acomodado em uns trapos velhos justo ao lado do seu escaparate. Os dois homens não perderam somente seus pertences, mas também suas famílias no último incêndio. Como sempre, Jehuda usava um casaco colorido de seda e, por baixo, um longo *kaftan*, com a inevitável gola de renda branca. Na cabeça, usava apenas o solidéu.

— *Shalom*, Jehuda! — saudou-o Gabriel, emburrado. Ele viu que o velho colocou a cabeça de lado para então acenar cordialmente para Rachel, que retribuiu a saudação calada.

Deus do céu, será que essa menina não era capaz de emoção alguma? Gabriel começou a sentir raiva da sua acompanhante. Era essa a mulher com a qual deveria entrar embaixo do *chupá*²? O que sua mãe estava pensando? Certamente haveria muitos homens que ficariam felizes em poder simplesmente caminhar ao lado de uma mulher tão linda quanto Rachel. Os dois aprendizes que haviam passado ao seu lado com uma escada tinham inveja estampada no rosto. E luxúria, apesar da aparência casta de Rachel. Mas o fato de outros homens evidentemente o considerarem um sortudo não melhorava em nada a sua situação. Outros também não se incomodariam se suas mulheres não dissessem uma palavra sequer — pelo contrário, ficariam contentes. Ele conhecia vários que dariam tudo para que a querida esposa não passasse o tempo todo dizendo asneiras, mas calasse a boca.

Seus dedos aumentaram a pressão no braço de Rachel. Ele quase a arrastava pela multidão, até finalmente chegarem à Coroa de Ouro e ao galpão atrás dela. As pessoas formavam fila diante da barraquinha de café. Quando por fim chegou a sua vez, a velha Sara mostrou-lhe o sorriso desdentado e, sem perguntar, serviu dois copos com o líquido quente e fumegante de uma grande caldeira à sua frente. Ao entregar o copo a Rachel, as pontas dos seus dedos tocaram-se. Já em casa, quando ela ainda estava sentada no sofá ao lado da mãe, ele notou que suas mãos eram bonitas. Delicadas, mas fortes. Como se fossem laboriosas.

Ele tomou um grande gole do seu copo e soltou um suspiro de satisfação quando o líquido quente escorreu pela garganta. Como sempre quando bebia café, pensou em Joanna Berger. Contudo, procurou suprimir o pensamento. Realmente não era o momento de pensar em seu amor perdido que, além do mais, nunca havia se consumado. Não de verdade. Porque não podia ser.

Ele obrigou-se a voltar o olhar para a sua futura esposa. Por cima do canto do copo, Rachel parecia sorrir para ele. Ele não via a sua boca, mas pequenas ruguinhas haviam se formado em torno dos seus olhos castanhos. Contudo, quando devolveu o copo vazio à velha Sara, seus lábios mostravam a mesma expressão fechada de antes.

Ele também devolveu o seu copo e pegou a caixa do violino, que havia deixado no chão entre as pernas.

— Venha — disse ele a Rachel. — Vamos até o rio. Lá não seremos incomodados.

Tarde demais ele se lembrou de que, uma vez que estivessem em seu lugar favorito embaixo da ponte, inevitavelmente pensaria em Joanna outra vez. Esse continuava sendo o local onde mais frequentemente ensaiava. Somente no inverno tocava em casa, em seu quarto, porque ao ar livre seus dedos enrijeciam. Por outro lado, embaixo do telhado mal isolado da casa não era muito melhor, já que no seu quarto não havia estufa. “Tocaria duas ou três sonatas de Corelli para Rachel, talvez mais um movimento de um concerto para violino de Vivaldi”, pensou. Depois, voltariam calados para casa, para junto de suas mães, trocariam um formal aperto de mãos e, no seu próximo encontro, já estariam noivos. Poucas semanas depois, haveria outro encontro, talvez com um pouco de tempo a sós no quarto para conhecer-se melhor. Seu prezado antigo professor Samuel Miltenberg uma vez lhe contou que alguns pais permitiam esses últimos minutos a dois antes do matrimônio para garantir que houvesse um mínimo de atração física — obviamente, sem que chegasse a acontecer algo mais sério. Por fim, restaria somente consumir o casamento. O que se seguiria, seriam vinte, trinta, quarenta anos conjuntos, nos quais algumas crianças nasceriam, e talvez algo como respeito mútuo e afeição. Com muita sorte, talvez até amor.

Se pudesse, Gabriel embarcaria no navio mercante que nesse momento passava por debaixo da ponte, desceria o Reno até Mainz, depois subiria o Reno até Basel. De lá, atravessaria os Alpes a cavalo ou com a diligência dos correios para chegar à Itália. À Veneza, onde Joanna estava. Mas de que adiantaria? Possivelmente ela já estaria casada com aquele *conte*, morando com ele em um dos suntuosos *palazzi* da parte superior do Canal Grande. Ou talvez ela nem estivesse mais na cidade da laguna. O cartógrafo não havia dito que ela pretendia seguir viagem para Constantinopla?

— Ei, vocês pretendem acampar aí, no meio da rua? Ou será que poderiam chegar para o lado?

Rachel fora magicamente atraída por uma mesa com bugigangas em frente à loja de penhores de Gideon Schmidt. O próprio dono estava sentado em um banquinho em meio à mercadoria, polindo alegremente um velho candelabro. Curiosa, a jovem começou a revirar uma caixa com livros e, de tão absorta, não percebeu que estava bloqueando a passagem.

Ao olhar para o rapaz magro com a carriola que havia estado esperando atrás deles, Gabriel reconheceu o filho do servente da comunidade. Jonah Korn frequentemente era obrigado a substituir seu pai, que sofria de gota, em sua ronda matinal pelo beco, batendo nas portas para chamar os homens para o culto. Ele incrementava o parco salário que recebia da comunidade fazendo entregas em domicílio e serviços de mensageiro.

— Oh, desculpe, senhor professor! — disse o menino assim que reconheceu Gabriel.

— Tudo bem — respondeu este amavelmente, puxando Rachel pela manga, que a contragosto soltou-se do livro grosso que tinha nas mãos. — Deixe-nos ir até o rio, senhorita Rachel, antes que fique tarde!

Finalmente chegaram à margem do rio. Educadamente, Gabriel estendeu a mão a Rachel para ajudá-la a descer a ribanceira. Ela movia-se com surpreendente agilidade em sua longa saia plissada. Joanna havia

sido mais cerimoniosa, lembrou-se ele. Em contrapartida, ela havia-lhe parecido tão sedutora à sua maneira desajeitada que não pôde deixar de abraçá-la. Naquele momento ficou claro para ele que ela era a mulher que sempre procurara. Por que havia tido a infeliz ideia de levar Rachel justamente ao local onde passara os momentos mais felizes com Joanna? Ela era a única a quem ele havia mostrado seu esconderijo — que não era tão secreto assim, já que os pescadores podiam vê-lo e ouvi-lo do rio. Além disso, Hans e Hetti também haviam encontrado esse “salão de concertos” independentemente dele. Mas, não obstante, o lugar tinha algo de sagrado para ele. E estava prestes a profaná-lo. E se agora ela se sentasse na mesma pedra na qual Joanna o havia escutado tocar...

Desanimado, tirou o violino da caixa e apoiou-o no queixo. Rachel permaneceu em pé. Quando ele apoiou o arco nas cordas, ela levantou a mão.

— Pare — disse ela.

Surpreso, Gabriel baixou o arco.

— Pare? — perguntou ele, perplexo.

— Sim, pare! — repetiu ela, decidida. Sua voz não era, nem de longe, monótona como ele instintivamente esperara. Era calorosa e um pouco rouca.

— Por quê?

— Amas a outra, não é verdade? E já tocaste para ela aqui...

Não fora uma pergunta, e sim uma afirmação. Incrível que ela dissesse algo assim! Como uma criança que diz em voz alta a primeira coisa que lhe passa pela cabeça. Como se ela pudesse simplesmente saltar as barreiras da decência. “Será que ela percebera que o tratara por tu?” Gabriel olhava-a descrente.

— Eu vi no teu rosto. Já antes, quando tomamos café, parecias estar distante em pensamentos. Como se um feitiço houvesse caído sobre ti. E agora novamente — Rachel sacudiu a cabeça. — Não quero que toques para mim aqui. Não seria mesmo para mim — continuou ela, impávida.

Gabriel concordou com um movimento de cabeça. Ela tinha razão; não fazia ideia de quanta razão tinha! Que garota mais peculiar e que romântica era! Será que ela procurara por histórias de amor naquela caixa de livros?

— Deixe-me cantar para ti, Gabriel! Como sabes, dizem que minha voz é muito bonita.

Pela primeira vez, ela lhe pareceu ligeiramente sedutora. Mas mesmo com essa faceirice, havia algo de errado. Seus modos rígidos e recatados eram quase como uma deficiência, e ela não conseguia se livrar deles.

Seus lábios contorceram-se em um pequeno sorriso e duas covinhas apareceram ao lado da sua boca. Ela colocou-se no ponto exato onde ele costumava ficar quando tocava embaixo da ponte — o lugar onde o teto era mais alto. Em seu contralto caloroso, pôs-se a cantar *Au clair de la lune, mon ami Pierrot*³, de maneira simples, mas muito impressionante.

Ao perceber que ele ouvia com atenção, cantou *Hevenu Shalom Aleichem*⁴ com a mesma simplicidade comovente. Por fim, disse:

— Agora chega. Devemos ir-nos, pois minha mãe está esperando.

— Sim, vamos — disse Gabriel. E elogiou baixinho:

— Cantaste bem, muito bem.

¹. *Mésalliance*: termo francês para “aliança ruim”; união fadada ao fracasso. (N.T.)

². *Chupá*: (pronuncia-se ‘rupá’) é a tenda sob a qual se realiza o casamento judaico, símbolo da moradia a ser dividida pelo casal. (N.T.)

³. Trata-se de uma canção popular francesa do século XVIII, de autoria desconhecida.

⁴. Canção tradicional hebraica. (N.T.)

Capítulo 26



Era tarde quando o navio de linha de Mainz finalmente atracou em Frankfurt. O sol se punha sobre o *Gutleuthof*¹. A maioria das pessoas que frequentavam o porto durante o dia — trabalhadores, vendedores de peixe, viajantes, burgueses a passeio com suas crianças, cocheiros que dirigiam seus pangerés por entre as massas confusas de gente — já havia ido para casa. O expediente do guincho de carga também terminara. Um barril pendia à meia altura, balançando ao vento. Somente alguns pescadores, os usuais mendigos e um pequeno grupo de homens com carriolas permaneciam no cais.

Por sorte, havia também um carro de bois, como se alguém houvesse adivinhado que ela viria nesse navio. Um jovem loiro, quase uma criança ainda, e um homem de idade, provavelmente seu pai, estavam encostados contra o carro, entediados e mastigando palhas.

Joanna recostou-se sobre o parapeito, fazendo gestos agitados para o dono do carro de bois. Ela abriu os braços, indicando tratar-se de bagagens grandes, e esticou as mãos com os dedos bem abertos, seguido de um único polegar. Esperava que o cocheiro entendesse que desejava comunicar a quantidade dos seus baús. Não queria nem pensar no que aconteceria se ele fosse contratado por outro viajante enquanto ela estivesse na alfândega. Provavelmente, teria de passar a noite no porto e dormir sobre os baús, sempre alerta aos malandros que pudessem roubá-los. E isso às portas da sua casa!

Ela olhou desconfiada para os dois aduaneiros que vinham andando do Fahrter em sua direção. Era quase hora de os portões da cidade fecharem e ela sabia que esses homens podiam esticar as formalidades alfandegárias, de forma que ela tivesse que pagar a taxa para passar depois do horário. Já na época de Carlos Magno² devia haver tipos como esses do outro lado do rio, cobrando pedágio, imaginou ela — quando o rei dos francos, em sua caçada, atravessou o vau do Meno, que mais tarde viria a ser Frankfurt³.

Entretanto, os dois aduaneiros estavam de bom humor e olharam apenas os três primeiros baús furtivamente antes de lhe entregar os papéis necessários e desejar boa sorte com sua cafeteria. Certamente, as moedas que ela dera a cada um haviam a auxiliado.

— Os senhores sabem quem eu sou? — perguntou ela, surpresa.

— Naturalmente — disse amigavelmente o menor dos dois homens. — A senhora é a dona do Café Mühle. Que bom que a senhora voltou! Seu café sempre foi o melhor da cidade. Uma desgraça o que fizeram com a sua loja!

Ele balançou a cabeça como se soubesse exatamente o que ocorrera na ocasião.

— Mas agora a senhora está de volta — disse o colega bem-humorado. — Agora poderemos voltar a tomar um bom café.

Os dois homens saudaram-na com um toque em seus tricórnios e voltaram-se aos outros passageiros do navio que esperavam para ser atendidos.

Joanna endireitou as costas e ergueu o queixo. Conseguira deixar o primeiro obstáculo para trás, suspirou aliviada. Além disso, lembravam-se dela. E sentiam falta do seu café. Era um verdadeiro sinal de boas-vindas! Ela respirou profundamente: sim, ela estava de volta! Apesar da aflição que passara ao

embarcar no navio em Mainz e que não a deixara em paz durante toda a viagem, agora se sentia tranquila. Finalmente saberia como estavam Lili e Margareth. A dúvida teria um fim, seus pesadelos acabariam. E ela poderia voltar ao trabalho. Sentia as pontas dos dedos formigarem, como se suas mãos não pudessem mais suportar a falta do que fazer.

Ela deixou seu olhar percorrer os prédios suntuosos ao longo do passeio à margem do rio. Frankfurt — aqui era mesmo seu lar verdadeiro, apesar de todo o amor por Veneza, Constantinopla e até mesmo Nápoles. Como era bom, depois de tanto tempo, ouvir o sotaque cantado e levemente anasalado dos moradores dessa cidade! Ela olhou para a margem oposta, de Sachsenhausen, mergulhada em tons vermelhos pelos últimos raios do sol poente. Ao menos visto dali, tudo parecia em velha ordem. Quanto tempo havia estado fora? Quase um ano, se suas contas estivessem corretas. Pareceu-lhe uma pequena eternidade.

Apesar de haver jurado nunca mais pisar em um navio, em Basel optara pela via fluvial. Por terra, o risco de cair em emboscadas era maior — descontando os pedágios, onde deixaria um após o outro dos seus florins. A experiência com o falso conde e Gül ainda lhe pesava no espírito. Pouco antes da partida, o desconsolado Xavier ainda lhe contara que o dissimulado húngaro, sua filha doente e o mal-encarado vienense formavam uma famigerada quadrilha de ladrões que viajava pelo mundo para atacar fulminantemente à primeira oportunidade. Toda a Nápoles ficara sabendo da tentativa de roubo dos baús do seu hotel! Xavier parecera até um pouco ofendido por, apesar de ser um antigo pirata, não haver suspeitado do golpe e haver se deixado enganar pelos gatunos.

“Sua escrava devia estar bastante insatisfeita para se juntar a esse bando tão rapidamente”, dissera.

Joanna não queria nem mais pensar nessa história.

Outro motivo por ter escolhido o caminho pelo rio fora porque as dificuldades que passara transportando os pesados baús em lombo de mula pelo passo do Simplon⁴ haviam sido mais que suficientes. Que nem os baús e nem ela houvessem acabado destroçados no fundo de algum precipício parecia-lhe um milagre. Que bom que tudo isso fazia parte do passado!

Joanna soltou-se do panorama das casas embebidas em luz vermelha, pegou sua bolsa de viagem, na qual havia posto algumas roupas e umas poucas lembranças, e desceu apressadamente a estreita prancha de madeira para a margem. No cais, parou para respirar fundo mais uma vez. Ar de Frankfurt — sim, ela havia chegado!

Ao ver que o homem bem-vestido que havia estado no navio com ela, e que ela sabia estar carregado de bagagem, dirigira-se rumo ao carro de bois, levantou suas saias e ultrapassou-o.

— A senhora parece não saber o que são bons modos! — ouviu o homem xingando atrás dela.

Mas ela não se importava com o que pensassem dela. Estava muito perto do seu objetivo e não se deixaria deter. Nem se o imperador em pessoa parasse no seu caminho!

Finalmente, o cocheiro e seu filho carregaram todos os onze baús e o carro pôs-se em movimento através do Römerberg. Impaciente, ela andava ao lado do carro e a cada subida ajudava os bois, empurrando-os com o jovem.

Ao chegarem à Praça do Mercado, o dono do carro virou-se para ela.

— Onde quer que deixemos as coisas?

Joanna parou para recuperar o fôlego. Com a manga do vestido, limpou o suor da testa e olhou para a fachada da sua casa. Que visão desoladora! As venezianas que não haviam sido arrancadas estavam todas fechadas. Nenhuma luz brilhava. Um monte de entulho empilhava-se ao lado da porta. Tufos isolados de grama despontavam por entre os escombros. Era óbvio que ali não morava ninguém. Comparada aos lindos prédios de enxaimel à esquerda e à direita, dava mesmo a impressão de descuido, que os vizinhos certamente considerariam uma desgraça.

Ela teve de desviar o olhar. As lembranças daquele dia infeliz que havia destruído suas esperanças apareceram de repente perante os seus olhos, tão vívidas como se o ataque de Gottfried e seus capangas estivesse acontecendo naquele momento. Ela escutou a gritaria, o romper da madeira, o estilhaçar das louças.

Sentiu novamente a própria impotência, seu ódio pelo homem que destruíra os seus pertences e, por pouco, não fora responsável pela morte de um ser humano. Não, não podia pensar em Gabriel agora! Ou tudo ficaria ainda pior.

Ela enxugou as lágrimas das faces e olhou beco abaixo, em direção ao Römer. A penumbra da noite havia chegado, mal se via a própria mão diante dos olhos. Os vizinhos pareciam estar todos fora. Somente na loja do cartógrafo havia luz. Reconheceu os contornos de Ludwig Haldersleben, de cabeça baixa. Ao lado dele havia alguém sentado que não pôde reconhecer. Decidiu que iria chamá-lo assim que houvesse guardado os baús. Estava ansiosa por contar ao amigo as histórias da sua viagem. Ele certamente faria muitas perguntas que ela não poderia responder adequadamente, mas nem ele, nem ela se incomodariam. Ele sabia que os seus conhecimentos gerais de geografia não eram os melhores e, além do mais, ninguém podia mesmo competir com ele nessa área. Apesar disso, ele dava valor à sua sensatez, isso ele já lhe havia dito.

— E então? — perguntou o cocheiro, impaciente. — Onde descarregamos?

Indecisa, ela olhou o homem no rosto. Ele tinha o pomo de adão enorme, assim como o seu filho. Pelo canto dos olhos ela viu o boi levantar o rabo e soltar uma enorme descarga marrom. No último instante saltou para o lado, evitando os respingos.

— Eu não sei — confessou ela, desanimada. Todo o seu entusiasmo sumiu. Subitamente, sentiu medo do que a esperava quando abrisse a porta do Café Mühle. Por dentro, deveria estar muito pior que por fora.

— A senhora não tem um pátio? — grunhiu o homem.

Ele cuspiu por entre os dentes.

— Tenho, sim, é uma boa ideia — disse Joanna.

Ela destrancou o portão e entrou no pátio. Com esforço, moveu o trinco enferrujado para abrir as duas asas do portão e mandou que o homem entrasse com o carro. As coisas não pareciam tão ruins como ela imaginara: alguém havia retirado os destroços e até mesmo regado as plantas.

Com movimentos ágeis e experientes, o cocheiro e seu filho descarregaram os onze baús do carro e empilharam-nos embaixo do alpendre do galpão. Joanna deu-lhes uma boa gorjeta e trancou o portão atrás do ruidoso carro.

Afinal estava sozinha. Mas seu alívio não durou muito. A aflição voltou a tomar conta dela quando, depois do curto momento de conscientização, abriu cuidadosamente a porta da cozinha, que gemeu baixinho. Ao entrar no salão, um cheiro de poeira e mofo subiu-lhe ao nariz.

Esperava encontrar a mesma imagem de destruição total que ficara fixada em sua mente desde o dia da partida. Mas também aqui alguém havia posto tudo em ordem na sua ausência. A pouca mobília que ficara intacta estava empilhada em um canto da sala. O chão havia sido varrido; as janelas quebradas estavam fechadas por dentro com tábuas. Havia até mesmo alguns pedaços de lenha no cesto ao lado do fogão, sobre o qual estava o seu mais antigo bule de café de latão. Tinha alguns amassados, mas parecia intacto. A panela de água ao lado dele também parecia usável.

Uma sensação de profunda gratidão fluíu por ela. A dúvida que sentira quanto a se teria forças para ousar um novo começo foi dispersada pela visão do salão arrumado, devolvendo-lhe a confiança. Agradeceria pelo restante da vida a quem quer que houvesse posto ordem ali. Provavelmente a pessoa nem imaginava o grande favor que lhe fizera. Teriam sido os Haldersleben? Ou Elisabeth?

Repentinamente sentiu grande vontade de beber uma xícara de café. Sim, não havia melhor bebida de

boas-vindas. Ainda mais no Café Mühle. Contudo, faltavam-lhe tanto os grãos como também a possibilidade de acender o fogo. E precisava de companhia, reconheceu. Sem falar que estava louca por saber das meninas. Era tarde, mas havia visto a luz acesa na loja de Ludwig Haldersleben. Ele certamente não teria nada contra se ela batesse na porta. E talvez tivesse até uma xícara de café para ela.

Rapidamente pegou seu xale, trancou as portas e saiu à rua. A loja do cartógrafo seguia iluminada, mas não se via mais ninguém por trás dos vidros. Nem ele, nem a outra pessoa que estava sentada ao seu lado.

Ela bateu na porta. Nada. Onde estaria Haldersleben? Não devia ter ido dormir sem apagar as luzes da loja... Ela bateu novamente. Por fim, ouviu passos atrás da porta.

— Quem é? — perguntou o cartógrafo, desconfiado.

— Sou eu, Joanna — respondeu ela, meio receosa, meio saudosa.

— Joanna!

O cartógrafo estava bem diferente do que ela lembrava. Pela primeira vez, sem uniforme e sem peruca. Para seu espanto, seus cabelos não eram grisalhos, mas castanho-escuros e um pouco desgrenhados. A cor do seu rosto também havia mudado a um tom mais rosado. Exibia surpresa e constrangimento.

— Estou incomodando? — perguntou Joanna prontamente.

— Não, não, é claro que não! — apressou-se a responder o cartógrafo. — Que bom que você está de volta! Mas... Sinceramente, ainda não contávamos com a sua chegada.

Ele havia aberto a porta apenas pela metade, de modo que ela não podia olhar para dentro. Ludwig Haldersleben parecia inseguro sobre o que deveria fazer em seguida.

— Eu só queria dizer que estou de volta — disse Joanna, um pouco receosa. — E perguntar se... se eu...

Subitamente sentiu que seria melhor não se convidar para entrar. Mas talvez ele pudesse emprestar-lhe um graveto aceso, um punhado de grãos de café e um pouco de água fresca para que pudesse preparar um bule para si.

— Jô, é você? — ouviu ela de repente uma voz aguda vinda dos fundos da loja.

Ludwig Haldersleben abriu a porta um pouco mais e Joanna viu Elisabeth vindo ao seu encontro de braços bem abertos. A amiga estava fantástica com seu vestido largo e colorido e os cabelos loiros soltos.

— Minha Jô, finalmente voltou! — gritou Elisabeth, radiante de alegria, e apertou-a contra o peito. — Sentimos tanto a sua falta!

Demorou um pouco até que a amiga a soltasse do seu abraço. Perplexa, ela olhava de Elisabeth, em cujas faces se haviam formado manchas vermelhas, para Ludwig Haldersleben. Um sorriso misterioso apareceu nos seus lábios.

O que fazia Elisabeth tão tarde da noite na casa do cartógrafo, ainda mais nesses trajes? A loja estava fechada havia tempo! Joanna não se lembrava que a amiga se interessasse por mapas ou similares. E onde estava Cornélia Haldersleben? E mais, por que Elisabeth não estava em Bornheim com as meninas?

Ludwig Haldersleben olhou-a como se adivinhasse seus pensamentos. Ele abriu a boca para dizer algo e voltou a fechá-la. Joanna fez-lhe um sinal encorajador com a cabeça.

— Nós... bem... Nós estamos noivos — disse afinal, solenemente, e agarrou a mão de Elisabeth.

— O quê? — gritaram as duas mulheres ao mesmo tempo.

— Sim, minha querida, eu não tive a oportunidade de dizê-lo, mas quero casar-me com você. E Joanna será a madrinha. Você faria isso por nós, vizinha?

— Ludwig, você está louco! — disse Elisabeth, rindo, depois do curto momento de susto. — Eu já sou casada, esqueceu?

Joanna perdeu a voz. Elisabeth e Ludwig Haldersleben, um casal!? Quem haveria pensado nisso? Ela

havia realmente perturbado a intimidade dos amantes. Por isso demorara tanto até que o cartógrafo abrisse a porta. Por isso havia estado tão constrangido.

— Não, eu não estou nada louco — disse ele alegremente e beijou Elisabeth na boca, embaixo dos olhos de Joanna. — Minha cabeça nunca esteve tão clara em toda a minha vida. Eu te amo, Elisabeth, e quero passar o restante da vida com você. Simples assim. E agora, brindemos! — e, voltando-se para Joanna: — E também à sua volta, Joanna. Bem-vinda à sua casa! — bradou ele. — Estou muito feliz pelo seu retorno!

Elisabeth, Ludwig Haldersleben e ela já estavam sentados, cada um com uma xícara de café e um copo de aguardente de maçã à sua frente, quando Joanna finalmente criou coragem para fazer a pergunta que a atormentava o tempo todo.

— Mas agora me diga: onde estão as meninas, Elisabeth? — perguntou e bebeu um gole de café.

— Bem, esta é uma longa história — começou ela, sem jeito. — Depois que partiu, a princípio tudo ia muito bem. Estávamos juntas em Bornheim, na casa do seu irmão. Lembra-se, não?

Ela olhou para Joanna, ainda mais curiosa.

— É claro que eu me lembro!

Joanna estava ficando impaciente. Se não soubesse que a amiga, com seu jeito cerimonioso, sempre demorava para chegar ao ponto, pensaria que ela queria torturá-la de propósito.

— Por favor, dê-me a versão curta e diga-me onde estão todos, Elisabeth! Comece pelo fim da história, não pelo começo, por favor!

Ela viu que Elisabeth pensava. Ludwig Haldersleben pigarreou, como se estivesse disposto a intervir no relato, caso fosse necessário.

— Então, tudo ia muito bem. Morávamos na quinta do seu irmão e eu costurava para fora para que tivéssemos um ganha-pão. Afinal, não queria que fôssemos um peso para o Simon, pois ele já tem o suficiente com todas aquelas crianças.

Ela abanou a cabeça, como se não entendesse como alguém podia botar dez filhos no mundo. Joanna secretamente dava-lhe razão. Ela também nunca entendera seu irmão e sua mulher. Mesmo assim, queria finalmente saber o que acontecera a suas próprias enteadas.

— Elisabeth, por favor...

— Sim, e as meninas me ajudavam. E trabalharam na lavoura também. Duas vezes por semana eu as acompanhava à casa dos Haldersleben para que tivessem aulas com Cornélia.

Ela sorriu para o cartógrafo, que correspondeu carinhosamente.

— Aí Ludwig e eu fomos ficando mais próximos. Eu tinha que fazer algo enquanto as crianças estavam com Cornélia... — explicou ela. — De tão entediada, comecei a arrumar o Café Mühle, mas então Ludwig flagrou-me tentando levar sozinha as tábuas pesadas dos bancos e das mesas destroçadas para fora. E como verdadeiro cavalheiro que é, imediatamente me ajudou. E foi assim que nós dois arrumamos tudo — ela riu envergonhada, como uma menininha. — E então um dia... Um dia ele me...

Joanna não queria parecer rude, afinal acabara de descobrir a quem devia a limpeza da sua cafeteria, mas aos poucos sua paciência ia chegando ao fim.

— Certo, e as meninas ficavam com Cornélia. Mas onde estão elas agora? — quase implorou pelo resumo do relato da amiga.

— Espere. Antes eu queria contar-lhe o que aconteceu com Anne e Sybilla — continuou Elisabeth. — Sabe, o seu merceeiro, Jehuda ben Abraham, conseguiu-lhes um trabalho como serventes para o *shabat*. Não é ótimo? Você sabe que os judeus não podem fazer coisa alguma no *shabat* e a sua criadagem também não. Então os judeus mais ricos contratam cristãos para que alguém possa acender o fogo e esquentar a comida. Eles pagam muito bem e têm ajudado muito as duas. Elas até nos deram uma parte do

dinheiro. E a Scott — antes que ele começasse a trabalhar com Ludwig.

Ela apertou a mão do cartógrafo, que não tirava os olhos dos seus lábios, sem perceber que Joanna quase explodia de nervosismo. “O que se havia feito da astúcia de Haldersleben”, perguntou-se ela resignada. Estava ele tão cego de amor que não percebia como Elisabeth fugia mais e mais do assunto?

Ela examinou as faces rosadas do cartógrafo que, pela ação do álcool, haviam ganhado ainda mais cor. Não, mesmo que ele quisesse ou pudesse, provavelmente não seria capaz de apressar Elisabeth. Ela simplesmente era assim — quando Elisabeth era obrigada a tomar um atalho, ficava confusa.

— Scott trabalha aqui? Eu espero que ele esteja se portando razoavelmente bem — comentou Joanna com Ludwig. — Mas agora quero realmente saber onde estão minhas meninas! — disse um pouco mais alto do que pretendia.

— Com Philipp Ingen — apiedou-se o cartógrafo finalmente. — Ele as tirou de Elisabeth. Aconteceu por volta da festa da Candelária. Eu sinto muito, Joanna, tentamos protestar, mas ele é o tutor oficial. A lei está do lado dele.

Ela havia suspeitado o tempo todo — o fato de Elisabeth estar sem as meninas em Frankfurt, seus rodeios, o silêncio de Ludwig Haldersleben... Ainda assim, a notícia acertou-a em cheio.

Joanna empurrou a xícara de café e o copo de *schnaps* para o lado e apoiou a cabeça nas mãos. Fechou os olhos para que as lágrimas não pudessem escorrer. Tudo havia sido em vão! Nada do que havia nos malditos baús, pelos quais ela tanto lutara, toda a sua nova riqueza, com a qual queria fazer um novo começo — nada disso podia compensar a perda das suas enteadas. Ela chegara tarde demais. De que lhe adiantava uma cafeteria florescente sem as suas enteadas?

Elisabeth levantou-se. Com seu vestido colorido e os cabelos soltos, parecia a menina com a qual Joanna brincava de princesa antigamente.

— O que disse, Ludwig? Veja o que fez! — censurou ela, que se ajoelhou ao lado de Joanna no chão, abraçou sua cintura e encostou-lhe a cabeça no ombro.

— Eu queria contar-lhe com jeitinho, Jô — sussurrou ela, chorando.

Quando também Joanna desabou aos prantos, Elisabeth levantou-se novamente e derramou o último resto de café do bule em um dos copos, no qual ainda havia um resto de *schnaps*.

— Aqui, beba! — disse, decidida.

Ela levou o copo aos lábios de Joanna, obrigando-a a tomar a bebida morna como se fosse um remédio.

[1.](#) O *Gutleuthof* foi a maior propriedade agrícola diante dos portões da cidade de Frankfurt e passou por diversas fases na sua história. Surgiu no século XIII, servindo de abrigo e hospital a leprosos até o século XVI. No século XVII, serviu temporariamente como prisão. Hoje o terreno abriga uma escola profissionalizante. (N.T.)

[2.](#) Carlos Magno foi rei dos francos por volta de 768 e imperador do Ocidente (*Imperatur Romanorum*) entre 800 e 814. Expandiu o Reino Franco até que ele se tornasse o Império Carolíngio, que incorporou a maior parte da Europa Ocidental e Central. (N.T.)

[3.](#) A tradução da palavra *Frankfurt* é “vau dos francos”. (N.T.)

[4.](#) Passo do Simplon: um passo de alta montanha nos Alpes suíços. Sua importância para o tráfego é grande, pois, ao contrário do Passo do Grande São Bernardo, está aberto quase o ano todo. (N.T.)

Capítulo 27



Joanna dera as costas para os troféus de caça e olhava pela grande janela o movimento matinal na rua. Na Zeil, uma das principais ruas de comércio do país, sempre havia muito para ver. Um cavalo atrelado a uma carroça de um só eixo desmoronara no chão, sem motivo aparente. Seu dono dera-lhe com o açoite, mas o animal recusou-se a levantar. Um círculo de curiosos agrupou-se em torno do triste espetáculo.

Era um dia excepcionalmente frio e chuvoso para o mês de junho. A maioria dos transeuntes levava pequenos guarda-chuvas, que normalmente serviriam como guarda-sóis, ou então haviam enrolado lenços em volta da cabeça para proteger-se da garoa. Ela mesma havia pendurado seu manto úmido sobre uma das poltronas de couro.

Na noite anterior, faltaram-lhe forças para ir ao encontro de Philipp Ingen, o tutor das suas enteadas, de tão exausta que a viagem a deixara. Elisabeth lhe havia ajudado a arrumar sua alcova dois andares acima do Café Mühle, deixando-a habitável depois da sua longa ausência e ordenado-lhe que fosse dormir, deixando a conversa inevitavelmente desagradável para o dia seguinte.

A primeira noite na própria cama depois de tanto tempo havia sido um verdadeiro prazer, de modo que acordara bem-disposta às seis e meia da manhã e saíra imediatamente para a rua, mesmo com a chuva. Quanto mais cedo aparecesse na casa de Ingen, melhor seria. Assim poderia ter certeza de que ele estaria em casa. E ele não teria tempo de inventar quaisquer artimanhas para livrar-se dela. Ela não duvidava de que a notícia do seu retorno se espalhasse rapidamente pela cidade. A viúva Berger não era qualquer uma, como já havia mostrado o encontro com os dois amáveis agentes aduaneiros. Mesmo que depois dos acontecimentos na inauguração do salão de senhoras essa fama fosse triste.

Esperava havia mais de uma hora na antessala do primeiro andar do prédio senhorial no extremo ocidental da Zeil. Ela escutava com afã os ruídos da casa que recém-despertava. Na sala ao lado, onde ficava o escritório de Ingen, ouviam-se vozes abafadas que indicavam a presença de pessoas. Ela cerrou os punhos, olhando para o cavalo sem vida na rua. Tinha vontade de bater com as duas mãos contra a grande porta dupla pintada de cinza, exigindo que a deixassem entrar. Se ao menos houvesse um espelho no salão de caça no qual pudesse certificar-se de que seu *kajal* não estava borrado. Mas não havia espaço para isso em meio a todas aquelas armas antigas, chifres de veado e perdizes empalhadas. Até o papel de parede tinha uma estampa relacionada à caça: senhores grã-finos a cavalo perseguindo um javali. Uma matilha de cães malhados de marrom e branco e de focinhos negros corria, de orelhas abanando e línguas de fora, ao lado dos cavalos, enquanto o primeiro dos cavaleiros soprava sua corneta para o ataque.

A obsessão de entrar para a nobreza era uma das duas motivações principais de Philipp Ingen. A outra era a caridade. Desde que, havia três anos, se casara com a rica herdeira Trudi Kühnemeier (que, pela idade, poderia ser sua filha), o antigo tabelião podia dedicar-se às duas sem restrições. O pai de Trudi havia disposto em testamento que a metade de sua fortuna fosse para uma fundação caritativa e que a outra metade ficasse para a filha. Após a morte do pai, sua primeira compra fora o belo palácio na suntuosa Zeil.

Quem morava ali conseguira prosperar! Joanna sabia bem que era exatamente esse o efeito desejado, mas mesmo assim se sentira intimidada pelo moderno prédio de três andares, com sua frente de oito janelas e o grandioso portal de entrada. No salão de recepção de mármore, um criado de *libré* a havia detido, perguntado por seu nome e o assunto que viera tratar e, então, encaminhado-a a uma escada larga, que dava para o primeiro andar.

— O *monsieur* a receberá em breve — disse ele, antes de empurrá-la para dentro do pequeno salão de caça.

Quando Philipp Ingen ainda prestava serviços a Adam, cujos contratos preparava e cujo testamento redigira, estivera quase todos os dias no Café Mühle. Joanna nunca entendera realmente por que Adam escolhera justo esse carola tedioso para padrinho das duas meninas.

“Philipp é extremamente confiável. E honesto. Não se preocupe!”, dissera Adam, procurando acalmá-la.

Contudo, desde o casamento com Trudi Kühnemeier, Philipp Ingen parecia considerar que o Café Mühle não estava à altura de um homem na sua posição. Como fiel fiduciário de uma fundação importante, ele procurava agora a companhia dos membros do Conselho e outros ilustres e bebia o seu café no Kaffeeakademie da viúva Pick, acessível somente a um círculo restrito de pessoas. Sua esposa era bastante ingênua, na opinião de Joanna. Havia nascido em berço tão macio que não tinha a mínima ideia das condições de vida da maioria da humanidade. A única coisa que se podia dizer ao seu favor era que se esforçava para não olhar com desdém para aqueles que haviam nascido em condições menos favoráveis. Por certo, via-se também que isso não lhe era fácil, dado que era uma péssima atriz.

Finalmente, a porta do escritório de Philipp Ingen abriu-se.

— Joanna, bem-vinda de volta!

O sotaque do fiduciário era marcado por um leve ceceio. Joanna nunca soubera se era realmente um problema de dicção ou se ele o cultivava para sentir-se mais distinto. Sua roupa assemelhava-se à dos ricos comerciantes ingleses que, por vezes, hospedavam-se com ela durante as feiras. Cores sóbrias, tecidos excelentes, mas tudo muito simples. Somente os reforços de couro nos cotovelos do seu casaco eram ridículos. Por baixo das finas meias de seda apareciam as marcas das grossas varizes. Seu rosto era avermelhado e comum; o penteado, por outro lado, bastante chamativo. Até a altura dos lóbulos das orelhas, os cabelos grisalhos ficavam rentes à cabeça, para logo abaixo se enrolarem em caracóis do tamanho de linguças.

— Bom dia, Philipp!

Tinha de esforçar-se para que sua voz não soasse reservada demais. Em todo o caso, seria melhor escutar primeiro o que ele teria para dizer, apesar da dificuldade que tinha de conter sua raiva. Contudo, no caso de pessoas como os Ingen, a sutileza seria a melhor política para alcançar o que queria. Não conseguiria nada batendo com o punho na mesa.

— Bem-vinda à minha singela sala! — disse jovialmente o grande benfeitor, conduzindo Joanna para dentro do escritório.

Não saberia ele que ela estivera esperando havia mais de uma hora na antessala? Para controlar o desgosto, Joanna forçou-se a olhar os quadros escuros pintados a óleo nas paredes, que tinham a mesma decoração de caça do quarto ao lado.

Quem seriam esses altos senhores e senhoras? A julgar pelos penteados e pelas roupas, deviam ser de cinco séculos diferentes. Excluiu logo que fossem antepassados de Philipp, mas poderiam ser os de sua esposa. Somente um dos quadros, pendurado diretamente atrás da grande escrivaninha, era novo e mostrava Philipp, Trudi e seus dois filhos pequenos.

Uma criada trouxe um jarro de refresco de aspérula¹. Os copos traziam um brasão com três vigas

amarelas em fundo azul.

— Acabei de encomendá-lo — explicou o anfitrião sorrindo ao perceber seu olhar duvidoso. — Por favor, sente-se, Joanna! — disse então.

Ele voltou a levantar-se para aproximar uma das poltronas de couro da mesa e encheu os dois copos até a metade com o refresco.

— Já era hora de voltar a Frankfurt, depois de tantas viagens, Joanna! Muita coisa aconteceu na sua ausência.

— Onde estão as meninas? — estourou Joanna, que não mais podia conter-se.

— As duas estão bem. Elas se sentem muito à vontade conosco. Trudi acabou de sair para o orfanato e levou-as. Ela lhe manda lembranças. Está feliz que esteja de volta.

Joanna não podia acreditar no que acabara de ouvir. Deixaram-na esperando por mais de uma hora entre todos aqueles chifres de veado enquanto suas enteadas haviam estado o tempo todo algumas portas adiante! Sentia vontade de saltar e jogar o refresco de aspérula na cara dele. Além do mais, haveria preferido um bom café a essa bebida esquisita, que parecia estar na moda e que não tinha muito mais sabor que água pura. Mas provavelmente Trudi Ingen era daquelas pessoas que maldiziam o café por achá-lo nocivo. E o covarde Philipp não tinha coragem de contradizê-la.

— Pois é, não quero nem pensar como estaria a situação da caridade nesta cidade tão rica — o ex-notário soltou uma tosse afetada — se não fosse por Trudi e por mim. Tomamos por nossa missão cuidar dos desamparados e necessitados de Frankfurt. Além do orfanato e da coleta de esmolas, a fundação cuida também das filhas de famílias burguesas não prometidas e das meninas de vida fácil, contanto que estejam dispostas a voltar ao caminho da virtude, é claro. Eu mesmo cuido mais da administração e da parte financeira. Mas Trudi é quem põe a mão na massa. Todos os dias ela distribui as esmolas aos necessitados. E as filhas de Adam estão orgulhosas de poderem ajudá-la nessa tarefa. Sabe, Joanna, elas...

— Espere um pouco, Philipp! — interrompeu Joanna, irritada. Ela sabia que estava mexendo com fogo, mas não se importava mais. — Em primeiro lugar, as filhas de Adam também são minhas filhas! Em segundo, sinceramente acho um desaforo deixar-me esperando por tanto tempo na sua antessala enquanto as meninas ainda estavam na casa, em vez de mandá-las imediatamente a mim. E terceiro, no que diz respeito à caridade de Trudi...

Joanna havia saltado da poltrona, empurrando-a para trás. De cabeça erguida, pôs-se diante da escrivaninha de Philipp Ingen. Ela fervia de raiva. Se já não houvesse menosprezado Trudi desde sempre, começaria agora. Uma mulher rica, sem necessidade de trabalhar, mas que fingia estar tão ocupada com seus projetos de caridade enquanto outros trabalhavam duro para alimentar suas famílias. E como se não bastasse, que tivesse tido dois filhos em dois anos, tirara dela as suas duas enteadas. E ainda por cima não se podia dizer nada contra essa caridade fingida, essa falsa benevolência, esse cumprimento do dever protestante para com os necessitados. A pessoa ainda tinha que se sentir culpada por desprezar tal anjo caridoso.

Philipp Ingen simplesmente ignorou a sua objeção. Como se ela não estivesse à sua frente com as faces vermelhas de raiva, acusando-o de comportamento desavergonhado, ele seguiu com seu sermão. Sua voz havia apenas adquirido um tom um pouco mais solene.

— ... e além disso, Trudi supervisiona pessoalmente como as doações serão usadas, ajudada pelo pastor da Barfüsserkerche². Pois alguns dos nossos cordeirinhos entregaram-se de tal modo à bebedeira que acabam por liquefazer os dois pães que lhes damos por semana, se entende o que quero dizer.

Sem olhar para ela, encheu novamente seu copo de refresco, apesar de ela não o ter tocado. Então, como se quisesse insinuar-lhe que muito trabalho o esperava, puxou uma pilha de papéis e mergulhou sua

pena em um grande pote de tinta azul. Com letra dinâmica, escreveu a data atual no canto superior direito da primeira folha: 2 de junho de 1733.

Joanna entendeu que não avançaria um passo se fizesse do tutor das suas enteadas um inimigo. Ele simplesmente ignoraria qualquer acusação que ela lhe fizesse. Como se ela fosse uma mosca incômoda que se espantasse com o abanar das mãos ou que se esmagasse na parede. Não, ela tinha que mudar de tática se quisesse conseguir algo de Philipp Ingen.

— O trabalho de vocês conta com meu total apoio, Philipp.

Joanna ajeitou seu vestido e voltou a sentar-se, como se sua única intenção tivesse sido ajustar as dobras da sua saia. Ela sentiu a raiva diminuir. “Na calma reside a força” — quem sempre lhe dizia isso? Era Adam ou a velha Aglaia? Fosse quem fosse: era melhor não se lançar sobre outras pessoas como uma fúria desatada, mas sim manter-se tranquila e receptiva. Sem falar que assim pouparia os próprios nervos.

— Ninguém quer que as pessoas mendiguem nas ruas mostrando suas feridas e incomodando nossos clientes — continuou ela, apaziguando. Mas ainda enquanto falava, percebeu que havia dito a coisa errada.

— Bem, não é essa a nossa motivação, cara Joanna! — retrucou ele um tanto arrogante. — Nosso único objetivo é a caridade. Há tanto bem para se fazer no mundo...

Enquanto ele continuava discursando sobre a cozinha dos pobres e o novo hospital para veteranos de guerra que ele e Trudi planejavam, e se queixava da avareza dos cidadãos mais abastados, tão difíceis de serem convencidos a doar, um plano começava a formar-se na cabeça de Joanna. Agora ela sabia como pegaria o tutor de suas enteadas ao mesmo tempo por suas duas fraquezas: seu desejo por subir à nobreza e sua vontade de conseguir doações. Ela bebeu um gole do seu refresco e recostou-se relaxada para trás. “Até que a bebida não era de todo ruim”, pensou ela. Tudo ficaria bem, ela agora sabia.

Philipp Ingen havia por fim mudado de assunto e chegado a ela, Joanna.

— Eu sempre disse a Trudi: “Joanna não faz ideia de como vão as coisas em Bornheim.” Desde os tempos em que você morou lá, o lugar modificou-se completamente. Não somente há cada vez mais meretrizes, como também estão cada vez mais atiradas. Abordam as pessoas no meio da rua, Joanna!

Sua voz soava tão acusadora como se ela pessoalmente fosse a responsável pelo fato de as “meninas de Bornheim” perderem todo o respeito pelos honoráveis cidadãos de Frankfurt. “De fato, como é que ele sabia de tudo isso?”, perguntou-se ela, forçando-se a reprimir o riso. “Seria ele um freguês habitual nos estabelecimentos em questão? Ah, se a boa Trudi soubesse disso!”

— Bem, e a sua amiga Elisabeth mal ficava em casa cuidando das pequenas — queixou-se o fiduciário. — Sempre na casa do cartógrafo. Até mesmo durante a noite, se não estou enganado. Apesar de ser casada! “Precisamos cuidar das filhas do nosso querido amigo Adam”, foi o que eu disse a Trudi. “Em seu leito de morte, eu prometi a ele que cuidaria das suas crianças. E um Ingen sempre cumpre com a sua palavra!”

— Mas agora eu estou de volta — disse Joanna calmamente. — Esperarei até que Trudi e as meninas voltem e então as levarei comigo.

— Eu nem estou certo de que elas quererão ir — ele riu um pouco forçado. — Elas são loucas por Trudi. E eu nem sei quando voltarão. Ela ainda ia passar pela casa dos Müller, que nos prometeram uma doação generosa.

— Pois sim, isto era outra coisa sobre a qual eu queria falar-lhe.

Joanna posicionou seus canhões.

— Sobre o quê?

— Sobre as doações que eu possivelmente consiga para a sua fundação. O trabalho de vocês é tão

exemplar! Tamanho engajamento é bem-visto no mundo todo.

— É mesmo?

— Estou pensando em duas personalidades importantes que poderiam interessar-se pela sua fundação — anunciou Joanna solenemente. — Uma delas seria o *conte* Giustinian, um dos mais altos representantes da República de Veneza.

Philipp Ingen arqueou as sobrancelhas, impressionado.

— Isso é verdade? — perguntou ele, maravilhado.

Joanna confirmou com a cabeça. Sua cara era impassível. Depois da traição do *conte*, ela não sentia o mínimo escrúpulo em usá-lo para os seus fins.

— Provavelmente a própria *Serenissima* participaria.

“Não exagere”, advertiu-se ela, “não perca sua credibilidade!”. Mas a sua imaginação já assumira as rédeas.

— Além disso, minha senhora e benfeitora, a princesa Zehra, certamente se interessará pela sua causa. Ela é a irmã do sultão otomano. Você precisa saber que me foi dado, em uma cerimônia altamente oficial, o título de “mestre cafeeira do sultão” — ela inclinou-se sobre a escrivaninha em direção a Philipp Ingen e baixou a voz em um tom confidencial. — Trata-se de um cargo altamente considerado. Um dos mais elevados da corte! E eu tenho permissão para usar o título oficialmente. Mas é claro que você e Trudi não precisam tratar-me assim. A princesa deu-me um saco cheio de ouro. O dinheiro é destinado à recuperação do Café Mühle, mas ela certamente não terá nada contra se eu fizer, digamos, uma primeira doação em seu nome para a fundação. No ano que vem, ela virá pessoalmente a Frankfurt para fazer-me uma visita. Mas também com o intuito de ajudar os necessitados daqui. A sultana tem um coração tão grande! O próprio sultão possivelmente participará da viagem.

Philipp Ingen fitava-a boquiaberto.

— Além disso, poderia tentar ganhar a simpatia do xeque Saleh de Argel pela boa causa. Sua eminência também é favorável à caridade. Eu tive a sorte de conhecê-lo na travessia de Constantinopla a Nápoles. Pelo que sei, ele é o mais importante... eh... — Joanna começou a gaguejar — o mais importante armador de todo o Mediterrâneo — apanhou-se ela prontamente. — Ele mantém até mesmo um exército próprio. Seu associado, o *monsieur* de Toulon, vem de uma antiga família nobre francesa. Ele também participará, tenho certeza disso. Ele tem um ótimo relacionamento com a Ordem de São João de Jerusalém em Malta, sabia?

— E todas essas excelências doariam para os nossos projetos? — questionou Philipp.

— Eu poria a minha mão no fogo. Essas pessoas têm muito, mas muito dinheiro mesmo. Mas seus corações são ainda maiores que as suas fortunas. Elas têm olhos e ouvidos para a dor do mundo. Quando têm a oportunidade de ajudar, não hesitam em fazê-lo.

— Isso é incrível! Como você conseguiu conhecer todas essas pessoas ilustres?

Joanna sorriu contidamente. Sua vontade era de jogar-lhe na cara que ele, com sua maldita arrogância de classe, não a julgaria capaz de tal coisa, ela que era uma simples camponesa de Bornheim.

— Ah, sabe, Philipp, na minha profissão viaja-se bastante pelo mundo e conhecem-se pessoas interessantes quase sem querer. Afinal, todos amam café. São loucos por ele! E como eu pareço realmente ter um certo talento nesta arte, é natural que eles me tratem com o devido respeito — ela baixou o olhar modestamente. — Ah, quase ia me esquecendo: por pouco não voltaria mais a Frankfurt. O *conte* Andrea Giustinian apaixonou-se não somente pelo meu café, mas também por mim, e me pediu em casamento. *Contessa* Giovanna Giustinian soa bem, não é? Eu recusei, afinal, ele é papista. Não me pareceu adequado, sendo eu luterana. Mas é claro que eu haveria mandado buscar as meninas, com a sua permissão, é claro! — ela sorriu candidamente. — Algo melhor que se tornar parte da alta nobreza

veneziana não poderia acontecer às filhas de Adam, você não concorda?

Joanna tentou fazer a sua voz soar o mais esnobe possível. Um título de nobreza era a única coisa que felizmente ainda faltava a Philipp Ingen. E o ex-tabelião engoliu a isca.

— Mas, Joanna, a questão da confissão religiosa não deve ser levada tão a sério! Em uma situação como essa, certamente as pessoas de renome teriam compreendido.

“E o que você diria, caro Philipp, se eu lhe dissesse que na verdade amo um pobre músico judeu? E que esse foi o motivo da recusa à proposta do rico e poderoso *conte*?”. No último instante, Joanna mordeu os lábios para impedir que essa frase fatal saísse de sua boca. Ela sentia que, lá no fundo das suas entranhas, a raiva voltava a borbulhar. Ela ainda não sabia o que acontecera a Gabriel. Se se curara de seu ferimento ou se estava apodrecendo em alguma masmorra por haver quebrado a lei por culpa dela... Proibira a si mesma qualquer pensamento sobre ele enquanto não tivesse suas meninas de volta. Portanto, não iria pensar em Gabriel agora, mas seguir interpretando tranquilamente a comédia que havia iniciado.

— Apesar de tudo, o *conte* continua em contato amigável comigo. Ele inclusive se ofereceu a apresentar as meninas à sociedade veneziana quando forem um pouco mais velhas — seguiu ela, mentindo sem escrúpulos. — Talvez ele faça o mesmo pelos seus meninos. Afinal, de certa forma eles são como primos de Lili e Margareth, e isso certamente não fará diferença.

— Isso seria ótimo — Ingen começou a sonhar. — Poderíamos mandá-los juntos para lá... Subitamente, pareceu desconfiado.

— Você não está me gozando, não é, Joanna?

— É claro que não!

Joanna sacudiu a cabeça, indignada. Ela ainda não fazia ideia do que faria quando as doações anunciadas não viessem, mas então as meninas já estariam de volta com ela. Zehra não a deixaria na mão. Ela conseguiria o dinheiro com seu irmão para fazer-lhe um favor. E a reação do *conte* era de todo irrelevante, pois nunca mais queria vê-lo.

— De que valores estamos falando?

— Penso que uma primeira parcela poderia girar em torno de vinte mil *akçe*³, as moedas de prata otomanas. Isto equivale a...

Joanna hesitou. Não fazia ideia de quanto valia a moeda otomana em florins.

— Eu também seria apresentado à sua majestade, não seria? — perguntou Philipp Ingen, entusiasmado.

— Penso que isso poderia ser arranjado. Naturalmente, a condição para a sua visita é que eu receba de volta a minha licença. Isso ainda está em aberto.

— Mas, afinal, que história esquisita é essa? Ouvi muita coisa sobre o fechamento do Café Mühle... — ele abanou a cabeça, fazendo os cachos sob suas orelhas balançarem.

— Você sabe que, desde a morte de Adam, Gottfried Hoffmann arma uma intriga após a outra contra mim. Ele conseguiu que minha licença fosse revogada. Os donos das outras cafeterias, do Mainzer Kaffeehaus, do Breitingschen e do Schällerschen, ficaram bem felizes. Há mais de um ano são os únicos que podem servir café oficialmente em Frankfurt, o que não significa que outros não o façam em segredo. Hoje, qualquer um faz a sua sopinha de café no quintal! E a cidade naturalmente faz vista grossa: em toda parte, serve-se café, tudo ilegalmente! Pois permitido é somente a nós quatro, que pagamos bem por isso. Além disso, ainda há os outros taverneiros que obviamente são hostis a nós, *cafétiens*, e prefeririam ver-nos falidos. Todos eles riram muito quando eu tive de fechar o meu negócio. Mas eu lhe digo que as acusações feitas contra mim carecem de qualquer fundamento, como você pode imaginar.

— Foi exatamente isso que Trudi sempre falou. “Nunca Joanna faria qualquer coisa ilegal!”, dizia ela. Então, se pudermos ajudar de alguma forma, Joanna...

Ele reclinou-se em sua cadeira, batendo suavemente com um bastão de cera de lacre sobre a mesa. Sua boca havia-se contraído a uma linha fina.

— Prezo muito a sua oferta, Philipp!

Joanna fez rosto de emocionada e olhou-o fundo nos olhos. Lá embaixo, na Zeil, ouviu-se uma carruagem parar na frente do edifício.

— Deve ser a Trudi!

Philipp Ingen levantou-se. Ele pareceu aliviado que a conversa chegara ao fim.

O mais rápido que seus sapatos de salto alto a carregavam, Joanna correu para a janela. O criado de *libré* acabava de ajudar Lili a sair da carruagem. Como ela havia crescido! Mal se podia reconhecê-la.

Joanna girou impaciente a maçaneta da janela. Quando finalmente conseguiu abri-la, ela inclinou o corpo todo para fora.

— Lili, Margareth! — gritou para a rua, acenando com os dois braços.

— Mãe! — gritou Lili ao vê-la.

Sem ligar para as carroças que passavam, a menina correu em disparada para dentro da casa.

Então Joanna viu Margareth vestindo um uniforme de babá e ajudando um menino a descer da carruagem.

Philipp Ingen havia parado ao seu lado e olhava emocionado para a cena na rua.

— Sim, as duas realmente se engajaram. Principalmente Margareth! Os meninos são loucos por ela. Como Trudi está sempre fora, as meninas ficavam tomando conta das crianças — ele hesitou por um momento. — E, como as duas foram tão laboriosas, eu lhe cobrarei apenas uma parte dos custos do seu sustento...

Mas Joanna já não escutava mais. Agarrou suas saias com as mãos, puxou-a para cima e correu, impetuosa como Lili, para fora da sala.

¹. Aspérula: também conhecida como almíscar-dos-bosques, aspérula-odorífera e aspérula-doce, é uma planta nativa dos bosques temperados europeus, utilizada na confecção de bebidas e doces, e antigamente usada na medicina popular.

². Barfüsserkirche: (“Igreja dos pés descalços”) era uma igreja medieval em Frankfurt, fundada por monges franciscanos que, por seu costume de não usar meias nem mesmo no inverno, eram chamados de “a ordem dos pés descalços”. Foi demolida em 1786, dando lugar a uma nova, a Paulskirche, a principal igreja protestante de Frankfurt até 1944.

³. *Akçe*: foi a primeira moeda de prata do Império Otomano. Foi introduzida pelo Sultão Orhan I (1326-1359) e ficou em uso por muitos séculos. Segundo algumas fontes, a construção da Mesquita de Süleyman haveria custado 59 milhões de *akçe*, o que corresponderia a 700 mil ducados de ouro (provavelmente venezianos).

Capítulo 28



— Onde você ouviu isso?

Gottfried Hoffmann olhava desconfiado para o seu interlocutor. Tinha as mãos metidas no fundo dos bolsos do colete, mas o aspecto tenso do taverneiro deixou Martin Münch desconfiar que os seus punhos estavam fechados.

— Annete encontrou-a na rua anteontem — assegurou ele ao seu colega. — Primeiro, ela mal reconheceu Elisabeth. Contou-me que seu aspecto era fresco, de saia colorida e fitas vermelhas na touca. Ela sorria o tempo todo, de orelha a orelha. Nem parecia uma mulher adulta, mas sim uma menina.

Ao ouvir a descrição de Münch, Jockel Lauer soltou uma risada que parecia o berrar de um bode.

— Cachorras! — mugiu ele, depreciativo. — É só ficarem um tempo sem um homem entre as pernas que ficam desse jeito!

— E você, cale a boca, entendeu?

Gottfried Hoffmann deu uma pancada nas costelas do alambiqueiro.

— Ela contou a Annete que Joanna Berger reabrirá a cafeteria — continuou Martin Münch, como se nada houvesse acontecido. — Daqui a poucos dias. Após o processo.

Pouco antes, tão logo os últimos fregueses haviam saído, Martin Münch já havia até fechado uma das portadas de madeira e estava com a barra de ferro na mão quando viu Gottfried Hoffmann, Jockel Lauer e o cervejeiro Hildebrand Praetorius, que parecia ter desenvolvido uma predileção pelo submundo, virem da Paradiesgasse em sua direção. É claro que ele, apesar do horário prescrito de encerramento, pegou de volta o pano de cozinha que havia posto de lado e reabriu a taverna, saudando-os alegremente:

— Boa noite! Que tal mais um copo antes de irem para casa?

Não havia realmente ficado com medo, mas a barra de ferro na sua mão deu-lhe segurança. No caso do seu vizinho Gottfried Hoffmann, todo cuidado era pouco, especialmente a essa altura da noite, quando ele invariavelmente estaria bêbado. Contudo, ele o saudara quase cordialmente. O cervejeiro retribuiu a saudação tirando o chapéu educadamente e seguira Hoffmann até uma das mesas. Somente Jockel Lauer vinha com seu sorriso constante e idiota, sem se dignar de olhá-lo, tropeçando atrás dos seus companheiros.

A reunião continuou.

— Processo? Como assim? Está dizendo que a audiência será logo? — surpreendeu-se Gottfried Hoffmann. Tinha a cara fechada. — Garantiram-nos que o processo seria retardado!

— De fato, eu também estou surpreso — retrucou Hildebrand Praetorius pausadamente.

— E Elisabeth? — grunhiu Gottfried Hoffmann. — Ela ainda está morando em Bornheim? E o que significa a aparência estranha que você descreveu?

Seus ombros estavam arqueados para frente e os joelhos levemente dobrados. Parecia um lutador, pronto para saltar no pescoço do seu oponente.

— Então, o que há com Elisabeth? — bufou ele novamente. — Fale de uma vez, Münch!

Martin cogitou se havia mesmo desespero na voz de Gottfried Hoffmann ou se seria impressão sua.

Será que o velho durão era, afinal, capaz de sentimentos e, na verdade, sentia falta da mulher? Será que seu objetivo não era, afinal, causar dano à Berger ou a qualquer outro, mas sim conseguir a esposa de volta? Se essa esperança não fosse vã...

— Pelo que escutei, ela está bem — respondeu ele, reticente. — Parece que está morando na casa de Joanna Berger.

Ele sabia que tinha de ter cuidado com o que falava. Se passasse a impressão de que Elisabeth Hoffmann estava bem demais, isso reavivaria a ira do seu marido. Ainda se lembrava nitidamente dos ataques de ciúmes quando ele e Elisabeth, quando ainda eram vizinhos, conversavam amigavelmente de vez em quando. Era verdade que ele admirava Elisabeth à distância, assim como fantasiava com todas as belas mulheres, para tristeza de Annete, que sabia muito bem dessa sua fraqueza. Mas não era o caso de ficar enciumada. Entretanto, no caso de Elisabeth, a coisa parecia ser bem diferente. Há alguns dias, ele a vira no mercado. Ela quase dera de encontro com ele, porém, sem o reconhecer de tão entretida que estivera na conversa com seu acompanhante! O homem alto e não mais tão jovem era mesmo Ludwig Haldersleben, o cartógrafo, que ele havia conhecido um ano antes no Café Mühle. Mas ele estava bem diferente agora. Pareceu-lhe mais vivaz, mais jovem. Haldersleben contava uma história enquanto andava, gesticulando tão entusiasmadamente com os braços que as maçãs saltaram do cesto que levava, rolando pela rua. Elisabeth se divertira tanto com a anedota que jogara a cabeça para trás e soltara uma risada nada discreta, e o lenço colorido escapara-lhe da cabeça, deixando seus cabelos derramarem-se em uma torrente loira sobre os ombros. Não só ele, Martin Münch, havia observado a cena boquiaberto. Outros transeuntes também pararam para olhar o par feliz, a maioria com uma mistura de inveja e admiração. Não havia dúvida de que, apesar dos seus quinze ou vinte anos a mais que Elizabeth, ele a fascinava. Nunca a havia visto tão radiante. Hoffmann não podia saber de jeito nenhum que sua esposa tinha... Bem, ao menos um admirador fervoroso. Se não fosse mais. A vingança de Hoffmann seria terrível e não atingiria somente Elisabeth e Haldersleben; o mensageiro dessa notícia também sentiria a ira do marido enciumado.

— Ela cuidou das meninas enquanto Berger estava viajando — explicou ele o mais casual que pôde. — Ao menos enquanto morava com elas em Bornheim. Antes que elas fossem para a casa dos Ingen...

— As meninas estão novamente com a madrastra — interrompeu-o o cervejeiro com a voz calma.

Ele havia bebido um gole do vinho de maçã que Martin Münch servira aos três sem perguntar e fizera cara de nojo, logo empurrando o copo para longe.

— Como o senhor sabe disso? — perguntou Gottfried Hoffmann, mais surpreso que furioso com a novidade.

— Por Philipp Ingen, o tutor legal das meninas. Eu o conheço bem — explicou Hildebrand Praetorius. — A senhora Berger conseguiu convencê-lo de que o melhor lugar para as filhas de seu falecido marido seria com ela.

— Como ela fez isso?

Martin Münch deu de ombros.

— Só Deus sabe. De qualquer forma, há dias que estão reformando o Café Mühle. Estão encerando, esfregando e renovando a pintura, trabalhando a todo vapor — contou ele.

— Bem, isso não vai adiantar de nada... — disse Gottfried Hoffmann, pensativo.

Tão de súbito que os presentes tremeram de susto e os copos de vinho se chocaram uns contra os outros, ele bateu o punho na mesa com violência.

Jockel Lauer soltou uma risada suja. Quando ninguém acompanhou seu riso, voltou o olhar para as próprias mãos de unhas carcomidas, meio envergonhado, meio ofendido.

Martin Münch sentiu um calafrio descendo-lhe a espinha quando Gottfried Hoffmann colocou o braço

em torno dos seus ombros.

— Isso tudo não vai adiantar de nada — repetiu ele sorrindo — porque nós temos você, Martin — ele fez uma pausa e olhou os presentes com brilho nos olhos. — Você é a testemunha, Martin. Você irá depor no processo da Berger. E certamente fará sua obrigação muito bem. Eu conto inteiramente com você.

Sua voz ficara tão suave como se não fosse capaz de fazer mal a uma mosca, e seu sorriso, tão cândido como o de uma freira. Contudo, mais uma vez a aparência enganou: com a agilidade de um grande macaco peludo, Gottfried Hoffmann saltou para cima, agarrou a cadeira da qual acabara de levantar-se e arremessou-a com toda força para cima da mesa. Dessa vez, os copos foram ao chão, estilhaçando-se em milhões de cacos.

Jockel Lauer e o cervejeiro afastaram-se, assustados.

— Ei, o que é isso, Gottfried? — perguntou o alambiqueiro, confuso, e tirou o colete encharcado de vinho de maçã.

— Mas que coisa... — começou Hildebrand Praetorius, limpando alguns respingos das suas calças.

Martin Münch, que, como por milagre, permanecera limpo, não disse uma palavra. Ele estava pálido. Suas mãos e seus joelhos tremiam.

— Eu quis apenas me certificar de que continuam todos acordados e ouvindo atentamente — sorriu Gottfried Hoffmann.

Com toda a calma do mundo, colocou a cadeira, cujo encosto se havia rompido, de volta no chão.

— Traga-nos mais bebida, Martin! — ordenou.

Com as pernas bambas, o taverneiro foi até o grande barril e encheu um cântaro com o líquido dourado até a boca. Depois pegou três copos na prateleira e levou tudo até a mesa. Quando terminou de servi-los, abaixou-se para limpar os cacos do chão.

— Pare com isso! — rosnou Hoffmann. — Você pode fazê-lo mais tarde. Sirva-se também e sente-se. Relaxe!

Mas Martin Münch estava demasiado confuso para dar atenção às suas palavras. Como em um transe, passou a limpar a mesa com um pano. O grande urso peludo e os dois cães com suas focinheiras que o vizinho havia trazido de volta há alguns dias vieram-lhe à mente. Gottfried Hoffmann o havia visto, parado na cerca, observando o nefasto quarteto, como se estivesse hipnotizado. Sem dizer uma palavra, o vizinho o havia saudado com um olhar condescendente e puxado fortemente a corrente do urso, de modo que este soltasse um uivo aterrador.

— Eu disse para relaxar! — urrou Hoffmann.

Como Martin Münch seguiu sem reação, esfregando a mesa sem parar, ele levantou-se e empurrou o outro com as duas mãos para a cadeira de encosto quebrado.

— Assim está bem! — disse ele em um tom como se o seu colega fosse um cachorro. — Acredite em mim, é melhor que você fique bem calminho! Eu tenho algo importante a dizer e quero que você escute bem.

Ele olhava severamente para o colapsado Martin Münch. Apesar da fala um pouco enrolada e dos olhos vermelhos, sua cabeça parecia estar completamente clara.

— Mesmo que pareça que Berger esteja se dando bem, você lutará pela nossa causa, Martin! Depende de você se o Café Mühle voltará a abrir ou não. Você convencerá os juizes do processo de que o lugar tem que permanecer fechado. Sobretudo porque a Berger deve ter arranjado dinheiro ilegalmente, caso contrário não poderia bancar a reabertura. Afinal, estava tudo quebrado, nós fizemos um bom trabalho.

Ele olhou em volta, como que pedindo aplausos. Jockel Lauer realmente começou a bater palmas, enquanto o cervejeiro apenas contorceu os lábios em desgosto. Martin Münch fitava o vazio. Por que havia mencionado a Gottfried que Annete percebera algo de estranho naquele violinista?

— Estamos entendidos, não é mesmo, Martin?

Gottfried Hoffmann pegou o vizinho pelo colarinho, trazendo seu rosto para tão perto do próprio que as pontas dos seus narizes se tocaram.

Martin Münch concordou com a cabeça, calado. Como desprezava esse homem! Mas desprezava ainda mais a si mesmo. Por que se deixava intimidar toda vez por esse brutamontes asqueroso? Por que não conseguia defender-se contra ele?

— Então brindemos, meus amigos! — berrou Gottfried

Hoffmann pela taverna vazia, finalmente soltando seu colega. Com um sorriso perverso, ergueu seu copo ao ar. — A você, Martin! Ao nosso herói!

Capítulo 29



Chegara o grande dia do qual tudo, mas tudo mesmo, dependia. Joanna estava tão nervosa que temera não conseguir dizer uma palavra quando tivesse de depor perante juízo. Ela mal havia dormido e não pudera comer nada. “Não se faça menor do que é!”, disse a si mesma, tentando recuperar a coragem. “Você é a mestre cafeeira do sultão. Passou por coisas muito piores: os janízaros da corte quase lhe arrancaram a cabeça; por pouco não morreu afogada; caiu nas mãos de piratas; foi roubada; recuperou as suas enteadas. Venceu todas essas batalhas...” Mesmo assim, sentia-se intimidada e tinha medo.

Ela e as meninas estavam vestidas em suas roupas de domingo. Lili, de vestido vermelho, Margareth, de azul, ambos com a mesma estampa florida. Os cabelos recém-lavados das meninas haviam sido trançados firmemente e Joanna também cobrira os seus totalmente com a sua melhor touca.

No curto caminho do Café Mühle até o Römer, Lili saltitava adiante, balançando as tranças.

— Tem que dar certo! — cantarolava ela no ritmo dos saltos.

“Sim, tinha de dar certo”, pensou Joanna. Como uma reza, havia repetido essas quatro palavras tantas vezes nos últimos dias que haviam se tornado uma espécie de fórmula mágica também para as meninas. Ela precisava dessa licença mais do que qualquer outra coisa em sua vida. Do contrário, a viagem toda e o último ano inteiro teriam sido em vão!

Se não recuperasse sua licença, sua vida estaria acabada. Teria de deixar as meninas com Philipp Ingen. Não morreria de fome de imediato se não pudesse reabrir sua cafeteria, pois sobreviveria um bom tempo dos tesouros de Zehra. E depois ainda poderia rastejar perante o *conte* e tornar-se sua meretriz. Talvez um dia até mesmo sua esposa. Ou assumiria realmente a sucessão de Aglaia no palácio do sultão. Mas não era isso que ela queria! Não, seu lugar era em Frankfurt, queria viver aqui, com suas enteadas e seus amigos, e talvez também...

Ela obrigou seus pensamentos a voltarem ao que estava por vir. Teria de encontrar uma forma de convencer o vice-prefeito da sua inocência. Dele tudo dependia, ele decidiria se ela receberia sua licença de volta ou não.

No mesmo dia em que buscara as meninas na casa do seu tutor havia ido ao departamento público do tesouro, que era o órgão que concedia as licenças. Ali também a fizeram esperar uma eternidade, até que finalmente um simpático senhor de idade ocupou-se dela, se bem que de maneira bastante maçante. Por horas havia vasculhado os mais diversos documentos para, ao final, informar-lhe em tom lacônico:

— Não fomos nós que iniciamos o processo. Ele veio do posto da guarda principal. A senhora precisa dirigir-se a eles se quiser reabrir o Café Mühle. Eu não sei que espécie de acusações há contra a senhora. Não está nas atas.

Logo na manhã seguinte fora ao posto da guarda. O oficial de plantão estivera ocupado acalmando duas prostitutas que seguiam tentando agredir-se enquanto os seus *piketts* vigiavam um homem de um braço só amarrado a uma cadeira, que lutava selvagememente contra suas amarras e berrava como um touro.

— Volte amanhã, minha senhora — disse o oficial. — Como pode ver, não podemos atendê-la no momento.

Nesse ponto, sua paciência chegou ao fim e, depois de uma rápida consideração, decidira que Philipp Ingen podia muito bem se empenhar um pouco para fazer seus sonhos de nobreza virarem realidade. Também Trudi ainda lhe devia um favor, por haver usado suas enteadas como serventes. Com a intervenção de Philipp motivado pela perspectiva de conseguir relacionamentos ilustres e doações, a coisa realmente fora adiante.

— Bem, Joanna — ele havia balbuciado, como se o assunto fosse tão inacreditável que não se podia nem falar sobre ele — eles têm uma testemunha que afirma que o violinista na sua festa era judeu. O caso não é somente a briga como havíamos pensado. Eles alegam que você infringiu a lei e que deveria estar na prisão. Trata-se de uma acusação grave, mas obviamente é um exagero total julgá-la perante o tribunal por uma história dessas. Realmente há gente querendo o seu mal. Normalmente, um caso como este se resolve com uma multa. Nunca vi nada parecido!

O susto gelou o seu corpo todo, mas, em seguida, agiu de forma tão fria e calculista como se fosse a própria mãe do sultão e tivesse que se defender de um ninho de serpentes. Afinal, quem poderia saber do seu acordo secreto com Gabriel? Ludwig Haldersleben havia juntado dois e dois e o havia contado a Elisabeth. E, obviamente, Hans e Hetti Lenz também sabiam que Gabriel era judeu. Mas eles certamente não a trairiam...

— Isso não pode ser! Quem é essa testemunha? O violinista era italiano, Gabriele Stella, de Veneza, um aluno do grande Antonio Vivaldi. Não sei nada de judeu algum.

Ela sacudiu a cabeça veementemente e olhou Philipp Ingen diretamente nos olhos.

— De qualquer forma, não temos alternativa, Joanna. Eles não querem de jeito nenhum devolver sua concessão. Durante um ano inteiro, não fizeram nada, esperando apenas, e agora querem desenrolar esse processo... — ele mesmo ficou perplexo e fez um muxoxo de desaprovação. — Você tem inimigos nesta cidade, Joanna, inimigos poderosos! — concluiu ele. — Contra os quais nem mesmo eu posso fazer algo. Contudo, se as acusações são injustas, como você diz, tanto melhor! Mas infelizmente não há como evitar que o processo aconteça. Apenas podemos tentar fazer com que a audiência seja adiantada. Vou ver o que posso fazer.

Uma semana havia se passado desde essa conversa. E agora ela estava, acompanhada por seus aliados mais íntimos, na sala de audiências do vice-prefeito, pronta para ser interrogada. O sol da primavera clareava o salão de paredes escuras, cheio de bandeiras de tecidos pesados. Sentados um pouco mais elevados, diante de uma mesa grande de carvalho ricamente entalhada, estavam o vice-prefeito, seu conselheiro jurídico e um escrivão. O vice-prefeito abriu a pasta à sua frente e levantou o olhar.

— Bem, então vamos lá!

Joanna tentou convencer-se de que seu olhar era amistoso. Ele vinha de uma das famílias que havia séculos governavam a cidade e repartiam entre si todos os cargos importantes. Um típico representante do patriciado de Frankfurt. Requentado, mas com os pés no chão.

Cornélia Haldersleben dera um passo à frente para segurar as meninas pelas mãos e levá-las para a parte de trás do salão, onde já se encontravam, lado a lado, Ludwig Haldersleben com Elisabeth, os Denzel, Philipp e Trudi Ingen com seu advogado, agora também a serviço de Joanna. Para sua surpresa, estavam presentes também Úrsula Volckhardt, a esposa do tanoeiro, assim como a esposa do joalheiro, Christine Haberkorn, que no dia em questão escapara por pouco de ser violentada. Receber apoio inesperado também por esse lado deixara-a profundamente emocionada.

— O que lhe fizeram é uma imensa injustiça, minha cara! — disse a esposa do tanoeiro quando Joanna passou por ela na entrada, dando-lhe tapinhas encorajadores no ombro.

Em um canto do outro lado da sala, que estava cheia dos usuais curiosos, o ajudante policial de cabelo penugento esperava. Ele havia tirado o tricórnio, de modo

que as poucas mechas na sua cabeça despontassem em todas as direções. Ao lado dele estava o promotor, que exporia o caso ao vice-prefeito. Este agora tocara pessoalmente o sino que tinha diante de si na mesa de carvalho e botara uma expressão solene no rosto. Dois funcionários do Conselho fecharam as pesadas portas. O burburinho nas fileiras traseiras cessou imediatamente, e um silêncio tenso tomou conta do salão.

Como um ator que sobe ao palco, o promotor tomou posição perante a mesa dos membros do Conselho.

— Vossas honradas e nobres senhorias — iniciou ele cheio de pompa, dirigindo-se aos dois conselheiros.

O vice-prefeito, entediado, interrompeu-o:

— Vá direto ao ponto, senhor promotor Eppelsheim!

Com seus traços magros e sua barba minuciosamente aparada, o promotor parecia haver saído diretamente de uma pintura espanhola, sob a qual o pintor colocaria o título “O Inquisidor”. Joanna sabia que ele costumava pedir punições altas até mesmo por delitos menores. Sua voz experiente levantou-se como um trovão:

— A taverneira de cafeteria, viúva Joanna Berger, é acusada de atentar contra a ordem da cidade de Frankfurt por diversas vezes. Em especial, de haver empregado músicos judeus em seu estabelecimento.

Ele fez uma pausa teatral e virou-se em direção a Joanna. Com o dedo em riste, fulminava-a com seu olhar penetrante. Faltava somente o hábito negro dos dominicanos para que se tivesse a impressão de estar em um julgamento de caça às bruxas! O homem inspirava-lhe medo, ela esperava muito que não houvesse sido otimista demais...

— Não somente um judeu apresentou-se em sua taverna, mas ainda teve a petulância de fazer-se passar por italiano, por sinal em concordância com a senhora Berger! Este, contudo, não é o primeiro delito da acusada contra a ordem vigente. Pouco tempo antes, nossos *piketts* já haviam sido chamados ao dito Café Mühle por receberem denúncia de que ali se lia a borra do café. A partir de então, durante um longo tempo recebemos diversas queixas acerca do Café Mühle, de modo que pusemos o local sob observação. Como agora todos sabemos, nossas suspeitas de que havia algo de errado ali foram plenamente confirmadas.

O policial penugento — Joanna tinha a impressão de que seu cabelo ficara ainda mais ralo no ano que se passara — balançou a cabeça intensamente em concordância.

— Os judeus pregaram o Senhor na cruz! — prosseguiu o promotor em tom crescentemente fanático. — São os inimigos do cristianismo! Por isso, há leis nesta e em todas as cidades que regulamentam a interação de cristãos e judeus entre si. Aonde chegaríamos se fosse permitido aos judeus fazer o que bem entendessem? Eu lhes digo: em pouco tempo, teriam assumido a cidade toda! Não mais o senhor seria prefeito. Não, teríamos um prefeito judeu!

Heinrich Eppelsheim olhou triunfante para o público, que escutava impressionado. Joanna viu o pânico espelhado nos rostos de seus amigos.

O vice-prefeito contorceu o rosto levemente, como se sua opinião fosse similar em princípio, mas achasse inadequado formulá-la dessa maneira. O conselheiro especialista em direito seguia as explanações do promotor com olhar altamente concentrado. Ele era visivelmente mais moço que o prefeito e tinha a testa excepcionalmente alta, parecendo ocupar quase a metade do rosto. Philipp Ingen havia-lhe dito que ele vinha de uma das grandes famílias mercantis de Frankfurt e havia estudado direito em Marburg.

O inquisidor retomou seu discurso frenético:

— Os judeus desta cidade ficam cada dia mais petulantes. Se não os impedirmos, irão se alastrar cada vez mais, tomando o lugar dos cristãos. Há nesta cidade algum galpão ou armazém que não esteja

abarrotado de mercadorias judias? E isto acontece apesar de o comércio por atacado estar vetado a eles! Lei esta feita justamente para nos proteger, cidadãos de Frankfurt. Pois é da natureza dos judeus barganhar e pechinchar o dia inteiro. E qual é o cidadão de bem que não está endividado com esses usurários?

O vice-prefeito batia os dedos impacientemente na grande mesa de carvalho.

— Muito bem, talvez seja como o senhor diz, Eppelsheim. O que eu, pessoalmente, não assinaria. Mas, por favor, deixe-nos voltar das generalidades para este caso específico. Qual é a relação disso tudo com a viúva Berger e o Café Mühle? Eu quero saber especificamente quem fez essas queixas e no que a polícia baseia suas acusações. E, por favor, explique-me também o motivo pelo qual este auto me foi passado somente agora se os acontecimentos aos quais o senhor se refere ocorreram no ano passado. Pode ser que proceda o que o senhor descreve, mas devemos ater-nos à ordem do processo.

Ele pegou uma pasta encapada em couro da mesa à sua frente e tirou dela uma carta que ergueu ao ar, para que todos na sala pudessem vê-la.

— Esta é uma queixa do departamento do tesouro acerca da perda de impostos causada pelo fechamento do estabelecimento em questão. Ela está aqui há quase um ano. Nós nem sequer sabíamos de que se tratava — ele agitou o papel impacientemente no ar. — Eu não gosto que outros departamentos se metam nos meus assuntos, ou me façam acusações inadequadas. E agora prossiga, senhor Eppelsheim, mas deixe de agitação! Prove suas acusações contra a viúva Berger e, apresse-se, pois não temos todo o tempo do mundo!

O promotor, que agora tinha a testa suada, pigarreou-se cerimoniosamente.

— Bem, que um judeu se encontrava na cafeteria, pretendendo ser italiano e tocando música, isso foi visto por várias pessoas. Testemunha da acusação é... — ele voltou a fazer uma pausa prolongada — o taverneiro de vinho de maçã de Sachsenhausen, Martin Münch!

O conselheiro de testa alta arregalou os olhos minúsculos e, como se o promotor houvesse contado uma boa piada, desatou a rir. O vice-prefeito deu-lhe um olhar de reprovação.

— Não se deixe intimidar pelo ataque de humor do meu venerado colega, Eppelsheim! — disse ele ao irritado promotor. — Mas este já é o terceiro caso em que um taverneiro depõe contra outro. Fica difícil levar a coisa a sério... Mas agora queremos ouvir logo a testemunha. Que ela venha à frente, jure sobre a Bíblia e deponha.

Martin Münch, o marido de Annete — ele era a testemunha que deporiam contra ela e revelaria a verdadeira identidade de Gabriel!

Joanna sentiu-se como se alguém a houvesse golpeado no estômago. Ela sabia que o taverneiro de Sachsenhausen estivera presente quando Gottfried Hoffmann e Jockel Lauer ameaçaram o pobre Marcello, fazendo-o fugir apavorado da cidade. Mas o assalto a Marcello ocorrera antes do salvamento conjunto de Elisabeth. Tanto Martin quanto Annete Münch haviam estado sinceramente preocupados pela amiga e chocados com as atitudes violentas de Gottfried. Por que motivo estariam agora novamente ao lado dele? Não podia acreditar que Martin Münch deporiam contra ela!

— A senhora conhece esse Münch? — cochichou o advogado. O homem de seus trinta e poucos anos com os cabelos de cebolinha lhe pareceu um tanto seboso a princípio, mas depois resolvera confiar no julgamento de Philipp Ingen, que o considerava muito competente com as leis e de retórica brilhante.

Joanna confirmou.

— Conforme havíamos conversado, isso carece de qualquer fundamento — disse o advogado, procurando acalmá-la ao perceber o quão nervosa ela estava.

Joanna cerrou os dentes, endireitou as costas e pressionou os pés fortemente contra o chão, esperando que os joelhos parassem de tremer. Evitou o gesto agressivo de cruzar os braços sobre o peito. Sim, ela

iria simplesmente negar tudo! Faria de conta que tudo do que a incriminavam — fosse o promotor, o penugento ou Martin Münch — era mentira. Que alternativa tinha? A ideia de cometer perjúrio não lhe agradava, mas ela não tinha outra opção. Por sorte ninguém imaginaria que ela fosse capaz de mentir tão deslavadamente. Ainda mantinha a mesma cara inocente que tinha quando menina, quando a experiência com sua tia fizera da mentira algo tão difícil para ela. Mas havia mudado. Sua personalidade ficara mais forte. Era uma mulher adulta e sem marido, capaz de defender sua família e seus pertences com unhas e dentes, contra quem quer que fosse, custasse o que custasse. Nem a ordem da cidade e muito menos a ordem do mundo ruiriam apenas porque um músico judeu tocara em uma cafeteria cristã — na sua cafeteria.

— Então, onde está a sua testemunha, Eppelsheim? — perguntou o vice-prefeito em tom enfadonho, olhando por todo o salão.

O promotor fez sinal ao policial penugento, com gestos teatrais, para que fosse buscar a testemunha Martin Münch. O *pickett* de cabeça vermelha correu para fora. Um murmúrio de vozes começou a subir.

— Silêncio! — gritou o vice-prefeito, tocando agitadamente o seu sino.

O penugento voltou à sala de audiência e cochichou algo no ouvido do promotor que, por sua vez, voltou ao seu posto diante da mesa e, agora com mais modéstia, declarou:

— Nossos homens ainda não conseguiram trazer a testemunha para cá. Queremos requerer uma pausa, nobres senhores.

O vice-prefeito saltou tão impetuosamente de sua cadeira que a derrubou para trás com estrondo. O conselheiro ao seu lado levantou-se com o susto.

— Quem o senhor pensa que é, promotor Eppelsheim? — gritou ele, furioso. — Mal começamos e o senhor já quer uma interrupção? O senhor acha que temos o dia inteiro? Não viu as pessoas esperando no corredor? Quantos casos o senhor pensa que ainda temos para decidir hoje? Este é, de longe, o mais mal preparado que eu já vi! O senhor parece querer estatuir um exemplo, inflando o caso de maneira inconcebível em vez de simplesmente requerer uma multa para esta senhora. A cidade está perdendo impostos valiosos porque o senhor recusa a licença há mais de um ano. Meu colega e eu somos obrigados a passar meia hora escutando seus devaneios imaturos sobre judeus e não judeus, e nossos *piketts* não são capazes de trazer a sua testemunha principal... — ele baixou a voz ameaçadoramente: — Existe realmente essa lendária “testemunha”?

Joanna acompanhou o olhar desesperado do promotor até a grande porta do salão. Diante da sala aberta, o policial penugento movia as mãos agitadamente, com olhar embaraçado e os ombros puxados para cima. Seus poucos cabelos estavam grudados na cabeça pelo suor; parecia ainda ter perdido o tricórnio em meio à confusão.

O vice-prefeito também dirigiu o olhar para a porta. Ele parecia ter visto o bastante. De sobrancelhas arqueadas, voltou a atenção para o promotor parado à sua frente.

— O senhor sabe o que farei com este caso, meu caro promotor?

Ele fechou a tampa da pasta com tanta força que pareceu uma porta batendo com o vento. Então, dirigiu a palavra ao escrivão, um jovem de orelhas de abano que estivera apaticamente fazendo anotações o tempo todo.

— Escreva para o departamento do tesouro para que devolvam imediatamente a licença da viúva Berger! Ponto final, acabou. Caso encerrado. Não há testemunhas, portanto não há acusação.

Joanna estava demasiadamente atordoada para entender as palavras do vice-prefeito. Ela notou apenas que o advogado Gruber lhe deu os parabéns e a levou para junto de seus amigos, que já a esperavam do lado de fora. Somente quando Elisabeth e as duas meninas puxaram-na para o centro do seu pequeno círculo, dançando e cantando “Nós vencemos, nós vencemos!”, é que ela se deu conta do que havia

acontecido. O processo terminou antes de realmente começar. Martin Münch, a testemunha-chave da acusação, não havia aparecido. Ela não precisara mentir, nem dar falso testemunho. Tudo acabara e ela tinha a sua licença de volta.

— Minha querida Joanna, eu sabia que tudo terminaria bem!

De braços abertos e brincos bamboleantes, Trudi Ingen aproximou-se e insinuou um beijo em sua face. Os outros também vieram, um após o outro, para felicitá-la. Quando a negra esposa do joalheiro, sem dizer uma palavra, deu-lhe um pingente em forma de um pequeno sol, Joanna mal conseguiu conter as lágrimas.

“Agora lhe faltava somente mais uma coisa para a sua felicidade”, pensou ela, enquanto atravessava o portal da prefeitura atrás de Elisabeth e Ludwig Haldersleben, que apertou discretamente a mão da amiga. Assim que terminasse a reforma do Café Mühle, iria à procura de Gabriel. Ela lhe devia isso: informar-se sobre o seu bem-estar e pagar os honorários por sua apresentação, que lhe ficara devendo naquela noite terrível. Depois disso, não o veria nunca mais. Uma cristã e um judeu — isso não podia ser, como acabara de ouvir mais uma vez da boca do promotor. Ela não podia pôr Gabriel em perigo outra vez. E nem o Café Mühle. Ainda mais depois do término tão inesperadamente positivo do processo.

— Como assim, já terminou? Estou atrasado?

O baixo poderoso de Justus von Zimmer reverberou pela praça. Com poucos passos, ele chegou à sua frente e fez uma reverência exageradamente profunda, de modo que Joanna pôde ver, pela primeira vez, a região calva no alto da sua cabeça.

— Mas, ao menos para comemorar, eu cheguei a tempo! — disse, rindo, o sobrinho do preboste que, em seguida, deu um beijo suculento na mão de Joanna.

Capítulo 30



— Onde estão todos? Por que não chegam?

Mal havia dito essas palavras, percebeu que dissera exatamente a mesma frase no mínimo três vezes. Joanna bebeu mais um gole da xícara turca que levava consigo para fora.

Todas as portas e janelas estavam bem abertas para receber os fregueses e deixar sair o cheiro de tinta fresca e sabão. As panelas de latão sobre o seu novo fogão brilhavam à luz. Os batentes das janelas e o enxaimel do térreo haviam sido pintados em tons combinados de lilás. Os novos móveis de madeira de pinheiro haviam ficado prontos a tempo e sido laqueados por Scott. Havia metido a mão no fundo do baú do tesouro para pagar por todas essas coisas. Mas valeu a pena: nunca o Café Mühle estivera tão bonito. Havia comprado até mesmo uma nova mesa de bilhar. “Hoje apenas 1 *kreuzer* por partida de bilhar!”, lia-se na placa pintada por Margareth, para a qual usara os restos da madeira de pinheiro e a última tinta. Colocaram-na diretamente ao lado dos três degraus da entrada, na parede da casa.

Joanna estava parada no último degrau, bem embaixo da nova placa da cafeteria que havia mandado forjar. O ferreiro, com muito amor pelo detalhe, desenhara um homem de turbante derramando café fumegante de um bule a uma xícara. Do outro lado da rua, a mercadora de especiarias Henriette Schley tapava o nariz com a mão, apontando acusadoramente com a outra para Anne, que operava o tambor de torrefação com afinco. Os grãos no tambor estalaram. Anne abriu-o e inclinou-se sobre ele.

— Mais um pouquinho — decidiu ela. Lançando um olhar hostil à vizinha, seguiu girando a ruidosa manivela.

— Tudo estava tão em paz sem você e o seu Café Mühle, Berger! — gritou Henriette Schley pelo beco. — E agora você está de volta, com sua fumaça e suas brigas. Mas não vou mais aceitar isso! Chamarei a polícia na primeira oportunidade. Todos já sabemos que você não leva as leis muito a sério mesmo!

Alguns transeuntes ouviram a discussão e pararam para olhar. Seus olhares alternavam entre as duas mulheres, como se assistissem a uma partida de *jeu-de-paume*¹. Por fim, seguiram caminho, balançando a cabeça.

— E você não se meta! — gritou alguém ao lado de Joanna.

Ela nem percebera que Elisabeth havia se juntado a ela no degrau. Ainda havia pouco, ela estivera no quintal com uma vassoura na mão. Mais uma vez, a amiga estava radiante, de saia e blusa coloridas e as manguinhas abaloadas. Quando pensava na mulher amargurada e apavorada que salvara com a ajuda de Annete Münch de um baú em seu próprio porão, ficava difícil acreditar que era a mesma pessoa.

Elisabeth abraçou Joanna, consolando-a.

— Eles virão, Jô! Um pouco mais de paciência e verá! Você mal acabou de abrir.

Joanna concordou, juntando coragem. O que estaria acontecendo? Onde estavam seus fregueses? Será que não divulgara o suficiente? Ludwig Haldersleben lhe havia feito um panfleto exatamente para isso, e Scott e Anne os haviam distribuído na rua e deixado nas lojas do cartógrafo e do sapateiro.

— Talvez não seja bom ficarmos aqui paradas como um comitê de boas-vindas — disse Elisabeth. — Mas ao menos espantamos aquela ali — concluiu, apontando com a vassoura para o lugar onde a

comerciante de temperos havia estado. Ela riu. — Muito bem, vou voltar ao quintal e continuar a varrer.

“Provavelmente Elisabeth tinha razão”, pensou Joanna. Era errado deixar transparecer que estava esperando desesperadamente por fregueses. Isso acabaria levando as pessoas a evitar a sua casa, por medo de encontrá-la! Assim como ela fazia com aquele mendigo inconveniente, que ficava sempre na frente do Estrela Negra² e molestava os transeuntes. Contudo, não conseguia soltar-se do seu posto de guarda, tão tensa estava.

— Mestre Volckhardt! — exclamou ela, contente, ao ver o tanoeiro chegar, carregando vários baldes nas mãos.

Convidativa, abriu os braços, deixou sua xícara no degrau superior e saltou para a rua.

— Saudações, senhora Berger! — disse o mestre tanoeiro calorosamente. — Minha esposa já me disse que tudo acabou bem. Preciso levar esses baldes depressa até a Buchgasse e logo estarei de volta. Até mais tarde então! Estou ansioso pelo seu café!

Sem deixar que ele notasse sua decepção, Joanna voltou a subir os três degraus. Ao menos ele dissera que voltaria mais tarde. Antigamente, o Café Mühle também não estivera sempre cheio, mas que um dia estaria em frente ao seu estabelecimento, chamando os clientes para dentro, não sonhara nem nos piores tempos.

Em uma decisão espontânea, desceu outra vez a escada, a fim de substituir Anne no tambor.

— Deixe que eu faça isso. Vá até a fonte!

Joanna certificou-se de que o fogo estava bem aceso e encheu o tambor com grãos verdes frescos da encomenda que recebera de Veneza. A carta de Floriano dizia tratar-se de uma importação das montanhas da Abissínia que ele havia misturado com grãos vindos de Moca. Ele recomendou que torrasse os grãos em alto calor por pouco tempo, resfriando-os em seguida com água — com esse método, ele mesmo havia alcançado os melhores resultados. Ainda agora, Joanna sacudia a cabeça quando pensava a respeito disso. Ela torraria os grãos lentamente a fogo baixo, e, em vez de resfriá-los com água, iria deixá-los esfriar sobre uma tábua. Esse era o método que melhor preservava o aroma, mesmo que fosse mais trabalhoso tirar posteriormente a fina casca, que não se soltava tão facilmente como na água. Mas o Café Mühle tinha uma reputação a zelar, pensou ela, aqui todos tinham que dar o melhor de si, sem poupar esforços. Aglaia havia-lhe ensinado a importância que tinham o esmero e a exatidão na preparação do café.

De repente, alguém tocou-lhe o ombro por trás, e uma voz grave de homem exclamou:

— Finalmente poderemos tomar um bom café nesta cidade! Já era hora!

Joanna quase saltou no pescoço de Justus von Zimmer, que a olhava com um largo sorriso. O homem continuava despertando-lhe um leve receio, mas ele era realmente uma alma fiel, isso ela tinha que reconhecer. Ludwig Haldersleben havia-lhe contado que, durante a sua ausência, Justus havia sido banido do requintado Kaffeekollegium da viúva Pick, além de desfazer não um, mas dois noivados.

— Dizem que a sua família não sabe mais o que fazer — disse o cartógrafo com ares de desgraça.

O cheiro forte anunciava que os grãos estavam prestes a queimar. Rapidamente, ela virou o tambor de torrefação e girou afoitamente a manivela. Fora por pouco — teria sido uma pena se esses grãos de excelente qualidade passassem do ponto. O café ficaria amargo demais. Por sorte, Anne retornou nesse momento da fonte com um jugo sobre os ombros, do qual pendia um balde de cada lado, e podia voltar à sua tarefa anterior.

Joanna pegou a pequena xícara de adornos dourados do degrau da escada, deixou que Anne lhe pusesse o jugo sobre os ombros e carregou os dois baldes para dentro.

— Agora você provará um café preparado pessoalmente pela mestre cafeeira do sultão, caro Justus — anunciou ela solenemente, enquanto tentava manter-se ereta para não derramar a água.

Justus soltou um assobio ao ver a cafeteria em seu novo brio.

— Parabéns, minha cara! — disse ele, admirado. Mas onde estão os outros fregueses?

— Você é o primeiro de hoje.

Justus soltou uma sonora risada.

— Que eu fosse o primeiro uma vez na vida. Quem diria! Amanhã mesmo trarei uns companheiros para que isto aqui não fique tão vazio.

Ele apontou para Ludwig Haldersleben, que se espremia entre dois cavalos de carga com seu jornal debaixo do braço para poder atravessar a rua.

— Aí vem seu segundo cliente!

— Bom dia, cara Joanna! Bom dia, Justus! — disse o cartógrafo já de longe. — Será um dia quente hoje!

Joanna continuava admirada com a transformação de Ludwig Haldersleben na sua ausência. Nada havia ficado da sua antiga esquisitice.

Seu vizinho sentou-se ao lado de Justus no banco e deixou o olhar percorrer o salão.

— Muito bem, Joanna! O Café Mühle está tão bonito como antes, se não mais. Como eu senti falta disto tudo!

— A tinta ainda não está bem seca, então evitem encostar-se na parede! — advertiu Joanna antes de voltar-se para o fogão.

Depois de haver servido um café fumegante a cada um dos seus dois fregueses, Joanna juntou-se a eles e começou a escolher os grãos torrados espalhados na tábua, separando os demasiado queimados.

— Hum, excelente! — comentou Ludwig Haldersleben, que provara cuidadosamente da bebida quente.

Justus von Zimmer também demonstrou seu reconhecimento, produzindo um estalo com a língua.

— Tem um sabor diferente de antes — disse ele sorrindo. — Sabor a... a... ao sul ensolarado, eu diria. Ou a Oriente, dependendo da perspectiva. Em todo o caso, percebe-se que a senhora aprendeu muito nas suas viagens! Meus parabéns, minha querida. Nunca tomei um café tão bom quanto este em toda a Frankfurt.

O cartógrafo concordou com um aceno de cabeça e tomou outro gole.

— Você deverá acostumar-se com a ideia de que levará um tempo até que os fregueses voltem, Joanna — ressaltou ele, cautelosamente. — É preciso esperar que a notícia do seu retorno se espalhe. As pessoas se habituaram a tomar café em outros lugares. Afinal, um ano é um longo tempo. Até que voltem a lembrar-se do Café Mühle poderá demorar um pouco. E precisam esquecer também que você acabou de responder a um processo, mesmo sendo inocente. Isso fica marcado nas pessoas. Talvez devêssemos chamar o jornal, Joanna... Se publicassem um bom artigo sobre...

— Eu não posso esperar tanto! — interrompeu ela. — A reforma custou-me uma fortuna. Você sabe do estado em que estava isto...

Ludwig Haldersleben concordou, entristecido, ao contrário de Justus von Zimmer, que começou a fantasiar, entusiasmado.

— Que lição demos àqueles palhaços de Sachsenhausen! Desde então, nunca mais me diverti tanto. Lembra, Joanna? — ele colocou a mão no seu braço. — Aquele tipo com cara de criminoso chega sorrateiro por trás de mim, mas nossa anfitriã aqui me alerta. Eu me viro e dou-lhe uma patada bem no meio das pernas. O cara desabou como um saco molhado! — ele soava como um veterano de guerra narrando uma batalha particularmente excitante. — E então vou eu socorrer a mulher no sofá... E de repente chega nosso belo amigo italiano e leva a foice bem no meio do peito, daquele patife, o chefe, o de Sachsenhausen — ele balançou a cabeça, exaltado. — Eu lhes digo, amigos, que coisa impressionante! Sangue jorrando aos cântaros! — ele batia nas próprias coxas, gargalhando. — Aquilo foi demais! Que

tremenda diversão! Já por isso eu nunca iria a outra cafeteria, Joanna. Onde mais poderíamos presenciar algo assim? — ele falava como se estivesse em transe. — Por falar nisso, como terminou a história do violinista? Ele sobreviveu, não? Não foi tão grave quanto pareceu, foi?

Joanna sentiu vontade de esbofeteá-lo. Como alguém podia ser tão insensível? Sem tato algum acerca do que outras pessoas pensassem ou sentissem. Mas Justus von Zimmer era um de seus mais fiéis fregueses, então não podia dar-se ao luxo de repreendê-lo ou expulsá-lo. Além disso, sua intenção certamente não era má.

Naturalmente, Gabriel permanecia vivíssimo em seus pensamentos, especialmente porque, desde a sua volta a Frankfurt, corria o risco de encontrá-lo a qualquer hora. Por medo desse encontro, evitara até então visitar Jehuda, que provavelmente estaria ressentido por ela não o procurar. Também se mantivera longe da ponte, por vezes desviando consideravelmente do seu caminho só para não escutar uma nota sequer do seu violino que porventura viesse de lá. Por sorte ainda não precisara ir ao outro lado do Meno! Mas Gabriel também parecia evitá-la, não podia ser de outra forma, pois certamente já sabia do seu retorno...

— Sim, está tudo bem com ele — intrometeu-se Ludwig Haldersleben. Há algum tempo, alguns meses já, ele apareceu na minha loja. Eu nem sei direito o que ele queria, provavelmente saber de você, Joanna. Elisabeth estava comigo e Scott também estava lá. Os dois devem ter-lhe contado.

Joanna tentou dissimular o quanto essa notícia a tocava. É óbvio que ninguém lhe havia dito uma palavra sequer sobre a visita de Gabriel à loja do cartógrafo. De Scott não se podia esperar algo assim. Mas mesmo Elisabeth parecia não considerar o episódio digno de notícia. Talvez todos pensassem que quanto menos se falasse sobre o assunto, melhor... Tinha a sensação de ter um enxame de borboletas esvoaçantes no estômago. Mal podia respirar, de tão emocionada. Gabriel havia perguntado por ela — isso queria dizer que ele ainda se importava!

— Você nem imagina quem eu vi agora há pouco no Römerberg, Joanna! — o cartógrafo mudou o assunto. — Martin Münch, com sua esposa! Pareciam dirigir-se para cá.

Joanna estremeceu. Imediatamente, as borboletas na sua barriga desapareceram. Martin Münch! Era só o que lhe faltava!

— Essa eu quero ver — disse Elisabeth, que acabara de chegar do quintal, apoiada na vassoura.

— Em todo esse tempo, Annete não deu as caras nem aqui, nem em Bornheim. É claro que eu não podia ir até Sachsenhausen. Vocês sabem por quê.

Ela apoiou a vassoura no canto da mesa, puxou uma cadeira e sentou-se ao lado de Ludwig Haldersleben. Todos olhavam esperançosos para a porta.

— Ah, ele vai sair daqui escorraçado! — Justus von Zimmer bateu outra vez na própria coxa, rindo, soltou uma abotoadura de ouro do braço direito da sua camisa de linho recém-engomada e começou a arregaçar a manga.

— Ele estava caminhando de uma forma bastante estranha. Como se houvesse perdido o senso de equilíbrio, apoiado em sua mulher. Muito esquisito. Estranho também que levem tanto tempo para chegar. Já estavam perto — disse o cartógrafo, como se falasse consigo mesmo.

Nesse exato momento, duas sombras escureceram a porta da entrada, que estava aberta. Cautelosamente, entraram. Annete Münch, toda arrumada como uma camponesa que vai à igreja, e seu marido Martin apoiando-se com a mão direita no ombro da esposa. A manga esquerda do seu casaco pendia vazia ao lado do corpo, e seu rosto estava coberto de marcas de arranhões.

Ninguém disse nada.

Finalmente, Elisabeth levantou-se e foi em direção aos dois. A vassoura na qual ela esbarrara ao levantar-se caiu ao chão ruidosamente.

— Estou feliz por vê-la tão bem, Annete!

— E eu por vê-la também, Elisabeth!

As duas antigas vizinhas abraçaram-se calorosamente. Somente depois Elisabeth dirigiu-se a Martin Münch.

— Pelo amor de Deus, Martin, o que aconteceu com o seu braço?

Tanto Annete quanto Martin Münch apenas a olhavam, calados.

Elisabeth empalideceu.

— Meu Deus, Gottfried fez isso? — gritou ela. Quando os Münch confirmaram, ainda calados, ela voltou aos soluços para os braços de Annete. — Eu sinto muito! Que horror, que horror!

Martin Münch pigarreou. De pernas bambas, aproximou-se do pequeno grupo sentado no meio do grande banco. Os olhares ainda hostis fizeram-no parar.

— Preciso falar com a senhora, dona Joanna — disse ele por fim, com a voz falha.

— Então, Justus, vamos jogar uma partida de xadrez! Joanna arranjou um novo tabuleiro. Vamos inaugurá-lo.

Ludwig Haldersleben levantou-se do banco para dar lugar ao ferido.

Joanna não pôde evitar de sentir pena de Martin Münch, mas não lhe ofereceu nada para beber. Esse homem havia colaborado com Gottfried Hoffmann espionando-a e não podia esperar que ela o recebesse de braços abertos.

— Hoje é o primeiro dia que pude levantar-me da cama — sussurrou o taverneiro de Sachsenhausen.

— Ainda não me sinto bem e mal posso andar. Mas Annete insistiu que viéssemos diretamente para cá.

Joanna olhava-os com reserva. Não, ela não teria misericórdia!

— Gottfried soltou seu urso para cima de mim.

Joanna permaneceu fria.

— Por eu não haver deposto contra a senhora.

— Ah.

Sua voz agora era cheia de desespero.

— Não abrimos a porta quando os *piketts* vieram buscar-me. Eles praticamente sitiaram a nossa casa. Fizemos de conta que não havia ninguém. Gottfried ficou furioso quando soube que eu não havia ido ao Römer. Ele e Jockel Lauer emboscaram-me no dia seguinte e me prenderam na jaula do urso. Tive sorte, pois o animal havia acabado de comer, de modo que perdi somente o antebraço.

Ele olhou para a esposa parada ao lado de Elisabeth, observando-a mexer uma grande panela enquanto conversavam.

— Annete não sabia de nada — continuou ele. — Gottfried ameaçou fazer mal à minha família se eu não participasse. Eu pensei que alguma hora acabaria. Mas só ficou pior. Eu não queria isso. Desde o começo. Eu não queria causar dano à senhora, nem a ninguém. A senhora tem que acreditar em mim!

Seu olhar era suplicante. Joanna foi a primeira a desviar os olhos.

— Mas, então, Annete ameaçou deixar-me. Ela não podia acreditar no que eu havia feito. Eu mesmo mal acredito. Ela acusou-me de ser um covarde. E, obviamente, ficou muito preocupada com Elisabeth depois da história do baú. Eu devia ter feito algo contra Gottfried desde o início! — ele olhou para o chão e apertou os lábios. — Mas isso acabou de uma vez por todas!

— Bem, fico feliz em saber.

A voz de Joanna continuava reservada. Se Martin Münch pensava que ela perdoaria sua covardia tão facilmente, estava enganado.

— Se a senhora quiser, eu deporei contra Gottfried.

Joanna fitou-o. Estaria falando sério?

Ela olhou atentamente o rosto mazelado, cheio de feridas recém-cicatrizadas. Quantos tormentos deveria ter passado! Trancado em uma jaula com um urso! E, ainda assim, queria enfrentar seu oponente. Sim, ele parecia mesmo decidido a virar a mesa e tomar medidas contra Gottfried Hoffmann.

— Sim, senhor Münch, esta é, por fim, uma boa ideia! — disse ela, mais amigável agora. — Vamos acabar com as atividades criminosas desse homem. Nós dois, o senhor e eu. E Elisabeth. E quem disse que não encontraremos mais aliados? Gottfried tem um monte de inimigos!

Martin Münch concordou afoito com a cabeça. Ele parecia infinitamente aliviado por ela ter-lhe perdoado. Pelo canto dos olhos Joanna viu que também Annete sorria de orelha a orelha, segurando as mãos de Elisabeth.

— É hora de libertar Sachsenhausen desse monstro — anunciou Joanna solenemente. — E de seu comparsa Jockel Lauer, do urso e dos cães. Vamos brindar com um bom café!

Ela esperava sinceramente que Martin Münch fizesse por merecer sua confiança dali por diante.

[1.](#) *Jeu-de-paume*: esporte de raquete praticado há cerca de 1000 anos e que se estendeu por toda a Europa no século XV. É o antecessor direto de outros esportes como o tênis.

[2.](#) Schwarzer Stern (“Estrela Negra”): foi um dos edifícios medievais mais bonitos de Frankfurt. A primeira referência ao prédio data de 1453. Foi destruído totalmente em um bombardeio em 1944, mas um novo Schwarzer Stern foi construído em 1983, usando-se peças remanescentes do antigo.

Capítulo 31



Os dias de cão¹ desse ano estavam sendo particularmente insuportáveis. Joanna convocara a reunião em seu *belvedere*, na esperança de que ali houvesse ao menos uma brisa refrescante. O pequeno terraço estava localizado no telhado plano do prédio anexo, entre o Café Mühle e o Novilho Vermelho. Além disso, o *belvedere* tinha outra vantagem: ela não precisaria ver a desolação do salão do Café Mühle, que permanecia vazio. Havia pensado em dar uma festa, algo para chamar a atenção do público, mas desistira da ideia por medo de despertar recordações indesejadas nos seus fregueses.

— Quando a senhora finalmente reabrirá o salão de senhoras? — havia perguntado a esposa do tanoeiro. Contudo, ainda não se animava a fazê-lo.

Por sorte, o último andar da casa vizinha jogava a sua sombra sobre o terraço. Havia deixado o ponche de morangos que fizera para comemorar a ocasião na torre da escadaria, o lugar mais fresco da casa. “Como o mundo parece pacífico dali!”, pensou ela, deixando o olhar vagar por sobre os becos estreitos abaixo, quando ouviu alguém bufando atrás de si

— Puxa! — gemeu Philipp Ingen, praticamente rastejando nos poucos degraus que levavam da escadaria para a varanda, em seguida se deixando cair sobre o banco de madeira à sombra ao lado da chaminé. — Eu trouxe as crianças. Estão brincando no quintal. Eles se deram tão bem com as suas meninas. Nossa nova criada é horrível! Se Margareth algum dia não souber para onde ir, sempre terá um lugar conosco!

— Margareth um dia assumirá o Café Mühle — respondeu Joanna, um tanto incisiva.

— Nunca estive aqui antes. Nem sabia que você tinha este pequeno paraíso aqui em cima! — disse Ingen, mudando rapidamente de assunto e olhando casualmente à volta.

Joanna irritou-se pelo fato de suas plantas estarem tão ressecadas. Teria gostado de poder ostentar um pouco mais na frente de Philipp Ingen. No entanto, o jardim no telhado ainda estava longe de corresponder ao seu exemplo máximo, o jardim paradisíaco do Bella Napoli, o que se devia principalmente à falta de rochas e árvores cítricas, como ela achava. As plantas de café de Zehra, das quais havia esperado um toque exótico, haviam morrido rapidamente, logo depois de replantadas em potes grandes e expostas ao sol. Depois de poucos dias, uma das pequenas árvores havia perdido todas as folhas.

— Deve ter sido por saudade — suspeitou Elisabeth, que tinha um estranho relacionamento de amizade com plantas e animais e, de fato, entendia mais de ambos que Joanna.

Ela ajeitou o grande guarda-sol para que as cadeiras dispostas ao longo do muro ficassem na sombra. Havia posto a rede que encontrara em um dos baús de Zehra no melhor lugar possível — estendida entre duas vigas do terraço. Ela daria espaço para mais uma pessoa. Então, foi buscar o pote de pedra com o ponche de morangos e serviu um pouco a Philipp em um copo de vidro, não sem antes o haver polido diligentemente com o avental.

O som de passos na escada anunciava a chegada de outros convidados. Martin Münch e Justus von Zimmer chegaram arfando, com os rostos vermelhos.

Depois de apresentados uns aos outros, o sobrinho do preboste passou um longo tempo admirando o

cacho em forma de linguiça na cabeça de Philipp Ingen, que nesse dia estava ainda mais esquisito, pois os cabelos do alto da cabeça estavam empapados de suor.

— Onde está Haldersleben? — perguntou Justus von Zimmer, mostrando um admirável autocontrole.

Suprimindo o riso com grande esforço, Joanna deu de ombros, ao que Justus inclinou-se por sobre o parapeito de madeira do terraço. Fazendo um funil com as mãos, gritou com sua voz poderosa por cima dos telhados e da rua:

— Ludwig!

Justus von Zimmer sorriu satisfeito quando, alguns momentos mais tarde, Ludwig Haldersleben apareceu no terraço, seguido por Elisabeth.

— Ludwig simplesmente não consegue separar-se do seu mais novo mapa — comentou Elisabeth, sentando-se, exausta.

— Desde que recebi aquela maravilhosa edição das Mil e Uma Noites, estou trabalhando em um mapa do mundo descrito no livro. O antigo embaixador francês em Constantinopla, Antoine Galland², traduziu esses contos orientais do árabe. Estou fazendo um mapa correspondente.

Mais uma vez, Joanna pensou que Haldersleben tinha que conhecer a sultana. Zehra e ele teriam muito o que conversar, com seu interesse comum por livros e viagens.

— Você tem que ler essas histórias, Joanna! — continuou o cartógrafo empolgado. — Elisabeth é louca por elas. Lemos uma história a cada dia. A narradora, seu nome é Xerezade, é uma mulher realmente inteligente. Por meio de suas histórias emocionantes, consegue dissuadir o rei Xariar de seu propósito: por haver sido traído pela primeira esposa, esse rei cruel quer se casar com uma mulher diferente todas as noites, para mandar matá-la na manhã seguinte. Xerezade conta histórias maravilhosas que aguçam a curiosidade de Xariar, mas interrompe cada conto ao amanhecer, prometendo continuar na noite seguinte. Ao fim de mil e uma noites, o rei desiste dos seus atos de vingança. Xerezade sobrevive, salvando também as outras mulheres do reino.

— Xerezade? — murmurou Joanna, pensativa. — Acho que já ouvi falar dela. A irmã do sultão mencionou esse nome, se não me engano. Mas infelizmente não entendo francês, então seu maravilhoso livro não me adiantaria de nada.

— E que tal se Justus traduzisse algumas histórias para você? — o cartógrafo fez uma cara como se houvesse matado dois coelhos com uma única cajadada. — Você certamente fala francês, não é mesmo, Justus? E, pelo que sei, não há, no momento, nenhuma tarefa importante esperando por você. Caso, então, você excepcionalmente ficasse sem vontade de passar o dia todo à toa, aqui estaria algo de útil para fazer!

Justus von Zimmer contraiu-se todo, como sempre quando queriam alguma coisa dele. A rede onde acomodara o corpo começou a tremer. Por fim, ele confessou que realmente falava francês fluentemente e concordou em traduzir uma ou outra história para Joanna, contanto que não tivesse nada melhor a fazer.

Quando finalmente todos haviam se acomodado e bebiam seu ponche já não mais tão fresco, Joanna deu início à reunião.

— Gregor Denzel também queria vir, mas infelizmente está ocupado, terminando um par de sapatos de baile para a esposa do banqueiro. Em todo caso, podemos incluí-lo em quaisquer atividades, disse-me ele. Além disso, ele e Greta rezarão pelo nosso sucesso.

— O mesmo vale para a minha irmã — disse Ludwig Haldersleben prontamente.

— E para Annete — complementou Martin Münch.

— E não devemos esquecer-nos de Trudi! — acrescentou Philipp em tom presunçoso.

— Como todossabem, Gottfried Hoffmann, o marido de Elisabeth — ela pediu perdão com o olhar à

amiga, que, envergonhada, puxava os fios da sua blusinha de mangas abaloadas — atormenta-nos há anos. Desde que eu aconselhei Elisabeth a não se casar com ele — ela procurou manter qualquer sinal de presunção fora do tom da sua voz. — Entretanto, ele não me tiranizou apenas, mas também Elisabeth, assim como Martin Münch, que, agora, em um ato de coragem, decidiu mudar de lado. Gottfried prendeu-o na jaula com o urso porque ele se negou a depor contra mim no processo. Martin Münch e eu fizemos as pazes e decidimos acabar com esse monstro de uma vez por todas. Sachsenhausen, aliás, toda a Frankfurt será um lugar melhor quando Gottfried Hoffmann for neutralizado. Para alcançar esse objetivo, precisaremos da ajuda de vocês. Como vimos, com a polícia não poderemos contar.

— Não me parece grande coisa — trovejou Justus von Zimmer, levantando-se na rede. — Primeiro, envenenamos os bichos e, depois, destruímos tudo, assim como ele fez aqui. Em um piscar de olhos, estará tudo resolvido.

— Ah, não, coitados dos animais! — exclamou Elisabeth. — Está certo que eu também sempre tive medo deles, mas eles não têm culpa de serem como são! Gottfried não lhes dá comida suficiente para deixá-los ainda mais ferozes.

Ela havia trazido o cestinho com o seu material de costura e começou a costurar uma borda de renda em uma nova touca de linho para Joanna.

Martin Münch, com um semblante sombrio, concordou com a cabeça e tateou sua manga vazia.

O sobrinho do chefe de polícia olhou para Elisabeth como se ela não estivesse bem da cabeça.

— Gottfried não é de todo mau — continuou ela, sem se impressionar. — É o álcool que o deixa assim. Quando não bebe, pode ser um amor! Ele não foi sempre assim — vocês não devem pensar isso dele!

Ludwig Haldersleben trocou um olhar com Joanna, que arqueou os ombros, resignada, e refugiou-se observando um besouro virado de costas.

Elisabeth enfiava uma linha um tanto comprida demais no buraco da agulha.

— Linha comprida, menina preguiçosa — disse ela, rindo.

— Eu concordo com Elisabeth no sentido de que devemos agir de forma mais refinada do que propõe o colega von Zimmer — disse Joanna, retomando as rédeas da discussão. Sentia-se como uma grande comandante de guerra romana que reunira seus generais em torno de si. — Devemos impedir Gottfried permanentemente. De forma que ele não se recupere — disse ela com calma. — Deixem-me contar-lhes como se resolvem essas coisas no harém do sultão otomano. Na minha opinião, é a melhor escola do mundo se quisermos aprender como neutralizar nossos inimigos definitivamente. A história que vou lhes contar realmente aconteceu — entre a mãe da minha senhora Zehra, uma senhora da alta sociedade de Veneza, e seu inimigo, o grão-vizir.

— Mas é como Xerezade! — suspirou o cartógrafo, encantado.

Joanna havia preparado uma anedota completamente inventada, que fazia da intrigante Emine Hanim uma mulher indefesa, perseguida pela ira do vizir e que precisava aprender a defender-se. Ela enfeitou sua narrativa com muitas expressões turcas e italianas, finalizando cada segunda frase com um “*Alhamdullilah*” ou “*Inshallah*”, para dar aos seus ouvintes a impressão de que ouviam uma história real.

— Para sua grande surpresa, um dia a bela Emine Hanim constatou que não sofria apenas com a tirania do vizir, mas também com a de outras pessoas. Contudo, somente quando tentou ganhar a simpatia do eunuco-mor e, com a sua ajuda, também a do *cádi*³, sua influência com o velho sultão aumentou de tal forma que conseguiu, por fim, desapossar o intrigante vizir.

E assim finalizou a narrativa.

Ela olhou à volta, para os atentos ouvintes, que haviam sorvido cada uma das suas palavras.

— Agora vocês devem estar se perguntando o que aprendemos com isso, e como essa história se aplica

a Gottfried Hoffmann... — Elisabeth quis dizer algo, mas Joanna colocou o dedo indicador nos lábios. — Bem, aprendemos que precisamos agir conjuntamente e com propósito, caros amigos! Proponho o seguinte: você, Philipp, conversará com aquele cervejeiro do qual Martin nos falou. Ele é o mais importante aliado de Gottfried. Temos que o atrair para o nosso lado!

— Praetorius... — afirmou Philipp, pensativo. — Mas não será fácil, Joanna. Hildebrand Praetorius odeia café. Ele não está nessa por uma desavença com alguém, como Gottfried, ou por gosto pela discórdia, como Jockel Lauer. No caso dele, é uma questão de convicção: ele realmente acredita que a humanidade precisa ser libertada do café, que ele julga ser a fonte de todas as doenças.

— Eu tenho plena confiança em você e em Trudi — revidou Joanna, sorrindo candidamente para o tutor de suas enteadas. — Quem poderia, se não vocês, levar alguém tão convicto a mudar de opinião?

Então, dirigiu-se ao sobrinho do preboste:

— Justus falará com o seu tio e demandará que o policial penugento seja investigado. Há algo de errado com aquele homem! Por que ele estava atrás de mim com tanto afinho em vez de investigar Gottfried Hoffmann ou tirar Jockel Lauer de circulação?

Ela não havia ficado feliz com a ideia do cartógrafo de pedir a Justus von Zimmer que traduzisse as Mil e Uma Noites. Ela conhecia bem o amigo: duas tarefas de uma vez o deixariam sobrecarregado. Se tinha algo que Justus odiava era sentir-se sob pressão.

Realmente, ele contorceu o rosto por um momento, como se lhe pedissem um monte de absurdos. Mas, por fim venceu a preguiça e concordou com a cabeça.

— Elisabeth denunciará Gottfried. É um pouco tarde, mas temos que o levar a juízo pela história do baú. Talvez ela possa requerer o divórcio. Deve sair dessa como esposa honrada, Elisabeth!

Joanna olhou severamente para Ludwig e também para Elisabeth. “Deus, quem sou eu para pedir a outros que controlem seus sentimentos?”, veio-lhe à cabeça. Mas se alguém soubesse que a amiga era amante de Ludwig Haldersleben podiam esquecer a história toda. Seu depoimento não valeria absolutamente nada.

— Faremos como ele: atacaremos por todos os lados ao mesmo tempo. Annete e Martin tratarão de desacreditá-lo em Sachsenhausen — continuou ela com a exposição do seu plano.

— Eu tive sorte de sair com vida. E Gottfried ficou ao lado, rindo como um louco. Somente no último momento deixou-me sair da jaula. O braço já havia ido.

Martin Münch balançou-se todo. O pavor ainda estava estampado em seu semblante.

— Martin igualmente fará uma denúncia contra Gottfried — decidiu Joanna.

Como se fosse um sinal encomendado, o filho de dois anos de Philipp começou a berrar bem nesse momento. Quando todos correram para a balaustrada, viram que ele havia capturado uma das galinhas de Joanna e aparentemente pretendia afogá-la em uma tina. A galinha, entretanto, defendia-se, batendo vigorosamente as asas e bicando a mão do menino, até que ele finalmente a soltou.

— Maria, cuide do pequeno! — gritou Philipp para baixo, dando a impressão de estar acostumado a tais cenas.

— Então está tudo claro, certo?

Joanna olhou a roda dos presentes. Todos concordaram com uma expressão grave no rosto. Todos pareciam decididos a acabar definitivamente com o produtor de vinho de maçã e seus capangas. Joanna debruçou-se novamente sobre o parapeito e gritou para o quintal:

— Lili, vá para dentro e avise ao Scott que traga a mistura do harém! — e, voltada para os amigos, acrescentou, sorrindo: — Devemos brindar o nosso pacto! Eu criei uma nova e maravilhosa mescla de cafés. Vocês ficarão encantados!

Os pombos no telhado vizinho turturavam, as roseiras farfalhavam ao vento e Justus von Zimmer

começou a roncar baixinho em sua rede enquanto Ludwig Haldersleben falava entusiasmado aos outros sobre seu novo mapa.

Joanna olhou sobre os telhados de Frankfurt e abriu os braços. O vento inflou sua saia como se fosse uma vela. Os laços da sua touca batiam agitados contra o queixo. Um sentimento de felicidade surgiu dentro dela. Durante todos esses anos, sempre justificara seu silêncio perante Gottfried Hoffmann com a alegação de não querer causar nenhum mal a Elisabeth. Agora ela sabia: antes não podia ter revidado, pois não estava preparada para enfrentar seu pior inimigo. Mas agora sim! Gottfried Hoffmann não perdia por esperar.

- 1. Dias de cão: expressão coloquial para os dias mais quentes do verão na Europa. O nome está relacionado à constelação *Canis Major* (Cão Maior) e refere-se ao período entre 23 de julho e 23 de agosto.
- 2. Antoine Galland (1646-1715) foi um escritor e orientalista francês, especialista em manuscritos antigos, línguas orientais e moedas. Galland é mais conhecido por ser o primeiro tradutor europeu de *Les Mille et Une Nuits* (*As Mil e Uma Noites*), o clássico da literatura árabe publicado em francês, entre 1704 e 1717.
- 3. *Cádi*: juiz muçulmano que julga segundo a Sharia, o direito religioso islâmico.

Capítulo 32



Gabriel suave, vestido com seu melhor sobretudo negro, o chapéu e o colarinho branco de renda. Estava igual a todos os outros moradores do sexo masculino da Judengasse. Nenhuma nuvem se via na estreita faixa de céu que se abria entre os telhados do beco judeu. O ar cintilava sobre as pedras escuras do calçamento tamanho era o calor. E ainda não era nem onze e meia. Em pouco tempo, chegariam os convidados e Rachel, sua futura esposa.

Ele sabia da sorte que tinha. Rachel era realmente um bom partido — ao contrário dele mesmo. Depois de seu primeiro e desastroso encontro, ela pouco a pouco descongelara. Era, sim, um tanto séria e quieta demais. Mas era bela e não era burra, se bem que um pouco frágil. E os Lazarus tinham dinheiro. Não existia uma grande paixão, mas todos lhe diziam que isso viria. Com uma beldade dessas! Qual era o homem que poderia permanecer frio? Havia conhecido também os seus pais um pouco melhor. Brunhilde era uma matrona controladora, mas tudo indicava que seu coração era bondoso. Como sua filha, adorava montar a cavalo. E Joel, o mercador de cavalos, era certamente o melhor sogro que se podia desejar. Um homem inculto, que nem ler e escrever sabia, que havia obtido êxito na vida com muito esforço. Andava às voltas do príncipe-eleitor do Palatinado e recebera dele uma propriedade na qual Joel havia construído uma finca. Desde que vendera ao príncipe um formoso cavalo negro de pelo reluzente que logo se tornara seu cavalo favorito, mantinha também o posto de feitor da corte.

Nessa parte da história, Gabriel geralmente perdia o fio, pois não dava a mínima para cavalos. Porém, ao menos a família Lazarus não precisava mais morar num beco estreito em Worms. Ar puro, natureza, a vastidão da paisagem. Ele tentava ficar feliz com essa perspectiva de vida. O motivo que movera os pais de Rachel a escolherem-no justamente para marido de sua filha mais velha por muito tempo permaneceu um mistério para ele. Até que entendeu que devia ser pelo amor à música. Ao contrário da sua própria família, Joel e Brunhilde Lazarus tinham grande admiração por ele, o compositor. Nunca deixavam de perguntar por seus avanços com *Os Filhos de Abraão*.

— Logo terá tempo de sobra para dedicar-se à sua obra — dissera-lhe Joel na sua última visita.

Gabriel observou o seu novo relógio de bolso que seu pai lhe entregara solenemente na noite anterior.

— Para ti, meu filho — o doutor Stern anunciara, com lágrimas nos olhos. — Como sabes, este relógio foi do meu pai. Ele também o deu a mim como presente de noivado. Assim como tu o presentearás ao seu filho, quando ele se tornar noivo — em seguida, seu pai beijou-lhe a testa, coisa que não fazia havia anos, e abriu uma antiquíssima garrafa de vinho tinto, que já trazia um leve sabor de vinagre. Ele não havia comentado o fato, pois desde a sua estada em Veneza, os momentos de concórdia entre eles haviam se tornado raros.

Sim, pensou Gabriel, ainda havia tempo para uma ida rápida ao Meno. Talvez soprasse uma brisa lá embaixo na ponte que livrasse a sua cabeça da dor com a qual despertara essa manhã. A sensação de cometer um grave erro corroía-o. Impedia-o de sentir-se feliz como deveria, pensava ele, nesse dia tão importante. “Sou eu mesmo?”, era a pergunta que não calava. Admirava-o sua própria falta de coragem, sua inércia perante o próprio destino. Parecia-lhe que perdera o leme da vida. Em sua cabeça, ouvia a

música que acompanhava seus sentimentos: um suave *adagio morendo*.

Sem olhar para os lados, passou ligeiro pelo empurra-empurra na Judengasse e, depois de poucos minutos, atravessou o portão sul. Ao chegar à ribanceira, estava molhado de suor. O Meno corria lento. Havia poucos barcos, o calor era demasiado até para os pescadores. Ao longe, na direção de Höchst¹, pensou reconhecer os contornos do navio de linha do Meno subindo o rio. Rachel e seus parentes provavelmente estariam nele. Seu olhar perambulou pela arcada embaixo da ponte, que havia tempos não lhe servia mais como sala de concerto. Desde que cometera o erro de levar Rachel para lá não havia ido mais.

Suas recordações de Joanna Berger nesse lugar eram muito fortes. Assim como agora. Que tolíce a sua — deveria saber que procurar o local das lembranças voltaria a abrir as velhas feridas. A grande pedra chata na qual Joanna sentara para ouvi-lo havia sido profanada pelos pássaros, que deixaram ali a sua sujeira. “Só faltava mais essa!”, pensou Gabriel, enfadado. Sentiu vontade de atirar uma pedra na gaivota gorda que limpava as asas pousada ao lado dele, na grama da margem. “Por que tinha de pensar nela? Será que seus sentimentos por ela um dia cessariam? Será que em dez anos, com Rachel ao seu lado e um bando de crianças à sua volta, ainda pensaria naquela mulher de cabelos vermelhos?”

Gabriel soltou um suspiro e olhou novamente para o relógio. Tinha de apressar-se. Ou os convidados chegariam antes dele. A silhueta que havia visto na altura do Gutleuthof havia sido mesmo o navio de passageiros, que agora se aproximava rapidamente. Rachel estava a bordo. Rachel, sua noiva!

Quando novamente despertou de seus pensamentos, suas pernas o haviam carregado quase até a porta do Café Mühle. Irritado, mudou o rumo em direção à Judengasse. Ao chegar à casa de seus pais, foi logo saudado por Jehuda, que saíra de sua loja nesse justo momento e assobiava a abertura de *Os Filhos de Abraão*. O merceeiro havia começado a vender também frutas e verduras, além das suas mercadorias tradicionais. Hoje, além de algumas cabeças de alface já murchas pelo calor, tinha também umas grandes bolas verdes. Gabriel nunca havia visto esses estranhos frutos.

— Melancias — disse Jehuda, que percebera seu espanto. — Chegaram ontem de navio. Estas vêm de Constantinopla, mas crescem ainda mais ao sul. São fáceis de armazenar, bem embaixo, no porão do navio, onde é mais fresco. Aqui, são uma raridade. Talvez eu passe a importá-las se houver procura. Aqui, prove um pedaço. É boa contra a sede!

Antes que Gabriel pudesse responder, o merceeiro já havia sacado uma faca das profundezas do seu manto, partido a melancia ao meio e cortado um bom pedaço. Ao entregá-lo a Gabriel, deixou pingar algumas gotas de sumo sobre os sapatos dele.

Gabriel sentiu a água acumulando-se em sua boca. Somente agora se dava conta da sede que tinha. Cheio de vontade, mordeu o meio da fruta vermelha.

— Muito bom, Jehuda — disse, com a boca cheia. — Excelente! Com esse tempo, não posso imaginar nada melhor.

— Foi exatamente o que a sua mãe disse hoje de manhã, quando comprou logo cinco delas assim que o carrinho chegou — respondeu Jehuda. Um brilho astuto surgiu nos seus olhos. — Você receberão visitas hoje, não?

— O que foi que ela lhe contou? — perguntou Gabriel, rabugento.

Seu humor, que havia se elevado graças ao sabor delicioso na boca, voltou a cair a níveis abissais. O suco da melancia escorreu pela mão, deixando um rastro grudento na pele.

— Bem, que hoje é um grande dia para você — começou Jehuda cautelosamente.

Gabriel confirmou, mal-encarado.

— E o que mais?

— Bem, que hoje você e aquela linda jovem que eu vi em sua companhia algumas vezes — ele deu-lhe

uma piscadela — assinarão o *shtar tna'im*². Um motivo de felicidade, eu diria! Todo homem não deseja ter uma mulher ao seu lado? E não está escrito na Torá que devemos ser férteis e multiplicar-nos?

— O caso é que eu não estou bem seguro. Um passo tão importante do qual depende toda a minha vida! Minha mãe escolheu-a para mim — explicou Gabriel ao merceeiro.

Ele sempre confiara em Jehuda. Já quando criança, tempos antes do grande incêndio da Judengasse, quando ainda não moravam na mesma casa, havia estado muitas vezes na mercearia, abrindo-lhe seu coração.

— Isso é perfeitamente normal — respondeu o outro alegremente. — Você acha que eu mesmo escolhi a minha Miriam? No começo, não gostava dela, pode acreditar! Magra demais, ossuda, falava alto demais, era o que eu achava. Agora não saberia viver sem ela.

O olhar de Jehuda escurecera; seu rosto, normalmente tão alegre, enchera-se de rugas de preocupação. Usando um trapo de saco, limpou cerimoniosamente a lâmina do canivete que usara para cortar a melancia, fechou-o e voltou a guardá-lo no seu *kaftan*.

Gabriel não queria insistir perguntando sobre Miriam, mas uma parte ele podia imaginar: vira-a mais de uma vez no consultório do seu pai e notara que a mulher, que sempre fora magra e alegre, havia engordado de maneira incomum. Contudo, era somente na região da barriga, como se estivesse esperando um filho, o que na sua idade era impossível. Um tumor que lhe inflava as entranhas, suspeitava ele, e olhou discretamente para as pontas dos seus sapatos.

— Vai ficar tudo bem — murmurou o merceeiro, pouco convincente. — Você verá! Assim que estiverem casados, tudo ficará bem e saberá que fez a coisa certa.

O olhar de Jehuda perdeu-se na distância. Gabriel, que não sabia o que fazer, pisava impacientemente de um pé ao outro. Ir-se, simplesmente, haveria sido falta de tato; por outro lado, sentia um calor infernal e, além disso, Rachel e sua família podiam aparecer a qualquer momento. Teria preferido passar mais algum tempo sozinho em seu quarto antes de ser obrigado a receber sua noiva e os seus. Sentia a necessidade de centrar-se, concentrar-se mais uma vez plenamente em si mesmo para suportar o que estava por vir.

— Como vai *Os Filhos de Abraão*? — perguntou Jehuda de súbito, como se o tema anterior não tivesse mais nenhum significado para ele.

Gabriel não se entusiasmou de todo com a mudança de assunto.

— Estão descansando — respondeu, afinal, um tanto obtuso. Com o lenço, limpou o suor da testa e os dedos melados. — Aqui, eu simplesmente não consigo trabalhar. Preciso de espaço para que as ideias possam desdobrar-se, ter a cabeça livre para criar, luz, inspiração...

— Em breve, você terá tudo isso. Dizem por aí que seus sogros têm muito dinheiro. Com isso, as notas fluirão sozinhas para o papel! Desde o último incêndio, nada mais aqui é como antes. E mesmo antes, já não era lá muito bom, mas ao menos tínhamos do que viver³. Eu sinceramente espero que você, quando for rico e famoso, venha visitar-nos de vez em quando...

Jehuda deixou sua frase sem terminar. Gabriel também ficou calado. Foi a mais jovem das duas filhas de Bär, Babette, que, por fim, arrancou-o de seus pensamentos. Munida de um cesto de compras, passou por eles em seu vestido violeta sem ao menos um olhar, como se um não lhe houvesse dado aulas de violino, e o outro não a abastecesse com doces desde a mais terna infância.

Gabriel sentiu vontade de rir. Ela parecia estar com a consciência pesada, pois, um dia antes, ele a havia flagrado escondida embaixo da ponte fumando um cachimbo de tabaco com o filho do servente da sinagoga.

— Tratou-nos como se fôssemos ar! — Jehuda balançou a cabeça. — Que desfeita! Pergunto-me: quem ensinou esses modos a Babette... Não se pode mesmo mais confiar em ninguém. Há pouco, sim, há dois

dias, algo assim já me aconteceu: vi uma conhecida, que você também conhece, na Zeil. A senhora parecia estar com pressa e não me viu. Mas, quem sabe, talvez ela não quisesse ver — ele deu de ombros. — Talvez não seja o melhor momento para se cumprimentar um judeu, quando se está prestes a entrar na casa de um dos homens mais poderosos da cidade.

— De quem você está falando?

— De Philipp Ingen, antigo tabelião, e agora fiel depositário de uma fundação — respondeu Jehuda. Sua esposa chamava-se Kühnemeier antes de casar-se. Além disso, falta pouco para ele tornar-se um nobre. Dizem que ele é grande amigo de...

— Quero saber da mulher, Jehuda! — interrompeu-o Gabriel, impaciente. — Quem é a mulher que você viu na Zeil?

Parecia que Jehuda estava debochando dele. Suspeitaria ele da importância que Joanna Berger tivera para ele e que ainda tinha? Afinal, quem mais poderia ser? Por que ele o torturava com joguinhos?

— Quem seria? A Berger! — exclamou o merceeiro, surpreso. — Não me diga que ainda não percebeu que ela voltou a Frankfurt? Ela conseguiu a licença de volta e reabriu o Café Mühle. Já faz um tempo. Mas os negócios parecem ainda não ir tão bem, segundo dizem. Deve ser por causa do café que ela serve — observou ele, ácido —, pois ela não compra mais os grãos de mim, mas sim de uma outra fonte qualquer.

— O Café Mühle reabriu?

— Surpreende-me que você ainda não tenha se dado conta disso! — Jehuda olhou-o, divertido. — Eles abriram um processo contra ela porque supostamente teria empregado um judeu disfarçado de italiano. E você não ficou sabendo de nada?

Gabriel achou melhor não deixar que Jehuda percebesse o quanto a notícia do retorno de Joanna o perturbava. Depois de um ano no estrangeiro, ela voltara — e ele ficara sabendo da novidade fatal justamente no dia do seu noivado. Joanna, ela estava de volta, em Frankfurt, pertinho dele! Ele sentiu um fluxo de energia fresca passar por seu corpo, o sangue pulsando nas veias.

Joanna de volta a Frankfurt... Mas, pensou ele, o que isso mudava na sua situação? Joanna Berger não se interessava mesmo por ele. De outra forma, como explicar que não houvesse buscado notícias dele, nem antes da partida, e tampouco agora? Afinal, ele correria risco de morte! Entretanto, se ela estava de volta, ao menos não se havia tornado a esposa de algum nobre veneziano, como dissera sua amiga, aquela Elisabeth, alguns meses atrás...

— Como acabou o processo? — perguntou ele, o mais calmo que a agitação em seu interior permitiu.

— A testemunha que deveria depor contra ela não apareceu. Ela escapou com uma advertência — Jehuda inclinou a cabeça levemente e olhou-o com os olhos semicerrados. — Quem haveria sido esse misterioso italiano? Em todo caso, é um escândalo que nossos músicos não possam apresentar-se em cafeterias cristãs! Nada, mas nada mesmo nos é permitido! Temos de fazer tudo às escondidas, porque tudo é proibido. E ainda nos acusam de trapaceiros. Algum dia, acabarei por ir-me a Saloniki!

Ao longe, Gabriel ouviu os relinchos de um cavalo que soava quase como uma saudação. Pouco depois, escutou o bater dos cascos aproximando-se e logo a carruagem aberta parou a poucos passos da casa O Camelo Dourado.

Com ambas as mãos, Rachel segurava firmemente as rédeas do belo cavalo negro, como se temesse que o animal fosse disparar a qualquer momento. Joel Lazarus, sentado ao lado da filha na boleia, saudou alegremente seu futuro genro.

— Veja a minha filha, linda como uma deusa! Você deveria vê-la montando, é uma verdadeira Lazarus quando o assunto são cavalos!

Agilmente, ele saltou da boleia e, com um estalo dos dedos, chamou um menino vestido em trapos, ao

qual deu algumas moedas para que cuidasse do cavalo.

Gabriel fez um esforço e aproximou-se da carruagem. O mercador de cavalos era um homem pequeno, magro e forte, com a pele do rosto curtida pelos elementos e cavanhaque grisalho. Seu saudável bronzado destoava visivelmente da massa dos pálidos do beco, e sua magnífica roupa de festa destacava-se do triste negro, tradicionalmente vestido pelos judeus de Frankfurt.

— *Shalom*, meu filho! A paz esteja contigo!

Joel Lazarus virou-se para Gabriel, que era muito mais alto que ele, e solenemente lhe colocou as mãos nos ombros.

— *Shalom*, meu pai!

Gabriel abaixou a cabeça respeitosamente e beijou a mão do futuro sogro. Somente depois se voltou para a noiva.

— *Shalom*, Rachel! — ele estendeu-lhe a mão para ajudá-la a descer.

A jovem entregou as rédeas ao menino que esperava. Com um olhar tímido para Gabriel, deixou-se ajudar a descer da carruagem. Seu vestido era preso por um pesado cinto de prata forjada. Também seus pulsos eram adornados por largos braceletes prateados.

— Os outros estão vindo a pé. Eu quis trazer a noiva como manda o figurino, por isso alugamos este carro no cais — disse o comerciante de cavalos, olhando pensativamente para a carruagem que se distanciava.

— Rachel, minha querida!

Esther Stern devia ter visto a chegada da *caleche* da janela. Com os braços bem abertos, correu para abraçar a futura nora.

— Onde está o pai? — perguntou Gabriel à sua mãe, depois que esta cumprimentara Joel Lazarus também.

— Ah, ainda precisam dele no hospital — respondeu Esther Stern. — Os doentes têm preferência. Até mesmo no dia do noivado de seu único filho, não há como ele tirar o dia livre.

Com um sorriso, voltou-se a Rachel e Joel Lazarus e acrescentou:

— Ele prometeu chegar pontualmente à sinagoga. Penso que também deveríamos pôr-nos a caminho.

Esther Stern enganchou o braço no de Rachel, e, falando alto, liderou o caminho beco acima, em direção à sinagoga.

Gabriel quis acompanhá-los, mas Jehuda segurou-o pela manga.

— Tome! Pegue isto!

O merceeiro meteu-lhe alguns grãos de café recém-torrados na mão. Depois, pegou alguns para si e enfiou-os na boca.

— Isto acalma, sabe? Quando estou nervoso, sempre mastigo alguns grãos de café.

Gabriel colocou um grão na boca, segurando-o com a língua contra o céu da boca por um instante, e guardou os restantes no bolso interno do colete. Agradecido, sorriu para Jehuda.

— Os pensamentos ficam mais claros também — prosseguiu ele. — E eu acho que é disso que você precisa. Não lhe resta muito tempo para tomar a decisão certa — ele lançou-lhe um olhar cheio de significado e levantou o dedo indicador. — O mais importante é não deixar que alguém lhe diga como viver a sua vida! Meu casamento com Miriam deu certo. Outros não deram. Somente você sabe o que é melhor para si mesmo.

— Gabriel, por onde andas?

A voz da sua mãe soou estridente e apressada. Como em um transe, Gabriel começou a andar, sem lançar nenhum olhar para o merceeiro.

Ao chegarem à sinagoga, a mãe de Rachel, Brunhilde, seu irmãozinho, Jakob, as irmãs, Recha e

Jeanette, e também Elias Stern já estavam lá. Mais convidados não haviam para a cerimônia.

— A festa do casamento será grande — Esther Stern havia dito a Gabriel, olhando-o nos olhos — com música, muitos convidados e um ótimo banquete — pela primeira vez em toda essa história do casamento, Gabriel sentira-se grato à sua mãe: ao menos disso estaria livre por enquanto!

— *Shalom*, Gabriel! — exclamou Brunhilde Lazarus, beijando-o nas faces. — Que bom que este dia, em que você será prometido à minha menina, finalmente chegou!

— Sim, que bom — respondeu ele sem entusiasmo enquanto cumprimentava Recha e Jeanette, que já encontrara uma vez antes. As duas irmãs eram tão parecidas com Rachel que pareciam trigêmeas. Era curioso que um homem como Joel tivesse filhas tão caladas e misteriosas. Da loquaz Brunhilde também se esperariam moças mais temperamentais.

Seu olhar caiu sobre o menino ao lado de Brunhilde, que o observava atentamente. Tinha uns oito anos e uma certa semelhança com Rachel, mas a expressão dos seus olhos indicava que ao menos ele havia puxado os pais e tinha um caráter totalmente diferente do das irmãs. Os cachos desgrehados que caíam sobre os ombros balançavam vivamente com seus movimentos. Ele parecia não estar parado em momento algum, apesar de não se mover do lugar.

Gabriel estendeu-lhe a mão.

— Olá, cunhado! — disse ele, com uma piscada de olho, e percebeu que acertara no tom. O menino deu-lhe um sorriso aberto.

— Então você é o professor de espineta com o qual a minha irmã deve casar-se!

— Jakob! — gritou a sua mãe, indignada. — Isso são modos de falar com o senhor Stern?

— Por quê? — replicou o menino, arregalando os olhos. — É o que Rachel sempre diz. E é verdade, não é? Ou você é um padeiro ou algo assim? — seu olhar para Gabriel era questionador.

Gabriel teve de rir.

— Eu dou aulas de violino e espineta, é verdade. Mas, na realidade, sou compositor. Você sabe o que isso significa?

— Alguém que inventa música, certo? — respondeu o garoto.

— Exatamente. Você tem uma melodia na cabeça e escreve-a no papel. Em forma de notas. Para um instrumento ou para muitos, de acordo com o que queira compor. Uma sonata para violino, por exemplo, ou uma suíte para orquestra. Ou, então, uma ópera, que é uma espécie de peça teatral, cujo enredo é determinado pela música e na qual se canta, sobretudo. É o que estou tentando fazer no momento...

Gabriel e Jakob não haviam percebido que os outros membros da família já haviam ido para a sinagoga. O servente da comunidade chegou correndo, agitado e saudou respeitosamente Gabriel, mas também o apressando.

— Senhor maestro, estão todos esperando. Já vai começar.

O rabino também já chegou.

Gabriel fez um sinal afirmativo para Isaak Seligmann.

— Venha, temos que entrar, Jakob, senão ainda perco minha própria cerimônia de noivado — disse ele, voltando à realidade.

Contudo, em vez de segui-lo para dentro, o irmão de Rachel permaneceu parado.

— O que há com você, cunhado? — chamou Gabriel, admirado.

Jakob fez um movimento esquisito com o ombro esquerdo, como se sentisse coceira na axila, acompanhado de uma careta. Ao olhar incompreensivo de Gabriel, ele apenas balançou a cabeça. Seu olhar perdeu-se na distância, como se escutasse algo dentro de si. Por fim, saltou algumas vezes no lugar e agarrou a mão estendida do violinista. Manteve o braço esquerdo colado ao peito de modo que seu andar tornou-se um tanto desajeitado, como um ferido de guerra que houvesse levado um tiro no ombro.

O que teria o menino? Gabriel riu. Ele sempre desejava um irmão menor. Agora teria um. E Rachel não podia ser tão ruim se era irmã de Jakob.

Isaak Seligmann guiou-os pela entrada lateral da sinagoga por um corredor estreito, paralelo ao salão principal onde aconteciam os cultos. Passaram pela escada para o matroneu, atravessaram uma espécie de depósito com diversos objetos de culto em altas prateleiras e finalmente chegaram à sala posterior, reservada a festas de família. O rabino estava sentado atrás de uma mesa pesada e escura.

— Gabriel, eu o saúdo! — o rabino levantou-se e estendeu-lhe a mão por cima da mesa. — Que grande dia! Estou tão contente por você.

Gabriel conhecia Schlomo Rapp desde a infância e estava feliz de que esse grande erudito performaria seu *erusin*, a cerimônia de noivado. O rabino era um homem um tanto avesso ao mundo, mas sempre alegre. Para muito além de Frankfurt, a sua obra sobre o grande letrado e rabino veneziano Leone da Modena, na qual trabalhava havia anos, era ansiosamente esperada.

— Todos conhecem o conteúdo do *shtar tna'im*? — começou ele, indo direto ao ponto.

Com um gesto da mão, convidou os noivos a se sentar nas duas cadeiras estofadas em frente à mesa. Para os familiares, havia cadeiras de madeira enfileiradas atrás.

Rachel confirmou com a cabeça, calada, e sentou-se graciosamente na poltrona. Gabriel, sentado ao seu lado, observava-a discretamente. Teve de reconhecer que, com sua expressão séria e os cabelos amarrados para trás, ela era muito bonita de perfil. Somente depois do casamento ela seria obrigada a cobrir a cabeça, mas isso provavelmente não perturbaria sua beleza clássica. Seu olhar encontrou as mãos de Rachel dobradas no colo. Ainda que seus dedos fossem finos, como ele havia notado antes, suas mãos, com os largos braceletes nos punhos, pareciam mais as de uma camponesa que as de uma dama da sociedade. Suas costas eram tão eretas como se tivesse engolido um cabo de vassoura. Inconscientemente, Gabriel também endireitou as costas e resistiu à vontade de olhar para trás, de onde vinha um ruído.

— Bem — disse o rabino, quando ninguém respondeu à sua pergunta. — Vou explicar-lhes mais uma vez. Os *tna'im* são acordos que oficializam a sua união, Gabriel Stern e Rachel Lazarus. Isso significa que, além das formalidades, como a anotação dos nomes dos noivos e das testemunhas, no caso, os respectivos pais, como me foi dito, será fixada também a data do casamento. Rachel Lazarus — ele sorriu para ela por cima da armação dos seus pequenos óculos —, você sabe que o casamento deverá ser celebrado em um dia em que estiver pura?

Gabriel viu, de canto de olho, o suave rubor que se espalhou pelo rosto e pescoço de Rachel. Seus dedos enrijeceram-se. Como sempre, ela não falou, mas apenas concordou com a cabeça.

— Muito bem — o rabino seguiu: — Além disso, este contrato determinará qual dos dois partidos contribuirá com que montante para as despesas do casamento e os custos iniciais da vida conjunta — ele leu os documentos espalhados à sua frente. — Aqui diz que o pai da noiva arcará com todos os custos, tanto das festividades como também do primeiro ano de matrimônio, já que os rendimentos do futuro esposo são irregulares e escassos...

Foi a vez de Gabriel ficar vermelho. Contudo, mais que vergonha por sua precária situação financeira, irritou-se com a indiscrição de sua mãe, que devia ter contado em detalhes ao *shadchan* como ela se preocupava com o futuro profissional do seu filho.

— A princípio, moraremos na casa do meu sogro — apressou-se ele em dizer. — Naturalmente, voltarei a Frankfurt regularmente, pela cidadania, que não quero perder. E, algum dia, a casa dos meus pais nos pertencerá. Além disso, eu estou trabalhando em uma ópera que provavelmente estreará em breve, em Veneza. Isso trará *royalties*, um monte de uma vez!

O último era mentira. Era verdade que ele havia enviado a partitura dos dois primeiros atos de Os

Filhos de Abraão ao seu velho professor Antonio Vivaldi, porque este lhe dissera que talvez pudesse intervir por ele na Itália. Mas o *Prete Rosso* não havia reagido à carta de seu ex-aluno “Gabriele Stella”, e já fazia meses. No mais, ele, Gabriel, não havia escrito mais que duas ou três cenas desde então nem ficara satisfeito com o resultado. Ele havia até mesmo iniciado uma outra obra, por duvidar de seu próprio trabalho. *A Destruição do Templo* seria o nome da sua segunda ópera. Contudo, isso não era da conta do rabino, nem de Rachel e de sua família. Ele apenas não queria que o considerassem um fracassado, que era sustentado pelo pai e, em breve, também pelo sogro.

O rabino arqueou as sobancelhas, sem dizer nada, como se não acreditasse em uma palavra de Gabriel. Calado, folheou seus papéis. Por fim, disse:

— Muito bem. Para que o contrato e os acordos nele contidos sejam válidos, é preciso que ocorra uma troca, um *kinjan*. Como sabem, há diversas formas de *kinja-nim*. Por qual delas vocês optarão?

Rachel levantou-se da cadeira.

— Por um *Kinjan Sudar* — respondeu ela prontamente. — Eu trouxe um lenço.

— Um lenço — ótimo! — disse o rabino, satisfeito. — E você, Gabriel?

Gabriel ficou confuso. Lembrava-se remotamente de ter presenciado um *erusin* havia alguns anos, no qual os noivos, após assinarem o contrato, trocaram dois objetos pessoais. Sua mãe, que costumava nunca deixar nada ao acaso e sempre controlava tudo várias vezes, devia ter assumido que esse ritual ainda lhe era conhecido. Caso contrário, ela certamente teria perguntado se ele estava devidamente preparado para a cerimônia. Não estava, como logo ficou claro para todos os presentes. Teria ao menos um lenço no bolso como Rachel? Ele meteu a mão no bolso do colete. Seus dedos encontraram os grãos de café que Jehuda lhe havia dado contra o nervosismo. Como haveria gostado de enfiar um deles na boca agora! Certamente, o aroma agridoce aliviaria também a dor cortante na sua cabeça, que havia aumentado novamente. Mas isso obviamente era impossível. Já era grave o bastante que o *kinjan* estivesse ameaçado de fracassar.

Rapidamente, checkou o outro bolso. Para seu alívio, encontrou dentro dele um papel dobrado. Tinha que ser uma partitura! Ele desdobrou o papel: justamente a cena em que Deus testa Abraão e lhe pede o sacrifício de seu filho Isaac!

Schlomo Rapp sorriu, divertido.

— E então, Gabriel?

— Isto é um excerto da minha última composição. Um pedaço de mim, por assim dizer — disse Gabriel, sorrindo, e levantou o papel ao alto.

— Está bem, isso servirá — respondeu o rabino. — Continuemos então: o *kinjan* deverá ser realizado assim que o pai da noiva terminar de ler o contrato e os noivos e ambos os pais houverem assinado. Depois, as mães poderão quebrar o prato. As senhoras trouxeram porcelana e martelo?

Gabriel olhou para trás. Sua mãe segurava um pacote pequeno e chato, cuja forma redonda denunciava o obrigatório prato envolto em um tecido de linho. Brunhilde Lazarus agitava orgulhosamente um enorme martelo, como se quisesse demonstrar seu senso prático. “Ou para bater em alguém”, pensou Gabriel, distraído. Jakob, sentado ao lado da sua mãe, voltou a contorcer o ombro como havia feito no caminho para a sinagoga. Qual seria a razão para esse comportamento bizarro? Teria pulgas?

— Peça agora ao senhor Lazarus que se levante e leia o *shtar tna'im* em voz alta.

O feitor da corte levantou-se sorrindo e cochichou algo no ouvido do rabino. Este, então, soprou-lhe as palavras, baixinho.

— ... constituir comunhão familiar, que siga os preceitos e rituais judaicos... respeitar-se e amar-se, na alegria e na dor... ser fértil e multiplicar-se...

Gabriel escutava apenas fragmentos. Logo poria sua assinatura no papel, aceitaria o lenço de Rachel,

daria-lhe sua partitura e um beijo nos lábios — e lá se iria sua liberdade!

— ... devem zelar juntos pelo seu patrimônio, em serenidade e paz, assim como fazem os filhos da Torá e todos os tementes a Deus. Este contrato é selado por livre e espontânea vontade, bem conhecido pelas duas partes, e, com isto, válido e confirmado...

Joel Lazarus irradiava orgulho e felicidade ao devolver o documento ao rabino, que o abriu na última página e o colocou sobre a mesa para que os noivos pudessem assinar.

— Peço agora a Rachel Lazarus e Gabriel Stern, assim como a seus pais, que assinem.

Rachel adiantou-se agilmente, pegou a pena na base à sua direita, mergulhou-a no pote de tinta e assinou em letras hebraicas.

A cadeira de Gabriel arrastou pelo chão quando ele se levantou. Sentia os ossos pesados como chumbo. “Não faça isso!”, gritou uma voz em sua cabeça. Pensou em Joanna ao lado do rio, de vestido branco, com os cabelos vermelhos agitados ao vento, sorrindo para ele, de braços abertos... uma rajada de vento levantou sua saia, desnudando suas pernas acima das meias de lã, das quais uma havia descido até o tornozelo... Ela ria e ria, e ele riu também, rodou com ela em círculos até caírem sobre o gramado verdejante, onde ficaram e beijaram-se apaixonadamente. Gabriel obrigou-se a voltar à realidade. “Por que Joanna não o procurara ao voltar a Frankfurt? Por que ficara fora por tanto tempo? Será que ele não significava nada para ela?”

Rachel olhava-o atentamente por sobre o ombro, quando, por sua vez, pegou a pena, mergulhou-a na tinta e colocou seu nome embaixo do dela. Uma gotinha de tinta borrara o canto do papel.

— “Estás louco!”, a voz na sua cabeça voltou a manifestar-se, falando mais alto que a dor. Era como se alguém batesse com um martelo contra o seu crânio.

— E agora, vamos ao *Kinjan Sudar*! — disse o rabino, depois que os dois pais haviam assinado o contrato. — A noiva primeiro.

Com um sorriso, Rachel puxou um pequeno lenço de seda da saia e deixou-o cair lentamente no chão de ladrilhos. Gabriel olhou paralisado para o montinho de seda branca aos seus pés. Vagarosamente, acocorou-se e tocou o lenço com os dedos. Era macio e, assim pensou Gabriel, parecia quase crepitar. “Pare!”, gritou a voz na sua cabeça, ainda mais estridente.

Ele queria fechar os dedos em torno do lenço, mas estes pareciam rebelar-se contra ele, não querendo obedecer-lhe.

— O que foi? — perguntou a sua mãe, assustada.

Subitamente, Gabriel ouviu um chiado alto. E enquanto ainda se perguntava se o chiado havia saído da sua cabeça, levantou os olhos do montinho branco e suave no chão de pedra e viu o belo rosto do irmão de Rachel transformado em uma careta medonha.

Jakob Lazarus voltou a contorcer-se de forma bizarra, até que de repente algo comprido e peludo saltou para fora da sua jaqueta, pousando bem no meio do lenço.

Com o nariz trêmulo, o bichinho cheirou o lenço por alguns momentos, até começar a enfiá-lo na boca com uma velocidade impressionante.

— Maldita porcaria!

— Jakob! Tome mais cuidado, moleque!

— Te peguei afinal, rato!

Gabriel, seus pais e o rabino olharam, perplexos, de Jakob a Brunhilde Lazarus, dela para o marido, que ria às gargalhadas, até que seus olhares finalmente pousaram sobre Rachel. Com as pontas dos dedos, a jovem segurava uma criatura de pelo malhado de marrom e branco pela nuca, fazendo-a esticar as quatro patas e mostrar sua barriga preta. O animalzinho esperneava freneticamente e parecia não se sentir nada à vontade nessa posição. A ponta branca do lenço ainda pendia do focinho. As bochechas estufadas

diziam que o hamster de forma alguma devolveria esse magnífico material para a construção de ninhos.

“Um hamster do campo”, constatou Gabriel, perplexo. Quando menino, ele também havia trazido alguns exemplares das suas expedições secretas ao redor de Frankfurt.

— Isso não é um rato, é um hamster! — gritou Jakob à sua irmã. Ele levantou os braços para pegar o animal de volta. — Seu nome é Herkules III e ele é mansinho. Sempre o levo comigo. Mas hoje tudo demorou demais, e ele deve ter se aborrecido e escapou — explicou ele, voltando-se para Gabriel.

Joel Lazarus batia nas próprias coxas, de tanto rir, Elias Stern tentava conter o riso, as lágrimas corriam pelo rosto do rabino e até mesmo as duas mães riam contidas. Somente Gabriel não sentia a mínima vontade de rir.

— A cerimônia não é válida — anunciou Schlomo Rapp, esforçando-se para esboçar seriedade. — Acho que nem é preciso dizer. Devemos repetir o ritual.

Absorto em pensamentos, Gabriel pôs a mão no bolso do colete e pegou um dos grãos de café de Jehuda. Enquanto Rachel aconselhava-se com sua mãe e suas irmãs, Joel Lazarus segurava o hamster e os pais de Gabriel falavam com o rabino, o sabor do grão bem torrado espalhava-se em sua boca. De repente, tudo parecia fazer sentido novamente. A voz em sua cabeça calara-se, mas ele agora tinha certeza de que estava prestes a cometer um grande erro. “Por que havia deixado as coisas chegarem tão longe? Como sairia dessa agora? Se quisesse fugir, a hora era agora. O que aconteceria se ele simplesmente se levantasse e saísse pela porta?” O contrato ainda não era válido, dissera o rabino. Ele ainda tinha a possibilidade de retomar as rédeas do seu destino.

— Faça-o, já! — a voz na sua cabeça retornara. Soava como a voz de Joanna, cálida e melódica. — Rápido! Não pense. Aja!

Sem vacilar, Gabriel levantou-se da cadeira e andou diretamente para a porta.

— Gabriel! — ouviu seu pai dizer às suas costas. — Aonde vais?

— Gabriel, não estás bem? — chamou-o sua mãe.

A última coisa que ouviu, antes que a porta batesse atrás dele, foi o ruído distante de um prato se rompendo. Mal havia saído da sinagoga e pisado na rua e uma das duas vendedoras ambulantes cristãs, que assavam pequenas aves sobre um fogo aberto, veio ao seu encontro.

— Parabéns! A julgar pelo seu sorriso, o senhor deve ter tirado a sorte grande!

Gabriel deu-lhe as costas. A última coisa que queria agora era melro grelhado.

— Estão bem macios — disse a mulher, numa última tentativa de vender sua mercadoria.

O sol estava alto no sul e jogava um estreito corredor de luz sobre os degraus da sinagoga. Gabriel semicerrou os olhos e respirou fundo. Sua dor de cabeça desaparecera. Ele tinha conseguido, tinha escapado! Mesmo que não pudesse casar-se com a mulher que ele amava, ao menos não ficara amarrado a uma outra. Não queria pensar agora no que havia feito a todas aquelas pessoas na sinagoga. Jehuda tinha razão: era a sua vida! E, dali em diante, somente ele decidiria sobre ela.

1. Höchst: povoado surgido no cruzamento de antigas e importantes rotas de tráfego (desde a pré-história), no século XVIII aflorou como importante centro comercial e de manufatura. Hoje é um distrito da cidade de Frankfurt.

2. *Shtar tna'im*: contrato de núpcias judaico.

3. No tempo anterior ao início da narrativa, houve dois grandes incêndios na Judengasse. No primeiro, de 1711, que entrou para a história como “o grande incêndio dos judeus”, todas as casas, à exceção de uma única, foram completamente destruídas. Apenas dez anos mais tarde, um segundo incêndio queimou mais de cem casas. Os judeus, empobrecidos, receberam permissão excepcional para se hospedar nas casas de famílias cristãs. Em 1729, o Conselho obrigou as últimas 45 famílias judias que ainda moravam fora do gueto a voltar para o “beco dos judeus”.

Capítulo 33



— Então a pedra rolou sozinha para o seu lugar original, fechando a caverna — leu Justus von Zimmer da folha no seu colo.

Fez-se um silêncio tenso pela expectativa do que aconteceria a Aladim, preso na caverna. Contudo, o sobrinho do preboste enrolou as folhas e usou o rolo para tirar a borla do *fez* do rosto. Com um sorriso largo, colocou a vela de lado e levantou-se com cuidado do banquinho. Se o teto da barraca fosse um pouco mais baixo, ele não teria conseguido ficar de pé dentro dela. Fez reverências exageradas para todos os lados, como se houvesse passado a vida toda em uma família de artistas. Quando o público percebeu que a apresentação acabara por esse dia, aplaudiu entusiasmado.

Montar a grande tenda no pátio do Café Mühle, na qual os convidados estavam como beduínos, sentados sobre tapetes macios, não havia sido nada fácil. Por sorte haviam encontrado espaços entre as pedras irregulares do pavimento para fixar os ganchos. De fato, fora necessário desenterrar uma das pedras para prender o mastro, do qual agora pendia uma bandeirola colorida. A tenda era hexagonal, feita de lona amarela e azul, de entrada aberta e um alpendre de sete varas de comprimento. Assim como o teto da tenda, era suportado por vários postes de madeira pintados em espirais azuis e vermelhas. Justus havia brincado quando criança com essa réplica de tenda de campanha de cavaleiros depois que sua avó arranjava uma barraca maior para suas festas de verão. Várias bandejas grandes de latão, postas sobre toras de madeira, serviam como mesinhas baixas para as xícaras de café turco e os pratos de confeitos. Acima da entrada havia pendurado lampiões orientais de latão, cujas janelas de vidros azul, verde e amarelo irradiavam uma luz maravilhosamente aconchegante. Os mosquitos, que dançavam entusiasmados em torno das lâmpadas, pareciam gostar também.

A ideia de finalmente esvaziar os baús de Zehra viera de Margareth. Então, uma coisa levou à outra. Primeiro Joanna havia contado algumas de suas aventuras de viagem a um círculo íntimo. Justus, então, aproveitara a ocasião para ler um pouco da sua tradução de *As Mil e Uma Noites*. Entrementes, o grupo dos interessados aumentava a cada dia. Por um momento, Joanna havia considerado rebatizar sua cafeteria, dar-lhe um nome turco com mais atmosfera oriental. *Galata* era a opção de que mais gostava. Contudo, desistira da ideia. O Café Mühle sempre fora o Café Mühle desde os tempos dos pais de Adam. Não dava para mudar assim, sem mais nem menos — seria uma heresia.

O mestre tanoeiro expressou seu entusiasmo com um aceno para Joanna e fumou mais um trago do narguilé, enquanto os aplausos aumentavam cada vez mais. Ao menos seus melhores fregueses haviam voltado a frequentar o café, ainda que não fosse tanto como antigamente. Gregor Denzel, por exemplo, havia feito amizade com o dono da casa de café Schällerschen.

— O que devo fazer? — perguntara-lhe ele, desorientado. — Não posso desaparecer de lá, assim, simplesmente!

Ele ficara visivelmente dividido. E Joanna realmente o entendera. Depois de um ano longe de casa, nada mais era como antes. Gregor Denzel afinal havia resolvido seu dilema, dividindo seu tempo livre entre o Café Mühle e o Schällerschen. Apesar de Joanna não o recriminar, a relação entre eles não era mais tão familiar como antes. Era como se o sapateiro tivesse a consciência pesada.

À sua maneira um tanto desanimada, Scott segurava ao alto um grande bule de latão adornado.

— Alguém quer mais um moca? — resmungou.

Seu sobrinho fora o único que se negou a usar a vestimenta otomana dos baús de Zehra. Não queria trocar nem mesmo a boina de veludo que havia mandado fazer com o salário recebido de Ludwig Haldersleben pelo *fez*. Joanna, Elisabeth, Anne, Sybilla, Margareth e Lili estavam todas vestidas à moda turca. Sybilla havia resmungado um pouco, mas logo se juntou à maioria, vestindo o *kaftan* com estampa de tulipas por cima da sua roupa normal, o que a fazia parecer um pouco gorda. Anne vestia o *kaftan* vermelho de bolinhas douradas, fechado na frente por vários lacinhos, acompanhado por calças-balão também vermelhas e uma camisa amarela. Joanna havia posto novamente seu *sentari* favorito, de cor turquesa, e nem o calor da estação conseguiu dissuadir Margareth de vestir suas pantufas forradas de pelo.

Elisabeth, no entanto, havia dado livre curso à sua imaginação: para acompanhar seu *kaftan* dourado, havia costurado um longo véu de um tecido estampado com arabescos confusos, que descia de um chapéu alto até o chão. Parecia mais uma princesa medieval do que uma dama do harém. Sem falar na falta de praticidade da fantasia, que a obrigava a andar de cabeça baixa o tempo todo, no interior da tenda, e abaixá-la ainda mais ao passar pelas portas.

Os amigos que Justus von Zimmer trouxera, como prometido, e que contribuíam substancialmente para os lucros de Joanna, continuavam ainda batendo os pés de tanto entusiasmo. Os grossos tapetes orientais impediam, contudo, o efeito desejado, abafando o ruído.

Um jovem alto, ao qual faltava a fileira de dentes superior — filho de um banqueiro, como Joanna sabia —, saltou da sua almofada e gritou:

— Mais uma! Mais uma!

Imediatamente, os outros espectadores acompanharam.

Arqueando as sobrancelhas, cheio de expectativa e com um novo brilho fogueiro nos olhos, Justus olhou para Joanna.

— Amanhã teremos a continuação! — gritou ela, levantando a voz contra a onda de aplausos. — Esperamos poder recebê-los aqui novamente, estimados fregueses! E não somente o senhor von Zimmer contará uma história de *As Mil e Uma Noites*, um livro que, como todos sabem, apenas começou a sua conquista do mundo literário. Não, eu também darei uma pequena apresentação — ela baixou a voz em um sussurro misterioso. — O meu conto será sobre uma história real do Oriente. E será ainda mais emocionante do que a que acabaram de ouvir ...

Justus riu, expressando seu reconhecimento por ela ter finalizado o discurso com a mesma frase que a narradora Xerezade usava todas as noites para deixar o malvado Xariar interessado na continuação — lógico, sempre na parte mais dramática. De fato, Joanna esperava que seu anúncio de uma nova história emocionante surtisse o mesmo efeito que alcançara a inteligente filha do vizir. A tenda estava lotada até o último lugar e ela tinha de fazer com que todos esses convidados voltassem nas noites seguintes.

— Quero propor também que mudemos a reunião para dentro. Ainda temos algum tempo até a hora de fechar. Em agradecimento ao nosso brilhante tradutor, que nos proporcionou uma noite tão agradável — ela fez um gesto espaçoso em direção a Justus —, convido todos a uma bebida grátis. E, naturalmente, espero que voltem amanhã para ouvir a minha história!

Quando, depois de várias rodadas de café e de vinho, os últimos fregueses se foram e ela, exausta, trancou a porta de entrada do Café Mühle, Joanna colocou a velha tábua que havia servido anteriormente como quadro de anúncios sobre a mesa e escreveu com a tinta doada por Ludwig Haldersleben: “Hoje: Noite oriental. Entrada franca!”. Margareth havia anotado o texto para ela para evitar que errasse. Deixou a placa deitada sobre a mesa, para que secasse.

Joanna passou a noite inteira pensando que parte de suas aventuras tão ricas contaria no dia seguinte. As pessoas achariam interessante saber como ela quase perdeu a cabeça devido a uma intriga no harém, ou como quase perdeu a vida num assalto de piratas? Devia mencionar o *conde* e sua mulher louca, ou isso seria pessoal demais? E o que seria da história do falso conde húngaro e do roubo dos baús, evitado no último instante? Por fim, decidiu contar uma história completamente nova, uma história de amor inventada, de duas pessoas que faziam de tudo para ficar juntas, mesmo o mundo inteiro sendo contra elas. Uma história de amor que era como a que desejava para si mesma, apesar de saber que não havia esperança.

De tanto pensar acordada na cama, levantou-se tarde na manhã seguinte. Ao chegar ao salão, Elisabeth já estava no fogão e empurrava uma grande assadeira com tortinhas de massa folhada para dentro do forno. Com uma mão, segurava seu longo véu para evitar que pegasse fogo. De um dos tecidos que encontrara nos baús, havia costurado um avental combinando, igualmente coberto de arabescos, cuja complexa estampa era ainda realçada pelas manchas de gordura. Ela parecia pronta para ir ao carnaval.

— Bom dia, Jô! — exclamou ela, agitada, rindo e fazendo piruetas, enrolando-se no próprio véu. Margareth servia um café matinal a Justus von Zimmer em um pequeno e ricamente decorado copo colorido. Joanna observou que o sobrinho do preboste deu um sorriso cativante à sua enteada. Margareth baixou a cabeça, envergonhada, piscando com seus longos cílios.

Como as meninas haviam crescido na sua ausência! Não lhe parecia ter sido tanto tempo. Margareth passou a recusar-se a usar trancinhas e havia prendido os cabelos em caracóis acima das orelhas. Também Lili, com seus doze anos, não queria mais usar o penteado infantil e decidira-se por uma trança rodada em torno da cabeça, na qual inseriu margaridas.

— Cuidar das crianças de outras pessoas não era tarefa para mim, mãe! — havia lhe confiado Margareth, que agora tinha certeza de que um dia assumiria o Café Mühle.

Joanna ainda não podia acreditar na mudança pela qual o notório vagabundo e ocioso Justus passara nas últimas semanas. Da manhã até a noite, ficava sentado no mesmo banco, com o olhar para a rua e as costas para o salão, e enchia página após página com a sua tradução de *As Mil e Uma Noites*. Era quase fanático o seu afincamento pelo trabalho — parece até que você passou para o lado dos esforçados — dissera Ludwig Haldersleben ao seu jovem amigo quando este recusara, pesaroso, uma partida de xadrez.

— Preciso terminar esta página... — murmurou ele.

Justus havia empilhado todos os doze volumes da edição de Galland à sua frente. Era com grande prazer que ele misturava a tinta já um pouco seca com uma colher.

— Estás exagerando, Justus!

Joanna havia passado a um tratamento mais informal com ele e com Ludwig Haldersleben. Afinal, seus dois fregueses mais fiéis já eram quase membros da família.

— Ainda não são nem oito horas e precisarás das tuas forças hoje à noite — advertiu ela.

— Não consigo separar-me do meu trabalho — respondeu o sobrinho do preboste, bem-humorado.

Ele colocou a colher de lado e apanhou a pena pontuda, segurando-a bem perto dos olhos, examinando-a diligentemente.

— Aqui com vocês é mais aconchegante que na minha casa. Sempre foi. Minha família não é particularmente a favor da minha carreira de palhaço. Apesar de concordarem que o trabalho de tradutor seja uma atividade honrosa.

Ele apontou com a pena para o *fez* ao seu lado, no banco.

— Veja o que peguei emprestado de Haldersleben!

O chapéu inteiro estava coberto de medalhas. Joanna riu. Assim como Elisabeth, Justus também parecia confundir a noite oriental com uma festa de carnaval.

— A propósito, Joanna, minha irmã Magda disse que viria esta noite. Ela é muito querida, mas um tanto peculiar. Então não se assuste!

— Por que eu me assustaria?

Mas Justus já havia mergulhado a ponta da pena na bem misturada tinta e voltara ao mundo de *As Mil e Uma Noites*.

Poucas horas depois, todos os lugares na tenda estavam reservados. Joanna colocou um bilhete escrito à mão com o nome de cada convidado sobre as almofadas, e avisou as pessoas para passarem cuidadosamente pela barraca, para evitar que os papéis voassem. Ordenou a Scott e às duas serviçais que pegassem todas as cadeiras dos quartos e as espalhassem no pátio e sob o alpendre da tenda, assim como os banquinhos entalhados e quatro dos baús de Zehra. Com almofadas em cima, eram assentos confortáveis. Até mesmo um dos longos bancos foi trazido para fora por Scott e — para surpresa de Joanna — Justus. Depois de passar tanto tempo sentado, o sobrinho do preboste espreguiçou-se demoradamente e fez alguns alongamentos.

Ludwig Haldersleben e sua irmã Cornélia foram os primeiros a chegar. O cartógrafo entregou solenemente a Joanna um grande mapa, emoldurado em madeira escura; também Cornélia tinha um ar festivo, como se se tratasse de um momento importante.

— Este é o primeiro exemplar do meu mapa geral dos locais de “As Mil e Uma Noites”, cara Joanna! Achei que a sua tenda seria um ótimo local para ele — disse o cartógrafo com orgulho. — Vou verificar como podemos prendê-lo. Tenho outros exemplares na minha loja. Pensei que seria uma boa oportunidade de mostrá-lo a todo mundo. Talvez alguém se interesse em comprar um — complementou ele, levemente embaraçado.

Annete e Martin Münch foram os próximos a pisar no salão do Café Mühle.

— Ah, que bom que puderam vir! Mas eu nem pude reservar um lugar para vocês. Acho que vai ficar bem cheio.

— Não faz mal. Certamente encontraremos um lugarzinho para ficar em pé — disse Martin Münch que, desde o ataque do urso, tinha três cicatrizes profundas no rosto. Após ter cumprimentado todos, sua esposa foi ter com Elisabeth, que estava dividindo as azeitonas compradas de um mercador italiano em tigelinhas para colocá-las na bandeja junto aos damascos, ameixas e figos secos.

— Há novidades do front de Sachsenhausen? — perguntou Joanna discretamente ao taverneiro.

— Parece que sim — sussurrou ele. — Há tempo que não vejo mais o cervejeiro. A conversa com Ingen deve ter surtido efeito.

Joanna ainda se sentia responsável pelo terrível destino de Martin Münch. Afinal, Gottfried Hoffmann prendera o seu vizinho na jaula do urso porque ajudara a ela, Joanna, não aparecendo no dia do processo. Ela concordou rapidamente com um gesto da cabeça, esperando espantar o fantasma da culpa e confirmar as palavras de Martin.

— Sim, Philipp disse-lhe claramente que Gottfried e Jockel são criminosos e que seria danoso à sua campanha se fosse associado a tais elementos.

— Às vezes, podemos ouvir Gottfried gritando durante a noite. Assemelha-se a um animal ferido — Martin olhou à volta, cauteloso. — Ele chama insistentemente por Elisabeth. Mas acho melhor não dizer nada a ela. Espero que Annete também mantenha a boca fechada. Caso contrário, ela poderá acabar cedendo de tanta pena.

Joanna abanou a cabeça vigorosamente, fazendo balançar o curto véu que havia afixado à sua touca para a ocasião.

— Não, não se preocupe. Isso não vai acontecer! Elisabeth realmente não quer mais saber dele. Ela o denunciou.

— Minha cara senhora Berger, isso é realmente muito aconchegante!

A velha inimiga de Joanna, a mercadora de especiarias do outro lado da rua, espremeu-se entre ela e Martin Münch. Energicamente, segurou uma cesta cheia de ervas aromáticas embaixo do seu nariz. Henriette Schley estava muito magra, mas também muito bem cuidada, obviamente querendo parecer mais jovem.

— Cheire isto! A melhor manjerona de toda a Frankfurt!

Quando Joanna tirou a cabeça do cestinho, que realmente tinha um cheiro maravilhoso, a vizinha prosseguiu, com doçura na voz:

— Haverá um lugarzinho para mim, não é mesmo, cara vizinha?

Joanna estava perplexa. Havia anos que não trocava uma palavra amigável com Henriette Schley e agora a comerciante aparecia como se nunca nada tivesse acontecido. Ela sorriu um sorriso congelado e segurou Margareth, que passava com uma bandeja cheia de xícaras de café, pela manga.

— Margareth, por favor, mostre à senhora Schley onde ela pode sentar-se, sim? — e, dirigindo-se novamente à sua adversária: — A senhora aceita uma xícara de café, minha cara?

— Mas com todo o prazer! — estrilou a mercadora de temperos. — Dizem que o seu é o melhor da cidade.

Margareth rolou os olhos e fez uma careta que habilmente transformou em um sorriso ao cumprimentar a vizinha.

“Que até mesmo a sua pior inimiga não quisesse perder essa noite tinha de ser um bom sinal”, pensou Joanna, contente, esfregando as próprias mãos. Todos os lugares ocupados — quem diria?

— Eu não lhe disse, senhora Joanna? — cochichou Gregor Denzel, que já vinha pela segunda noite consecutiva ao Café Mühle. — A senhora não é alguém que se deixa vencer. Foi o que eu lhe disse um ano atrás, lembra? E agora olhe à sua volta! Isto aqui nunca esteve tão cheio. A senhora conseguiu, minha cara! — ele quase alcançara a cadeira para ele reservada, quando se virou mais uma vez e disse: — E hoje não deverá aparecer ninguém para destruir o local... — ele riu, dançando como um boxeador, com os punhos levantados.

Joanna contraiu-se toda. As imagens ressurgiram, em uma espécie de *déjà-vu*. Ela já havia dado uma festa maravilhosa uma vez. E Gottfried Hoffmann viera e destruía tudo.

— Quem vai destruir tudo? — perguntou uma voz distinta ao seu lado. Joanna reconheceu Magda von Zimmer imediatamente. Uma jovem em seus vinte anos, não muito bonita, mas de certa forma audaciosa, com uma enorme composição de frutas sobre o chapéu de verão e uma bengala com punho de prata, que trazia uma serviçal como acompanhante. Tinha o mesmo olhar maroto do seu irmão e mantinha uma postura muito ereta. Justus havia contado a Joanna que sua irmã logo se casaria com um barão da Renânia, que usaria o seu dote para recuperar sua propriedade dos credores.

— Esperamos que ninguém! — Joanna tentou espantar a profecia maléfica do sapateiro com uma risada. — Que bom que pôde vir, senhorita Von Zimmer!

— Justus queria de qualquer maneira que alguém da família viesse para ver a sua apresentação. Então resolvi apiedar-me. É claro que a minha mãe nunca entraria em uma cafeteria — Magda von Zimmer olhou à volta, como se estivesse rodeada de cabanas de palha, e esperasse que, a qualquer momento, os nativos iniciassem a sua dança tribal — e nosso pai ainda não sabe bem o que pensar da nova vocação de Justus. Ele esperava que o filho acabasse por mostrar algum interesse por política ou pela gestão das nossas propriedades. Agora, meu querido irmão está ocupado há duas semanas com essa tradução e continua entusiasmado com a atividade. Ele não aguentou tanto tempo na Faculdade de Direito, nem com algum dos seus noivados. Realmente é impressionante esse acesso de criatividade e perseverança! Quase um milagre!

Ela mandou um beijo ao seu irmão, que estava parado no outro canto do salão, e então colocou a mão adornada de rendas sobre o braço de Joanna.

— Mas o que estou dizendo! — ela baixou a voz em tom confidencial. — Já sabes de tudo isso, não é, Joanna?

Justus havia-a advertido de que sua irmã costumava tratar todos que percebia como estando abaixo da sua posição social por tu. Assim como Justus, Magda não tinha lá os melhores modos. Seu comportamento se assemelhava mais ao de um cocheiro que ao de uma senhorita da sociedade. “Tinha o mesmo jeito despreocupado do irmão, mas não o mesmo charme”, pensou Joanna.

Pelo canto do olho, viu que Philipp Ingen fazia-lhe sinais agitados, querendo dizer-lhe algo que ela não entendia. Trudi, carregando nos braços uma criança que levava a todas partes como um acessório de moda, saltitava nervosa de um pé ao outro. A criança aproveitou para berrar empolgadamente. “O que será que os dois tinham?”, admirou-se Joanna, até que, de repente, entendeu: Philipp e Trudi queriam ser apresentados a Magda — era isso que tentavam sinalizar-lhe tão desesperadamente! Ao menos aqui ela poderia ajudar, já que o encontro dos Ingen com o *conte* não iria acontecer e a visita da sultana a Frankfurt era bastante incerta. Joanna havia escrito uma carta a ela logo depois da sua chegada, contando-lhe da traição de Gül e que havia recuperado suas enteadas e a concessão da cafeteria. Ludwig Haldersleben enviara um grande pacote a Constantinopla, contendo todos os seus mapas e os panoramas de Merian. Contudo, Joanna seguia sem receber notícias de Zehra, nem de Aglaia ou Marcello.

— Gostaria de apresentar-lhe meus queridos amigos Philipp e Trudi Ingen, senhorita Von Zimmer. Os dois estão entre os maiores benfeitores de Frankfurt. A senhorita talvez já tenha ouvido falar do seu Lar dos Pobres? — ela colocou a mão no braço de Magda von Zimmer, enfiado em uma jaquetinha feita à última moda, e conduziu-a lentamente em direção aos Ingen.

— Philipp e Trudi, venham cá um momento!

— Ah, antes que eu esqueça: isto é para ti, Joanna! Compre algo bonito, está bem?

Magda von Zimmer, ao tirar algumas moedas do moedeiro preso ao cinto da sua criada, olhou-a de cima a baixo. Seu olhar não era em nada depreciativo, mas totalmente objetivo, como se avaliasse uma vaca no mercado que, na sua opinião, pudesse ter um pouco mais de carne sobre as costelas.

Joanna tinha consciência de que sua aparência sofrera com o trabalho e o nervosismo das últimas semanas. Simplesmente não tivera tempo de cuidar das roupas ou manicurar as mãos, que tinha as unhas quebradas, maltratadas pelo trabalho, ou tratar os cabelos com um banho de camomila. Estes, por sorte, não se viam. E o rasgo no seu *kaftan* ainda não havia estado ali de manhã... Olhou o próprio corpo com vergonha, ao mesmo tempo irritada pelo desdém de Magda von Zimmer. Quem essa filhinha de papai rico pensava que era? Distribuindo esmolas como se ela, Joanna, fosse uma mendiga e não uma bem-sucedida dona de cafeteria! Contudo, resolveu não deixar que isso estragasse o seu bom humor, ademais que realmente a gorjeta extra vinha a calhar, pois boa parte do dinheiro de Zehra havia sido consumido pela reforma do Café Mühle.

Ela acenou com a cabeça para Magda von Zimmer e deixou que Philipp e Trudi apresentassem a si mesmos. Ao sair, tomou um susto de alegria. Mal podia acreditar como havia gente. Não somente a tenda estava lotada, mas também o pátio estava cheio de pessoas, paradas em pequenos grupos com suas xícaras de café conversando alegremente. Alguns que não haviam encontrado lugar na tenda haviam tido a feliz ideia de acomodar-se sobre os barris de vinho vazios em frente ao galpão.

Anne corria para dentro e para fora equilibrando uma grande bandeja com xícaras de café acima da cabeça. Scott continuava sem usar o *fez*, mas em contrapartida havia deixado crescer um pequeno cavanhaque. Ele servia os clientes com bebidas frescas enquanto Lili recolhia solícitamente os copos vazios.

Joanna esperava que ninguém se aproveitasse da confusão na hora de pagar. O consumo dos seus fregueses habituais era marcado na talha, ainda que hoje esta fosse de papel e os entalhes fossem traços. Os pais de Adam ainda haviam entalhado as dívidas em madeira, mas Adam o havia mudado quando assumiu o Café Mühle. O acerto de contas era feito ao final do mês. Os outros clientes deviam pagar imediatamente, mas sobretudo Scott tinha dificuldades em lembrar quem bebera o que e em que quantidade. E, com tantos estranhos, sempre havia o perigo de alguém sair sem pagar. Ela tinha experiência e sabia que devia ficar atenta como um lince!

Quando Joanna finalmente atravessou a multidão e chegou até a tenda, sem saber quantas mãos havia apertado, Justus apontou impacientemente o lugar no banquinho forrado com um tapete ao seu lado. Mas, antes de atender ao seu chamado, ela respirou fundo para vencer a emoção e deixou o olhar percorrer o público esperançoso. Por fim, bateu palmas duas vezes e fez um funil com as mãos diante da boca.

— Queridos convidados, prezadas senhoras e prezados senhores, gostaria de pedir a sua atenção! Bem-vindos à nossa noite de histórias que, a partir de agora, acontecerá diariamente, aqui no Café Mühle. O senhor von Zimmer lerá uma parte de Aladim e a Lâmpada Maravilhosa, um conto das *Mil e Uma Noites* cuja leitura iniciamos ontem. Em seguida, eu mesma contarei uma história que me foi narrada durante a minha estada no Oriente. Como todos sabem, passei bastante tempo fora e vivi muita coisa na corte do sultão... Durante a leitura do senhor von Zimmer, Anne, Scott e Margareth podem servir bebidas. Depois, faremos um breve intervalo, no qual estarão convidados a comer algo. Preparamos diversos pratos deliciosos da terra do sol nascente...

Ela fez uma pequena pausa dramática, em que o galo, confuso pelo tumulto no seu terreiro, aproveitou para cantar com vontade. Quando as risadas desencadeadas pelo cacarejar da ave cessaram, ela continuou:

— Agora peço uma forte salva de palmas para o senhor Von Zimmer e para Aladim!

Enquanto os aplausos cresciam, ela teve novamente a sensação de já haver passado pela mesma situação. Na ocasião da inauguração do salão de senhoras, logo após o seu discurso, Gabriel havia entoado uma dança alegre no seu violino. Agora ela escutava a voz grave de Justus von Zimmer, bastante volumosa para um homem tão jovem, resumindo rapidamente a história de Aladim, até o ponto onde o bruxo o prende na caverna, para então, começar a ler sua tradução. Enquanto isso, Joanna deixava seus pensamentos correrem soltos.

Ela já contara histórias aos seus irmãos menores e, depois, às suas enteadas. Mas falar para um público tão grande era algo bem diferente. Será que a sua voz alcançaria os ouvintes que estavam lá fora, em frente à tenda? Justus não tinha problema algum com isso, pois sua voz provavelmente seria audível até a rua. Mas, e ela? E se não colocasse as frases de efeito nos pontos certos e as pessoas comesçassem a se aborrecer? Horrível era a ideia de olhar para tantas caras enfadadas! Subitamente, arrependeu-se de não haver feito anotações. Mas não seria ridículo uma contadora de histórias que não conhecesse o seu enredo? Não, ela daria um jeito, disse a si mesma, visto que não podia deixar-se amedrontar. Zehra certa vez lhe contara das habilidades de oratória de um famoso estadista romano:

— Imagine que está entrando em uma casa. Você anda de um cômodo ao outro e, em cada um deles, pega um pedaço da sua história. Quando houver passado por todos os quartos, a história termina e você volta a sair da casa.

Justus havia posto uma grande ampulheta no banquinho ao seu lado. Quando a areia terminou de escorrer, ele parou de ler, exatamente na parte onde Aladim vê a princesa Badroulbador pela primeira vez.

Enquanto seus convidados atacavam o bufê com as delícias orientais, Joanna correu para o andar de cima a fim de se preparar para o papel de Xerezade. Como toque final, colocou um véu cravejado de

pérolas sobre o rosto, de modo que somente os seus olhos maquiados com sombra escura ficaram à vista.

— E aqui está, prezadas senhoras e prezados senhores, venerável público, caros ouvintes, queridas crianças — anunciava a voz sonora de Justus aos convidados, após o intervalo —, vinda diretamente de Constantinopla para o seu deleite, a maravilhosa, inigualável e misteriosa Xerezade. A mulher mais inteligente e mais bela de todo o Oriente. Deixem-se encantar e levar por ela! Aplausos, senhoras e senhores...

Joanna sentou-se no banquinho ao lado dele e, com um gesto dramático, jogou o véu para trás. Um murmúrio propagou-se pelo público, como se as pessoas estivessem realmente surpresas de que era mesmo ela, Joanna, que estava ali diante deles.

Ela pigarreou para livrar-se do nó na garganta.

— Vai sair tudo bem! — cochichou Justus no seu ouvido, tão alto que as pessoas nas primeiras fileiras puderam ouvi-lo perfeitamente. E, de fato, sua irmã irrompeu em uma risada ruidosa, prontamente seguida de um repreensivo “psiu!” de Henriette Schley.

— Quero iniciar a história das minhas aventuras no Oriente contando-lhes sobre o destino de uma personagem fascinante que encontrei no harém do sultão...

Joanna esforçava-se para manter seu tom o mais alto possível, competindo com as tossidas do público, o bater dos copos e outros ruídos. Ela mudou a postura, na esperança de conseguir um maior volume de voz. Da rua, vinha o barulho de uma carroça passando que ela ignorou, prosseguindo valorosamente:

— Para tanto, vocês precisam saber, senhoras e senhores, que o harém e todo o serralho estão cheios de figuras interessantíssimas! A dama do harém Mihrimâh, natural da Abecásia¹, no Mar Negro, e favorita do sultão, é, contudo, a mais fascinante de todas. Sua história é tão triste, mas tão profundamente bela, pois ela se apaixonou perdidamente por um pescador de Üsküdar que observava com uma luneta quando passeava pelo jardim de rosas do harém. Todas as tardes, à mesma hora, o jovem Hüseyin saía para pescar com seu pequeno barco. Um dia, notou que sempre que passava velejando pelo palácio do sultão, em direção ao Mar de Mármara, alguma coisa na margem brilhava sob o sol da tarde. Ele descreveu o estranho fenômeno aos seus amigos, também pescadores, com os quais se encontrava na cafeteria da minha amiga Fátima. O astrônomo da corte do *padishah*, chamado Rifat, que também frequentava a casa, um dia esclareceu o mistério. “Alguém o observa do harém com uma luneta, que reflete a luz do sol poente”, explicou ele ao admirado Hüseyin.

Joanna, que tentara deixar a voz grave na fala do astrônomo, passou um olhar discreto pelas fileiras de gente à sua frente. “Nenhuma cara aborrecida”, pensou ela. Ao pessoas olhavam hipnotizadas para os seus lábios. Reassegurada, continuou:

— O pescador, um jovem bonito de cabelos encaracolados, foi tomado de súbito por uma emoção que até então lhe era desconhecida. Apesar de não saber quem o observava, perdeu seu coração para a dama desconhecida do harém e não mais falava de outra coisa, a não ser do misterioso brilho que ansiava por encontrar todas as tardes e que fielmente aparecia àquela hora. “Pode ser uma velha feia e desdentada”, caçoavam seus amigos. Mas Hüseyin não se deixou desconcertar. Ele estava seguro de que a sua amada era linda, solitária e infeliz, prisioneira do harém. “Ela me chama”, dizia ele aos seus amigos. “Tenho de ir até ela. Tenho de libertá-la!” Seus amigos riram dele, mas logo perceberam que ele se aprofundava mais e mais na sua paixão e começaram a preocupar-se. Mas Hüseyin tinha um plano: fez amizade com o eunuco que comprava os alimentos para a cozinha do harém e passou a vender-lhe sua pesca — sempre na esperança de descobrir quem era a bela desconhecida. Com o tempo, o mestre da cozinha deu-se conta do que o jovem pretendia com suas perguntas. E por ele nunca haver tentado enganá-lo, como outros pescadores haviam feito vendendo-lhe peixes velhos do dia anterior, gostava dele. Assim, advertiu-o: “Escute, Hüseyin, isso acabará mal. Lembre-se do que aconteceu a Osman e Seniye!” — seu semblante

escureceu-se, e não disse mais nenhuma palavra...

Joanna abaixou a cabeça, deixando o véu cair sobre o rosto. Era o seu sinal para o público que ela também não diria mais palavra alguma.

O público pareceu haver igualmente ficado sem fala. Somente quando Joanna, desconcertada pelo silêncio que tomara conta da tenda abafada, voltou a levantar o olhar, os aplausos desmoronaram sobre ela.

— Bravo! Que história maravilhosa! — exclamou Úrsula Volckhardt, a esposa do tanoeiro, levantando-se e batendo palmas entusiasmadamente.

O olhar de Joanna encontrou a mercadora de especiarias que limpava uma lágrima sorrateira do canto do olho. Até mesmo Magda von Zimmer estava comovida, enquanto Margareth e algumas outras mulheres sorriam enaltecidas, como se vissem a si mesmas no papel da bela Mihrimâh.

— Eu não disse? — Gregor Denzel bateu-lhe nas costas com sua enorme mão de sapateiro, enquanto os aplausos decresciam lentamente. — A senhora consegue, foi o que eu disse um ano atrás! E nem sinal daquele monstro de Sachsenhausen. “Ela não se deixa intimidar”, foi o que eu disse a todos que perguntaram. E foi assim que aconteceu. Estou orgulhoso da senhora! O Senhor está do seu lado.

Joanna sentiu uma vontade imensa de abraçar alguém e espremeu-se por entre os convidados que lhe felicitavam, até chegar a Margareth e Lili.

— Foi perfeita, mamãe! — disse Margareth. — E o Café Mühle está de novo na boca do povo. Amanhã certamente estará ainda mais cheio. Temos tantas reservas que teremos de tomar emprestadas cadeiras dos Haldersleben e dos Denzel.

— Até amanhã então! — despediu-se Justus von Zimmer, sorrindo. Naturalmente, Joanna lhe ofereceu pagamento, mas ele apenas riu. Ainda com o *fez* na cabeça, ele guiava sua irmã, que distribuía gorjetas generosamente, para a saída. A criada ia atrás, resignada, carregando o enorme mapa emoldurado da terra do sol nascente.

Joanna viu Ludwig Haldersleben tirando mais uma vez o chapéu para Magda von Zimmer e, depois, esfregando as mãos satisfeito, como se ele também houvesse feito bons negócios essa noite. Ela mesma pretendia deixar seus convidados em breve, refugiar-se em seu quarto para contar o dinheiro e verificar as anotações na talha.

¹. Abecásia: região do Cáucaso incorporada ao Império Otomano em 1578. Antiga república soviética, a questão da soberania em relação à Geórgia continua não resolvida até hoje.

Capítulo 34



Parecia que um furacão havia passado pelo jardim. Todas as plantas arrancadas, as árvores cortadas, as mesas e cadeiras despedaçadas. Havia um machado enfiado na viga sobre o portão, como se alguém estivesse tirando um descanso em meio a um acesso de raiva e fosse voltar em breve para destruir a casa.

— Parece que o seu marido tem mais inimigos além de nós. Alguém chegou antes — Justus von Zimmer foi o primeiro a recuperar-se da visão.

— Aposto que foi ele mesmo — murmurou Elisabeth, perdida em pensamentos.

Justus bateu na testa com o indicador direito e disse em voz alta:

— Alguém que faz isso com a própria casa tem que estar completamente louco!

Elisabeth não reagiu, apenas fitou a placa quase ilegível na porta de entrada que dizia: “Fechado”. A escrita borrada pela chuva indicava que a placa estava ali havia algum tempo. Além da destruição do jardim, a casa também tinha um aspecto descuidado. As janelas obviamente não eram mais limpas fazia muito tempo. Ao lado da chaminé havia algumas telhas soltas e, na frente da casa, vários barris vazios, forrados de poeira e folhas secas.

— Ele faz isso de propósito! — finalmente, Elisabeth soltou-se do cenário triste que um dia fora o seu lar. — Para castigar-me, ele deixa que tudo degenere — ela secou os olhos.

Ludwig Haldersleben pegou-a pelo braço.

— Não devemos ficar aqui parados. Vamos para o outro lado! — disse ele, baixinho.

— Por que não deveríamos ficar aqui? Eu fico onde quiser! — esbravejou Justus von Zimmer.

Ele já havia tomado alguns copos de vinho de maçã enquanto olhavam a disputa dos pescadores no Meno. O ganhador havia sido um dos pescadores de Sachsenhausen, que derrubara todos os concorrentes dos seus barcos usando uma longa vara e agora teria o direito ao melhor ponto de pesca. Sob os gritos entusiasmados do público, ele havia mandado todos os adversários para a água.

— Não permitirei que os caipiras daqui, com exceção de Martin, é claro, me digam onde devo ficar! E entre nós: por que vocês simplesmente não mandaram matar esse colérico? Afinal, há pessoas de sobra que possam resolver um caso desses para a gente. Não que eu conheça alguma, mas não pode ser tão difícil — com um sorriso, ele colocou o braço em torno de Ludwig. — Mulheres! Vocês conseguem complicar as coisas mais simples. É melhor nem tentar entendê-las. Não adianta mesmo — ele piscou com um olho para Joanna, depois com o outro para Elisabeth — E esse cara está claramente pedindo para que alguém lhe crave uma faca entre as costelas! Quantas vezes já não implorou que terminassem de uma vez com a sua vida arruinada? Mas vocês, com sua infinita paciência e bondade femininas, deixaram-no continuar. Agora, de tão desesperado, já destruiu o próprio jardim, porque todos os outros morrem de medo de fazê-lo. Não me espantaria se, da próxima vez, ele despedaçasse a si mesmo. Mas agora chega! Ainda bem que vocês decidiram tomar uma atitude. Dos animais, ao menos, já nos livramos. Um problema está resolvido. E não voltarão, porque a nossa polícia controlará isso. Eu dei nos nervos do meu tio até que ele promettesse cuidar do caso. Também falaram com o capitão de Sachsenhausen. Inacreditável que ele tenha tolerado isso por todos esses anos! Para que serve essa gente, afinal?

— Está bem, Justus, vamos indo!

A voz de Ludwig Haldersleben denunciava preocupação e Joanna também tivera maus pressentimentos enquanto os quatro estiveram parados em frente à casa de Gottfried Hoffmann. A lembrança daquela noite em que libertaram Elisabeth do baú era intensa. Ela contava com que, a qualquer momento, o primeiro morcego voasse rasante por cima da sua cabeça. Por que Justus tinha de fazer tanto barulho? E, quanto à Elisabeth, era impossível saber se ela estava realmente com raiva ou se a vontade de dar uma olhada na sua velha casa seria mais forte. Talvez quisesse vestir seu velho avental e colocar um pouco de ordem.

— Sim, vamos embora! Já vimos o que você queria ver, Elisabeth. E agora, voltemos ao outro lado. Tenho um mau pressentimento — disse Joanna, dando vazão ao seu desconforto, olhando cautelosamente para todos os lados.

Era apenas a sua imaginação ou havia mesmo visto a cortina amarelada da janela do sótão mover-se? Pensou ter visto uma leve ondulação. Gottfried estaria escondido atrás da cortina, observando-os? Ou teria sido apenas uma corrente de ar? Um calafrio desceu pela sua espinha. Não, provavelmente seria sua imaginação, disse a si mesma.

— De jeito nenhum! — indignou-se Justus. — Somos cidadãos desta cidade! Portanto, podemos ir aonde quisermos! Vou bater na porta.

Joanna achou que seu coração fosse parar quando ele realmente foi em direção à porta. Ela correu atrás e segurou-o pela manga.

— Não está bem da cabeça, Justus?

— Ha, ha, enganei vocês! — riu ao ver as caras assustadas dos seus amigos. — Realmente acreditaram que eu faria isso? Acham que sou louco, é?

— Quero fazer uma visita rápida a Annete e Martin. Tomaremos um vinho de maçã e depois iremos — disse Elisabeth, que também já havia bebido dois copos grandes. Tanto ela quanto Justus já tinham as faces bem vermelhas.

Pela expressão benevolente no rosto de Ludwig Haldersleben, Joanna entendeu que havia perdido a partida. Ele não conseguia negar nada a Elisabeth.

— Sim, então vamos ao Boi Selvagem tomar mais um!

Justus cuspiu na frente da casa de Gottfried Hoffmann e saltou por cima de um monte de estrume de vaca no meio da rua enlameada.

Joanna não gostou da ideia do passeio ao outro lado do Meno desde o começo. Parecia-lhe mais sensato manter-se longe de Sachsenhausen. Preferia evitar provocações desnecessárias.

— Você precisa de um descanso, mamãe! — havia dito Margareth. Assim começara. E Justus também precisava de uma pausa — disse a jovem, baixando o olhar, levemente envergonhada, como sempre que se encontrava na presença do sobrinho do preboste.

— Pausa? Para que eu precisaria de uma pausa? Eu descansei a minha vida inteira! — Justus havia objetado.

Contudo, Margareth havia convencido a todos. Estava cada vez mais parecida com Adam: enérgica e ativa, sem nunca levantar a voz ou ficar maçante. Já agora, com seus quase quinze anos, irradiava tranquilidade e soberania. Tudo que Joanna tivera de aprender a duras penas, nela era nato. Margareth um dia se tornaria uma exímia mestre cafeeira. E ela realmente tinha razão: Joanna estava mesmo cansada e rouca de tanto contar histórias. Havia duas semanas, ela e Justus apresentavam-se todas as noites. Ela estava nadando em dinheiro e os cidadãos de Frankfurt seguiam esperando ansiosamente que o pescador Hüseyin e a sua bela dama do harém ficassem juntos algum dia. Hüseyin havia conseguido entrar no palácio como ajudante de cozinha e cogitava se, por amor à sua venerada, deveria tornar-se eunuco. Pois de que outra forma poderia chegar a vê-la? Por outro lado, Mihrimâh brincava com a ideia de saltar no

mar da janela mais alta do palácio, conforme confidenciou à sua melhor amiga, Suleika, tanto era o sofrimento que o cruel destino lhe causava. Qualquer um, mas qualquer um mesmo, que tivesse alguma influência em Frankfurt, queria estar no Café Mühle e ouvir as suas histórias, constataria Joanna com profunda satisfação.

Sim, ela merecia um descanso, pensou com um sorriso quando atravessou com seus amigos o arco do portão do Boi Selvagem. Mesmo que, agora como antes, não fizesse a mínima questão de passar seu tempo livre em Sachsenhausen. Deveria ter deixado Elisabeth ir sozinha! Mas não, disso não fora capaz. Teria ficado preocupada demais. Bem, tomara que agora Elisabeth estivesse satisfeita após ter visto o estado do seu antigo lar. “Relaxe”, Joanna, dizia ela a si mesma, “e aproveite a maravilhosa tarde de sábado. Não tardará muito e o verão chegará ao fim. Tenha uma tarde linda com os seus amigos e esqueça Gottfried Hoffmann por um momento!”.

— Mas que surpresa! — Annete Münch viera ao seu encontro e abraçara Elisabeth. Tinha as faces vermelhas. — Que alegria!

Não poderia haver contraste maior para o jardim destruído dos Hoffmann que o aconchegante pátio da taverna dos Münch. O vento zunia entre as frondosas castanheiras, que já exibiam as primeiras bolinhas verdes e espinhosas. O sol jogava seus longos raios pelas folhas, que já mudavam para tons marrons. A maioria das cerca de dez mesas espalhadas pelo pátio estava ocupada. As mesas eram rústicas e já um pouco marcadas pelo tempo, mas os bancos pareciam ser novos.

Joanna olhou em volta. Que luz fantástica. Subitamente, sentiu-se feliz por ter-se deixado convencer a participar do passeio a Sachsenhausen. Esse lado do Meno era privilegiado por receber os últimos raios solares e era mesmo mais agradável estar ao ar livre aqui que do outro lado, na sombra, onde a essa hora já se sentia o friozinho de início de outono. A maioria dos clientes de Martin e Annete devia ter vindo da cidade, assim como eles, para aproveitar o fim da tarde com amigos e parentes e vinho de maçã. Joanna achou surpreendente o número de mulheres entre eles, pois as tavernas abertas dos viticultores eram as únicas que as mulheres podiam frequentar sem colocar sua reputação em jogo. Em meio a uma roda alegre, em uma mesa ao lado do portão, ela reconheceu o vencedor da competição dos pescadores. Mais atrás, alguns aprendizes de carpinteiro comemoravam o final do expediente em companhia de suas escandalosas namoradas. Ao lado do muro estava a negra esposa do joalheiro, Christine Haberkorn, acompanhada de seu marido, um senhor mais velho, de cara redonda e peruca preta.

Depois de conversar longamente com o joalheiro e sua mulher, dirigiu-se à mesa dos carpinteiros a que seus amigos se haviam juntado. Estavam bem embaixo dos galhos de uma velha castanheira plantada do outro lado do muro, que sofria o ataque de um fervoroso pica-pau. Somente o muro, uma velha torre e algumas árvores separavam-nos da poderosa fortificação que envolvia toda a Sachsenhausen. Para além dela, estavam as mansões de veraneio dos cidadãos mais abastados de Frankfurt, além de pomares, prados, campos e o bosque da cidade. Como era pacífico tudo isso ao sol da tarde!

Martin Münch, envolto em um avental de juta, apoiava uma bandeja com quatro copos e uma jarra de cerâmica na cintura. Cuidadosamente, deixou a bandeja na mesa. Seus movimentos eram desajeitados, como se ainda tivesse que aprender a virar-se com uma mão só.

— Que bom vê-los aqui! — disse ele, enchendo os copos até a borda.

Joanna achou que ele havia melhorado desde o seu último encontro. Por certo, suas faces continuavam magras e o nariz parecia mais proeminente que antes, mas ele voltara a ser ele mesmo.

— Agora, junte-se a nós e beba um copo conosco — disse Justus, enquanto espantava uma vespa.

— Gostaria muito, mas tenho que cuidar dos fregueses.

Pesaroso, Martin Münch arqueou os ombros, fazendo a manga vazia do seu gibão vibrar.

— Posso imaginar — concordou Ludwig Haldersleben — que a concorrência entre vocês, produtores

de vinho de maçã, também não está diminuindo, não é?

Contente por alguém finalmente se interessar pelos seus problemas, Martin começou a contar, esquecendo os outros fregueses do seu jardim lotado.

— Desde novembro passado, quando o Conselho anunciou o edital com os impostos sobre o vinho de maçã, ficou caro manter uma taverna. Não que já não houvesse tributos anteriormente, mas ninguém realmente pagava! Agora está cheio de espiões por aí que denunciam os sonegadores ao senado. E não precisam nem se identificar. Imaginem só! É claro que muitos se aproveitam da situação. Eu tenho o ramo de abeto com a maçã¹ afixado na minha porta desde sempre e obviamente sempre paguei meus tributos. Mas hoje em dia isso já não serve de nada se qualquer um pode vir aqui e afirmar que eu produzo e vendo muito mais do que me é permitido — ele abanou a cabeça, enojado. — E a última colheita foi terrível! A metade dos meus pés não carregou quase nada. A geada, eu lhes digo! Mas, por outro lado, a nova safra será ótima.

— E você já tem um concorrente a menos — Justus fez um movimento com o queixo em direção à propriedade dos Hoffmann. — Saúde, Martin! — ele levantou o copo — A você e a nós! E que haja cada vez menos concorrentes!

Os copos bateram uns contra os outros, enquanto Martin erguia simbolicamente o jarro, como se fosse brindar com ele. Justus apresentou-se aos carpinteiros, brindou com todos, um por um, e enganchou-se, então, no braço de Joanna para balançar² com ela enquanto os companheiros de mesa entoavam uma canção de beber.

— És tão fino, meu copo de vinho! — rugiu ele, e depois — Um copo de vinho, não fica sozinho...

Meio a contragosto, Joanna deixou-se levar pelo balanço ritmado. Onde isso iria dar...

— Ah, que coisa boa! Eu havia esquecido como é gostoso aqui em Sachsenhausen. Não acha também, Ludwig? — exclamou Elisabeth.

O cartógrafo sorriu suavemente e acariciou-lhe discretamente a mão. Ele também se movia no ritmo da canção de Justus, agora acompanhado pelos vizinhos de mesa. Um deles tinha a voz tão treinada que até mesmo o baixo de Justus começou a soar melódico. Como se ele precisasse apenas de alguém que o guiasse para que todos os seus talentos dormentes viessem à tona.

Contudo, ao contrário dos seus amigos, ela não estava se divertindo. Constantemente via algum fantasma. Uma vez estremeceu porque algo tocou a sua perna, que depois se mostrou como sendo o gato cinzento dos Münch. E o tempo todo seu olhar seguia voltando ao arco do portão coberto de hera, temendo que a qualquer momento Gottfried Hoffmann e seus capangas entrassem por ele. “Havia sido um erro acompanhá-los”, pensou ela, mal-humorada, por mais bonito que fosse o entardecer. Sem dizer que havia um monte de trabalho esperando-a em casa. Além disso, sentia-se totalmente supérflua nessa roda alegre.

De repente, ouviu um estalo vindo de cima. Assustada, olhou para o alto, bem a tempo de ver algo caindo para dentro do seu copo, respingando vinho de maçã no seu rosto. Em pânico, saltou do banco.

— Pelo amor de Deus, o que foi isso?

Justus von Zimmer pegou o seu copo e despejou o conteúdo no chão. Uma castanha espinhosa rolou pelo corredor entre as mesas, até parar bem ao lado do sapato preto de fivela do perplexo joalheiro.

— Que perigo! Isso é artilharia pesada — disse Justus, com gravidade na voz — também chamada de “a granada verde”.

Elisabeth começou a rir desenfreadamente, como se nunca houvesse ouvido algo tão engraçado. Ludwig Halderleben esboçou um sorriso e Justus von Zimmer riu maliciosamente da própria piada. Os aprendizes de carpinteiro também riam, batendo com as palmas das mãos nas próprias coxas, enquanto as suas mulheres guinchavam. Somente Joanna não achou graça alguma. Annete Münch veio correndo com

um copo novo para ela.

— Que estranho, ainda é cedo demais — disse, balançando a cabeça —, ainda não está na época de caírem! Esta foi a primeira. Normalmente, tiramos as mesas daqui quando começa.

Joanna sentia-se muito pouco à vontade. Todo o seu humor havia desaparecido. “Bom Deus, faça com que esta tarde acabe logo!” — rezou ela, em silêncio. Desesperada, olhou para os copos de vinho na mesa, que não se cansavam de esvaziar.

Finalmente, Justus tomou seu último gole; no copo de Elisabeth restava pouco e o cartógrafo também parecia estar chegando ao final. Somente o seu próprio copo continuava cheio.

— Bem, então ... — começou ela.

Nesse momento, Justus fez sinal a Annete para que trouxesse outro jarro. Furiosa, Joanna levantou-se.

— O que há com você? — perguntou Elisabeth, surpresa.

— Havíamos dito que iríamos depois de um vinho!

— Mas tu nem tomaste nada!

— Não deveríamos estar aqui. Não faz sentido algum provocar Gottfried! Tomamos todas as providências para tirá-lo de circulação de uma vez por todas. Ele certamente se deu conta e deve estar furioso como uma vespa defendendo seu ninho.

— Ah, não seja chata, Jô! Deixe a gente se divertir! Afinal, a gente merece, não? Não há perigo algum aqui — disse Elisabeth, rindo, com a fala amaciada pelo álcool.

Joanna não conseguia entender como a sua amiga podia perder o controle sobre si mesma dessa maneira. Seu olhar era vidrado e o seu decote havia saído do lugar, proporcionando aos carpinteiros do outro lado da mesa um panorama fascinante. Além disso, havia chegado tão perto de Ludwig Haldersleben que faltava pouco para sentar-se no seu colo.

— Isso mesmo, não seja uma desmancha-prazeres, Joanna! — Justus estalou os dedos para chamar a atenção de Annete, que corria como louca por entre as mesas. — Estamos de descanso! Aproveite! Amanhã seremos nós que teremos de entreter os fregueses. Aqui você pode se deixar servir, para variar.

Elisabeth concordou com um movimento vigoroso da cabeça.

— Não seja chata, Jô! — repetiu ela, com voz melosa. — Você sempre acaba com a diversão dos outros! Não é mesmo, Ludwig? Jô é sempre tão séria e severa, e nunca quer festejar. Às vezes, eu nem acredito que tenha vivido todas essas aventuras nas suas viagens. Justo você, que às vezes pode ser tão enfadonha!

— Vamos tomar mais um copo e depois iremos — o cartógrafo tentou apaziguar os ânimos. Joanna teve a impressão de que ele também não se sentia muito confortável e o comportamento de Elisabeth parecia causar-lhe um certo embaraço. Ele piscou para ela e, com um sorriso torto, levantou o copo.

Nesse momento, três músicos de rua vestidos em trapos que andavam por entre as mesas chamaram a sua atenção: um violinista, um flautista e um com um tamborim. O último agitava um copo de couro com moedas e passava-o embaixo dos narizes dos fregueses. Os alegres carpinteiros e suas acompanhantes iniciaram uma dança polonesa, saltitando em fila atrás dos músicos.

— Venham, vamos participar! — gritou Justus, entusiasmado. Cambaleante, levantou-se e agarrou a mão de Joanna.

Subitamente, ele parou em meio ao movimento e gritou tão alto que encobriu a música:

— Ora, vejam só! Falando do diabo...

Ele soltou imediatamente a mão de Joanna, pegou sua bebida e esticou o braço com o copo na mão.

— Saúde, Gottfried! Venha cá e beba um vinho comigo! — urrou ele, triunfante.

De súbito, todo o sangue abandonou o rosto de Elisabeth. Amedrontada, agarrou-se ao braço de Ludwig

Halderleben. Não parecia mais inebriada pelo álcool, mas sim uma mulher temerosa de apanhar novamente.

— Está louco? — chiou Joanna, agarrando Justus pelo casaco, para trazê-lo de volta para o banco. — Tomara que ele não nos tenha visto! Como pode ser tão estúpido? Por que você quer chamar a atenção dele para nós?

Gottfried Hoffmann e três dos seus homens estavam parados de pernas abertas embaixo do arco do portão. O rosto do taverneiro estava inchado, as olheiras pesadas, como alguém que não mais se recuperara de um revés do destino. Nada mais fazia lembrar o homem forte e bonito de outrora, com quem Elisabeth havia se casado. Na mão direita, balançava indolentemente um grande machado, como se fosse uma arma de guerra. À sua esquerda estava um gigante careca, de traços rudes, que prendera seus poucos cabelos remanescentes em um rabo de cavalo. Joanna nunca vira alguém tão feio, embora não lhe parecesse estranho. Pensou tê-lo visto com os outros dois companheiros de Gottfried, um homenzinho franzino com um eczema escamoso em torno da boca e um armário com tatuagens nos dois braços, na pancadaria da sua festa. Figuras trágicas, simplórias demais, desesperadas para perceber que o vento havia mudado e que Gottfried Hoffmann não era mais o grande chefe ao qual era uma honra seguir.

Martin Münch, que tinha o pavor estampado no rosto, juntara toda a coragem e fora até Gottfried para tentar acalmá-lo. Este, contudo, apenas abanou os braços, como para livrar-se de uma mosca molesta.

Os músicos haviam parado de tocar abruptamente. Antevendo o desastre, sorriram envergonhados para todos os lados, fizeram algumas reverências e desapareceram.

Gottfried Hoffmann deixou o olhar percorrer as mesas com os fregueses, cujas conversas haviam calado e que fitavam, uns, assustados, outros, divertidos, a pequena trupe na entrada do pátio. Por um momento, os olhos de Gottfried fixaram-se na esposa do joalheiro que, devido à cor da sua pele, sobressaía-se da multidão. Então, seu olhar encontrou Elisabeth.

Lentamente, ele começou a andar. Os carpinteiros e suas garotas, que haviam formado a polonesa, abriram caminho aos gritos. O andar cambaleante de Gottfried denunciava que estava alcoolizado. O machado na sua mão bamboleava ameaçadoramente, enquanto ele se aproximava mais e mais da sua mesa.

— Tu vens comigo, Elisabeth!

Sua voz não saiu tão autoritária como provavelmente pretendia, mas um tanto insegura, quase chorosa.

— Deixe-a em paz! — Ludwig Halderleben levantou-se, indignado.

— Cale a boca, velhaco! Você aqui não manda nada. Essa mulher é minha!

A cara de Gottfried Hoffmann parecia haver tomado sol demais. A veia na sua têmpora esquerda ameaçava explodir. Ele exalava o cheiro de um barril inteiro de vinho, fazendo Joanna distanciar-se enojada.

— Podemos resolver isto da maneira suave... Ou da pesada — balbuciou o taverneiro.

O que devia soar como uma ameaça saiu-lhe como se estivesse prestes a cair aos prantos. Seu corpo maço cambaleava. Contudo, com uma agilidade incomum para um bêbado, ele subitamente ergueu o machado acima da cabeça.

Joanna ouviu um grito que devia ser o seu próprio, como notou segundos mais tarde, e levantou-se de um salto. Ludwig Halderleben e Elisabeth igualmente saíram de lado, enquanto os carpinteiros no outro canto da mesa amontoaram-se uns sobre os outros. Somente Justus von Zimmer permaneceu sentado, impassível, como se sua capacidade de reação estivesse comprometida. Ou, então, como se não achasse necessário mover-se por conta das idiotices de Gottfried Hoffmann.

O machado desceu com estrondo sobre a mesa. A madeira estilhaçou-se, os copos foram ao chão, a

mesa partiu-se ao meio.

Ouviram-se mais gritos. Os primeiros fregueses levantaram-se, procurando chegar despercebidos à saída, como se estivesse mesmo na hora de ir.

— Vamos! Venha, sua puta!

Ainda surpreendentemente ágil, Gottfried Hoffmann disparou em direção a Elisabeth e esbofeteou-a com força. Então, pegou-a pelo braço e arrastou-a atrás de si. Elisabeth tropeçou sobre os próprios pés e caiu no chão, chorando, mas Gottfried não se impressionou, arrastando-a pelos cabelos em direção à saída.

— Ei, o que é isso? — resmungou um dos carpinteiros e, soltando um arrote, tentou levantar-se. Percebendo que suas pernas não o suportariam, deixou-se cair de volta no banco.

Recuperando-se do primeiro susto, o cartógrafo jogou-se por trás sobre Gottfried Hoffmann, com um salto ágil para um homem da sua idade, tentando salvar Elisabeth do seu opressor.

No mesmo instante, ouviu-se um rosar trovejante, vindo do portão. Embaixo do arco do portão, iluminado pelo sol da tarde, surgiu o seguidor mais fiel de Gottfried Hoffmann, o alambiqueiro Jockel Lauer. Preso a uma correia de couro, segurava um urso peludo que já sobre as quatro patas parecia ser maior que um boi, de modo que Joanna esperou nunca ter de vê-lo em pé. O animal tinha olhos minúsculos e farejava o chão como um cachorro. Ela podia sentir o seu cheiro, apesar de estar a mais de vinte passos do portão. “Que monstro!”, pensou ela

— Gottfried, eu... Eu não consigo segurar Lúcifer...

Assim como a sua voz tinha um tom de súplica, o homem estava longe agora da arrogância e da presunção do seu último encontro. A mão de Jockel Lauer, que segurava a coleira do urso, tremia tanto que propagava ondas pelo couro. Era evidente que o alambiqueiro estava com medo! De fato, parecia que era o animal que o conduzia, e não o contrário.

— Ele não me obedece, Gottfried!

Com os olhos arregalados de pavor, Jockel Lauer agitava receosamente o chicote que tinha na outra mão.

— Isso é um animal feroz e não um cãozinho de colo, Jockel! Segure-o com força! — grunhiu o taverneiro por entre os dentes, tentando ainda se livrar de Ludwig Haldersleben, que seguia agarrado às suas costas.

— Não consigo segurá-lo!

Jockel Lauer soava como se fosse molhar as calças de medo. Como se o animal soubesse do poder que tinha sobre o alambiqueiro, levantou a cabeça e mostrou-lhe os dentes.

Joanna estava horrorizada. “O que aquele urso fazia ali? Justus não dissera que haviam tirado os bichos de Gottfried? Um calafrio percorreu-a ao pensar na manga vazia de Martin. A qualquer momento, seus joelhos falhariam.

O pânico havia se espalhado também entre os outros visitantes da taverna. Um dos carpinteiros, evidentemente menos bêbado que seus companheiros, tentava subir na castanheira, içando-se por um galho. Outros fregueses haviam entrado embaixo das mesas. Alguns dos pescadores procuravam escalar o muro, visto que a única possibilidade de fuga — o portão de entrada — estava bloqueada pelo urso e pelos capangas de Gottfried.

— Oh, oh, oh! — exclamou Justus, como um espectador na arena dos gladiadores.

— Anda logo, Jockel, solte o Lúci! — gritou Gottfried.

Empurrando Elisabeth para longe, virou-se em torno do próprio eixo e deu um soco tão forte contra a cabeça de Ludwig Haldersleben que Joanna pensou ouvir os ossos quebrando. O cartógrafo foi arremessado aos pés de Jockel Lauer e do urso, onde desabou como um saco de batatas. Mas, em vez de

deixar por isso, Gottfried soltou um urro terrível e saltou com todo o seu peso sobre seu oponente, pisoteando-o violentamente com os dois pés, até perder o equilíbrio e ser forçado a descer, cambaleante, da barriga dele. Como se não bastasse, desferiu mais um pontapé na cabeça da vítima. Tudo isso acontecera tão rapidamente que somente naquele momento o grito horrorizado de Elisabeth saiu de sua garganta. Gottfried prontamente voltou a agarrá-la pelos cabelos. Inerte, O cartógrafo não soltava um pio, nem gemidos, nem choro.

O grito de Elisabeth pareceu ser a deixa para um cãozinho branco, que devia pertencer a um dos clientes, começar a latir freneticamente para o urso. Este, irritado, sacudiu as pequenas orelhas, ignorou Jockel Lauer e a correia de couro e, com um movimento incrivelmente gracioso, ergueu toda a massa do seu corpo sobre as pernas de trás. O alambiqueiro, assustado, largou a correia e saltou de lado. O urso jogou a cabeça para trás e mostrou os dentes mais uma vez. Suas patas e garras afiadas agora flutuavam diretamente acima do cartógrafo gravemente ferido.

Enquanto o cachorrinho saltitava latindo em torno dele, o urso permaneceu infinitos minutos nessa postura — ao menos foi o que pareceu a Joanna. Somente depois que o pequeno perdeu o interesse, voltando para o seu dono e de rabo abanando, Lúcyfer desceu lentamente de volta ao chão. Ele pareceu um tanto perplexo ao ver Ludwig Haldersleben ali, bem debaixo do seu nariz, como que se perguntando quem lhe haveria deixado esse enorme pedaço de carne pronto para a degustação. Com um grunhido, passou a farejar o desmaiado com seu grande nariz preto. Somente as batidas do pica-pau, que seguiu seu trabalho sem se incomodar, quebravam o silêncio mortal que tomara conta da taverna. Ninguém falava. Todos pareciam esperar que algo acontecesse, algo terrível, inevitável.

— Façam alguma coisa! Por que ninguém faz nada? Bando de covardes! — disparou Elisabeth, que chutava Gottfried, alternando as pernas.

— Maldição!

Justus von Zimmer finalmente encontrou um momento de clareza em meio ao seu torpor. Ele empurrou a metade da mesa destrozada do seu colo, desembainhou a espada e correu cambaleante em direção ao urso. Este deve tê-lo farejado, deixando, com uma fungada pesarosa, a sua presa de lado. Tão rapidamente como antes, levantou-se nas pernas de trás e voltou-se para o seu atacante.

Com um único e destemido golpe, Justus enfiou a lâmina brilhante no peito do bicho.

O urso urrou. Suas enormes patas balançaram pelo ar. Apenas o punho dourado da espada despontava do pelo desgrenhado. Com movimentos descoordenados, o sobrinho do preboste tentou sacar a espada do urso, quando uma patada do animal cambaleante acertou o seu rosto.

— Opa! — exclamou ele, jogando-se de lado.

O urso caiu de quatro ao seu lado. Podia-se ver a ponta da espada saindo pelas suas costas. Seus olhos minúsculos assumiram uma expressão vidrada. Ele tentou levantar-se mais uma vez, mas estava enfraquecido. Vagarosamente, suas pernas cederam e ele foi ao chão. Um tremor atravessou o corpo grande e pesado e então o animal não mais se moveu.

— Lúcyfer! — uivou Gottfried Hoffmann.

Em sua ira desesperada, o taverneiro passou a espancar sua esposa violentamente. Batia-lhe com ambas as mãos.

Joanna pensou que iria vomitar a qualquer momento. Oh, Deus, onde ela havia vindo parar! Ela soltou um gemido, escondendo o rosto nas mãos.

Quando, por fim, logrou soltar-se do estarrecimento e correu, chegou até Elisabeth ao mesmo tempo que a esposa do joalheiro.

— Deixe-a em paz, seu porco nojento! — rugiu a mulher negra, batendo na cabeça de Gottfried Hoffmann com seu guarda-sol.

Joanna colocou Elisabeth de pé. Ela, por sua vez, ignorou os cabelos soltos, os lábios que sangravam e correu para onde estava Ludwig Haldersleben. Joanna virou-se novamente para Gottfried e a mulher do joalheiro, enquanto Justus von Zimmer e o joalheiro lutavam com Jockel Lauer e o homem de rabo de cavalo. O terceiro capanga, aquele com as tatuagens, devia ter fugido.

— Jockel, ajude-me, maldito! — berrou Gottfried. — Salve-me dessa megera!

— Não posso — ronquejou o alambiqueiro, que agora estava sendo enforcado pelo senhor Haberkorn.

— Cadê os outros? Diga a Scholli para acabar com o cara que matou o meu Lúci!

Gottfried finalmente conseguiu arrancar o guarda-sol das mãos da esposa do joalheiro e, do mesmo jeito que antes metera o machado na mesa, armou o golpe para revidar. No último instante, Joanna bloqueou-lhe o braço.

— Ah, não, Gottfried Hoffmann. Isso não! — chiou ela, furiosa.

— Eles se mandaram — ela ouviu Jockel Lauer dizer. — E eu também vou dar o fora...

O produtor de aguardente aproveitou o momento em que o joalheiro o soltou para acudir sua esposa e estava prestes a sair em disparada pelo portão.

Ao perceber que, além do joalheiro, Justus von Zimmer vinha em sua direção, Gottfried Hoffmann empurrou as duas mulheres para o lado e saiu atrás do seu companheiro.

— Venha, temos que persegui-lo! — berrou o sobrinho do preboste. — Atrás dele!

Lá estava ele, agitando os braços embaixo do arco do portão, tentando animar os outros presentes a juntarem-se a ele. Mas à exceção de dois carpinteiros completamente bêbados, ninguém se dispôs.

Joanna levantou-se, ajudou a mulher do joalheiro a fazer o mesmo e foi até Elisabeth, que segurava a cabeça do cartógrafo em seu colo. Com o rosto molhado de lágrimas e um fio de sangue escorrendo-lhe do lábio ferido pelo queixo, ela acariciava a testa dele. Ludwig Haldersleben havia perdido a consciência e seu rosto tornara-se angustiantemente pálido.

— Ele está vivo? — perguntou Joanna, preocupada.

— Eu acho que sim — soluçou Elisabeth, segurando a mão diante da boca e do nariz do cartógrafo, para ver se ele respirava.

Annete Münch veio com um balde de água e vários panos de cozinha para fazer-lhe compressas frias.

— Isso não adianta. Precisamos de um médico! — disse Joanna. — Caso contrário, provavelmente não sobreviverá. Ele deve estar com ferimentos internos depois do que Gottfried fez com ele.

— O monstro está morto? — gritou um homem com um chapéu azul de pescador pendurado em um galho da árvore.

— Sim, o urso está morto.

Cautelosamente, Martin Münch cutucou o monte de pelos castanhos com a ponta do guarda-sol de Christine Haberkorn, para assegurar-se de que o bicho não poderia mais causar danos. Em seguida, investiu contra o cachorrinho branco que voltara a latir e levantara a perna para urinar contra o cadáver.

— Vou buscar o doutor Stern. É só atravessar a ponte! — Joanna ouviu-se dizer.

— Volte logo! — gritou Annete atrás dela.

Mas Joanna já não escutou mais as suas palavras. Passando pelos carpinteiros exaustos que se haviam acomodado entre a sujeira da rua atrás do arco do portão, correu o mais rápido que pôde pela Elisabethengasse, virou na Brückengasse e disparou em direção ao rio. Um rastro fino de sangue, provavelmente da bochecha dilacerada de Justus von Zimmer, seguia pelo chão. Enquanto corria, tentou ordenar os pensamentos que voavam selvagememente pela sua cabeça. A placa que estava ali na entrada da cidade havia séculos feriu seus olhos. Como pôde passar tantos anos em Frankfurt sem nunca ter se incomodado? Um judeu mamava nas tetas de uma porca enquanto o animal defecava na boca de outro judeu, também vestido nos trajes típicos. Desde que Gabriel aparecera em sua vida, sentia-se

pessoalmente ofendida com a porca dos judeus. “A placa tem que sair daí”, pensou ela, seguindo para encontrar o médico ao qual pretendia confiar a vida do seu amigo Ludwig Haldersleben.

— Vá com calma, moça! Aonde vai com tanta pressa? —

o guarda da ponte tentou pará-la, mas Joanna logo se livrou dele.

— Tenho que buscar um médico — gritou ela, enquanto corria. — Um amigo está à beira da morte. É uma emergência!

Ela apoiou a mão no flanco do corpo, para diminuir a dor da corrida.

— Mas o que está havendo aqui hoje? Já é o segundo! — ecoaram as palavras do segundo guarda atrás dela.

O sol se punha à sua esquerda, gigantesca bola alaranjada. Os últimos raios tingiam a água crespa do rio de tons dourados. “Uma paisagem belíssima”, pensou Joanna involuntariamente. E a realidade era tão diferente...

Pouco depois, ao passar pelo moinho da ponte, viu que estava a poucos passos de Justus von Zimmer. Depois viu Gottfried Hoffmann, parado em cima da balaustrada da ponte. Bem ao lado do crucifixo!

Joanna parou de correr, arfando. Lá no alto, acima do taverneiro, brilhava majestoso o galo dourado da ponte³. Era nesse lugar que antigamente os condenados à morte eram jogados no rio, porque ali a correnteza era mais forte, de modo que o pecador amarrado morresse afogado rapidamente. Mas Gottfried Hoffmann parecia estar longe de querer por um fim à sua vida. Com uma mão, segurava-se na cruz, e com a outra, agitava ferozmente o machado. Como um general de guerra cujo exército já afundara nas águas, e que tinha que lutar a última batalha sozinho.

Com um salto elegante, o sobrinho do preboste subiu no parapeito. O vermelho escuro do sangue havia tingido a sua camisa do colarinho até as axilas, como se usasse um cachecol. A patada do urso devia ter causado ferimentos graves no seu rosto.

Joanna prendeu a respiração ao ver Justus de braços abertos, aproximando-se de Gottfried, equilibrando-se como um artista da corda bamba que havia bebido alguns copos de vinho de maçã.

— Eu te pego, Gottfried! — balbuciou ele, com o dedo indicador em riste, como se chamasse a atenção de uma criança travessa.

— Justus — chamou Joanna, advertindo-o —, ele tem um machado! Tome cuidado!

— Você acha que sou cego? Chame os *piketts*, Joanna! Nós o pegaremos. Dessa vez, ele não escapará!

Ele havia parado no lugar e voltado-se a ela com um sorriso largo no rosto. Poucos passos apenas o separavam de Gottfried Hoffmann. Seu rosto e seus cabelos estavam melados de sangue. Um farrapo de pele pendia da sua face esquerda

Lentamente, para não perder o equilíbrio na balaustrada, virou-se novamente em direção ao taverneiro.

— Venha, seu covarde, filhinho de mamãe! — berrou ele de volta, agitando o machado ameaçadoramente.

— Não é por nada, Gottfried, mas este é o fim das suas tolices!

A voz de Justus havia assumido um tom jovial. Cada vez mais, ele se aproximava do homem com o machado que se segurava com uma das mãos no pilar da cruz, estendendo o corpo para fora, por sobre o rio.

— Você me arruinou, sua desgraçada! Foi contra mim desde o começo, fazendo intrigas. Não queria que eu tivesse Elisabeth.

Sem aviso prévio, Gottfried Hoffmann agitou o braço e atirou o machado em direção a Joanna. Ela viu o metal brilhante voando ao seu encontro, ouviu o grito aterrorizado de Justus e a risada perversa de Gottfried — e deixou-se cair inteira no chão. Conseguiu, ainda, amenizar a queda com as mãos, sentindo o cascalho duro do assoalho da ponte sob os dedos. Fora por pouco! Um segundo a mais e o machado a

acertaria no meio do rosto.

Vagarosamente, ela levantou a cabeça. Tentando ignorar a dor nas mãos, apoiou-se sobre os cotovelos para ver melhor. Seu olhar caiu diretamente sobre Gottfried Hoffmann que agitava os braços no ar, lutando para manter o equilíbrio.

Ao mesmo tempo que Justus deu um salto corajoso em direção a ele, o taverneiro escorregou do parapeito e caiu gritando.

[1.](#) As normas de pureza para a produção do vinho de maçã foram estabelecidas por decreto pelo Conselho da cidade de Frankfurt em 1638. Um ramo ou uma grinalda de ramos de abeto à mostra nas tavernas era o símbolo da licença para vender o vinho ao público.

[2.](#) *Schunkeln* é uma atividade típica e quase exclusivamente alemã, que consiste em balançar de um lado ao outro no ritmo de uma canção, com os braços enganchados nos dos vizinhos de mesa, como uma dança rudimentar.

[3.](#) Crucifixo da ponte (*Brückenkreuz*) e galo da ponte (*Brickegickel*): o crucifixo instalado na ponte antiga de Frankfurt, assim como em muitas outras pontes, marca o lugar onde o rio é mais profundo, sinalizando a passagem aos navios. O galo dourado instalado acima da cruz é um símbolo de vigilância.

Capítulo 35



Vermelho, tudo vermelho. O urso escancarara a boca enorme, fazendo-a olhar lá no fundo da garganta fedorenta com os tocos de dentes amarelados. Suas patas de garras afiadas estavam próximas à sua cabeça. Logo desceriam sobre o seu rosto...

— Jô!

Joanna saltou de susto. Diante dela estava Elisabeth, envolta em um largo manto oriental. Em uma das mãos, segurava um lampião, na outra, uma chave. Parecia assustada.

— Jô, o que está fazendo aqui a essa hora? E o que é isso em seu rosto? O que aconteceu?

Somente agora Joanna viu a bagunça que fizera. O pote de tinta vermelha de garança caíra, derramando-se sobre seus livros de contabilidade na longa mesa do salão. A pena, também vermelha, como se acabasse de ser arrancada de um ganso recém-morto, caíra ao chão, quebrando a ponta. O pote de tinta preta ferrogálica estava tão perto do canto da mesa que poderia cair a qualquer momento. Algo úmido escorria pelo rosto de Joanna. Ela passou a mão para limpar e viu que um fio vermelho ainda gotejava em seu decote.

— Devo ter adormecido e deixado a cabeça cair na mesa — murmurou ela, exausta.

Todo o seu trabalho havia sido em vão. Pelo menos a coluna dos gastos, que havia preenchido com tinta vermelha, número por número, havia ficado completamente ilegível. No mais, o caderno de notas que usava para fazer a contabilidade ficara em um estado deplorável. Havia aprendido a técnica contábil a duras penas e, se não usasse cores diferentes, não conseguia ter uma visão geral das suas finanças. Antigamente, comprava a tinta de Jehuda. Ainda se lembrava do cheiro temperado e pesado das suas tintas perfumadas. Agora, comprava-as de Henriette Schley, sua vizinha do outro lado da rua, cujas tintas serviam perfeitamente para escrever, mas não cheiravam muito bem.

— Que horas são? — perguntou ela à amiga.

Elisabeth olhou-a, balançando a cabeça.

— Quase três horas. Você devia estar na cama há tempo. Foi um dia cansativo, não foi?

— Sim, claro que foi. Assim como todos os últimos dias desde que Justus não pode mais ler e você está mais com Ludwig que na cozinha!

A voz saíra-lhe mais repreensiva que intencionara, mas em suma era exatamente isso que a preocupava: tinha de substituir, ao mesmo tempo, dois dos seus colaboradores mais importantes. E ainda tinha que cuidar das compras e das finanças. Não admirava que suas forças chegassem ao fim e que ficara um tanto rabugenta.

Elisabeth tinha mágoa no olhar. Desde menininha, ela havia desenvolvido essa habilidade, de olhar como uma corça abandonada no fundo da floresta. Joanna suspeitava que sua amiga usava e abusava desse talento nas mais diversas situações, mas nunca encontrara provas concretas.

— O que você faria no meu lugar se o homem que ama estivesse à beira da morte? Não ficaria dia e noite com ele?

A voz de Elisabeth tremia levemente, assim como o seu queixo. Brigar ou ver sua amiga chorar era a última coisa que Joanna queria agora! Sobretudo, esperava que Elisabeth não voltasse a distribuir

acusações acerca da culpa pelo desastroso passeio.

— Todos vocês não fizeram nada! Ficaram só olhando! — era o que dissera várias vezes, acusadoramente.

E apenas por sentir pena dela, Joanna não havia contestado:

— Mas quem foi que fez questão de ir a Sachsenhausen? Você ou eu? Sem falar que todos vocês beberam demais...

Nem objetara que a afirmação de Elisabeth simplesmente não era verdade! Ela e Justus precisaram de um momento até que estivessem aptos a reagir, mas haviam reagido!

Joanna ainda não havia encontrado o momento oportuno para discutir o ocorrido calmamente com sua amiga. Mas, cedo ou tarde, teriam de fazê-lo para que não ficassem remoendo acusações mútuas para sempre.

Ela levantou-se para pegar um pano de cozinha e livrar o rosto e o pescoço da tinta vermelha. Até mesmo seu cabelo ficara manchado, constatou ela, ao tirar a touca e agitar os seus cachos. Os cabelos nas têmporas estavam mais vermelhos que o normal.

— Naturalmente, eu também ficaria ao lado da cama do meu homem — disse ela, apoiando a mão no ombro de Elisabeth. — Mas Ludwig já está bem melhor, não?

Elisabeth abriu um sorriso. Subitamente, um brilho interior emanou de seu rosto.

— Sim, ele já está bem melhor. Até já consegue levantar-se! O doutor Merseburger disse que dentro de alguns dias poderá voltar a trabalhar. Por outro lado...

Sua voz falhou.

— O quê?

— Entretanto... — Elisabeth levantou o olhar. O brilho do seu rosto havia desaparecido. — Ele disse também que provavelmente não poderá mais ter filhos. Aquele porco do Gottfried maltratou-o tanto que ele... que ele...

Joanna entendeu. Fora ela que, havia cerca de uma semana, conduzira o doutor Merseburger ao Boi Selvagem. Havia ficado em um estranho dilema quando ela e Justus von Zimmer olhavam perplexos de cima da ponte para o rio no qual Gottfried Hoffmann acabara de cair.

— Ó Deus, o que faremos agora? — ela gritou para Justus, que pareceu ter ficado sóbrio de repente. — Mantenha a calma, Joanna. Está tudo em perfeita ordem. A única coisa que deve fazer é procurar um médico para Ludwig. Desse aqui, cuido eu — disse secamente o sobrinho do preboste, apontando com o queixo para o rio e empurrando-a pelos ombros em direção à Judengasse.

Contudo, como o portão sul da Judengasse havia estado fechado, teve de abandonar o plano de chamar o doutor Stern. Em seu desespero, dirigiu-se a um dos guardas da ponte e este lhe indicou o doutor Merseburger, que residia no Weckmarkt. O médico deixou a mesa do jantar sem vacilar para acompanhá-la. No caminho de volta para Sachsenhausen, havia visto Justus de relance na beira do Meno dando comandos como um sargento a alguns pescadores, que vasculhavam o rio com suas longas varas a partir de seus barcos, procurando pelo afogado.

— Que azar que apareceram esses pescadores! Ainda acabarão por encontrá-lo e, então, tudo terá sido em vão. Mas a esperança é a última que morre — ele havia-lhe confidenciado mais tarde.

Joanna viu também o policial penugento conversando com o aflito Jockel Lauer.

— Aquele porco do Gottfried teve o que merecia — disse ela com voz firme a Elisabeth. — É muito provável que ele tenha se afogado. Mesmo que seu cadáver ainda não tenha sido encontrado. — ela abanou a cabeça, fazendo a mecha de cabelo tingida de vermelho grudar na bochecha. — O problema é que Justus não sairá da cadeia enquanto não ficar comprovado que ele não teve culpa pela morte de Gottfried. Jockel Lauer afirmou ter visto Justus o empurrar na água com uma lança, quando, na realidade,

o homem simplesmente perdeu o equilíbrio. Depois de tentar matar-me com seu maldito machado!

A lembrança da cena deu-lhe um calafrio. A visão do metal reluzente vindo velozmente ao seu encontro havia fixado-se na sua memória tal como a imagem do urso empinado, de garras erguidas e lábios babados. Não era de admirar que essas imagens fossem recorrentes em seus sonhos!

— Mas e se ele não estiver morto? — retrucou Elisabeth, choramingando. — Eu conheço Gottfried. Ele deve ter sobrevivido e está escondido em algum lugar. Vai esperar até que a situação se acalme e, então, voltará e nos destruirá.

— Joanna fez um gesto impaciente com a mão.

— Que nada! Ele está morto, Elisabeth! Logo pescarão o seu cadáver do Meno. Em algum lugar rio abaixo. Imagine só: um lindo e esverdeado presunto pescado! De cara inchada e cabelos pingando, a água jorrando de todos os orifícios. — o pensamento a fez rir.

Elisabeth, contrariada, teve de rir também.

— E então se verá que ele não morreu por ferimento. Ou ao menos, que não há ferimento de lança alguma — novamente, a raiva tomou conta dela. — Aquele maldito Jockel Lauer! Mentindo dessa maneira! E em mim, ninguém acredita, muito menos aquele penugento. Apesar de ser a única testemunha verdadeira! Eu estava bem ao lado, enquanto que Jockel já estava quase na outra margem! Que alguém dê ouvidos a ele é um absurdo. Há inúmeras testemunhas para o incidente no Boi Selvagem e todas viram que fomos atacados por Gottfried. Algo está errado nessa história. E que a família de Justus o deixe na mão, não consigo entender. Devem mesmo estar fartos dos seus caprichos ou já estaria fora da prisão! Quem é um Jockel Lauer contra um Von Zimmer? Parece que querem dar-lhe uma lição.

Elisabeth pareceu cansar-se do assunto. Ela ajustou seu manto colorido em torno do peito e disse:

— Margareth lhe deu o manuscrito de Justus?

Joanna sacudiu a cabeça, desconcertada.

— Margareth? O manuscrito de Justus?

— Sim. Ela foi visitá-lo no calabouço. Mais de uma vez. É claro que não a deixaram vê-lo. Mas hoje ao menos lhe entregaram as várias páginas escritas por ele. Ela mostrou-me as três novas histórias de *As Mil e Uma Noites* que ele traduziu na prisão. E escreveu-lhe também um bilhete, dizendo-lhe que o substituísse na leitura — ela sorriu, benevolente. — E parece que havia mais alguma coisa no bilhete que Margareth não quis me contar.

Joanna mal acreditava em seus ouvidos. O que estava acontecendo? Margareth ia visitar Justus na prisão. Este a nomeava sua substituta no Café Mühle. E escrevia-lhe coisas que ninguém podia saber. E o pior era que ela, Joanna Berger, mãe da menina e responsável pelo estabelecimento, era a última a saber! E não porque lhe escondiam algo, mas porque simplesmente não se dera conta. Sentiu vergonha de repente. O que mais haveria passado com os seus amados sem que ela percebesse apenas por não dedicar tempo algum a eles?

Sentindo-se culpada, olhou para Elisabeth que, parecendo cansada, sentara-se no banco.

— Sim, Margareth está apaixonada por Justus — explicou-lhe a amiga, quase casualmente. — Faz tempo. No começo, achei que fosse a típica paixão de menina. Mas quando ela começou a ir ao calabouço todos os dias... Em todo o caso, ela está determinada a ler a tradução de Justus amanhã à noite. Ela faz questão de representá-lo, provavelmente por fazê-la sentir-se mais próxima dele. Eu acho que ela ensaiou bastante hoje, em segredo, segundo Lili. Ela a ouviu declamando no seu quarto.

Joanna sentou-se no banco ao lado de Elisabeth e esticou as pernas. As solas dos seus pés queimavam. Havia andado de um lado ao outro o dia inteiro sem parar. E agora isso! Era o que faltava. Que bobagem! O que as pessoas iriam dizer se uma menina se apresentasse diante deles? Margareth vinha de uma família decente. Quem iria casar-se com ela, se agora ela se mostrasse no palco? No máximo, um

caçador de dotes ou alguém que não fosse sério. Não ela não podia permiti-lo! Como podia ser que ela não ficasse sabendo de nada?

Contudo, se Justus e Margareth estavam apaixonados um pelo outro, isso explicava algumas coisas. Por exemplo, por que Justus passava tanto tempo no Café Mühle e por que ele se dedicara tanto a tirar Gottfried do caminho.

— Vocês devem me achar muito egoísta... — começou ela, hesitante.

Elisabeth colocou a mão no seu braço.

— Não, egoísta não — respondeu ela suavemente. — Apenas... bem... digamos, sobrecarregada. Provavelmente, faz muito mais do que seria necessário para manter o Café Mühle. A cafeteria vai de vento em popa! Está cheia todos os dias! E as pessoas gostam de vir. Desde que você montou a tenda no pátio e se fantasia de Xerezade, deve ter ganhado dez vezes mais que nas semanas após a reabertura.

Joanna concordou com a cabeça, pensativa. Não chegava a dez vezes mais, mas era muito. Ao menos o valor que havia escrito em vermelho na coluna dos gastos era bem inferior ao que escrevera em preto na coluna de entradas. Mesmo que agora não fossem mais legíveis devido à tinta derramada. Devia haver caído no sono depois de terminar as contas, pois disso ela se lembrava.

— Aliás, Ludwig é da mesma opinião — prosseguiu Elisabeth com entusiasmo. — “Quando se tem tantos problemas quanto Joanna”, disse ele, “a gente perde a orientação geral e acaba deixando algumas coisas pelo caminho. Infelizmente, às vezes são as necessidades do próximo...”. Sim, foi exatamente isso que ele disse. — Ela balançou a cabeça, satisfeita, sem olhar para Joanna. — Desde criança você nunca se contentou com pouco. Tudo tinha que ser sempre perfeito. E o que acontecia à sua volta era totalmente irrelevante. O seu plano era a única coisa que importava. O mundo podia acabar, sua melhor amiga estar de coração partido, sua própria barriga doendo... Importava apenas que a sua vontade imperasse e que tudo fosse feito do seu jeito!

Joanna olhou incrédula para o perfil de Elisabeth, que assumira traços desafiadores. Ela havia mesmo sido assim, quando criança, do jeito que a amiga acabara de descrevê-la? Tão obstinada, preocupada somente com a realização das próprias ideias? Ela abanou a cabeça. Que exagerasse um pouco agora, empenhando-se meticulosamente, para que tudo no Café Mühle corresse de acordo com as suas expectativas, podia até ser. Mas antigamente era bem diferente! Ela sempre tivera medo de fazer alguma coisa errada, nunca se julgara capaz de nada e sempre se escondera atrás de homens como o seu pai e Adam.

— Sim, acredite em mim, Jô, sempre foi assim! Talvez não fosse tão evidente como agora — amenizou Elisabeth, que adivinhara seus pensamentos —, mas já se via que um dia você seria esforçada e ambiciosa como é hoje.

Ela voltou seu rosto para Joanna e olhou-a candidamente.

— Sabe, Jô, às vezes penso que você precisa novamente de um homem. Um que a trate bem. Que a ame e cuide de você. Assim como... Assim como Ludwig. Não faz ideia de como ele é bom para mim! — seus olhos entristeceram-se. — E pensar que aquele porco quase o tirou de mim...

Elisabeth pareceu perceber que Joanna estava pouco inclinada a ouvir, a essa hora, os hinos de louvor a Ludwig Haldersleben pela centésima vez.

— Sabe, uma mulher que fica muito tempo sem um homem tende a endurecer — concluiu ela o seu pensamento. — Ela acaba por ficar masculina, tão enérgica e exigente e... Bem, como alguém que tem que ser as duas coisas, mulher e homem ao mesmo tempo. Entende o que quero dizer?

Joanna levantou-se do banco. Ela apoiou as mãos na lombar e alongou as costas doloridas. Que horas seriam agora? Em vez de ir para a cama, tivera de ouvir as verdades acumuladas de Elisabeth. Justamente de Elisabeth, que se deixara espantar por um homem durante anos a fio para agora lhe fazer

um discurso sobre como uma mulher endurecia sem um homem a seu lado! Incrível! Às vezes, perguntava-se qual era, afinal, a base da sua amizade com Elisabeth. Devia ser por conhecerem-se havia muito tempo.

Um enorme bocejo atropelou-a. O dia seguinte seria mais um dia cansativo. Primeiro, as tarefas habituais diárias, depois a apresentação noturna, com ela como única narradora. Que Margareth assumisse uma parte do programa estava fora de cogitação. Não em uma família decente como a sua! Decidiu que, assim que tivesse um momento de tranquilidade, falaria com Margareth sobre Justus. O que ela estaria pensando? Não estaria seriamente alimentando esperanças de entrar para a nobreza pelo casamento? A nobreza urbana de Frankfurt? Que ideia mais absurda! Mas Margareth tinha apenas quinze anos e mesmo que parecesse mais madura, ainda tinha a cabeça cheia de tolices. As regras da sociedade eram implacáveis. Quem sabia disso melhor que ela, Joanna Berger? Uma filha de taverneiros do quarto estamento¹ e um patrício! “Impossível!”, pensou Joanna, mal-humorada. Ela esperava que ainda não houvesse acontecido nada entre eles — não que Margareth acabasse com uma criança! Como se já não tivesse problemas suficientes! E o que se passava no coração volátil de Justus ela não queria nem pensar.

Elisabeth também se levantou e fitou a amiga seriamente com seus grandes olhos azuis.

— Não está enfadada comigo pelo que eu disse, não é mesmo, Jô? Você sabe que pode contar comigo aconteça o que for. Contudo, às vezes é preciso chamar a atenção dos amigos. Isso faz parte da amizade. Aliás, Ludwig pensa assim também...

Joanna franziu a testa. Isso começaria de novo? Ela queria ir dormir e não ouvir mais enaltecimentos!

— Está bem, está bem, já parei! — disse Elisabeth rindo antes que Joanna pudesse abrir a boca. — Vá dormir. Deixe que eu limpo essa porcaria. Não se preocupe com isso — ela foi até o fogão, jogou alguns gravetos e um pedaço de lenha no forno e pegou o fole. — Vou ferver os panos logo em seguida, do contrário teremos que os jogar fora — disse ela, surpreendentemente bem-disposta, apesar do horário. — Ah, mais uma coisa — acrescentou ela, quando Joanna já se havia virado para ir —, a encomenda de Veneza ainda não chegou. Perguntei à sua nova amiga, Henriette Schley, se ela podia nos ajudar com um saco de café, mas ela também está sem nada. Além disso, você não gosta nem da qualidade nem do preço. Temo que terá de vencer a resistência e fazer uma visita a Jehuda...

Com uma vela acesa na mão, Joanna abriu a porta que levava à escadaria. Uma escuridão densa recebeu-a, além de um frio surpreendente, já que o dia havia sido quente. Ela pensava nas últimas palavras de Elisabeth. Jehuda. Quanto tempo fazia que ela não o via? Mais de um ano! Provavelmente ele nem sabia que ela estava de volta. Não, Jehuda sabia de tudo, corrigiu-se ela, provavelmente fora o primeiro a saber da reabertura do Café Mühle. E certamente estaria profundamente ofendido por ela não o haver procurado. Com razão, afinal, haviam sido bastante amigos. E agora ela chegaria rastejando porque precisava dos seus serviços. Elisabeth, afinal, não estava tão enganada quando afirmou que ela, Joanna, via somente a si mesma...

A chama tremida da vela jogava sombras estranhas na parede e no chão. Lentamente, Joanna subia os degraus. Muito bem, amanhã ela iria até Jehuda, decidiu.

Não lhe restava outra opção, visto que não podia contar com Floriano. Teria de vencer a resistência, como observara Elisabeth. Ou entrar na cova dos leões, que era outra maneira de ver a casa O Camelo Dourado na Judengasse, com a diferença de que o leão não tinha a juba cor de areia, e sim cachos negros. Nem a boca escancarada e garras perigosas, mas lindos lábios sinuosos e mãos delicadas de músico. Mesmo assim, dava-lhe medo.

¹ A sociedade estamental, herança do sistema de organização feudal da Idade Média, transformou-se ao longo do tempo, mas as camadas

sociais características, que dividiam a sociedade em clero, nobreza, soldados e plebeus, mantiveram-se, em maior e menor grau e de formas diversas, até o advento da Revolução Industrial. Os estamentos permitiam mais flexibilidade e interação entre as classes do que o sistema de castas, mas bem menos que as modernas classes sociais, nas quais, em teoria, todos são iguais perante a lei. (N.T.)

Capítulo 36



— Mãe, está na hora de levantar! Por favor, mãe, acorde!

Joanna sentiu-se sendo trazida de volta de uma viagem ao centro do mundo, tão profundo havia sido o seu sono. Vencendo a dificuldade, abriu os olhos. A luz clara que caía pela janela sobre a cama ofuscou-a, fazendo-a piscar repetidas vezes. Ela colocou o braço sobre os olhos, protegendo-se. Sua vontade era de se virar e puxar o cobertor por cima da cabeça. No entanto, como aos poucos percebia, sua presença era requisitada, aqui e agora, por Margareth.

— Mãe, há alguém querendo falar com você!

A voz da sua enteada tornara-se mais insistente. Joanna sentou-se. Sentia frio em sua camisola fina.

— O que foi, Gretel? — murmurou ela, bocejando longamente.

— Por favor, mãe, não me chame de Gretel! — disse a moça, repreensiva. — Você sabe que não gosto desse apelido. Também não entendo por que segue permitindo que Elisabeth ainda lhe chame de “Jô”.

— Tudo bem, Gr ... Margareth, mas não foi para me dizer isso que você veio aqui tão cedo. O que há de tão urgente?

Margareth deu-lhe um copo de café que trouxera do salão. Agradecida, Joanna aceitou a bebida fumegante e sorveu um grande gole.

— Lá embaixo há um senhor que quer falar com você — explicou a menina. — Ele não disse o seu nome, mas eu o conheço. Quero dizer, já o vi antes, no processo.

— No processo?

Agora Joanna estava definitivamente acordada. Ela devolveu o copo a Margareth, que de repente parecia apreensiva, e saltou da cama para vestir-se apressadamente.

— O que foi que ele disse? Qual é a sua aparência? O que ele quer de mim? Ele está sozinho? — bombardeou a enteada com perguntas enquanto abotoava o corpete e calçava as meias longas.

— Ele não disse o seu nome, mas acho que é um amigo do Justus. Você se lembra do jovem de testa alta que acompanhou o seu processo, aquele que riu alto, não lembra? É ele. Talvez... talvez ele queira...

Margareth estacou. Ela parecia estranhamente distraída. Apesar de a xícara de café conter apenas um terço de volume, ela havia conseguido deixar uma pequena poça marrom no chão de madeira. Duas manchas vermelhas haviam aparecido no seu pescoço.

Joanna olhou-a no fundo dos olhos. Será que ela estava mesmo apaixonada por Justus como Elisabeth dissera? “Bem, e por que não estaria?”, reconheceu ela. Para uma garota jovem como Margareth, Justus von Zimmer devia parecer bonito, além de divertido, nada bobo e muito rico. E que ele tinha mais profundidade do que seu jeito superficial deixava transparecer ficara aparente com seu surpreendente talento para a tradução e a grande seriedade com que se dedicava a essa tarefa. Até mesmo seu jeito atrevido, essa mistura de palhaço e herói, devia ser atraente para as moças. Mas ele seria capaz de desenvolver sentimentos verdadeiros por Margareth? E mesmo se fosse: de que adiantariam sentimentos sinceros com essa diferença de classes? A família de Justus nunca permitiria uma *mésalliance* como essa. Se não deserdassem o filho desnaturado, certamente o colocariam sob tal pressão que ele largaria

Margareth como uma batata quente. E ela era tão jovem ainda! E tão frágil! Se Justus brincasse com os sentimentos da sua enteada, ela o mataria, estava certa. Joanna sentiu a ira despertando dentro de si, uma raiva antecipada para o futuro. Que, por outro lado, um homem pudesse deslumbrar-se por Margareth, não a admirava. Parada ali, à sua frente, com a boca sinuosa entreaberta e os grandes olhos azuis, parecia mesmo sedutora.

— Mãe, por que está me olhando assim? Por favor, vamos logo! Não quer que o homem acabe indo embora! Não acho que ele tenha tanto tempo assim. E deve ser realmente importante! Certamente ele... Justus...

Sua voz falhou novamente. Ela desviou o olhar, mas Joanna havia visto que seus olhos umedeceram.

Rapidamente, ela calçou suas pantufas e amarrou a touca na cabeça.

— Pronto. Vamos para baixo — disse ela em tom encorajador, apertando a mão de Margareth.

Ao chegarem ao salão, onde a essa hora havia somente alguns poucos fregueses bebendo café e lendo o jornal, o homem de testa alta ainda estava lá. Ele havia se sentado no lugar habitual de Ludwig Haldersleben e conversava animadamente com Elisabeth.

Joanna riu. Sua amiga estava, mais uma vez, exuberante. Ela vestia as calças abaloadas de seda cor de canela que Zehra havia escolhido para Scott e, por cima, um largo manto vermelho, preso por um cinto de couro cravejado de pedras preciosas e drapeado como se fosse um vestido. Na cabeça, usava um lenço da mesma cor da calça, envolvendo a sua trança. Ela parecia estar de ótimo humor e, pelas suas faces coradas e olhos brilhantes, ninguém suspeitaria que ela mal havia dormido. O salão estava lindamente arrumado e nenhuma mancha de tinta vermelha denunciava o infortúnio da noite anterior.

O homem desatou a rir, como se Elisabeth houvesse contado uma boa piada, mas voltou imediatamente a ficar sério assim que avistou Joanna.

— Eu sou Joanna Berger — disse ela, estendendo-lhe a mão. — Acho que já nos conhecemos...

Ele levantou-se e apertou a sua mão direita.

— Ortfried von der Lohe — apresentou-se o homem.

Ele olhou à volta, como para certificar-se de que não havia ouvidos indesejáveis.

Joanna havia posto o braço em torno de Margareth, para demonstrar que não tinha segredos perante ela.

— Minha filha mais velha, Margareth Berger — disse ela.

— Margareth Berger? — Ortfried von der Lohe olhou a menina atentamente com seu olhos pequenos.

— Justus falou-me de si, jovem senhorita — disse ele, sorrindo.

E, voltando-se novamente a Joanna, disse:

— Eu sou amigo de Justus von Zimmer, a senhora precisa saber. Por isso estou aqui. Contudo, em missão extraoficial e não como membro do Conselho — novamente ele deixou o olhar percorrer o salão, como se tivesse medo de ser ouvido.

— A senhora está ciente da acusação contra Justus?

Joanna confirmou, calada. Seguia com o braço em torno de Margareth e apertou o seu ombro suavemente.

— Se não conseguirmos provar sua inocência, ele nunca mais sairá do calabouço. Ou pior. Como sabemos, a pena para assassinato é a morte!

Joanna sentiu que Margareth estremeceu ao seu lado.

— Mas eu vi que foi um acidente! — exclamou ela, indignada. — Gottfried Hoffmann perdeu o equilíbrio depois de jogar seu machado contra mim. Por pouco, ele haveria me matado! Que culpa tem Justus pela estupidez de Hoffmann, por subir completamente bêbado no parapeito da ponte?!

— Psiu, fale baixo! — o homem de testa alta colocou um dedo nos lábios. — Foi exatamente assim que o próprio Justus descreveu o ocorrido. Mas a situação complicou-se agora, pois há uma segunda

testemunha que deporá contra ele. E a sua família segue sem o apoiar.

— E quem seria essa segunda testemunha?

— O ajudante de polícia Johann Gerst — disse Ortfried von der Lohe prontamente. — A senhora já o conhece, ele esteve presente no seu processo.

Joanna fitou-o boquiaberta.

— O senhor... O senhor não está se referindo àquele penugento? — certificou-se ela, aterrorizada.

— Sim, sim — disse ele, sorrindo levemente. — Esse mesmo. Ele afirma ter estado na ponte por acaso, quando aconteceu o desastre. E diz que a viu também. A senhora teria saído em disparada quando Gottfried Hoffmann caiu no rio, como se fugisse de algo.

Joanna sentiu as pernas falharem. Respirando pesadamente, deixou-se cair em um banco diante da mesa cativa de Ludwig Haldersleben. O penugento! Era o que lhe faltava! É claro que ele a vira correndo, pois pretendia ir à Judengasse chamar o doutor Stern para o cartógrafo, que estava gravemente ferido. Seus pensamentos dispararam. Por que esse homem seguia jogando pedras em seu caminho? Qual seria a sua intenção?

— Mas e o cadáver? — perguntou ela, por fim. — Já foi encontrado?

— Infelizmente não — o conselheiro sacudiu a cabeça de testa alta, pesaroso. — Se tivéssemos o cadáver, provavelmente poderíamos provar que Hoffmann não apresenta ferimento algum de lança; ao menos se tanto tempo na água não o tiver desfigurado demais. Mas sem cadáver, teremos de nos basear nos depoimentos das testemunhas e, nesse caso, estamos em desvantagem.

— Jockel Lauer estava distante demais para ver algo. Além disso, estava tão bêbado quanto Gottfried Hoffmann, fora o fato de ser um mentiroso notório e charlatão!

Joanna falava como em transe. Não dava mais atenção aos gestos de Ortfried von der Lohe, que suplicavam por mais descrição. Os olhares dos fregueses nas outras mesas começaram a erguer-se dos jornais, voltando-se curiosamente em sua direção.

— Mãe, fale mais baixo! — chiou Margareth. — Está prejudicando Justus! Este senhor quer nos ajudar, não vê?

Joanna não entendia mais o mundo. Que até mesmo morto Gottfried Hoffmann pudesse ainda complicar sua vida e de seus amigos! Justus seria acusado de assassinato porque os depoimentos de um alambiqueiro retardado e um policial corrupto pesavam mais que o dela? Pelo menos ela era uma personalidade conhecida na cidade e a sua reputação estava imaculada novamente. Era o que ela esperava. Ou a sua palavra não tinha valor por ela ser mulher? Teria que falar com Philipp Ingen — sim, essa era a solução! Ele certamente poderia fazer algo por Justus! Por outro lado, se nem o seu amigo, o conselheiro, tinha o poder de ajudar, o que Philipp faria? A família de Justus parecia mesmo querer dar-lhe uma lição. Mas até onde iriam? Ficariam ao seu lado no último momento, usando de sua influência para salvá-lo? Como ela odiava que nada se alcançava sem nepotismo e intrigas!

Ela olhou para Margareth, que havia se encolhido no banco da mesa vizinha. Tinha os olhos vermelhos e um lenço amassado na mão. Então, Elisabeth aproximou-se dela, trazendo um saco vazio de café, indicando-lhe com mímicas teatrais que o montinho de grãos que torrava na frigideira à sua frente era o último resto de café que tinham.

Joanna levantou-se e alisou a saia.

— Eu preciso ir — disse ela ao conselheiro. — Por favor, mantenha-me informada sobre o decorrer do caso! Eu farei todo o possível para ajudar. Assim como minha filha e todos os outros integrantes do Café Mühle.

Ela colocou a mão no ombro de Margareth. A garota encarou-a com tanta confiança no olhar que Joanna quase sentiu medo da responsabilidade que mais uma vez lhe era exigida. O que poderia fazer para tirar

Justus da prisão e devolver o sorriso à sua enteada?

— E cuide para que a polícia encontre logo esse cadáver! — disse ela ao homem de testa alta. — Ele não pode ter se dissolvido!

Com a certeza de não poder fazer mais nada nesse momento, ela saiu pela porta. Um lindo dia de final de verão recebeu-a lá fora. Apenas as poucas folhas marrons espalhadas pela rua e a última reminiscência da névoa da manhã anunciavam que São Miguel Arcanjo¹ estava próximo. Entretanto, ainda fazia calor e, depois de pouco tempo, Joanna sentiu o suor escorrendo-lhe pelas costas. A passos vigorosos, atravessou a Fahrgasse com um balde em cada mão, nos quais pretendia transportar os grãos de café. Perder tempo não fazia sentido — tinha que encarar essa visita a Jehuda. O Café Mühle estava sem a sua principal matéria-prima e ela, como dona do estabelecimento, devia cuidar disso. Simples assim.

Ainda não havia pensado no que diria ao merceeiro para justificar a sua longa ausência. Pois a verdade, afinal, era proibida. Como poderia dizer-lhe que evitara a Judengasse e, com isso, a sua loja, simplesmente por medo de encontrar Gabriel? Que ela temia os sentimentos que um encontro com o violinista desencadearia mais que tudo no mundo? Que havia semanas ela dava grandes voltas em torno de qualquer lugar onde corresse o risco de encontrá-lo?

Seu coração batia forte.

Atrás da sinagoga, como de costume, pessoas, animais e carroças congestionavam o local. Havia um barulho ensurdecedor, e Joanna espremia-se pela multidão na praça diante do templo. Somente depois de conquistar um espaço sobre os degraus na entrada da sinagoga viu de onde vinha o barulho: alguns artistas de rua faziam brincadeiras com os serventes da comunidade, que obviamente deviam impedi-los de exercer sua atividade. Os músicos, em suas vestes rasgadas e coloridas e seus divertidos chapéus, resistiam contra a proibição, criando os sons mais selvagens permitidos por seus instrumentos. Uma incrível mescla de roncoss, buzinas, guizos e chocalhos emanava do pequeno grupo, que se afastava com desdém dos infelizes serventes apenas para logo voltar a reunir-se diante da porta principal da sinagoga. Os espectadores pareciam estar se divertindo tanto como os próprios músicos. Joanna também riu, apesar da dor que o barulho lhe causava nos ouvidos.

Nenhum bazar de Constantinopla comparava-se em movimento ao beco dos judeus de Frankfurt.

Finalmente, havia encontrado o caminho por entre a massa e estava diante do Camelo Dourado. Cautelosamente, ela abriu a porta. Um cheiro de mofo veio ao seu encontro. O sininho acima da porta tilintou baixinho. Joanna deu um passo à frente. Uma grossa camada de poeira cobria o balcão, iluminado pelo único raio de sol que trazia alguma luz à sala. O chão também estava coberto de poeira, que dançava em flocos, saltitando como ratinhos na corrente de ar que Joanna trouxera. Ainda havia muitos rolos de tecido nas prateleiras atrás do balcão, mas pareciam ter perdido o brilho.

O que haveria acontecido? Uma sensação de desconforto apoderou-se de Joanna. Tudo isso não lembrava em nada a forma garbosa como Jehuda normalmente fazia questão de apresentar suas mercadorias. Estaria doente — ou pior?

De súbito, ela ouviu um ruído arrastado, vindo das profundezas da loja e aproximando-se. O ancião que, apoiado em uma bengala arrastava-se em sua direção, somente levantou o olhar quando parou à sua frente.

— A senhora Berger! Que surpresa! Que alegria em revê-la!

A emoção vibrava na voz de Jehuda, tão fresca e jovial como sempre. Não fosse por ela, Joanna não haveria reconhecido o merceeiro, reduzido a uma sombra de si mesmo. Ela procurou não deixar notar o susto.

— Jehuda! Sinto muitíssimo por ter ficado tanto tempo sem vir! Tenho a consciência pesada...

O merceeiro segurou-a à distância de um braço à sua frente e examinou-a minuciosamente.

— Está bonita, menina! — disse ele, sem dar importância às suas desculpas. — Os italianos devem ter sido amáveis com você. E tornou-se uma contadora de histórias também, como ouvi dizer.

Ele sorriu e deixou que Joanna lhe contasse um resumo do que se passara no último ano. Quando o assunto chegou em Gottfried Hoffmann, ele fez um gesto depreciativo.

— Fiquei sabendo o que ele lhe fez. É inacreditável que esse homem tenha andado à solta por tanto tempo! E agora, mesmo não passando de um cadáver na água, continua perseguindo-a... — quando prosseguiu, a voz de Jehuda assumiu um tom mais triste: — Sabe, Joanna, eu fiquei velho e cansado nesse ano em que você esteve fora. Também na minha vida aconteceram muitas coisas, mas não das mais agradáveis — seus olhos escuros e amendoados olharam-na cheios de aflição. — Minha Miriam morreu — disse ele, apático. — Ela estava doente havia muito tempo, uma úlcera a comeu por dentro. Era certo que ela ia morrer. Eu tive bastante tempo para acostumar-me à ideia. Mas quando realmente aconteceu...

Com um gesto inseguro, ele mostrou o estado desolado da sua loja.

— Oh, Jehuda, que triste! — exclamou Joanna, atordoada. — Infelizmente, nunca cheguei a conhecê-la, a sua Miriam, mas você sempre me contou coisas belas sobre ela.

O merceeiro concordou, ainda com o olhar triste:

— Sim, ela era cheia de bondade. Passamos quase trinta anos juntos, Joanna. Imagine! Agora, eu só tenho Deborah, Manasse e Baruch. E Manasse e Baruch estão em Salônica.

Ele levantou os ombros e pareceu mergulhar em um outro mundo por um momento. Parecia tão pequeno e tão velho. Quebrado, de fato. Joanna não ousou perturbá-lo em suas lembranças. Certamente pensava nos dias felizes que passara com sua amada. Também ela, Joanna, havia perdido o seu marido, mas não havia compartilhado a sua vida toda com ele, alguns anos apenas. Além disso, ela era jovem; ao contrário de Jehuda, ela talvez tivesse a chance de começar outra vez, com um novo parceiro, um novo amor...

De repente, não pôde mais se conter. Tinha de perguntar a Jehuda o que acontecera a Gabriel.

— Ah, e o que eu queria perguntar-lhe: o que aconteceu com o jovem violinista? Ele ainda mora aqui na sua casa? — perguntou ela, esforçando-se para soar casual, inclinando-se sobre um pedaço de seda estampada em azul e verde, como para comprovar sua qualidade entre os dedos.

Jehuda lançou-lhe um olhar indecifrável por sobre os seus pequenos e redondos óculos.

— Sim, ele ainda mora aqui — respondeu ele, esticando a fala. — Ele ainda dá aulas de violino e segue tentando compor a obra do século...

— É mesmo, ele queria compor uma ópera! Qual era mesmo o nome? — perguntou ela, como se não soubesse exatamente como Gabriel chamaria sua primeira grande composição: *Os Filhos de Abraão*. Nunca na vida esqueceria esse título! A ópera seria uma obra-prima, pensara ela da primeira vez que Gabriel lhe contara o enredo com brilho nos olhos, mostrando-lhe partes dela ao cravo no salão de senhoras.

— *Os Filhos de Abraão* — disse Jehuda prontamente. — Mas eu suponho que não foi para saber o nome da obra-prima do meu vizinho que se aventurou pelas profundezas da Judengasse... O que a traz até aqui, cara Joanna? Certamente haverá um motivo para esta visita depois de tantos meses?

Jehuda piscou para ela, mostrando-lhe que não estava realmente zangado pela sua infidelidade. “Além disso, ele parecia farejar o negócio que poderia fazer com ela”, pensou Joanna, suprimindo definitivamente o seu peso na consciência.

— Café, meu caro Jehuda, café! — respondeu ela, rindo.

— Você está com sorte, minha bela! Como pode ver, meu negócio sofreu um pouco com o descuido das últimas semanas — outra vez, uma sombra passou pelo seu rosto —, mas ainda tenho dois barris de moca

árabe da melhor qualidade no porão. Como se tivesse adivinhado que você viria — ele sorriu, recuperando a alegria.

— Ótimo, Jehuda! — exclamou Joanna, aliviada. — Devo acompanhá-lo ao porão para ajudar a carregar?

Não queria nem pensar no que seria se o merceiro não tivesse podido ajudá-la! O melhor seria, provavelmente, se fizesse um pedido maior, calculou ela. Afinal, sempre havia podido contar com Jehuda. Ao contrário de Floriano, aquele velho jogador! E talvez também pudesse ajudar o merceiro a vencer a tristeza pela perda de Miriam fazendo negócios com ele como nos velhos tempos. Sim, poderia torná-lo seu parceiro oficial, que ainda poderia fornecer-lhe outras mercadorias além do café.

— Não é necessário, minha cara. Para isto ainda tenho o bom Samuel. Ele pretende assumir a loja algum dia, então pode muito bem trabalhar para isso. Espere aqui, Joanna. Estarei de volta em um instante!

Jehuda pareceu-lhe renovado, andando agora sem a bengala para o fundo da loja. Somente seus ombros caídos e o manto largo demais, que esvoaçava em torno do seu corpo magro, davam testemunho do sofrimento pelo qual passara, pensou Joanna enquanto o olhava.

Nesse momento, ela descobriu uma vassoura encostada ao lado da porta da escadaria. Enquanto esperava por Jehuda e Samuel, poderia perfeitamente limpar um pouco a loja, decidiu. Jehuda sempre levava uma eternidade para reaparecer das profundezas do seu armazém subterrâneo.

Ao aproximar-se da porta para pegar a vassoura, percebeu que estava apenas encostada. Por um momento, ela vacilou, mas não resistiu à tentação: cautelosamente, abriu-a um pouquinho e olhou para dentro da escadaria escura. Por essa passagem Gabriel entrara na sua vida quando o viu pela primeira vez. Em sua memória, esse momento mágico parecia pertencer a um outro tempo. Ela havia ouvido Gabriel antes de vê-lo, ou melhor, havia ouvido seu violino, com o qual ele a enfeitiçara antes que soubesse quem ele era. E no momento em que o vira à sua frente, ela já havia estado perdida. Sim, já no primeiro encontro ela sentira que esse seria o homem da sua vida. Amor à primeira vista, por assim dizer. Ela sabia que isso existia, pois outras pessoas lhe haviam contado. Era admirável que somente agora ela reconhecesse esse seu destino. Contudo, a sua história não teria um final feliz. Normalmente, os dois amantes ficariam juntos até a morte, teriam filhos e filhos dos filhos... “e viveriam felizes para sempre”. Ela havia terminado mais de uma das suas narrações como Xerezade dessa maneira.

Joanna já tinha a vassoura na mão e havia quase fechado a porta novamente quando ouviu um ruído vindo do andar de cima, o bater de uma porta em algum lugar da casa. Estarrecida, parou em meio ao movimento. Somente o seu coração batia forte. Lembrou-se de quando era criança e costumava arrancar as pétalas de uma margarida para anteceder o destino e dar uma olhada no futuro: “Bem-me-quer, mal-me-quer...”, até que restasse uma única pétala branca e ela soubesse o que estava por vir. O que diria o oráculo da margarida agora? “É ele, não é ele, é ele, não é ele...” E se fosse ele realmente — não seria a vontade de Deus que se reencontrassem?

Joanna prendeu a respiração e escutou. Agora soavam passos ligeiros que vinham para baixo, acompanhados de um assobio, uma melodia que lhe pareceu familiar. Cuidadosamente, ela voltou a abrir uma fresta da porta. Dessa vez, ela rangeu um pouco. Os passos pararam, como se aquele que descia as escadas houvesse escutado o rangido. Então seguiram, um pouco mais cuidadosos que antes.

Joanna não podia ver nada e ouvia somente a própria respiração acelerada. A porta abrira-se por completo agora. Suas mãos apertavam o cabo da vassoura com tanta força que suas unhas pinçavam as palmas. Mas ela não sentia dor. E então, a hora da verdade havia chegado. O ruído da sua respiração mesclava-se com outra respiração. Mais dois passos e o homem estaria à sua frente. Era um homem, sem dúvida. Ela podia ver a sombra que ele jogava contra a parede, a silhueta esguia, não muito alta.

O homem permaneceu calado. Como se a sua voz houvesse desaparecido. Segundos passaram. A respiração do homem falhou, depois acelerou. Sua sombra moveu-se como se houvesse estremecido.

— Joanna? — perguntou ele, incrédulo. — Joanna, é você mesma?

O homem adiantou-se e segurou-a pelo ombro, empurrando-a um pouco mais para dentro da loja de Jehuda, onde havia mais luz.

Joanna aspirou o seu cheiro. Esse perfume que sempre reconheceria, assim como a sua voz.

Gabriel fitou-a. Seus olhos fixaram-se no seu rosto. Lentamente, deixou a caixa do violino no chão e tirou-lhe a vassoura da mão.

— Joanna — repetiu ele.

O que acontecera então ela não mais sabia, quem voara de encontro a quem, quem apertara o outro contra si. Ela apenas sentiu os braços de Gabriel em volta do seu corpo, os lábios quentes nos seus, o corpo firme que a pressionava, e achou que fosse desmaiar, dissolver-se, chegar ao destino e, enfim, encontrar a felicidade. E jurou a si mesma, nesse momento, que nunca mais o soltaria. Era com o que sempre sonhara desde a primeira vez em que o vira: apenas ele e ela, sozinhos! Um momento tão único, tão avassalador, que nunca mais o esqueceria.

— Joanna — sussurrou Gabriel, sem afastar seus lábios dos dela. — Senti tanta saudade! Se você soubesse de tudo o que aconteceu! Tenho tanta coisa para lhe contar que nem sei por onde começar.

— Eu também, Gabriel. Tanta coisa!

— Estou tão feliz por ter tomado a decisão certa!

Ele acariciou seu pescoço com os lábios. Sua barba fez-lhe cócegas. Joanna sentiu vertigem. Seus joelhos falharam-lhe. O que ele dizia? Por que ele não a beijava simplesmente? Ele não devia parar, não parar nunca mais, segurá-la para sempre, acariciá-la, deixá-la sentir o seu corpo...

— O que você quer dizer com “a decisão certa”? — disse ela afinal.

Gabriel soltou-a. Ela viu seus olhos comprimirem-se de repente.

— Quero dizer que tomei a decisão certa quando fugi do meu próprio noivado. — passou as mãos pelos cabelos e soltou um riso nervoso.

— Fez o quê?

Gabriel soltou o braço das suas costas e percorreu a linha sinuosa dos seus lábios com o dedo.

— Sim, eu saí correndo da minha própria cerimônia de noivado — repetiu ele. — E agora adivinhe por quê!

— Por quê?

— Por sua causa! Eu pensei em você e soube que não poderia me casar com outra.

A respiração de Joanna falhou. Gabriel, se casar? Somente agora ela entendia o significado dessas palavras. Gabriel estava prometido a outra mulher. Ou, ao menos havia estado. Mas que diferença fazia? Havia outra mulher. Ela se havia intrometido entre eles, entre ela e Gabriel.

— Quem é ela? — perguntou, com a voz falha.

— Uma mulher que meus pais escolheram para mim. Seu nome é Rachel. Mas eu não me casarei com ela.

Joanna balançou a cabeça, calada. Rachel... A bela pastora da Bíblia. A mulher predileta de Jacó. Certamente, essa Rachel também seria uma beldade. Gabriel a teria beijado também?

O violinista olhou-a penetrantemente. Suas mãos haviam agarrado as dela e apertaram-nas com tanta força que Joanna quase gritou de dor.

— Esqueça Rachel, Joanna! Você é a minha mulher! Eu sempre soube e agora sei ainda mais. E nunca mais duvidarei e não deixarei que ninguém me impeça — sua voz tornava-se mais e mais insistente. — Mesmo que nunca possamos fazê-lo oficialmente, vamos viver nossas vidas juntos, Joanna! Deve haver

uma possibilidade. Vamos embora daqui, para algum lugar onde ninguém impeça a nossa felicidade!

Joanna queria responder-lhe. Dizer-lhe que esse lugar não existia, que eles seriam rejeitados onde quer que fossem tentar a vida. Mas, mal ela havia aberto a boca, Gabriel voltou a selá-la com seus lábios.

— Não diga nada agora. Pense! — murmurou ele.

Então, dissolveram-se em um beijo íntimo e apaixonado, do qual ela conseguiu reemergir somente ao escutar os passos arrastados de Jehuda aproximando-se pelo longo corredor.

— Então nos veremos amanhã, senhora Berger! — disse Gabriel, com a voz rouca, dando um passo para trás.

Ele abaixou-se para pegar a caixa do violino e desapareceu pelo mesmo caminho pelo qual viera.

Assim que ajeitara, com dedos ágeis, a sua touca e as suas roupas, o merceeiro surgiu à luz falha da lamparina que mal iluminava a sua loja. Trazia um balde cheio de grãos de café em cada mão.

— Não é bom transportá-los assim, soltos — observou Jehuda, mais para si mesmo que para Joanna. — Temos que os empacotar de alguma forma para que não percam o aroma — ele olhou para ela e abriu um sorriso largo. — E que não seja a última vez que você tenha vindo à minha loja, Joanna... Agora que finalmente nos reencontramos!

¹. O dia de São Miguel Arcanjo, hoje comemorado pelas igrejas católica e luterana como festa dos arcanjos Miguel, Gabriel e Rafael, cai em 29 de setembro. Antigamente, as festas religiosas eram ligadas aos ciclos da natureza (solstícios, equinócios, semeadura, colheita etc.) e suas mudanças de estação — o que, por sua vez, é uma reminiscência das festas e crenças pagãs, incorporadas e adaptadas ao cristianismo. (N.T.)

Capítulo 37



A passos pesados, Gabriel desceu os poucos degraus até o consultório de seu pai. Sentia-se como se tivesse tijolos amarrados aos tornozelos. Ao retornar da aula das filhas de Bär, sua mãe lhe dissera que o pai queria falar com ele.

Já esse fato lhe havia parecido uma desfeita — mais que o habitual. Enquanto Babette Bär tocava as suas sequências aos solavancos, ele havia se refugiado em pensamentos sobre Joanna.

Joanna, que havia apenas vinte e quatro horas ele segurara nos braços e beijara. Joanna, tão maravilhosamente quente e macia. Que lhe dera a entender, com cada fibra do seu corpo, que o desejava tanto quanto ele a desejava. Que ela o amava havia longo tempo e que mesmo o período que passaram separados não havia mudado esse sentimento. Joanna — como ele ansiava por ela! Precisava vê-la o mais rápido possível.

Um mau pressentimento veio-lhe ao bater na pesada porta de carvalho atrás da qual Elias Stern atendia os seus pacientes. Sentiu-se como se tivesse cinco anos e houvesse acabado de fazer alguma travessura. Nos últimos anos, sempre que seu pai o chamava para uma conversa no seu consultório, o assunto girava em torno de princípios fundamentais, como o seu desempenho na escola, seus exóticos planos de estudos ou seu comportamento desonroso em geral. Ele suspeitava que, também dessa vez, a conversa revolveria em torno do seu futuro; mais especificamente, seu futuro como marido de Rachel. A expressão aflita no rosto da sua mãe havia bastado para dar-lhe uma ideia. Aparentemente, a história não terminara com a sua fuga da cerimônia de noivado...

— Entre!

O estado de exaustão do seu pai reverberou em sua voz. Ele trabalhava demais e Gabriel sabia disso. Parecia que não fazia a barba havia três dias e seus cabelos grisalhos, sobre os quais repousava um gorrinho negro, estavam despenteados. Precisava de um assistente que assumisse os casos mais simples. Um filho que seguisse os seus passos, pensou Gabriel com amargura.

— Queria falar comigo, meu pai?

Sobre a grande escrivaninha diante de Elias Stern havia três in-fólios abertos. Gabriel atentou-se para as páginas com desenhos anatômicos.

O pai percebeu o seu olhar e suspirou profundamente. Então, tirou os óculos e esfregou os olhos cansados.

— Deves estar perguntando-te por que te fiz vir até aqui — começou ele cerimonioso. Ele fechou os três livros de anatomia, um após o outro, empilhou-os e empurrou-os para o canto da mesa, de modo que ele mesmo ficasse meio escondido atrás da pilha.

“Está protegendo-se atrás das suas linhas de defesa”, pensou Gabriel, ajustando a sua cadeira para que pudesse ver o pai por inteiro. A coisa parecia estar mal se ele encontrava tanta dificuldade para chegar ao assunto.

— É sobre Rachel, não é? — Gabriel veio de encontro ao seu pai, visto que este passara uma eternidade em silêncio, incapaz de falar.

As mãos de Elias Stern brincavam com os óculos que deixara na escrivaninha à sua frente. Ele tinha os dedos longos e finos, como os de Gabriel, com a diferença de que a sua pele já se assemelhava ao pergaminho. Pareciam ser demasiadamente grandes para os músculos e ossos adjacentes.

— Sim, é sobre a sua noiva — disse Elias Stern, por fim, fazendo um gesto defensivo com a mão, a fim de evitar quaisquer objeções. — Nós, sua mãe, seus futuros sogros e eu pensamos que seria o melhor se, em sequência ao *erusin*, vocês entrassem embaixo do *chupá* ainda antes do *chanucá*¹.

— Espere um pouco, pai! — interrompeu-o Gabriel veementemente. — Vocês não acham seriamente que aquela cerimônia ridícula possa ser considerada um noivado, não é? Lembre-se de que o *Kinjan Sudar* não foi devidamente realizado! Eu não me considero, de forma alguma, noivo perante a lei!

Desde aquele dia fatídico havia três semanas, ele não voltara a ver Rachel, nem seu pai ou sua mãe falaram com ele sobre o ocorrido na cerimônia. Depois da sua fuga da sinagoga, havia perambulado durante horas pelos campos nos arredores de Frankfurt, indo até além de Bornheim e voltado para casa pouco antes do fechamento dos portões. Havia entrado sorrateiramente no seu quarto para não ter de encontrar os olhares acusadores dos pais. Também nos dias seguintes os havia evitado. Ou eles a ele, dependendo da perspectiva. Em todo o caso, haviam deixado passar do ponto em que ainda haveriam podido falar sobre o incidente na sinagoga. Em algum momento, ele chegara à conclusão de que seria melhor deixar tudo como estava e encobrir o ocorrido com o manto do silêncio. Havia esperado que a questão estivesse resolvida e que nunca mais tivesse de encontrar a família Lazarus. Por momentos isolados, ainda se sentira culpado em relação a Rachel, que certamente não havia ficado feliz com o resultado desse dia tão importante. Contudo, havia conseguido suprimir esses acessos rapidamente.

Elias Stern levantou-se da cadeira, ficando agora claramente mais alto que a pilha de livros sobre a mesa. Também havia posto os óculos de volta no nariz. Uma firmeza emanava do seu olhar, que deixou Gabriel assustado.

— Tens sorte, meu filho: Rachel perdoou teu comportamento inaceitável. Ela é realmente uma boa moça e gosta de ti. Eu consegui convencer Joel e Brunhilde Lazarus de que esse tipo de excentricidades é comum aos artistas. Que estás em uma fase difícil, porque a tua composição não está indo adiante, foi o que eu lhes disse. Eles o aceitaram imediatamente, pois estão muito orgulhosos de o terem como genro, Gabriel! Joel Lazarus pode ter ganhado muito dinheiro com seus cavalos e ficará ainda mais rico com sua nova posição; essa é uma das razões da sua grande influência na comunidade judaica de Worms. Mas, ainda há muita gente que o trata com desdém, apesar da sua conexão com a corte. Com um compositor na família, ainda mais um que estudou na Itália com o grande Antonio Vivaldi, a coisa muda de figura. Qualquer outro teria preferido um rabino, um médico, um comerciante ou um professor na família. Ou alguém com muito dinheiro e bons relacionamentos. Mas os Lazarus não, pois eles são loucos por música — ele cruzou os braços diante do peito e prosseguiu: — Tu és jovem. Pensa no teu futuro! Na tua profissão, como pretendes ganhar dinheiro suficiente para alimentar uma família? O rabino acabou por aceitar a cerimônia como válida. Ele se informou: o fato de teres assinado o *tna'im* é suficiente para validar o contrato.

Gabriel levantou-se também. O pai afastou-se quando ele apoiou as duas mãos na mesa, inclinando-se por cima dela.

— Eu não posso casar-me com Rachel, pai! Não dá! Eu tentei para agradar a todos vocês, mas simplesmente não posso! Terão de aceitar isso de uma vez por todas. É a minha vida que está em jogo. A minha, e não a de vocês!

As últimas palavras saíram vomitadas. Seu corpo todo tremia de raiva contida. Seus lábios haviam-se ressecado. Ele tinha sede.

O pai voltou a sentar-se. Ao contrário de Gabriel, ele pareceu acalmar-se completamente. Não parecia

mais cansado ou sobrecarregado, mas um homem feito em seus melhores anos, em total poder de suas forças. Havia cruzado as pernas e recostado-se em sua cadeira, enquanto ele, Gabriel, seguia em pé, inclinado por sobre a mesa.

Elias Stern pareceu querer terminar o estranho confronto, tirando o livro superior da pilha e folheando-o compulsivamente.

— Acho que tudo o que havia para dizer foi dito, meu filho — disse o médico, esforçando-se por um tom conciliatório. — O casamento deverá acontecer. Estás amarrado contratualmente a Rachel. Assim o veem os Lazarus e assim o vemos a tua mãe e eu. Um dia, nos serás grato, já que te preocupas tão pouco com o teu futuro. Há anos somos obrigados a aceitá-lo e aonde isso te levou? Dás aulas às filhas de Bär. Qualquer dia essas meninas se casam e irão cuidar das suas famílias. O que farás então?

Gabriel fitava o seu pai. A sensação de impotência era tão opressora que lhe faltavam palavras. Ainda mais por não sentir que o pai estivesse minimamente disposto a discutir. Pelo contrário, sua mímica altamente concentrada, o livro em seu colo que ele seguia folheando, os olhos inquietos que percorriam as páginas ou vagavam pela sala, tudo isso lhe mostrava que Elias Stern já estava com os pensamentos em outra parte. “Provavelmente procurava a melhor maneira de livrar-se dele, sem parecer indelicado”, pensou Gabriel, louco de raiva. Como se ele fosse um paciente incômodo que, depois de receber o diagnóstico fatal, se recusasse a ir embora.

“Cuco, cuco!”, soou o relógio no corredor.

— Bem, Gabriel, penso que nos entendemos, não?

Sim, ele havia entendido! Ele, Gabriel Stern, havia entendido que seu pai, Elias Stern, não lhe dava outra alternativa a não ser deixar a casa de seus pais agora e para sempre. Ele devia saber que não era assim que se lidava com o filho, que já havia provado o quanto lhe era importante seguir seu próprio caminho, ao interromper os estudos de medicina para dedicar-se à música.

Ele fez um gesto afirmativo com a cabeça e meteu a mão no bolso. Quando, sem mais uma palavra, colocou o relógio que o pai lhe havia dado como presente de noivado sobre a mesa, o velho empalideceu.

— Adeus, pai!

Sem esperar pela resposta, Gabriel virou-se e saiu. O pai não tentou impedi-lo. E Esther Stern, ao ver seu filho que viera à cozinha para despedir-se com uma trouxa em uma mão e a caixa do violino na outra, entendeu imediatamente o que havia passado. Com lágrimas nos olhos, veio ao seu encontro e não queria mais soltá-lo.

— Diga a Rachel que não é por sua causa! Mas eu simplesmente não posso casar-me com ela, mãe. Ela é uma garota bonita e inteligente, será fácil achar outro homem. Um que seja melhor que eu. Alguém cujo coração bate por ela, que cavalgue com ela à beira do Reno e cante para ela.

— Cada qual forja o seu próprio destino, meu filho... Prometa-me que vais escrever assim que chegares aonde quer que vá.

Ela beijou-o em ambas as faces. Ele sentiu as lágrimas maternas molhando o seu rosto.

Assim que fechou a porta atrás de si, Gabriel sentiu-se livre. Subitamente, toda a ansiedade, toda a raiva, haviam desaparecido. Ele havia dado o passo crucial e não haveria mais volta, isso estava claro. Ele sabia que tomara a decisão certa, também disso não havia dúvida.

Ao entrar na loja de Jehuda, encontrou-o usando a manga da casaca para polir alguns limões enrugados.

— Bem, meu garoto, aonde é que você vai? — perguntou o merceeiro, após terem se cumprimentado.

— Eu segui o seu conselho, Jehuda. Decidi não permitir que ninguém mande na minha vida.

Jehuda o olhou pensativo. Gabriel notou novamente como o velho havia perdido peso depois da morte de Miriam.

— Você fez a coisa certa, Gabriel! Seus pais são boas pessoas, mas se preocupam demais. Você não é mais uma criança. E agora?

— Provavelmente, voltarei para a Itália. À Veneza, primeiramente. O maestro ficará surpreso quando eu aparecer na sua porta sem aviso prévio. Ficarão zangado, talvez, por eu não ter esperado pelo seu convite. Mas ele certamente me ajudará a encontrar trabalho, onde quer que seja. Algo encontrarei, mesmo que continue sendo um simples professor de música. É claro que me tornar mestre de capela em uma das cortes dos príncipes ou duques italianos, em Modena ou Urbino, seria algo bem diferente.

Na verdade, Gabriel não tinha plano algum para o futuro. Queria apenas estar com Joanna. Ele e ela eram feitos um para o outro. E ela também sabia disso. Somente as leis proibiam o seu amor. Contudo, às vezes era preciso contornar as leis, como ela mesma havia dito mais de um ano atrás, quando o convencera a apresentar-se como violinista italiano em sua cafeteria.

— Talvez possamos viajar juntos durante um trecho do caminho — disse o merceeiro, absorto em pensamentos. — Você sabe que há muito eu penso em ir a Salônica viver com Baruch e Manasse. Eu até já comecei a aprender ladino², a língua dos meus antepassados.

Ele mostrou o livro aberto em cima do seu balcão.

— Mas é claro, com prazer! — prometeu Gabriel, depois de ter-se recuperado da surpresa.

Ele riu baixinho, pegou sua trouxa, o violino e deixou a mercearia. Não precisou prestar atenção ao caminho, pois seus pés o levaram sozinhos pelo curto trajeto até o Café Mühle. Ele olhou pela janela da cafeteria para o salão. Havia luz, mas não se via gente. Nem mesmo uma das criadas e muito menos Joanna. Onde estariam todos? Isso não podia ser! Se o Café Mühle estivesse fechado, teriam cerrado as venezianas e apagado as lâmpadas! Decepção espalhou-se por dentro dele. De súbito, deu-se conta da tremenda ousadia das suas ações. Como havia sido ingênuo! Havia jogado tudo em uma única carta, a carta chamada Joanna. Ela o amava, sim, disso ele tinha certeza. Mas isso não queria dizer que poderia simplesmente dividir a sua vida com ele. Por que não pensara nisso antes? Decidira vir correndo, assim, sem mais nem menos, achando que tudo ficaria bem. Que idiotice! Naturalmente, Joanna não podia recebê-lo de braços abertos. Ela perdera a licença uma vez por haver se metido com um judeu — com ele. Ao final, ela escapara ilesa da história, mas agora a coisa era diferente. Era mais que uma simples apresentação de um músico judeu em um estabelecimento cristão. Um relacionamento amoroso entre um judeu e uma cristã era algo veementemente proibido! E ela não poderia esconder o seu amor para sempre. E mesmo se ele fosse cristão, a viúva Berger não haveria podido hospedá-lo em sua casa sem arruinar a sua reputação e com isso, colocar em jogo a sua existência como mestre cafeeira, além do futuro das suas enteadas.

O que deveria fazer agora?

Não sabia mais quanto tempo ficara imóvel diante da casa na Praça do Mercado, olhando as nuvens que passavam diante do fundo escuro do céu como se estivesse anestesiado, roubado de toda a esperança, até finalmente escutar passos e vozes atrás de si. Cansado, virou-se.

O mestre tanoeiro segurava o portão com uma das mãos e fazia sinal com a outra para que sua mulher e sua filha passassem.

— O senhor certamente também vai à noite oriental de Joanna, não é? — perguntou ele, dirigindo-se amavelmente a Gabriel.

— Sim, isso mesmo, é para lá que eu vou — apressou-se ele em responder, passando por debaixo do braço do mestre Volckhardt portão adentro.

O pátio do Café Mühle estava lotado de gente. Gabriel não se lembrava de ter visto tanta gente na inauguração do salão de senhoras. Era difícil passar por entre as pessoas que se apertavam até as últimas fileiras. Mais à frente, em direção ao palco, os convidados espremiavam-se uns contra os outros, sentados

em cadeiras, bancos ou almofadas. Alguns se haviam acomodado nos barris e até mesmo na carroça em frente ao galpão. Todos haviam vindo — homens, mulheres, velhos, jovens e até crianças — e todos olhavam para o pequeno palco no qual Joanna Berger, emoldurada por várias tochas bruxuleantes e sentada em uma cadeira que parecia um trono, iniciava a sua apresentação.

Como ela era linda! Gabriel sentiu o coração parar por um instante enquanto a olhava, antes de retomar os batimentos em um ritmo acelerado. Joanna usava um lenço claro envolvendo os cabelos, que mostrava mais do que escondia os vastos cachos. Uma faixa cravejada de diamantes envolvia a sua cabeça, de cujos lados pendia um pequeno véu. Seu vestido de seda, preso na cintura por um largo cinto de couro, tinha o mesmo tom de cor creme que o lenço que segurava seus cabelos. O manto de cor âmbar de mangas curtas que usava por cima do vestido combinava bem com seus olhos fortemente maquiados, e as calças abaloadas tinham o mesmo tom de cobre que os seus cabelos. A expressão do seu rosto mostrava-a altamente concentrada e, ainda assim, imersa em um outro mundo enquanto contava a sua história com voz clara.

— Nesse dia, o eunuco da cozinha pediu ao jovem Hüseyin que preparasse o peixe para as damas do harém. O eunuco não se sentia bem e, só de ver os olhos vidrados das douradas mortas enfileiradas ali, esperando para serem cozidas em molho, e mais ainda o cheiro, sentia náuseas. “Naturalmente”, respondeu o pescador educadamente, “eu o farei com prazer. Você sabe que adoro cozinhar — especialmente se for para pessoas tão especiais.” O eunuco lançou-lhe um olhar severo, sabendo bem a quem as palavras de Hüseyin se referiam, mas ele estava fraco demais para seguir cuidando da questão. Ele ansiava por sua cama e por um sono profundo e restaurador.

Gabriel conseguiu, despercebido dos outros fregueses, passar pelo galpão e chegar até a grande carroça de feno na qual havia três homens sentados, todos jovens, com caras de criança. Estavam tão imersos na narração de Joanna que não lhe deram a mínima atenção.

Ele escondeu discretamente sua trouxa e seu violino em um canto escuro e subiu cuidadosamente no carro de rodas grandes, não no parapeito como os meninos, mas um pouco atrás deles, de modo que pudesse ter uma visão ampla de todo o aglomerado, ficando ele mesmo fora da visão das pessoas nas fileiras. Não ousou olhar novamente para Joanna, que agora estava a poucos passos dele no palco. Em vez disso, olhou em volta. Muitos dos rostos que viu embaixo dos lampiões coloridos lhe eram familiares: viu a negra esposa do joalheiro, na primeira fila, ao lado de um senhor mais velho que devia ser seu marido; o sapateiro, de cujo nome se esquecera; e a mulher gorda, sentada sobre uma almofada igualmente estufada, que apertava seu cachorrinho contra o peito. Seus olhos arregalados denunciavam a profunda emoção que a história de Joanna lhe causava.

Gabriel olhou para a entrada do Café Mühle, pela qual as serviçais de Joanna entravam e saíam com bandejas cheias de copos coloridos sobre a cabeça. A criada com os traços rudes, que não lhe fora muito simpática na abertura do salão de senhoras, segurava um enorme bule oriental e olhava atentamente para os presentes para descobrir quem queria mais café.

Será que ela o havia visto? Gabriel abaixou-se um pouquinho mais atrás dos rapazes. Olhando por entre os seus ombros, viu o cartógrafo entrar no pátio. Ele mancava um pouco e, ao contrário do seu último encontro, parecia menos ágil e juvenil. Perguntou-se ainda involuntariamente onde estaria a amiga de Joanna que encontrara na sua visita à casa de Ludwig Haldersleben. Guardara dela uma lembrança ambígua; era a esposa do homem que quase o matara e ao mesmo tempo amiga de Joanna, e obviamente também do amável cartógrafo.

— O jovem pescador acrescentou algumas folhas picadas de coentro ao seu ensopado e o prato estava pronto. O cheiro era sedutor e ele sabia que havia criado uma obra-prima. Por certo, não tinha experiência em cozinhar para tantas pessoas, de modo que levava muito tempo no preparo. Duas vezes

uma criada havia vindo à cozinha para informar-se do estado do almoço. As damas tinham fome e a sultana estava prestes a perder a paciência, o que seria indesejável tanto para ele quanto para ela própria e as outras mulheres, explicara-lhe a velada odalisca. Hüseyin, que ouvira falar mais de uma vez das temidas mudanças de humor da sultana, desculpara-se cerimoniosamente, explicando à cipriota atraente mas magra demais para o seu gosto que ele, na realidade, era pescador e estava apenas substituindo o cozinheiro doente. Que ela era cipriota ele adivinhou pelo sotaque e também pela faísca nos seus olhos por baixo do véu quando ele mencionou sua profissão. Mas não dera importância ao fato, concentrando-se em colocar seu ensopado no fogo para que as damas não tivessem de esperar ainda mais.

De repente, Joanna abaixou a voz a um sussurro dramático e prosseguiu, enfática:

— Quando, pouco tempo depois, a menina voltou pela terceira vez, ela segurava na mão uma longa e preciosa luneta...

Ela parou de falar. Todos os olhos estavam fixados nos seus lábios. Gabriel também teve de olhar, não havia como resistir. Ele sabia que era melhor que ela não o notasse — pois devia concentrar-se no seu papel de contadora de histórias. Ele mal conseguia conter sua admiração — mas o seu desejo de vê-la foi mais forte que a razão. Ele esticou o pescoço para olhar por cima dos rapazes e ter uma visão plena dela.

Com um gesto infinitamente sensual, Joanna prendeu o pequeno véu sobre o rosto, levou a mão atrás das costas, deixando o manto abrir-se suavemente sobre o seu peito, e pegou uma luneta revestida de couro avermelhado e adornado com detalhes em ouro. Ela esticou-a um pouco e, com um gesto hábil, levou-a ao olho. Lentamente, deixou a luneta deslizar por sobre a massa no seu próprio pátio. Gabriel prendeu a respiração. As pessoas à sua volta estavam em total silêncio. A atmosfera era tensa. Todos pareciam esperar que algo acontecesse.

E então, algo realmente aconteceu — pois, de repente, a luneta na mão de Joanna parou em um ponto. Todas as cabeças viraram-se na direção em que o longo tubo apontava. Contudo, nenhum dos espectadores notou nada ali que chamasse a atenção. Apenas um carro ao lado do galpão, com alguns rapazes em cima. E como todos agora olhavam para os jovens e suas caras vermelhas, ninguém notou o tremor que sacudiu o corpo de Joanna, ondulando por um momento a seda do seu vestido como um lago em que alguém houvesse jogado uma pedra.

Na mesma hora, ela se recompôs. Sua voz apenas soou um pouco mais grave quando abaixou a luneta e seguiu com sua narrativa. Excepcionalmente, ela não jogou o véu para trás.

— A criada aproximou-se de Hüseyin. Ao contrário das suas visitas anteriores, dessa vez ela havia fechado a porta atrás de si. Ele sentiu os olhos da moça explorando o seu rosto por trás do véu. Ele não levantou o olhar, mas o deixou percorrer o seu corpo, fascinado. Em curvas perfeitas, seus seios e quadris marcavam o tecido leve e pareceram-lhe mais voluptuosos do que antes. “Como poderia ser?”, perguntou-se ele, surpreso. Como a escrava poderia ter criado essas formas em tão pouco tempo? Seria realmente a mesma mulher? E o que queria ela com a luneta na cozinha? Por fim, ele a olhou nos olhos e quis dizer algo, mas ela colocou-lhe a mão sobre os lábios. “Não diga nada!”, sussurrou ela, em turco perfeito. “Meu nome é Mihrimâh. Eu o estive observando do meu jardim de rosas...” O jovem pescador sentiu uma excitação que não conhecia até então. Era ela a mulher que ele havia tanto tempo procurava: ele a havia encontrado! Uma impaciência ardente apossou-se dele, como uma febre súbita. Queria abraçá-la imediatamente, beijá-la, acariciá-la...

Joanna calou-se novamente. Assim como Mihrimâh, olhou por sobre o canto do seu véu, com ardor nos olhos.

Gabriel olhou à sua volta. A descrição da bela dama do harém cativara todos os ouvintes, em toda parte ele via rostos corados, olhos brilhantes, bocas entreabertas em expectativa. Um dos rapazes à sua frente cochichou algo para o seu vizinho que Gabriel não entendeu; mas viu o seu gesto obsceno e ouviu sua

risada maliciosa. E sentiu uma pontada de ciúme.

— Contudo, Hüseyin sabia do perigo que o esperava caso alguém os flagrasse. Ele, o simples pescador, e ela, a bela dama do harém, prometida somente ao sultão. Ainda se lembrava da advertência do eunuco: “Pense na história de Osman e Seniye!”. Obviamente, não queria ser decapitado. Muito menos queria que algo de mal acontecesse a Mihrimâh. “Onde podemos nos encontrar?”, sussurrou, esticando os braços para puxar Mihrimâh contra si. Mas a linda dama esquivou-se do seu abraço. “Aqui não!”, suplicou ela.

Joanna levantou o olhar. Gabriel foi atingido até as entranhas por seu olhar penetrante e entendeu: Joanna falava somente para ele. A ele era destinada essa história, era uma mensagem, uma promessa!

Silenciosamente, ele levantou-se e desceu da carroça. Ainda sentia o olhar de Joanna pairando sobre ele, seguindo-o, enquanto andava sorrateiro por entre os presentes, escutando a continuação da história do pescador e da sua amada, esperando por outras instruções cifradas. Ninguém lhe deu atenção, todos olhavam para frente, esperando pelo clímax que se aproximava.

— “Onde, então?”, perguntou o jovem pescador que não sabia como controlaria sua impaciência. “Primeiro, as outras precisam provar a sua deliciosa comida. Você sabe que elas estão com fome!”. Mihrimâh riu baixinho. “Além disso, isso as entreterá, entende? Não nos procurarão, pois estarão ocupadas, comendo e bebendo o quanto puderem. Escolhi para elas um maravilhoso vinho branco para acompanhar o peixe. E, depois, estarão sonolentas e quererão descansar, talvez imergindo no mundo dos sonhos. Onde encontrarão o seu príncipe, assim como eu encontrei você...”

Gabriel, que enquanto isso alcançara o portão do quintal, viu as duas criadas de Joanna e uma menina, que reconheceu como a sua enteada mais velha, aparecerem na porta do Café Mühle. Na bandeja de Margareth empilhavam-se diversos tipos de confeitos, enquanto as duas serviçais carregavam copos e jarros. Os convidados de Joanna também receberiam comida e bebida, compreendeu ele.

— “Onde nos veremos? Diga-me, bela Mihrimâh, onde?”, suplicou o jovem pescador. Mas ela apenas sorriu misteriosamente e abanou a cabeça. “Ainda não sabe, amado meu?”, replicou ela, com fingida decepção. “Realmente não sabe? Você deve descobri-lo sozinho. Se eu o revelar, o encanto acabará!”

— “Que encanto?”, perguntou-se Hüseyin, assustado. Seria Mihrimâh uma feiticeira em cujo poder ele caíra?

Mas ela apenas sacudiu a cabeça ao perceber sua confusão e pegou a rosa que levava em seu decote. Ela beijou as perfeitas pétalas rosadas e deu-lhe a flor. “Leve-a. Ela lhe mostrará o caminho!”, sussurrou ela antes de desaparecer.

Joanna levantou-se do seu trono e deu um passo à frente. Somente quando ela se inclinou em reverência, os ouvintes entenderam que a apresentação dessa noite havia chegado ao fim. Fortes aplausos ergueram-se e alguns pediam mais, aos gritos. Aos poucos, as pessoas foram levantando-se de seus assentos e passaram a andar pelo pátio, provando dos confeitos e das bebidas que lhes eram servidos, conversando animadamente umas com as outras.

Gabriel, que se havia refugiado do empurra-empurra saindo para a rua, ficou parado, indeciso. Não pudera ver para onde Joanna havia ido ao sair do palco. Apenas as suas palavras — as palavras de Mihrimâh — ecoavam em sua cabeça. Como um encantamento, a misteriosa frase reverberava: “Você deve descobri-lo sozinho...”. O que ela havia querido dizer? Teria algum significado? Teria mesmo algo a ver com ele? Com seu amor por ela e o dela por ele? Ou seria ela simplesmente uma exímia contadora de histórias que o encantara, assim como a dama do harém encantara o jovem e inocente pescador?

Uma mão tocou o seu ombro por trás. Gabriel voltou-se.

— O que o senhor faz aqui?

A mulher de vestido colorido que, assim como Joanna, usava o cabelo displicentemente envolto em um lenço de seda, sorria para ele. Embaixo do braço, ela trazia um dos grandes jarros de pedra nos quais as

criadas haviam servido bebida aos fregueses.

— O senhor é o violinista de Joanna, não é? — ela havia abaixado a voz um sussurro conspirador. — O italiano, de Veneza? Nos conhecemos há alguns meses na casa de Ludwig... digo, na loja do senhor Haldersleben. O senhor não se lembra? Eu sou Elisabeth, a amiga de Joanna.

Gabriel fez sinal afirmativo com a cabeça e estendeu-lhe a mão distraidamente.

— Mas o senhor não pode ficar aqui! Joanna terá problemas se alguém o reconhecer. E o senhor também! — ela olhou em volta, nervosa. — Eu nem sei onde ela se meteu. Ah, sabe o quê? Venha comigo. Eu lhe mostrarei um quarto onde o esconderemos até que Joanna apareça. Foi para vê-la que o senhor veio, não é? — sem esperar pela resposta, ela seguiu tagarelando: — Na realidade, estamos completamente lotados. Os visitantes da feira ainda não foram embora. Mas eu tenho uma ideia de onde podemos encontrar um lugarzinho. Venha, vou lhe mostrar o quarto!

Com seus passinhos graciosos, ela saiu à sua frente, em direção à entrada do Café Mühle.

— Vamos por aqui que não está tão cheio! — disse ela, guiando-o pelo salão no qual agora havia um pouco mais de movimento, rumo à torre da escadaria.

Gabriel olhou à volta. Onde estaria Joanna? Haveria refugiado-se aqui, para escapar do assédio dos seus convidados? Mas ele viu apenas Scott, seu desajeitado ajudante que manuseava o tambor de torrefação sob protestos abafados.

— O senhor não trouxe bagagem? — ele ouviu Elisabeth, que não parava de falar enquanto subiam pela escada. — Bem, o senhor poderá ir buscá-la mais tarde... Infelizmente, o quarto que posso lhe oferecer é lá no sótão. E não é muito grande. Como eu disse, é o último que temos. Normalmente, nós nem o alugamos mais, mas desde que eu fui...

Ela mordeu os lábios como se houvesse dito algo que não devia, e seguiu subindo em silêncio. Quando Elisabeth chegou ao topo da escadaria e abriu uma das duas portas que havia, Gabriel viu que apenas uma escadinha estreita levava ainda mais para cima.

O quarto realmente não era mais que um esparsamente mobiliado cômodo de mansarda, com uma espécie de tarimba e uma bacia em um suporte. Mas não lhe importava. Ele teria um teto sobre a cabeça e não precisaria dormir na rua. E estaria perto de Joanna! Ainda que seguisse sem saber onde ela estava. Ele a encontraria — assim como o jovem pescador encontrou a sua dama do harém.

— Obrigado! — ele virou-se em direção a Elisabeth.

— Tentarei encontrar Joanna. Mas, agora, preciso voltar para baixo. O senhor viu o movimento que temos no Café Mühle — ela riu, orgulhosa, como se fosse a responsável pelo sucesso, e saiu apressada escada abaixo, com as saias esvoaçantes.

Gabriel colocou um banquinho coxo embaixo da escotilha do telhado e inclinou o corpo para fora da janela enviesada. O céu havia escurecido totalmente, mas agora, sem nuvens, exibia a lua e as estrelas. Lá embaixo, no pátio, brilhavam algumas lâmpadas coloridas. As vozes e os risos chegavam abafados até ele.

Onde estaria Joanna? Como ele a encontraria? Haveria saído do Café Mühle? Ido até o Meno, embaixo da ponte, àquele lugar onde a magia misteriosa que se chamava amor acontecera entre eles pela primeira vez? Não, Joanna não sairia sozinha pela escuridão até o rio, corrigiu-se ele. Além disso, os portões da cidade estavam fechados havia tempo. Tinha de estar na casa, mas onde? Elisabeth a enviaria até ele? Talvez ele devesse apenas esperar — mas isso era justamente o mais difícil.

Uma leve brisa trouxe um cheiro quase imperceptível pela janela da mansarda. Doce e suave como perfume. Ou um cheiro de flor. Joanna não havia mencionado uma rosa? Ele abriu a porta do quarto para descobrir de onde vinha o perfume de rosas. Aspirando profundamente o ar fresco da noite, andou pelo corredor até a escadaria. Ao sair para o ar livre, o vento acariciou o seu rosto. Um jardim! Joanna tinha

um jardim no terraço. Por toda parte havia potes e baldes com plantas. Plantas exóticas, que ele nunca vira antes, e pequenas árvores com minúsculos frutos. E rosas, muitas rosas! Algumas pétalas claras estavam espalhadas pelo chão, mas a maior parte das roseiras ainda estava em flor. Daí vinha o perfume encantador que o atraía.

Novamente, Gabriel sorveu o perfume. E então, ele a viu.

Joanna havia tirado o véu, o lenço e o manto e estava ali parada com seu vestido claro de seda, exatamente à sua frente. “Como uma estátua de mármore branco que aparecera do nada”, pensou ele. Somente o seu cabelo reluzia em tons de cobre à luz opaca da lua.

Calado, ele aproximou-se. Ao segurar as suas mãos, ela sorriu. Gabriel sentiu a pele quente sob os seus dedos.

— Joanna — sussurrou ele. — Mihrimâh...

Seu sorriso intensificou-se. Ela tocou os próprios lábios, fechou os olhos e beijou-o.

Gabriel sentiu-se sendo levado por uma correnteza forte. Ele era Hüseyin, saindo ao mar selvagem em seu barco pesqueiro, entregando-se aos estrondosos elementos, sabendo que nunca mais emergiria das profundezas do oceano.

Suas mãos percorriam todo o tecido liso e frio que envolvia o corpo de sua amada. Sentiu a firmeza dos braços, dos ombros, das costas, do peito. E a pele quente, quando suas mãos deslizaram para debaixo do vestido. Percebeu que a respiração dela parou quando seus dedos tocaram o lado interno das suas coxas. Seu beijo tornava-se cada vez mais apaixonado, até que ela deteve-se, ainda arfando e dizendo, por fim:

— Venha comigo!

Ela o segurou pela mão e guiou-o para trás da chaminé que se erguia alta acima das telhas. Uma rede, coberta por uma manta colorida, pendia entre duas vigas. Então, virou-se para ele.

— É aqui que eu venho quando quero estar só e esquecer todo o resto.

Ela ergueu os braços e começou a tirar-lhe a jaqueta. Ele a ajudou a livrá-lo da camisa e das calças. Cada vez mais apressados eram seus movimentos, até que ele, por fim, estava nu.

Ela o olhava, calada. Ouvia-se somente o farfalhar das folhas das roseiras ao vento. Ele sentiu um leve calafrio, mas não pôde dizer se fora pelo frescor da noite ou por seu estado febril.

Joanna voltou a sorrir e deu-lhe a entender que se deitasse na rede. Com um único movimento fluido, despiu-se do vestido que caiu aos seus pés, um montinho claro e reluzente. Somente os cachos vermelhos cobriam a sua nudez quando ela levantou a perna e sentou-se sobre ele.

Outra vez, ele era Hüseyin em seu barco bordejante. Acima dele, os seios brancos da deusa do mar Mihrimâh balançavam ao sabor das ondas. Mais e mais o mar crescia, até que ela, por fim, jogou a cabeça para trás, com os olhos bem abertos olhando para o céu estrelado, soltando um riso profundo de felicidade.

Nesse momento, ele também sentiu-se engolido pela maré. E se ele fosse Hüseyin, um pescador em alto-mar, não haveria podido imaginar uma morte melhor.

¹. *Chanucá*: festa judaica com duração de oito dias, também conhecida como “Festival das Luzes”. (N.T.)

². Ladino, ou judeu-espanhol, é uma língua semelhante ao castelhano. Extinta na península ibérica, estima-se que ainda seja falada por cerca de 150 mil indivíduos em comunidades sefarditas em Israel, nos Bálcãs, Oriente Médio e norte de Marrocos. (N.T.)

Capítulo 38



Splash! Mais uma gota caiu no balde que ela colocara embaixo da goteira. Joanna estava de pé no último degrau da longa escada e tateava pelas telhas a fim de descobrir o vazamento. Na mão esquerda segurava uma lâmpada, pois não entrava luz externa no cômodo de frontão pontudo. Como chovia havia um mês, precisou espalhar quatro baldes pelo sótão escuro para dar conta de tanta água. O mês de outubro havia sido tão úmido que o pátio se transformou em uma única poça enorme. As fechaduras das portas enferrujavam e o ar cheirava a bolor e lã molhada. Logo teriam de andar sobre pranchas pelas ruas, como os venezianos!

Haviam-lhe dito que o Meno transbordara nas margens e que a água já havia chegado ao Fahrtror, a porta principal na muralha da cidade. Amanhã teria de falar com o telhador, pois precisava ter as fendas consertadas antes do inverno. O rio não se podia impedir, mas ao menos queria manter a água fora da casa.

— Segure a escada! — disse ela a Anne antes de começar a descer.

— Tem algo acontecendo! — exclamou a amiga, afobada.

Ela balançou a escada ao esticar-se em direção ao ruído que só podia vir do salão lá embaixo. Não parecia, entretanto, tratar-se de uma briga, como temia Joanna. As vozes que se sobressaíam do ruído da chuva sobre as telhas soavam amigáveis. Como exclamações de boas-vindas, saudações empolgadas a alguém que passara muito tempo fora.

— Então vamos ver o que há lá embaixo!

Joanna desceu de volta ao chão de tábuas escuras.

— Parece haver mais um vazamento aqui — Anne agachou-se para verificar o chão com a mão. — Sim, está molhado também.

— Traga outro balde para que não chova na sua cabeça hoje à noite — gritou Joanna, que já havia descido metade da escadinha que dava para o andar superior, onde ficavam os quartos dos criados. — Com tanta água caindo do céu, teremos sorte se não nos afogarmos.

Da escadaria ouviam-se passos agitados vindo para cima.

— Mãe, onde está você?

Era a voz de Lili.

— O que está acontecendo aí embaixo, Lili?

— Justus está de volta!

Sem fôlego, Lili parou à frente de Joanna, com as faces vermelhas de tanto correr. E de emoção, suspeitou Joanna. Ela desconfiava que também a sua enteada mais moça tinha uma queda pelo sobrinho do chefe de polícia.

— Justus? Então ele está livre?

— Sim, ele veio do posto da guarda diretamente para cá.

Sem dar mais atenção a Lili, Joanna desceu a escada espiralada torre abaixo. Antes de chegar ao salão, já podia ouvir o baixo sonoro de Justus dentre as outras vozes.

— Então eu subi no parapeito. E vocês podem imaginar que eu havia bebido bastante... Aí ele jogou o machado contra a nossa mestre cafeeira! Eu quase miiei nas calças, tamanho susto. Mas ela se abaixou e o machado passou a um tanto assim da cabeça dela.

Justus von Zimmer estava parado no meio do salão, rodeado por todos os fregueses, mostrando com indicador e polegar uma distância que não dava uma polegada. Ele estava totalmente ensopado, gotejando água pelo chão. A barba desgrenhada cobria as faces magras abaixo dos olhos vermelhos. Suas roupas, que haviam sido elegantes um dia, pendiam do corpo em farrapos sujos. Mesmo a distância, Joanna pôde ver que sua mão estava coberta de sarna. Mas, como sempre, Justus parecia estar de excelente humor.

— E aí o filho da puta caiu na água! — Justus soltou uma gargalhada, que logo passou a uma tosse rouca. Ele limpou uma lágrima do canto do olho e falou entre risos: — Eu nem tive que fazer nada, vocês entendem? Ele caiu sozinho!

Três amigos de Justus juntaram as mãos em uma espécie de assento e obrigaram-no a se sentar. Entre eles estavam o filho desdentado do banqueiro que, como Joanna soubera, chamava-se Hubertus Steinfeld, além de Ortfried von der Lohe e Gregor Denzel.

— Hurra! — bradaram eles a plenos pulmões, jogando o herói do dia para o alto.

Margareth serviu a cada um deles um copo de vinho quente de maçã e, com a voz severa, gritou:

— Esta é por conta da casa! Vamos todos brindar ao final feliz dessa história e à morte de Gottfried Hoffmann! Lili foi chamar a nossa mãe que se juntará a nós em breve — ela olhou em direção à porta. — Aí está! — avisou ela, um pouco mais tranquila.

Ela colocou o jarro fumegante e os copos sobre a longa mesa, correu para a espantada Joanna, abraçou-a e disse:

— O cadáver de Gottfried Hoffmann foi encontrado à margem em Höchst! Não é maravilhoso? Ele deve ter ficado preso em algum lugar e a enchente o soltou. E como não havia marcas de estocada, comprovaram a inocência de Justus. Que sorte que ele não foi levado para o Reno e de lá para o mar! Ou Justus ficaria na prisão para sempre.

— Mas é mesmo certeza? — perguntou Joanna. — Quero dizer, é certo que se trata de Gottfried? Esses cadáveres não ficam todos parecendo iguais? Afinal, ele passou muito tempo dentro da água.

Ela sentiu um alívio infinito. É claro que não era de bom tom comemorar a morte de ninguém. Mas ela estava feliz mesmo assim. Gottfried Hoffmann fora um louco fanático e imprevisível, e ela certamente não ficaria de luto por ele.

— Elisabeth acabou de sair para identificá-lo — Margareth também sorria.

— Justus é bom companheiro, Justus é bom companheiro... — cantavam os fregueses que ainda o rodeavam, como se fosse um herói.

Justus saltou, então, do seu assento e veio de braços abertos em direção a Joanna.

— Querida Joanna! O tempo todo no calabouço eu pensei: “Que porcaria! Agora estou aqui por algo que nem mesmo fiz. Ao menos tivesse feito! Deveria ter simplesmente esfaqueado aquele canalha!” — ele sorriu. — Mas agora está tudo bem. Eu acho que valeu a pena — ele virou-se, tossindo, e apontou para um pacote grande sobre a mesa. — Permitiram-me ficar com os livros na prisão. E Ludwig abasteceu-me com velas. Surpreendentemente, isso também me foi permitido.

O filho do banqueiro interrompeu-o.

— Seu tio é o preboste! Que o tenham mantido lá por tanto tempo é de se admirar!

Justus fechou a cara por um momento.

— A minha querida família devia estar farta de mim para me deixar apodrecer na prisão por tanto tempo. Pelo visto, queria dar-me uma lição.

Em seguida, ele voltou a sorrir.

— Mas eu aproveitei o tempo! Avancei bastante. O primeiro volume está traduzido e completamente revisado. Minha irmã cuidou para que o papel e a tinta não acabassem. No entanto, fui obrigado a escrever quase tudo com uma pena obtusa, porque não permitiram que eu a apontasse com uma faca — ele soltou uma sonora gargalhada. — Eles temiam que eu pudesse me matar! Ha, ha! Eu! Ele franziu o nariz e fungou algumas vezes. Seu rosto contorceu-se em uma careta de nojo.

— Será que posso tomar um banho aqui? Não pude lavar-me desde o dia em que me prenderam.

— Eu já coloquei a água para esquentar — gritou Margareth, do fogão.

— Eu lhe mostrarei a banheira — disse Joanna.

Ela pegou dois baldes dos ganchos sobre o fogão, com os quais pegaria água de chuva do barril; depois a misturaria com água quente. A banheira de zinco na qual costumavam tomar banho estava no galpão.

— Vou pegar umas roupas limpas lá em cima. Você terá de andar por aí como um turco.

— Nada contra, contanto que ninguém me faça voltar para a minha família. Estou cheio dela! Como pôde me deixar na mão desse jeito? Todos sabem que, se houvesse interferido, eu nunca teria sido mantido preso por tanto tempo por uma besteira como aquela.

Quando Joanna, com os baldes na mão, quis abrir a porta do pátio, o novo sino da porta principal tiniu e Elisabeth entrou no salão como um furacão. Ela abraçou a primeira pessoa que encontrou e deu-lhe dois beijos gordos nas bochechas.

— Iuhu! — gritou ela, levantando os braços e saltando.

Todas as cabeças voltaram-se para ela.

— Eu sou viúva! — exclamou ela, radiante, para que todos pudessem ouvir. — Estou livre!

Ela correu em direção a Joanna e abraçou-a, saltando com ela no lugar. Então veio Justus, agarrou-a pelos ombros e juntos balançaram-se em uma dança de felicidade enquanto os outros batiam palmas no ritmo.

— Você nem parece estar contente, mãe — cochichou Margareth, que estava parada ao lado do fogão esperando a água ferver. — Está tudo bem agora. Nós ganhamos: Gottfried está morto, Elisabeth pode finalmente casar-se com Ludwig e Justus está de volta!

Ela lançou um olhar apaixonado a Justus, que girava em círculos cada vez mais rápidos com Elisabeth.

— Sim, tudo está bem — respondeu Joanna baixinho. E realmente estaria tudo bem se há dias já não sentisse esse formigamento estranho em seus seios. Uma espécie de murmúrio, mas que não se ouvia. Sua menstruação estava atrasada havia mais de duas semanas.

“Não pode ser”, dizia a si mesma. “Eu não engravidei nos oito anos em que estive casada com Adam.” Sim, era impossível, que estivesse grávida. Era infértil e havia levado muito tempo para aceitá-lo. Então também não seria agora que iria ter um filho. Já sentia, há algum tempo, aquelas dores desagradáveis no ventre que sempre antecediavam o sangramento. Assim que deixasse Justus sozinho com sua banheira, iria ao seu quarto verificar se já havia sangue.

À parte da improbabilidade de que estivesse naquele estado, era algo que não podia ser! Desde aquela noite maravilhosa em setembro havia feito amor mais duas vezes com Gabriel. Em vez de voltar à casa de seus pais, no beco, ele havia se mudado para a casa de seus amigos músicos, Hans e Hetti, em Rumpenheim. Não era o lugar ideal, pois em uma vila tão pequena todos se conheciam, havia dito Joanna, receosa.

— Ah, não se preocupe. Os agricultores estão acostumados a que pessoas esquisitas frequentem a casa de Hans e Hetti — tentou acalmá-la Gabriel. — Hetti é a filha do pastor. Isso você não imaginaria, não é verdade? Por isso, as pessoas a respeitam.

Era um longo caminho de Rumpenheim até Frankfurt. Tinham de tomar muito cuidado para se encontrar. Toda vez que Joanna encontrava o líder comunitário pela rua, tinha uma sensação estranha. Sempre tinha

a impressão de estar sendo vigiada e temia ser descoberta. Se espalhassem por aí que ela tinha um caso com um judeu, seria uma desgraça.

E, agora, podia ser que estivesse grávida. O que fazer? Jogar-se escada abaixo? Fazer banhos quentes por horas a fio? Cutucar-se com uma agulha de crochê? Jogar-se com toda a força contra o canto de uma mesa? Procurar alguma entendida em ervas? Todos esses anos desejara tanto ter um filho. Agora talvez tivesse um. Até então, não contara nada a ninguém, nem mesmo a Gabriel.

O mês inteiro havia estado entre o céu e o inferno. Por vezes, queria gritar de alegria, por outras, tinha de se conter para não chorar aos prantos por sua situação desolada. Seguiu dizendo a si mesma que não havia um futuro conjunto para eles. E no momento seguinte, sentia-se outra vez nas nuvens. Seus pensamentos giravam somente em torno dele, Gabriel, seu grande amado.

Joanna suspirou ao ver Justus jogar um beijo de passagem para Margareth. A menina sorriu de orelha a orelha. “Também esse amor não acabaria bem”, pensou ela, resignada. A diferença de classes era grande demais. Nunca a família dele consentiria em um casamento desses.

Por que o amor tinha que ser tão complicado? Na manhã seguinte à sua noite com Gabriel, acima dos telhados da cidade, havia mandado todos para fora de casa ou os mantido tão ocupados para que a escadaria ficasse livre e o violinista pudesse sair da casa despercebido. Ela havia descido na frente de Gabriel, na ponta dos pés, para comprovar se tudo estava tranquilo. Sentia-se como uma garotinha de nove anos que escondia coisas dos pais. E estava na sua própria casa! Em sua própria casa, era obrigada a portar-se como uma invasora! Estremeceu a cada ruído que ouvia. E por pouco Gabriel não dera de encontro com Scott, que esquecera a boina de cetim no quarto e voltara para pegá-la. Por um lado, pensava que podia confiar em Scott e nas criadas, por outro não estava disposta a correr esse risco. Por inúmeras vezes pensou no olhar inquisidor do promotor. Ser obrigada a ter segredos em suas próprias quatro paredes, ter de esconder-se das crianças e dos criados, dos seus amigos, até mesmo de Elisabeth — tudo isso não tinha futuro! Soube disso desde sempre e, por isso, lutou contra esse amor enquanto pôde. Mas, por fim, entregou-se e agora estava perdida.

O dia já clareava quando Joanna acordou no dia seguinte. Imediatamente, sentiu o aroma intenso de café fresco no ar. Outra vez, alguém havia despertado antes dela. Ouviu as venezianas sendo abertas, painéis batendo, cadeiras arrastando e uma voz de homem que começou a cantar.

Rapidamente vestiu as suas roupas. O sangramento não havia chegado, mas havia decidido não mais ficar checando a toda hora. Isso apenas a deixaria mais nervosa. No dia anterior, saíra pelo menos dez vezes do salão para ir ao seu quarto verificar se já havia algum sinal. Até que Margareth por fim lhe perguntou irritada qual era a razão do seu comportamento esquisito.

Quando chegou lá embaixo, viu Justus cantando junto ao fogão, torrando castanhas numa frigideira enorme. Ele havia vestido o avental de Elisabeth e brincava infantilmente com as pontas, fazendo pequenos passos de dança, vez ou outra sacudindo as castanhas no ritmo da canção. Sentada em um banquinho ao lado do fogo com um moedor de café preso entre os joelhos, Margareth ria. A lenha fora recém-cortada e não havia secado o suficiente, de modo que a sala toda estava esfumaçada. Provavelmente fora Margareth que pusera os pedaços de sândalo sobre o fogão, para deixar o cheiro da fumaça mais agradável. A madeira de sândalo lhe fora dada por Henriette Schley, obviamente para fortalecer seus laços com a cafeteria mais popular da cidade.

— Bom dia — disseram Justus e Margareth alegremente.

— Bom dia — respondeu Joanna, sem muito ânimo, e olhou interrogativamente para Justus.

— Justus dormiu no quarto de hóspedes — Margareth apressou-se em explicar —, já que ele não pode mais ir para casa.

Ela andou até o fogão, derramou o café já preparado do bule em uma xícara e entregou-a a Joanna. Em

seguida, serviu a si mesma e a Justus.

— Sente-se conosco por um momento, mãe!

— Por quê?

— Justus e eu precisamos conversar com você.

Joanna sentou-se no banco longo e esperou calada até que Justus apagasse o fogo embaixo das castanhas e pusesse a tampa na frigideira para mantê-las quentes. Com repúdio, analisou os pedacinhos que boiavam na superfície do seu café. Obviamente, alguém sem muita experiência havia moído os grãos. Os minúsculos detritos eram leves demais para afundar, fazendo-a suspeitar que o café não havia sido fervido três vezes, como era de praxe no Café Mühle.

Ao olhar com surpresa para Margareth, viu que ela pôs um dedo nos lábios e apontou para Justus.

— Está muito bom — disse Joanna, educadamente.

— Meu primeiro café! — Justus quase explodiu de orgulho.

Ele sentou-se no banco em frente a ela, ajustou o *fez* na cabeça e fez uma expressão solene enquanto adicionava mel ao seu café com uma colher de madeira.

— Bem, nos últimos tempos todos nós nos conhecemos profundamente — começou ele, cerimonioso.

— E para ir direto ao assunto, querida Joanna: Margareth e eu nos conhecemos muito profundamente! Queremos nos casar. E antes que pergunte o que a minha família acha disso: meus parentes não sabem de nada e, por mim, nem precisam saber. Eles me deixaram na mão de uma maneira da qual não mais me esquecerei. Certamente veem essa situação diferentemente, dirão que tiveram a melhor das intenções, querendo ajudar-me a finalmente criar juízo e essas coisas. Mas disso eu não faço a mínima questão!

Ele havia se entusiasmado com seu discurso, agitando fortemente a colher no ar. Um longo fio de mel deixara um rastro grudento na mesa.

Margareth sorria, calada, para dentro de si. Joanna observou-a por um momento. “Como essa garota era diferente dela mesma!”, admirou-se mais uma vez. Uma pena que Adam não pudesse ver o seu desenvolvimento. Ele ficaria tão orgulhoso da sua filha mais velha.

— E o que você diz disso, Margareth? — perguntou ela, por fim. — Tem apenas quinze anos. Ainda é muito jovem. Eu tinha dezessete quando me casei com o seu pai.

— Às vezes a gente sabe logo o que quer — respondeu a jovem, sem vacilar.

Joanna não estava certa se Justus estava realmente apaixonado pela sua enteada ou mais pelo Café Mühle. Mas será que se poderia esperar que uma pessoa tão instável como ele levasse alguma coisa a sério? Por outro lado, se havia alguém que se empenhara pelo Café Mühle ultimamente, esse alguém era Justus. Ele não havia amadurecido na prisão, mas já antes, quando começou a trabalhar como tradutor e narrador em vez de não fazer nada o dia inteiro. E ainda que não houvesse matado Gottfried Hoffmann, fora graças à sua perseguição que aquele monstro acabou caindo no rio, livrando-os dele definitivamente. E, de certa forma, os dois combinavam, a resoluta e sensata Margareth e o despreocupado filho de patrícios. Certamente o parentesco com uma família tão importante em Frankfurt como os von Zimmer não faria mal à reputação da sua casa. Não que precisasse temer pelo prestígio do Café Mühle: durante a feira de outono, a procura havia sido tão grande que tivera de recusar muitos hóspedes. Os visitantes da feira também queriam ouvir suas histórias e beber seu café à moda turca.

— Teremos de falar com Philipp Ingen.

Ela virou-se, procurando descobrir de qual parte da veneziana atrás de si entrava a desagradável corrente de ar gelado que sentia nas costas. Era outra coisa da qual tinha de cuidar antes do inverno, além do telhado.

— Eu farei isso — respondeu Justus.

— Ele dará saltos de alegria! — disse Margareth, com uma careta de deboche. — Quer apostar que

Philipp tentará incorporar o brasão dos von Zimmer ao seu próprio? E imaginem só Trudi: ela não dará sossego até que Magda venha para o chá e inaugure com ela novos orfanatos! Finalmente eles verão uma boa dose de nobreza! Pois, infelizmente, o *conte* e a sultana ainda não apareceram por aqui.

Justus voltou a cair em seu riso tossido. Joanna deu um sorriso.

— Ah, e mais uma coisa — disse Justus, depois que a tosse havia passado —, por fim conseguimos desvendar um grande mistério: todos estávamos nos perguntando por que aquele penugento participava da campanha contra você, não é?

Joanna concordou interessadamente. É claro ela não fora a única que havia quebrado a cabeça tentando desvendar o envolvimento do policial com a penugem na cabeça, aquele tal Johann Gerst, na tão infame quanto evidente intriga contra ela.

Justus fez uma longa pausa. Como se estivesse diante do público como contador de histórias e quisesse criar suspense.

— Estou ouvindo — disse Joanna, impaciente.

— Ortfried verificou a história: o penugento não tinha nada a ver com Gottfried. Ele estava agindo em causa própria. Seu cunhado é farmacêutico e está tentando ganhar o comércio do café para si. Ele está conspirando com alguns médicos que julgam o café perigoso para que possa ser vendido somente nas farmácias. Os desgraçados estão atrás de um lucro considerável — Justus lambeu prazerosamente a colher do mel. — Johann Gerst estava tentando promover a campanha do seu cunhado, tornando difícil a vida dos mestres cafeeiros — continuou ele. — Ortfried falou ontem com o pessoal do Schällerschen, onde ele também causou problemas. Há pouco tempo, ele confiscou um carregamento inteiro de café, alegando que se tratava de contrabando.

Joanna mal podia acreditar que a explicação para o comportamento do penugento fosse tão banal. Se o que Justus dizia era certo, ainda havia muita coisa por vir! Os inimigos dos grãos negros não se haviam extinguido, então, com Gottfried Hoffmann.

Os primeiros fregueses anunciaram-se. Primeiro, dois comerciantes de Estrasburgo que, devido a um atraso dos seus negócios, seguiam hospedados no Café Mühle desde a feira de outono, desceram ruidosamente as escadas. Logo depois, o sino da porta da rua tocou e Cornélia Haldersleben entrou no salão, com um vestido de cetim que certamente ia contra o código de vestuário. Devido à insistência de Elisabeth, ela havia deixado a sua vestimenta de viúva, o que não incomodou ninguém, já que ela não era viúva de fato. “Mas ela passou um pouco da conta”, pensou Joanna. Cornélia trazia uma bandeja grande cheia de xícaras vazias com o intuito de levar café fresco para o seu irmão, seus funcionários e para si mesma.

— Bom dia! — disse ela a todos.

— Bom dia, Cornélia! Por favor, sirva-se, pois estamos em uma discussão importante. Você é de casa e sabe onde encontrar tudo — respondeu Joanna.

Cornélia arqueou as sobrancelhas, pegou o bule do fogão e fez algumas marcas na talha. Ela usava a touca nova que Elisabeth havia costurado para ela. As duas haviam discutido por semanas a fio se a touca tinha de ser necessariamente branca ou se poderiam usar um dos tecidos orientais que decoravam as paredes do Café Mühle. Por fim, prevaleceu a opinião de Cornélia e a touca ficou branca. Apenas as tiras eram coloridas.

Anne chegou do pátio carregando uma bacia com as louças da noite anterior, que ela havia lavado e que agora guardaria no grande armário da cozinha ao lado do fogão.

— Bom-dia a todos! — disse ela agitadamente. — Vocês já viram? O barril de água da chuva transbordou. Está tudo alagado!

Em seguida, começou a servir um bom café da manhã aos senhores de Estrasburgo.

Joanna ainda não terminara de digerir o que Justus acabara de lhe contar. Ela achara que o aparecimento do cadáver de Gottfried a livraria de todos os seus problemas. E agora devia preparar-se para em breve se defender contra a união dos farmacêuticos! Sem falar da sua outra preocupação. Sentia outra vez aquele enjoo no estômago. Mas talvez fosse apenas porque não havia comido nada... Rapidamente, ela pegou uma mão cheia de castanhas da frigideira, quebrou as cascas e, enquanto observava Anne, que limpava as mesas mastigando um grão de café, pensou se deveria ir diretamente à oficina do telhador. E se devia aproveitar a oportunidade para dar uma escapada a Rumpenheim, uma vez que estaria na rua... Queria ver Gabriel o quanto antes.

Justus apaziguava uma briga entre um vendedor ambulante e um caldeireiro; ambos queriam oferecer suas mercadorias na cafeteria e discutiam sobre quem teria a preferência quando a porta abriu-se novamente. Um homem de sobretudo de pele de lobo, encharcado pela chuva e com botas altas enlameadas, entrou no salão, trazendo uma rajada de vento tão forte que derrubou as cascas de castanha do prato ao lado de Joanna. Na cabeça, o estranho usava um *fez* com protetor na nuca e por baixo do seu manto de pele, fechado por uma presilha, aparecia o uniforme azul e vermelho dos janízaros. Na mão direita, trazia uma espingarda. Folhas coloridas que haviam estado grudadas nas suas botas deixaram um rastro da porta até o meio do salão, onde ele havia parado.

O primeiro pensamento de Joanna foi que alguém estava de gozação com ela, imitando a moda turca do Café Mühle. Mas, então, atentou-se para a cor da pele, a barba negra bem aparada com os primeiros fios grisalhos e os olhos melancólicos do homem. Não, esse era um verdadeiro otomano e não um gozador qualquer fazendo graça!

— *Salam Aleikum!* — cumprimentou-o Justus, demonstrando distinção.

Ele não parecia de todo surpreso que os habitantes de *As Mil e Uma Noites* agora entrassem também na sua vida cotidiana. Mas talvez ele, assim como a própria Joanna, nem percebesse mais a diferença. Em todo caso, sua incrível capacidade de manter a compostura, não importando o que acontecesse à sua volta, era uma qualidade bastante útil para um futuro dono de cafeteria.

— Bom dia! Eu gostaria de ver Yuhannisa Hanim, a dona da cafeteria — explicou o janízaro em alemão quebrado e um sotaque tão antiquado como se ele houvesse participado pessoalmente do cerco a Viena¹. — Eu trago uma mensagem importante de sua majestade, a princesa Zehra.

Como em um transe, Joanna levantou-se do banco. Uma mensagem de Zehra Sultan — o que poderia ser?

— Eu sou Yuhannisa Hanim — disse ela em turco.

— Meu nome é Batiray — sua voz era clara e suave.

Joanna não teria ficado surpresa se ele houvesse se apresentado como eunuco-mor do serralho de Topkapi.

Batiray encostou a espingarda contra o banco e livrou-se do seu manto encharcado. O casaco azul esticava-se sobre o peito forte. Por baixo, ele usava uma cota de malha enferrujada em algumas partes.

— Dê-me isso. Eu a polirei para o senhor! — disse Anne, esticando a mão com olhar conhecedor.

— Passei a noite toda cavalgando. Deixei meu cavalo com um menino lá fora. Ele precisa de água, comida e uma boa cocheira — disse o homem em seu alemão precário, enquanto tirava a pesada cota de malha por cima da cabeça.

— Nós cuidaremos do animal — disse Joanna. — Anne, por favor, diga a Scott que o leve à casa de Radegundis.

Ela viu seu sobrinho abaixando-se atrás da mesa de bilhar, antevendo a tarefa desagradável que o esperava. Radegundis Schrader era o dono de uma hospedaria no outro lado da cidade e oferecia abrigo aos cavalos e às carroças dos hóspedes de Joanna. Mas colocar o pé para fora da porta com essa chuva

significava ficar ensofado, como Scott bem sabia. E o caminho até a hospedaria era longo.

Batiray finalmente se acomodou no longo banco. A decoração turca do Café Mühle pareceu surpreendê-lo. Ele olhou boquiaberto para o avental coberto de arabescos que Justus vestia, notou a borla extravagante do seu *fez*, por fim fixando o olhar na prateleira acima da mesa de bilhar: ali estavam, ordenadamente alinhadas, os narguilés para os fumantes.

Margareth levantou-se para buscar um café para o homem que cavalgara a noite toda.

— Aqui, para o senhor!

Lembrando-se subitamente da sua missão, Batiray tirou um rolo de papel com um selo extravagante do bolso do seu manto de pele e entregou-o a Joanna.

Ela rompeu o lacre com a meia-lua e os caracteres árabes.

— *Bismillah ar-rahman ar-rahim* — em nome de Deus, o todo misericordioso — leu Joanna. O mais rápido que pôde, sobrevoou as linhas escritas na conhecida letra de arcos ousados.

“Minha querida Yuhannisa, que Deus, o todo poderoso, faça com que essa carta chegue às suas mãos! Chegamos saudáveis e humildes de volta à casa, depois de termos orado nos lugares sagrados. Felizmente, esperava-nos uma trágica notícia: a boa Aglaia partiu de nós. Ela morreu durante a sua atividade favorita, torrando grãos de café recém-chegados de Moca. Se eu não estivesse tão perturbada pela perda, diria: uma bela maneira de morrer!”

Joanna levantou o olhar. Seus olhos encheram-se de lágrimas. Pobre Aglaia! Ela sabia que não voltaria a vê-la, mas ainda assim a notícia da sua morte chocou-a.

“Seu último desejo foi que você se tornasse a sua sucessora” — ela continuou lendo. “Esse também é o meu desejo, pois mesmo que ninguém possa substituir Aglaia, o seu café é quase tão bom quanto o dela. Batiray a acompanhará até aqui para assegurar que você não seja atacada novamente por piratas. Traga a sua família. Hatice e Selma mal podem esperar para conhecer as suas enteadas. Eu já reservei uma casinha para vocês, bem ao lado da cafeteria de Fátima. Sua majestade informa que também ficará contente se você vier. Em termos financeiros, certamente será vantajoso para você. Esperamos ansiosamente. Zehra.”

A sultana ainda incluía um pequeno *post-scriptum*: “Se possível, traga também o violinista!” — decifrou Joanna as minúsculas letras.

Ela deixou o pesado papel branco descer ao seu colo. Sentia calor, como se alguém houvesse acendido um fogo no seu interior. Zehra lhe havia escrito, depois de tantas semanas de silêncio, para solicitar seu retorno à Constantinopla. Ora, o pedido da sultana não vinha justo no momento mais oportuno? Por mais triste que fosse que a boa e velha Aglaia não vivesse mais: assumir a sua sucessão na corte do sultão otomano era o maior desafio que Joanna podia imaginar. A “mestre cafeeira do sultão” — agora ela realmente usaria esse título! E seria em condições bem diferentes das de antes: ela não seria mais a tímida serviçal alemã que aparecera por acaso no harém, obrigada a deixar-se chicanear por quaisquer megeras invejosas. Não, haviam-na chamado porque queriam-na, Joanna Berger de Frankfurt, dona do famoso Café Mühle! E o melhor de tudo: levaria a sua família — e Gabriel!

Ela via tudo em detalhes à sua frente: ela mesma em uma varanda de madeira por sobre o Bósforo, servindo café para a sultana, sua criança engatinhando por entre as pilhas de livros e Gabriel dirigindo a estreia de *Os Filhos de Abraão* em honra a sua majestade, o sultão Mahmud I.

Que perspectiva maravilhosa. E subitamente tão próxima. Não um mero sonho, não mais uma fantasia! O que Gabriel diria disso? — “Vamos embora daqui, Joanna” — havia insistido ele inúmeras vezes —, “para algum lugar onde o nosso amor tenha uma chance. Que você se disfarce de judia ou eu de cristão, pouco importa. Estaremos juntos! Veneza, Londres, qualquer lugar. Preciso apenas de um quarto onde possa compor, e de algumas pessoas que queiram ouvir. E de você!”.

Joanna levantou-se. Seus seios ainda se retesavam e as castanhas não haviam aliviado a sensação no estômago. Mas isso também não mais a preocupava. Daqui por diante, rezaria para que o sangue não viesse... Um sorriso largo abriu-se no seu rosto, de uma orelha à outra. Quanta felicidade de repente, que imensa felicidade!

Tudo pareceu encaixar-se. É claro que Lili iria junto a Constantinopla, pois era muito jovem. Margareth certamente ficaria em Frankfurt para estar junto de Justus. O que era bom, pois o Café Mühle ficaria com a família.

— Mãe, você está muito estranha! Primeiro fica dias andando por aí, cabisbaixa e triste, e agora não para de sorrir. Diga logo o que há na carta!

Margareth havia apoiado as mãos na cintura e observava Joanna com olhar severo. Lili também arregalava os olhos para tentar espiar a letra miúda no papel que caíra ao lado da bota enlameada do exótico estranho. Justus já bancava o palhaço novamente, cutucando Elisabeth com a espingarda do janízaro.

A amiga guinchava como um leitão espetado, como se suplicasse a Justus por sua vida.

“Sentiria tanta falta dos meus queridos!”, pensou Joanna. Mas ela lhes mandaria histórias frescas da corte, bastante material para manter o público do Café Mühle bem-humorado, mesmo sem ela. E um dia voltaria a Frankfurt para revê-los e ver se tudo estava em ordem.

— Fala logo, mãe! O que foi?

Lili também ficou nervosa. Parecia que ia começar a chorar. Como se pressentisse a revolução que estava por vir, sentia medo.

— Está tudo bem, minha querida! — exclamou Joanna, rindo, e abraçou a enteada. — Tão bem como nunca estive! Mas agora eu preciso ir imediatamente a Rumpenheim. Quando voltar, lhes contarei tudo.

— A Rumpenheim? Fazer o que em Rumpenheim? — perguntou Justus, perplexo. — Lá não há mais que galinhas e vacas...

— Se vai mesmo sair com esse tempo, leve isto, pelo menos! — insistiu Elisabeth, dando a Joanna um grande guarda-chuva preto que alguém esquecera no Café Mühle.

— Há mais em Rumpenheim que apenas vacas, caro Justus: o homem mais amável, mais inteligente, mais bonito e mais incrível do mundo! — rejubilou-se Joanna, que abriu a porta e saiu na chuva torrencial.

— Mas esse sou eu! — murmurou o sobrinho do preboste, meio indignado, meio divertido.

Joanna já não mais o escutava. Correu pela Langschirne o mais rápido que pôde em direção ao rio. Talvez ainda pegasse o navio em direção a Hanau, se se apressasse. Teria que pagar uma fortuna àquele capitão avarento para que parasse na altura de Rumpenheim para deixá-la descer, mas ela estava mais que disposta a isso. Assim como estava disposta a fazer qualquer sacrifício para ter um novo começo com Gabriel! Deixar seu amado Café Mühle logo agora, que tudo ia tão bem, não seria fácil, isso ela sabia. Mas também Gabriel havia feito um sacrifício à deusa do amor, renunciando à vida confortável ao lado da filha do mercador de cavalos. Sim, ele havia deixado seus pais e toda a sua vida por ela, Joanna. Agora restava saber se a velha Aglaia tinha razão ao afirmar que somente quem ama de verdade é capaz de fazer o melhor café...

“Rumpenheim, aqui vou eu!”, pensou ela, transbordando de felicidade. E, com um salto corajoso e no último momento, lançou-se sobre o navio do Meno.



[1.](#) Referência ao segundo cerco otomano a Viena em 1683, ou seja, cinquenta anos antes do tempo da narrativa. (N.T.)

Ficção, realidade e agradecimentos



Por volta de 1730, existiam em Frankfurt am Main três casas de café, o Schällersche Kaffeehaus, o Breitingsche Kaffeehaus e o Mainzer Kaffeehaus. Além deles, havia ainda o Kaffeekollegium, da viúva Pick, reservado a uma clientela seleta. O Café Mühle e a sua dona nasceram na minha imaginação. A casa de Joanna Berger foi inspirada na Goldenen Waage¹, uma das antigas casas de enxaimel mais bonitas da cidade. Inventadas também foram as casas da Judengasse e as tavernas de Sachsenhausen — assim como as pessoas que Joanna encontra no decurso do livro.

Floriano Francesconi, o fundador da famosa cafeteria mais tarde batizada com seu nome, o Caffè Florian, em Veneza, realmente existiu. Entretanto, apenas tomei emprestado o seu nome. Sua personalidade e também a sua família são fictícios.

Antonio Vivaldi, Adolf Hasse, Faustina Bordoni e o sultão Mahmud I são reconhecidamente personagens históricos que provavelmente não tinham os traços de personalidade descritos na minha história.

Para ser o mais fiel possível aos fatos históricos — começando pelo café e seus modos de preparo até as condições de vida no beco dos judeus de Frankfurt na primeira metade do século XVIII —, baseei minhas pesquisas nas fontes históricas mais importantes. Permiti-me, entretanto, pequenas liberdades aqui e ali por razões de dramaturgia.

Agradeço às seguintes pessoas que acompanharam o processo de criação deste romance:

Monika Stojanowska, dona da pequena e fina cafeteria Coo Coo, na Berger Straße, em Frankfurt, com a qual tive o prazer de participar de um seminário altamente instrutivo sobre café; Carola Fischer, minha editora, que, já como no meu primeiro romance *Die Porzellanmalerin*², ajudou-me com conselhos e atitudes; Britta Hansen, a diretora de programação da Editora Diana, assim como seus colegas dos departamentos de impressão e distribuição; Petra Hermanns, minha amiga e agente; e não menos à minha família, especialmente a Carl Ferdinand.

Helena Marten, março de 2011

¹. Goldene Waage: balança dourada. (N.T.)

². *Die Porzellanmalerin*: A pintora de porcelana, sem edição em português.